

D.Bento José Pickel



# FLORA DO NORDESTE DO BRASIL SEGUNDO PISO E MARCGRAVE NO SÉCULO XVII

Edição comemorativa dos 96 anos da UFRPE  
da qual D.Bento Pickel foi um dos fundadores

Argus Vasconcelos de Almeida (Editor)

Recife, 2008

# **FLORA DO NORDESTE DO BRASIL SEGUNDO PISO E MARCGRAVE**

NO SÉCULO XVII

D. BENTO JOSÉ PICKEL

Argus Vasconcelos de Almeida  
(Editor)

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

*Prof. Valmar Corrêa de Andrade*  
**REITOR**

*Prof. Reginaldo Barros*  
**VICE-REITOR**

*Antônio Marcelo Freitas Athayde Cavalcanti*  
**DIRETOR DA EDITORA UNIVERSITÁRIA**

**Capa:** Bruno de Souza Leão [Editora Universitária da UFRPE]

Copyright © Editora da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

FICHA CATALOGRÁFICA

A447f Pickel, D. Bento José  
Flora do Nordeste do Brasil segundo Piso e Marcgrave :  
no século XVII / Argus Vasconcelos de Almeida (Editor). – Recife :  
EDUFRPE, 2008.  
312 p.

Edição comemorativa dos 96 anos de UFRPE, da qual  
D. Bento Pickel foi um dos fundadores.  
Inclui bibliografia e índice.

1. Botânica 2. Taxonomia vegetal I. Título  
CDD 581

Todos os direitos reservados aos autores  
Impresso no Brasil.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO HISTÓRICO- BIOGRÁFICA	05	Família BOMBACEAE	146
D. BENTO PICKEL (1890-1963)	07	Família STERCULIACEAE	146
GUILHERME PISO (1611-1678)	11	Família DILLENACEAE	147
GEORG MARCGRAVE (1610-c. 1644)	15	Família OCHNACEAE	148
REFERÊNCIAS	18	Família GUTTIFERAE	149
PREFÁCIO	21	Família BIXACEAE	152
As plantas pisonianas e marcgravianas em ordem sistemática	27	Família VIOLACEAE	153
Família FUCACEAE	27	Família FLACOURTIACEAE	154
Família AGARICACEAE	27	Família TURNERACEAE	154
Família POLYPODIACEAE	28	Família PASSIFLORACEAE	155
Família PARKERIACEAE	30	Família CARICACEAE	160
Família SCHIZAEACEAE	31	Família CACTACEAE	162
Família ALISMACEAE	31	Família LECYTHIDACEAE	166
Família GRAMINAE	32	Família RHIZOPHORACEAE	169
Família CYPERACEAE	36	Família COMBRETACEAE	170
Família PALMAE	39	Família MYRTACEAE	171
Família ARACEAE	46	Família MELASTOMACEAE	177
Família XYRIDACEAE	51	Família OENOTHERACEAE	179
Família BROMELIACEAE	51	Família ARALIACEAE	180
Família COMMELINACEAE	55	Família UMBELLIFERAE	180
Família PONTEDERIACEAE	56	Família PLUMBAGINACEAE	182
Família LILIACEAE	56	Família SAPOTACEAE	183
Família AMARYLLIDACEAE	56	Família LOBANIACEAE	185
Família DIOSCOREACEAE	59	Família APOCYNACEAE	186
Família MUSACEAE	60	Família ASCLEPIADACEAE	190
Família ZINGIBERACEAE	64	Família CONVULVACEAE	190
Família CANNACEAE	66	Família BORAGINACEAE	194
Família MARANTACEAE	67	Família AVICENIACEAE	196
Família ORCHIDACEAE	68	Família VERBENACEAE	196
Família PIPERACEAE	69	Família SOLANACEAE	199
Família MORACEAE	73	Família SCROPHULARIACEAE	208
Família URTICACEAE	76	Família BIGNONIACEAE	210
Família OLACACEAE	77	Família PEDALIACEAE	214
Família LORANTHACEAE	78	Família ACANTHACEAE	214
Família ARISTOLOCHIACEAE	78	Família RUBIACEAE	215
Família POLYGONACEAE	79	Família CUCURBITACEAE	220
Família AMARANTHACEAE	80	Família CAMPANULACEAE	224
Família NYCTAGINACEAE	82	Família GOODENIACEAE	224
Família PHYTOLACACEAE	83	Família COMPOSITAE	225
Família AIZOACEAE	85	LITERATURA CONSULTADA	231
Família PORTULACACEAE	85	I. APÊNDICE	236
Família NIMPHAEACEAE	86	AS PLANTAS PISONIANAS DA I. ED. 1648. LIBER 3	236
Família MENISPERMACEAE	87	AS PLANTAS MARCGRAVIANAS DA 1. ED. 1648. LIBER 1	246
Família ANNONACEAE	87	LIBER 2	255
Família LAURACEAE	91	LIBER 3	258
Família CAPPARIDACEAE	92	AS PLANTAS PISONIANAS E MARGRAVIANAS DA 2. ED. 1658.	264
Família ROSACEAE	94	LIBER 4	
Família MIMOSACEAE	96	LIBER 5	277
Família CAESALPINIACEAE	102	II. APÊNDICE	278
Família PAPILIONACEAE	110	ENSAIO ETIMOLÓGICO DOS NOMES DA LÍNGUA A TUPI	278
Família RUTACEAE	122	ENCONTRADOS NÊSTE TRABALHO BOTÂNICO	
Família BURSERACEAE	123	LITERATURA CONSULTADA DO	280
Família MELIACEAE	124	II. APÊNDICES	
Família MALPIGHIACEAE	126	GLOSSÁRIO ETIMOLÓGICO DOS	284
Família EUPHORBIACEAE	127	NOMES TUPIS	
Família ANACARDIACEAE	133	ÍNDICE DAS ESPÉCIES VEGETAIS	307
Família SAPINDACEAE	137		
Família VITACEAE	140		
Família TILIACEAE	141		
Família MALVACEAE	142		



## INTRODUÇÃO HISTÓRICO-BIOGRÁFICA

Argus Vasconcelos de Almeida<sup>1</sup>

É intenção do presente trabalho resgatar uma obra científica de valor inestimável para o Nordeste e para a Botânica brasileira, sobretudo em seu aspecto histórico e que permaneceu inédita por mais de trinta anos, cujo original foi recentemente encontrado entre os papéis do arquivo científico do Prof.Dárdano de Andrade Lima na UFRPE.

Por que esta obra permaneceu inédita por tanto tempo? Quanto ao seu valor científico parece inquestionável: Pickel dá ordem taxonômica e identifica as plantas pisonianas e marcgravianas, aprofundando e estendendo trabalho anterior (Pickel, 1949 b), baseado na metodologia do estudo de Merrill de 1946, para as plantas filipinas coletadas e descritas por Blanco no século XVIII. Nesta metodologia a revisão é toda baseada no conhecimento das localidades específicas de ocorrência das espécies vegetais (*locus classicus*) e nas trilhas de coleta percorridas pelo pesquisador original.

Foi assim que Pickel, vivendo mais de trinta anos em Pernambuco, coletou, herborizou e estudou todas as espécies marcgravianas e pisonianas, bem como teve a oportunidade de percorrer todas as trilhas de coleta dos naturalistas seiscentistas. Como resultado deste extenso trabalho, tem-se um verdadeiro tratado botânico com 535 páginas do original datilografado.

Conjeturamos que esta obra constitui-se no coroamento de uma vida dedicada a pesquisa biológica. Obra de maturidade científica e erudição, onde Pickel demonstra todo o seu vasto conhecimento da história natural das plantas da flora nordestina.

Por outro lado o Prof.Dárdano de Andrade Lima, desde o início da década de 60, já se afirmara como botânico de renome, de formação ortodoxa, com vasto conhecimento da flora nordestina, notadamente das caatingas, sua distribuição, sistemática e ecologia.

Então o que teria ocorrido? Nada mais natural do que Pickel ter submetido ao jovem mestre os seus originais para correções e atualizações devidas. De fato, no original datilografado em papel jornal da "Flora do Nordeste", notam-se diversas notas e correções manuscritas à lápis na letra inconfundível do Prof.Dárdano. Assim, Pickel deve ter enviado este original ao Prof.Dárdano e neste transcurso sobreveio-lhe a morte em 1963. Prof.Dárdano, assoberbado por outras atividades e funções, deve ter deixado de parte este original, não tendo tempo de publicá-lo até sua morte em 1981.

O intrigante nesta versão é que na década de 70, o Prof.Dárdano foi um dos principais pesquisadores do "Herbário de Georg Marggraff", originando uma obra que só foi publicada em 1986 (Moulin et al., 1986), junto com uma equipe de botânicos europeus e sulamericanos que identificou todas as plantas do famoso herbário marcgraviano. Nesta obra Pickel é citado quatro vezes, em trabalho anterior (Pickel, 1949 b), que se constitui num verdadeiro resumo do presente tratado. Numa destas citações, escreve Dárdano: "Ajuda valiosa veio do trabalho de Pickel, que tentou identificar as plantas das duas edições impressas, com base no seu conhecimento da flora do Nordeste brasileiro" (Andrade-Lima, 1986). Teria o Prof.Dárdano esquecido do original da "Flora do Nordeste" que estava no seu arquivo?

Os trabalhos botânicos de Marcgrave e Piso já foram estudados por botânicos famosos, entre os quais o próprio Lineu e Aublet no século XVIII; Martius, o célebre autor da "Flora Brasiliensis", no século XIX, seguido de Peckolt e Velloso; no século XX, salientam-se os estudos de Luetzelburg, Pio Correa e Hoehne, além do clássico trabalho de Alberto Sampaio de 1942, nos comentários botânicos da edição brasileira da obra de Marcgrave e finalmente, o do próprio Pickel de 1949. No trabalho de Moulin et al. (1986), do qual Prof.Dárdano é um dos principais autores, identificou-se todas as exsicatas do herbário marcgraviano. Recentemente, com a publicação do "Theatrum rerum naturalium Brasiliae", principalmente o tomo V ("*Icones Vegetabilium*") (Teixeira, 1995), no qual, muitas das aquarelas são atribuídas a Marcgrave. Mas, nenhum destes trabalhos, aproxima-se da profundidade e extensão da presente obra de Pickel, que se constitui num verdadeiro tratado das plantas da flora nordestina, principalmente pernambucanas, ocorrentes no século XVII.

Em trabalhos anteriores, Pickel já demonstrara interesse pelos estudos botânicos dos dois naturalistas nassovianos. Assim, desde 1937, quando publicou no Boletim da S.A.I.C. o trabalho "A Cultura da Cana e a Indústria do Açúcar em Pernambuco Segundo as Notícias de Piso no Século

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Biologia da UFRPE; argus@db.ufrpe.br

XVII", onde traduziu do latim e apresentou pela primeira vez as interessantes observações do arquiteta de Nassau sobre o funcionamento dos engenhos e o fabrico do açúcar em Pernambuco (Pickel, 1937 a). Dando continuidade a uma série de estudos publicados principalmente na Revista de Agricultura de Piracicaba, enfocando a cultura da cana-de-açúcar na visão de Marcgrave (Pickel, 1937 b), a cultura da mandioca segundo Piso (Pickel, 1938 a) e a mesma cultura na visão de Marcgrave (Pickel, 1938 b), sobre o algodoeiro e a carrapateira na visão dos dois naturalistas (Pickel, 1938 c), em seguida estudou as plantas denominadas pelos naturalistas de ietica, cará e tabi (Pickel, 1939 a), depois os feijões cultivados no século XVII e descritos pelos dois naturalistas (Pickel, 1939 b), a cultura do abacaxí (Pickel, 1939 c) e a tamoatarana 1939 d), o limão galêgo (Pickel, 1939 e), a goiabeira e os araçazeiros (Pickel, 1940), o coqueiro da Bahia e sua cultura (Pickel, 1942). Em seguida, publicou em tres partes uma série de comentários botânicos sobre a "Medicina Brasiliense" de Piso (Pickel, 1949 a). Finalmente, em 1949, publicou o trabalho intitulado: "Piso e Marcgrave na Botânica Brasileira", em separata da revista Flora, originalmente a ser apresentado na Primeira Reunião Sulamericana de Botânica (Pickel, 1949 b).

Tratando-se de uma obra inédita, "A Flora do Nordeste do Brasil Segundo Piso e Marcgrave no Século XVII", tem uma dimensão regional, sobretudo para os Estados de Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia, Ceará e Maranhão; uma dimensão nacional, em se tratando do levantamento e análise da flora de uma das maiores regiões do Brasil; uma dimensão, pois aborda realizações do período histórico nassoviano, objeto de inúmeras pesquisas e estudos históricos, artísticos e científicos; além de uma dimensão de cunho ambiental-conservacionista, na medida em que documenta uma flora, notadamente da Mata Atlântica, atualmente em vias de extinção.

## D.BENTO PICKEL (1890 - 1963)



O presente escôrcço biográfico baseia-se em trabalho anterior sobre a vida e a obra de Pickel (Almeida, 1998).

D.Bento José Pickel nasceu em Markelsheim, sul da Alemanha, a 28 de julho de 1890, filho de Luiz Pickel e Margarida Schieser. Coursou o primário em sua cidade natal e o ginásio na cidade vizinha de Mergentheim. Emigrou para o Brasil em 14 de novembro de 1908, desembarcando no Recife aos 18 anos de idade.

É provável que tenha vindo para Pernambuco já na condição de noviço da Ordem de São Bento, pois naquela época os mosteiros beneditinos do Brasil receberam um grande contingente de religiosos alemães chamados "reformadores". Desde 1895, por determinação do Papa Leão XIII, a restauração dos mosteiros beneditinos do Brasil foi desencadeada sob os auspícios da Congregação Beneditina de Beuron (Alemanha) e já em 1896, os reformadores alemães começaram a chegar em Olinda, pois, no final do século, o alemão D.Gerardo Van Caolen foi o septuagésimo segundo abade do Mosteiro de Olinda.

Assim, D.Bento Pickel fez a sua profissão religiosa no Mosteiro de Olinda em 15 de janeiro de 1910. Aí também cursou Filosofia e Teologia, concluindo os seus estudos em Roma, no ano de 1913.

De volta a Olinda, recebeu a sua ordenação sacerdotal em 02 de fevereiro de 1915, com 25 anos incompletos.

Pickel participou desde o início da fundação e organização da "Escola Agrícola e Veterinária do Mosteiro de São Bento de Olinda", núcleo inicial que originou a atual Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), fundada a 03 de novembro de 1912 pelo Abade D.Pedro Roeser (1870 - 1955), que reuniu um grupo de jovens monges, cuja maioria era formada pelos "reformadores" alemães, por suas origens ligados à agricultura, filhos de camponeses do sul da Alemanha, porém com pouca ou nenhuma formação acadêmica em agricultura. Daí a necessidade de contratação de instrutores alemães, sendo escolhidos, o veterinário Dr.Hermann Hehaag e o agrônomo e naturalista Dr.Johan Ludwig Nikolaus, com a função de preparar os minjes para a docência e supervisionar a instalação dos gabinetes e laboratórios da Escola.

Pickel foi um dos presentes na sessão inaugural da Congregação da Escola, realizada em 03 de novembro de 1912, como consta na subscrição do Livro de Atas da Congregação.

No curso preparatório aos cursos de Agronomia e Veterinária, Pickel foi professor de Francês e substituto de Inglês no primeiro ano de funcionamento em 1913, e professor de História e substituto de Francês no segundo ano de funcionamento do preparatório em 1914.

No início dos cursos regulares, começou a lecionar Botânica em 1914, sendo a sua docência estendida em 1915 para Anatomia e Fisiologia das Plantas e em 1916, a sua docência envolvia a Botânica Morfológica e Especial, Anatomia e Fisiologia das Plantas, Agricultura Especial, Pomi-Horti-Silvicultura e Fitopatologia.

Em 1916 e 1917 foi designado como vice-diretor da Escola de Agricultura, mantendo suas atividades docentes durante o período. Foi também diretor da Escola Superior de Medicina Veterinária no ano de 1922, exercendo no curso suas atividades docentes, lecionando as disciplinas de Bacteriologia, Histologia e Botânica Médica.

A 07 de janeiro de 1917, realizou-se a transferência do curso de Agricultura para o Engenho São Bento, na Estação de Tapera, município de São Lourenço da Mata (hoje Estação Ecológica do Tapacurá). As aulas de Agricultura foram iniciadas, sob regime de internato, a 03 de março de 1917.



Nessa localidade, cercada por densas e quase intocadas florestas, Pickel realizou um intenso programa de coletas sistemáticas de plantas e insetos com o objetivo de organizar coleções didáticas relacionadas com as suas disciplinas, que, mais tarde, vieram a se constituir num importante herbário, frequentemente referenciado no presente tratado, e numa das mais importantes e representativas coleções entomológicas da região.

O herbário, depois da sua partida para São Paulo, ficou sob a guarda da Seção de Botânica do Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco (IPA), constituindo o denominado "Herbário Pickel", com cerca de 4.600 números segundo Ducke (1953), que afirma a maior parte das classificações foram feitas, antes da segunda guerra mundial, por Pilger, professor e pesquisador do Museu Botânico de Berlim-Dahlem e a parte não classificada foi, posteriormente, posta em ordem pelo botânico Dárdano de Andrade Lima.

A coleção entomológica, com mais de 5.000 exemplares, inicialmente ficou sob a guarda da Seção de Entomologia do IPA e, posteriormente, foi depositada na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Esta coleção, de valor inestimável para a região, até hoje cumpre a sua função, sendo a visita e a consulta obrigatória aos entomologistas.

Em 1924, substituindo D. Anselmo Fuchs (1893 - 1952), Pickel assumiu, pela primeira vez, a docência de Entomologia Agrícola, a qual dedicou-se intensamente ao ensino e a pesquisa, até o ano de 1936.

Em 1926 tomou parte ativa na organização do Congresso da Lavoura, realizado no Recife, onde apresentou alguns trabalhos.

Em 1927 foi designado como membro da comissão técnica para estudo e combater a uma moléstia da cana-de-açúcar em Pernambuco; assume também a chefia da Comissão de Estudos do "Piolho Vermelho" do Estado da Paraíba e a chefia do Serviço de Defesa do Café no Estado de Pernambuco.

O ano de 1927 foi uma época das mais produtivas para Pickel, tendo publicado dez trabalhos, científicos e de divulgação, em periódicos nacionais. De 1927 a 1935, consolidou sua linha de pesquisa em Entomologia agrícola, estudando importantes pragas das nossas principais culturas, como do algodoeiro, do cafeeiro, do tomateiro e da cana-de-açúcar; insetos vetores de interesse médico e análise da ação de alguns agrotóxicos.

Em 1935 foi designado pelo governo da Paraíba para estudar a flora agrostológica do interior do Estado.

Em 1936 participou como examinador do concurso para provimento de cargos técnicos do Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco.

Naquela época, tomou a iniciativa e orientação do plantio de um bosque de pau-brasil (*Caesalpinia echinata* Lamarck, 1789), árvore que deu nome ao Brasil e que atualmente ainda se encontra ameaçada de desaparecimento. O referido bosque, constituído por 200 árvores, foi depois tragado pelas águas da barragem do Tapacurá em 1970. Antes disso porém, forneceu as sementes, em 1969, para a produção de mudas para o plantio de outros bosques, por incansável iniciativa de uma vida inteira do Prof. Roldão de Siqueira Fontes.

Durante o ano de 1937, em plena ditadura do Estado Novo, ocorreu a desapropriação da Escola Superior de Agricultura "São Bento" pelo Governo Estadual de Pernambuco. Os professores fundadores beneditinos foram então praticamente escorraçados, pois alegou-se que não possuíam títulos de graduação nas disciplinas que ministravam. Tal cegueira legalista e burocrática não reconheceu o notório saber do naturalista D. Bento Pickel, do economista D. Gabriel de Vasconcellos Beltrão (1897 - 1970) e do químico D. Pedro Bandeira de Mello (1894 - 1972), que por quase vinte anos foi diretor da Escola Superior de Agricultura.

Amargurado, Pickel transferiu-se então para São Paulo e instalou-se no Mosteiro de São Bento. Deu início a um intenso estudo sobre os trabalhos botânicos de Piso e Marcgrave, realizados no Nordeste do Brasil no início do século XVII. De 1937 a 1949 traduziu do latim e comentou sobre diversas plantas úteis da obra "Historia Naturalis Brasiliae" e "De Indiae utriusque re naturali et medica", antecipando-se desta forma às próprias edições brasileiras do Museu Paulista de 1942, com a parte da obra de Marcgrave e de 1948 a parte da obra de Piso. Os comentários sobre o livro IV, que trata das propriedades dos simples, foram realizadas pelo erudito Dr. Olympio da Fonseca Filho, à época, professor catedrático da Faculdade Nacional de Medicina, que mais tarde confessou ter consultado intensamente Pickel para a identificação das plantas pisonianas. Provavelmente o resultado destas consultas tenha servido de fundamento ao seu trabalho de 1949, intitulado: "Piso e Marcgrave na Botânica Brasileira" e mais tarde, na década de 60, para o presente tratado.

Em 1938 assumiu em São Paulo o modesto cargo de assistente técnico do Instituto Biológico e participou da Primeira Reunião Sulamericana de Botânica.

Quando a guerra eclodiu, Pickel naturalizou-se cidadão brasileiro a 17 de fevereiro de 1941, tirando o seu certificado de reservista em 1942. Naquele mesmo ano, foi promovido a biólogo auxiliar do Instituto Biológico e em 1947 a biólogo do quadro da mesma instituição.

A partir de 1950, começou a interessar-se pelos problemas florestais brasileiros e naquele mesmo ano fez um curso intensivo sobre a questão florestal e madeireira no Brasil, ministrado na Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Naquele mesmo ano, foi agraciado com as medalhas do Cinquentenário do Instituto Oswaldo Cruz; do V Congresso Internacional de Microbiologia; da Campanha de Educação Florestal e do Departamento de Inválidos D. Pedro II.

Em 1951 foi designado como diretor do Museu Florestal "Octávio Vecchi" do Serviço Florestal do Estado de São Paulo, ao mesmo tempo em que participava como membro da Comissão Permanente de Estudos de Plantas Brasileiras, Medicinais e Tóxicas.

Durante o ano de 1952, tomou parte do curso de Histologia e Identificação de Madeiras do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, ao mesmo tempo que foi designado pelo governo federal como examinador do concurso para provimento de cargo de naturalista do Ministério de Agricultura.

Em 1955 foi membro ad hoc da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo no concurso para cátedra de Botânica.

Durante o ano de 1958, fez a sua última visita a Pernambuco e a Universidade Rural, instituição da qual foi um dos fundadores e professor durante 25 anos, encontrando-se emocionado com seus antigos alunos.

Em 1960 foi aposentado compulsoriamente como biólogo do Serviço Florestal do Estado de São Paulo.

Em 1962, finalmente num ato de reconhecimento, seus antigos alunos prestaram-lhe uma homenagem, agraciando-o com o título de "Professor Benemérito e Emérito" da Universidade Rural de Pernambuco.

Por aquela época, ainda era um ativo membro da Sociedade dos Amigos da Flora Brasileira e da Sociedade Botânica do Brasil.

Pickel publicou mais de 130 trabalhos científicos e de divulgação, desde 1918 até 1963. Existem em torno de doze espécies vegetais e igual número de insetos que receberam o epíteto científico *pickeli* em sua homenagem.

No Serviço Florestal do Estado de São Paulo, Pickel organizou um herbário com 5.468 números, tendo descrito aí seis novas espécies vegetais.

Pickel veio a falecer na madrugada do dia 04 de abril de 1963, no Sanatório Santa Catarina em São Paulo e foi sepultado no passeio do claustro do tradicional Mosteiro do Largo de São Bento. Jaz numa anônima e humilde sepultura de monge, porém cercado pelas plantas que tanto amou, de um jardim silencioso de claustro.

Sua maior obra, entretanto, é a "Flora do Nordeste" que ora está sendo publicada. Creemos que esta é a mais justa homenagem que se faz à memória do incansável pesquisador.



## GUILHERME PISO (1611-1678)

Nasceu Willem Pies em 1611 na cidade de Leyden, filho do músico alemão Hermann Pies e de Cornélia van Liesveldt. Hermann era natural de Kleve e havia tentado os estudos médicos em 1607, não podendo continuá-los, para ganhar a vida, tornou-se músico organista da Igreja de Hooglandse (Moulin, 1986) e da Igreja de São Pancrácio (Taunay, 1942).

Hermann matriculou seu filho aos 12 anos para estudar medicina em Leyden. Esta matrícula prematura era comum entre os pais holandeses por conta da isenção de tributos estatais concedida às famílias de estudantes. Entretanto, Piso só veio a concluir seus estudos médicos em 1633, na Universidade de Caen, na Normandia, aos 22 anos. Muitos dos seus antigos biógrafos estranharam esta mudança de universidade, porém, a peregrinação era prática comum entre os estudantes da época, que tomavam as disciplinas em diferentes universidades européias, conforme a fama de erudição dos professores (Moulin, 1986).

Aos 27 anos, Piso foi designado pela direção da Companhia das Índias Ocidentais para assumir as funções de médico do Conde Maurício de Nassau no Brasil, em substituição ao médico Willem Millanem, que faleceu logo após chegar ao Brasil. Nos planos da Companhia, além das funções médicas, o designado deveria assumir o papel de um representante cultural no exterior. Piso, além de um médico bem conceituado, frequentava os melhores círculos literários, sendo amigo e médico particular de Joost van den Vondel, o maior poeta holandês da época; do botânico Jacob Bontius, além do influente e erudito cosmógrafo Johann de Laet, diretor da Companhia e do próprio historiador Barleus (Moulin, 1986). Estas amizades tiveram grande influência na sua designação e ampliação das suas funções médicas e culturais junto a Nassau, passando a ser o de arquiata da expedição e chefe da missão científica dos estudos da natureza no Brasil holandês. A direção da Companhia aprovou os seus planos e para auxiliá-lo neste empreendimento designou dois colaboradores, estudantes da Universidade de Leyden, que, segundo Moulin (1986), eram estagiários de medicina e matemática, originários da Alemanha: H.Cralitz e Georg Marcgrave.

Embora classificados por Moulin (1986) como "estudantes estagiários", acreditamos que os dois deveriam ser médicos recém formados de Leyden e que poderiam cumprir uma espécie de estágio obrigatório, o que equivaleria nos dias atuais a uma residência médica.

Em fins de 1637, Piso empreendeu a viagem para o Brasil, provavelmente em companhia dos seus colaboradores. Cralitz, entretanto, faleceu repentinamente durante a viagem, segundo Piso (1948) causado por uma sufocação ("immatura morte suffocatus"). Segundo Rodrigues (1957), além dos dois colaboradores citados, também veio um certo pintor contratado (que na história permaneceu anônimo) por Piso para ilustrar os seus trabalhos.

No início de 1638 já se encontravam em Pernambuco, planejaram tarefas e funções determinadas, tendo Piso que se dedicar às atividades médicas e a pesquisa de plantas medicinais indígenas e Marcgrave, além das observações astronômicas e levantamentos geográficos, aos estudos de história natural, como afirma o próprio Piso (1957): "A fim de que além das observações astronômicas e geográficas, observasse atentamente, de preferência, as figuras externas das coisas naturais".

Existem claros indícios de que o relacionamento entre Piso e Marcgrave no Brasil não foi dos melhores: sendo Marcgrave colaborador de Piso, vivendo às suas expensas e morando em sua casa, depois é que teria passado ao serviço de Nassau. Embora que publicamente Piso o elogiasse ("meu ótimo e muito diligente auxiliar"), em papéis privados, como por exemplo numa carta de 1665 endereçada a Golius, declarava que Marcgrave "afogava-se na bebida" razão pela qual teria morrido, além de ter "contraído muitas dívidas em Leyden e no Brasil", nunca ouvindo-lhe os conselhos (Moulin, 1986).

Durante a sua estada no Brasil, Nassau manteve relações com portugueses que privaram da sua amizade e da sua mesa. Entre estes, destacavam-se Vieira e o cristão-novo Gaspar Dias Ferreira, com quem manteve negócios. Os diretores da Companhia ao tomar conhecimento destas transações o censuraram, ficando Nassau furioso porque acreditava que a denúncia tinha partido do seu séquito, atingindo a sua desconfiança a Carlos Turlon, comandante de sua guarda pessoal, a quem mandou por a ferros e enviar preso para a Holanda e também a seu médico Piso, com quem só veio a reconciliar-se durante o retorno para a Europa em 1644 (Taunay, 1942).

Piso no Brasil dedicou-se à medicina, coletou plantas e animais, descreveu pioneiramente doenças tropicais, estudou a terapia indígena, examinou o efeito dos remédios nativos, fez autópsias

e dissecações, tendo ainda enviado para a Holanda material exótico para o acervo do "Theatrum Anatomicum" de Leyden.

No dia 24 de maio de 1644 da Paraíba, parte com Nassau e sua comitiva de volta para a Holanda, levando consigo as anotações sobre a medicina indígena brasileira. Na sua partida, a "nação judaica" do Recife fez-lhe uma oferta de contratação dos seus serviços médicos para permanecer por mais algum tempo em Pernambuco, que não foi aceita por Piso (Mello, 1986).

Ao chegar de volta a Holanda, Piso alegando falta de tempo, não acompanhou a editoração da obra "Historia Naturalis Brasiliae", simplesmente passou as suas anotações a Laet, organizador da obra, e em 1645 matriculou-se na Universidade de Leyden com o objetivo de atualizar seus conhecimentos médicos (Taunay, 1942).

Em 1648, estabeleceu-se definitivamente em Amsterdã, onde se casou com Constância Spranger, de 28 anos de idade, filha herdeira do rico negociante Gomaert Spranger (Rodrigues, 1957). Com a publicação da "Historia Naturalis Brasiliae", cuja primeira parte ("De Medicina Brasiliensis") foi de sua autoria, Piso tornou-se uma autoridade médica respeitada em Amsterdã, tornando-se um dos clínicos de maior renome na cidade. Seu círculo de amizades e relacionamento cultural ampliou-se bastante, incluindo os Huyghens pai e filho e Hoof. Piso passou a ser ouvido e consultado em todos os assuntos que envolviam o Novo Mundo. Entretanto, como enfatiza Guerra (1979), numa época de grande efervescência científico-filosófica, nunca envolveu-se nos debates e controvérsias da revolução científica em curso, como por exemplo, no problema da circulação sanguínea que suscitava um vivo debate no ambiente acadêmico da época, com a publicação da obra de Harvey. A sua inserção intelectual, entretanto, era caracteristicamente entre os "bem pensantes".

Em 1655 foi nomeado Inspetor do Colégio Médico de Amsterdã, sendo designado por duas vezes Deão, em 1657 e 1660.

Dez anos depois de publicada a "Historia", Piso resolveu publicar uma nova edição da sua obra sobre a medicina brasileira. Para justificá-la, fazia diversas queixas à edição de 1648 organizada por Laet: primeiro, que havia sido organizada na sua ausência; segundo, que havia muitas incorreções gráficas; terceiro, que era uma obra desleixada e que havia sido editada com muita pressa. Então resolveu modificar completamente o plano da 1ª edição, suprimindo a parte de Marcgrave e incorporando aos seus capítulos o que só a este pertencia, citando-lhe apenas o nome (Taunay, 1942).

Segundo Rodrigues (1957) a partir da publicação da sua obra "De Indiae utriusque re naturali et medica" em 1658, foi fácil acusá-lo de plágio. Vários autores assim se manifestam, principalmente, a partir das acusações de Cristhian Marcgrave, irmão do falecido naturalista, que encetou uma verdadeira campanha contra Piso. Entretanto, pondera Rodrigues (1957), é preciso levar-se em conta que Marcgrave havia sido trazido por Piso ao Brasil como seu auxiliar "e assim cabia a este o direito de reformar o que quizesse na reedição da sua obra".

Para justificar-se, escreveu Piso:

Recebi por empréstimo, do meu ótimo e muito diligente auxiliar, Marcgrave, algumas gravuras e nótulas observadas em nossas viagens. E quis advertir tal circunstância previamente, a fim de que nenhum malévolo rosne que ornei os meus escritos com côres furtadas, pois quando o serviço público me negava o lazer necessário, pedi-lhe que me suprisse com seu diligente cuidado, de jeito que eu investigasse e experimentasse mais atentamente a natureza e propriedade das espécies e que ele em paz desenhasse com esmero as figuras externas. Assim procedí, pouco se me dando que os nossos descobrimentos a ele ou a mim fossem atribuídos, ou que viessem à luz com o meu ou com o nome dele, contanto que aquelas figuras dissolvessem algumas dúvidas e corrigissem erros e fossem úteis aos doentes e médicos, tanto do novo como do velho mundo (Piso, 1957).

Mas parece não ter conseguido convencer a posteridade. A sua obra ficou marcada com a desconfiança de plágio. Assim, entre os que ficaram convencidos de fato, destacam-se: Haller e, sobretudo, Lineu que, ao descrever o gênero *Pisonia* (Nictaginaceae), escreveu: "Pisonia est arbor nimis horrida. Horrida certe memoria viri si vera, quae affinis objicit, Pisono, quod Pisonus omnia a Marcgravo post mortem habuerit" (Taunay, 1942).

Gudger, citado por Taunay (1942), escreveu sobre a edição de 1658: "A obra de Marcgrave sobre as plantas do Brasil, aí se encontra resumida, perdendo a identidade ao se misturar com os dados de Piso, no que diz respeito à medicina. A parte zoológica foi todavia a mais prejudicada, visto ser Piso ainda pior zoólogo do que botânico".

A atitude de Piso em incorporar como sua a obra de Marcgrave, revela a compreensão que tinha sobre o trabalho desenvolvido por este no Brasil: trabalho de um colaborador, especialmente designado para anotar e desenhar os aspectos de história natural do Brasil holandês. Entretanto, ao longo da estada no Brasil, a relação entre ambos foi se deteriorando, até que foi rompido o contrato, passando Marcgrave a viver como assalariado de Nassau e a fazer as suas anotações cifradas para que Piso delas não se apossasse, como depois veio a acontecer.

Piso parece nunca ter se conformado com a publicação da "Historia" de 1648; a sua obra pareceu-lhe diminuída e fragmentada, daí porque dez anos depois publicou a sua obra de 1658. Perante a posteridade não conseguiu justificar a sua atitude e a pecha de plagiário perseguiu-o até além da vida.

Num seu retrato da época, aos 51 anos de idade, pintado por Jan de Baen, revela-se a imagem de um burguês próspero e bem posto na vida, mas com um olhar cheio de rancor e amargura.

O seu trabalho como botânico é muitíssimo inferior ao de Marcgrave, como pode ser visto a cada momento no presente tratado de Pickel: quando incorpora ao seu o texto marcgraviano, geralmente resume-o e emprobece-o. Nem mesmo nas indicações terapêuticas das plantas pode contribuir mais do que Marcgrave: assim, o suposto auxiliar superou muitas vezes o suposto autor principal.

Até o final da sua vida residiu em Amsterdã na Kaisersgracht (Rua do Imperador), tendo o seu patrimônio e fortuna estimados em 130.000 florins, por volta de 1674 (Moulin, 1986).

Veio a falecer em 28 de novembro de 1678, com 67 anos de idade, exatamente um ano antes de Nassau, sendo sepultado solenemente na Westerkerk de Amsterdã.



### **Georg Marcgrave (1610-C.1644)**

Georg Marcgrave nasceu a 30 de setembro de 1610 na cidade de Liebstad, Saxônia, filho do mestre-escola Georg Markgraf e de sua mulher Elizabeth, casados em 27 de novembro de 1609 (Whitehead, 1979). Na literatura histórico-científica, seu nome tem sido grafado de várias maneiras. Gudger, citado por Taunay (1942), anotou: Markgrave, Marggrave, Markgraf, Marcgraf, Marggraf (como registrado na igreja de Liebstad) e finalmente, Marcgrave, como ele mesmo assinava (Lichtenstein, 1961), razão pela qual adotou-se no presente escorço.

Seu pai foi diretor da escola da sua cidade natal e parece que o mestre-escola muito se empenhou na educação do seu filho mais velho, ensinando-lhe grego, latim, desenho e música. Marcgrave, a partir de 16 anos, obteve autorização paterna para deixar a cidade natal para visitar e estudar em diversas universidades européias, entre as quais, na Alemanha: Estrasburgo, Basileia, Ingolstadt, Altdorf, Ehfurt, Wittenberg, Leipzig, Greifswald, Rostock e Stettin (Mello-Leitão, 1937), dedicando-se aos estudos de botânica, matemática, astronomia e medicina. Em Rostock foi discípulo predileto de Simon Pauli (1603-1680), botânico de peutação européia, professor de medicina e botânica. Passando a Stettin, foi discípulo de Lourenço Eichstadt, famoso astrônomo da época. Segundo Taunay (1942), terminou a sua deambulação acadêmica em Leyden, na Holanda, quando a 11 de setembro de 1636, matriculou-se como estudante de medicina, estudando então botânica com o professor Adolphus Vortius (1597-1663) e também a língua árabe e astronomia com Jacob Golius (1596-1667).

Sua formação científica deve ter-se dado ainda sob a influência da história natural quinhentista. Pois no início do século XVII ainda não haviam sido configuradas as grandes transformações por que haveriam de passar todas as ciências, inclusive as ciências biológicas, sob forte influência do mecanicismo.

Assim, seus estudos no Nordeste brasileiro, no início do século XVII, devem ser compreendidos no contexto histórico da ciência pós-renascentista, depois do período das grandes navegações empreendidas pelas nações européias.

Os misteres do "naturalista" passaram a ser então uma atividade reconhecida e prestigiada pelos organizadores das grandes navegações e conquistas.

A Companhia das Índias Ocidentais não era uma exceção: A Holanda se desenvolveu rapidamente no campo da navegação marítima e logo começou a participar dos descobrimentos e conquistas do mundo. Além da já existente Companhia das Índias Orientais, é fundada em junho de 1621 a Companhia das Índias Ocidentais, que segundo Teixeira (1995), se dá ao término da trégua com a Espanha, com a tarefa de centralizar as operações na África e América. Após uma série de ações fulminantes em territórios coloniais portugueses e espanhóis, chega a vez do Nordeste do Brasil em 1630. Após uma tentativa frustrada de tomar Salvador em 1624, a Companhia passou a empenhar esforços para tomar Pernambuco, região favorável aos interesses mercantis holandeses por causa do açúcar.

A Companhia recebeu dos Estados Gerais o direito exclusivo de navegar e fazer negócios na costa da África, desde o Trópico do Câncer até o Cabo da Boa Esperança, em toda a América, ao sul da Terra Nova. Como escreve Moulin (1986), nessas regiões, era permitido à Companhia fazer guerras e estabelecer bases de navegação, bem como fundar colônias e administrá-las. Nestas atividades e atribuições também estavam incluídas as ações de corso contra navios espanhóis e portugueses.

Findos dois anos de estudos, Marcgrave entrou em contato com Laet (1593-1649), famoso diretor da Companhia das Índias Ocidentais e erudito geógrafo, que vivia na Holanda fugido da Antuérpia, sua cidade natal, ocupada pelos espanhóis. Este o fez conhecer a Guilherme Piso, médico do Conde Maurício de Nassau (1604-1679), nomeado governador do Brasil holandês. Segundo Pickel (1949b), Laet já conhecia Marcgrave dos círculos universitários e, portanto, este já estaria bem recomendado quando convidado por Piso para auxiliá-lo na expedição ao Brasil.

Marcgrave, por esta época demonstrava grande interesse de conhecer o Brasil, com o principal objetivo de realizar observações astronômicas, segundo o seu irmão, o médico e químico Christian Marcgrave (1612-1678), citado por Taunay (1942). Assim, através de Laet, conseguiu ser designado para servir inicialmente a Piso, como naturalista e depois a Nassau como astrônomo e geógrafo no Brasil holandês (Carvalho, 1909).

Partiu Marcgrave da Holanda, aos 28 anos de idade, no dia 01 de janeiro de 1638, chegando a Bahia após dois meses de viagem. Aí, assistiu ao cerco e investida à cidade de Salvador,



sendo Nassau e seu exército repelidos, quando levantou o cerco e voltou, com grandes perdas, para o Recife. Segundo Taunay (1942), nesta ocasião teria Marcgrave participado dos combates e sofrido ferimentos leves. Já Pickel (1949b), citando carta do seu irmão Christian, afirma que o mesmo teria sido acometido de "duas graves doenças", não mencionando ferimentos em combate. De acordo com Whitehead (1979) o mesmo teria sido acometido de uma forte diarreia. Depois de curado, na Bahia teria empreendido algumas excursões pelo litoral coletando animais e plantas.

Chegando ao Recife, junto com Piso, então cirurgião-mor das tropas e também chefe da missão científica de Nassau, morou em sua casa até que esta desmoronou na noite de 18 de março de 1640, danificando parte do seu equipamento astronômico e deslocando o seu ombro direito (Whitehead, 1979). Assumiu Marcgrave as funções de geógrafo, cartógrafo, astrônomo e meteorologista (Moulin, 1986). Em suas horas vagas, ainda coletou e estudou as plantas e animais da região.

Em suas pesquisas, Marcgrave teve o apoio entusiástico de Nassau que, inclusive, mandou construir numa das torres do Vrijburg (seu palácio na Ilha de Antonio Vaz, no Recife) um pequeno observatório astronômico, o primeiro do Hemisfério Sul, com o objetivo principal de observar o eclipse solar previsto para 13 de dezembro de 1640 (Moulin, 1986). Alí, foram realizadas as primeiras observações astronômicas e meteorológicas da América, que forneceram subsídios para o "Tractatus topographicus et meteorologicus cum eclipsi solaris" publicado na obra de Piso de 1658 (Taunay, 1942).

No Nordeste Marcgrave empreendeu diversas excursões de coleta e pesquisa de material vegetal e animal. Infelizmente, em seu trabalho, como era comum na época, existe quase uma absoluta falta de registros de localidades de coletas e de observações, o que muito se estranha, levando-se em conta os seus conhecimentos de geografia e cartografia, parece ter sido um profundo conhecedor da região por onde viajou, pois os próprios mapas de Barleus parecem ter sido cópias dos seus trabalhos cartográficos (Taunay, 1942).

Suas principais excursões abrangeram a região compreendida pelos atuais Estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, que teriam sido anotadas em um diário ou caderno de campo, hoje perdido. Segundo Taunay (1942), a primeira destas excursões, iniciou-se a 21 de junho de 1639 e teria durado quarenta dias, em plena estação das chuvas no litoral nordestino. A segunda, iniciada a 20 de outubro de 1640, teria durado vinte dias e a terceira, entre oito e 19 de dezembro de 1640 (Mello-Leitão, 1937).

Já segundo Urban, citado por Sampaio (1942), o campo de coletas de Marcgrave teria sido muito mais amplo e bem delimitado: de 1638 a 1640, teria excursionado ao Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia; de 1640 a 1644, arredores do Recife e Maranhão (1642).

Segundo Mello-Leitão (1937) destas excursões, voltava Marcgrave ao Recife trazendo coleções de plantas herborizadas, peles e penas de animais, exemplares taxidermizados ou mesmo vivos e enjaulados para os viveiros dos jardins de Nassau e insetos preparados a seco.

Entretanto, como afirma Whitehead (1979), a maior parte de suas observações e coletas de história natural foram realizadas nas vizinhanças do Recife. É muito provável que assim tenha acontecido, como afirma Teixeira (1995), a sua área de atuação deve ter sido limitada ao litoral e as vizinhanças dos fortes sob guarda dos holandeses, por causa da guerrilha de resistência e das tribos indígenas hostis ao domínio batavo. Pois a maior parte das suas espécies animais e plantas poderia ter sido observadas e coletadas nos arredores dos maiores núcleos urbanos. Quando não, na própria cidade do Recife, no jardim botânico-zoológico do palácio de Nassau na ilha de Antonio Vaz, o primeiro fundado em moldes europeus no Novo Mundo. Aí teve oportunidade de observar espécies que não pode fazer em suas viagens.

Segundo Lichtenstein (1961) o que não podia coletar e transportar, Marcgrave registrava através de desenhos à carvão ou em aquarelas.

Chamado de volta à Europa pela direção da Companhia das Índias Ocidentais, Maurício de Nassau deixou Pernambuco em 1644. Com ele seguiu Piso e outros membros da missão artístico científica. Marcgrave, provavelmente por designação do próprio Nassau, não os acompanhou para a Europa, mas seguiu viagem para Angola, com vistas a novas investigações astronômicas, quando vem a falecer em São Paulo de Luanda, vitimado por uma febre endêmica, segundo Taunay (1942) em julho ou agosto de 1644 ou como afirma Whitehead (1979), em outubro de 1643, isto é, bem antes da partida de Nassau para a Europa, quando já deveria ter tido notícias da sua morte.

Todo o material coletado por Marcgrave, bem como as suas anotações e desenhos, faziam parte da bagagem de Nassau. Interessado na rápida publicação dos trabalhos de Piso e Marcgrave, o conde destinou-os a renomados estudiosos europeus para a sua organização, diante do manifesto desinteresse de Piso em assumir tal tarefa. As observações astronômicas foram entregues a Golius e

por este jamais publicadas. Os mapas geográficos foram aproveitados por Barleus em 1647; as amostras, anotações cifradas e desenhos de história natural, foram entregues a Laet que, juntando-as ao trabalho médico de Piso, acrescidos de um apêndice de sua autoria, fez parte da edição de 1648 da notável obra intitulada "Historia Naturalis Brasiliae" (Pisonis & Marcgravi, 1648). Segundo Pickel (1949b) a participação de Laet foi muito maior do que a de um simples editor, redigindo anotações, introduzindo desenhos quando julgou necessário, completando falhas e omissões descritivas.

Consta que Piso, após a morte de Laet, demonstrou insatisfação com o resultado da obra e dez anos depois em 1658, já médico famoso na Holanda, edita a obra "De Indiae utriusque re naturali et medica", modificando o plano da obra original, incorporando aos seus capítulos o que só a Marcgrave pertencia, citando-o como um mero coletor, como afirma Taunay (1942).

Durante os séculos XVIII e XIX, o material de Marcgrave foi estudado por uma série de notáveis naturalistas, entre os quais o próprio Lineu que descreveu inúmeras espécies animais e vegetais; Lichtenstein que identificou os animais superiores, em memórias publicadas entre 1814 a 1826 e as plantas por Martius, no 7o volume dos Anais da Academia da Baviera, entre 1853 a 1855 (Mello-Leitão, 1937).

Como enfatiza Whitehead (1979), baseado nos estudos de Gudger, os primeiros registros da fauna e flora do Brasil, foram realizados por amadores: missionários, aventureiros e administradores coloniais dos séculos XVI e XVII. Entretanto, com Marcgrave, a pesquisa sistemática da biota brasileira pela primeira vez foi empreendida por um cientista profissional, treinado, com financiamento direto e publicação garantida dos seus resultados.

Assim, Marcgrave pode ser considerado como um verdadeiro representante da cultura científica da Renascença, acumulando todos os saberes sistematizados da época em que viveu. Foi geógrafo, cartógrafo, astrônomo, matemático, médico e naturalista.

Deve-se a este jovem sábio, que trabalhou no Brasil com tanto afã como estivesse pressentindo a própria morte prematura, o primeiro levantamento sistematizado da nossa fauna e flora; um verdadeiro testemunho da devastação que tem sofrido o nosso meio ambiente, notadamente a Mata Atlântica: muitas espécies descritas por Marcgrave, há muito desapareceram das nossas matas, como ele próprio cahmava de "selvas grandes", a Zona da Mata de Pernambuco de então, que deveria ser uma faixa ininterrupta de densa vegetação, denominada paleo colonizadores portugueses de "mata do Brasil", que na faixa costeira começava no atual município de Jaboatão dos Guararapes e ia até Itamaracá. Como afirma Pickel (1949b): "Em Pernambuco, como, aliás, em todo o Brasil, desde os tempos coloniais, a dendroclastia continua até aos nossos tempos, apesar das pribações régias severas".

Neste mesmo sentido, escreve Teixeira (1995) referindo-se a destruição da natureza nas áreas de colonização no Nordeste: "Em nenhuma outra parte do Brasil, esta dura promessa foi cumprida de forma tão absoluta quanto na "zona da mata" nordestina, reduzida nos dias de hoje a um vasto e ininterrupto canalial graças ao determinismo de uma economia voltada sobretudo para uma monocultura de exportação. [...] Embora não possamos sequer calcular quantos organismos foram exterminados, diversas espécies de aves e mamíferos registradas pelos holandeses foram eliminadas por completo da região. [...] A compreensão de que a derrocada da "zona da mata" nordestina consumou-se sem que ao menos chegássemos a conhecer a diversidade de seus seres vivos constitui uma realidade aterradora, cada dia mais comum na trajetória de inúmeros países".

O trabalho de Marcgrave evidencia o estilo do naturalista "prático", mais afeito ao trabalho de campo; muito mais do que o erudito de gabinete. Fez diversas observações de campo, ; registrou poucas datas e localidades; herborizou; criou e colecionou insetos e observou-os sob "óculo" ou "vidro de aumento" em diversas oportunidades, constituindo-se assim, nos primeiros seres vivos do Novo Mundo examinados através de um instrumento ótico de aumento. Entretanto, escreveu num estilo sóbrio, seco, quase cartorial, de levantamento descritivo dos produtos da natureza do Novo Mundo. Como afirma Teixeira (1995) todo o seu texto é marcado pela ausência de maiores discussões teóricas candentes da época, como por exemplo a origem da biota americana e sobre as teorias da geração dos seres vivos. Segundo Whitehead (1979) em seu texto não há lugar para qualquer observação filosófica em relação ao seu próprio sistema classificatório, sendo igualmente imune em relação às histórias correntes sobre animais fabulosos.

Com a recente edição brasileira dos "Manuais" ou "Libri Principis", do "Theatrum rerum naturalium Brasiliae" e do "Miscellanea Cleiyeri" (Teixeira, 1995), uma nova luz foi lançada sobre os problemas de identificação das espécies marcgravianas. As aquarelas das plantas parecem que nunca foram examinadas por Pickel, pois desde a segunda guerra mundial estavam desaparecidas e só no final da década de 70, esta iconografia foi redescoberta na Biblioteca Jaguelônica da Universidade de Cracóvia na Polônia.

## Referências

- ALMEIDA, A.V. **Prof. D. Bento Pickel: uma biobibliografia**. Recife: UFRPE, 1998.
- ANDRADE-LIMA, D. As plantas do herbário. In: MOULIN, D.; MAULE, A.F.; ANDRADE-LIMA, D.; RAHN, K. & PEDERSEN, T.M **O herbário de Georg Marggraf**, Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1986. p.27-45.
- CARVALHO, A. Um naturalista do século XVII: Georg Markgraf (1610 – 1644). Recife: **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano**, 72: 212 – 222, 1909.
- LICHTENSTEIN, M.H.K. **Estudo crítico dos trabalhos de Marcgrave e Piso sobre a história natural do Brasil à luz dos desenhos originais**. São Paulo: Brasiliensia Documenta, 1961.
- MELLO, J.A.G. de Joannes de Laet e sua descrição do Novo Mundo. In: MELLO, J.A.G. **Estudos Pernambucanos**. Recife: Fundarpe, 1986.
- MELLO-LEITÃO, C. **A biologia no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional (Brasiliensia, v.99), 1937.
- MOULIN, D.; MAULE, A.F.; ANDRADE-LIMA, D.; RAHN, K. & PEDERSEN, T.M **O herbário de Georg Marggraf**, Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.
- MOULIN, D. Medicina e ciências naturais no governo de Nassau. In: MOULIN, D.; MAULE, A.F.; ANDRADE-LIMA, D.; RAHN, K. & PEDERSEN, T.M. **O herbário de Georg Marggraf**. Rio de Janeiro: Fundação Pró-Memória, 1986.
- PICKEL, B. J. A cultura da cana de açúcar em Pernambuco segundo as notícias de Piso, no século XVII (trad.). Recife: **Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio**. 2 (1) : 102-234, 1937.
- PICKEL, B.J. Cultura e indústria da mandioca no século XVII segundo Piso. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 13(3-4): 99-106, 1938.
- PICKEL, B.J. Cultura e indústria da mandioca no século XVII segundo Marcgrav. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 13(5-6): 205-212, 1938.
- PICKEL, B.J. O algodoeiro e a carrapateira, segundo Piso e Marcgraf. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 13(10-12): 491-494, 1938.
- PICKEL, B.J A ietica, vulgo batata, o cará, a tabí, segundo Piso e Marcgraf. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 14(3-4): 141-147, 1939.
- PICKEL, B.J Os feijões cultivados no século XVII em Pernambuco, segundo Piso e Marcgraf. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 14(7-8): 347-350, 1939.
- PICKEL, B.J Uma nova espécie do gênero *Sarante*, a mesma planta talvez que Marcgraf deu como "tamoatarana". **Arquivos de Botânica do Estado de São Paulo**, 1(2): 50-51, 1939.
- PICKEL, B.J O limoeiro galêgo descrito por Pies no século 17. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 14(11-12): 557-563, 1939.
- PICKEL, B.J A goiabeira e os araçazeiros descritos por Piso e Marcgrav no século 17, do Nordeste. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 15(9-10): 392-398, 1940.
- PICKEL, B.J O coqueiro da Bahia, sua cultura no século 17, segundo as descrições de Piso e Marcgrav. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 17(1-2): 63-72, 1942.
- PICKEL, B.J Notas botânicas à "Medicina Brasiliense" de Piso. Recife: **Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio**, XVI(3-4): 181-202, 1949.
- PICKEL, B. J. Piso e Marcgrave na botânica brasileira. Rio de Janeiro: **Revista de Flora Medicinal**, 16 (5): 155-199, 1949.
- PISO, G. **História natural do Brasil ilustrada**. São Paulo: Companhia Editora Nacional – Museu Paulista, 1948.

PISO, G. **História natural e médica da Índia Ocidental**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

PISONIS, G.; MARCGRAVI, G. **Historia naturalis Brasiliae**, Lundunum Batavorum & Amstelodami: Franciscum Hackium & Lud Elizevirium, 1648.

RODRIGUES, J.H. Escorço biográfico. In: PISO, G. **História natural e médica da Índia Ocidental**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

SAMPAIO, A.J. Botânica: comentários. In: MARCGRAVE, J. **História natural do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado-Museu Paulista, 1942.

TAUNAY, A.E. Jorge Marcgrave, de Liebstadt (1610-1644): esorço biográfico. In: MARCGRAVE, J. **História natural do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado-Museu Paulista, 1942.

TEIXEIRA, D.M. A imagem do paraíso: uma iconografia do Brasil holandês (1624-1654) sobre a fauna e a flora do Novo Mundo. In: TEIXEIRA, D.M. (org.) **Brasil holandês: Miscellanea Clayeri, Libri Principis & Theatrum rerum naturalium Brasiliae**. (5 vol.). Rio de Janeiro: Editora Index, 1995.

WHITEHEAD, P.J.P. Georg Markgraf and brazilian zoology. In: BOOGART, E.V.D.; HOETINK, H.R. & WHITEHEAD, P.J.P. (edit). **Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679; a humanist prince in Europe and Brazil**. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979.



## Prefácio

Apresentando êste tratado que tem por fim dar ordem taxonômica às plantas estudadas ou citadas por PISO e MARCGRAVE realizamos uma idéia que, há muitos anos nos tem preocupado e que sai à luz somente agora devido às dificuldades inerentes a um trabalho desta natureza. Em um estudo anterior (67) fizemos um primeiro ensaio para determinar as plantas pisonianas e marcgravianas na mesma ordem apresentada por êles, dando apenas o nome das respectivas plantas e as estampas que a elas pertencem (e que, como se sabe, estavam baralhadas pelo Editor da Historia naturalis Brasiliae ou por PISO) e que daremos novamente no Apêndice para confronto com a parte taxonômica e para mostrar as lacunas do nosso trabalho e as plantas indetermináveis.

Pensamos ter conseguido determinar a maior parte dessas plantas, uma vez porque colecionávamos na mesma região batida por êsses cientistas seiscentistas e, especialmente, porque observámos um método que tem dado resultados também a outros pesquisadores, como sejam MERRILL e ROBINSON. Dos trabalhos dêstes (55) extraímos alguns trechos para servirem de paralelo ao presente trabalho, porque tivemos as mesmas dificuldades que êles para interpretar as plantas anteriormente descritas, de maneira que o nosso estudo forma um pendant para as pesquisas dêles.

MERRILL deu-se ao trabalho de identificar as plantas descritas por BLANCO, nas Filipinas, as de RUMPF (RUMPHIUS), na Ilha Amboina, e as de LOUREIRO na Cochinchina.

Êle escreve: “Quando em 1902 comecei meu trabalho como botânico nas Filipinas vi-me logo diante do problema de identifica-las numerosas formas descritas por BLANCO na sua Flora das Filipinas, num total de 1.130 espécies e variedades, das quais nenhuma sequer estava representada por material “tipo”, porque BLANCO não conservou planta alguma no herbário. As espécies de BLANCO, muitas vêzes imperfeitamente descritas e colocadas em gêneros errados foram, em grande parte, mal interpretadas pelos botânicos posteriores e, por conseguinte, aparecem na literatura botânica como duvidosas ou mal conhecidas. Os botânicos de gabinete, manipulando apenas material sêco, desacompanhado das anotações do colecionador e sem conhecerem pessoalmente as Filipinas e sua vegetação não conseguiram por as cousas em pratos limpos. A chave para identificar uma espécie blanca se encontra, não na descrição mas nos dados econômicos fornecidos por RUMPF no seu Herbarium Amboinense dariam os elementos para elucidar uma grande porcentagem das várias centenas de espécies propostas por diversos autores desde 1753 até esta data”.

E prossegue: “As espécies de RUMPF tão pouco estão representadas por material de herbário, embora estar provado ter RUMPF guardado, ao menos por algum tempo, algumas formas que descreveu. Por isso, interpretando as espécies rumpfianas, devemos utilizar os mesmos métodos gerais que deram resultados para localizar as espécies blancanas”.

PISO e MARCGRAVE fizeram herbário, como afirma LAET que mandou desenhar algumas plantas à mão do material sêco herborizado por MARCGRAVE, e também LINEU ainda pôde examinar alguns espécimes colhidos por PISO, encontrados no herbário de BURMAN (74). Parece, entretanto, que atualmente nada mais existe dessas plantas vistas por aquêles homens.

As anotações ou dados econômicos dos nossos autores são bem poucas, mas êles registraram fielmente os nomes vulgares.

Voltaremos a discutir o valor dos nomes vulgares mais tarde, na localização das plantas pisonianas e marcgravianas.

Segundo MERRILL um dos meios para localizar as plantas duvidosas dos herborizadores antigos é procurá-las no locus classicus. Com relação às de LOUREIRO escreve: “Tendo ele vivido em Hue, capital da Cochinchina, durante quase 30 anos, pode-se tomar como certo que a maioria das espécies descritas pelo mesmo eram baseadas em material colhido na vizinhança imediata dessa cidade. Em alguns poucos casos Hue é citada expressamente como localidade e, ocasionalmente, outros lugares se acham indicados. Como a maioria das espécies filipinas de BLANCO devem ser interpretadas geralmente, em material nativo nas Províncias contíguas a Manila, assim muitíssimas plantas indochinêsas de LOUREIRO ainda duvidosas devem ser interpretadas em larga escala à mão daquelas que atualmente crescem em Hue e nas suas vizinhanças. Hue é pois o locus classicus para muitas espécies loureirianas; daí a importância dessa localidade como região que merece ser intensamente explorada sob o ponto botânico, o que infelizmente tem sido negligenciado, enquanto outras partes da Indochina foram exploradas mais intensamente do que sob êste ponto de vista”.

No tocante às plantas de PISO e MARCGRAVE é imprescindível procurá-las no Nordeste brasileiro onde trabalharam e herborizaram. Até agora, infelizmente, se tem busca dos “tipos” presumidos de LOUREIRO, isto é, o Nordeste Brasileiro foi explorado pouco.

Quando se segue o itinerário de diversos exploradores botânicos (47), verifica-se que, vindo do Nordeste ou do Sul, fizeram uma grande volta ao redor de Pernambuco, cujo território se esquivaram de explorar, talvez por causa da febre amarela, que, naqueles tempos, grassava (na opinião deles) nesse Estado. No entanto, Pernambuco e os Estados vizinhos são, sem dúvida, o locus classicus das plantas pisonianas e marcgravianas, ao menos em sua grande maioria.

Algumas plantas que não conseguimos identificar, talvez ocorrem em outros Estados, como sejam o Rio Grande do Norte, o Ceará e Maranhão, que não pudemos visitar, mas talvez também tenham sido extintas devido à devastação da vegetação primitiva, fato este também verificado por MERRILL.

A respeito, MERRILL escreve o seguinte (55): “A exterminação da flora indígena da região (onde herborizou RUMPF) para fazer lugar às culturas é um objeto que merece mais atenção do que lhe foi dispensado. Sem dúvida, muitas espécies foram eliminadas em várias partes da região malaia nos últimos cem anos à medida que a população aumentava. As terras cultiváveis ganham cada vez mais em extensão em certos distritos dessa vasta região, de sorte que a crescente destruição das matas virgens deve ser um incentivo para a exploração botânica mais intensa e mais rápida da Malaia, a fim de preservar da destruição os representantes de certos elementos da Flora, que ainda existem e são acessíveis. A exploração das Molucas, p.ex., é muito a desejar antes que desapareçam as plantas necessárias à determinação de várias espécies rumpfianas ainda duvidosas que talvez tenham apenas ocorrência local ou sejam raras”.

MERRILL comentando o malôgro das herborizações de ROBINSON em Amboína (55) diz: “ROBINSON foi impedido nas suas explorações pelos mesmos fatores que se opuseram aos meus esforços a herborizar nas Filipinas, empreendidos para descobrir as espécies de BLANCO, pois com o aumento da população em Amboína e nas Filipinas, a vegetação nativa tinha sido destruída em grandes áreas, sendo as matas virgens tomadas por pastagens, mato e capoeiras de um tipo inteiramente diferente da flora primitiva. Muitas espécies mencionadas por RUMPF como encontradas nas localidades assinaladas não mais puderam ser herborizadas ali. É muito provável que algumas espécies comuns em Amboína no século XVII estejam agora extintas ou mui raras e locais, da mesma forma como várias espécies filipinas mencionadas por BLANCO como nativas em certos lugares não foram mais encontradas numa circunscrição de várias milhas ao redor dos lugares apontados. Os nomes vulgares citados por BLANCO, em muitos casos se tornaram obsoletos ou ficaram tão alterados que são muito mal reconhecíveis, enquanto que, em outros casos, estão em uso ainda agora e aplicados às mesmas plantas de então. RUMPF e BLANCO devem ter colecionado a maioria do material botânico nas regiões habitadas e nas matas sitas a pequena altitude e, justamente, a flora florestal das pequenas altitudes da região malaia está sendo rapidamente destruída pela interferência do homem”.

Voltando às herborizações de PISO e MARCGRAVE, podemos dizer que as plantas descritas por eles não são plantas de vasta distribuição geográfica, mas embora da mais variada procedência dentro da área nordestina, muitas espécies são endêmicas e raras, tendo algumas resistido a todas as tentativas de identificação.

As descrições de MARCGRAVE são, por vezes, charadas difíceis de resolver. Qualquer planta interessante que lhe chamava atenção MARCGRAVE analisava, descrevia e desenhava. Muitas vezes, sem dar o nome vulgar, descrevia em termos corriqueiros uma planta à beira do caminho. Andando pelos campos, como ele, com os olhos atentos às plantas que poderiam chamar a atenção de um botanista curioso, é que encontramos muitas plantas dele que, sem esse método, teriam ficado sem identificação. Em todo caso, se houve mudanças na composição da flora do Nordeste pela devastação das matas que, também ali, está infrene, não se mudou muito a flora dos campos e a maioria das plantas marcgravianas consta de ervas, como mostra o fato de se terem encontrado a maior parte das plantas descritas pelos nossos autores, de maneira que as poucas as poucas ervas que restam poderão ser encontradas futuramente.

Continuando a comparar as considerações de MERRILL com os fatos que ocorreram no Nordeste, aquele autor observa sobre as dificuldades encontradas o seguinte (55): “Analisando as descrições de RUMPF o botânico topa com muitas dificuldades. Embora muito extensas são feitas em termos comuns, não técnicos e, às mais das vezes, as medidas indicadas são apenas aproximativas ou comparativas. As partes florais não são descritas nos seus detalhes e, muitas vezes, nem sequer são mencionadas. As plantas dos diversos capítulos subordinados a um gênero lineano podem pertencer (como acontece várias vezes) não só a vários gêneros, mas até a várias famílias. Muitas formas são descritas apenas de passagem, com diagnose muito curta ou não são citadas, enquanto

outras contêm tão somente informações sobre a madeira. Muitíssimas dessas espécies descritas de passagem não são baseadas em material de Amboína e, sim, em espécies remetidos a RUMPF por correspondentes de vários países”.

ROBINSON (55) escreve sobre as deficiências das descrições de RUMPF que este deve ter aproveitado as idéias e informações dos nativos que ligam muita importância ao aspecto geral da planta em vez de caracteres morfológicos. Ainda hoje os nativos de Amboína, ao caracterizarem uma planta, incluem a qualidade da madeira, o látex, o gosto e cheiro das folhas, flores e frutos. Mas nem RUMPF nem os nativos dão valor à forma das flores, e frutos, nem se a planta tem folhas compostas ou simples. As distinções que nós fazemos ao separar as espécies eram inteiramente desconhecidas de RUMPF. Nós dividimos as folhas em simples e compostas, alternas e opostas etc., mas é difícil entender as descrições de alguém que não liga importância a estes caracteres e cujas folhas muitas vezes são folíolos”.

É exatamente assim no tocante as descrições de PISO e MARCGRAVE que, como já fizemos ver (67) embora minuciosas são em termos comuns e corriqueiros, porque, naquele tempo, um século e meio antes de LINEU, os termos técnicos ainda não existiam. Para dar, ao menos, alguns exemplos citaremos algumas particularidades usadas por MARCGRAVE na técnica das suas descrições. O pecíolo e a raquis das folhas compostas para ele são caules, os folíolos são folhas. A folha só consistia do limbo. As sépalas e pétalas também eram consideradas como folhas. As flores são descritas perfunctóriamente: os estames e o pistilo são denominados, em conjunto, de “estamínulos” e o ovário de “umbigo” etc. As medidas também são como as de RUMPF, apenas aproximativas, inexatas e muitas vezes exageradas (o que se deve atribuir talvez a erros de transcrição ou tipográficos). Da mesma forma, PISO e MARCGRAVE dão, ao invés, grande importância às raízes (cuja forma, cor e comprimento sempre são registrados), ao tronco e ao hábito em geral, como também a certas particularidades secundárias.

Quanto às estampas apresentadas por RUMPF, MERRIL (55) achou nelas um meio para a determinação de muitas espécies. No entanto segundo ele, nem sempre correspondem aos caracteres indicados na descrição e, enquanto algumas são excelentes que permitem facilmente a identificação, outras são toscas ou representam material estéril ou nem sequer combinam com as descrições. Além disso, o xilógrafo deu folhas e flores em escalas diferentes, o que dificulta a identificação rigorosa. MERRIL explica essas disparidades com o fato de ter visto RUMPF nenhuma das estampas, devido à cegueira que o acometeu nesse tempo.

Para as estampas das obras de PISO e MARCGRAVE vale o mesmo conceito. Podemos dividi-las em: 1) nítidas e exatas, 2) toscas, 3) péssimas, 4) fantásticas e, 5) emprestadas.

- 1) As estampas nítidas feitas “ad natura” são todas de MARCGRAVE que era um exímio desenhista, como provam aliás os livros de iluminuras chamados Liber Principis e Icones Menzeli, existentes na Biblioteca de Berlim.
- 2) As estampas toscas são inexatas, feitas por um desenhista pouco afeito aos trabalhos dessa natureza e mau observador. Acreditamos serem estas do pintor que PISO costumava levar consigo ao campo para desenhar as plantas colhidas por ele.
- 3) As estampas que denominamos péssimas foram executadas por ordem de LAET que redigiu o texto de MARCGRAVE aproveitando o material herborizado por este. São mal desenhadas, feitas sem cuidado, como o próprio LAET, com pesar, constata. Por elas todavia se pode ver que as plantas colhidas por MARCGRAVE foram, em geral bem preparadas.
- 4) As estampas fantásticas encontram-se quase só na obra “De Indiae utriusque re naturali et medica” (que designamos como Segunda edição da “Historia naturalis brasiliae”). Foram forjadas por PISO para ilustrar algumas plantas ali descritas. Mencionamos aqui algumas delas para mostrar as dificuldades que os botânicos tiveram ao interpretá-las. A estampa, p. ex. que representa a “Copaiba” (2ª ed. pg.118) é um “mixtum compositum” de três plantas, a saber: a flor da “Caopoiba” (Clusia nemorosa), tirada de MARCGRAVE (M.131); as folhas da “Copiiba” (Tapirira guianensis), também de MARCGRAVE (M.121) e, os frutos, que são da “Copaiba” (Copaifera officinalis) (M.130). Outra estampa deste tipo é a que se encontra ao lado do texto de “Ahoay” (Thevetia peruviana) na 2ª ed. pg.308. Vemos ali pendurando da árvore sementes em vez de frutos. Anexo a ela há a estampa de uma tanga com enfeites de sementes que parecem ser de Ormosia, enquanto o original do livro de LAET (43) (L’histoire du Nouveau Monde, pg.497), donde PISO tirou a estampa tem sementes de Thevetia. A “goiabeira”, representada na 2ª ed. pg.153 é uma laranjeira falsificada. Já desde a 1ª ed. encontram-se na Historia naturalis brasiliae várias estampas fantásticas, a saber: a



de uma “Bananeira”, cujo cacho sai, não do cimo entre as folhas, mas da parte basal do pseudo-caule, como se pode ver em M.137, em p.1: 75 e na 2ª ed.pg.154.

Outrossim, a estampa de Periandra mediterranea na 2ª ed. pg.245, não concorda com os caracteres da planta, pois PISO em vez de trifoliadas pos folhas pinadas.

O exemplo mais frisante todavia é a estampa que acompanha o texto do “Andá” (Joanesia princeps) que induziu em erro o próprio PISO quando descreve a planta à mão da estampa, como tendo folhas de “mamoeiro” e flores grandes de côr de ouro. A estampa encontra-se já em M.110 e na 2ª ed. à pg.148. Essas flores têm dado muito trabalho aos botânicos, pois, MARTIUS baseado nelas incluiu a planta no gênero Phryganocydia e DE CANDOLLE fez dela uma espécie nova de Spathodea. No entanto, nada mais simples para resolver êste caso, pois, herborizando no Nordeste descobrimos que as flores grandes são do cipó Solandra grandiflora que freqüentemente cobre as árvores.

- 5) Encontramos, finalmente, também estampas emprestadas das obras de CLUSIUS, LAET, THEVET e outros.

**Como se vê do exemplo de “Andá” as estampas nem sempre ajudam a espécie e, mesmo sendo nítida, pode representar uma espécie endêmica pouco conhecida. E como MARTIUS e DE CANDOLLE, também LINEU e outros, por várias vezes, se enganaram na identificação das plantas pisonianas e marcgravianas. Na faina de identificar as plantas dos escritores botânicos antigos eles precipitaram-se criando espécies novas.**

Desta impropriedade também se queixa MERRIL (55), porque, afinal de contas, disso resultou uma grande balbúrdia. A respeito diz textualmente o seguinte: “ Na interpretação das espécies de autores antigos que citam a nomenclatura rumpfiana como sinônimos, se deve verificar o seguinte, isto é, se a descrição se baseou num espécimen colhido no locus classicus ou unicamente na descrição de RUMPF e nas suas estampas. As descrições de LINEU baseadas em material botânico são geralmente determináveis, mas não aquelas que se fundam em descrições de outros ou nas que cita como sinônimos. Uma grande porcentagem de espécimens colhidos no locus classicus não representam as espécies descritas por RUMPF, devido ao fato que os autores antigos não tinham idéias exatas sobre a distribuição geográfica das plantas, não distinguindo entre espécies indígenas de Amboina e as de distribuição mais vasta.Os antigos botânicos relacionavam as estampas de RUMPF com as plantas que descreviam, mesmo se tinham apenas uma vaga semelhança. Nenhum destes últimos achou necessário basear a sua descrição em material autêntico que, naturalmente, deve ter sido raro na Europa do século XVIII”.

Discutindo, finalmente, o valor dos nomes vulgares na identificação das plantas, aos quais MERRIL atribue grande importância (55), não somos da mesma opinião com relação ao que acontece no Brasil.

No Brasil, o nome vulgar como elemento auxiliar para identificar certas plantas não vale muito, porque os mesmos nomes vulgares designam ou podem designar plantas diferentes nas diversas regiões. O nome é o mesmo mas a planta é outra. Basta lembrar os termos seguintes: “Pau darco” (que, em Pernambuco, designa as espécies de Tabebuia = Tecoma e, em São Paulo, as de Guarea); “Araribá” (que, para MARCGRAVE, é uma Sickingia e para os paulistas Centrolobium); a “Erva de bicho” (que para PISO é Cassia occidentalis e, na Bahia, Polygonum acre); a “Guaxima” (que segundo PISO é Pothomorphe sidaefolia e entre nós Urena lobata); o “Fedegoso” de PISO e de todo o Nordeste é o Heliotropium indicum, e, na Bahia, Cassia occidentalis; a “Lingua de vaca” de PISO e MARCGRAVE é Elephantopus scaber e a dos bahianos Talinum patens e Chaptalia tomentosa, e assim por diante.

Em todo o caso se deve reconhecer que os nossos autores registraram fielmente os nomes vulgares e grafaram-nos sem estropiá-los. Êsses nomes são de uma fonética mais apurada que os transmitidos a nós por GABRIEL SOARES DE SOUZA, FREI VICENTE DO SALVADOR, FERNÃO CARDIM, LERY, THEVET e outros contemporâneos e antecessores seus (85).

Muitas plantas têm ainda hoje o mesmo nome que os nossos autores registraram, o que prova ser o locus classicus da maioria das plantas colhidas por eles o Estado de Pernambuco e os vizinhos.

Citemos, à guisa de exemplo, alguns desses nomes ainda hoje em uso em Pernambuco, dando em parênteses o nome marcgraviano caso não concordarem: “Taboca” (Iatabóca), “Cambará” (Camara), “Mussambê” (Mossambês), “Erva do capitão”, “Batata de purga”, “Girimum” (Iurumu), “Nandiroba” (Nhandiroba), “Penon” (Pinó), “Beldroega”, “Cará nambú” (Cará inambi), “Titara” (Iatitara), “Macaxeira” (Aipi macaxera), “Guajeru” (Guaieru), “Gravatá” (Caraguatá), “Genipapo” (Ienipapo), “Pinhão de purga” (Pinhones), “Trapiá” (Tapia), “Imbira” (Ibira), “Camaçari”, “Cajueiro bravo” (Caiueira brava), “Oití trubá” (Guiti taroba), “Oití coró” (Guiti coroya), “Bacupari” (Ibacupari), “Guabiraba”

(Ibariraba), "Tatajiba" (Tataiiba), "Pau ferro", "Marí" (Umari), "Mangaba" (Mangaiba), "Pitomba" (Pitoma), "Mandacaru" (Iamacaru), "Mutamba" (Motamba), "Gameleira" (Pau gamelo), "Jussara" (Iuçoara), "Pindoba", "Canafistola", "Amarelo" (Pau amarelo), etc.

Como se vê, os nomes tupis são pronunciados ou grafados de uma maneira mais pura que atualmente; e muitos outros em uso até os nossos dias.

Desta maneira os mesmos nomes usados nos diversos Estados do Nordeste nos podem ser um indício do *locus classicus*. Analisando alguns nomes vulgares julgamos serem da Bahia as plantas seguintes: "Alcaçuz" (*Periandra mediterranea*), "Angelim" (*Andira fraxinifolia*), "Arapabaca" (*Spigelia anthelmia*), "Bacupari" (*Rheedia macrophylla*), "Barbatimão" (*Stryphnodendron*), "Cardeiro" (Cactaceae), "Cedro" (*Cedrela* sp.), "Caruiri" (*Mouriria cauliflora*), "Iamacarú" (*Cereus* sp.), "Jussara" (*Euterpe edulis*), "Umari" (*Geofraea superba*), "Siriuba" (*Avicennia Schaueriana*), "Taioba" (*Xanthosoma* sp.), "Cararu" (*Amarantus*), "Taiuiá" (*Cayaponia tayuya*), "Tipi" (*Petiveria hexaglochin*), "Tucum" (*Astrocaryum tucuma*), "Vassourinha" (*Sida rhombifolia*), "Tamoatarana" (*Saranthe Marcgravii*) e outros (85, 86).

Os nomes mencionados são conhecidos na Bahia e não em Pernambuco e, portanto, as referidas plantas foram colhidas na Bahia (se não nos enganamos).

Outrossim, diversas plantas que, na Bahia, têm outro nome, com certeza não foram colhidas ali, mas em outros Estados. Seria, no entanto, longo citar todas elas. Queremos falar, por isso, só de duas, a saber: da "Barriguda" e do "Jaborandi". Na Bahia chamam de "Barriguda" à *Chorisia speciosa* e à *Cavanillesia arborea* (85), a qual existe no interior e deixou PISO extasiado devido à intumescência do tronco, mas não pode ser nenhuma dessas espécies porque a "Barriguda" ou "Sumaúna" de PISO tem acúleos ao longo do tronco e *Cavanillesia* não os tem. Outra planta é o "Jaborandi", como na Bahia é chamado o *Pilocarpus*, e no entanto, segundo PISO e MARCGRAVE são espécies de Piperaceae e *Monnieria*, aliás também uma Rutaceae, como *Pilocarpus*.

Para certas plantas é mencionado expressamente o Estado da Paraíba. Assim PISO encontrou, ali, a "Carnaubeira" e a "Ietaíba" (*Hymenaea*).

Do Ceará e do Maranhão é, segundo PISO, o "Miriti" (*Mauritia vinifera*), ao qual se pode acrescentar a "Aqué" (*Syagrus comosa*), a "Aninga" (*Dieffenbachia seguinum*).

Algumas plantas são descritas também de São Paulo, a saber: "Ibira obi" ou "Pau ferro" (*Apuleya ferrea*), o "Ibacamuci" (*Paivaea Langsdorffii*), a "Iabuticaba" (*Myrciaria jaboticaba*) e a "Iraibá" (*Syagrus oleracea*) etc.

Outras plantas os nossos autores conhecem como exóticas. A "goiabeira" e *Mirabilis* seriam do Perú; a "beringela", o "quiabeiro", o "quiabo de cheiro", o "gergelim", o feijão "Lablab", o "mandobi" (*Voandzeia subterranea*), a "tamareira" (*Phoenix mas et foemina*) e o "cará" que chama de "Inhame de São Tomé" são da África. Da Ásia a "inimboya" (*Guilandina bonducella*), o "coqueiro", o "tamarindeiro", a "Canna indica", a "bacoba", o "gingibre" e o "arroz". Da Ilha Canárias é a "cana de açúcar" e de Portugal o *Arundo Donax*.

**Sendo, embora, PISO e MARCGRAVE os príncipes da Botânica e da Medicina Tropical do Novo Mundo, não devemos esquecer contudo os seus antecessores que, durante um século inteiro, tornaram conhecido o Brasil, especialmente, as suas plantas e demais maravilhas, embora não tenham tratado dêste assunto científica e academicamente.**

Sem dúvida, escreve HOEHNE (37), as obras de PISO e MARCGRAVE marcam uma época, representam trabalhos verdadeiramente científicos, porque são ilustrados e destinados a tornar conhecida a biologia (fauna e flora) da nossa terra. Mas aí estão também os trabalhos de LERY, THEVET e GÂNDAVO que trazem reproduções de plantas e animais do Brasil feitas um século antes...". E ainda mais porque PISO e MARCGRAVE hauriram de alguns desses autores antigos, como fontes de informação preciosa.

---000---

**Findamos com as palavras de PISO com que remata a introdução dirigida ao "benévolo leitor" onde diz: "Tudo o que achei digno de observação neste teatro riquíssimo da natureza, em parte descoberto por mim e, em parte, legado a nós pelos primeiros habitantes, submeti ao exame e à prova, separando com todo o cuidado e sinceridade o verdadeiro do falso e o nocivo do salutar. Enfim (à descrição dos objetos naturais) acrescentei as estampas desenhadas ao natural pelo meu pintor que comigo levei ao sertão. Se, graças a esta obra feita de equipe, e tendo agora, por assim dizer, aberto um campo aos vindouros, o benévolo leitor**

conseguir dissipar de alguma maneira a espessa escuridão que envolvia esta parte fertilíssima da América, eu me considero mais que recompensado pelo trabalho que tive”.

---oooOOOooo---

#### NOTA

**As plantas pisonianas e marcgravianas foram determinadas por especialistas de Berlim, New York, São Paulo, aos quais agradecemos neste lugar, e pelo signatário dêste.**

Os números que se encontram após a descrição de cada espécie referem-se ao “Herbário Pickel” existente no Instituto de Pesquisas Agronômicas (IPA) em Recife (Pernambuco). Não foram colhidas todas as plantas discutidas no corpo dêste tratado e, de muitas delas, não recebemos até hoje os respectivos números que solicitámos ao “Custos” desse herbário. Outras plantas chegamos a conhecer somente durante a nossa estada e permanência no Estado de São Paulo ou as recebemos dos nossos correspondentes do Nordeste brasileiro.

---oooOOOooo---

#### SIGLAS E ABREVIÇÕES USADAS NESTE TRATADO

1ª ed. = Primeira edição do Livro Historia naturalis Brasiliae, de 1648.

2ª ed. = Segunda edição dêsse mesmo livro que porém traz o título: De Indiae utriusque re naturali et medica, de 1658.

Cap. = Caput (Capítulo)

E. = Estado

Fig. = Figura (estampa)

Fl. Br. = Flora Brasiliensis

L. = Liber (livro)

Lit. = Literatura consultada.

M. = MARCGRAVE (Contribuição de M. que se encontra na 1ª Ed. tendo ao lado a página do original de 1648).

N.v. = Nome vulgar

N.v.m. = Nome vulgar moderno

P.1. = PISO (Contribuição de P. que se encontra na 1ª Ed., tendo ao lado a página do original de 1648).

P.2. = (Citação de PISO da 2ª Ed. de 1658).

#### PESOS ANTIGOS

Libra = 373, 27g

Onça = 31,10g

Dragma (Drama) = 3,50g

Escrópulo = 1,25g

Grão = 0,06g

#### MEDIDAS ANTIGAS

Côvado = 0,5664m

Dedo = 0,02m

Dedo mindinho = 0,015m

Palmo = 0,18m

Pé rinlândico = 0,314m

Polegar = 0,03m

Vara = 2,945m

Pinta holandêsa = 1l

= 0,270l

#### MOEDAS ANTIGAS

(tamanho)

Estúfero (Stuiver) holandês = Tamanho de 5 Cts em níquel

Pataca = 320 réis = Tamanho de 30mm

Sólido holandês = Tamanho de um sou francês ou soldo italiano.

## AS PLANTAS PISONIANAS E MARCGRAVIANAS EM ORDEM SISTEMÁTICA

### ACOTYLEDONEAE

#### Família FUCACEAE

Sargassum vulgare (C.AG.) O.KTZE, Bot.Janrb. 1:191.1881

**N.v. Sargaso, Sarcaso (P.1), Sargaço (P.2)**

N.v.m. Sargaço

Lit.: P.2:266 (Herba ila marina). L.4.Cap.68.Fig.266.

Piso escreve acerca desta planta o seguinte: “Aquela erva marinha chamada pelos Espanhoes de “Sargaço” e pelos nossos de “Steen. Kroost”, denomina-se “Lentilha do mar”, embora impròpriamente, porque não é uma alga mas um arbusto baccífero, do comprimento de um palmo, com caule tênue e grisalho, tendo sempre folíolos serreados e encarnado-escuros misturados com glóbulos. Encontra-se ao redor das Ilhas holandêsas como as chamam vulgàrmente, nadando por toda parte sem se saber a sua origem, e ocupa uma extensão tão grande no mar que se diria ser terra firme e não mar, e retém os navios na sua marcha quando o vento fôr mais brando. Por êste motivo aquela parte do “Oceano dos Sargaços” recebeu dos Belgas que voltam das Índias o nome de “Kroostzee”.

#### **Em seguida Piso atribue-lhe a virtude medicinal seguinte:**

IND. TERAP.: Tanto os marinheiros portugueses como os batavos usam o “Sargaço” como diurético depois de macerado e cozinhado. Tem gosto insípido, um pouco salgado devido à embebição com sal marinho.

NOTA: Piso não descreve o “Sargaço” do Brasil bätavo e, sim, o das costas holandêsas apresentando uma estampa na Ed.2. desenhada a pedido de Piso.

Lineu (74) determinou a planta pisoniana como Fucus natans. MARTIUS (50) classificou-a como Sargassum bacciferum AG., nome que, segundo O.KTZE (95), não é válido por se baseiar em vários erros, de maneira que deve ser chamada S.vulgare. Esta alga cresce entre os dois paralelos do grau 40 de latitude, num litoral rochoso, donde é arrancada pela violência das ondas, nada em pleno oceano, onde forma o “mar de sargaços”. Êstes fragmentos são levados pela Gulf stream para as costas da Europa e do Nordeste, onde PISO os viu. Por isso não apresentam “rizoides” (ou, como PISO diz “raiz”). A xilogravura foi feita a pedido de PISO de um dêsses fragmentos.

Material ex.: Pernambuco: Olinda, Pickel s/n.

-----

#### Família AGARICACEAE

Agaricus pisonianus Mart., Abh.Bayr.Akad.7.1855

N.v. Carapucu (P.2)

N.v.m. Cogumelo, Abibura

Lit.: P.1: 47 (Fungi). L.3.

P.2: 309 (Novem fungorum species). L.5.Cap.18.Fig.309.

PISO afirma na 2ª ed. haver, no Brasil, nove espécies de cogumelos, porém, não descreve algum, nem sequer o conhecido “Urupé piranga” (“orelha de pau”) Polystictus sanguineus, discorre, apenas, sôbre cogumelos venenosos.

NOTA: Na 2ª ed. anexa ao texto uma estampa que, como explica MARTIUS (50) não corresponde a qualquer espécie brasileira, mas antes parece ser tirada de um dos livros antigos sôbre ervas (como p.ex. de CLUSIUS, PARKINSOS, BAUHIN ou CHABRAEUS) e se pode identificar como A.(Amanita) muscarius. Segundo MARTIUS certas estampas da 2ª ed. não podem ser relacionadas com plantas brasileiras e justifica-se a suspeita de ter PISO enganado propositàlmente os leitores enfeitando a sua obra com estampas alheias. “Não encontrei – continúa MARTIUS – o cogumelo A.muscarius no Brasil, nem é registrada esta espécie por nenhum botânico, como procedente dêste País. Nem se pode descobrir as nove espécies de PISO. Entretanto, vimos, no

meio das iluminuras que MENZEL reuniu no seu "Theatrum rerum naturalium", a fig.359 com o nome de "Ibibura" que representa um cogumelo "que nasce na estrumeira" e que descrevo como A.pisonianus, n. sp."

-----

### Família POLYPODIACEAE

Acrostichum latifolium Sw. ?, Syn.Fil.9.1806.

N.v. Embuayembo, Occoembo (M).

Lit.: M: 26 (Embuayembo dicta Brasiliensibus). L.1, Cap.13, Fig.26, Segunda (errada?).

**MARCGRAVE descreve: "Embuayembo" dos Brasilienses e, estropiado, "Occoembo" dos portugueses, é uma erva com raiz da grossura de um dedo, encerrando no âmago uma medula pegajosa, contorcida de várias maneiras, fusca por fora e esbranquiçada por dentro. Dela origina-se um caule lenhoso, roliço, verde com um e meio a dois dedos de comprimento, provido de folhas alternas que se inserem em pecíolos tênues delicados, de dois a três dedos de comprimento, de côr verde-clara-brilhante, guarnecidas de uma nervura e de veias, às quais se prende um pó do lado inferior, como na "Língua cervina". Osabor da raiz é acre".**

NOTA: A descrição mostra tratar-se de uma planta semelhante à "Língua cervina", (Scolopendrium vulgare).

Como explica a etimologia indígena, a planta cresce à beira dos arroios.

Adiantum latifolium L., Encycl.1: 43. 1783

N.v.: Avenca (M), Avenca (M, P.2), Conambai-miri (P.2)

Lit.: M.23 (I. Avenca major). L.1, Cap.12, Fig.23, primeira.

P.2: 234 (Assurgit major). L.4.Cap.54, Fig.234, primeira.

Marcgrave escreve: "I. A avenca maior eleva-se à altura de dois pés, originado-se de uma raiz amarela por dentro e enegrecida por fora, que rasteja por baixo da terra e tem muitas radículas filamentosas. Seu caule (i.é,a haste da fronde) é delgado, estriado, de côr castanho-escuro brilhante e revestido de uma espécie de lanugem de côr hepática. Na parte superior há alguns ramúsculos colocados sem ordem que, bem como também o caule, têm folhas alternas, algumas com três, outras com dois ou, também, um dedo de comprimento, verde-claras, denteadas nos bordos e de forma singular. Não tem flôr e nem sementes".

PISO repete na 2ª ed. do seu livro trecho de MARCGRAVE, quase ipsis verbis. Em seguida, acrescenta nunca ter visto flôr ou semente embora ter examinado a planta com atenção nas diversas épocas do ano, fato êste que tem de comum com o Adiantum verdadeiro da Europa. Sobre as propriedades medicinais PISO adianta o seguinte:

IND.TERAP.: A avenca supra serve para facilitar a expectoração como sua congênera europeia.

NOTA: Segundo BAKER e EICHLER (31) tratar-se-ia de A.curvatum Kaulf. Este feto é comum nas capoeiras e matas sombrias de Pernambuco.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 1888, 2531, 3460.

Adiantum pulverulentum L., sp.P1. 1559. 1753.

N.v. Conambáia (P.2)

N.v.m. "Culantrilho"

Lit.: M: 2 (Filix brasiliana). L.1, Cap.2.

P.2: 233 (In densis nemoribus mediterraneis). Fig.233, errada.

MARCGRAVE descreve esta "avenca" que chama de "Filix brasiliana", como segue: "Eleva-se a dois, três ou, também, quatro pés de altura, sendo o caule (i.e., a haste da fronde) quadrado,

ruivo-enegrecido, resplandescente e coberto de uma lanugem ruiva. Suas folhas (isto é, as pinas) são aladas, tênras e opostas em disposição alterna e têm cinco ou seis dedos de comprimento. Os folíolos da asa (i.e., as pinulas) são delicados, verdes, por sua vez, alternos e dísticos, subtilmente serreados nos bordos; e têm num dos lados de cada folíolo e acompanhando a margem, pendurado um pó ruivo. Nasce a cada passo no Interior”.

PISO transcreve na 2ª ed. quase integralmente o texto de MARCGRAVE e afirma ser pouco diferente esta planta da Filix européia apresentando uma estampa errada que não representa nem a espécie brasileira nem a européia. Pôde desconfiar-se por isso se é a planta supra a que se refere e se merece fé o que diz a respeito das propriedades medicinais.

**IND.TERAP.:** Segundo PISO a raiz que é comprida, de sabor amargo, mas não acre; é usada para absterção das úlceras e como lumbricida. O pó dos “folíolos” polvilha-se dentro das úlceras obtendo-se bom efeito. Tem aliás o mesmo emprego como a Filix dos Antigos, sendo usado por este motivo pelos indígenas e adventícios por causa da sua virtude abstergente e desobstruente. PISO entretanto não pôde comprovar se a planta cura as feridas inflingidas por flechas como já afirmara DIOSCÓRIDES.

NOTA: Segundo BAKER e EICHLER (31), tratar-se-ia de A.tetragonum mas é, sem dúvida, a espécie A.pulverulentum pois, na planta que com ela se poderia confundir a saber, A.villosum L. que tem a mesma altura, os sôros dos esporângios encontram-se em ambos os lados dos “folíolos” e a fronde é maior. Segundo MARTIUS a fig., é uma Pteris.

A Filix dos Antigos deve ser o “feto macho” (Dryopteris filix mas Rich.) que, segundo WARBURG (93), se encontraria também no Brasil

A planta supra encontra-se com freqüência nas matas de Pernambuco.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 40, 3317.

Blechnum serrulatum Rich., Act. Soc. Hist. Nat. 1:114. 1792.

Lit.: M:2 (Filix na polipodium?). L.1, Cap.2.

MARCGRAVE descreve este feto como segue: “Seria um feto Polipodium? É uma erva que se eleva a cerca de três pés de altura com o seu caule único e reto que tem folhas opostas indiretamente, isto é, alternadamente dísticas, com mais ou menos quatro dedos de comprimento, estreitas, acuminadas e finamente serreadas nos bordos. Na parte posterior, ao longo da nervura principal, existe em tôda a extensão uma massa pulverulenta de côr parda”.

NOTA: Saindo as frondes diretamente do solo, MARCGRAVE tomou-se como plantas isoladas. O comprimento da fronde e das “folhas” corresponde bem à realidade e os sôros que acompanham a nervura principal no lado dorsal da pínula. É um feto dos pântanos litorâneos ou dos solos frescos arenosos. MARTIUS (95) identifica-a como B. brasiliense Desv.

Material ex.: Pernambuco – Prazeres – Pickel 582.

Pityrograma calomelanos (L.) Link. Hand. Gew. 3:20 . 1833.

**N.v.: Avenqua (M), Avenca (M,P.2), Conambai-miri (P.2).**

Lit.: M:23 (II. Avenca minor). L.1, Cap.12, Fig.23, Segunda.

P.2:234 (II Adianti minori). L.4, Cap.54, Fig.234, Segunda.

MARCGRAVE escreve: “II. A avenca menor. Seus caules (i.e., as frondes) elevam-se à mesma altura e têm a mesma forma e côr da anterior (Adiantum latifolium), porém não são revestidos de lanugem e sim, polvilhados com pó branco como por uma espécie de farinha. Têm folhas aladas que são inseridas alternadamente e têm comprimento variável desde meio dedo até três dedos, pois, na extremidade dos caules são curtíssimas. Em cada folha (i.e, pínula) essas asas dão alternas, as internas mais compridas, as externas mais curtas, em cima de côr verde-escura e, em baixo, polvilhadas com farinha misturada a um pó preto. Os caulículos da base quando nascem são um tanto convolutados e completamente brancos devido a um pó farináceo. Ela também não têm flôr nem semente”.

**PISO copia na 2ª ed. quase todoo trecho referente a esta avenca de MARCGRAVE, encurtando, porém, o texto, e dando a seguinte indicação terapêutica.**

**IND. TERAP.:** PISO recomenda esta planta para as doenças do peito dizendo: “Creio não ter sido excogitado remédio melhor nas afecções do peito do que o xarope e o decocto de ambas estas “Çonambai”, porque abrem bem os brônquios dos pulmões”.

NOTA: LINEU (74) relaciona a espécie A.Calomelanos com a avenca maior de MARCGRAVE o que é evidentemente um lapso, pois, a espécie é inconfundível. Segundo BAKER e EICHLER (31) trata-se da espécie supra. MARTIUS (95) assim a identifica.

Encontra-se êste feto em todos os lugares úmidos, mesmo nos muros e paredes.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 53, 998, 1978, 2236.

Polypodium brasiliense P. Encycl. Bot. 5:525. 1804.

**N.v.: Caticaá (P.2), Coaticaá (P.2).**

Lit.: M:2 (Polypodium brasilianum). L.1, Cap. 2.

P.2:233 (Caticaá sive Polypodium). L.4, Cap.54.

MARCGRAVE dá a descrição seguinte dêste feto: “Polypodium brasiliense. De um raiz (i.e; rizoma) com oito a nove dedos de comprimento e da grossura de um dedo e com revestimento formado de um musgo arruivado, brando-amarelada por dentro, sabor adocicado misturado com traços de azêdo e succulenta, eleva-se um caule (i.e; a fronde) de três ou quatro pés de altura, estriado, torcido, preto ou vermelho, que, na extremidade, tem muitas fôlhas opostas ou alternas, sempre em grupos de três que são do comprimento de quatro dedos mais ou menos e largura de mais de um, verde-claras, moles e com nervura longitudinal ruivo-escura. Junto dela ve-se em ambos os lados da página inferior quatro séries de pontos formados por um pó amarelo-arruivado, e entre os pontos saindo da nervura transversalmente para os lados muitas vênulas delicadas e verdes”.

PISO que na 2ª ed. copia quase textualmente a descrição do seu colega chama a planta de “Caticaá” e Polypodium americanum e afirma que cresce especialmente na palmeira “Urucuri” e sôbre o “Cardo Caraguatá”. Já na 1ª ed. PISO dissera que êste Polipodium nasce como epífita nas “Caraguatás”, que certamente é um engano. Pôde ser que ambas cresçam lado a lado nas palmeiras como aliás retifica à página 128. MARCGRAVE também alude a êste fato à página 104, onde diz que no “Uricury” cresce o Polypodium e um “Caraguatá” que fornece água potável sendo chamada a última planta de “Urucatu” pelos Brasileenses. (Isto é um engano. Vêde: pág. 78, porque êste nome designa uma Orchidaceae).

IND. TERAP.: PISO falando na 2ª ed. das virtudes medicinais compara êste Polypodium com o vulgar da Europa, julgando-o porém superior em eficácia, pois, é um poderoso desobstruente e incidente, como também, absterge a bília e purga por baixo.

NOTA: Encontra-se êste feto em companhia de outras como epífitas no “dendezeiro” que se fixam nas caracas onde se acumula muito humus, de maneira que a estipe se cobre literalmente de fetos e outras plantas.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 45, 2371.

-----

### Família PARKERIACEAE

Ceratopteris pteridoides (Hook.) Hier. Engl. Bot. Jahrb. 34:561. 1905.

**Lit.: M:37 (Cicutaria palustris). L.1, Cap.17.**

MARCGRAVE descreve êste feto sob o nome de Cicutaria palustris dizendo: “Nasce dentro d’água, nas margens, e eleva-se a dois a três pé de altura. Seu caule (i.e; a haste da fronde) é anguloso, estriado, nodoso e tem muitos ramos e êstes, por sua vez, ramúsculos alternos com suas “fôlhas”, também alternas, de três ou quatro dedos de comprimento, divididas em oito ou nove “fóliolos” estreitos e acuminados, de maneira que se parecem com chifres de veado, tendo côr verde-claro sabor semelhante ao do “aipo”. As fôlhas dos ramúsculos do lado de fora são menores que as de dentro”.

Em seguida vem a frase de LAET: “Traz flores, porém, não as encontro descritas pelo autor”.

NOTA: Êste feto encontra-se nos lugares inundados ou palustres e tem semelhança com a Cicuta virosa ou maculata, como bem observou MARCGRAVE. Não desconfiou tratar-se de um feto, porque os “fóliolos” estéreis se parecem realmente com os de uma Umbelífera. Os férteis que têm a forma de chifre de veado, como muito bem os chama MARCGRAVE, são “fóliolos” ou esporófilos

enrolados em tubo abrigando os esporângios. Por causa dessa forma ainda hoje estes fetos são chamados “Geweihfarme” ou “Fetos chifrudos”.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 2259.

-----

**Família SCHIZAEACEAE**

Lygodium polymorphum (C??.) HBK., Nov. Gen. & Sp. 1:25. 1815.

N.v.m.: “Erva de S. João”.

**Lit.: M:2 (Filicis na species?). L.1, Cap.2.**

MARCGRAVE tem o seguinte sobre este feto: “Seria uma espécie de Filix?. A planta é de caule flexível, sarmentoso, arruivado e reptante, e enrola-se nos arbustos e outras plantas. As “fôlhas” inseridas no caule alternadamente, disectas, lembram aquelas fendas denteadas que as mulheres costumam bordar. Não traz flor nem semente. Nasce em profusão nas margens do Rio Capibaribi. Medra outra espécie ainda, não muito dessemelhante na Ilha Tamaracá”

NOTA: É admirável ter MARCGRAVE considerado esta planta como feto, embora duvidosamente, pois, é bastante diferente das européias, por ter frondes volúveis como um cipó. As duas espécies que menciona são talvez dois estádios da mesma planta, a saber, uma estéril e outra fértil e, de fato, um tanto diferentes no hábito.

Este feto é notável pelo grande tamanho que suas frondes podem alcançar e encontra-se frequentemente no mato e, como joio, nos canaviais e mandiocais do Nordeste do Brasil. MARTIUS (95) identificou como L. volubile ou L. hastatum.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 33, 34.

-----

**MONOCOTYLEDONEAE**

**Família. ALISMATACEAE**

Echinodorus floribundus (Seub.) Wary, Symb. Vid. Medd. 345. 1872

N.V.M.: “Chapéu de couro”

Lit.: M:49 (Herba quam Auctor non nominat). L.1, Cap.23.

A descrição de MARCGRAVE é a seguinte: “A erva produz entre as pequenas radicelas brancas que são juxtapostas, muitas fôlhas inseridas nos respectivos pecíolos, de forma e aspecto das de Plantago. Do meio delas nasce um caule (i.e; o escapo floral) do tamanho de dois ou três pés, que traz flores em verticilos e constam de três fôlhas (i.e; tépalas) oblongas, de côr branca ou láctea, mas sem cheiro. O caule é roliço em baixo, mas anguloso no lugar onde se encontram as flôres”.

NOTA: É uma planta aquática que forma moitas grandes nos riachos e rios rasos de Pernambuco. As fôlhas são enormes e, antes cordiformes do que plantaginiformes, como pensa MARCGRAVE. É porém, sem dúvida, a planta marcgraviana.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 64, 64a.



## Família. GRAMINAE

Andropogon arundinaceum Wild., L. Sp.P1. 4(2): 906.1906.

N.v.m.: “Capim arroz”, “Capim Guedes”, “Capim alpiste”, “Milho bravo”, “Capim maçambará”.

Lit.: M:2 (Nona species). L.1, Cap.1.

A descrição desta espécie de MARCGRAVE é muito precária por que não viu a inflorescência que é muito típica e deu azo aos nomes vulgares. Ele escreveu: “Póde chamar-se “Capim estriado” simplesmente. De uma raiz nascem quatro ou cinco fôlhas e sobem até seis pés de altura, semelhantes à grama espanhola estriada, a não ser que no meio da fôlha há apenas uma estria branca.”

NOTA: A estria que, segundo MARCGRAVE, caracteriza as fôlhas nada mais é que a nervura principal, realmente notável por causa de sua côr branca e da semelhança com as fôlhas do milho ou sorgo. O “Capim estriado da Espanha” parece ser Phalaris arundinaceum L. que, como a nossa planta, é uma cana alta, mas tem fôlhas variegadas de branco e verde.

A gramínea supra é muito abundante em certas regiões do Nordeste do Brasil, à margem dos rios, formando capinzais altos e fechados. É forrageira antes da floração.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 80, 2006.

Andropogon bicornis L., Sp. Pl.1046. 1753.

N.v.: Capiipuba (M), Capuupéba (P.2).

N.v.m.: “Capim rabo de raposa”, “Capim peba”.

Lit.: M:2 (Decima species). L.1, Cap.1.

P.2:238 (Tametsi pauca, in text.). L.4, Cap.56.

MARCGRAVE escreve: “O “Capiipuba” dos Brasilianos é uma gramínea plumosa. Eleva-se a dois ou três pés de altura, com colmo roliço e geniculado nos nós e fôlhas de mais de meio pé de comprimento. Divide-se na extremidade em vinte, vinte e quatro e às vêzes em trinta colmos mais finos que, na altura de dois, três, quatro dedos, levam cada um uma panícula argêntea, a qual encerra no meio os cariopses. Os côlmos tomam côr ruiva vistosa”.

PISO que, na 2ª ed., transcreve o texto de MARCGRAVE diz ser chamado êste capim pelos portugueses, de “Pé de galinha”, porque as pontas dêle terminam em três unhas. Ora, isto é um lapso, pois, confunde esta espécie com outra. Assim, de duas espécies faz uma terceira.

IND.TERAP.: PISO usa o capim para curar feridas de cobra.

NOTA: LINEU (74) considera a espécie marcgraviana como Andropogon bicornis. Êste capim é chamado “Rabo de raposa”, porque secando fica ruivo e, avistado de longe uma formação de moitas, apresentam-se como manchas ruivas no meio da vegetação verde circunvizinha.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 878, 2011.

Arundo donax L. Ep.Pl. 81.1753.

N.v.: Cana silvestre (P.1 e P.2)

N.v.m.: “Cana do Reino”.

Lit.: P.1: 109 (De Canna silvestri, ejusque usu). L.4, Cap.79.

P.2:214 (Quinta est Arundo silvestris). L.4, Cap.46.

PISO escreve um capítulo próprio sôbre esta planta dizendo o seguinte: “Nasce aqui uma “Cana” que dizem ter sido introduzida de Portugal antigamente. Cultiva-se já nas hortas, e foi desconhecida dos indígenas noutra tempo. Ostenta verdor muito escuro e fica mais alta que a cana de açúcar, sendo-lhe, de resto, mui semelhante. Possui raiz muito grande, amarelado-claro, nodosa, pesada, como raiz da China”.

Sôbre as qualidades medicinais escreve:

IND.TERAP.: A raiz reduzida a pó e ministrada com vinho é muito diurética e emanagoga, de tal maneira que – como dizem – mata e expulsa o feto, assim que a alguns parece não ser remédio seguro.

NOTA: Encontra-se esta cana ainda hoje, seja cultivada, seja abandonada nos campos, especialmente nas taperas, tendo-se evadido dos jardins. Há também nos jardins as variedades A.d. variegata e angustifolia.

Material ex.: Pernambuco- Tapera – Pickel, 4269.

Chloris orthonoton Doell., Fl.Bras. 2(3): 64. 1878.

N.v.m.: “Capim de raiz”, “Capim belota”.

Lit.: M:1 (Prima species). L.1, Cap.1.

MARCGRAVE descreve assim esta gramínea: “ O colmo roliço, fino, ôco, eleva-se à altura de dezoito ou vinte dedos, tendo no meio um nó, e na base, três. Em cima ultrapassando o nó existe uma fôlha graminiforme aguda e, na extremidade do colmo, cinco ou seis espigas tênues, de dois dedos de comprimento mais ou menos, não mais grossas que um fio grosso, de côr de prata, das quais penduram flôsculos pequenos, cinzento-purpúreo-azuis, tremulando pela agitação do vento”.

NOTA: Reconhece-se, sem dificuldade nesta descrição empírica, embora minuciosa, esta gramínea comuníssima que atraiu a atenção de MARCGRAVE.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 692, 1031, 2197, 3796, 3827.

Eleusine indica (L.) Grert., Fruct. & Sem. 1: 8. 1788.

N.v.: Capiipuba, Pé de galinha.

N.v.m.: “Pé de galinha”.

Lit.: P.1: 102 (De capiipuba, ejusque facultatibus). L.4, Cap.68.

Na 1ª ed. PISO descreve esta gramínea ligeiramente dizendo: “Embora ter que dizer pouca cousa dêste capim, não quis passá-la em silêncio. Os portugueses chama-na “Pé de galinha” com grande acerto, pois, as extremidades desta erva rematam em três garras. Vê-se surgí-la por toda parte em abundância”.

Na 2ª ed. PISO confunde êste capim com o “Rabo de raposa” como já foi dito.

IND.TERAP.: A raiz esmagada e macerada em líquido potável, expulsa qualquer veneno como afirmam todos os indígenas do Brasil. (P.1:48).

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 687.

Guadua angustifolia (H.B.) Ktk., Syn.1: 252. 1822.

N.v.: lataboca (M).

N.v.vm: “Taboca”.

Lit.: M: 3 (lataboca Brasilianis). L.1, Cap.3, Fig.3.

P.1: 98 (Innumera in Brasilia). L.4, Cap.60.

MARCGRAVE descreve bem esta planta dizendo: “A “lataboca” dos Brasilianos é uma espécie de Arundo silvestre. Surge até a altura de vinte ou mais pés e adquire a grossura de um antebraço, é medulosa e, fora de côr verde amarelada. Tem ramos alternos e êste por sua vez, ramúsculos do mesmo jeito e mais ou menos meio pé de comprimento, solitários ou juxtapostos até oito e munidos de espinhos na base. Nos ramúsculos as fôlhas são alternas, tendo cada um sete, oito ou nove fôlhas gramináceas estreitas, acuminadas e verde-claras, com quatro ou seis pés (i.e., dedos) de comprimento. Não traz flor ou fruto. Esta planta cria aos viajantes grande obstáculo, pois, em poucos mêses obstrui os caminhos, crescendo depressa e brotando depois de cortada. Contudo, é usada pelos indígenas na construção das paredes das casas em vez de madeira; outrossim, depois de esvaziada os viajantes enchem-na com água para a viagem pelos lugares desertos e faltos d’água”.

PISO refere-se, apenas incidentemente, à “taboca”, atribuindo-lhe a grossura de uma perna (?!), e, sendo dura, serve para fazer flechas.

IND.TERAP.: PISO diz, do decocto das raízes fazem uma lixívia utilizada contra a queda dos cabelos.

NOTA: LINEU (74) não conseguiu determinar a planta, considerando-a como o legítimo “bambú”.

AUBLET (10), da mesma forma, segue a LINEU dando-lhe o mesmo nome. MARCGRAVE afirma ser a “taboca” medulosa, e que se deve esvazia-la antes de usar o côlmo para o referido uso,

porém engana-se, porque o côlmo é ôco, e esvazia-se tirando apenas os septos intermediários dos entrenós, mas não escavando a medula que não possui. Há outro engano no texto de MARCGRAVE, onde se lê terem as folhas comprimento de quatro a seis pés; isto deve ser erro tipográfico, pois, no máximo, pode ter quatro a seis dedos de comprimento.

A “taboca” é usada ainda hoje para os mesmos fins citados por MARCGRAVE. As matas onde medram, são maciços de “tabocas”, impenetráveis, obstruindo o trânsito por completo. Os holandeses experimentaram duramente a verdade desta asserção de MARCGRAVE quando foram agredidos e vencidos no “Monte das Tabocas” pelo glorioso exército de JOÃO FERNANDES VIEIRA.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 4267.

Gynerium sagittatum (Aubl.) B., Ess. Agrost. 138.1812.

N.v.: Uuba (M).

N.v.m.: “Cana brava”, “Canafrecha”

Lit.: M:4 (Uuba Brasilianis dicta). L. 1, Cap.3.

MARCGRAVE escreve: “ A “Uuba” dos Brasilianos, ou Nasthos dos Gregos é Arundo sagittaria. Ela eleva-se também até vinte ou mais pés de altura. Seu côlmo é reto, na parte basal, até três ou quatro pés de altura, é quase lenhoso e duro, na parte restante, esponjoso e leve; em baixo, de côr esbranquiçado-amarela e, em cima, completamente verde. A grossura do côlmo, na base, é de quatro a cinco dedos; na parte apical é a do dedo mindinho. Em direção à parte basilar possui folhas quase convolutadas; em cima é reta e completamente lisa e destas fazem flechas,. O côlmo tem, às vezes, um ou outro ramo. À distância de treze ou quatorze pés do solo reveste-se, numa extensão de três pés mais ou menos, de folhas arundináceas, estreitas e de quase seis pés de comprimento. Acima, onde acabam essas folhas, o côlmo, no comprimento de uns dois pés, é novamente liso e desprovido de folhas”.

NOTA: MARCGRAVE lembra, ao descrever a cana de açúcar (pág.82) que a panícula das flores é semelhante à daquela planta, embora maior, colocando ambas as espécies no mesmo gênero.

AUBLET (10) deixou quase intacto o nome específico dado por MARCGRAVE (Arundo sagittaria) chamando a “Uuba” de Saccharum sagittatum.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 84.

Paspalum virgatum L., Syst. Ed., 10, 2: 855. 1759.

N.v.m.: “Capim açu”, “Capim milhã do brejo”.

Lit.: M:2 (Undecima species). L.1, Cap.1.

É bem compreensível ter MARCGRAVE dado a descrição desta gramínea que é realmente vistosa atraindo a atenção do naturalista. Êle escreve: “Alcança a altura de dois ou três côvados, tem côlmo e folhas graminiformes e panícula dividida na extremidade em doze, quinze ou mais (espigas) e cada qual com oito ou nove dedos de comprimento e côr ruivo-escuro”.

NOTA: Dentre as muitas espécies de Paspalum a descrição de MARCGRAVE quadra unicamente com esta. Encontra-se por toda parte, mas apresenta porte variável.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 81, 81<sup>a</sup>, 88, 1397,  
1607, 2597, 2629,  
2705, 3028, 3258.

Saccharum officinarum L., Sp. P1. 54. 1753.

N.V.: Uuba (M), Tacomaree (M, P.2), Alfelca da Zuquere (M), Cana d’azuquere (M, P.2), Uiba (P.1. e P.2).

Lit.: M:82 (De cannis e quibus fit sacharum). L.2, Cap.16, Fig. 83.

P.1:49 (De saccharo). L.4, Cap.1.

P.2:108 (Tacomaree sive Arundo saccharifera). L.4. Cap.1, Fig.109.

**Ambos os nossos autores escrevem um capítulo próprio sobre a cana, sua cultura e fabricação do açúcar.**

MARCGRAVE dá a descrição seguinte da planta: “A “Uuba” e “Tacomaree” dos Brasilenses, “Alfelca da zuquere” ou “Cana d’azuquere” dos portugueses é Arundo saccharifera.

Eleva-se a cinco, seis ou sete pés de altura, ordinariamente, excetuando as folhas (embora tenha visto com dez pés de comprimento, com cinquenta e seis nós, porém, raramente); tem quatro dedos de grossura, às mais das vezes; tem muitas juntas ou nós, separados um do outro por entrenós de uns quatro dedos de comprimento e, quanto mais distantes ficam os nós ou mais longos os entrenós, tanto mais alto é avaliada, a cana. Possui na extremidade muitas folhas, compridas, acuminadas e uma panícula de flores (quando ficou no campo muito tempo) à maneira da “Uuba”, embora menor. A cor da cana é verde tirante ao amarelo; nos nós fica esbranquiçada numa parte e amarelece na outra, quase que cingidos por dois anéis, sendo um amarelo e outro branco e o nó, por sua vez em relêvo, tornando-se esbranquiçado ou preto. A medula da cana é maciça, succulenta, doce e branca”.

PISO escreve pouco sobre a morfologia da cana, na 1ª ed., dizendo que “esta nossa planta tem firmeza igual a um arbusto e encerra suco doce. É mui semelhante à cana silvestre (Gyberium sagittatum) no que diz respeito ao hábito, a não ser que esta se caracteriza por ter juntas mais numerosas às vêzes, especialmente se a tempérie do ano e a terra não lhe fôr propícia. Quanto maiores os entrenós, tanto mais feliz é a colheita e quanto mais curtos, tanto mais parca prometem ao agricultor”.

Na 2ª ed. PISO transcreve o mesmo da 1ª ed..

IND. TERAP.: PISO recomenda o suco da cana (destilado) como colírio, e nas afecções do fígado e, o açúcar novo, nas doenças do peito, do estômago, dos rins e da bexiga.

NOTA: A cana de açúcar foi importada das Ilhas Canárias, segundo as informações de PISO sendo intensamente cultivada, especialmente em Pernambuco, subindo a exportação do açúcar, no tempo dos holandêses a 100.000 arrobas anualmente. Ainda hoje o açúcar é o principal produto daquele Estado.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 904.

Setaria geniculata (Lam.) Beauv., Ess. Agrost. 178. 1812.

**N.v.: Amongeaba (P.1 e P.2).**

N.v.m.: “Capim rabo de raposa”.

Lit.: P.1:120 (De amongeaba ejusque facultatibus). L.4, Cap.110. fig. 120. segunda.

P.2:239 (Quinta graminis species). L.4, Cap.56, Fig.239.

Damos em seguida, a tradução do capítulo 100 da 1ª ed., onde PISO trata mais corretamente desta gramínea. Ele escreve; “A erva “Amongeaba” que parece ser uma espécie de gramínea, cresce exuberantemente nos lugares arenosos atingindo altura maior que uma perna, tendo um côlmo único, duro e quase lenhoso, nascendo as folhas oblongas à maneira das de Gladiolus.

Na extremidade, é aformoseada por um capítulo áspero à maneira da espiga de Panicum silvestre.

Cheguei a conhecer esta planta pelo seu aspecto mais cedo do que pela sua utilidade, pois, foi-me entregue somente por aquêles que não tinham abundância de “malva” e “bassourinha”, pois, é um sucedâneo daquêlas ervas como emoliente....”.

Na 2ª ed. PISO abandona a descrição dada na 1ª ed. e adota a de MARCGRAVE, a qual se refere, entretanto à espécie seguinte. Para êste fim altera o texto de MARCGRAVE, descrevendo a estampa. Assim, faz de duas uma terceira espécie.

Sobre o emprego medicinal PISO diz o seguinte:

IND. TERAP.: Além de emoliente é usado êste capim em formatações e lavagens para combater o “tenesmo” ou “pucho”, (que é doença conhecida com o nome de “Camara de sangue”), porque é demulcente e traz grande alívio ao doente.

NOTA: Conhece-se atualmente por “Amongeaba” as espécies da gramínea Sacciolepis, mas a espécie de PISO, a julgar do texto da 1ª ed. e da estampa (que aliás é pouco fiel lembrando o “carrapicho” Cenchrus echinatus) deve ser uma Setaria. A Setaria geniculata cresce efetivamente nas pastagens como afirma PISO e a comparação da inflorescência áspera com a de milhã e o Panicum silvestre de DALECHAMPS (Echinochloa crusgalli (L.) Hitchc.), como também a confusão com a seguinte, mostra que se trata efetivamente de uma Setaria que só pode ser a espécie supra, que é mais comum e a mais abundante. PISO a podia bem conhecer de visu, porque é encontradiça nas vargens. É uma das poucas espécies que moram em profusão nas pastagens.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 99, 1398, 2005, 2012, 2013, 2662.

Setaria poiretiana (Schult.) Kunth., Rev.Gram. 1:47. 1833.

N.v.m.: “Capim palmeira” (M)  
Lit.: M: (Sexta species). L.1, Cap.1.

Esta gramínea é facilmente reconhecível, embora empiricamente descrita. MARCGRAVE caracteriza-a, como segue: “Gramínea elegante, plicada e miliácea. Eleva-se à altura de três, quatro ou também cinco pés, oriunda de raízes filamentosas, à maneira do Arundo donax L. As folhas têm mais ou menos um pé de comprimento, são elegantemente dobradas, verdes, com forma de coqueiro novo. O côlmo é encimado por uma espiga, de um pé e meio aproximadamente, e semelhante à espiga de milhã”.

NOTA: Esta gramínea encontra-se nas margens dos rios e riachos e noutros lugares úmidos, em densas formações.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 894, 1578.

Sporobolus tenacissimus (L.) Beauv. Ess.Agrost. 26. 1812.

N.v.m.: “Capim luca”, “Capim mourão”.

Lit.: M:2 (Duodecima species). L.1, Cap.1.

MARCGRAVE escreve sobre esta gramínea apenas uma frase que, entretanto, fornece os elementos imprescindíveis para determiná-la. Ele escreve: “Possue côlmo e folhas como a espécie anterior, porém, tem panícula mais comprida, quase do tamanho de um pé, composta mais subtilmente e de côr verde”.

NOTA: A espécie anterior de que MARCGRAVE fala, é Paspalum virgatum. O “capim luca” tem, de fato, o hábito esguio e as folhas dessa gramínea, porém, o porte é diferente. A comparação só se refere ao côlmo e às folhas. No resto, são dessemelhantes; a inflorescência é formada de espiguihas subtilíssimas e verdes.

Esta gramínea encontra-se em Pernambuco em verdadeiras formações, cobrindo várzeas inteiras. É bem uma planta que chama a atenção dos naturalistas.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 112.

-----  
**Família.CYPERACEAE**

Cyperus flavus (Vahl) Ness, Linnaea 19: 698.1847.

Lit.: M: 1 (Octava species). L.1, Cap.1.

Sobre “a oitava espécie” (de gramínea) diz MARCGRAVE: “Algumas radículas delgadas ou melhor, filamentos, produzem quatro ou cinco caules graminiformes, delgados, com três ou quatro pés de altura. Cada caule divide-se, por sua vez na extremidade numa umbela, como a grama ciperóide, a qual é formada de capítulos escamosos”.

NOTA: A grama ciperóide LINEU (74) determinou como C.flavescens, que cresce na Alemanha e nos países vizinhos e se caracteriza pela umbela de pedúnculos providos na extremidade de uma espiga densa e lanceolada. C.flavus é muito semelhante, mas, tem porte maior, embora nunca tenha visto espécimes de três a quatro pés, como o nosso o descreve.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1391, 1977, 1986,  
2262.

Cyperus luzulae (L.) Retz., Obs.4: 11.1786.

N.v.: “Capim de botão”.

Lit.: M: 1 (Tertia species). L.1, Cap.1.

Sobre esta ciperácea, deveras interessante devido à inflorescência branca, MARCGRAVE escreve: “Terceira espécie (de capim ou de gramínea). Tem caule triangular da mesma forma (como a Segunda espécie), mais ou menos da altura de um pé e, perto do chão, é revestida de duas ou três folhas oblongas e graminiformes. Na extremidade superior, porém, originam-se seis, sete ou oito capítulos brancos em pedúnculos curtos justapostos, tendo cada um, em roda, seis folhinhas verdes e agudas”.

NOTA: Esta ciperácea encontra-se nos pântanos.  
Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1823, 2307, 2447,  
2806.

Cyperus sesquiflorus (Torr.) Mattf. et Kük., Pflzr. 4(20): 591. 1936.  
N.v.m.: “Manibú”, “Capim santo”, “Capim de cheiro”.  
Lit.: M:1 (Secunda species). L.1, Cap.1.

MARCGRAVE descreve esta espécie, como segue: “Póde chamar-se “Capim triangular”, pois, tem caule triangular, de quinze, dezesseis, ou às vêzes, também vinte dedos de altura, provida com fôlhas basilares compridas, estreitas e nervadas, graminiformes. Na extremidade do caule existe um capítulo quadrangular, composto quase que de cinco glandes do tamanho de uma passa maior, em cujos lados se projetam quatro folíolos graminiformes; tendo o capítulo cheiro quase de “camomilla”.

NOTA: Esta ciperácea é bem conhecida. A inflorescência branca quadrangular, provida, muitas vezes, de outras laterais, esmagada entre os dedos, desprende cheiro ativo agradável, fato êste que deu ensejo ser denominada “Kyllinga odorata” (sinônimo) e “Capim santo”, “Capim de cheiro”. HOEHNE (36) acredita ser esta planta o “Jaçapé” de MARCGRAVE, que no entanto, ao nosso ver, é a seguinte.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 132.

Cyperus surinamensis Rottb., Descr.Nov.Pl.35.1773.  
N.v.: Jaçapé (M, P.1), Sapé (M, P.1)  
N.v.m.: “Capim da roça”  
Lit.: M:2 (Decima tertia species). L.1, Cap.1.  
P.1: 96 (De Sape, sive Jaçape, ejusque usu). L.4, Cap.58.  
P.2: 237 (Primum est gramen junceum, in text).L.4, Cap.56, Fig.237, Segunda.

Sendo idênticos os textos dos dois autores, damos a versão de PISO, que escreve capítulo próprio, sôbre esta planta. Êle escreve, “Do Sape ou Jaçapé e suas virtudes. O capim da feição de junco, eleva-se quase à altura de um homem”. MARCGRAVE diz: três pés nascendo de uma radicela geniculata, júncea, branca, e tem caule simples primeiramente, à maneira de um colmo de trigo, roliço que depois, se fende em algumas fôlhas graminiformes, estreitas tendo no meio uma nervura longitudinal branca. Não tem cheiro, nem produz flor nem sementes. Medra, gerálmente, no solo cançado procriando raízes debaixo da terra em todas as direções, que se estendem com viço admirável, produzindo novas plantas tenazes e flexíveis”.

IND.TERAP.: Tanto PISO como MARCGRAVE relatam que a utilidade dêsta planta consiste em servir de amarrilho, pois, ligando com a haste o membro mordido pelas cobras impede que o “virus” se propague no corpo e suba até o coração. PISO pensa, entretanto que ai se trata de uma superstição e atribue maior eficácia ao decocto da raiz tomado intèrnamente, que age contra envenenamentos.

Na 2ª ed. PISO reimprime o texto da primeira com pequenas modificações, e apresenta uma estampa que pode ser Cyperus surinamensis.

NOTA: NESS (31) acredita ser o “Jaçapé” de PISO uma Kyllinga.

Se PISO não tivesse dado a estampa, seria difícil determinar a planta. O Cyperus surinamensis é de fato provido de um caule delgado e roliço, embora raramente tão alto, como afixam nossos autores, e de brácteas que possuem nervura muito clara. A planta que PISO e MARCGRAVE viram, não possuía flores.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 762, 1869, 2611,  
3285.

Dichromena ciliata Vabl., Enum. 2: 240, 1806.  
N.v.m.: “Capim estrêla”.  
Lit.: M:1 (Quarta species). L.1, Cap.1.

MARCGRAVE caracteriza esta planta elegante, como segue: “Do raizame cabeludo provêm muitos caules roliços, tênues, da altura de um palmo, providos rente à terra de uma folhinha

graminiforme aguda, da qual sai o caule, como de uma bainha. A extremidade do caule cingem sete folhinhas em roda, estreitas, agudas, de uns dois dedos de comprimento verdes, mas, na parte interna, a começar pela inserção, alvíssimas. Por entre estas folhinhas, no meio, acham-se reunidos entre si alguns grãos semelhantes à aveia, nos quais se abriga a semente.

Caule e fôlhas são vestidos de pêlos brancos e moles”.

NOTA: NEES (31) reconheceu nesta espécie a planta de MARCGRAVE, a qual é realmente bastante bem descrita. Não admira ter esta linda planta atraído a atenção do naturalista alemão.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 122.

Fuirena umbelata Rottb., Descr. et Ic. Pl. 70: 1773.

Lit.: M:1 (Quinta species). L.1, Cap.1.

MARCGRAVE descreve esta planta entre as gramíneas e diz: “Tem caule triangular na base, que se eleva a quatro pés de altura mais ou menos; fôlhas quatro ou cinco arundináceas; de um dedo e meio (pés?) de comprimento aproximadamente e na extremidade superior, umbelas, carregadas de muitos grânulos agudos, quase como os espinhos de ouriço”.

NOTA: Esta ciperácea cresce em moitas à margem dos riachos.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1839, 2462, 3449.

Ramirea maritima Aubl., Pl.Gui. 1: 45. 1775.

N.v.: Paraturá (P.1, P.2).

N.v.m.: “Barba de boi”.

Lit.: P.1: 115 (De Paratura, e jusque qualitativus). L.4, Cap.90.

P.2: 238 (Paraturá). L.4, Cap.56.

PISO descreve esta planta na 2ª ed. de maneira seguinte: “Paraturá. Embora um pouco dessemelhante de um capim verdadeiro, todavia apraz-me colocá-la entre as gramíneas. Como a Carex, chamada pelos Belgas de “Halm”, nasce nos lugares arenosos marítimos da Holanda, assim quase se encontra esta “Paraturá” nas praias secas do Brasil. Eleva-se raramente à altura de uma perna humana. Tem caule duro, lenhoso, de côr ruiva, e fôlhas muito tênues, verde-escuras, mui ásperas ao tato e eretas em forma de um belo penacho. Tem raiz tênue, de cheiro aromático que se usa em fumigação e banhos nas afecções intestinais e retais, devido à faculdade não só emoliente, mas também, fortificante”.

NOTA: Esta planta encontra-se em formações densas à beira-mar. O caule é lenhoso e as fôlhas, todas dirigidas para cima, são pungentes.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 955.

Scleria pratensis Lindl.ex Ness, Nov.Act.N.Cur. 19. 1843.

N.v.: Capicatinga (P.2), Iacareatinga (P.2).

N.v.m.: “Alvarado”.

Lit.: P.2: 240 (Missis disputationum salebris).L.4, Cap.57, Fig.241, primeira.

PISO escreve: “Deixando de lado as dificuldades sobre o Acorus verdadeiro ou o Acorus aromático dos antigos e modernos, estou inclinado a considerar esta nobre planta, chamada “Capicatinga”, uma espécie de Acorus legítimo. É muito semelhante ao nosso europeu, morfológicamente, no que toca à raiz ou às fôlhas, excetuando o tamanho.

Mas, se bem que seja menor em volume, é-lhe superior em eficácia, em particular, a raiz que é quente e seca, agradavelmente amarga e aromática, mordendo a língua. Ela só ou misturada a outras é usada com feliz resultado não só para cortar os humores frios, mas também aplicada com preferência, nas intoxicações por via estomacal, tanto pelos adventícios, como pelos indígenas. Daí depreende-se facilmente que deve ser de qualidade quente em grau bastante intenso e Ter substância volátil. Não medra sempre em lugares paludosos, como a Iris, mas costuma crescer promiscuamente também em outras terras nas depressões férteis e, por isso, os bárbaros a trazem em grande quantidade”.

NOTA: SCHOTT (31) dá a esta planta o nome de Acorus brasiliensis, porém no Brasil não existe espécie alguma deste gênero. Segundo SWARTZ (31) a “Capicatinga” seria Scleria hirtella Sw. que se encontra nos trópicos da África e da América. Segundo NEES (31) é a planta pisoniana

A.nutans Nees (Scleria hirtella Hbk.) que foi encontrada na Bahia, mas, não em quantidade tão grande como nos tempos de PISO. Deve encontrar-se desde o Pará até o Sul do País. Mas como PISO viveu em Pernambuco a planta só pode ser a S.pratensis que cresce em abundância nas várzeas frescas. No que toca à substância volátil que encerra é semelhante à “cânfora” que se encontra nos rizomas de muitas Scleria.

Material ex.: Tapera – Pickel, 733.

-----

### Família.PALMAE

Astrocaryum aculeatissimum (Schott) Burret, Fedde Rep.35: 152. 1934.

N.v.: Airi (P.2)

N.v.m.: “Airi”, “Brejauba”.

Lit.: P.2: 129 (Sexta Airi). L.4, Cap.11, Fig.129.

Descrevendo algumas palmeiras PISO fala, na 2ª ed. da sexta espécie como segue: “A sexta, o “Airi”, é uma palmeira com fôlhas graúdas, estipe armado de espinhos muito agudos em toda a superfície, fruto redondo como nas outras palmeiras, porém não tão racemoso (i.e.: não com frutos tão densos) e com albumen branco, por dentro, e pingue, mas, não comestível. Tem madeira preta, pesada e dura que vai ao fundo se fôr jogada nágua. Alguns acreditam ser uma qualidade de “ébano”. Os Brasilianos e Tapuias fazem dela seus tacapes e pontas de flechas as quais se fixam com força, se penetram na carne. Do estipe golpeado extrai-se um vinho”.

NOTA: BURRET, (in litt.), afirma serem a estampa e a descrição realmente da palmeira “Airi”.

É uma palmeira do Sul do País, donde foi descrita primèiramente por LERY (44) e THEVET (84), donde hauriram LAET e PISO, sendo a estampa tirada por êstes últimos do livro de THEVET, como confessa o próprio LAET (43).

Astrocaryum vulgare Mart., Hist. Nat. Palm. 2: 74. 1824.

N.v.: Tucu (P.1), Tucum (P.2).

N.v.m.: “Tucum”, “Coqueiro tucum”, “Tucuma”, “Tucuma piranga”, “Tucum bravo”.

Lit.: P.1: 62 (Ea vero quae inter palmae silvestres, in text.). L.4, Cap.10.

P.2: 128 (Quinta Tucum). L.4, Cap.11, Fig. Errada.

Preterindo o que dizia na 1ª ed., onde confunde esta palmeira com o “Uricuri”, damos, em seguida, a tradução do trecho da 2ª ed. onde PISO diz: “A Quinta, o “Tucum”, é uma palmeira de porte mediano. Olhando as fôlhas assemelha-se à “Pindova” e, à “Tamareira”, quanto ao resto, estipe, ramos e fôlhas são aculeados, a madeira preta é muito dura, com a qual os indígenas fazem pontas de flecha.

Produz frutos redondos em cacho, de tamanho e forma do “damasco”, em número de duzentos a trezentos e mais, às vêzes, no mesmo cacho. Os porcos e macacos com êles engordam. Expreme-se dêles um azeite puríssimo, utilizado nos mesmos misteres que o das nozes de “Pindova” e tido em grande apreço entre todos os indígenas. Êstes frutos, em estado maduro, ficam pretos por fora e têm caroço branco, não desagradável, especialmente quando novo. Das fôlhas os Brasilianos extraem um fio muito delgado e forte, muito semelhante ao da sêda vermelha”.

NOTA: Segundo MARTIUS (49) e DAHLGREN (24) é esta a espécie pisoniana. As fôlhas fornecem fibras fortes que se extraem com facilidade.

Material ex.: Alagoas – D. Giovanetti, 50.

Attalea compta Mart., Hist. Nat. Palm. 2: 137. 1824.

N.v.: Pindoba (M), Pindova (P.1, P.2), Inaiá (P.2).

N.v.m.: “Pindoba”.

Lit.: M: 133 (Pindoba Brasiliensibus). L.3, Cap.18, Fig.134, primeira.

P.1: 62 (Quae Pindova dicitur). L.4, Cap.10, Fig.62, primeira.

P.2: 125 (Inter silvestres indígenas, in text.). L.4, Cap.11, Fig.125.



Embora sejam os textos dos nossos autores essencialmente idênticos, ao menos no que toca fôlhas, flores e frutos, preferimos dar o de MARCGRAVE, por ser mais minucioso. Êste escreveu: "A "Pindoba" dos Brasilienses é uma espécie de palmeira nucífera. Tem estipe, às mais das vezes, mais grosso que o "coqueiro", com porte igual ou também muito maior, pois, o estipe tem quatro, cinco ou seis pés de circunferência, casca grisalha ou cinzenta, glabra, na qual não aparecem as marcas como no "coqueiro". Possui fôlhas aladas como o "coqueiro", mas elas não dependuram em roda e, sim, ficam em pé. Na axila das fôlhas originam-se também ramos pendentes que produzem racemos, de quatro ou cinco pés de comprimento, cheios de flósculos; e depois delas nascem os frutos também em cachos, talvez um cento em cada, os quais caem quando maduros. O fruto tem tamanho e forma de um ovo ou pouco maior, tendo na ponta uma excrescência acuminada e, com a outra extremidade assenta sôbre um cálice ou cúpula como a noz do "pinheiro", constante de fôlhas triangulares. Maduro se torna verde-amarelado, por fora, ou também, pardo.

A casca externa (i.e.: o pericarpo) é filamentosa como no côco da Bahia, porém, não grossa, pois tem apenas o duplo da grossura da casca de um ovo, que pode ser esfolada mediante incisões; removida esta parte, aparece um pouco de polpa da côr do "açafraão", sem sabor particular, que os negros comem com farinha; esta envolve uma noz muito dura, oval, da mesma grossura, quase, da do côco, faltando-lhe, entretanto os três olhos. Cortando esta (noz) aparece ôca por dentro, com repartições como na noz de "nogueira" (a amêndoa branca), dura, de sabor de côco, porém muito mais sêco e não tão suave. Da polpa açofroada fazem azeite amarelo que se usa nos candeeiros; da amêndoa se extrae por pressão um azeite puríssimo, utilizável para condimento da comida enquanto fôr nova e, da mesma forma, nos candeeiros, quando velha. Ambos são de qualidade fria e aquêle da amêndoa obtido por prensagem, é empregado no lugar do óleo rosado. Da casca da noz fazem cachimbos para fumar, que chamam "Petumbuaba".

Das fôlhas desta árvore fazem tetos para as casas, esteiras, cestos e outros objetos. O fruto amadurece no mês de maio".

Segundo PISO colhe-se durante todo o ano e chamam-nos "Inaiá-miri".

USOS: Sôbre a utilidade da "Pindoba" PISO tem ainda o seguinte: "A medula da palmeira é fôfa e filamentosa, de fácil combustão, e por isso fazem dela lixívia boa e forte. Os portugueses empregam as fôlhas, por serem elegantes e rígidas, para enfeitar as casas e as igrejas. Aos indígenas servem para cobrir seus ranchos em vez de telhas, e dela fazem cestinhas e recipientes como de vime.

Do ápice do estipe escorre uma goma transparente, cheirosa e belíssima, que se usa, às vezes, em substituição à goma-arábica. A medula branca do vértice do estipe, que tem gosto de noz imatura de "nogueira", constitue ótimo alimento, comido com pão e sal.

Na 2ª ed. PISO reproduz quase o mesmo texto que na 1ª e acrescenta que esta palmeira forma matas densas. Não se pode saber, se com isto se refere aos cocais do Maranhão ou aos palmares de Alagoas, onde viviam os negros foragidos. Parece que se pode adotar a última hipótese, porquanto os cocos constituíam alimento para os negros, como conta MARCGRAVE, ao passo que o "babaçú" só cresce no Sertão e possui uma espécie de farinha no pericarpo.

NOTA: MARTIUS (31) acredita ser Attalea compta, a "Pindova" de PISO e MARCGRAVE e nisto o segue DAHLGREN (24).

BURRET (in litt.) pensa ser uma Scheolea ou Orbignyna. É verdade que êsses três gêneros tem cocos uni-a polispermos mas, pela descrição de MARCGRAVE depreende-se que se trata de uma noz biosperma. Mas nenhuma espécie dêstes gêneros têm drupas gordurosas que fornecem azeite, a não ser a Attalea compta e Attalea oleífera B. Rodr., e esta monosperma (26).

NIEMEYER (54) falando da "Pindoba" refere-se ao "babaçú".

Cocos nucífera L., Sp.P1. 1188. 1753.

N.v.: Inaiá guaçuíba (M, p.2), Cocoeiro (P.1), Coqueiro (M).

N.v.m.: "Coqueiro da Bahía".

Lit.: M:138 (Inaiá guaçuíba). L.3, Cap.14.

P.1:63 (Cocoeiro indica). L.4, Cap.10.

P.2:130 (Inaiaguaçuíba, vulgo Cocos).L.4, Cap.12, Fig.130.

O texto é quase igual em ambos os autores. Damos, p.i., em seguida, a tradução do texto de MARCGRAVE, por ser mais completo, o qual escreve: "Inaia-guaçuíba", cujos frutos são chamados pelos Brasilienses "Inajaguaçú", no Congo "Ejaquiambutu" e os frutos "Qiti inga quiambutu". – É a palmeira nucífera chamada pelos portugueses "coqueiro" e seu fruto Côco, o qual com seus três foraminulos representa o embrião. É uma árvore de estipe raramente reto, mas às

mais das vezes curvado, de quatro, cinco, seis e sete pés de circunferência e trinta, quarenta e, às vezes, cinquenta pés de altura. A casca é cinzenta como na “nogueira” e provida com uma espécie de marcas transversais circulares alternadas. O lenho não tem uso nenhum, pois, consta tão sómente de filamentos e é doce, repleto de um suco quase leitoso, motivo porque a árvore derrubada é procurada pelas formigas. É desprovida de ramos. Possui, na extremidade, quinze, dezoito, vinte ou mais folhas grandes, aladas, espaiadas em derredor, em parte eretas, estendidas ou pendentes, de aspecto gracioso. Na base, estas folhas aladas são vestidas de uma espécie de pano natural, de cor cinzento-escura, como se fosse um tecido cru de “cânhamo”; no decurso do tempo este tecido se deprende sacudido pelo vento seguindo-se outro. Cada folha alada tem o comprimento de uns dezesseis pés rhinlândicos e, na base, mais ou menos um pé de grossura, é dissecta em asas colocadas em fileiras e justapostas e opostas; cada uma destas folhas (i.e; os folíolos) tem três pés ou mais de comprimento, e dois dedos de largura, ficando mais estreita para a extremidade e acuminada, tendo no meio uma nervura longitudinal óssea e amarelada e, transversalmente coordenadas em finíssimas estrias verdes, (da mesma forma que ela) e carinada em toda a sua extensão, com a cavidade virada para baixo. Tem consistência semelhante á de folhas de Gladiolus, é verde-clara e luzidia, por entre as folhas aladas na extremidade da árvore, nasce uma vagem ou bainha de dois pés e meio, mais ou menos de comprimento, e nove ou dez dedos de grossura no meio, fastigada, verde, estriada, a qual, com o tempo, fica arruivada e se abre espontaneamente. Antes de romper-se, encontra-se incluso um caule elegantemente arranjado, com um pé de comprimento e três ou quatro dedos de grossura, dividido em diversos ramos de um ou um pé e meio de comprimento, ramos estes que, assim tão bem arrumados dentro da teca, representam uma espiga grande. Estes ramos são carregados de corpúsculos triangulares em toda a extensão e são do tamanho de amêndoas, brancos, os quais são esboços das flores e, depois, das nozes, pois, aberta a bainha esses ramos se desdobram à maneira de um arbúsculo e estentam flósculos amarelos. Dali chegam a desenvolver-se os frutos, sendo cada qual inserido no respectivo pedúnculo curto, da grossura de uma pena de ganso, e uma cúpula formada por escamas ruivo-amareladas. A noz nova é verde, amadurecendo fica amarelo-pálida e, completamente madura, é de cor lenhosa, de forma oblonga ou oval e quase triangular; muitas vezes com o comprimento de dez, doze ou quatorze dedos e com circunferência de dois e mais pés. O fruto todo consta primeiro de um tegumento externo, segundo, da casca e terceiro, da amêndoa, e quarto da água. O tegumento externo é glabro por fora e consta integralmente de fibras bastante grossas, longas e de cor arruivada á semelhança de linho, lembrando estôpa de “cânhamo” grosseira e crúa; e na parte onde a noz adere ao pedúnculo é grossa mais de dois dedos, enquanto nos outros lados tem apenas um de grossura. A casca é grossa como o crâneo humano e tem, na extremidade pela qual se fixa ao pedúnculo, três orifícios em que cabe um caroço de cereja. Na concavidade desta casca, i.e; em toda a parede interna, adere-lhe a amêndoa (i.e; o albumen) que por sua vez é revestido de uma cutícula própria na convexidade (entre a casca e amêndoa), de cor ruiva, de aspecto semelhante à noz moscada.

**Quando a noz é madura a amêndoa tem a grossura de dois teços de um dedo, é alva e túrgida de um latex, com sabor ds melhores avelãs. Basta a amêndoa de uma única noz, para saciar três pessoas e, finalmente, encerra na cavidade da amêndoa uma água, em pouca quantidade, é verdade, quando a noz é completamente de vez e a amêndoa tem alcançado a maturação, e não agradável para beber; quando porém a noz é meio sazendada, a saber quando o tegumento começa amarelecer, aquela cavidade é cheia de uma água muito suave (e encerra uma pinta holandêsa ou mais) de acôrdo com o tamanho. Essa água é então muito agradável para beber, doce, fresca e clara. Além disto, quando a água á abundante, a amêndoa é mole ainda e não tão saborosa. Para beber a água, escolham-se portanto (nozes) meio sazoadas e, para comer a amêndoa, as bem maduras, pois, aquela água é o alimento da amêndoa. E sendo ela madura expreme-se um leite, que se cozinha com arroz para sobremesa.**

Esta árvore tem na sua extremidade uma medula alvíssima quase bulbosa, pois, pode separar-se fácilmente em partes, à maneira do alho ou das cebolas. A esta parte chamam em latim “palma” e removendo-a, morre a árvore, donde o provérbio: Ganhar a palma. Essa medula é alvíssima salpicada de pontos como se fosse porosa, é succulenta, de sabor doce e melhor que as mais saborosas nozes: come-se crúa, seja pura seja com azeite e vinagre e, também, se cozinha. Durante o ano todo a árvore tem ao mesmo tempo flores, frutos imaturos e maduros.

Gosta dos terrenos marítimos e arenosos perto das sebes e muros; no interior, não se encontra ou mui raramente ou, caso fôr plantada alí, fica infrutífera e não alcança o justo tamanho”.

Em seguida, MARCGRAVE descreve o modo de germinar, plantar e transplantar do côco dos “coqueiros” novos (que nós saltamos).

PISO chama esta palmeira “cocceiro índico”. Admira-se que os estipes do “coqueiro” possam firmar-se ancorados tão sómente com radículas curtas, delgadas e mal cobertas com terra,

sem cair por terra, apesar do muito peso e volume, batidos ainda pelos ventos, às vezes, veementes. Acresce ainda que a parte do cáudice próxima à terra não é nem mais grossa nem mais forte que a ponta”.

Sobre a aplicação PISO traz o seguinte:

USOS: Na 2ª ed. lê-se que o “coqueiro” presta ao homem alimento e vestido, pois, aquele tecido fibroso que nasce ao pé das fôlhas serve para vestidos, as fôlhas material para cobrir casas, os frutos imaturos bebida e os maduros alimento agradável e além disto azeite, vinagre e álcool.

IND. TERAP.: A água de côco, embora fresca, tem propriedade quente e diurética. A amêndoa é quente e úmida em 1º grau e muito apetecida pelos escorbúticos. (P.1:24). O azeite que dêle se extrai é utilizado no preparo das comidas e na farmácia, pois, em nada cede ao azeite de amêndoas, remediando os males do peito, mas é também diurético e, tomando em quantidade maior, é laxativo.

Extrae-se, outrossim, por destilação um líquido, albicante e de virtudes exímias, pois, é utilíssimo para combater as viscosidades dos rins e dos genitais, sendo usado, além disso, como cosmético.

Na 2ª ed., o texto de PISO é essencialmente o mesmo.

NOTA: LINEU (74) menciona na sinonímia o “coqueiro” de MARCGRAVE. Pode ser que adotasse o nome específico proposto por MARCGRAVE.

O conceito emitido por MACGRAVE que, no interior, o “coqueiro” não cresce bem, é verdade, motivo porque predomina no litoral.

Copernicia cerifera (Arr.) Mart. Fl. Bras. 3(2): 547. 1882.

N.v.: Carana iba (M, P.1 e P.2), Anana chi cariri (M, P.1 e P.2) Tamar (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Carnauba”

Lit.: M:130 (Carana iba). L.3, Cap.17, Fig. 130, primeira.

P.1: 62 (Circa dioecisin Paraybajensem, in text.). L.4, Cap.10, Fig.62, primeira.

P.2: 126 ( Circa dioecisin Parayba). L.4, Cap.11, Fig.126, primeira.

Sendo esta palmeira descrita em termos idênticos preferimos a versão de MARCGRAVE porque é mais minuciosa. Êste diz: “ A “Carana iba” e “Anana chi cariri” dos Brasilienses”. É uma árvore de porte e altura da “tamareira”; com lenho duro, ruivo ou pardo, constituído internamente de fibras grossas, de nenhuma utilidade; casca grisalha, externamente guarnecida de caracas escamiformes desde a terra até certa altura, escamas estas que são colocadas em espiral, ficando as primeiras mais compridas, e, sucessivamente, mais curtas, e, finalmente, desprendendo-se a começar de cima; pois, as árvores adultas possuem a metade superior do estipe limpa, como o “coqueiro” e, sómente, a inferior escamosa; as escamas, porém nada mais são que os restos dos ramúsculos que caem, quando a árvore se eleva para o alto e, enquanto nascem novos, os ramos de cima permanecem e os de baixo caem, deixando apenas êsses restos escamiformes. Na extremidade superior expande seus ramos em derredor, seja dirêtamente para cima, seja para baixo e para os lados, como na “tamareira”, porém, de aspecto muito mais elegante. Cada ramo tem dois ou três pés de comprimento, é comprido agudo em ambos os lados e armado de espinhos duros, pretos, da forma de dentiscálpio; e, cada ramo tem na extremidade uma fôlha redonda, conformada e provida de pregas como uma umbela manualde senhora (chamada parasol pelos francêses), de côr verde, cortada em muitas outras fôlhas carinadas desde a periferia até quase ao meio adentro, semelhante às fôlhas (i.e., aos folíolos) da “tamareira”; cada uma destas fôlhas partidas tem cerca de dois pés de comprimento. Entre os ramos folíferos (i.e.: os pecíolos) prorrompem outros mais compridos, quatro, cinco ou seis pés longos, divididos em muitos outros ramos e ramúsculos, cobertos com lanugem esbranquiçada, alternos e saindo de uma espécie de pequena bainha, e nêles existem flores pequenas, amarelo-pálidas, sêsseis e constantes de três tépalas. Depois delas provêm os frutos, de forma e tamanho de azeitona, verdes, amargos, não comestíveis e de nenhuma utilidade. Derrubada esta árvore nunca mais brota do tôco; além disto, cresce devagar e necessita de muito tempo para ficar grande.

USOS: As fôlhas servem para cobrir casas e fazer cestos; do estipe fazem estacadas, nas quais trancam o gado e os jumentos, chamados vulgo “Curraes” pelos portugêses”.

Ao texto de MARCGRAVE, LAET acrescentou a descrição do “Caranna” feita por XIMENES, mas êle mesmo diz ser planta diversa, entretanto afirma podia suspeitar-se do nome semelhante tratar-se da mesma planta.

PISO falando dos frutos que os portugueses chamam “Tamar”, certamente devido à forma semelhante às “támaras”, afirma que, depois de maduros, ficam pretos e doces no mês de fevereiro, sendo comidos pelo gentio que lhes dá o nome de “Tirade”.

Na 2ª ed. PISO afirma haver duas espécies de “Carnauba”, apresentando a estampa de “Miriti”, como “Carnaiba II”.

NOTA: DAHLGREN (24) cita esta palmeira como descrita pela vez primeira pelos nossos autores

Esta palmeira encontra-se de preferência, no alto sertão. Alí usam os estipes como traves de assoalho e postes telegráficos e as folhas para extração da cêra e fabricação de chapéus. MARCGRAVE, entretanto, não fala disso e parece que, naquêlo tempo, não se usavam para êste fim.

Os sertanejos conhecem duas variedades de “Carnauba”, a branca e a preta, denominação esta proveniente da côr dos frutos.

Material ex.: Rio G.N. – Natal – Pickel, 919; Paraiba – Itabaiana – Pickel, 1406.

Desmoncus polyacanthos Mart. emend. Dr., Fl. Bras. 3(2): 313. 1881.

N.v.: Atitara, latitara (M).

N.v.m.: “Titara”10/03/99

Lit.: M: 64 (Atitara vel latitara Brasiliensibus). L.2, Cap.5, Fig.64.

MARCGRAVE descreve esta palmeira trepadeira, como segue: “A “Atitara” ou “latitara” dos Brasilienses. É um espinheiro com folhas do “Selo de Salomão”. Eleva-se à altura de sete, oito ou nove pés com caule bastante grosso e armado de espinhos agudos por toda a parte, emitindo um ou outro ramo maior (i.e. pecíolo), ramos êstes que, em (certos) intervalos, rodeiam o arbusto, tendo dois, três ou quatro pés de comprimento e espinhos aduncos e curvados para baixo, verdes com pontas pardas, e esplendentes; nêstes ramúsculos ficam as folhas (i.e. os folíolos) ora duas opostas, ora uma só isolada, inodoras de meio pé de comprimento e dois dedos e meio de largura mais ou menos, no lugar mais largo, e inteiramente semelhantes, em consistência e côr, às do “Selo de Salomão” ou “Lírio dos vales” e, no meio, tem uma nervura percorrendo ao longo e três ou quatro espinhos agudíssimos e eretos que guarnecem a folha em baixo. A extremidade dos ramúsculos (i.e. pecíolos) carece de folhas numa extensão de um pé mais ou menos, é também espinhosa e à maneira de flecha, tem forma de tricúspide, As folhas desta planta, antes de expandir-se, são fôrtemente dobradas, à maneira de folhas de palmeira, aderindo ao ramúsculo e, depois se desdobram. Neste arbusto provém aqui e acolá uma “vagem”, de um pé ou quinze dedos de comprimento, roliça e dois ou três dedos de grossura e acuminada em ambas as extremidades, curvada um pouco e, em toda a superfície, armada de inúmeros espinhos, e, verde no princípio, preteja e, abrindo espontâneamente, põe à mostra um ramo à maneira do “coqueiro”, dividido em muitos ramúsculos, de côr amarelo-esbranquiçado, nos quais são inseridas muitas flôres pequenas; depois surgem muitos glóbulos que se transformam em frutos”.

NOTA: DAHLGREN (24) pensa ser a “latitara” de MARCGRAVE a espécie supra. Idem CAMINHOÁ (18).

A “Titara” é muito comum nas matas úmidas, onde cresce à margem dos regatos e rios, onde cêrtamente MARCGRAVE a encontrou. Êle nada escreve, infelizmente, sôbre a utilidade desta palmeira-cipó. O estipe, muito fino e comprido que se encontra às vêzes formando novelos no chão nas matas é usado para cestos e, lascado em tiras, poderia ser utilizado para substituir a palhinha da Índia, na trançagem das cadeiras de palha.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 609.

Euterpe edulis Mart., Hist. N. Palm. 2:33. 1824.

N.v.: loçara (M), luçoara (M), Gioçará (P.2)

N.v.m.: “Jussara”, “Palmito doce”

Lit.: M: 133 (loçara et luçoara Brasiliensibus). L.3, Cap.18, Fig.133, segunda.

P.2: 128 (Quarta). L.4, Cap.11, Fig.127, segunda, epigrafada Urucury (errôneamente).

MARCGRAVE diz o seguinte sôbre esta palmeira: “A “loçará” e “luçoara” dos Brasilienses é uma palmeira. Alcança metade da altura do “coqueiro”, tem estipe linheiro, glabro, grisalho e gracioso (motivo porque se usa para madeiramento) até a extremidade, como no “coqueiro”. A inflorescência provém de uma “vagem”, a saber, um ramo com dois pés de comprimento mais ou menos que tem muitos ramúsculos expandidos cada qual com uns três pés de comprimento e flores pequenas

distribuídas em toda a superfície, que constam de três tépalas branco-amareladas e, no meio, alguns estamínulos amarelos; aliás todo o ramo com suas flores é amarelado. Depois das flores forma-se um fruto pequeno da conformação de um “côco”. Por cima de (outra) vagem, que envolve na sua origem o caule como uma bainha brotam fôlhas aladas como no “coqueiro”, porém mais curtas; como também as asas não são tão compridas e largas. Na extremidade da árvore, há comumente uma fôlha convoluta e ereta à maneira de fístula. A inflorescência é muito flexível podendo ser usada como vassoura e, mesmo como azorrague”.

PISO aproveita, na 2ª ed. a descrição de MARCGRAVE, encurtando o texto. O fruto, - acrescenta – preteja, quando maduro podendo ser comido. À estampa sobrescreve: “Urucary”, erroneamente.

NOTA: MARTIUS (31) seguido de DAHLGREN (24) consideram a planta marcgraviana como Euterpe edulis.

Segundo NIEMEYER (59) esta espécie tem estipe duro empregado em construções civis, como traves, caibros, ripas e estacas de cerca. MARCGRAVE não fala do “palmito”, porque no Nordeste brasileiro não se come esta iguaria, mas fala do fruto afirmando que serve para fazer cachimbos (M.274) = loçara ou Aquê!, confundindo ambos!

Mauritia vinifera Mart., Hist. N. Palm. 2: 42. 1824.

N.v.: Miriti (P.2).

N.v.m.: “Buriti”.

Lit.: P.2: 129 (Nona Miriti). L.4, Cap.11, Fig.126, segunda.

Sobre esta palmeira PISO diz na 2ª ed. que “A nona (palmeira) é o “Miriti”, originária do Ceará e do Maranhão. Produz um fruto esquisito, comestível e doce, do tamanho de um ovo. Tem casca vermelha com máculas pretas e, por dentro, tinta de sangue. Suas fôlhas têm grande estimação entre os indígenas que as usam como cobertura em vez de telhas”.

Ao tratar da “Carnauba” apresenta uma estampa epigrafada “Carnaiba II”, que parece ser uma Mauritia e diz: “Observei estas duas espécies de “Carnaiba”, que são muito semelhantes entre si, a não ser a discrepância da folhagem admirável e da conformação da casca, como se depreende das estampas anexas. A parte interna do estipe de ambas as árvores pega fogo com facilidade e queima muito tempo como um facho, assim que, viajando pelo sertão me tem sido de vantagem não só para alumiar, como ainda para afugentar insetos e cobras noctívagas”.

NOTA: Segundo BURRET (in litt.) a estampa representa uma Mauritia e DAHLGREN (24) acha que a “Miriti” de PISO é Mauritia vinifera.

Pyrenoglyphis maraja (Mart.) Burret, Fedde Rep. 34: 246. 1933.

N.v.: Maraiába (P.2).

N.v.m.: “Marajá”, “Marajá açú”, “Tocúm de Pernambuco”.

Lit.: P.2: 129 (Decima Maraiaba). L.4, Cap.11.

Sobre esta palmeira PISO escreve: “A décima, a “Maraiaba”, palmeira nativa da Capitania de S. Vicente, tem casca armada de espinhos e lenho duríssimo do qual se fazem arcos de côr negra. Produz frutos do tamanho de ovo de pomba, comestíveis e bastante agradáveis”.

NOTA: Em Pernambuco e Piauí chamam “Marajá” a P. setosa Mart. (DAHLGREN, 24) ao passo que, no Amazonas a P. Marajá.

Tendo PISO se referido à Capitania de S.Vicente, deve tratar-se do “Marajá” verdadeiro.

Syagrus comosa (Mart.) Becc., Agricolt. 10(2): 467. 1916.

N.v.: Aqué, Catolé (P.2).

N.v.m.: “Babão”, “Catolé”, “Coqueiro catolé”.

Lit.: P.2: 129 (Septima Aqué). L.4, Cap.11.

PISO escreve: “A sétima “Aqué”, uma palmeira de porte mediano com fôlhas cinzentas, produz frutos em cachos, do tamanho de uma ameixa, amarelos quando maduros, de sabor doce e caroço branco, agradável, do qual os habitantes fabricam um vinho. Os negros chamam-na no seu idioma “Catolé”. Esta árvore é própria do Brasil setentrional, não do austral”.

NOTA: Esta palmeira forma matas nos solos baixos e arenosos do Ceará, onde fazem o vinho de palma, chamado “aluá”. BURRET (in litt.) pensa ser a palmeira pisoniana a espécie supra, podendo ser entretanto, também Syagrus picrophylla (B. Rod.) Recc. Mas, esta última de cocos grandes (B. Rodrigues dá por engano 0,40x0,30 m !) e com mesocarpo astringente não é aproveitável para vinificação (11). “Catolé” chamam atualmente em Pernambuco S. oleracea.

Syagrus coronata (Mart.) Becc., Agricolt. 10(2): 466. 1916.

N.v.: Urucuri iba (M), Urucury (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Uricuri”, “Arycuri”, “Licuri”.

Lit.: M: 104 (Uricuri iba Brasiliensibus). L.3, Cap.6.

P.2: 127 (Quaedam vero sunt filis). L.4, Cap.11, Fig. errada.

Enquanto PISO confunde na 1ª ed. (pág.62) o “Urucury” com o “Tucú”, MARCGRAVE descreve a palmeira em questão bastante bem, que pode ser reconhecida. Eis o que escreve: “O “Urucuri-iba” dos Brasileiros é uma espécie de palmeira em tudo semelhante à “tamareira” exceto no porte e nas folhas que não são espinhosas. A inflorescência é como na “Joçara”; o fruto (que chama também “Uricuri”) provém em cachos como na “Pindoba” e cada um tem o tamanho de uma ameixa constando de um epicarpo amarelo e polpa amarela e fibrosa em quantidade pequena, doce e encerrando um caroço duro dentro do qual existe uma amêndoa branca, comestível. Cada fruto é engastado numa cúpula escamosa. Da casca do caroço, à qual se adata um tubozinho faz-se um cachimbo para beber o fumo de “Petum”.

USOS: Do lenho desta árvore abatida fazem por esmagamento (pois é completamente fibroso) sem trabalho especial, uma farinha que os portugueses chamam “Farinha de pau” e os Brasileiros “Urucuri-vi”, usada à falta de farinha de “Mandioca” tendo côr arruivada. Os ramos desta árvore, ou seja, as folhas, servem para cobrir casas e para amarras, porque são flexíveis e, por êste motivo, de grande proveito aos viajantes. Do fruto tiram um azeite como do da “pindoba”.

Nesta mesma árvore nasce um Polypodium, um “Caragatá” que fornece água para beber, chamado “Urucatu” pelos Brasileiros, planta esta que descrevi entre as ervas”.

Na 2ª ed., PISO copia o texto de MARCGRAVE mas troca a estampa.

NOTA: Sôbre a identidade desta espécie não há dúvida. BARBOSA RODRIGUES (11) HOEHNE (36) BURRET (in litt.), DAHLGREN (24) e PIO CORRÊA (22) são unânimes ser a palmeira “Urucuri-iba” de MARCGRAVE a S. coronata.

Ainda hoje os sertanejos usam a “Farinha de pau” e os cachimbos feitos dos côcos. É estranho não ter MARCGRAVE mencionado a existência de caracas que guarnecem o estipe em disposição espiralada, fato êste que é bastante característico para esta palmeira. Todavia, MARCGRAVE, indiretamente fala das caracas que compara com as da “Tamareira” dizendo que na palmeira, crescem um Polypodium, um “Caragatá” e o “Urucatu”, plantas estas que só se podem firmar devido às caracas e ao humus que nelas se acumulam. Dá-se o mesmo com o “dendêzeiro” e outras palmeiras.

A última frase de MARCGRAVE deve ser: “Nesta mesma árvore nasce um Polypodium, um “Caragatá” que fornece água para beber e o “Urucatu” dos Brasileiros, planta esta que descrevi entre as ervas”.

Syagrus oleracea (Mart.) Becc. Agricolt. 10(2):467.1916.

N.v.: Iraibá (P.2).

N.v.m.: “Catolé”, “Guariroba”, “Coqueiro amargoso”, “Patí”.

Lit.: P.2:129 (Octava Iraibá). L.4, Cap.11.

PISO temo seguinte sôbre esta palmeira: “A oitava, a “Iraibá”, é maior que as anteriores e comum nas matas de Piratininga. Na extremidade, ao pé dos ramos abriga-se uma medula alva que é tida como bom prato, seja crúa, seja também cozida com carne ou azeite. A massa mais dura é pisada e reduzida a pó semelhante á farinha, com a qual fazem beijús não degradáveis; do suco, entretanto, fazem um mingau muito doce e góstoso. Produz também frutos saboroso e doces.

Constitue um remédio para a fome dos viajantes que atravessam aquelas matas e vastas solidões”.

NOTA: (24) dá esta palmeira como pisoniana e também CAMINHOÁ (16).

Em Pernambuco esta palmeira cresce, especialmente, na zona da mata. É muito útil, motivo porque não é cortada na derrubada da capoeira destinada a novas plantações. As folhas são usadas

como filtro e saco (ou “tipiti”) na prensagem da mandioca ralada e, quando novas, são ornamentais. Por isso são usadas no Domingo de Ramos.

O côco come-se; tem pericarpo doce como mel (= “Iraibá”) e amêndoa saborosa; mas é muito atacado pela larva do Pachymerus nucleorum (Fabr.) que carcome a amêndoa.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 973, 1208.

-----

### Família. ARACEAE

Anthurium rubiflorum Engl., Bot. Jahrb. 25:371. 1898.

N.v.m.: “Milho de urubú”.

Lit.: M:9 (Planta e radice). L.1, Cap.7.

MARCGRAVE dá a descrição seguinte: “Uma planta. Das raízes surgem algumas fôlhas, com vinte ou mais dedos de comprimento, de côr verde-clara, luzidias e moles ao tato, de forma das de Lapathum maior, com nervura longitudinal grossa no meio, multiangular e, também, veias transversais salientes. Entre estas fôlhas eleva-se um caule (i.e. o espaço) roliço, da grossura do dedo mindinho e de comprimento de dois palmos, no qual há uma espiga de um palmo de comprimento, da côr do amêtilho da “noqueira” de cinco a seis dedos de grossura. Parece ser composta de gemas quadradas, tendo cada uma, no meio, um ponto castanho. Com o tempo, estas gemas saltam fóra (mesmo, quando a planta fôr arrancada e pendurada na parede do quarto) e, tendo saído três-quartos de dedo, são de côr castanha elegantes; emergindo mais, ficam de bela côr encarnada na outra parte, com apenas pouco de castanho em cima.

Quando o fruto inteiro tem saído fóra permanece pendurado (ao espádice) por três fios muito delgados. Internamente tem polpa branca e caroço no meio”.

NOTA: Esta planta rupícola ou epífita é muito abundante em Pernambuco, na zona da mata.

É provida de raízes brancas abundantes que funcionam como as das Orchidaceae, pois, possuem velame. A planta é geralmente bem maior, do que escreve MARCGRAVE; entretanto, a inflorescência é tal qual como êle escreve. Os frutos isolados que se desprendem do espádice recebem o nome de “Milho de urubú” pelo povo.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 943, 2373.

Caladium bicolor (Ait.) Vent., Hort. Cels. t. 30. 1800.

N.v.: Tajaoba miri (P.1), Mangara-miri (P.1 e P.2), Taioba miri (P.2).

N.v.m.: “Tinhorão”, “Ará”

Lit.: M:36 (Tortia). L.1, Cap. 17, Fig. 36, segunda.

**P.1:95 (Tortia Taioba vel Mangara-miri). L.4. Cap.55. Fig. 95, terceira.**

P.2:237 (Tortia, quae Taioba vel Mangara-miri). L.4.Cap.55.

Na 1ª ed. PISO escreve uma frase somente sôbre esta planta, ao passo que MARCGRAVE a descreve minuciosamente, como segue: “A terceira (espécie) tem fôlha não lactescente. Possui raízes como as outras espécies, caules (i.e. pecíolos) como na primeira (Xanthosoma), fuscos e fôlhas de forma sagitada como a segunda (Colocasia), mais estreitas porém, do tamanho de um pé mais ou menos, verde-escuras em cima e albicantes em baixo, com nervura e veias verde-amareladas e, no meio, purpurascetes. esta espécie floresceu em fins de abril de 1640. Em um caule comprido (como o possui cada fôlha, cuja metade superior era branca e à maneira de um corpo elíptico, fendida longitudinalmente pelo meio e escada em forma de canôa; a metade inferior era à maneira de culva, de côr verde e tamanho de noz de “noqueira” e da mesma forma, tendo uma abertura; com uma palavra, toda a flor tinha a forma da de Cucurbita, estrangulada nomeio enquanto crescia; através da metade branca da flor correm varias linhas brancas, cuja parte terminal nos bordos da fôlha (i.e. da espata) é purpurascete. No meio da flor existe um estame, da grossura de uma pena de ganso cilíndrico, fastigado na extremidade, de dois e meio dedos ou mais de comprimento, formado de corpúsculos clipeados e revestido de vilosidade curta e amerala que se pode detergir facilmente. Êsses corpúsculos são compostos de tal maneira que a coluna ou estame

aparece liso e roliço. Êsses corpúsculos são a semente. a flôr não tem cheiro qualquer perceptível; quando ainda fechada é toda verde. A mesma planta deu ainda flores mais tarde”.

PISO afirma na 2ª ed. ser o rizoma comestível, seguido a MARCGRAVE na descrição.

NOTA: Esta espécie é cultivada bastante, mas encontra-se também nas pastagens úmidas, onde cresce espontaneamente. O rizoma, porém, não é comível. CAMINHOÁ (55) afirma erroneamente ter PISO dado à planta o nome de “Erva de Santa Maria”, pois a planta pisoniana, assim denominada é Staurostigma.

Matériel ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 134, Escada, Pickel, 1980.

Colocasia esculenta (L.) Schott., Sun. 41.1856.

N.v.: Tajaoba (M,P.2), Tajaoba (P.1.).

N.v.m.: “Taioba”, “Taioba de S. Tomé”.

Lit.: M:35 (Secunda folio lactescente). L. 1, Cap. 55, Fig. 95, primeira.

P.1:95 (Harum una alba, in text.). L. 4, Cap. 55, Fig. 95, primeira.

P.2:236 (Secunda quae, in text.). L. 4, Cap. 55, Fig. 236, primeira.

Falando dos “Inhames” verdadeiros, MARCGRAVE escreve que “A Tajaoba do Brasilenses, cuja raiz denominam “Tajá”, encontra-se em três espécies (que são a espécie presente, a Caladium bicolor e Xanthosoma violaceum). A nossa espécie é descrita em segundo lugar. Dela MARCGRAVE diz: “A segunda tem fôlha lactescente e raiz globulosa, como na primeira. Desta raiz prorrompem quatro, cinco, seis e, às vêzes. mais caules (i.e., pecíolos), roliços, esponjosos, suculentos, verdes, grossos, de nove ou também doze dedos de comprimento, sendo que em cada caule se insere uma única fôlha, de forma e tamanho da erva Sagittaria (sagittifolia L.), enquanto a planta for nova; depois se torna três ou quatro vezes maior, do tamanho das da erva Petasites (Tussilago p.L.), tendo nervuras conspícuas, verde e mole ao tato como “Couve”, cingida na margem por duas veias.

USOS: A raiz cozinhada come-se ordinariamente como batata, pois, é doce e de sabor singular, semelhante ao almiscar ou à violeta.

As fôlhas de ambas as espécies, com seus caules grossos cortam-se e cozinham-se em água como verdura, pois, amolecem logo e sabem otimamente”.

NOTA: MARCGRAVE confundiu esta espécie com Xanthosoma, atribuindo-lhe fôlha sagitada, quando defato tem contôrno arredondado.

PISO chama as Tajaobas de “Couve” e descreve cada espécie apenas com uma frase,

Da espécie supra diz que é branca, tem fôlhas e raiz comestíveis, porém, laxantes. na 2ª ed. copia o texto de MARCGRAVE, porém, chama a planta erroneamente de “Mangara-peúna”, nome êste que atribuiu corretamente na 1ª ed. à Xanthosoma.

A comparação da “Taioba” com a “Couve” PISO tirou de LAET (43).

LINEU (74) considera esta planta marcgraviana como seus Arum esculentum que é uma variedade da espécie supra.

A “taioba” é usada ainda hoje em Pernambuco como sucedâneo da verdura e da batata, mas não é muito estimada por ser picante, mas cultivada e come-se em todo o Brasil.

**Matériel ex.: SP. São Paulo – Pickel, 4630.**

Dieffenbachia seguina (L.) Schott & Endl., Melet. 20. 1832.

N.v.: Aninga (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Banana do brejo”

Lit.: P.1:103, Fig. terceira. (Só a figura).

P.2:220 (Alter autem Aninga). L.4, Cap.49, Fig.220, segunda.

Tendo PISO apresentado na 1ª ed. apenas a estampa, supra esta falha na 2ª ed., dizendo o seguinte: “A segunda “Aninga” encontra-se nos mesmos sítios estagnados e alcança a mesma altura (i.e., quatro pés como Montrichardia ). Tem caule único que, entretanto, se divide logo em vários caules (i.e., pecíolos) grossos, moles e semelhantes ao junco e à Musa ou “Bacoba”, nascendo da ponta dêles uma fôlha muito grande, oblonga e provida de veias pouco numerosas.

Tem única flor, grande e branca, da qual se origina um fruto pouco vulgar, primêiramente verde, mas logo cinzento-amarelado, oblongo, grosso, compacto e composto de grãos com seus pontos. Nós a consideramos de nenhuma utilidade, mas para os índios é comestível na falta de alimento melhor”.



Falando, em seguida, de ambas as “Aningas” diz que têm raiz grossa, bulbosa (i.e. o rizoma), usada em medicina.

NOTA: Dessas propriedades medicinais trataremos quando estudarmos a Montrichardia, pois, é pouco provável que elas sejam extensivas à espécie supra, visto que a descrição parece ter sido feita à mão da estampa e todo o texto é apenas uma adaptação do que escrevera na 1ª ed. sobre Montrichardia, portanto de duas faz uma terceira espécie. Em todo caso a estampa representa a espécie supra.

Cresce no Maranhão, nos pântanos e na margem e nos remansos dos rios.

Material ex.: Bahia: Salvador, Pickel, s/n.

Heteropsis jermani OLIVER, Hook, Icon. P1.20, t. 1949. 1890.

N.v.: Guembe-guaçu (P.2).

N.v.m.: “Imbé-açú”, “Cipó Titica”.

Lit.: P. 2:249 (Sicut et illa quae Guembe-guaçu, in text.). L.4, Cap.59.

Como todos os “Imbés” arborícolas lançam raízes compridas e funiformes, também o “Imbé-açú” que penso ser o de PISO ocupa as árvores altas da mata, apegando-se ao tronco e formando touceira. Dali deixa cair raízes compridas até o chão; elas não são lisas como nas outras espécies e, sim, nodosas apresentando verticilos de pontas lenhosas, de palmo, que são as raízes aéreas abortadas.

**Sobre ela PISO escreve tão somente que entre os cipós se encontra “também aquele que chamam “Guembe-guaçu”, i.e., “Guembé grande” que tem raízes ultrapassando trinta côvados.**

IND. TERAP.: A casca pisada e colocada sobre brasas desprende fumaça, usada em sufimígios, para estancar os fluxos de sangue, especialmente nas mulheres”.

NOTA: Tudo o que PISO escreve sobre esta planta é tirado de LAET (18).

Esta planta existe nas matas de Pernambuco; a casca das raízes aéreas, quase preta e brilhante é dura, simulando cipó, pelo que PISO pode falar bem em “casca” que se deve ser pisada com força esmagá-la.

Montrichardia linifera (Arr.) Schott, Araceen betr. 5. 1855.

N.v.: Aninga iba (? , P.1 e P.2).

N.v.m.: “Aninga”, “Aninga assú”

Lit.: M:106 (Aningaiba Brasiliensibus). L.3, Cap.8, Figura errada.

P. 1:103 (Quae autem Aninga-iba dicta, in text.). L.4, Cap.70, Fig.103, segunda.

P. 2:219 (Quae autem Aninga-iba dicta, in text.). L.4, Cap.49, Fig.220, primeira.

Seguimos na descrição a MARCGRAVE que é mais minucioso que PISO. No referido capítulo escreve o seguinte: “A “Aningaiba” dos Brasilienses é uma arvoreta de cinco ou seis pés de altura, com um só caule e casca cinzenta á maioria da “nogueira”. Produz na extremidade sete, oito, dez ou também mais fôlhas grandes, com nervura e veiras conpícuas, de feição quase das de Sagittaria maior (S. sagittifolia L.); elas inserem-se no respectivo pecíolo que é suculento, da grossura do dedo mindinho de um pé e meio de comprimento e, no meio, um prolongamento como chifres (i.e., o brôto). Na mesma extremidade, entre as fôlhas, nasce uma pelota (que é o fruto dela), formada por muitas peças quadradas.

Come-se em tempo de fome. Traz uma flor única, grande, constante de uma fôlha única e carinada de côr amarelo-pálida e, no meio, um estame grosso e amarelo (i.e., espádice). Produz um fruto do tamanho do ovo de avestruz ou maior e da mesma feição.

Da madeira desta árvore, verde ou sêca, os Brasilienses fazem jangadas, i.e., duas balsas empregadas para atravessar os rios”.

Em seguida, LAET remete o leitor para o Comentário de PISO. Êste descreveu na 1ª ed. bastante bem a nossa planta, porém, confunde-a com a outra “Aninga” (Dieffenbachis sequinam), pois, compara as fôlhas ora com as da “Bananeira” (próprias de Dieffenbachia sequinam), ora com as de Nymphaea (referindo á Montrichardia). O fruto compara muito bem com o “Abacaxi”, dizendo que é verde, oblongo-redondo, compacto e composto de uma espécie de grãos com pontos.

Na 2ª ed. PISO reconhecendo o seu erro de ter misturado as duas plantas, trata delas em separado, porém, descreve a Montrichardia usurpando o texto de MARCGRAVE, reservando para Dieffenbachia o texto que êle mesmo usára na 1ª ed., eliminando o que se relacionava com Montrichardia. (É o texto traduzido ao tratar de Dieffenbachia).

Sobre o emprego medicinal PISO tem o que segue. Sem dúvida, tudo o que diz refere-se à Montrichardia e não à Dieffenbachia como já o fizemos ver atrás.

IND. TERAP.: A massa branca do fruto, reduzido a farinha, é comestível. tem sabor farináceo, mas sendo fria e flatulenta não é sadia, pelo que se come somente em tempos de fome, mas tomada em excesso pode levar à morte porque causa sufocação como os cogumelos terrestres. (De fato a planta é muito venenosa como afirma PIO CORRÊA (22).

Extrae-se também do fruto um azeite, sucedâneo do azeite de Alcaparras que se usa contra os mesmos males como a raiz.

A raiz, de qualidades frias, é aromática e desobstruente, sendo usada em fomentações especialmente nas creanças (P. 1:37), nas inflamações dos hipocôndrios e dos rins moléstias articulares e nos catarros (P. 1:22), tanto agudas, como crônicas, para grande alívio dos doentes. As pontas da planta usam-se em banhos e fomentações para curar tumores (P. 1:36).

NOTA: VELLOZO (89) afirma ter MARCGRAVE chamado de “Aninga-peri” à Montrichardia, mas sem razão porque não foi MARCGRAVE quem usou esse termo, nem foi para designar a Montrichardia. Foi PISO quem tomou este nome para designar o Heterotrichum tonum. VELLOZO aliás se refere à Montrichardia arborescens. Também AUBLET (10) pensa ser a planta pisoniana o Arum arborescens L.. CAMINHÓA (18), entretanto, refere-se à Montrichardia linifera.. ENGLER (31) ao tratar da planta supra, reporta-se à estampa de PISO.

A “Aninga” é bastante frequente nos rios de Pernambuco, especialmente entre Igarassú e Goiana, que aliás foi a zona melhor explorada pelos nossos autores.

Matériel ex.: Pernambuco – Goiana – Pickel, 3385.

Philodendron imbe Schott., Wien. Zeitschr. 3: 780. 1829.

N.v.: Guembé (P.2).

N.v.m.: “Imbé”, “Cipó de imbé”.

Lit.: P.2:249 (Inter has cipó, in text.). L.4, Cap. 61.

PISO descreve sobre esta planta apenas uma frase, a saber: “Entre estes cipós podem contar-se também o que tem o nome de “Guembé”. aquela erva certamente admirável e utilíssima principalmente para a fabricação de cabos de âncora, como tratei no livro sobre “Clima, rios e localidade”.

**No livro aludido da 2ª ed. pág. 10 PISO diz a respeito: “Entre essas trepadeiras é digna de ser citada aquela que recebeu dos Brasileiros o nome de “Guembé”. É usada (a raiz)???? na tecelagem à maneira do “cânhamo” e do “esparto”, ora para vários fins, ora em especial para cabos de âncora, pois, nenhuma outra matéria prima é mais apropriada para cordame e contra os embates do mar e, assim, como a planta gosta de água salobra, também a corda feita com ela e metida nágua marinha, conserva seu verdor primitivo. Segura bem os navios atrasados à âncora ou balouçados pelo mar não propriamente pela sua inata rigidez e pela natureza do fabricado e, sim, pela sua natureza inalterável e pela sua flexibilidade semelhante ao couro, de tal maneira que, saltando o navio para o alto, se estica ficando fina e, abaixando novamente, se contrae em cabo grosso, fato este que não se dá com as nossas enxároias que, muitas vezes, rompem devido aos embates e a violência das ondas”.**

NOTA: Este trecho sobre as cordas é adotado do livro de JOÃO DE BARROS sobre a Ásia onde se refere ao Cairo de côco (62), PISO também consultou o livro de LAET (43).

Os dados de PISO são suficientes para identificar a planta, nosso “Imbé” comum. Cresce de preferência nas matas, trepando até grandes alturas mediante as raízes-gavinhas, e lançando outras raízes aéreas, compridas e delgadas como cordões que se ramificam no chão. Os mateiros distinguem esta raízes de outras, como p. ex. das Vitaceas, pelo gosto acre e resinoso que têm ao serem mastigadas. Encontra-se o “Imbé” também fóra da mata, seja à margem dos rios, seja em lugares secos longe dos rios, mas ali não adquirem tanto viço, motivo porque não formam as raízes uniformes. Hoje usam-se essas raízes para amarras e cestinhos.

Matériel ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 3349.

Staurostigma riedelianum (Schott.) Engl. Fl. Bras. 3(2):206. 1878.

N.v.: “erva de Stª Maria” (M, P.2).

N.v.m.: “Jararaca-taia”.

Lit.: M:27 (Serpentaria maior). L.1, Cap.13.  
P.2:239 (Inter plantas huc olim). L.4, Cap.57, fig.240, errada.

MARCGRAVE escreve: “A Serpentaria maior ou Dracunculus maior polyphyllus é chamada pelos portugueses “Erva de Stª Maria”. Eleva-se a dois pés de altura com seus caules roliços da grossura de um dedo, variegados com verde, amarelo e branco, á maneira de cobra; cada uma traz uma fôlha com contôrno da de Paeonia mas subdividida em quatro ou cinco lacínias, tendo cada lacínia uma nervura grossa e incisões variáveis nos bordos, muito mais (profundas) do que nas fôlhas de Hieracium e Chondrilla; e são glabras e verdes. Entre os caules das fôlhas surge ainda outro, de cuja extremidade sae uma bainha (i.e., a espata), de um pé ou mais de comprimento, mais de cinco dedos de grossura, acuminada na ponta, que abrindo-se mostra um pedicelo (i.e., espádice) bastante grosso, havendo nêle disposto em espiga, como no “milho dos índios”, grãos do tamanho do milho, estriados, redondos, succulentos e formados de cinco ou seis partes, verdes no início, depois amarelos e variegados de pontos vermelhos pequeninos mas vermelhos quando maduros. Nestes grãos existe a semente de forma oval, e do tamanho de uma amêndoa de cereja.

A raiz (i.e., o rizoma) desta planta é redonda, igualando ou ultrapassando em tamanho uma maçã maior, coberta por uma película branco-arruivada, tendo em cima onde os caules brotam, muitos filamentos (radiculares). Tem sabor acre á maneira de Arum”.

PISO, ao tratar desta planta na 2ª ed., pensa ser esta Arácea introduzida da Europa e domesticada no decurso dos tempos. Segue na descrição ao texto de MARCGRAVE, alterando porém vários conceitos dêle. Deixou-se induzir a isso, por uma estampa de Dracunculus que teve à mão, e que descreve. Assim faz de duas uma terceira espécie. Póde duvidar-se, pois, se as qualidades medicinais sejam realmente da planta marcgraviana.

IND. TERAP.: PISO afirma ter a nossa planta as propriedades medicinais em grau mais intenso que a europeia. As fôlhas e raízes têm sabor acre e amargo, semelhante ao de Arum e de Dracunculus dos antigos, dissolvem os humores viscosos e espessos, são desobstruentes e adstringentes. É um remédio eficaz, usado pelos habitantes para curar úlceras rebeldes.

NOTA: Esta planta é bastante frequente no interior de Pernambuco. Arando acham-se os rizomas globulosos em certa quantidade, que permanecem no solo de agosto a fevereiro sem brotarem. Na estação úmida brota uma fôlha com seu pecíolo comprido, mas fica estéril quase sempre. A inflorescência nasce ao lado do pecíolo, mas é muito mais curta que êste.

Matériel ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 3614.

Xanthosoma sagittifolium (L.) Schott & Endl., Melet.19.1832.

N.v.: Tajaoba (P.1), Mangara brava (P.1).

Lit.: P.1:95 (Quarta est Tajaoba silvestris, in text.). L.4, Cap.55.

P.2:237 (Quarta est Tajaoba silvestris). L.4, Cap.55.

Sôbre esta planta nada informa exceto os usos medicinais.

IND. TERP.: O povo usava esta planta para fins superticiosos. O rizoma cáustico foi utilizado nos tempos de PISO em banhos, fricções e cataplasmas, nas doenças da pele, especialmente reumatismo articular. Êle afirma tê-lo usado com resultado feliz, mesmo nos casos crônicos.

Xanthosoma violaceum Schott, Ind. Sem. Hort. Berol. 370. 1853.

N.v.: Tajaoba (M, P.1 e P.2), Mangara peuna (P.1).

Lit.: M:35 (Prima folio lactescente). L.1, Cap.17, Fig. 36, primeira.

P.1:95 (Altera Mangara peuna, in text.). L.4, Cap.55, fig.95, segunda.

P.2:236 (Harum prima lactescens, in text.). L.4, Cap.55, fig.236, segunda.

MARCGRAVE apresenta uma descrição boa que permite a identificação da planta. Êle escreve: “A primeira (das três espécies) tem fôlha lactescentes e raiz orbicular, porém não bulbosa; por fóra, de côr encarnada e, por dentro, amarela, que cria muitos filamentos (radiculares) em baixo, que tem três ou quatro dedos de comprimento. Possui caule (i.e., um pecíolo) pardo ou fusco e fôlhas quase circulares e nervuras arruivadas”.

PISO chama-a corretamente de “Mangara peuna” na 1ª ed., dizendo que fôlhas e raízes são verdes e os caules rosáceos, mas apenas as raízes (i.e., os rizomas) são comíveis. VELLOZO (89) a chama p.i. de Arum nigrum.

Na 2ª ed. entretanto, dá o nome supra á colocasia, confundindo ambas, pois, afirma ser a Xanthosoma branca. O texto tomou emprestado a MARCGRAVE. Acrescenta ainda que não só a raiz, mais também as folhas são comestíveis, constituindo as últimas boa verdura.

NOTA: MARCGRAVE engana-se atribuindo a esta espécie folhas orbiculares, pois, essa forma é característica aos Colocasia.

CAMINHOÁ (18) reconheceu esta planta pisoniana.

Esta planta existe em Pernambuco, porém não se come. Em São Paulo, entretanto, cultiva e come-se a túbera passando ela por melhor do que a de Colocasia, por não ser picante.

-----

### Família. XYRIDACEAE

Xyris jupicai L.C. Rich. Act. Soc. Hist. Nat. Paris 1:106. 1792.

N.v.: Jupicai (P.1), Erva d'Empique (P.1).

Lit.: M:1 (Septima species. Gramen florens). L.1, Cap.1.

P.1:119 (De Jupicai, sive erva d'Empige, ejusque qualitibus). L.4, Cap.97, fig.119, primeira.

P.2:238 (In pascuis irriguis gramen florens). L.4, Cap.56, Fig.238.

MARCGRAVE registra esta planta entre as gramíneas dizendo: "É um capim florescente. Produz de um raizame muitos caules, de pé ou um e meio o de comprimento que se revestem na parte basal com folhas gramínoformes. Cada caule apresenta na parte superior um capítulo escamoso resplandecente de côr amarelo-pálida, no qual há uma única flor, constante de três folíolos amarelos (i.e., as tépalas)".

A descrição de PISO combina bem com a do seu colega. Escreve um capítulo próprio sobre esta planta e apresenta uma estampa. Eis a tradução: "Do "Japucai" ou " Erva d'Empige" e suas qualidades. Nas pastagens irrigadas surge à altura maior que os capins um caule tênue de junco, de uma planta mui semelhante a um capim, porém ôco e repleto de um suco refrigerante. Os Brasilienses chamam-na "Iupicai" e os portugueses "Erva d'Empige". Êste caule é mais abundante e mais freqüente nos meses das chuvas e é agradável não menos pelo seu aspecto, como pela sua utilidade, pois, é provido na extremidade de um capítulo pequeno e elegante".

Depois apresenta as propriedades medicinais seguintes:

IND. TERAP.: Esta conhecida planta foi usada nas afecções cutâneas especialmente, na empige e outras doenças originadas pelo calor e pela acidez dos humores. Emprega-se em estado fresco pisada e esfregando enèrgicamente a parte afetada. Êste tratamento mitiga a coceira e, finalmente, elimina o prurido por completo, junto com a empige.

Na 2ª ed. PISO aproveita o texto de MARCGRAVE, adulterando porém os conceitos dêle. Diz, p.ex., que o capítulo tem uma única flor e esta três ou quatro folíolos, o que MARCGRAVE não disséra.

NOTA: LINEU (74) determina a planta pisoniana como Xyris indica, AUBLET (10) entretanto, pensa ser Xyris americana, opinião esta seguida pelo Index Kewensis. Certamente não é esta última, porque, ela possui flores azues. SEUBERT (31) acredita ser a planta pisoniana Xyris laxifolia Mart.

Matériel ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 799; Prazeres – Pickel, 2242.

-----

### Família. BROMELIACEAE

Aechmea tomentosa Mez. Dc.Monog, Phaner. 9:257. 1896.

N.v.: Caraguatá (P.2).

N.v.m.: "Gravatá".

Lit.: M:87. Só a Fig. segunda.

PISO estava maravilhado com o belo aspecto das epífitas que, no Nordeste brasileiro, são principalmente as Bromeliaceae, das quais descreve as mais vistosas. Uma delas é certamente a espécie de que trata na 2ª ed. e que apresentamos em tradução: Ele escreve: “A quarta Caraguatá” é uma planta que cresce nas árvores e nos tôcos podres das árvores. De uma raiz filamentosa surgem seis, sete ou mais fôlhas, de um a cinco pés de comprimento, grossas com as de “Ananás” e três ou quatro dedos de largura, côncavas como um canal e denteadas nos bordos com acúleos pardos, agudose dirigidos para cima. No meio eleva-se um caule (i.e., o espaço), grosso, lenhoso, alto e provido de fôlhas alternas, na extremidade, porém, ornado com uma cimalha de côres variegadas”.

PISO apresenta a estampa da planta que descreve. Para ser justo é necessário dizer, entretanto, que copiou apenas o texto de MARCGRAVE referente á Gravísia exsudans, na conviçãõ, certamente, que se referia à estampa que LAET colocara erroneamente com mais outra para ilustrar o texto. (M:87). PISO modificou o texto de MARCGRAVE na parte tocante á inflorescência descrevendo simplesmente a estampa que representa, a saber, a planta Aechmea tomentosa.

NOTA: Esta Bromeliacea é muito bela: suas brácteas são de côr de rosa, as flores amarelas, não como diz PISO, de cores variegadas, e o espaço coberto de um feltro branco. As fôlhas são compridas e muito largas e os acúleos nos bordos são escuros. Devido ao peso enorme, a planta cae da árvore e vegeta no chão.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 3059.

Ananas sativus (Lind.) Schult. f., in R. & SCH.

**N.v.: Nana (M, P.2), Ananas (M, P.1 e P.2).**

N.v.m.: “Abacaxi”, “Ananás”.

Lit.: M:33 (Nana Brasiliensibus). L.1, Cap.16, Fig.33.

P.1:87 (De ananas, ejusque qualitibus). L.4, Cap.46, Fig.87, segunda.

P.2:194 (Nana Brasiliensibus, Ananas Lusitanis). L.4, Cap.37, Fig.195.

Enquanto PISO descreve o “abacaxi” sob o ponto de vista prático MARCGRAVE fa-lo, como sempre, sob o aspecto botânico, de modo muito minucioso. Ele começa: “A “Nana” dos Brasilienses e o “Ananas” dos portugueses á a “Iajama Oviedi” de CAROLUS CLUSIUS, Rar. Histor. lib.2, Cap.9, ou o “Strobilus” ou “Nux pinea” de MONARDES, cap. 63.

Do raizame provêm quinze ou mais fôlhas semelhantes ás de Aloes, com dois ou três dedos (deve ser: pés) de comprimento e um ou um e meio dedos de largura, no lugar mais largo, mais estreitadas em direção á extremidade. acuminadas, grossas, de um verde saturado, providas de denticulas nos bordos como dentes de Lynce; e no meio delas provêm um capítulo semelhante ao fruto de Cynara, composto de folíolos agudos da mesma conformação e de bela côr cinábria, que aumenta no decurso do tempo tomando forma de estróbilo e, durante o desenvolvimento, saem dentre êsses folíolos uns flósculos azues constando cada um três folíolos (i.e., tépalas). As fôlhas grandes da planta também são coloridas de uma vistosa côr vermelha do lado interno no lugar onde está o fruto. Quando o fruto amadurece atinge o tamanho de um melão comum dos maiores de forma oval, é formado por fora de excrescências, quase como umbigos humanos, que têm côr geral amarelada, porém encarnada nas margens, tendo cada um no meio um folíolo triangular, serreado e grisalho.

A fruta é de aroma suavíssimo e sabor quase como morangos, agradabilíssimo e muito succulenta ..... A fruta encerra gránulos de semente. A fruta madura tem no topo uma planta menor que se corta e se planta na terra, assim mesmo sem raiz (pois, não possui nenhuma) e produz uma fruta única no período de um ano e a fruta ao mesmo tempo procria uma planta e sendo plantada esta, arranca-se a velha e joga-se fóra por ser imprestável”.

Sôbre os usos PISO e MARCGRAVE comunicam os detalhes seguintes:

USOS: Segundo MARCGRAVE o suco da fruta se expreme mistura-se com água e dá-se aos doentes, como na Europa o hidromel. A fruta serve também para fazer consevas em açucar que se pode guardar.

O “abacaxi” amadurecido pela força do sol, chamado “Nana cacaba” não é tão bom como o que se deixou amadurecer no campo. PISO conta que o “abacaxi” é a melhor fruta do Brasil, constituindo ótima sobremesa, e come-se tanto crú como em conserva. Tomado em excesso, em estado crú, fere a língua e causa dores de garganta, motivo porque se corta em talhadas que se põem no vinho onde perde as qualidades nocivas e, ao mesmo tempo, comunica ao vinho sabor agradável e cheiro bom. O sumo da fruta é refrigerante, excitante e tonifica o estômago.

IND. TERAP.: Segundo PISO, o sumo ou vinho de “abacaxi” remedia a supressão das urinas e as dores nefríticas e serve como antídoto, especialmente da manipuera (P.1:48) e do veneno das cobras (P.1.43). Para o mesmo fim serve na falta do fruto a sua raiz e o aguardente de “ananas” O aguardente todavia, tomado em excesso ataca as vias urinárias. PISO recomenda-o também aos escorbóticos (P.1:24).

A fruta verde ou não completamente sazoadada é prejudicial às gestantes, da mesma forma como o “Karawata” (sic. i.e. B. karatas). Devem abster-se da fruta, embora madura, também os doentes de febre e os que têm feridas ou úlceras, porque esquenta de tal modo os humores que impede o restabelecimento ou causa até pioras.

PISO termina a sua exposição com as palavras seguintes: “Admira-se ter dito MONARDES ser a fruta “Ananás” fria e úmida. Menos erra CRISTOVAM ACOSTA quando afirma ser ela quente e úmida”.

NOTA: LINEU (74) traz na sinonímia também os nomes dos nossos autores.

Bromelia karatas L. Sp.P1.1.285. 1753.

N.v.: Nana brava (M, P.2), Caraguatá-acanga (M, P.1 e P.2).

N.v.m.: “Gravatá de raposa”, “Gravatá de gancho”.

Lit.: M:33 (Reperitur et Nana brava, in text.). L.1, Cap.16.

M:88 (Caraguatá acangá). L.2, Cap.18, Fig.87, primeira.

P.1:111 (Primam itaque et praecipuam Caraguatá-acanga). L.4, Cap.82, Fig. 111, primeira.

P.2:191 (Primam itaque et praecipuam Caraguatá-acanga, in text.). L.4, Cap.36, Fig.192, primeira.

P.2:196 (Sivestres quoque dantur Ananas). L.4,. Cap.37.

MACGRAVE descreveu duas vezes as mesma planta, a saber á pág. 88 a planta florida e, á pág.33 a planta com os frutos. Á pág.88 escreve: “A “Caraguatá acangá” produz de dentro da terra fôlhas com sete ou nove pés de comprimento, um dedo e meio de largura e côncavas como calhas, verde-claras, tendo perto da base unhas de côr vermelha viva, espessas, acuminadas na extremidade e armadas nos bordos com acúleos em intervalos de uns dois dedos. Do meios das fôlhas saem rente á terra flores justapostas formando um escudo redondo, de côr azul-purpúrea, tendo no meio estames brancos. Cada flor tem um dedo de comprimento e consta de três tépalas. Produz fruto comestível, de cinco dedos de comprimento”.

Falando á pág.33 do “abacaxi” acrescenta: “Encontra-se também uma “Nana brava”, i.e., silvestre, cujo fruto é de grande tamanho, do de uma melancia oval, sendo composto de cilindros quadrangulares, com extremidade quadrado-piramidal, amarelados na maturidade, que podem separar-se uns dos outros. Êles são ôcos como um osso da cabeça de bezerro que chamamos “Den Mitzan”, e encerram inúmeros grãos ovais e amarelado-pálidos, maiores que os de Papaver maior, suaves e cheios de um líquido doce como mel. Cada corpo cilíndrico expreme-se separadamente dentro da boca mediante os dedos, chupando-se aquêles grãos envolvidos naquêle melado que tem sabor agradabilíssimo. O fruto global pode cortar-se também transversalmente em talhadas”.

**PISO traz-nos a respeito mais alguns elementos que caracterizam a nossa planta, quando escreve sôbre as várias espécies de “Caraguatá-acanga”, que se recomenda pelo fruto comestível e pelas qualidades medicinais. Medra geralmente nas terras férteis, tendo sido silvestre antigamente, mas cultivada agora pela sua utilidade e elegância. Produz fôlhas mucronadas á feição de espada, muito compridase serreadas em ambos os bordos, com os dentes tão agudos que não se pode toca-las de forma alguma ou desenterrar os frutos, impunemente, os quais abriga bem guardados no seio. Os indígenas os oferecem nas feiras e os vendem. Têm forma de dedo, igualando-o em comprimento e grossura, côr branca dentro e fora, tirante a amarelo, semente globulosa e escura; polpa esponjosa e repleta de sumo abundante que muito apetece por causa do seu sabor acídulo. Cuidado, porém, para não tomá-lo em excesso, porque faz os dentes bôtos, fere a língua e a garganta, excoriando o céu da boca, de maneira que os marinheiros o chamam não sem razão “Slyptonge” (lixa-língua).”**

Em seguida PISO fala das aplicações medicinais e LAET dos usos.

USOS: LAET (43) relata que as fôlhas dão fibras, usadas para fabricar rêdes de pescar, e dos frutos se pode fazer um bom vinho que se pode guardar.

IND. TERAP.: O sumo do fruto é vermifugo, diurético, emenagogo e abortivo. Uma colherada do sumo adoçado com um pouco de açúcar produz efeito antelmíntico nas creanças e combate o escorbuto da boca das creanças. (P.1:24). Nas mulheres provoca, se não fôr tomado em

dose conveniente, forte menstruação e mesmo aborto. O suco é bom também para os doentes de febre.

PISO apresenta a estampa da planta e dois frutos em tamanho natural. A Ela é tirada do livro de LAET, á pág.552 (43).

Na 2ª ed. PISO reproduz mais ou menos o mesmo texto que na 1ª ed. aproveitando porém o de MARCGRAVE para completar as falhas. É excusado dizer que na opinião dêle há duas espécies, como aliás também MARCGRAVE admitira, mas comete ainda outro erro fazendo passar a dita planta como epífita.

NOTA: Pelo exposto vê-se que não se trata da "Caraguatá-acanga" de SLOANE (Bromelia pinguin L.) nem da Bromelia acanga de LINEU (74), com a qual êste relaciona a planta pisoniana. Bromelia karatas L., nome êste proposto por LINEU e ainda outro erro fazendo passar nossa planta, é uma mistura de duas, pois LINEU incluía na diagnose (Mant. II.) também a "macambira" (Bromelia fastuosa LINDL.).

AUBLET (10) considera a planta pisoniana como sendo Bromelia karatas, idem JACQUIN (40) e PIO CORRÊA (22) pensa ser Bromelia pinguin.

Esta planta acaule de aspecto hórido, encontra-se nos campos e matas do Interior no Nordeste, porém não em terrenos férteis ou cultivada, como afirma PISO. É planta bem conhecida entre a população que procura os frutos para comer; aliás as raposas também os procuram para o mesmo fim. Quando nova e durante a floração as fôlhas permanecem eretas para vedar o acesso e atraindo os visitantes pelo cheiro forte de ananas. Durante a floração e frutificação as brácteas ou fôlhas internas que ficam cada vez mais curtas, são róseas. As fôlhas tem a base coberta com pêlos densos de côr parda (donde o nome específico do sinônimo Karatas lagopus E. Morren.) e, da mesma forma, os frutos têm pêlos. A frutescência forma um conjunto globuloso como uma corbeille á flor da terra que aparece sómente pela parte superior. O nome "acanga" quadra bem para a planta. A Bromelia pinguin L. agora B. antiacantha Bestol. é espécie litorânea, bastante diferente, especialmente por ter os frutos em cacho numa haste bastante alta. PISO tirou quase tudo de LAET (43) especialmente a descrição dos frutos individuais que compõem a corbeille.

Matériel ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1221.

Encholyrium spectabile Mart. et Schult f., Syst. 7: 1233. 1829-30.

**N.v.: Caraguatá (P.1).**

N.v.m.: "Gravatá", "Macambira".

P.1:112 (Aliae denique dantur Caraguatae species). L.4, Cap.82.

P.2:193 (Aliá denique Caraguatae species). L.4, Cap.36.

Embora PISO falasse na 1ª ed. de várias Bromeliáceas rupícolas epidendras refere-se a esta á pág.112 e, na 2ª ed. que me parece ser mais correta. Êle escreve: "Vê-se ainda outra espécie de "Caraguatá" forrando rochedos medonhos e os montes. Tem fruto, embora insípido, de uma bela côr purpúrea que se poderia chamar "Ananás silvestre", que fica cheio de numerosas sementes. Possui fôlhas grossas, denteadas, largas e curvadas á maneira de Dipsacum, que encerram, às vêzes, mais ou menos meio sextário (i.e: 0,270 l.) de água limpa, para grande consolo dos viajantes que, a caminho do sertão destituído de fontes, procuram essas plantas afim de matarem a sede. Como aconteceu a mum mais de uma vez quando devassei a região do Interior acompanhado de indígenas. Em cima dessas plantas nasce como na Europa em cima dos Carvalhos um Polypodium excelente, preferível a todos os outros para usos medicinais'.

NOTA: A descrição que PISO apresenta quadra muito bem com o Encholyrion, especialmente, considerando outros característicos que deu na 1ª ed. Alí relata que "os frutos tem bela côr purpúrea, aliás semelhantes em forma à Cinara, e são por assim dizer "Ananases silvestres", cheio de sementes numerosas, sôbre um caule tênue e reto".

**Esta Bromeliácea reveste as rochas e penhascos do Sertão no Nordeste brasileiro em formações densas que são quase impenetráveis por causa das fôlhas espinhosas em roseta. A inflorescência tem analogia com a do "abacaxi", pois, compõe-se de cápsulas conatas, mas é cilíndrica e encontra-se na extremidade de um escape "tênue e reto", muito comprido.**

Na 1ª ed. PISO falava de espécies de "Caraguatá" que se vê aderir aos penedos, que nascem á maneira de Viscum nos ramos e troncos de árvores. Na 2ª ed. menciona também um Polypodium. De fato às Bromeliaceae epífitas associam-se muitas vezes o Polypodium e outras plantas. Encholyrion entretanto nunca é epífita, mas só rupícola e não encerra água na axila das fôlhas, de maneira que há confusão da parte de PISO.

Matériel ex.: Pernambuco – Caruarú – Pickel, 4240.

Gravisia exsudans (Lodd.) Mez, Fl. Bras. 3(3):300. 1891.  
N.v.; Caraguatá (M, P.2).  
N.v.m.: "Gravatá".  
Lit.: M:86 (Caraguatá planta crescente in arboribus). L.2, Cap.18.

Sobre esta Bromiliácea que achou interessante e digna de registro MARCGRAVE relata o seguinte: "O "Caraguatá" é uma planta que cresce nas árvores e nos troncos podres. De raizame filamentoso e fixado sobre os troncos e ramos de árvores originam-se nove, dez ou mais fôlhas, de um a cinco pés de comprimento e grossas como em "Nana", com três a quatro dedos de largura, côncavas como calhas, e denteadas nos bordos com acúleos castanhos, agudos e virados para cima.

Por entre essas fôlhas sâe um caule (i.e., o escapo) esbranquiçado, roliço, da grossura do dedo mindinho, de dois pés mais ou menos de comprimento, lenhoso e meduloso o qual tem, nos lados uns capítulos dispostos dois a dois e, na parte extrema, quase sempre cinco, da forma de Cinara e do tamanho de uma noz de "nogueira", compostos de fôlhas grossas e aculeadas, de côr encarnada elegante".

NOTA: Esta planta é frequente nas matas de Pernambuco, como epífita e, tendo caído no solo devido ao seu peso, também é terrícola. É pena, não ter MARCGRAVE falado da espuma que se acha nestes capítulos, por entre as brácteas, donde vem o nome específico da planta.

Matériel ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 2233.

Tillandsia usneoides L., Sp. Pl. 2<sup>a</sup> Ed. 411. 1762.

**N.V.: Çamambaya.**

N.v.m.: "Samambaia", "Barba de velho".

Lit.: M:46 (Çamambaya Brasiliensibus). L.1, Cap.22.

MARCGRAVE escreve sobre esta planta: "A "Çamambaya" dos Brasilienses é uma erva filamentosa pendente das árvores altas, de côr grisalha e quase lanuginosa; árvores inteiras ficam cobertas com ela. É um fio, ao qual são inseridas alternadamente e em certos interstícios, seis, cinco, três, dois, ou também uma só fôlha, semelhante ás de Rosmarinus, sem cheiro".

NOTA: LINEU (74) ao tratar desta espécie identifica-a com a planta marcgraviana, o que é confirmado por MEZ. (31)

É muito comum esta epífita nas matas e caatingas sêcas, onde entretanto a umidade atmosférica é grande, facilitando o desenvolvimento de líquens e plantas semelhantes, como as Tillandsia e outros gêneros.

Matériel ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 139.

-----  
**Família. COMMELINACEAE**

Commelina elegans H.B.K., Nov. & Sp. 1:259.1817.

**Lit.: M:8 (Planta haec). L.1, Cap.6, Fig.8, primeira.**

A erva é descrita por MARCGRAVE como segue: "Esta erva cresce até um pé de altura ou mais, tendo caule nodoso que deita em parte no chão e, em parte, é ascendente e a parte procumbente cria muitas radículas. Os nós distam mais ou menos três dedos, dos quais saem as fôlhas, uma ou duas com o comprimento do dedo mindinho, com uma nervura e cinco ou seis veias longitudinais, como em Plantago, verdes em cima e um tanto acinzentadas em baixo. Na extremidade do caule encontram-se duas fôlhas pequenas bivalves, da feição da concha que chamam "Misella", de cujo centro nasce uma flor elegantemente azul formada de duas tépalas apenas, quase redondas e alguns estamínulos azues com ápices amarelos.

A planta toda apresenta-se de alguma maneira como uma Gentiana. A raiz é roliça, tênue, comprida, desprovida de radículas, mas de côr hepática".

NOTA: Esta erva encontra-se em profusão desde o litoral até a zona da mata em Pernambuco, formando às vêzes formações viçosas. As flores são azul-claras.



Matériel ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 2736, 4050, 4103; Recife – Pickel, 4221.

Commelina martiana Seub. Fl. Bras. 3(1):265. 1842.

**Lit.: M:8 (Reperitur et alia planta). L.1, Cap.6.**

Esta outra espécie é descrita sumariamente. MARCGRAVE diz apenas: “Encontra-se ainda outra planta com flores semelhante às de Lotus tetragonolobus, fôlhas oblongas e caule grosso, estriado, pouco hirsuto e provido de muitos ramúsculos”.

NOTA: Esta Commelina é a mais rara, crescendo muitas vezes de permeio com a outra. Suas flores são azul-escuras, de notável beleza.

Matériel ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 2746.

-----

### Família. PONTEDERIACEAE

Eichhornia paniculata (Spreng.) Solms, Dc. Monogr. Phan. 4:530.1883.

N.v.m.: “Aguapé”, “Pavoã”.

M:53 (Planta haec.). L.1, Cap.25, Fig.53, segunda.

Diz MARCGRAVE: “Uma planta. De uma raiz branca e succulenta, oblonga e guarnecida de muitas radicelas filamentosas, nascem quatro, cinco, seis ou mais caules roliços, ôcos ou fistulosos, verdes, esponjosos, de dois pés ou mais de altura. Cada um sustenta porém uma só fôlha e, na extremidade, uma espiga que nasce do lado do caule como de uma bainha. Cada fôlha tem quatro ou cinco dedos de comprimento, é luzidia, verde e cordiforme. As flores pequenas são dispostas em espiga, oblongas e formadas de seis tépalas, os de cima de côr azul purpúrea, as de baixo tirando a purpúreo-escuro. A flor é destilada de cheiro”.

NOTA: É uma planta aquática ou paludosa, crescendo em maciços, nas valas e nos brejos.

Matériel ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 4182.

-----

### Família LILIACEAE

Aloe barbadensis Mill., Card. Dict. 8<sup>a</sup> Ed.:2.1768.

**N.v.: Caraguatá (M, P.2)**

N.v.m.: “Erva babosa”, “Babosa”

Lit.: M:37 (Caraguatá Brasiliensibus. Erva Babosa Lusitanis). L.1, Cap.18, Fig.38.

P.2:193 (Tertia Caraguata, Lusitanis Erva-Babosa). L.4, Cap.36, Fig.193.

A tradução do texto de MARCGRAVE é como segue: “Caraguatá” dos Brasilienses e “Erva babosa” dos portugueses e Aloe dos Latinos. A raiz combina com a de Aloe americana de DODONAEUS, e as fôlhas com as de Aloe vulgaris.

De uma raiz grossa e curta surgem vinte ou mais fôlhas grossas, succulentas, acuminadas, denteadas ou espinhosas nos dois bordos, com um ou também dois pés de comprimento, verde-pálidas e maculadas aqui ou acolá de cinzento. Por entre as fôlhas eleva-se um caule (i.e., o escapo) de três ou quatro pés de altura, dividido em dois ramos, cada qual levando uma espiga de flores amarelas. Todas as flores são ôcas, de um dedo de comprido e, na fauce, fendidas em seis peças e contendo outros tantos estamínulos amarelos com ápices amarelos. A flor toda insere-se no respectivo pedicelo curto, pendendo com a abertura para baixo, mas enquanto fôr fechada é voltada para os lados. É desprovida de cheiro”.

LAET acrescenta, na anotação, para confronto, a descrição desta planta feita por XIMENES.

A descrição da mesma feita por PISO na 2<sup>a</sup> ed., é apenas uma adaptação do texto de MARCGRAVE.

IND. TERAP.: PISO afirma que os cirurgiões usam a “Erva babosa” na cura das úlceras fétidas como detergente e purificante, a virtude purgativa que alguns lhe atribuem, êle não pôde experimentar em sua clínica.

NOTA: LINEU (74) considera Aloe vera como planta marcgraviana. SEUBERT (31) também a identifica, chamando-a Aloe barbadensis Mill.

A “Erva babosa” encontra-se em Pernambuco desde o litoral até o sertão sêco. A inflorescência não é sempre ramosa ou bifida.

Matérial ex.: Pernambuco – Tapera – Olinda – Pickel, 2398.ç

Smilax campestris Gris., Fl. Bras. 3(1):21. 1842.

N.v.: lupicanga (P.1, e P.2).

N.v.m.: “Japecanga”.

Lit.: P.1:99 (De lupicanga, ejusque facultatibus). L.4, Cap.62, Fig.99.

P.2:257 Similem quam chinae radicem). L.4, Cap.65, Fig.257.

PISO confunde diversas espécies de “lupicanga” descrevendo três sub una, mas – parece-me – fala principalmente de uma que é a mais comum. Na 2ª ed. deixou, por isso, de mencionar a observação que a planta produz cachos, porque esta particularidade é própria da espécie seguinte. Sigo a versão da 2ª ed. que tem texto mais claro. Ali PISO escreve: “Esta terra produz também uma raiz semelhante àquela que costumam chamar “Raiz China”. Melhor se diria “Pseudo-china”, da qual DODONAEUS e outros escrevem, a saber uma, muito nodosa e lenhosa, que nasce especialmente na Paraíba em grande quantidade. Forma algumas túberas, como se pode apreciar da estampa anexa, e tem côr ruiva por dentro e por fóra. Ao todo encontram-se três espécies, embora conhecidas de poucos, que receberam todas o mesmo nome devido à grande semelhança que têm entre si. Querendo empregá-las, porém, como mezinha é necessário distingui-las, pois, se deve escolher a mais grossa, a mais glabra e colorida que se reconhece facilmente tanto pelo tamanho do pé da planta, como pelos caules menos espinhosos. Suas ramas são armadas de espinhos alternos, muito agudos, e se agarram á maneira de Clematis às árvores vizinhas e à sua copa com suas gavinhas espiraladas. Possui fôlhas pouco dissimilhantes ás de Plantago e bagas de côr de “açafraão” tirantes a ouro”.

IND. TERAP.: Sôbre o uso medicinal PISO diz que serve para curar os mesmos males como na Europa a “Radix China”, a qual entretanto, é melhor, e preconiza-se nos espasmos. (P.1:20).

NOTA: Esta “Japecanga” é muito abundante em Pernambuco, no campo aberto ou nos bosques. Parece que é a de que MARCGRAVE fala quando diz que há outra espécie mais vigorosa (validior M.11). Ela encontra-se em todo o Brasil.

Segundo PIRAJÁ DA SILVA(68) tratar-se-ia da Herreria salsaparilha Mart.

Matérial ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1245.

Smilax phyllobola Mart., Fl. Bras. 3(1):21.1842.

**N.v.: lupecanga (M, P.2), Sarçaparilla (M, P.2).**

N.v.m.: “Japecanga”

Lit.: M:10 (luapecanga Brasiliensibus). L.1, Cap.7, Fig.10, segunda.,

P.2:257 (Licet a plurimi Incolis). L.4, Cap.65, Fig.258, primeira.

MARCGRAVE descreve esta espécie como segue: “A “luapecanga” dos Brasilienses e “Salçaparilla” dos Espanhóes. O caule é sarmentoso, lenhoso, flexível, verde e reptante, tendo acúleos agudos ou espinhos, aqui e acolá. Tem fôlhas isoladas, com cinco, seis e também doze dedos de comprimento, acuminadas no ápice, e três, quatro ou cinco dedos de largura no lugar mais largo, nas quais três nervuras conspícuas atravessam todo o comprimento e tem muitas vênulas transversais em disposição flexuosa, sendo verde-claras por baixo e verde-escuras por cima. Em cada pecíolo da fôlha (que é curto) saem duas gavinhas flexíveis e compridas, mediante as quais se agarra firmemente às outras plantas. Produz flores em cacho; depois seguem bagas, verdes a princípio, depois cinábrias, mas quando maduras pretas, globulosas, do tamanho de cerejas medianas; todas juntam-se por um pedicelo curto em umbelas, reunindo-se dez ou doze pedicelos num pedúnculo maior. As bagas são rugosas como cerejas sêcas. Encerra um ou dois caroços amarelo-brancos, duros, havendo neles uma amêndoa dura, esbranquiçada”.

Dá-se ainda outra espécie mais vigorosa. Veja MONARDES, Cap.22.

À margem do texto de MARCGRAVE segue uma anotação de LAET que traz à baila o que escreveram XIMENES sobre a “Sarçaparilla” da Nova Espanha, e MONARDES, na Edição de CLUSIUS.

PISO fala várias vezes na 1ª ed. da “Salsaparilla” e transcreve na 2ª ed. o texto de MARCGRAVE, estropiando, porém, no que toca o arranjo dos frutos, tão característico.

NOTA: A estampa parece ser feita por MARCGRAVE, mas foi retocada posteriormente. As nervuras transversais, e uma inflorescência parcial (a de racemo) não são dêle e foram emendada já na 1ª ed..

A espécie mais vigorosa de MARCGRAVE é Smilax campestris Gris., como já foi dito. PIRAJÁ DA SILVA (68) pensa tratar-se de Herreria salsaparilla Mart.

A “Iuapecanga” de MARCGRAVE encontra-se tão somente na mata, como bem observa PISO, bem caracterizada pelas umbelas que nascem num galho desprovido de fôlhas.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 3246, 3960.

-----

### Família AMARYLLIDACEAE

Fourcraea cubensis Haw., Syn. P1. Succ. 72. 1812.

**N.v.: Caraguatá-guaçu (M, P.1 e P.2)**

N.v.m.: “Gravatá-açu”.

Lit.: M:67 (Caraguatá-guaçu). L.2, Cap.1.

P.1:112 (Hactenus de Caraguatá). L.4, Cap.82, Fig. 111, terceira.

P.2:192 (Secunda, Caraguatá guaçu sive major species). L.4, Cap.36, Fig. 192, segunda.

Ambos os nossos autores dão uma descrição exata dêste vegetal aclimatado no Brasil desde tempos imemoriais, mas só MARCGRAVE descreve-o botanicamente, motivo porque prefiro dar a tradução do texto dêste cientista. Ele escreve: “O “Caraguatá guaçu” (que é a espécie maior) nasce de um tronco fabuloso que se parece com uma cebola em tamanho, forma e côr e tem na parte inferior muitas radículas filamentosas. Surgem primeiramente três, quatro ou cinco fôlhas grossas, succulentas, verdes, côncavas, e depois nascem outras mais; tem forma de um triângulo mui agudo e são eretas, postas em volta e oito, dez, quinze (?) pés de comprimento e um pé de largura, acuminadas na extremidade e armadas nos bordos, em direção á base, de dentes agudos e arruivados. De um só tronco procedem trinta ou quarenta fôlhas (que têm três dedos de espessura segundo PISO).

De entre fôlhas, quando a planta atingiu dois anos de idade surge um caule ou tronco (i.e., o escapo) excedendo em grossura a de uma perna, direito, esponjoso ou mole e vestido de fôlhas triangulares menores, alternas, com dezoito ou vinte pés mais ou menos de altura, que se desdobra na extremidade em um caule fino e fastigiado à maneira de uma copa com seus ramos, por sua vez, têm raminhos e muitos corpúsculos cônicos, de quase um dedo de comprido, os quaes abrindo mostram a flor. É formada de cinco (?) fôlhas (i.e., tépalas) do tamanho das flores de “Ibabiraba”, verde-amareladas, com alguns estamínulos no meio; a flor tem a forma de estrêla. Desenvolve-se e atinge a altura máxima em pouco tempo”. Em seguida, MARCGRAVE fala dos usos.

USOS: A raiz e as fôlhas novas pisadas e jogadas na água são ictiocidas, pois, os peixes ficam atordoados e nada á tona. de modo que se podem pega-los á mão.

Segundo PISO, as fôlhas fornecem fibras, usadas como estopa e para a fabricação de rêdes e fio de pescar, mas como observa MARCGRAVE, servem também para a confecção de pano semelhante ao tecido de Linho.

O botão encerra, segundo MARCGRAVE, fios brancos como algodão que se pode extrair (?). O escapo sêco arde como estopim, sendo usado para tirar fogo mediante um pau duro (M:273). É tão leve e, ao mesmo tempo, tão resistente que pode ser usado para varais de liteira. PISO levou um dêsses escapos á Holanda, onde foi guardado no Horto Botânico de Leide.

IND. TERAP.: PISO observa que o escapo furado ou ferido, verte um líquido espesso e pínque que supre a ausência do smegma.

Na 2ª ed. abandona a descrição que fizera na 1ª ed. adotando a de MARCGRAVE, embora muito encurtada.

NOTA: LINEU (74) pensa ser a planta marcgraviana Agave americana deixando-se enganar por LAET (43) que apresenta a estampa dêsse vegetal. A estampa de PISO é, porém, uma Fourcraea.

MARTIUS (31) determina a planta como Fourcraea cubensis, idem CAMINHOÁ (18) e JACQUIN (40). O “Nequametl” de LAET (43) é a mesma planta, enquanto que M. PIO CORRÊA (23) afirma tratar-se de Fourcraea gigantea Vent.

Em Pernambuco, onde se cultiva o “Gravatá-açú”, como também o “Henequen”, existe uma fábrica que explora essas plantas para obtenção de fibra e celulose. Na Paraíba existe uma indústria caseira que da fibra fabrica cordas.

O escapo sêco tem uso como varas para cerca, como materia prima para afiadores de navalha, fundos de caixas de insetos e para carvão, que se vende com o nome de “carvão expès”.

MARTIUS (49) diz que os Tupinambás usaram o escapo maduro para canudos de fumo ou cachimbos.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel , 1353.

Hippeatrum psittacinum Herb., App. 31. 1821.

N.v.; tupa ipi (M, P.2), Cebola albaraa (M, P.2).

N.v.m.: “Cebola cecem”, “Açucena do Campo”.

Lit.: M:32 (Tupa ipi Brasiliensibus). L.1, Cap.15.

P.1:117 (Planta est nobilis). L.4, Cap.95.

P.2:235 (Illa autem quae humi crescit). L.4, Cap.55.

MARCGRAVE apresenta a descrição seguinte: “A “Tupi ipi” dos Brasiliesnses e “Cebola albaraa” dos portugueses éum Squilla. Tem bolbo branco, redondo, do tamanho da nossa maçã; é coberta de uma película escura, e produz em, baixo, muitas racicelas, algumas até nove ou dez dedos de comprido e emite duas, três ou quatro fôlhas, de um pé ou um meio de comprimento e quatro dedos de largura no lugar mais largo, espessas, suculentas, verde-claras, luzidas, atravessadas de linhas longitudinais e transversais mais verdes”.

PISO emprega os mesmos nomes vulgares, mas confunde esta planta com Catasetum, na 1ª ed., entretanto vendo a descrição marcgraviana compreendeu tratar-se de duas plantas diferentes, nem na 2ª ed. consegue separá-las e fala de um bolbo enorme que cria e, assim de duas faz uma terceira espécie.

NOTA: Os espanhóes compararam bem esta planta com a “Cebola albarrana”, como chamam a Urginea maritima (= Urginea scilla) que possui um bolbo semelhante, embora maior.

MARCGRAVE não chegou a conhecer, infelizmente, a inflorescência linda desta planta, que aparece sómente na estação sêca depois de terem desaparecido tôdas as fôlhas. É abundante no Interior de Pernambuco, nos lugares altos.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1039.

-----  
**Família. DIOSCOREACEAE**

Dioscorea alata L., Sp. P1. 1033. 1753.

N.v.: Cará (M, P.1), Inhame de S. Thomé (M, P.1).

N.v.m.: “Cará mimoso”, “Cará inhame”.

Lit.: M:29 (Cará Brasiliensibus). L.1, Cap.14, Fig.29.

P.1:39 (Inhame de S. Thomé). L.4, Cap.53, Fig.93.

P.2:254 (Quae autem inhame de S. Thomé vulgor). L.4, Cap.64, Fig.255, segunda.

MARCGRAVE descreve minuciôsamente o “Cará”, ao passo que PISO o faz em termos abreviados. Aquêlê diz o seguinte: “O “Cará” dos Brasilienses e “Inhame do S. Thomé” dos portugueses e “Quiquoaquicongo” dos Congolêses é uma planta de caule quadrado, alado nos cantos, verde e arruivado aqui e acolá, um tanto contorcido; que serpeia longe, á flor da terra ou

sobre as cercas, e se propaga tanto que uma única planta ocupa facilmente horta inteiras com uma área de doze varas de cada lado (12 decópedas a 2,945m.).

O caule e seus ramúsculos atingindo a terra, aqui e acolá produzem fibras e emitem raízes; e mesmo, se não podem alcançar a terra, formam apesar disso essas raízes, que no entanto não podem chegar ao tamanho ordinário devido á falta de nutrição: de tal maneira a natureza é exuberante na propagação desta planta. No caule nascem, a sete, oito ou nove dedos de distância, dois pecíolos conchegados, de cinco ou seis dedos de comprimento, também quadrado e alados, nos quais assentam as fôlhas da forma da nossa Sagittaria, ou da parte posterior e circular de uma relha e com nove nervuras oriundas do ponto de inserção do pecíolo e correndo longitudinalmente salientes em baixo e profundamente imersos em cima; são acuminadas na extremidade, com ápice mole e de um dedo de comprimento, como a ponta duma relha. O caule incisado distila copioso líquido aquoso, à maneira das lágrimas da “videira”. A raiz é grossa ultrapassando um pé grossura, tem oito, nove, a doze dedos ou mais de comprimento, é revestida de uma película cinzento-fusca, e debaixo dela uma amarela, tendo por dentro carne branca, succulenta e quase leitosa”.

Em seguida, MARCGRAVE conta que teve suspensa na parede do seu museu uma túbera que ali germinou. Essa mesma planta enterrada produziu seis meses depois muitas espigas com corpúsculos triangulares e cônicos com flor amarela na ponta e sementes no bojo (i.e., a flor feminina).

Sobre os usos MARCGRAVE escreve o seguinte:

USOS: A túbera tem a forma de uma botina ou jarro alemão; cozida e adubada com manteiga ou azeite e pimenta tem ótimo sabor, mas é sêca e farinhosa, motivo porque é comido pelos Guineenses em vez de pão. PISO, comparando-a com a “batata-doce” afirma ser de pouco valor e, apetejada somente pelos pobres.

Na 2ª ed. PISO apresenta nova redação, completada com o texto de MARCGRAVE.

NOTA: LINEU (74) identifica a nossa planta como Dioscorea alata.

Material ex.:

Dioscorea trifoliata Kunth., Nov. Gen. 1:277. 1815.

**N.v.: Cará inambi.**

N.v.m.: “Cará nambú”.

Lit.: M:52 (Cará inambi Brasiliensibus). L.1, Cap.24.

MARCGRAVE menciona ainda esta outra espécie que descreve sumariamente: “O “Cará inambi” dos Brasilienses é uma espécie de “Inhame”, como caule que repta longe e tem fôlhas alternas, isoladas, algumas cordiformes e outras também auriculadas com nervura longitudinal e veias oblíquas e conspícuas. A raiz dela é branca”.

NOTA: Êste “Cará” é conhecido do povo com o nome de “Cará-nambú” e cultivado. As fôlhas tem três divisões e, então, são auriculadas, mas há também inteiras.

Material ex.:

-----  
**Família. MUSACEAE**

Heliconia acuminata A. Rich., Nov. Act. Nat. Cur. 15, suppl.26, t.11. 1831.

N.v.: Aglutiguepo obi (M, P.2), Acutitiguepo (M). Cotitepooba (M).

N.v.m.: “Caeteté”, “Bananeira do mato”.

Lit.: M:53 (Agutiguepo obi). L.1, Cap.25, Fig.53, primeira.

P.2:224 (Acutigépo-obi). L.4, Cap.50, Fig.224, segunda.

**MARCGRAVE escreve: “A “Agutigeupo-obi” ou “Acutitigeupo” dos Brasilienses. De uma raiz, em cima redonda, arruivada e succulenta que, na base, se prolonga seis, sete ou oito dedos obliquamente na terra adentro, e tem muitas radículas filamentosas e grossas, provém um caule de três, quatro ou cinco pés de comprimento, direito, como uma cana, de um dedo de grossura, tendo pecíolos alternos de dois, três ou também cinco ou seis dedos de comprimento, e**

**fôlhas que são um ou um e meio também dois pés longas e quatro dedos largas, acuminadas, elegantemente verdes, luzidas e membranosas e veias oblíquas subtilíssimas, marginada com linha vermelha. Na extremidade do caule nasce uma flor à maneira de um “lírio” elegantemente curvada, de côr de fogo, formada de três ou quatro fôlhas e junto de cada fôlha, três, quatro ou cinco estames da mesma côr e com forma de dente de javali”.**

PISO copia mais ou menos fielmente os conceitos de MARCGRAVE na 2ª ed.

Sôbre a utilidade nos informa MARCGRAVE como segue:

IND. TERAP.: MARCGRAVE diz: A raiz contusa é útil na cura das úlceras, pois, alimpa-se e provoca neoplasias. Em tempos de fome serve também de alimento, seja assada, seja cozida.

NOTA: LINEU (74) quer ver na planta marcgraviana a Thalia geniculata, mas isso está positivamente errado, pois a planta é, segundo PISO, habitante da mata e não aquática ou palustre, nem a descrição da flor concorda. VELLOSO (89) também identifica a planta assim, ao passo que PIO CORRÊA (22) dá o nome vulgar como sinônimo da “araruta” e da Thalia geniculata.

MARCGRAVE infelizmente não deu a estampa da flor, daí a dificuldade de identificar a planta. Considerando porém, que a flor podia ser a inflorescência, cujo conjunto se assemelha-se a um “lírio”, o caso estaria resolvido. As fôlhas então são as brácteas, em cuja axila se encontram as verdadeiras flores, as quais se parecem com presas de javali quando fechadas. Assim de fato, a descrição concorda admiravelmente com esta planta nordestina, freqüente nas matas.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 2539.

Musa paradisiaca L. subsp. sapientum (L.) O. Ktze var. argentea, Pickel, n.v.

N.v.: Pacoeira (M, P.2), Banana (P.1).

N.v.m.: “Banana prata”.

Lit.: M:137 (Pacoeira Lusitanis). L.3, Cap.14, Fig. 137, segunda ?.

P.1:76 (Banana paulo sunt longiores). L.4, Cap.27.

P.2:154 (Pacoeira vero, in text.). L.4, Cap.21, Fig.154, primeira.

MARCGRAVE descreve minuciosamente esta “bananeira”. “A “Pacoeira” dos portugueses – diz êle – não é de origem brasileira; a árvore é chamada no Congo “Quibuaaquitiba” e a fruta “Quitiba”, pelos Brasileiros “Pacobete” e pelos portugueses “Pacoba”. Nasce da raiz do modo seguinte: apontam primeiramente duas três fôlhas enroladas em tubo e, pouco depois, expandem-se uma para cada lado, ficando no centro um tubo foliar, e, assim a planta desenvolve-se, no decurso de três ou quatro meses até cinco, seis, sete pés de altura, com um caule da grossura de uma perna humana ou mais, esponjoso, semelhante á fôlhas encaixadas, podendo ser derrubado facilmente de um só golpe. Na extremidade tem oito, nove ou doze fôlhas elegantes expandidas, com quatro, cinco e às fôlhas encaixadas, podendo ser derrubado facilmente de um só golpe. Na extremidade tem oito, nove ou doze fôlhas elegantes expandidas, com quatro, cinco e às vezes oito pés de comprimento e quatorze ou quinze dedos de largura; em ambas as extremidades (a fôlha) é pouco estreitada, tem nervura longitudinal de um dedo de grossura, que prolongando-se além da fôlha seis ou sete dedos em comprimento desempenha as funções do pecíolo, tendo até seis ou sete dedos de grossura. Esta nervura é excavada com calha no lado superior, saindo para os lados transversalmente linhas finas, que começam na nervura. As fôlhas são de um verde elegante, lisas ao tato e sólidas como cartolina, crepitando da mesma forma; por isso não ficam inteiras por muito tempo, mas sacúdidadas pelo vento dilaceram-se transversalmente seguindo a direção das estrias e fazem barulho quando agitadas. Da extremidade dêsse caule esponjoso, i.e., do meio das fôlhas lança um ramo ou braço. Êste ramo tem logo no início meio pé de comprimento, é tenro e da grossura de um polegar e tem, na extremidade, um corpo cônico, do tamanho de uma pinha das maiores, de cinco dedos de comprido, formado de fôlhas largas, elípticas, de côr pardo-escura, estriadas, polvilhadas de uma espécie de pó cinzento; elas amoldadas uma em cima da outra, constituem aquêle corpo cônico e, dia a dia, abrem-se uma, duas ou três fôlhas desdobradas aparecem seis, sete ou oito flores juxtapostas em fileira, branco-amareladas, uns dois dedos de comprido, tendo o escapo forma semelhante a uma embarcação pequena, cuja parte fixa representa a prôa e a outra extremidade (livre) a pôpa, da qual emergem folíolos estreitos (i.e., os estames), tendo a forma dequêle instrumento que os marinheiros usam para umedecer as velas; êles ultrapassam a pôpa da flor de um dedo em comprimento, são branco-amarelados, fimbriados e atijolados nos bordos, e tem no meio um estame (i.e., o pistilo) amarelo e engrossado, com forma de bengala com botão na extremidade semelhante a que usam os negros. A metade da embarcação é descoberta mediante uma membrana, a começar da prôa, como nos nossos barcos de brinquedo e, debaixo desta membrana existe, por dentro do barco, um nectar ou líquido viscoso, frio ao tato, do gosto de mel, de consistência e côr semelhantes à clara de ovo fresco;

dêste líquido originam-se aquêles cinco folíolos e o estame; as formigas gostam muito dêsse nectar. A essas flores seguem os frutos enfileirados e apertados um junto do outro, cada qual com um pedicelo curto e trazendo na ponta uma flor no umbigo que, ao depois cae; mas o fruto aumenta dia a dia. Há quase sempre em um só ramo, dez, doze, quatorze ou dezesseis, de maneira que uma única planta produz setenta ou oitenta que de deixam enquanto verdes até amarelecerem.

A fruta tendo alcançado o tamanho normal é grande como o nosso “pepino”, oblonga e quase triangular, coberta de um pericarpo grosso que se pode dividir e descascar facilmente mediante os dedos. A polpa é mole como manteiga, tendo uma medula quase como no “pepino” no meio e em toda a extensão; tem bom sabor e come-se frequentemente, seja pura, seja com farinha ou cozida e frita em azeite ou manteiga. Aquêles ramos carregados de frutas cresce ainda enquanto estes amadurecem, atingindo o comprimento de dois pés ou mais, produzindo ainda flores naquele corpo (cônico) foliáceo, que, entretanto, caem sem esperança de se transformar em frutas, pois, a planta não produz maior número de frutas do que pode nutrir e formar. Estando maduras corta-se o ramo juntamente com as frutas e, da mesma forma, a planta toda, pois cada planta só vive um ano e frutifica uma só vez; muitas vezes também acontece que a planta cae e perece antes de serem maduras as frutas, a não ser que se escore; mas cair ou corta-la é a mesma cousa, pois, antes de envelhecer nasce um ou outro broto da raiz e fica junto da planta-mãe, sucedendo-lhe depois da morte, e assim a planta se propaga indefinidamente. Por isso, encontram-se hortas enormes cheias dessas plantas, pois, feita a plantação uma vez não há necessidade de trabalho ulterior. E, durante todo o ano, se pode comprar a fruta”.

LAET acrescenta, que não apresenta estampa, porque já a deu na sua “Descrição da América” (43).

PISO referindo-se á fruta escreve na 1ª ed. que “as “Bananas” são mais compridas, têm pericarpo amarelado e quadrangular e tendo-o retirado aparece um polpa mole, pingue e menos succulenta que na “Bacoba”; além disto tem propriedade mais fria nem é de tão fácil digestão, a não ser quando muito madura. Assada é útil aos biliosos, mas não aos pituitosos. Quando assada em estado imaturo remedeia disenteria.”.

O que PISO escreve em seguida da “Bacoba” que êle trocou com a “banana” deve referir-se á espécie que estamos estudando, pois, só a “banana prata” serve para os fins apontados, porquanto, segundo PISO “sêca ao fogo ou ao sol, se pode guarda-la por muito tempo e se exporta até a Europa e vende por toda a parte. Cortada em discos e frita em açúcar e ovos ou reduzida a pasteis é de ótimo sabor e alimento”.

Na 2ª ed. PISO apresenta um resumo do texto de MARCGRAVE e a estampa dos frutos que exatamente são “bananas-prata”, estampa esta que é de LAET (43). A estampa da planta, entretanto, foi retocada na Holanda por alguém que não conhecia de visu a “bananeira”, pois, o regime sae de baixo, ficando virado para cima.

NOTA: Segundo GABRIEL SOARES (79) a “prata” deve chamar-se “Banana”, como aliás também PISO o fez na 1ª ed., pois, é exótica, e como MARCGRAVE observa e MARTIUS (49) confirma.

Material ex.:

Musa paradisiaca L. subsp. sapientum (L.) O. Ktze. var. malus Pickel, n.v. \*

N.v.: Bacoba (P.1), Pacoba (P.2).

N.v.m.: “Banana maçã”.

Lit.: P.1:76 (Bacoba breviter est, in text.) L.1, cap.27, Fig.75.

P.2:154 (Lusitani fructus Pacoba, Brasiliani, in text.). L.4, Cap.21, Fig.154 segunda (o fruto) Fig.154, primeira (a planta).

**Embora PISO descreva duas espécies sub una dou, em seguida, a tradução daquela parte que se refere á variedade supra. Êle escreve na 1ª ed.: “Essas frutas são conhecidas de todos e são tão comuns que não há horta no Brasil, onde não se encontrem a cada passo.**

Não são, todavia, nativas aqui, mas essas plantas foram importantes de fóra. Os Brasilienses também não conhecem o nome delas em sua língua. SERAPION e AVICENNA, porém, afirmam serem conhecidas dos Africanos e Asiáticos desde a antiguidade que as chamam “Musas”.

Seguirei a descrição desta planta feita por MATHIOLUS, CLUSIUS e DODONAEUS, mudando porém o pouco em que alucinaram.

---

\* Fructu cylindrico, pericarpo tenui maturitate fisso, pulpa albicante dulci, sed cocta amaricante.

Há duas variedades que aqui descreveremos sub una (como se diz), devido à sua grande afinidade. São plantas muito belas considerando seja a fruta ou as folhas, seja a sua cultura ou o modo de crescer. Vingam em qualquer solo, mesmo no sáfaro e sêco. E em qualquer época do ano os habitantes se deleitam com as frutas.

O caule ou parte mais grossa da árvore é formada de folhas compactas e encaixadas como escamas, que se corta depois de colhidas as frutas, por ser imprestável, pois, só uma vez na vida frutifica.

**Mas, cortada a planta mãe, nascem da raiz seis ou oito turiões que substituem a progenitora e produzem frutas no ano seguinte. Ambos êsses frúuticos não possuem sementes e ramos; em vez dêles há folhas ornamentais bem verdes, atravessadas por uma única nervura grossa, de seis pés de longo por dois de largo. Um germe assaz longo surge do meio que é caracterizado por nodosidades númerosas nascendo-lhe na ponta um bulbo, da feição de um ovo e de côr rubra insigne, donde progerminam trinta, quarenta e às vêzes com frutas. Suspendem-se êstas nas casas até conseguirem a maturação completa”.**

USOS: Tanto a “Bacoba”, como a “Banana” são frutas de sobremesa e, como apraz a alguns, contam-se entre os figos. Causam flatulência, refrigeram pouco e exitam os órgãos sexuais. Não são muito alimentícias e de maior proveito ao peito que ao estômago, cujos calores suprime, como relata AVICENNA. A “Bacoba” é mais curta, mais redonda, sem os ângulos característicos, sendo além disto, mais pínque e mais digerível, daí ser a primeira das frutas de sobremesa”.

O que PISO relata, em seguida sôbre as “Bananas”, só se aplica á “Bananeira-prata”. Depois acrescenta:

“Na ilha do Maranhão, onde cresce exuberantemente, dela se faz vinho, que entretanto é durável, porém inebriante.

IND. TERAP.: Os frutos meio-assados são um alimento medicinal (P.1:30). O suco da “bacoveira” é útil na cura das feridas (P.1:36).

A água que se extrae do tronco da “bacoveira”, continuamente repleto de seiva, é tida em grande apreço pelos habitantes contra as afecções quentes do corpo, tanto internas como externas, porque é fria e astringente. As outras qualidades de que goza, AVICENNA, RHASES, ALMANSOR e SERAPION explicaram mais detalhadamente”.

Na 2ª ed. PISO repete a mesma introdução, mas descreve a “Pacoeira” seguindo o texto que MARCGRAVE usara na descrição da “Pacobuçu”, causando assim grande confusão.

NOTA: A estampa da planta que apresenta na 2ª ed., é cêrtamente ada “Bananeira-prata”, mas as frutas são de “Banana-maçã”. Como já dissemos, é provável ser a 1ª estampa da planta (não as frutas) da “Banana-maçã”.

O que PISO escreve na 1ª ed. sôbre os usos da “Banana-maçã” é alucinação, pois, não serve para doce, porque fica amarga, mas continua sendo a primeira fruta de mesa, pois, torna-se grande, macia e saborosa como manteiga, sendo o pericarpo fino de tal modo que se fende na maturação.

É de estranhar que MARCGRAVE nada tenha escrito sôbre esta banana, tão comum e de todas a melhor.

Material ex.:

Musa paradisiaca L. subsp. normalis O.Ktze. Ver. Sp.2: 692. 1894.

N.v.: Pacobuçu (M, P.2).

N.v.m.: “Banana comprida”, “Bananeira da terra”.

Lit.: M: 138 (Banana, Brasiliensibus Pacobuçu). L.3, Cap.14.

P.2: 155 (Banana, planta quae Brasiliensibus Pacobuçu dicta, in text.). L.4, Cap.21, Fig.154, segunda.

MARCGRAVE escreve: “A “Bananeira” chamada pelos Brasilienses “Pacobuçu” e pelos Congolezes “Quibuca quiacacala” e o fruto “Ticondo quiancacala”. Tôda a planta é como na “Pacoeira”, porém, aquêle corpo cônico e florífero é pouco menor e as flores diferem, pois, têm uns dois dedos de comprimento, côr branca amarelada e cheiro doce, outrossim, o escapo da flor não é navicular mas reto, embora cômcavo lembrando uma canôa brasileira; da parte posterior saem seis folíolos estreitos (i.e., os estames) da forma como na (espécie) anterior, e da mesma côr, mas falta o estame do meio (i.e., o estilete) e a metade anterior da dita canôa é coberta também de um opérculo cômcavo branco-amarelado. Da mesma forma como na “Pacoeira” as frutas são dispostas, alcançando a saber oito, nove ou dez dedos, porém nem sempre tão grossas e curvas ou lunuladas e estão com massa mais sêca, pelo que são melhores quando cozinhadas ou assadas”.



PISO aproveita na 2ª ed. o essencial do texto de MARCGRAVE.

USOS: A “Pacoba” e a “Banana” são alimentos medicamentosos (P.1: 30).

NOTA: Esta “Bananeira” é chamada muito apropriadamente “Pacobuçu”, porque a planta é alta e a fruta comprida. (A fig. de PISO 2: 152 segunda, representa “Bananas-maçã”). O cacho ou regime fica grande mas se deixa apenas uma planta na cova e o cacho deve ser escorado. A fruta não se come crua mas só cozida ou assada e em forma de doce.

-----

### Família. ZINGIBERACEAE

Costus brasiliensis K. Schum., Pflzr. 4(46): 403. 1904.

N.v.: Paco-caatinga (M, P.2), Perina (P.2), Cana silvestre (P.1), Cana do mato (M, P.2), lacuacanga (P.1).

N.v.m.: “Cana de macaco”.

Lit.: M: 48 (Paco caatinga Brasiliensibus). L.1, Cap.23, Fig.48, segunda.

P.1: 98 (De lacuacanga, alis Paco caatinga, ejusque facultatibus). L.4, Cap.60, Fig.98.

P.2: 214 (Quarta est Paca-caatinga, aliis Perina). L, 4, Cap.46, Fig.214.

MARCGRAVE escreve o que segue: “A “Paco-caatinga” dos Brasilienses, vulgo “Cana silvestre”, i.e., “Cana do mato”, tem caule como a Arundo, de um dedo de grossura, roliço, encerrando medula succulenta adocicada, da consistência quase da “Cana de açúcar”. Rodeiam-no fôlhas alternas, sésseis, com sete, oito ou nove dedos de comprimento, uns três de largura no lugar mais largo e, às vêzes, maiores, linguiformes e com nervura mediana longitudinal, sem veias laterais, mas providas de linhas subtilíssimas em direção oblíqua como nas fôlhas de “Meeru”; são glabras em cima e verde-claras em baixo, molemente hírsutas e esbranquiçadas. Na extremidade do caule tem um cone (como no pinheiro), de oito ou nove dedos de comprimento, mais estreito no ápice, dotado de escamas como na pinha que, na extremidade saliente, são douradas e, na parte encoberta de um vermelho vivo. No decurso do tempo essas escamas afastam-se uma da outra, aparecendo debaixo de cada uma delas uma flor branca, da feição de um alvéolo e levemente purpúrea; na base da flor há uma película branca formando um saco globuloso, no qual há vinte e quatro ou mais grãos, pretos, brilhantes, do tamanho das sementes de cebola, multiangulares. Os grãos são rodeados de filamentos brancos como linhas e neles fixados”.

Em seguida, MARCGRAVE fala das propriedades medicinais.

IND. TERAP.: O caule é calefaciente e chama os humores da cabeça e também dissolve os cálculos renais; os portugueses curam com o mesmo a gonorréia ou esquentamento (PISO diz “Scantamento”). É um grande remédio que se usa mastigando e engolindo o suco. Cura gonorréia dentro de oito dias sem nenhum outro remédio, mas deve mascar-se o caule freqüentemente durante o dia. Segundo PISO, é um depurativo dos rins, da bexiga e dos genitais, mas pode ser prejudicial pelo uso excessivo (P.1: 35).

PISO, dá na 1ª ed. uma descrição vaga, mas na 2ª ed. adota o texto de MARCGRAVE, bastante encurtado.

NOTA: LINEU (72) e AUBLET (10) dão a espécie marcgraviana como Costus arabicus L., SCHUMANN (31), entretanto, pensa serem as plantas de MARCGRAVE e a lacuacanga de PISO idênticas e as determina como Costus brasiliensis, LINDLEY (31), entretanto, lhe dá o nome de Costus pisonis.

AUBLET (10) relacionou com Costus também a “Paco seroca” de MARCGRAVE e duvidosamente com Alpinia racemosa L.

Esta espécie é muito abundante nas matas de Pernambuco; é volúvel, executando flexões espiraladas, mas não trepa.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 942, 2759, 3966.

Costus spiralis (Jacq.) Rosc., Monandr. Pl. 7.79. 1828.

N.v.: Paco caatinga (M), Cana do mato (M).

N.v.m.: “Cana do brejo”, “Cana de macaco”.

Lit.: M: 48 (Reperitur et alia species); (Sicuti et alia species). L. 1, Cap.23.

MARCGRAVE escreve pouco sobre esta planta julgando desnecessário extender-se, porque, é inteiramente igual à precedente. “Encontra-se ainda outra espécie semelhante à anterior, exceto que as folhas não são hírsutas em baixo e, sim, lisas como em cima e que as flores são vermelhas. E há outra espécie ainda que tem de peculiar somente isto que o cone consta de flores azuis que têm quatro folhas (i.e., tépalas) cada uma”.

NOTA: Estas duas espécies de MARCGRAVE deve ser uma e mesma planta pois, Costus spiralis tem flores mutáveis, ora róseas ou vermelhas, ora róxas ou, segundo PLUMIER, azuis.

PETERSEN (31) considera Costus spiralis como sendo uma planta de PISO, porém, como vimos, é Costus brasiliensis. LINDLEY (31) denomina-a Costus pisonis Ldl.

Renealmia petasites Gagnep., Bull.Bot.France, 4ª sér. 2: 26. 1902.

N.v.: Paco seroca (M, P.2).

Lit.: M:48 (Paco seroca Brasiliensibus dicta). L.1, Cap.23, Fig.49, primeira..

P.2: 213 (Tertia est Paco-ceróca). L.4, Cap.40, Fig.213, segunda.

MARCGRAVE descreve esta planta de modo seguinte: “A planta chamada pelos Brasileiros “Paco seroca” eleva-se à altura de seis ou sete pés; têm caule reto, esponjoso e verde, como a “Meeru” e folhas dispostas também alternadamente e do mesmo tamanho, da mesma forma e cor e com linhas semelhantes, mas na extremidade uma folha convolutada como na “Paco”. Na base do caule rente ao solo nasce um pedúnculo grosso, curto embora, e dividido na parte apical em ramúsculos que têm muitas flores, de um dedo e meio de comprimento mais ou menos, ôcas, semelhantes às de “Paco”, porém, de cor encarnada. A estas flores segue o fruto em cacho, de tamanho e forma de ameixa, com umbigo saliente, sendo verde-escuro e arruivado quando imaturo, triangular depois de maduro, com pericarpo quase igual à da casca da laranja, que abre espontaneamente em três partes e se separam facilmente. Internamente tem polpa exígua, filamentosa, do tamanho de uma avelã, divisível também em três partes mediante uma membrana amarela, sendo a polpa de cor cinábria, de cheiro vinoso, quase como o nosso marmelo, na qual se contém mais de trinta grãos, triangulares, fuscos, com uma mácula de cor de açafraão na parte mais aguda e do tamanho de um grão de cânhamo, tendo uma amêndoa branca. O pericarpo é suculento e tinga a pele de uma cor parda como as nossas “cerejas pretas” ou a “violeta”, sendo utilizado por este motivo como colorante.

As folhas novas, como também o caule e o fruto imaturo esmagados rescendem como “gingibre” muito suave”.

PISO reproduz na 2ª ed. o texto de MARCGRAVE quase *ipsis verbis*, acrescentando que a planta serve para aromatizar os banhos quentes.

NOTA: Já LINEU (74) e AUBLET (10) tentaram identificar esta planta marcgraviana, pensando ser Alpinia racemosa; PETERSEN (31) pensa ser Renealmia occidentalis e K. SCHUMANN (31) a Renealmia humilis. Mas só a planta encontrada em Pernambuco, que é a citada de GAGNEPAIN, concorda com a descrição de MARCGRAVE. Cresce em moitas à beira dos regatos nas clareiras das matas alcançando 3 metros de altura. As cápsulas encerram até sessenta sementes.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 4230.

Zingiber officinale Rosc., Trans. Linn. Soc. 8: 348. 1807.

N.v.: Zingiber (M), Mangaratiá (P.2).

N.v.m.: “Gengibre”.

Lit.: M: 17 (Zingiber). L.1, Cap.10, Fig.18.

P.2: 226 (Arte colitur, non spente crescit Mangaratiá). L.4, Cap.51, Fig.227.

LAET previne o leitor logo no início de que o “Gengibre” de MARCGRAVE não é planta brasileira mas habitante da Índia. MARCGRAVE diz: “O “Zinziber” eleva-se a um pé ou um e meio de altura, com caule fino; tem folhas iguais às de Xiphium ou Gladiolus, menores porém, como também o caule é menor.

A raiz não é semelhante à de Iris nem cresce de tal modo; elas alongam-se quinze ou dezesseis dedos mais ou menos e depois sofrem constrições, sendo aliás a raiz plana e larga. A raiz

fresca tem externamente côr de ouro bruno, internamente amarelada; é de sabor mais forte quando fresca do que sêca que é importada da Índia e estragada pela idade; pois a nossa é ótima.

Quando é transplantada com caule e fôlhas, estas morrem, mas três meses depois brotam novas; motivo porque se deve plantar só a raiz sem o caule, pois, cresce fãcilmente. Tive pendurado na parede uma raiz inteira que alí, formou broto de dois dedos de comprimento. Enterrei-a em Fevereiro e Março e desenvolveu bem caule e fôlhas. Aqui fazem dela conservas em açúcar em grande quantidade”.

LAET acrescenta na anotação a literatura dando em extenso a descrição feita por XIMENES, por onde se deprende que era cultivada também na Nova Espanha.

PISO repete na 2ª ed.o trecho de MARCGRAVE, embora não textuãlmente e avisa o leitor que não abuse do “gengibre”, porque ataca os rins.

NOTA: MARCGRAVE não fala da flor e do fruto, e a estampa que apresenta é dum pé estéril. De fato, o “gengibre” cultivado em Pernambuco é sempre estéril. Distinguem e cultivam ali duas plantas com o nome de “gengibre” a saber o “gengibre branco” que é o verdadeiro e o “gengibre amarelo” que é Curcuma longa L. Êste floresce, mas não produz frutos.O rizoma é assado para tingir comidas.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 4140 (Curcuma longa L.);

Pernambuco – Tapera – Pickel, 4108 (Zingiber).

-----

### Família. CANNACEAE

Canna coccinea Mill., Gard.Dict. 8ª Ed. 3. 1768.

N.v.: Meeru (M, P.1).

Lit.: M: 4 (Meeru Brasilianis dicta). L.1, Cap.3, Fig.4.

P.1: 116 (De Meeru, sive Canna indica). L.4, Cap.93, Fig. 116, segunda.

P.2: 212 (Prima autem occurrit, in text.). L.4, Cap.46, Fig.212.

Visto ter PISO remetido o leitor para a descrição desta planta feita por MARCGRAVE, vejamos primeiramente o que êste escreveu: Êle diz: “A “Meeru” dos Brasilianos é a Canna indica de CARLOS CLUSIUS (na sua Rar.pl.Histor.lib.4, Cap.54) surge à altura de seis, oito ou dez pés, com seu caule arundináceo, suculento, verde e da grossura de um dedo. Rodeiam-no em certos intervalos fôlhas isoladas, de quatro ou cinco dedos (?) ou também um pé e meio de comprimento e dez ou onze dedos de largura e semelhante às fôlhas de “Paco”. Na parte superior o caule tem três ou quatro ramos, que levam muitas flores constituídas de três fôlhas linguiformes e de uns dois dedos de comprido, eretas que são rodeadas de outras fôlhas acuminadas e convolutadas, havendo no centro duas estreitas, pouco torcidas e, ainda no meio delas, uma fôlha como lígula que tem ao lado um estame fusco em uma saliência. A flor é desprovida de cheiro e tem côr de fogo. Depois das flores vem o fruto que é um corpo oblongo, roliço, com três lóculos salientes e equinados como os frutos de Ricinus, de côr verde, mas encarnada em parte; estando madura a semente é preta. Por dentro divide-se em três lojas, tendo em cada uma quase sempre doze grãos ou sementes do tamanho de “ervilhas”, globulosos, negros e duros; quebrados mediante o martelo encerram uma substância dura e branca e uma cavidade á maneira de um cálice e nela um corpúsculo como o verme do queijo, do qual começa a germinação. Desta semente fazem ordinãriamente rosários. A raiz adquire a grossura de um (antebraço) humano, é longa, branco-amarelada brilhante, tendo escamas ruivas como a cebola, é suculenta e, em intervalos aqui e acolá, túberas ou saliências agudas, donde se originam os novos caules, pois, a planta é rerene”.

Na anotação que remata o texto de MARCGRAVE, LAET cita algumas observações de CLUSIUS acerca de Canna indica.

PISO, bem como MARCGRAVE, pensam tratar-se da Canna indica identificando a nossa planta como a de CLUSIUS. É realmente muito semelhante mas, por nascer na América, já naquêle tempo a chamaram de Canna americana (P.1: 116). O texto de PISO é uma analogia daquêle de MARCGRAVE. Na 2ª ed. PISO reimprime o texto da 1ª ed. e dá o seguinte emprego:

IND.TERAP.: As fôlhas, sendo refrigerantes no 2º grau, são usadas como abstergente nas doenças cutâneas quentes, tanto externas quanto internas. Aplicadas ao hipocôndrio direito, combinadas ao óleo de aninga e Nymphaea brasílica, cura os calores do figado.

NOTA: Esta planta é muito comum em Pernambuco crescendo em moitas á beira das matas, em lugares frescos. Alcança, porém, raramente aquela altura verificada por PISO e MARCGRAVE, a ela aplica-se o que PISO afirma de Canna glauca, i.e., que cresce nas matas, nas encruzilhadas, á sombra.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1979.

Canna glauca L., Sp. Pl. 1. 1753.

N.v.: Meeru (M), Albará (P.1 e P.2), Erva dos feridos (P.1 e P.2) Lírio brasiliense (P.1:37), Meeri (P.1:37).

N.v.m.: “Coquilho”, “Piriquity”.

**Lit.: M:5 (Reperitur el alia species). L.1, Cap.3, Fig.5.**

P.1:117 (De albará, aliis Pacivira, ejusque facultatibus). L.4, Cap.94. Fig.117, primeira.

P.2:213 (Secunda, albará, allis Pacivira). L.4, Cap.46, Fig.213, primeira.

MACGRAVE descreve esta planta da maneira seguinte: “Encontra-se ainda outra espécie, semelhante na forma e na côr da fôlhas e das veias. á espécie anterior de “Meeru”, mas a flor varia. As folhas, são, outrossim, mais estreitas e mais acuminadas e, quase sempre, saem do topo do caule de dentro de bainhas; no meio surge um caule trazendo algumas flores pouco maiores que na anterior. Cada flor consta de três fôlhas da forma de uma colher (portuguêsa) de três dedos de comprimento, curvas, entre as quais há ainda um folíolo estreito, de um dedo e meio de comprimento, prolongado como um dardo. No lado posterior da flor, atraz daquelas três folhas maiores, existem além disso dois outros folíolos mucronados, de sorte que toda a flor consiste de oito fôlhas, e finalmente, no meio, um estamínulo amarelo na extremidade á maneira de Gladiolus. A flor é inodora, amarela, a semente e a raiz são como na primeira. Os negros comem a raiz”.

PISO diz que “cresce uma planta de belo aspecto, semelhante á Canna indica em firmeza e volume dos estolões e raizes, porém, parecendo-se no topo com o “lírio americano silvestre”. A descrição que PISO apresenta tem termos parecidos comos do texto de MARCGRAVE. Sôbre as propriedades medicinais escreve o seguinte:

IND. TERAP.: As fôlhas são empregadas no tratamento das feridas e úlceras, donde lhe vem o nome português. O rizoma, porém, que tem natureza quente os cirurgiões usam para amadurecer os apostemas.(P.1:137).

Na 2ª ed. PISO acomoda o texto ao de MARCGRAVE, porém, encurta-o bastante.

NOTA: LINEU (72) determinou esta planta como sendo Canna angustifolia. VELLOZO (89) dá o nome “Albará” à nossa Canna glauca. O nome de “Paquevira” é dado hoje á Thalia geniculata que cresce também na água, como a Canna glauca.

Em Pernambuco esta planta aquática se encontra nos lagos rasos e nos pântanos.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 156.

-----

### Família. MARANTACEAE

Calathea pernambucica Loes., Litt.

N.v.m.: “Pé de bezerro”.

Lit.: M:50 (Planta haec.). L.1, Cap.24, Fig.51, primeira.

MARCGRAVE esvreve: “Esta planta deixa brotar de uma raiz, do tamanho de uma avelã e fibrosa na parte inferior, um caule direito, pardo-escuro e piloso, que é provido de duas ou três fôlhas, cada qual com quatro, cinco, seis ou também dez ou doze dedos de comprimento, e forma semelhante ás de “Tamoatarana”, munidas de uma nervura longitudinal e muitas veias oblíquas. As fôlhas são verde-claras na página superior e esbranquiçadas na inferior, inteiramente pilosas e como veludo ao tato, caracterizadas por uma série dupla de máculas quadradas grandes que, na superfície ventral, são escuras e, na dorsal, pardas. Na extremidade do caule nascem três ou quatro flores amarelas, formadas por duas tépalas papilionáceas, tendo uma delas uma mancha e, em vez de estame, um cornículo. A flor é inodora”.

NOTA: Esta planta é comum em Pernambuco nas pastagens e nos terrenos de mata. As manchas foliares são bem características e deram ensejo ao nome vulgar. Esta planta marcgraviana foi redescoberta recentemente pelo autor.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1284. 1337.

*Sarante marcgravii* Pickel Arq. Bot. E. S. Paulo 1(2):50.1939.

N.v.: Tamoatarana (M, P.1 e P.2).

N.v.m.: “Batata de bugre”, “Tamitarame”.

Lit.: M:53 (Tamoatarana Brasiliensibus). L.1, Cap.25, Fig.53, terceira.

P.2:255 (Eiusdem naturae et usus). L.4, Cap.64, Fig.255, segunda.

MARCGRAVE escreve o seguinte: “A “Tamoatarana” dos Brasilienses é uma planta que produz de um bulbo branco e brilhante, formado de tunicas triangulares, da feição e consistência da Tulipa, oval ou também globulosa, do tamanho de um ovo de ganso ou também menor, digo, produz um caule de dois ou três pés de altura que, em baixo, tem duas ou três fôlhas com seus pecíolos compridos, como também, no alto, uma ou outra, semelhantes em forma e aspecto ás da “Cotitrepooba” (=“Antiguepo-obi”), porém, menores. Na base da fôlha que fica na extremidade do caule existem dois, três ou quatro pedúnculos de uns dois dedos de comprimento que levam quatro flores, brancas e brilhantes, de um dedo e meio de comprido, formadas de escamas obtusas e triangulares dispostas á maneira da pinha e sem cheiro. O bulbo cozinha-se e come-se como batata (doce), sendo de bom paladar”.

PISO cita também esta planta na 1ª ed. (pág.93), onde diz que “os bulbos redondos, chamados pelos Brasilienses “Tamoatarana” são menos apreciados” (do que outros órgãos subterrâneos, como a batata, cará e o amendoim). Na 2ª ed. copia o texto de MARCGRAVE dizendo que a “Tamoatarána” foi introducta antigamente para o Brasil holandês.

NOTA: Esta planta, embora cultivada pelos índios no litoral do Nordeste do Brasil foi redescoberta em São Paulo e descrita pelo autor. É cultivada pelos índios Nambiquara do Rio Juruena (Mato Grosso) que comem os tubérculos em lugar de batata. Foi descrita de uma planta que nasceu de um tubérculo remetido pelos missionários Jesuitas para o Dr. RAUL DRUMOND GONÇALVES, biologista aposentado do Instituto Biológico de São Paulo, que a cultivou e ensaiou a sua cultura em maior escala.

Ao que parece, as culturas da “Tamoatarana” se extinguíram com a retirada dos Tapuias para o sertão, mas é possível que a planta se encontre ainda nas matas no meio de outras Marantáceae.

**Na Bahia todavia ainda hoje se encontra nas feiras de Nazaré, como afirma o Prof. Dr. MANUEL PIRAJÁ DA SILVA, por ser o bulbo muito apreciado como alimento.**

Material ex.: São Paulo:Capital – Pickel.

-----

### Família. ORCHIDACEAE

Catasetum macrocarpum L. C. Rich. ex Kunth, in Pl. Aequin. 1:331.1822.

**N.v.: Urucátú (M, P.1 e P.2).**

N.v.m.: “Sumaré”.

Lit.: M:35 (Urucátú Brasiliensibus). L.1, Cap.16, Fig.35, segunda.

P.1:117 (De tupaipi, allis Urucátú). L.4, Cap.95, Fig.117, segunda.

P.2:235 (Planta est nobilis). L.4, Cap.55, Fig.235,segunda.

Esta planta é bem descrita por MARCGRAVE que diz: “A “Urucátú” dos Brasilienses é uma planta que nasce sôbre a árvore “Urucuri-iba”; não tem raiz mas quatro a cinco fôlhas, que, alargando-se em baixo formam um bulbo oval, de uns quatro dedos de comprimento, o qual por dentro encerra uma espécie de medula da consistência e aspecto de unguento de botica, pingue e fria ao tato, branco – esverdeada e atravessada por muitos filamentos esbranquiçados.

Na extremidade superior do bulbo as fôlhas afastam-se umas das outras, sendo estreitas nesse lugar, e estendendo-se um pé ou mais em comprimento, são largas mais adiante, com forma

de língua, e são semelhantes às de Squilla e verdes, tendo três nervuras longitudinais em cada folha. Não tem flores nem frutos, é inodora, como também a massa do bulbo”.

NOTA: PISO confundiu esta planta com Hippeastrum, na 1ª ed., como já foi dito, e portanto, o que diz sobre as propriedades medicinais é ambíguo. Na 2ª ed. segue a descrição de MARCGRAVE, mas não distingue bem as duas plantas que conforme êle – ora cresce no chão, ora sobre as árvores.

MARCGRAVE afirma erroneamente (M:104 e 109) que o “Urucátú” fornece água potável na axila das folhas.

Em Pernambuco encontramos o “Urucátú” sobre o “Catolé” (“Guariroba”).

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1283.

-----

## DICOTYLEDONEAE

### Família. PIPERACEAE

Ottonia pernambucensis Trel. Proc. Am. Phil. Soc. 75:695.1935.

N.v.: laborandi (M, P.1 e P.2), Betys (P.1 e P.2), Betys fêmea (P.1).

**N.v.m.: “Jaborandi”.**

Lit.: M:69 (laborandi Brasiliensibus).L.2, Cap.8, Fig.69, segunda.

P.1:88 (Praster hanc Bety, in text.). L.4, Cap.47.

P.1:97 (Prior in fruticis, in text.). L.4, Cap.59, Fig. errada.

P.2:196 (Praster hanc Bety, in text.). L.4, Cap.38.

P.2:215 (Secunda species, in text.). L.4, Cap.47, Fig.215, segunda.

P.2:216 (Tertia, in text.).L.4, Cap.47, Fig.216, primeira.

MARCGRAVE dá uma boa descrição deste falso “Jaborandi”, e uma estampa, embora não muito boa.

**A tradução é a seguinte: “O “laborandi” dos Brasilienses é um arbusto. Elevam-se caules da grossura do dedo mindinho ou mais delgados, com nós em intervalos compridos, roliços e verde-escuros, tendo nos nós ramos também nodosos e verdes. Neles nascem folhas opostas, de seis a dez dedos de comprimento, verde-escuras, luzidas, membranosas ao tato, curvas na extremidade, com as nervuras longitudinal e laterais salientes. A raiz é lenhosa, fusca, nem grande, nem grossa, mas delgada e comprida. Parece não ter cheiro ou sabor, quando provada com os dentes, porém, mastigando-a por algum tempo morde a língua de maneira veemente, mas que o piretro”.**

IND. TERAP.: MARCGRAVE salienta o seu valor terapêutico, preconizado a sua utilidade nas constituições, porque extrae grande quantidade de humor (ou pituita, segundo PISO 1:22) da língua, livrando assim a cabeça do catarro e também aliviando a dor de dentes. A raiz contusa e macerada nágua, depois cozida e tomada pela manhã é um remédio excelente contra a gonorréia, porque, segundo PISO, purga os rins e a bexiga (P.1:35). É também usada como contra-veneno, é remédio contra a retenção das urinas, dissolve os cálculos, e segundo PISO é um remédio contra a retenção das urinas, dissolve os cálculos, e segundo PISO é um remédio contra a hidropisia (P.1:26).

A raiz é quente no 3º grau, é seca, alivia as doenças dos olhos quando mastigada (P.1:19 e 20) e o decocto entra nos banhos medicinais para combater o catarro (P.1.:22) e o espasmo (P.1:30).

Na 1ª ed. PISO descreve esta planta duas vezes como diferente. Na primeira fala apenas de passagem relatando á pág. 88 que “Betye fêmea” das matas possui “amentilhos graciosos e pequenos que são compostos á maneira de um cacho de uva e são pendentes”. De fato, os frutinhas parecem-se com pequenos bagos pedicelados, ao passo que os de Piper são sésseis. Á pág. 97 volta a falar da mesma planta considerando-a porém diferente, repetindo exatamente quase ipsis verbis o texto de MARCGRAVE. A figura anexa está errada, pois, se parece mais com a Cordia multispicata Cham. do que com uma Ottonia ou um Piper.

Na 2ª ed. PISO persevera no mesmo erro.

No entanto é necessário declarar que a descrição apresentada por PISO à pág.88 é uma mistura de duas plantas, cujo texto tomou emprestado de MARCGRAVE, a saber: Caule e folhas de

Peltobryon e a respetiva estampa (M:124) e a espiga de frutos de Piper marginatum (M:75), de maneira que de duas faz uma terceira espécie.

NOTA; LINEU (74), AUBLET (10) e VELLOZO (89) determinam o “laborandi” como Piper reticulatum. LINEU (74) aliás considera o “laborandi” de MARCGRAVE (M:69) e o PISO (1:97) como idênticos. MIQUEL (31), pensa tratar-se de Artanthe luschnathiana Mig. ou Artanthe geniculata (W.) Mig. ou de ambas, e relega a “Betys fêmea” às Peperomia, mas outros autores relacionam geralmente a planta pisoniana com Ottonia anisum.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 4125.

Peltobryon attenuatum Klotszsch. ex Miq. Syst. Pip. 371. 1843.

N.v.: Betis (M), Betys (P.1 e P.2). Betre (P.1 e P.2).

Lit.: M:124 (Betis arbuscula est.).L.3, Cap.15, Fig.125, primeira.

P.1:88 (De Betys vel Betre). L.4, Cap.47, Fig.88.

P.2:196 (Frequens tum in silvis). L.4, Cap.38, fig.196.

Seguimos na tradução o texto de MARCGRAVE, principalmente, por ser correto e combinar bem com a estampa e a espécie supra: “Betis” é um arbúsculo, com quatro ou cinco pés de altura, caule reto, nodoso, da grossura de um dedo, verde-pálido e manchado de pontos brancos em toda a extensão. Em cima em alguns nós, adquire ramos, também nodosos e da mesma a côr que o caule. Nêsses ramos estão as fôlhas, a saber uma em cada nó e da mesma forma um amentilho; cada fôlha tem cinco, seis, ou sete dedos de comprimento, forma de língua, côr verde-pálida ou amarelada, em cima luzida e espessa como a do “Louro”.

O amentilho (i.e., a espiga de flores) tem um ou dois dedos de comprimento e grossura de uma pena de ganso, produzindo semente oblonga, fusca, de cheiro mui forte, como “gingibre”. O lenho do caule é esponjoso por dentro. As raízes, em número de seis, sete, ou oito, são retas, da grossura de uma pena de ganso, brancas por dentro, flexíveis, filamentosas e têm cheiro e sabor também de “gingibre”. É um arbúsculo nobre e valioso”.

Na descrição das inflorescências PISO não segue a MARCGRAVE; parece que teve diante de si uma outra planta, porque diz que “pendem dos ramos e assemelham-se aos amentilhos do Piper longum, são insípidos e sem uso”.

Na realidade são curtos e grossos, como mostra a estampa e o texto de MARCGRAVE. PISO também está alucinado quando escreve em seguida ao texto fornecido por seu colega que “Pelo caule e aspecto externo é semelhançíssima ao Piper sarmentosum, (Piper nigrum). Difere porém nisto que as fôlhas e o fruto são um pouco maiores que (êsse) Piper marginatum.”

Na 2ª ed. copia o texto de MARCGRAVE.

IND. TERAP.: MARCGRAVE não nos dá a razão desta planta ser nobre e valiosa, porém PISO supre a omissão. Afirma que o decocto das raízes e fôlhas combate as cólicas, mitiga as dores dos membros, elimina a flatulência do ventre e cura os tumores dos pés ocasionados pelo frio e combate o espasmo (P.1:20) e os catarros (P.1:22). Os banhos e os remédios em que entra, servem para o mesmo fim. (P.1:26 e 33)

NOTA: MIQUEL (31) identifica esta planta como Artanthe colubrina (Lk) Miq.

Segundo PISO, este “Betys” é frequente nas matas e nos entulhos ao redor de Olinda. É possível que ali se encontre, porém nós encontrámo-lo na zona da mata, e só poucas vezes.

Material ex.: Pernambuco – Vitória – Pickel, 2254.

Piper marginatum Jacq., Ic.Pl. Rar.2(2):215.1786-1793.

N.v.: Nhandi (P.1), Pimenta silvestre longa (P.1), Pimenta brasiliense (P.1:22), Pimenta dos Índios, Pimenta rabuda (P.1 e P.2), Nhandu (P.2), Nhamdu (M), Betre (M, P.2).

N.v.m.: “Malvaisco”, “Betis”, “Caapeba cheirosa”.

Lit.: M:75 (Piper caudatum). L.2, Cap.13, fig.175, segunda.

P.1:96 (Nhandi, Piper longum).L.4, Cap.57, fig.96, primeira.

P.2:197 (In arborescentis fruticis). L.4, Cap.38, Fig.197, primeira.

Na tradução seguinte damos o texto de MARCGRAVE que descreve: “O Piper caudatum, o “Betre” de alguns Lusitanos e “Nhandu” do Brasilienses, é um subfrúctico á maneira dos arbustos, até três, quatro, cinco e às vezes, seis pés de altura. O caule é lenhoso, roliço, verde, nodoso com aspecto quase de Solanum (nigrum?). As fôlhas são alternas, cada uma com seu pecíolo que sai dos nós; são largas, cordiformes ou em forma de relha, com muitos amentilhos (i.e. espigas), com quatro,

cinco ou seis dedos de comprimento, curvos como cauda de camondongo, e verde, fazendo-se a colheita em outubro ou novembro que, sêcas ao sol, protejam: compõem-se de grânulos globulosos, pretos, do tamanho da semente de Papaver, estreitamente unidos em uva, de sabor acre como a melhor pimenta da Índia. A raiz divide-se em outras mais finas, fuscas, de cheiro ativo, parecido ao de “tomilho” e com paladar que fere a língua”.

**PISO observa na 1ª ed. à pág. 96, ter esta planta fôlhas lisas como o “Araticú” (o que não é verdade) e afirma produzir ela uma pimenta bela e longa, ereta (o que é falso), primeiramente verde-amarelada e depois adquirindo côr verde-escura, menos grossa que a “Pimenta” oriental oblonga, mas não inferior em eficácia. Depois acrescenta que ela tem sabor aromático e arde muito, especialmente se fôr colhida em estado de maduro em meados do estio, dessecada lentamente á sombra, ficando então preta e quente no mais alto grau. Tem o comprimento de um dedo, sendo formada, quase só de grânulos, dispostos em ordem, á maneira das sementes de “tanchagem”, e o aparecendo uma só vez ao ano.**

Os característicos que PISO atribue á sua planta são uma mistura, porque descreve caule e fôlhas de Peltobryon segundo o texto de MARCGRAVE (M:124) e as espigas à mão da estampa que representa Piper marginatum, (o Piper longum de PISO) e, desta forma, de duas faz uma terceira espécie.

Na 2ª ed. PISO prefere reproduzir o texto de MARCGRAVE.

USOS: PISO relata que a “Pimenta” oriunda da planta supra não tem muito uso, porque se cultivam muitas variedades de Capsicum nas hortas para fins culinários. Os farmacêuticos tão pouco a empregam, por ser usada raramente em medicina.

**IND. TERAP.: MARCGRAVE informa serem as fôlhas usadas para curar as úlceras das pernas e a raiz na maturação dos apóstemas.**

Segundo PISO, as raízes e fôlhas são sumamente ativas, mesmo guardadas em estado sêco, servindo para os banhos (P.1: 26 e 33) recomendadas para cura das doenças dos membros frios. Usou o Piper brasiliense também contra o estupor (P.1: 21) e no combate ao catarro (P.1: 22).

**NOTA: PISO descreve esta planta duas vezes, a primeira à pág.96 e a segunda à pág.104, e usa as palavras de MARCGRAVE quase textualmente.**

**LAET, numa nota apensa ao texto de MARCGRAVE levanta a hipótese de se tratar da mesma planta que XIMENES descreveu sob o nome de “Acapatli”.**

RICHARD (31) chama a planta marcgraviana de Piper nhandi, nome que entrou na sinonímia. VELOZO (89) determina o “Nhandi” como Piper reticulatum e MIQUEL (31) como Artanthe caudata (Vahl) Mif. e MARTIUS (31), finalmente, considera-a como uma Ottonia legítima.

**Segundo as informações de PISO, a planta cresce abundantemente nas imediações da cidade de Olinda. De fato, ali também a encontramos e, bem assim, na região da mata, em Pernambuco.**

O nome vulgar correto é “Nhandi”, não “Nhandu”, como grafa PISO na 2ª ed. e “Nhandu” como escreve MARCGRAVE. Os portugueses que estiveram na Índia, chamam-na, segundo GABRIEL SOARES DE SOUZA (79) de “Bétele”. Os nossos autores soletram “Betre”, imitando o rotacismo luso, enquanto os que não conhecem da Índia o Piper betle, denominam-na “Pimenta dos índios”. MARCGRAVE descreve a planta como Piper caudatum e PISO considera-o Piper brasiliense (P.1: 21) como Piper longum verdadeiro, que é a Chavica officinarum, a chavica das boticas. O Piper longum é aquêl que foi descrito por LINEU e um outro por C. DECANDOLLE de Piper officinarum.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 166.

Piper tuberculatum Jacq., Ic.PI.Rar. 2(2): 210. 1786-1793.

N.v.: laborandi (P.1).

N.v.m.: “Pimenta darta”, “Betre aromático”, “Jambú-rana”.

Lit.: P.1: 97 (Posterior ob easdem qualitates, in text.). L.4, Cap.59, Fig.97, segunda.

P.2: 216 (Quarta). L.4, Cap.47, Fig.216, segunda.

Êste Piper é descrito por PISO na 1ª ed., apenas numa frase quando o compara com o Ocymum. Na 2ª ed. entretanto, completa a descrição, caracterizando êsse arbusto como segue: “É um frúctico arborescente, que tem caule duro e nodoso, verde-escuro, maior do que o “Louro”, porém, de resto, não muito diferente. Os frutos, ou antes, os amentilhos (i.e. as espigas de frutos), embora não terem as qualidades do Piper longum, têm todavia a mesma forma e originam-se do caule. As suas fôlhas são grandes e têm a forma de uma língua, são acuminadas e ora alternas, ora opostas ou nascendo em frente de um amentilho”.



A descrição de PISO não é muito exata, porquanto foi feita á mão da figura, ao que parece. A estampa contudo deixa identificar a planta como “Pimenta darta”, pois, as espigas são eretas, bastante grossas e as fôlhas também combinam.

IND.TERAP.: PISO compara, nos seus efeitos, esta planta com o “laborandi” (Ottonia) dizendo que residem principalmente nas raízes. Ambas são tidas pelos Brasilienses, como Panaceas. São usadas também como antídoto, pois um punhado de raiz recente pisada e tomada com vinho generoso expelle o veneno de cogumelos venenosos pelo suor e pela urina (P.1: 47). Pelas suas qualidades acre e picante produz também bom efeito como estermutatório que provoca espirro e como masticatório porque livra a cabeça do defluxo e os olhos do catarro crônico (P.1: 22). Na 2ª ed. atribue estas propriedades a outro “laborandi” (Monnieria trifolia L.), dizendo da planta supra apenas que é um remédio contra os venenos causados pelo frio e que as fôlhas são usadas para banhos e como remédio contra as afecções frias.

Como se vê, na 2ª ed. PISO equivocou-se completamente sôbre a identidade e natureza das plantas dêste gênero e esqueceu muita cousa que aprendera no Brasil. Mas já na 1ª ed. compara êste “Jaborandi” ao Ocymum, o qual tem semelhança com a Monnieria.

NOTA: Encontrámos esta espécie na ribanceira alta do Rio Capibaribe e cultivada (?) na Paraiba, onde tem o nome vulgar de “Pimenta darta”.

Material ex.: Paraiba – Bananeiras – Pickel, 1425;  
Pernambuco – Tiama – Pickel, 2536.

Piper rivinoides Kth., Linnaea 13: 682. 1839.

N.v.: Betre (M, P.2), Betel (P.1: 26), Betele (P.1: 33), Nhamdu (M, P.2).

Lit.: M: 75 (Reperitur in Basilia et alia eius species, in text.). L.2, Cap.13.

P.2: 197 (Reperitur in Basilia et alia eius species, in text.). L.4, Cap.38.

A descrição desta espécie que MARCGRAVE dá é a seguinte: “Há no Brasil ainda outra espécie de Piper, encontrada por toda parte e mui freqüente nas matas do Interior, bem semelhante à primeira (i.e. ao P. marginatum), exceto nas fôlhas que são muito estreitas e oblongas e no fruto, i.e. a cauda piperina, mais comprido e melhor, porque é mais graúdo”.

Na 2ª ed. PISO redescrive a planta de MARCGRAVE.

NOTA: MARCGRAVE a compara com o “Nhamdu” o qual porém não cresce na mata como a P. rivinoides. Tendo colhido em Pernambuco oito espécies de Piper, além de representantes de Ottonia e outros gêneros, a única que quadra com a diagnose lacônica de MARCGRAVE é P. rivinoides (fôlhas estreitas e, no resto, muito semelhante ao P. marginatum).

Por isso não é provável tratar-se de P. aduncum L., embora se encontre de Pernambuco até o Espírito Santo (31), ou de P. angustifolium R. et Pav. da Amazônia, e de Minas que se vende nas farmácias como “Piper longum”.

Material ex.: Pernambuco – Moreno – Pickel, 2507.

Pothomorphe sidaefolia (Link et Otto) Miq., Comm. Phyt. 37. 1840.

N.v.: Aguaxima (P.1 e P.2), Nalva d’isco (P.1 e P.2), Malva isco (P.1:48),  
Malvaisco (P.1:41), Malva Isca (P.1:33).

N.v.m.: “Capeba”, “Periparoba”.

Lit.: P.1:104 (De Aguaxima Lusitanis Malva d’Isco). L.4, Cap.71, Fig.104.

P.2:197 (In Silvis litoralibus). L.4, Cap.38, Fig.197, segunda.

Descrevendo esta planta PISO copia ipsis verbis o que MARCGRAVE disséra sôbre Piper marginatum, com tal fidelidade que até a chama de “Pimenta rabuda”, de acôrdo com a forma das espigas dessa última, em flagrante contraste com a estampa que apresenta. Ao que parece, PISO deixou-se enganar pelos termos usados por MARCGRAVE na descrição das inflorescências, pois, interpretou como umbelas de “Juli”, (i.e. dos amentilhos, ou espigas) e, portanto, como uma espécie de Pothomorphe ou “Juli” isolados de Piper marginatum, visto que aquê se referida aos muitos “Juli” que saiam dos nós (i.e., de cada nó um “Julus”, naturalmente muitos, ao todo).

De fato, em Pothomorphe as espigas nascem juntas em umbela e a estampa representa a planta que PISO descreve adotando as palavras de MARCGRAVE, acrescentando ter a planta fôlhas mui semelhantes á Tilia, um pouco maiores porém. Mas, o resultado foi que de duas fez uma terceira espécie.

supondo que PISO quis descrever realmente a planta, representada pela estampa, pode dar-se crédito àquilo que relata sobre as propriedades medicinais.

**Ind. Terap.:** A raiz, externamente preta, é ótima e utilíssima, tem cheiro de cravo e assemelha-se ao “laborandi” pelo azedume sutil e picante. É quente no 3º grau, é tida como um santo remédio e usada como contraveneno [contra o veneno das cobras (P.1:41 3 43)] e da manipuera (P.1:48), abre e desobstrue. É conhecida de todos por duas preclaras virtudes que são inúmeras. Pisada e reduzida a massa é colocada como emplastro sobre as partes afetadas amadurece e limpa (P.1:35) e entra nos banhos para curar o catarro (P.1:22) e é sudorífera (P.1:41). O suco das folhas, por ser frio, é útil nas queimaduras e o decocto delas usa-se em clisteres por suas virtudes emolientes que tem de comum com a “malva”. (PISO nada sabe sobre as suas virtudes colagogas).

Nota: VELLOZO (89) determina a planta pisoniana como *Piper umbellatum*, registrando como nomes vulgares: “Caapeba” e “Periparoba”, MIQUEL (31) e CAMINHOÁ (18) como *Pethomorphe sidaefolia* Lk et Otto Miq. PIRAJÁ DA SILVA (68), entretanto, pensa tratar-se de *Urena lobata* L.. LAET (43) referindo-se à planta supra e citando PURCHAS (34) de quem também PISO hauriu menciona que a raiz queima como “gengibre” e que é usada dor de dente.

Material ex. Bahia – Capital – Pickel, 5940.

-----

### Família MORACEAE

*Cecropia concolor* Willd, L. Sp. P1.4:652.1797.

**N.v.: ambaiba (M), Imbaiba (P.1:5), Figueira silvestre (P.1).**

N.v.m.: “Embaúba”, “Umbaúba da mata”.

Lit.: M:91 (Amabaiba Brasiliensibus). L.3, Cap.1, Fig.91.

P.1:72 (De Amabaiba arbore). L.4, Cap.22, Fig.72.

P.2:147 (Arbor haec in silvis). L.4, Cap.19, Fig.147.

Sobre esta árvore PISO escreve o seguinte: “Esta “figueira silvestre” gosta dos campos abandonados, onde medra espontaneamente, porém raramente nas matas. [Nisto segue a LAET (43).] Eleva-sobre um tronco único, muito leve e semelhante à cana, até mediana altura. Como os Europeus o “sabugueiro”, assim os Brasileenses costumam excavar esta árvore para seus empregos e brinqueos; raiz tiram fogo, quando de viagem pelo sertão, batendo ou de outras maneiras. Cinge-se de ramos como corôa, porém raramente e só no topo, tendo folhas em pequeno número, porém mui grandes, bonitas e laciniadas. Produz amentilhos esbranquiçados, copulados em cacho, pendentes e envolvidos por tûnicas (i.e., bráctees) rosáceas, que ao amadurecer se desprendem e caem em meados do verão”.

MARCGRAVE dá uma descrição muito detalhada. Descreve os septos perfurados no interior do caule que é habitado por formigas ruivas e também a côr hepática no interior dos ramos. As folhas, com nove ou dez lacínias, são verde-escuras em cima e cinzentas em baixo, parecendo ser tingidas por uma côr sanguínea diluída, hispídas como as folhas da “figueria”, tendo as lacínias uma linha cinzenta marginal. Sobre as espigas, diz que têm seis a nove dedos de comprimento e a grossura de uma polegada. são ôcos internamente e formados de um algodão e de bagos castanhos. Os frutos comem-se. As pontas dos galhos são protegidas por uma teca branca misturada com côr verde-clara, em baixo, e completamente encarnada e luzida em cima.

Usos: Como foi dito, os indígenas usavam o lenho da “Imbaúba” (especialmente a raiz) para dela tirar fogo, não só batendo, como diz PISO e, sim, como relata MARCGRAVE, torcendo rapidamente numa varinha de madeira num buraco feito adrede no lenho, ficando êste preso entre os pés. A madeira dura foi da “Tataiba” (M:273).

Ind. Terap.: Segundo MARCGRAVE, a medula branca, suculenta e gordurosa (segundo PISO, o suco (P.1:36) da planta) é usada pelos negros para curar feridas. Para o mesmo fim servem as folhas novas (e, segundo PISO, também entrecasca) porque depuram e refrescam as partes afetadas. O suco das gemas que é astringente adicionado à Tapioca combate a diarréia, a leucorréia, as regras excessivas (e, segundo PISO, a retenção de urina (P.1:35). Em cataplasma sobre o umbigo corrige o fluxo mênstruo excessivo das puérperas e o colera morbus (P.1:29), conforme observação

pessoal de PISO, e alivia as dores provenientes das picadas dos marimbondos e maruins (P.1:38f). Na 2ª ed. PISO adota a descrição de MARCGRAVE.

Nota: Segundo LINEU (74), AUBLET (10) e MARTIUS (49) tratar-se-ia de Cecropia peltata. Eles só conheciam esta única espécie, como também VELLOZO (89). ARRUDA CAMARA (2) chama a nossa espécie de “Umbaúba da mata”. MIQUEL (31) relaciona a planta marcgraviana com Cecropia adenopus MART., entretanto, isto não pode ser, porque a estampa não concorda com a diagnose”.

A espécie supra é encontrada em todo o Estado de Pernambuco, tanto no litoral como na região da mata, e aparece por toda a parte, em seguida às derrubadas.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 3215, 3219.

Cecropia hololeuca Miq., Fl. Bras. 4(1):148.1852.

**N.v.: Ambaitinga (M, P.1 e P.2).**

N.v.m.: “Embauba branca”.

Lit.: M:92 (Ambaitinga species Ambaiba).

PISO fala desta espécie, nos termos seguintes: “A outra espécie deste gênero que JOÃO DE LAET mencionou e que se chama “Ambaitinga”, tem ramos avermelhados e tronco menos ôco, folhas ásperas de tal maneira que se pode com elas lixar como se fosse uma lima. Encerra um líquido oleoso que tem o mesmo uso e eficácia do da “Ambaiba”.

“As outras propriedades e usos medicinais dela que ainda não estudei satisfatoriamente passo em silêncio. Mas duvido muito ser esta planta a “Abiegna” de que fala CLUSIUS nas suas “Notas” sobre o livro de MONARDES”.

Na 2ª ed. PISO acrescenta serem as folhas verde-escuras em cima e verde-claras em baixo e os frutos grandes e finos, do comprimento de um palmo, doces e comestíveis depois de maduros.

O texto de MARCGRAVE foi inserido pelo próprio LAET que diz: “A “Ambaitinga” é uma espécie de “Ambaiba”, árvore que cresce do mesmo modo e tem folhas semelhantes a ela., a não ser que sejam verde-escuras em cima e verde-claras em baixo. Não produz fruto”.

Nota: Para compreender o que PISO diz desta árvore transcrevemos o trecho que LAET deu no seu livro: “Description de l’Amérique” (43), pág. 492: “A “Ambaitinga”, uma espécie da mesma árvore (i.e., de “Ambayba”), a qual se encontra nas florestas de pinheiro. Produz um certo líquido oleoso do qual MONARDES fala desta forma: Da mesma, diz ele, colhe-se um líquido ou resina que eles chamam “Abiegna” de certas árvores da mata que não se pode chamar nem “pinheiros” nem “ciprestes”; são mais altas que “pinheiros” e direitas como “ciprestes”. Na extremidade delas existem bolsas, grossas e finas, que rompendo-se distilam gota por gota um líquido admirável que os índios colhem com diligência dentro de coquinhos, com tão grande trabalho e cuidado que de tempos em tempos ajuntam muito pouco.....”

Dêste trecho vê-se que o líquido oleoso ou resina de que CLUSIUS e MONARDES falam não pode originar-se da “Ambaitinga” e, sim, de uma conífera. PISO tem, portanto, razão em duvidar de identidade da “Ambaitinga” e da “Abiegna”. O próprio LAET abandona esta opinião” ao falar da “Ambaitinga” em MARCGRAVE. Não se compreende bem, entretanto, porque acrescentou, serem as folhas verde-claras em baixo, quando, na realidade, devem ser brancas, como insinua a etimologia da palavra: “Ambaitinga” i.e.: “Ambaiba branca”. LAET (43) declara na obra citada que segue na descrição dos vegetais do Brasil, a um autor português que escreveu sobre as plantas do Sul do Brasil. Logo a “Ambaitinga” só pode ser a espécie supra ou Cecropia argyrophylla do sul do País. O autor que LAET copia é PURCHAS (34), que escreveu das plantas do Sul do país.

Chlorophora tinctoria (L.) Gaud., in Freyc. Voy. Bot. 508.1826.

N.v.:Tataiba (M, P.2), Tataiba, Pao amarelo (P.1).

**N.v.m.: “Limão-rana”, “Tataiba”, “Tatajuba”, “Taiuva”.**

Lit.: M:119 (Tataiba Brasilienses), escreve MARCGRAVE, é uma árvore com casca cinzenta, lenho de cor amarela e, em parte, ruiva. Tem folhas acuminadas e serradas, de certo modo semelhante às de Betula, e alternadas nos galhos. A flor (que não é descrita) segue o fruto do tamanho de uma amóra mediana, globuloso, composto de tubérculos de cor pálida e por fora com muitos filamentos fuscus, não muito compridos. Comem-se como amóras, puro ou com açúcar e o vinho; encerra grânulos esbranquiçados dentro da polpa; fruto é suculento e doce.

O lenho da árvore é muito duro e tem muita duração, dentro e fora da terra e da água, sempre verde; é a melhor entre todas as madeiras, excedendo em préstimos mesmo a da

“Masaranduba”, em qualquer uso que dela fizerem. Do pau preparam uma tinta bem amarela por cozimento. Medra por toda parte nas matas. O fruto amadurece em março”. Até aqui MARCGRAVE.

PISO cita apenas a “Tataiiba” na 1ª ed., pág.5, registrando-lhe o nome português: “Pao amarelo”, porém na 2ª ed. é mais prolixo baseando-se na descrição sucinta de MARCGRAVE, iniciando-a com as palavras seguintes: “A árvore silvestre, chamada “Tatai-iba” e, por alguns, de Morus alba, por causa da semelhança da sua forma e natureza com a “amoreira branca” é frequente por toda parte nas matas litorâneas”.

Usos: A madeira serve para tirar fogo (M:243).

Nota: As estampas apresentadas não mostram o contorno serrado e as nervuras curvilíneas das folhas nem os espinhos.

LINEU determina a árvore marcgraviana como Morus tinctoria que é a nossa planta.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 681.

Dorstenia cayapia Vell. var. asaroides Gard. ex Hook., Ic. P1.t.399. 1857.

N.v.: luricuara (P.1).

N.v.m.: “Caiapiá”.

Lit.: P.1:102 (De luricuara). L.4, Cap.67.

PISO escreve a respeito: “Nas densas matas do Brasil cresce a erva, chamada pelos Brasileiros, de “luricuara” que tem folhas em número de quatro, grossas, de tamanho de um palmo e redondas como as de Asarum, porém, com contornos ásperos, e menos glabras, turgidas de um suco muito útil”.

Ind. Terap.: As folhas, inteiras ou pisadas, aplicadas três ou quatro vezes às úlceras venéreas depura e cicatriza-as. As raízes da mesma, secas e reduzidas a pó, diluídas em água de “lurepeba” e água de côco deixadas em maceração durante um dia e ministrada algumas vezes, expêe o veneno da gonorréia e tira os calores.

Na 2ª ed. não fala mais desta espécie.

Nota: Encontramos esta planta na Caatinga, debaixo de uma árvore frondosa O nome vulgar aplica-se melhor a espécie Dorstenia tubicina Ruiz et Pavon, que possui inflorescência infundibuliforme ou ciatiforme que se encontra também no Nordeste.

Material ex.: Pernambuco – Russinha – Pickel, 3387.

Dorstenia epifera Mart. Reise 2:787.1828.

**N.v: Caa-apiá (M, P.1 e P.2), Caiapiá (P.1:47 e 48), Caapiá (P.2).**

N.v.m.: “Liga-osso”.

Lit.: M:52 (Caa-apiá Brasiliensibus). L.1, Cap.24, Fig. 52.

M:52 (Reperitur et hic.). L.4, Cap.24.

P.1:90 (De Caa-apiá). L.4, Cap.49, Fig.90.

P.2:232 (Secretum hujus herbae). L.4, Cap.53, Fig.232.

P.2:311 (Poetior vero haec quae Caapiá, in text.). L.4, Cap.19, Fig., 311, primeira.

Sendo a descrição desta planta idêntica em ambos os nossos autores daremos em seguida, a versão de PISO, por ser mais curta. Ele escreve: “O segredo desta erva devemos aos indígenas que foram os primeiros a nos revelar as suas virtudes. É uma planta pequena e baixa que, porém, compensa o porte exiguo com a abundância das suas preclaras virtudes. De uma raiz, de um ou dois dedos de comprimento e da grossura de uma pena de cisne (segundo MARCGRAVE, do dedo mindinho), nodosa e verrugosa, provida de filamentos delgados, laterais e basilares, de cor cinzento-amarelada por fora e branca por dentro, nascem três a quatro pedicelos tênues, roliços, com três a quatro dedos de comprimento, cada qual com a sua folha (i.e.: limbo) abredonda ou oblonga, tenra, em cima verde-luzidia e, em baixo, um tanto esbranquiçada, com nervura e as veias transversas salientes em baixo. Produz uma flor (i.e.: inflorescência) sobre um pedicelo próprio, circular, da forma de umbigo, semelhante a de Bellis e encerra muitos estamínulos, dos quais provém a semente, mais pequena do que a da “Mostarda”.

A raiz (i.e.: rizoma), diz MARCGRAVE, não revela sabor particular no princípio, porém mastigada tem gosto acre e deixa na língua um gosto picante.

Ind. Terap.: PISO afirma ter a planta os mesmos préstimos e a mesma eficácia da “Pecacuanha” (sic!) pelo que há quem a chame assim abusivamente. De fato, é um secedâneo dela, porque provoca vômito e combate a diarreia. É, no entanto, em 1º lugar um antídoto (das plantas

venenosas P.1:47 e 48) e purga as vísceras das escórias nocivas. É porém diferente da “Pacacuanha”, porque não é um vomitório enérgico e não tira os maus humores com a mesma eficácia, motivo porque se deve tomar em dose maior.

Os indígenas pisam toda a planta e toma uma dose, e assim eliminar em seguida o veneno ingerido. Com o mesmo suco curam também as feridas causadas por cobras e flechas ervadas.

Este trecho é de LAET (43) e de PURCHAS (34). O decocto da raiz provoca suores que expellem o veneno das cobras (P.1:41).

A dose do vomitório é de duas dragmas, podendo macerar-se a raiz em qualquer líquido apropriado. Após o efeito produzido pelo vomitório deve-se tomar ainda uma dose da infusão da mesma erva, seja pura, seja misturada à raiz de “laborandi”, a fim de provocar abundante secreção de suor e urina.

Segundo MARCGRAVE, a porção antidisentérica prepara-se deixando toda a erva em maceração dentro do vinho. Tendo expremido a erva, ministra-se o líquido ao doente pela manhã em jejum, devendo jejuar mais quatro horas. O efeito é uma purgação e a cura.

Nota: MIQUEL (31) determina a planta de MARCGRAVE como Dorstemia brasiliensis Lam. e duvidosamente como Dorstemia cayapia Vell., devido às folhas albicantes no lado dorsal. Em Pernambuco a planta supra é frequente à margem das matas e nos campos de cultura, sendo usada nas fraturas e nas feridas, daí o nome.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 4150. 4183.

Em seguida PISO e MARCGRAVE falam de uma outra espécie, como os característicos seguinte:

“Existe aqui ainda uma outra planta semelhante à precedente, exceto nas folhas que são serreadas e hirsutas, e os pecíolos que são um pouco pilosos”. MARCGRAVE acrescenta: “Produz uma flor (i.e.: inflorescência) redonda num pedicelo próprio, com um umbigo no meio a maneira da flor de “Camomila”.

Nota.: Parece não se tratar de uma espécie diferente da planta supra, pois, é ela um tanto variável. Todavia MIQUEL (31) sustenta ser esta planta a verdadeira Dorstenia opifera. Portanto nada mais é do que uma variedade ou variação.

Ficus doliaria Mart., Syst. Mat. med. bras. 88.1843.

N.v.: Coapoiba (M), Pao Gamelo (M).

N.v.m.: “Gameleira”.

Lit.: M:132 (Altera species). L.3, Cap.17.

MARCGRAVE escreve: “A segunda espécie é uma árvore com casca grisalha que expande seus ramos muito ao largo; tem folhas reunidas em frondes, oblongas, com quilha, como as folhas do “Murici”, porém não lanuginosas. O fruto desta árvore é do tamanho de uma bolinha de brincar, redondo, quando maduro externamente verde, interiormente encarnado, cheio de muitos grânulos como no figo; é sêco, sem sabor particular, assim que, embora sejam comidos por alguns, nenhum valor tem”.

Nota.: As folhas têm de fato semelhança com as “Murici” (Byrsonima cydoniifolia Juss., mas são lisas. Esta árvore é muito comum em Pernambuco, especialmente na mata, onde não raro vive como “mata-pau”, tendo neste caso um falso tronco, feito totalmente de raízes aéreas entrelaçadas.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 605.

-----

## Família. URTICACEAE

Fleurya aestuans (L.) Gaud. var. glandulosa Well., in Ann. Sc. Nat. sér. 3,18:205.1852.

N.v.: Pinó (M, P.2) Urtica (P.2).

N.v.m.: “Urtiga”

Lit.: M:48 (Pinó Brasilensibus) L.1, Cap.23, Fig.48, primeira.

P.2:235 (Aedeo notae herbae) L.4, Cap.54. Fig. 235, primeira.

Sobre esta planta MARCGRAVE escreve: "O "Pinó" dos Brasilienses é uma congênere de Urtica urens. De uma raiz curta, filamentosa, eleva-se a altura de oito a nove pés um caule estriado, um tanto piloso e gordo.

As folhas são isoladas ou aos pares, alternas, com pecíolo de um pé e meio ou mais, branco-ruivo; são semelhantes às da nossa "urtiga", grandes, de contôrno denteado, os dentes triangulares, providas com raros pêlos. No topo leva cachos com várias flores bem pequenas, de côr branca, e inseridas sobre pedúnculo comprido.

PISO, na 2ª ed., repete quase literalmente as palavrasde MARCGRAVE, omitindo porém as referências ao porte excessivo e ao pecíolo, medidas estas que evidentemente são exageradas, talvez pela tradução inexata de LAET.

Nota.: LINEU (74) determina a planta supra como Urtica aestuans, referindo-se sòmente a PISO, e também AUBLET (10) dá-lhe o mesmo nome, reportando-se à diagnose de MARCGRAVE.

Material ex.: Pernambuco – Recife – Vasconcelos Sobrinho, 4193; Tapera – Pickel 170.

-----

### Família. OLACACEAE

Ximenia americana L. Sp. P1.497.1753.

N.v.: lua umbu (M, P.2).

N.v.m.: "Ameixa de espinho", "Ameixa da terra", "Ameixeira do Brasil".

Lit.: M:108 (lua umbu Brasiliensibus). L.3, Cap.8.

P.2:168 (Datur et alia species). L.4, Cap.26.

**MARCGRAVE descreve a planta como segue: "A "lua umbu" dos Brasilienses é uma árvore de casca fusca e provida de espinhos, aqui e acolá, nos ramos.Traz folhas oblongas, verde-claras, um tanto espessas, moles ao tato, com nervura longirtudinal e algumas veias oblíquas, quase sempre recurvadas e, nalguns ramúsculos mais novos, opostas isoladamente, nos mais adultos e em quase todos os outros, colocados alternamente, duas ou três juntas, inseridas em pecíolos curtos. Ao pé dos pecíolos nascem flósculos pequeninos isolados ou dois ou três juntos, constantes de cinco pétalas. Segue-lhes o fruto, de tamanho e forma como nossas ameixas amarelas, que é também amarelo, com epicarpo e polpa como na ameixa, com bom sabor, subácido, acompanhado de um gesto de amêndoas amargas. Encerra um caroço, da forma de uma baga de "louro",duro, porém não tão grosso e que se deixa quebrar facilmente com os dentes, e que envolve uma amêndoa, de forma e tamanho de uma avelã mediana, com substância e sabor semelhante às amêndoas doces. O fruto é comestível e maduro em janeiro e fevereiro, cáe espontâneamente, sendo então colhido".**

Na 2ª ed. PISO e, também, LAET (43), consideram esta planta como uma espécie de "umbu". O "umbuzeiro" porém não é espinhoso nem tem flores isoladas ou em número de dois ou três. Segundo PIO CORRÊA (22) a "ameixeira" seria o "ambui" de Minas.

Esta árvore encontra-se frequentemente em Pernambuco mas, cresce sempre simulado arbusto ou arvoreta.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 573.

-----

## Família LORANTHACEAE

Phthirusa pyrifolia (HBK.) Eichl., in Fl. Bras. 5(2) : 36.1868.

**N.v.: Tety-pote-iba (P.2).**

N.v.m.: “Esterco de passarinho”, “Erva de passarinho”.

Lit.: P.1:113 (De vite arbustina). L.4. Cap.86.

P.2:250 (Tety-pote-iba). L.4. Cap.69.

PISO explica: “Do esterco das aves que os portugueses chama “Tetyns”, depositado sobre as “laranjeiras” nasce uma erva espontânea a qual, à maneira de Vitis arbustina, porém com folhas semelhantes à “Murta maior”, se casa com a árvore e cobrindo-a com seus ramos viçosos acaba por matá-la. Porém quanto mais daninha para a “laranjeira”, tanto mais esta zizânia é útil para o homem e para as aves “Tetyns”. Pois – na 2ª ed. acrescenta – as mesmas aves gostam de desfrutar esta erva nascida do seu esterco, seja para alimento, seja para remédio.

Ind. Terap.: Das raízes e dos ramos pisados e fritos em azeite comum prepara-se um remédio quente que cura as inchações do ventre e dos pés, provenientes do frio. Este azeite é tão apreciado que se encontra na botica de todas as casas.

Na 2ª ed. PISO acrescenta que a raspagem do caule macerada em água alimpa os olhos, especialmente nas afecções ictéricas.

Nota: Este semi-parasita, embora vegete sobre várias espécies de árvores, é ainda hoje mui freqüente nas árvores cítricas do Nordeste, causando grande mal.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 2066.

Psittacanthus dichrous Mart., Flora 13:108.1830.

**N.v.: Visgo (M)**

N.v.m.: “Enxerto de passarinho”

Lit.: M:63 (Frutex seu potius viscum quoddam). L.2, Cap.4, Fig.63, primeira.

MARCGRAVE chama esta planta “visgo” por não ter raiz e descreve-a da maneira seguinte: “Nasce sobre outros arbustos ou árvores (sem caule próprio e sem raiz) pois, no lugar onde germina, existe um tubérculo globuloso no ramo da árvore. Divide-se logo em muitos ramos, de lenho frágil, amarelado por dentro e com medula ruiva e casca castanho-escura por fora, caracterizada por muitas estrias e máculas. Tem folhas da forma de relha, opostas, gordas, verde-escuras e na margem com uma linha purpúrea, a nervura média longitudinal pouco visível e as laterais imersas, mal visíveis. Produz muitas flores justapostas sobre pedicelos, castanhos, compostas de seis pétalas agudas, estreitas, amarelo-ruivas, um tanto recurvadas, tendo no meio alguns estames amarelos. Depois da queda das pétalas e cálice das flores parece-se com um cravo (Caryophyllus aromaticus) na forma e côr. Nas flores (ou frutos?) deste arbusto vê-se frequentemente as aves “Wanombugh” (“Nambu?”), onde se pode facilmente atira-las”.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 616.

-----

## Família ARISTOLOCHIACEAE

Aristolochia brasiliensis Mart. et Zucc., Nov. Gen. & Sp. 1:77.1824.

**N.v.: Ambuyaembo (M, P.2).**

N.v.m.: “Cassau”, “Angelico”.

Lit.: M:15 (Ambuyaembo Brasiliensibus). L.1, Cap.9, Fig.15.

P.2:260 (Si ulla sarmentosa planta). L.4, Cap.66, Fig.260, segunda.

É sumamente curioso o que MARCGRAVE escreve sobre este cipó. “ O “Ambuyamenbo” dos Brasilienses é uma trapadeira que se encontra noutras plantas e nos arbustos, mediante seu caule sarmentoso. As folhas nascem no caule alternadamente, com seu pecíolo comprido, solitárias, cordiformes, largas, com nervura mediana grossa e com veias oblíquas, verde-claras ou pálidas

(como se um pouco de branco fosse misturado ao verde). Produz flores aqui e acolá, de forma notável e admirável, pois, tem forma de estômago humano; é grande, tendo seis dedos de comprimento, é verde e canelado e marca o orifício esquerdo ou superior do tal estômago, a cárdia. Este apêndice é aberto ou fendido longitudinalmente. Ao tal estômago prende-se ou encosta-se por cima uma membrana delgada, obredonda, duas vezes mais larga que a de Imperialis, variamente entremeiada com inúmeras veias encarnadas, não mal lembrando o fígado humano anexo ao estômago. A flor é toda de cor amarelo-esbranquiçada, atravessada por veias vermelho-purpúreas, as maiores ao longo e as menores ao largo e, entre as veias, pintas vermelho-purpúreas. A flor porém não tem cheiro particular.”

PISO dá, na 2ª ed. um resumo do texto de MARCGRAVE e acrescenta as Ind. Terap. seguintes:

Ind. Terap.: A planta tem sabor amargo; é usada para banhos fortificantes e para fumigações. Estas restituem o vigor aos membros resfriados e os intestinos entorpecidos pelos humores frios.

O chá feito das folhas, só ou adicionando pedaços da raiz da “luripéba”, desobstrue os órgãos hipocôndricos afetados pela friagem.

Nota; LINEU (74) determina a planta marcgraviana como Aristolochia triloba e VELLOZO (89) como Aristolochia orbiculata. Encontra-se no Ceará e na Bahia e também nos estados do Rio – São Paulo – S. Catarina (31).

Material ex.: São Paulo – Capital – Pickel 4820.

-----

### Família POLYGONACEAE

Coccoloba mollis Casar., Nov. Setirp.Bras. Dec.72.1842 – 1845.

**N.v.: Caaguaçuba (M).**

N.v.m.: “Cabaçú, “Cabucú”.

Lit.: M:97 (Caaguacuiba Brasiliensibus). L.3, Cap.3.

Segundo MARCGRAVE. É uma árvore pequena, de caule reto e fino, sem ramos, vestido no topo com folhas enormes e numerosas, de um pé e meio de comprimento e mais de um pé de largo, com nervuras bem visíveis, moles ao tato e hírsutas, em cima mais verdes que em baixo.

Traz flores pequenas, reunidas em umbela, semelhantes às flores de Tilia, brancas, com cinco folhinhas (i.e.: sépalas) e, no meio, um umbigo amarelo, de cheiro também das de Tilia. A casca da árvore é acinzentada e o lenho frágil. O fruto maduro é preto e comido pelas aves”.

Nota: Esta árvore só tem folhas tão grandes, enquanto nova e desprovida de ramos, pois, quando esgalha, as folhas ficam menores. As flores reunidas em umbela são um engano de MARCGRAVE, pois, ficam reunidas em panícula de espigas, que lembram uma “umbela” de espigas”. Esta árvore é frequente em Pernambuco.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 176.

Polygonum acuminatum HBK., Nov. Gen. & Sp. 2:178.1817.

N.v.: Potinçoba (P.1 e P.2), Pulgara (P.1 e P.2) (sic!).

Lit.: P.1:101 (De Potinçoba, Lusitan. Pulgera).L.4, Cap.64, Fig.101, primeira.

P.2:221 (Potinçoba).L.4, Cap.49, Fig.221.

Visto ser a descrição na 2ª ed. um baralhamento de duas espécies, só nos reportamos á 1ª ed. de PISO na tradução seguinte: “Esta erva que mal se eleva á altura de uma perna e tem folhas oblongas, ora com manchas, ora sem manchas, encontra-se por toda parte nos terrenos paludosos e nas águas estagnadas e, como seja em tudo semelhante á Persicaria, adotei para ela o nome de “Persicaria americana”.

Ind. Terap.: A raiz mastigada morde a língua mais intensamente e com maior veemência que o Hydropiper europeu e vence-o neste particular. O remédio preparado com as folhas cura as dores crônicas dos membros e tira a frieza. Aplicado á pubis age como diurético. Sendo um dos principais cáusticos os cirurgiões aplicam a erva em estudo fresco ás úlceras necrosadas.



Nota: Não há dúvida que se trate desta planta, pois, a Persicaria é um Polygonum. As manchas das folhas são de origem parasitária ou lesões mecânicas que se vê frequentemente. Cresce à margem dos rios, obstruindo não raro a passagem. As espigas de flores tem côr rósea ou encarnada.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 2374.

Polygonum punctatum Elliot, S.Car. & Georgia 1:455.1816-1821.\*

**N.v.:** Erva pulgera (M) (sic!)

**N.v.m.:** “Pimenta d’água”, “Capitiçova”, “Erva de bicho”.

**Lit.:** M:25 (Hydropiper). L.1, Cap.13.

MARCGRAVE considera muito acertadamente esta erva como uma espécie de Hydropiper (Polygonum L.) e descreve-a, como segue: “Possue um caule roliço, nodoso, verde e encarnado ao redor dos nós; folhas semelhantes às de “salgueiro” e, no ápice dos ramos, espigas floríferas tênuas e compridas, compostas de flores brancas e pequenas. Produz semente triangular, luzida castanho-escuro ou fusca, pequena. A raiz é semelhante a cabelos compridos e fuscados, mediante os quais se sustenta debaixo d’água, pois, os caules submersos obliquamente na água, têm ao redor dos nós muitas fibras capilares. A erva queima a língua como pimenta”.

Ind. Terap.: Os portugueses usam esta erva para lavar as úlceras em lugar de cáusticos, e para amadurecer forúnculos e apostemas (P:37).

PISO infelizmente, na 2ª ed. (pág. 221) confunde esta espécie com a anterior, aproveitando a descrição de MARCGRAVE e, assim, de duas faz uma terceira espécie.

Nota: A presente planta é muito abundante nos regatos e à margem dos rios e ajuntamentos d’água.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 501.

---

### Família AMARANTHACEAE

Amaranthus viridis L. (p.p.), Sp.P1.2ª Ed.1405.1763.

N.v.: Caruru (M, P.2), Bredos (M, P.2).

N.v.m.: “Bredo”, “Bredo de espinho”, “Caruru verde”.

Lit.: M:13 (Caruru herba). L.1, Cap.8, Fig. 13, primeira.

P.2:241 (Vulgaris herba Caruru). L.4, Cap.57, Fig.241, segunda.

Esta planta é, segundo MARCGRAVE, uma espécie de Blitum, pois “De uma raiz branca, bastante grossa, nascem muitos caules de um a quatro pés de altura, com folhas semelhantes ao Blitum (= Amaranthus blitum L., que é a mesma planta, que Amaranthus viridis), polvilhados às vezes com uma espécie de flor de farinha. Na extremidade o caule leva flores pequenas, verdes, reunidas em espiga, como em Blitum, provido dali a semente pequena, semelhante á de Papaver minor, comprimida, preta, luzidia e inclusa numa película grisalho-fusca”.

Usos: Cozinha-se a erva como hortaliça, como a “beterraba” e o Atriplex, tem sabor e amolece logo quando fervida.

PISO copia a 2ª ed. o trecho de MARCGRAVE, acrescentando em seguida que se pode comer também como salada, adubando como sumo de limão.

Ind. Terap.: Segundo PISO, esta erva tem o mesmo valor medicinal que o blitum das farmácias, porque é levemente laxativa de fácil digestão e de natureza úmida e fria.

Nota: LAET refere-se em sua “Anotação” às plantas que XIMENES descreveu da Nova Espanha, porém não identifica a espécie supra com qualquer uma delas, embora servirem também como hortaliça.

O “caruru” de MARCGRAVE é, sem duvida o Amaranthus viridis, mas a estampa exibindo espinhos axilares e as máculas das folhas que parecem polvilhadas de farinha representa

---

\* sinônimo: P. acre H.B.K.

Amaranthus spinosus L. (=Bredo de espinho"). De fato, ambas as espécies encontram-se de permixto, provindo daí a confusão de MARCGRAVE.

LINEU (74) idêntifica o "carurú" como Amaranthus viridis, porém, apenas se refere a PISO.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 180, 2130 (Amaranthus spinosus L.), 418 (Amaranthus viridis L.).

Gomphrema vaga Mart., Nov. Gen. & Sp. 2:17.1826.

Lit.: M:46 (Gnaphalium brasiliense). L.1, Cap.22.

MARCGRAVE dá esta espécie o nome de Gnaphalium brasiliense e descreve-a, como segue:

"É uma planta que nasce de uma raiz da grossura do dedo mindinho, é provida de muitas fibras (radiculares) e com cheiro semelhante á de Helenium, sem sabor particular e que produz sempre novos caules.

Ela deixa brotar seis e mais caules, quase roliços, grossos na base, até três pés de altura, nodosos e quase fuscos devido ás fôlhas que a revestem a guarnecidos com lanugem branca. As fôlhas que o rodeiam são numerosas, com três a quatro dedos de comprido, estreitas, verdes e cobertas com muita lanugem branca, ou tomentosas, que se tornam menores na parte apical do caule.

Êste divide-se em muitos ramos, um tanto hirsutos, os quais são ornados com fôlhas estreitíssimas, alternas, brancas devido á lanugem e um a dois dedos de comprido. Na extremidade dos ramos porém originam-se capítulos compostos por escamas oblongas, prateadas e luzidias, entre as quais nascem numerosas flores pequenas constando cada uma de cinco escâmulas ou folíolos brancos isolados e, no meio, um estamínulo branco-pupúreo, mas longo. As flores não têm cheiro. Depois da floração nasce a semente entre as escamas, que é oblonga, fugás e fusco-prateada".

Nota: É uma planta da Caatinga que cresce em moitas, á margem das estradas, alcançando 1,50 m de altura. A vilosidade das f ôlhas é muito variável.

Material ex.: Pernambuco – Russinha – Pickel, 1187, 2827, 2828, 2840.

Iresine vermicularis (L.) Moq., in D.C. Prodr. 13 (2):340.1849.

N.v.: Perexil (M), Perexil do mar (P.2), Caaponga (P.2).

N.v.m.: "Capotiraguá".

Lit.: M:14 (Perexil Lusitanis). L.1, Cap.8, Fig.14, segunda.

P.2:243 (In locis maritanis, in text.). L.4, Cap.58, Fig.243, primeira.

MARCGRAVE denomina esta planta: Crithmum marinum no spinosum. A tradução dêsse trecho é a seguinte: "Alcançam os caules meio pé de altura ou maior, são roliços, nodosos, ruivos, em parte decumbentes e, em parte, eretos. Em cada nó têm duas ou quatro fôlhas, semelhantes ás do "Hisopo", porém mais gordas e um tanto carenadas e opostas. Na extremidade fica um capítulo oblongo ou oval, branco quase como no "trevo", tendo nele como flor alguns estamínulos amarelos, côr de "açafraão". É uma planta suculenta".

Usos: As fôlhas e pontas do caule, ligeiramente fervidas, guardam-se dentro de vinagre, como conserva, e comem-se com carne e peixe. Têm bom gosto, pelo que são muito usados pelos portugueses.

PISO, ao tratar na 2ª ed. desta planta marcgraviana recomenda-a e bem assim, a Portulaca oleracea e o Sesuvium portulacastrum como úteis para salada.

Ind. Terap.: A planta é aperitiva, diurética e laxativa.

Material ex.: Pernambuco – Vitória – Pickel, 1859; Recife – Pickel, 4224, 3609.

-----

## Família NYCTAGINACEAE

Boerhaavia coccinea Mill. Gard. Dict. 8<sup>a</sup> Ed. 4. 1768.

N.v.: Caapomonga (M, P.2) , Erva do vina (M, P.2), Cuapomonga (P.1), Caaiairoap. (P.2).  
N.v.m.: “Pega-pinto”, “Erva tostão”.

Lit.: M;28 (Caapomonga Brasiliensibus dicta). L.1, Cap.13, Fig.60, primeira.

P.1:109 (De secunda Cuapomonga, ejusque facultatibus). L.4, Cap.52, Fig.92, primeira.

P.2:200 (Caapomonga, allis Caaiairoap). L.4, Cap.40, Fig.303.

A descrição desta planta é feita por ambos os autores em termos idênticos, porém MARCGRAVE é mais minucioso. Ele escreve: “A planta, chamada pelos Brasileiros de “Caapomonga” e pelos portugueses de “erva do vina”, (=divina?) tem raiz de quase meio pé de comprimento, flexível, tênue, reta e provida, às vèzes, de outras radículas, por fóra de côr de Crocus (depois escura), por dentro alvíssima, de gosto adocicado; dela originam-se três ou quatro caules com oito ou nove dedos de comprimento, redondos, nodosos, verdes e, em parte, ruivos, meio decumbentes e meio eretos. Dos nós saem raminhos, nos quais há, também pelos nós, fôlhas opostas ou três ou quatro juxtapostas, do comprimento de um dedo (obrotundas, segundo PISO), moles, verde-escuras em cima, brancas em baixo; cada uma com seu pecíolo, de meio dedo de comprimento, e nervuras salientes. Na ponta dos caules há pedúnculos que sustentam pequenas flores umbeladas, de côr vermelho-purpúrea diluída. Pela exiguidade da flor não se pode ver sua forma, porém, mediante o megascópio verifica-se serem essas flores semelhantes às de Campanula, em cima denteadas, e terem no meio dois estamínulos vermelho-púrpureos, da mesma forma como em Campanula, um pouco exsertos e providos de dois ápices.

Encimam um corpúsculo cônico, cilíndrico, verde, o qual antes de abrir-se é hispido e pegajoso, assim que fâcilmente adere aos vestidos, pelo que os portugueses os chamam “Carapiços” (sic!) (=carrapixos). As florezinhas foram desenhadas ao megascópio” (porém perdeu-se esta estampa, infelizmente).

Ind. Terap.: MARCGRAVE não se ocupa das propriedades medicinais desta planta, porém PISO, na 1<sup>a</sup> ed., ressalta, ao envez, justamente o que aquêle negligenciará. Diz o seguinte a respeito: “Esta erva, célebre por certo entre todos os indígenas e habitantes, vegeta espontaneamente nos terrenos arenosos. Sua raiz tem princípios voláteis e cozinhadas em água pura ou, segundo o meu conselho, em chá de “Pagimirioba” ministra-se ao doente, porquanto é diurética e proveitosa aos rins e à bexiga e na Hidropisia (P.1:126).

Nota: Ainda hoje o chá de “Pega-pinto” é muito procurado e usado pelo povo como diurético.

A estampa que acompanhava o texto de MARCGRAVE foi trocada por LAET. LINEU (74) deixou-se enganar pela estampa, (que representa a Plumbago scandens L.) pensando que a descrição se referiasse á esta espécie.

PISO enganado da mesma forma pela estampa errada, na 2<sup>a</sup> ed. não só confunde a Boerhaavia com a Plumbago, apresentando o texto de MARCGRAVE e a estampa errada, como ainda traz informações sôbre uma planta que deve ser a Boerhaavia, que aliás não descreve (Datur et alia: P.2:201). Por causa desta confusão não se deve ligar importância ao que escreveu sôbre o assunto.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 184, 2026.

Mirabilis jalapa L. Sp.P1.177. 1753.

N.v.m.: “Bonina”.

Lit.: P.2:207 (Nobilis haec planta). L.4, Cap.44, Fig.208.

Sob a epígrafe: “A Mirabilis peruana” escreve PISO o seguinte: “Esta planta, é variável não sômente nos nomes usados nos diversos países, e sim também na côr e no perfume. É nativa no Continente americano, medrando espontaneamente nas terras férteis e vulcânicas. No Perú, porém, é mais conhecida e cultivada mesmo pelos leigos em botânica por causa de beleza das suas flores, sendo por isso introduzida daí a Europa. Eu, porém, trato dela aqui por causa das qualidades medicinais da raiz. Os Peruanos chamam-na “Hachal-Indi” e os Latinos Mirabilis peruana. Tem caule firme, suculento, amarelado, nodoso, elevando-se á altura de um frúctice, e dêle saem galhos nodosos, em cujos nós nascem fôlhas opostas com seus pecíolos, semelhantes às de Siliquastrum

ou Solanum. As flores brotam das pontas dos galhos, são quinquangulares, compridas, côncavas, semelhantes às de Convolvulus e primam tanto pela elegância e diversidade das côres que são ora purpúreas, brancas ou amarelas, ora bicolores, tendo duas côres misturadas, e imitam pelo cheiro suave às vezes o “Narciso”... As flores são pouco duráveis, porém abrem sempre novas, compensando aquêlê defeito pela sucessão contínua das flores. Acresce ainda, e isto é digno de mencionar-se, que desabrocham á meia noite e abrem, mas não amam o sol como as outras, porque não suportam os raios caloríferos, pois, pela menor quentura o delicado e escasso suco das flores se desfaz. O contrário acontece àquellâs que têm suco espêssô e abundante e só abrem ao calor do sol. Parece também, ser esta a razão do perfume diurno ou noturno das plantas. Os cálices membranosos (i.e.: os envólucros) das flores encerram uma semente quase pentágona, obtusa, fusca, e tuberculosa que se desprende pelo menor abalo, e abrindo mostra uma polpa branca. A raiz também é branca por dentro, emagrecida por fora. filamentosa e acre, porém com sabor não desagradável”.

Usos: Aproveitam as flores na confecção de cosméticos.

Ind. Terap.: A raiz é hidragoga e produz bons efeitos na hidropsia (P.1:26) e no amadurecimento dos furúnculos e apostemos (P.1:37). Hoje é usada como purgante e antigamente substituíram a “Jalapa” (é portanto a falsa “Jalapa”).

Nota: Esta planta é comum por toda a parte e não raro vê-se também flores bicolores provenientes de uma hibridação natural.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 2048.

-----

### Família PHYTOLACACEAE

*Callesia integrifolia* (Spreng.) Harms, in N. Pf1zf.2<sup>a</sup> Ed.16.144. 1934 \*

N.v.: Ibirarema (P.1), Ibiraremo (P.2), Páo d’alho (P.1).

N.v.m.: “Pau d’alho”, “Guararema”.

Lit.: P.1:115 (Prior Ibirarema, in text.). L.4, Cap.91. Citado.

P.2:236 (Tertia procera est arbor Ibiraremo, in text.). L.4, Cap.55.

PISO não descreve pròpriamente esta árvore, mas dedica-lhe apenas umas frases. Não há dúvida porém que se trate de presente espécie, encontrada em Pernambuco, embora raramente.

Na 1<sup>a</sup> ed. escreve o seguinte: “Nas matas vastas do Brasil encontra-se algumas plantas que lembram de tal maneira as propriedades do “alho” que, mesmo tocados de leve, encham com cheiro ativo as matas e a casa inteira e, mesmo, causam incômodo á cabeça e ao nariz. Duas espécies diversas principâlmente se me tornaram conhecidas, das quais a primeira é chamada “Ibirarema” pelos Brasienses e “Pao ou Cipó d’alho” pelos protuguêses”.

Na 2<sup>a</sup> ed., não mais confundee os “Pau ou Cipó d’alho. porém não tem coragem empregar o termo “Pau d’alho”, receiando tratar-se de planta direferente (do “cipó d’alho”).

Acrescenta ainda na 2<sup>a</sup>ed. que a “Ibirarema” é uma árvore alta encontrada nas matas e, antigamente também, no promotório de Olinda; tem madeira dura que serve para caixas de açúcar e possui fôlhas redondos”.

Ind. Terap.: Na 2<sup>a</sup> ed. PISO dá as seguintes aplicações medicinais: Os índios usam-na contra dois males precipuamente. Pisam a casca e ajuntando água obtêm uma mucilagem, com a qual friccionam o corpo das creanças, contra as febres pertinazes e contra as obstruções provenientes do frio; nos adultos, contra as dores (reumáticas) articulares dos membros chamados pelos portugúeses geralmente de “Curimentos”.

Nota: A observação de PISO que a madeira serve para fazer caixas de açúcar deve ser um engano, visto que todas as partes da árvore cheiram intensamente a alho. Entretanto, a madeira foi aproveitada naquêles tempos para a obtenção da cinza rica em potássio que servia para clarificar e purgar o açúcar (29). As informações sôbre fôlha e frutos mostram que não conhecia a árvore.

Material ex.: Pernambuco – Pau d’alho – Pickel, 1234.

---

\* Sinônimo: G. soarema (Vell.) Miq.

Microtea longebracteata H. Walt., Pflzr. 129.1909.

N.v.:

Lit.: M:56 (Herba cui nomem Auctor non adscripsit). L.1, Cap.26, Fig.56, primeira.

Esta erva MARCGRAVE apresenta com a diagnose seguinte: “Os caules elevam-se á altura de um pé e meio ou mais, em grande número e são estriadas, esgalhados, tendo os galhos uma nodosidade no caule no lugar onde se originam. Os ramos são alternos, tendo na base fôlhas isoladas oblongas, fastigiadas, com nervuras moles ao tato, semelhantes ás de Oxylapathum (= Rumex acutus L.), às vêzes uma pequena junto da maior, e distantes uma da outra um dedo e meio. Na extremidade do caule e dos galhos nascem muitas espigas pequenas, verdes, de quatro a cinco dedos de comprimento, as quais se desenvolvendo produzem flores pequeninas, amarelas, de tanta pequenez que cada pétala não é maior que a ponta de uma agulha. A raiz é esbranquiçada, lenhosa, sem cheiro particular. A planta é perene, produzindo novos caules”.

Nota: LAET mandou desenhar a estampa sôbre material de herbário do autor.

Encontramos no Interior de Pernambuco esta planta que parece ser a marcgraviana.

Material ex.: Pernambuco – Russinha – 3589.

Microtea maypurensis (Kth.) G. Don, in Lond. Hort. Brit. 98. 1830.

Lit.: M:7 (Planta quam Auctor nom nominat). L.1, Cap.5.

A diagnose desta planta dada por MARCGRAVE é uma charada. A única planta que concorda com a descrição é a Microtea maypurensis, que cresce em abundância em Pernambuco, no tempo das chuvas. A tradução é a seguinte: “A planta (á qual o autor nã dá nome) emite de uma raiz pequena, branca e provida de muitas racicelas um ou dois caules roliços, verdes e ramosos, vestidos de folhinhas alternas e semelhantes ás de Sinapsis. Na extremidade do caule pequeno nasce uma espiga comprida de florinhas alvíssimas, do tamanho da Acetosa menor. Ás flores segue a semente fusco-cinzenta, redonda, do tamanho entre as de Sinapsis e Papaver, hírsuta e ao tato como a cabeça de ouriço. A planta adquire á altura de sete ou oito dedos”.

Nota: Examinando a planta encontram-se todos os característicos apontados por MARCGRAVE que concordam plenamente.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 725.

Petiveria hexaglochis Fisch. et Mey., var. tetrandra (Gomes) Schmidt, in. Fl. Bras.14(2):334.1872.

N.v.: tipi (P.1 e P.2)

N.v.m.: “Pipi”, “Tipi verdadeiro”, “Guíne”.

Lit.: P.1:115 (Posterior frutex est arborescens, in text.). L.4, Cap.91. Citado.

P.2:236 (Secunda tipi, in text.). L.4, Cap.55.

Como no caso do “Pau d’alho” e “Cipó d’alho” PISO parece não falar de experiência própria e, p.e. relata pouca cousa desta planta. Na 1ª ed. escreve sôbre ela o seguinte: “O segundo frúdice é arborescente; encontra-se nas matas e antigamente existia também no promontório de Olinda e tem o nome de “Tipi”.

Na 2ª ed. corrige o que escrevera errôneamente sôbre o porte arborescente desta planta, porém faz novos erros a respeito dos frutos. O texto é o seguinte: “A segunda (planta) é o “Tipi”, atinge o porte de um frúdice e produz flores brancacentas e frutos negros, redondos, á maneira de ameixas, porém, insípidos”.

Ind. Terap.: As propriedades medicinais desta espécie PISO igual às do Pau d’alho”. (O “Tipi” é uma erva da mata trazida pelos negros da África e muito conhecida pelo povo. É usada pelo povo como diurético, emenagogo, abortivo e antireumático e tem cheiro nauseabundo).

Nota: O que PISO escreve sôbre o fruto é fantasia, pois é um aquênio coriáceo, provido de quatro cerdas apressas, fato que se deixa observar sem dificuldade (29).

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 880.

-----

## Família AIZOACEAE

Sesuvium portulacastrum L. Syst. 10a Ed.1058.1759.

N.v.: Caaponga (P.2).

N.v.m.: "Bredo", "Beldroega de praia".

Lit.: M:39 (Herba). L.1, Cap.18, Fig.39.

P.2:243 (Secunda). L.4, Cap.58, Fig.243. segunda.

Sobre esta erva que, segundo PISO, cresce em grande número nas praias (o que de fato é assim em Pernambuco e em toda a costa do Atlântico, de clima tropical). MARCGRAVE escreve o seguinte: "Tem caule como Portulaca, roliço, nodoso, ruivo, reptante, preso á terra com raízes fibrosas, tendo em cada nó cinco ou seis fôlhas juxtapostas. Estas são da forma das de Lavandula, porém grossas e suculentas como na Portulaca. Por entre as fôlhas traz sobre um pedicelo isolado uma flor pequena, purpéreo-clara, com cinco pétalas reclinadas e muitos estamínulos da mesma côr postos em roda e, no meio, um outro estame (i.e.: o ovário) verde e oval. As raízes aquí e acolá, pequeno número, e grossas como pena de ganso, são providas de numerosas radículas filiformes e, ao longo do caule, cria raízes fibrosas, com as quais se fixa ao solo".

NOTA: PISO que, na 2ª ed. copia esta diagnose de MARCGRAVE, afirma ser usada como salada tal qual como a Iresine e Portulaca, o que é verdade. As fôlhas são, porém, opostas, e por isso, o que MARCGRAVE diz que em cada nó nascem cinco ou seis fôlhas, se deve entender dos brotos axilares, que MARCGRAVE considerou como fôlhas.

Material ex.: Pernambuco – Recife – Pickel , 3554; Ipojuca – Pickel, 3289.

-----

## Família PORTULACACEAE

Portulaca oleracea L. p.p., Sp.P1.445.1753.

N.v.: Caaponga (M, P.2), Beldroga (M,P.2), Bredo (P.1:37), Portulaca (P.1:29, 1:24).

N.v.m.: "Beldroega", "Bredo de porco", "Bredo pequeno".

Lit.: M:49 (Caaponga Brasiliensibus dicta). L.1, Cap.23, Fig.49, segunda.

P.2:244 (Tertia Caaponga). L.4, Cap.58, Fig.244, primeira.

A "beldroega" MARCGRAVE caracteriza como segue: "A "Beldroega" (sic!) dos portugueses é uma espécie de Portulaca. De uma raiz curta, que termina em radículas brancas, produz um caule roliço, gordo e suculento, o qual se divide logo perto do chão em muitos outros ramos e em galhos, sendo revestidos com fôlhas semelhantes ás de Portulaca, suculentas e alternas. Na extremidade da cada galho encontram-se oito fôlhas dispostas em forma de estrêla, dentre as quais surge uma flor amarela, de cinco pétalas e do tamanho da de nossa Portulaca. Depois de fechada a flor, remanece um corpúsculo obrotundo rodeado por um papilho branco, corpúsculo êste que encerra a semente negra, globulosa, de tamanho menor que a de Papaver".

Em seguida acrescenta: "Os ramos desta planta são revestidos de um tomento branco semelhante á lã de ovelha. Cozinhada esta erva é comestível".

NOTA: Com este último trecho, que fala da lanugem do caule, MARCGRAVE comete confusão entre a Portulaca oleracea e pilosa L. PISO copia, na 2ª ed., também êste erro com o resto do texto de seu colega.

IND. TERAP.: PISO recomenda a salada de Portulaca etc., aos escorbúticos (P.1:24) e para o amadurecimento dos furúnculos e apostemas (P.1:37).

Material ex.: Portulaca oleracea, Pernambuco – Tapera – Pickel, 501;

Portulaca pilosa, Tapera – Pickel, 535, 2834.

Talinum paniculatum (Jacq.) Gaertn., Fruct.2:219.1791.<sup>(\*)</sup>

N.v.: Acetosa (M).

---

<sup>(\*)</sup>Sinônimo: T. patens (Jacq.) Willd.

N.v.m.: “Bredo Major Gomes”.

Lit.: M:23 (Acetosa Brasiliensis). L.1, Cap.12.

P.2:244 (Quia Acetosa Brasiliensis, in text.). L.4, Cap.28.

MARCGRAVE denomina esta planta Acetosa brasiliensis. “Tem – segundo êle – caule roliço, verde e suculento, fôlhas oblongas, lisas, sólidas e suculentas como a Portulaca. Na extremidade dêsse caule há outro triangular, de um palmo de comprido, mais ou menos, e no tôpo dêste último pedicelos triangulares onde nascem muitas flores purpúreo-claras, com cinco pétala, da mesma côr que o sumo de cerejas encarnadas. Possui acidez agradável e usa-se para salada”.

PISO tráz, na 2ª ed., o mesmo texto e acrescenta que esta erva não é inferior á Rumex acetosa da Europa, pelo que é de uso cotidiano nas mesas dos Brasilienses.

Nota: De fato, as fôlhas dêste bredo dão uma salada gostosa, acidulada. Não é cultivada entretanto, mas cresce espontâneamente nos campos cultivados e abandonados.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 190, 2078.

---

### Família NYMPHAEEAE

Nymphaea amazonum Mart. et. Zucc., in Abh. Akad. Munchen 1:363.1832.

N.v.: Aguapé (M, P.1 e P.2), Golvaon (M, P.2).

N.v.m.: “Golfo”, “Golfão”, “Aguapé do Amazonas”, “Uapé”.

Lit.: M:23 (Aguapé Brasiliensibus). L.1, Cap.12.

P.1:91 (Inter illas herbas, in text.). L.4, Cap.50.

P.2:219 (Inter illas herbas). L.4, Cap.49, Fig.219.

Sôbre o “Aguapé” MARCGRAVE escreve: “O “Aguapé” dos Brasiliense e o “Golvão” dos portugueses é uma Nymphaea de flor branca. Tem fôlhas semelhantes ás da nossa, em baixo provida de muitas nervuras entrelaçadas e também a flor semelhante, a qual porém consta de doze pétalas oblongas, agudas, estreitas e brancas, com quatro sépalas verdes em baixo delas, de cheiro suave.

Nasce a cada passo nos rios tranquilos, (e nas lagoas, como diz PISO).

IND. TERAP.: Sôbre os usos medicinais MARCGRAVE nada informa, porém, cura-se e, bem assim, as inflamações e a erisipela. O óleo extraído das raízes é de grande eficácia na medicação das afecções quentes, de natureza interna e externa; é um remédio de uso corrente. O decocto de “Aguapé” é, desobstruente (P.1:24) e o da raiz usa-se em cataplasmas sôbre o hipocôndrio das creanças (P.1:34) e nas feridas (P.1:36).

As raízes, segundo PISO, comem-se assadas e como salada, sendo assim antidiarréicas.

PISO distingue, na 1ª ed. duas espécies, comparando as fôlhas da espécie menor que as da “Acariçoba”. Na 2ª ed. descreve a espécie supra fazendo suas as palavras de MARCGRAVE.

Nota: A espécie menor é Nymphaea amazonum. Seus caracteres concordam bem com a diagnose de MARCGRAVE: forma das fôlhas como a de Nymphaea européia, quatro sépalas e doze pétalas. É verdade que as pétalas são um número maior, mas MARCGRAVE só viu doze, porquanto as flores não abrem inteiramente.

A espécie maior é Nymphaea rudgeana MEY..Ambas possuem cheiro suave, mas a última rescende mais. Crescem lado a lado nos rios e nas lagoas.

LINEU (74) considera a espécie marcgraviana como sendo Nymphaea alba, ao passo que CASPARY (31) identifica-a como Nymphaea ampla D.C.. Segundo êste PISO tirou a estampa que apresenta na 2ª ed., de Lobelius, mutilandoa a seu talante.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 3725.

## Família MENISPERMACEAE

Cissampelos glaberrima St. Hil., Bras. Merid. 1:46.1825.

N.v.: Caapeba (M, P.1 e P.2), Erva de Nossa Senhora (M, P.1 e P.2), Cipó de cobras (M, P.1 e P.2).

N.v.m.: “Santa Maria”, “Cipó de cobra”.

Lit.: M:25 (Caapeba Brasiliensibus). L.1, Cap.13, Fig.26, primeira.

P.1:94 (De Caapeba). L.4, Cap.54, Fig.94, segunda.

P.2:261 (Clemati non absimilis). L.4, Cap.66, Fig.261.

P.2:312 (Si ulli plantae). L.5, Cap.19, Fig.312, segunda.

MARCGRAVE descreve esta planta mais minuciosamente que PISO, pelo que seguimos àquêle, intercalando porém as observações dêste (em parênteses): “É uma planta trepadora, com caules tenros, roliços, verdes e mui flexíveis (semelhante à Clematis), ora trepando as árvores vizinhas, ora trepando no chão á maneira de cobra (donde o nome “Erva de cobras”). Cada fôlha é inserida no caule isoladamente mediante um pecíolo arruivado, o qual tem dois dedos de comprimento, um pouco curvo na base, e tem forma orbicular ou é largo cordiforme, da consistência da Perfoliata (?), em cima, verde-clara e, em baixo, esbranquiçada; e em algumas plantas as fôlhas são quase todo redondas. O pecíolo porém não se insere na margem ou na base do limbo, como no Nasturtium peruvianum. Junto do pecíolo nasce ainda um pedúnculo, de um dedo e meio de comprimento, sustentando uma flor pequena, obrotundas colocadas em cima e, debaixo delas, uma larga e , mais em baixo, três pequenas alternas. Na extremidade do pedúnculo, entre as quatro folhinhas superiores há um grão do tamanho de uma ervilha, oval, verde por dentro, e mais tarde encarnado (PISO compara a inflorescência – porque não se trata da flor e sim da inflorescência feminina e dos frutos) ao estróbilo do “lúpulo” e acrescenta que floresce em julho).

A raiz é longa e quase torcida (e PISO acrescenta que é cinzento-escura, da grossura de um dedo, quando nova e da grossura de um baço e preta, quando velha. A polpa é sólida, compacta e pingue, de sabor amargo e de princípios quentes e voláteis. A planta não tem cheiro particular, a não ser o de erva).

IND. TERAP.: As fôlhas e a raiz são medicinais. PISO recomenda a raiz na hidropisia (P.1:26) e nas obstruções dos rins e da bexiga, pois dissolve os cálculos. Prepara-se o remédio cortando a raiz em discos que se deixam por alguns dias macerar num líquido, como sejam cerveja ou vinho, dando a beber êste líquido ao doente. (Parece que nos tempos coloniais êste remédio estava muito em voga, pois PISO afirma que os nobres portugueses o preferiram a qualquer outro).

Segundo MARCGRAVE, as fôlhas são um remédio contra mordedura das cobras, bastando aplica-las sobre a ferida, segundo PISO 1:36 E 43). Certamente é por causa dêste uso que a “Caapeba” tomou o nome de “Cipó de cobras” e não-como PISO afirma-porque serpeia no chão. O suco das fôlhas expele também os venenos ingeridos, se fôr tomado em vinho. (P.1:48).

Nota: Esta planta é mui conhecida em Pernambuco e usada como sudorífico e antiasmático. Com razão ST. HILAIRE (31) identifica a planta de MARCGRAVE com a sua, pois a descrição da inflorescência feminina e das fôlhas glabras é exata; por isso EICHLER (31) não tem razão, quando a relaciona com Cissampelos pareira L. que não cresce no Nordeste. MARCGRAVE só viu a inflorescência feminina.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 875.

---

## Família ANNONACEAE

Annona glabra L., Sp P1.537, 1753.

N.v.: Araticu-pana (M, P.1 e P.2).

N.v.m.: “Aticum do brejo”, “Araticum do brejo”, “Corticeira”.

Lit.: M:94 (Araticu pana). L.3, Cap.2.

P.1:48 (Araticu pana). L.3.

P.1:70 (Illa autem arbor quae Araticu pana vocatur, intext.). L.4, Cap.18, Fig.70.

P.2:142 (Araticu pana). L.4, Cap.17, Fig.142.



MARCGRAVE escreve: “O “Araticu-pana” é uma árvore de porte não muito grande, com ramos semelhantes aos do “Araticu ponhe”, porém, as folhas são algo diversas e muito menores, a saber três ou quatro dedos de comprimento e um dedo e meio de largura e semelhantes às da nossa “pereira”. A flor segue o fruto que tem forma e consistência semelhante á da anterior, á amarelo na maturação (aliás verde), porém menor, encerrando uma polpa dourada, cheirando a queijo podre, e tendo muitos caroços amarelo-esbranquiçados, do mesmo tamanho que na anterior (i.e. “Araticu ponhe”). O fruto é venenoso devido as suas qualidades frias. Esta árvore engendra raízes profundas, grandes, grossas e compridas, de lenho leve como cortiça com as quais fazem escudos porque são leves e não deixam penetrar as flechas e as espadas”.

PISO, ao falar desta árvore, salienta que cresce nos lugares pantanosos, enquanto as outras espécies são das matas (P.1:70). A fruta é comestível, porém, ofende ingerida em grande quantidade (P.1:48). Parece que PISO teve muitas ocasiões desta natureza, porquanto escreve na 2ª ed. (P.2:306) que os recém-chegados da Europa, atraídos pelo aspecto inédito das frutas gostam de comer todos os “Araticús” e, não sabendo distinguir entre o “Araticu ponhe” e Araticu pana”, comprometem a sua saúde. Entregando-se ao excesso da comida começam a ter acessos frios, i.e. uma espécie de envenenamento, cujos sintomas são semelhantes aos causados pelos venenos, pelos cogumelos e pela manipuera, pelo que se corrige com os mesmos remédios como sejam o “Jaborandi”, a “Ipicacuanha” e “Caiapía”. PISO explica a nocividade da fruta da maneira seguinte: “É digno de reparo, que as raízes desta árvore medrando nos paus descem profundamente na terra (o que não se nota facilmente nas outras árvores do Brasil), donde é de crêr que a qualidade fria e nociva, pela qual a fruta se torna venenosa, vem do frio que infesta a terra (P.1:70).

IND. TERAP.: Ao que parece esta planta não teve emprego medicinal no século 17, porém nos nossos tempos as folhas passam por antelmínticas (36).

Nota: PISO aproveita as observações de LAET (43) que fala sobre o mesmo assunto como também sobre a madeira leve como cortiça que os índios usam para os aludidos fins.

LINEU (74) determina a planta dos nossos autores como Hipomane mancinella. MARTIUS (31) como A. palustris L. que é sinônimo de A. glabra.

Esta árvore cresce em Pernambuco. Das raízes levíssimas fazem afiadores de navalha de ótima qualidade, por causa da estrutura homogênea do tecido aerífero que é enormemente desenvolvido. Os afiadores fabricados com o escapo floral sêco do “gravatá-assú” não se comparam em nada com os da “corticeira”. Há ainda uma outra “corticeira” que não deve ser confundida com a Annona, a saber a Aeschynomene selloi Vog. que cresce nas levadas e nos pântanos, cujo caule serve também para afiadores ou boias.

O nome deve ser naturalmente “Araticurana” e não como escreve PURCHAS (34) de quem LAET por sua vez o copiou.

Material ex.: São Paulo – Capital – Pickel. 5329.

Annona marcgravii Mart., Fl. Bras.13(1):5.1841.

N.v.: araticu ponhe (M, p.1 E p.2), Araticu vulgar (P.1:37).

N.v.m.: “Araticum cagão”, “Araticum pónhé”.

Lit.: M:93 (Araticu ponhe arbor est). L.3, Cap.2, Fig.93.

P.1:69 (Araticu pónhe enim est arbor). L.4, Cap.18.

P.2:141 (Araticu pónhe enim est arbor). L.4, Cap.17, Fig.142.

Embora a descrição de MARCGRAVE seja mais minuciosa seguimos na tradução ao texto de PISO, porque este resume mais a descrição que receberá do seu colega. PISO escreve: “O “Araticu-ponhe” é uma árvore com caule, ramos e na côr da casca semelhante à laranjeira”, porém as folhas, flores e frutos variam. As folhas tem quase meio pé de comprimento e são opostas alternadamente, em cima verde-escuras luzidias, em baixo verde-claras e grossas, sólidas ao tato, uns dois dedos de largura e acuminadas na extremidade. Aquio acolá nasce flor grande, amarela ao todo, composta externamente por três pétalas cordiformes de um dedo e meio de comprimento e grossas como a casca das “laranjeiras” e retas. Estas encerram três outras pétalas menores que representam um semi-globo ôco, sendo compostos de tal maneira que parece ser um globo inteiro ôco, do tamanho de uma noz de “nogueira” e, dentro um estilete redondo, amarelo, com o ápice orbicular. A flor é totalmente amarela, primeiro, de cheiro suave, porém depois repugnante. Floresce nos meses de setembro, outubro e novembro. As flores abrem-se em grande quantidade todos os dias e as pétalas caducas causam estrépito ao cair no chão devido ao seu peso”.

Sobre o fruto PISO nada escreve, pelo que continuamos a dar a tradução de MARCGRAVE. “O fruto amadurece em dezembro e janeiro. Não é comível a não ser depois de cair espontaneamente, porque então é mole como mingau; é cônico e tem quatro ou cinco dedos de comprimento e, onde se insere o pedúnculo, sete ou oito dedos de circunferência; por fora tem côr verde-esbranquiçada ou verde-pálida e o epicarpo parece ser composto de escamas, pois estas são apenas desenhadas por linhas verde-pálidas, tendo cada uma um tubérculo exíguo no centro, e fusco, representando uma como pinha. É mole quando cai espontaneamente, podendo então descascar-se mediante os dedos como queijo podre e velho. Encerra carne ou polpa amarelada que parece ser composta por uma pirâmide, entremeados por uma espécie de fiapos e muitos caroços ou sementes. A polpa não se compara mal com massa de pão fermentado, á qual se tenha misturado um pouco de mel; tem sabor doce acidulado e um pouco picante, ao meu vêr, desagradável, embora de cheiro bom..... As sementes são ovais, comprimidas, do tamanho de uma fava, glabras e duras, amareladas e luzidias, cada um com tegumento em forma de película branca e, internamente, uma amêndoa branca, dura, e com cheiro que lembra o da raiz de Helenium, porque assim mesmo amarga, embora seja doce”.

IND. TERAP.: Com MARCGRAVE PISO afirma que as fôlhas tostadas ou maceradas em azeite amadurecem os apostemas e curam furúnculos (P.1:37). Na 2ª ed. PISO repete o que seu colega diz com relação aos usos medicinais, como também o que há a respeito do fruto.

Nota: MARTIUS (31) reconheceu com acerto a planta marcgraviana dando-lhe o nome do descobridor. LINEU (74) ao envez, classifica-a como A. muricata. (Esta é entretanto bem diversa e tem frutas comestíveis saborosas).

PIO CORRÊA (22) afirma ter MARCGRAVE dados as sementes como sendo pretas, no que se engana se vê supra.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 580.

Annona pisonis Mart., Fl. Bras. 13(1):5.1841.

N.v.: Araticum apê (M, P.1 e P.2).

N.v.m.: “Araticum apê”.

Lit.: M:94 (Semen araticu ape, in text.). L.3, Cap.2.

P.1:70 (Araticu-ape). L.4, Cap.18.

P.2:142 (Araticu-apê). L.4, Cap.17.

PISO estende-se mais sobre esta árvore do que MARCGRAVE, porém, também êle diz pouco: “O “Araticu-apê” é semelhante quase em tudo a esta (“A. ponhe”) e ambos produzem frutas ácido-doces, comestíveis, porém silvestres e frias e, por isso, não são apetecidas por todas as pessoas. Têm forma e tamanho de uma noz de pinha, são amareladas e interiormente de substância carnosa, mole e cheias de sementes amarelo-escuras”.

MARCGRAVE refere-se apenas á semente da qual diz que “a semente de “Araticu-ape” concorda na forma e no tamanho com a de “A. ponhe”, diferindo entretanto pela côr, porque é castanho-escuro”.

Nota: Segundo MARTIUS (31) trata-se desta planta, porém, o “A. apê” conhecido atualmente em Pernambuco com êste nome é A. salzmanni A.D.C. a qual colhemos com êste nome no litoral.

É comestível.

Duguetia gardneriana Mart., Fl. Bras. 13(1):22.1841.

N.v.: Araticu do mato (M).

N.v.m.: “Biribá verdadeiro”.

Lit.: M:94 (Araticu do mato).L.3, Cap.2.

P.2:143 (Araticu do mato). L.4, Cap.17.

MARCGRAVE escreve a respeito apenas que “O “Araticu do mato” cresce como “Araticu pana” e tem tais fôlhas como êle.

As flores (não descreveu). Produz frutos reunidos, oblongos, em forma de cebola nova oblonga, verde, tendo cada um dêles interiormente duas sementes com forma e tamanho de uma amêndoa, porém, mais agudas numa das extremidades, de côr preta e luzidia, dentro das quais há uma amêndoa.

Nota: Conforme as palavras de MARCGRAVE trata-se de uma Duguetia, pois, os frutos são compostos de frutos parciais unidos pela base e livres na extremidade, tendo cada um dos frutos parciais duas sementes. Sendo as folhas semelhantes às de Annona glabra ("Araticu pana"), não pode tratar-se de Duguetia marcgraviana Mart. descrita á vista da aquarela do "Liber Principis" que traz o nome "Biriba", mas deve ser a espécie supra que encontrei nas matas da vizinhança de Olinda. Duguetia marcgraviana aliás foi levada ao gênero Aberemoa (A. marcgraviana (Mart.) R.E. Fries).

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 951.

Xylopia frutescens Aubl., P1. Gui.2:602.1775.

N.v.: Ibira (M, P.2), Embira (P.1), Pindaiba (P.1 e P.2).

N.v.m.: "Pau carne", "Coageruçú", "Envira".

Lit.: M:99 (Ibira Brasiliensibus). L.3, Cap.4, Fig.99.

P.1:71 (De Embira seu Pindaiba). L.4, Cap.20, Fig.71.

P.2:144 (Sequitur silvestris haec arbor Pindaiba). L.4, Cap.18, Fig.144.

P.2:145 (Altera haec species vera Ibirae est). L.4, Cap.18, Fig.145.

Os nossos autores tratam desta árvore sob nomes diferentes, o que induziu a PISO, na 2ª ed. a considerá-las como espécies distintas. Sigo na tradução ao texto de MARCGRAVE, intercalando, porém, entre parênteses as observações de PISO.

"A árvore, segundo MARCGRAVE, cresce como a Betula, tendo casca fusca pontilhada de branco, lenho flexível e casca mui delgada.

Nos ramos, os galhos são alternos e têm nove folhas opostas, de uns três dedos de comprimento, estreitas, acuminadas, da forma da do "salgueiro" (da "oliveira", segundo PISO) em cima verde-escuras, glabras, luzidias e, em baixo, cinzentas e cobertas de pêlos cinzentos como lanugem; são eretas, porém se dobram para baixo. Produz flores brancas formadas por seis pétalas oblongas, são cheirosas e nascem aos pares (na axila de) cada folha. O fruto é oval e do tamanho de uma avelã (encarnado, porém preto quando sêco e encerra uma semente preta que tem gosto de zimbro, segundo PISO); é de sabor aromático e picante e usa-se em lugar de pimenta nas comidas, em estado sêco e reduzido a pó, pois, possui aroma forte, porém não é tão picante como a pimenta. A planta floresce em fevereiro (e frutifica, segundo PISO, em dezembro e janeiro).

USOS: Os frutos guardam-se, depois de fervidos, e usam-se na cozinha em vez da pimenta. A casca da árvore serve para o fabrico de cordas, porque é muito flexível. Da mesma forma fazem dela o estopim necessário para extrair fogo e para fazer detonar as espingardas. Descascada é branca, porém, dentro de um quarto de hora fica ruiva como a parte externa da mesma casca.

IND. TERAP.: Segundo PISO, os frutos mescados em jejum fortificam o estômago fraco e combatem a flatulência. Pisados e aplicados á ferida cura a mordedura das cobras. Na 2ª ed. acrescenta que se usa o fruto reduzido a pó para gargarejar contra as afecções frias da garganta.

Nota: LAET, na anotação, compara esta árvore com a "Ytzle huayo patli" de XIMENES e, parece que está inclinado a considerar as duas plantas idênticas. Na verdade, porém, a planta de XIMENES é a Pimenta officinalis.

AUBLET (10) considera a planta de MARCGRAVE e PISO idênticas e determina-as como sendo sua Xylopia frutescens e da mesma forma MARTIUS (31), ao passo que determina a "Pindaiba" de MARCGRAVE como Xylopia brasiliensis Spreng.. Brown (31) chama-a a planta Xylopicron, com muita razão, por causa da sua ardência. DECANDOLLE (25) reconheceu esta espécie como planta marcgraviana e pisoniana.

PISO viu esta árvore perto do promontório de Olinda e, de fáto, cresce nas matas do litoral onde também a encontrámos. Como dissemos, na 2ª ed, considera a planta do seus colega diferente da sua "Pindaiba" e descreve-a em separado adotando o texto dado por MARCGRAVE.

Material ex.: Pernambuco – Prazeres – Pickel, 2506.

-----

## Família LAURACEAE

Aniba canelilla (HBK) Mez. Jahrb, bot. Gart. Berlin 5:53.1889.

N.v.: Anhuiba-miri (P.1 e P.2), Canela (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Casca preciosa”, “Sândalo”, “Preciosa”.

Lit.: P.1:98 (Tertia autem species). L.4, Cap.61.

P.2:146 (Tertia autem species). L.4, Cap.18.

Sobre esta árvore PISO escreve: “Nas vastas matas e nas gargantas distantes encontram-se duas ou três espécies de árvores importantes de grande fragância que são chamadas “Anhuiba” pelos Brasilienses”. (Por causa da sua madeira vermelhas).

Em seguida fala sobre o “Pau funcho” do qual trataremos em seguida. Depois PISO continua: “Embora ser a terceira espécie, a “Anhuiba-miri” menor no porte do que as duas anteriores é todavia superior a elas em virtudes, sendo por isso guardada por todos os habitantes para o uso imediato. Possui fôlhas das de “louro”, porém menores, fruto cheiroso e preto quando maduro, sendo frutos, fôlhas, lenho e raízes intensamente quentes além do 2º grau. A casca tem côr cinzento-avermelhada baça e as mesmas propriedades das outras”.

IND. TERAP.: O decocto usa-se não só contra a sífilis, mas também contra muitos males originados do frio. Move o suor e a urina, desembaraça as obstruções das vísceras e cura as afecções frias do útero e preserva da recaída os reconvalescentes das doenças crônicas e da hidropisia.

Nota: PISO não chegou a conhecer esta árvore, pois, na 2ª ed. afirma que não conseguiu obter a estampa, porque nêsse Distrito (no Nordeste brasileiro) talvez não existia a árvore.

Não há certeza de se tratar da espécie supra, porque as indicações de PISO são muito vagas. Todavia as aplicações medicinais combinam bem, pois, a árvore, especialmente a casca, é usada ainda hoje na cura da hidropisia, do artritismo, catarro crônico, da sífilis etc.

Segundo DUCKE (7) a árvore é uma essências mais comuns na Amazonia e no Maranhão, e tem distribuição geográfica dali até a Bahia. A árvore é pequena e as suas fôlhas tem 13 x 4cm (30).

Antigamente deve ter sido frequente no Nordeste, mas hoje, apesar da larga distribuição deve ser bem escassa (3) e, em Pernambuco, nem sequer consta de existir atualmente.

Ocotea sassafras Meissn., D.C. Prodr. 15(1):102.1864.

N.v.: Anhuiba peabua (P.1), Anhuiba peábyba (P.2), Pao funcho (P.1 e P.2), Sassafráz nativo (P.1), Sassafráz indígena (P.1:28).

N.v.m.: “Pau funcho”, “Canela sassafrás”.

Lit.: P.1:98 (Quae anhuiba peayba brasilianis, in test.). L.4, Cap.16.

P.2:145 (Quaedum Anhyba peáyba dictae, in text.). L.4, Cap. 18.

PISO escreve muito pouco sobre esta árvore e, ao mesmo tempo, em termos tão vagos que não permitem diagnóstico seguro. Todavia, o nome dado pelos aborígenas (árvore com casca que cheira mal) e pelos portugueses (pau com cheiro de funcho), permite reconhecer a árvore e determina-la, quase com segurança. PISO relata o seguinte: “Aquele que é chamada pelos Brasilienses “Anhuiba-peabya” é denominada pelos Espanhois “Pau funcho” porque enche toda a casa com um vidro de cheiro de funcho, tanto o próprio lenho, (que é cinzento-amarelado como o “Sândalo”), como também a casca e a raiz”. Em seguida compara o “Pau funcho” com o “Sassafrás da Flórida”, descrito por MONARDES, cuja identidade, entretanto, nega e rejeita e depois diz: “O “Pau funcho” brasiliense é estimado por causa das suas exímias virtudes e préstimos e se deixa conservar durante anos quando descascado. Além disto é de cheiro mais forte e de maior eficácia (do que o da Flórida), é calorífico e sêco, ultrapassando o 2º grau”.

IND. TERAP.: PISO recomenda o decocto da madeira em vinho para obter a cura na doença que chama “Estupor”. A madeira chama de “Sassafrás nativo” (P.1:21 e 28).

Na 2ª ed. PISO, depois de ter confirmado o que dissera na 1ª ed. sobre o “Sassafrás da Flórida”, introduz á pág. 145 uma outra “Anhuiba” ou “Sassafrás”, a qual descreve á mão da estampa. Ora, a estampa que é tirada de BAUHIN (História, 1650, pág. 483) e copiada por LAET (43) é justamente o “Sassafrás da Flórida” (S. officinale Nees et Eberm.), como afirma MEISSNER (31).

Nota: O “Pau funcho” é muito conhecido na Amazônia. PISO, de certo não o conheceu de visu ou tinha diante de si apenas um pedaço da madeira, cuja côr descreve. Não temos dúvida tratar-se da espécie supra; entretanto, há outras espécies com o nome de “Sassafrás”, sendo o do Sul do País a Ocotea pretiosa (Nees) Benth. Hvo. K. F. MEISSNER (31) relaciona, no entanto, somente duvidosamente o “Pau de funcho” com Ocotea sassafrás.

Na 1ª ed. (pág.22) PISO fala ainda de um “Louro silvestre” usado nos banhos para a cura dos resfriados, do catarro (pág. 26) e para atenuar a hidropisia, planta esta que desconhecemos.

-----

### Família CAPPARIDACEAE

Capparis coccolobifolia Mart., Fl. Bras.13(1):284,1841.\*

N.v.; Çapotaya (M).

N.v.m.: “Feijão de boi”, “Sapo-taia”.

Lit.: M:63 (Frutex in modum). L.2, Cap.4, Fig.63, segunda.

Segundo MARCGRAVE, “Este frútice cresce á maneira da “pereira silvestre”, tem lenho frágil e casca cinzenta. As fôlhas são semelhantes ás da “pereira”, densas, em cima verde-brilhantes e, em baixo, verde-pálidas, alternas, com pecíolo grosso e curto; e dependuradas. Na extremidade dos ramos nascem quatro, cinco ou seis corpúsculos elípticos, dispostos em cacho, maiores que ervilhas, os quais desabrochando ostentam a flor formada por quatro pétalas brancas, grossas e, por fora, branco-esverdeadas, do tamanho dos de um Lychnis, e dentro destas pétalas estão em redor os estames brancos, longos, em número de cento e vinte e mais, de um dedo e meio de comprimento e da grossura de um fio de sêda que, no cimo, têm pegados uma pequena esponja amarelada.

No meio da flor e entre êstes estamínulos fica outro estame (i.e.: o pistilo). de dois dedos de comprido, mais robusto, amarelado e reto havendo na ponta uma cabecinha cilíndrica (i.e.: o estigma!). A flor tem aspecto agradável e cheiro suave de rosa, porém não mui forte. Caindo as pétalas e os estames permanece o estame do meio, cujo corpo apical e cilíndrico (falta o resto, emitido pelo autor).

Nota: EICHLER (31) identifica a planta pintada no Lib. Principis, t.417, isto é a nossa, com o nome de “Çapotaya”.

Esta planta é muito comum em Pernambuco desde o litoral até a caatinga. Durante o período de estiagem as fôlhas sêcas servem de forragem ao gado, donde talvez venha o nome vulgar moderno. O fruto que é comprido e tortuoso tem aspecto de “vagem”.

Material ex.; Pernambuco – Olinda – Pickel, 637.

Cleome pentaphylla L., Sp. 2ª Ed.938.1763.

N.v.: Miçambê. Mosambê d’ Angola (M).

N.v.m.: “Mussambê”, “Mussambê rôxo”.

Lit.: M:10 (Miçambê Angolensibus). L.1, Cap.7.

MARCGRAVE escreve: “O “Miçambê” dos (negros) da Angola cresce até á altura de um pé mais ou menos, tem caule roliço, tortuoso, rodeado por fôlhinhas, e aqui e acolá pedicelos com cerca de dois dedos de comprimento, os quais suportam flores pequenas, branco-amareladas, seguindo-se depois silíquas curvas, obrotundas e tenras, que encerram muitas sementes pretas, globulosas, maiores que as de Papaver. São usadas pelos negros nas comidas. Na anotação LAET acrescenta que recebeu do Brasil sementes desta planta que vieram com o nome de “Moçambês d’ Angola”. Semeando-as viu nascer e frutificar as plantas, especialmente no verão de 1646, porém as geadas de outubro mataram-nas, sem que pudesse fazer delas um desenho, como pretendia. Em seguida êle dá a ligeira descrição feita por MARCGRAVE: “É uma planta elegante com fôlhas semelhantes ao Pentaphyllum (Potentilla?) e flores de singular conformação, porém, pequeninas, o silíquas tortas”.

---

\* Sinônimo: C. cyanophallophara L.

Nota: Segundo LINEU (74) esta espécie é a “Mozambês de Angola” dos herbários, porém, identifica-a como sendo a “Tareriaya” de MARCGRAVE, (Hort. cliff.), a qual porém é Cleome spinosa. Ao descrever esta última, também a relaciona com a “Tareriaya” de MARCGRAVE.

Não encontramos em Pernambuco esta espécie.

Cleome polygama L. Sp.P1.2ª Ed.939.1763.

N.v.m.: “Muçambê”, “Bredo fedorento”.

Lit.: M:2 (Trifolii species). L.1, Cap. 2.

MARCGRAVE escreve: “Esta erva que nasce abundantemente na Bahia de todos os Santos parece-me ser uma espécie de Trifolium. Surge de uma raiz reta, provida de poucas radículas, até a altura de um ou dois pés com porte de um arbúsculo, porque se expande em muitos ramúsculos. Êstes ramúsculos são lenhosos e guarnecidos com espinhos aqui e acolá.

Cada ramúsculo traz em seus pecíolos três folíolos juxtapostos á maneira do “trevo”. Aqui e acolá nascem em pedicelos de um dedo de comprimento flores pequenas, verde-esbranquiçadas, do tamanho das de Anagallis, tendo estames exíguos no centro. Às flores seguem silículas roliças, de cerca de dois dedos de comprimento que encerram sementes circulares semelhantes a um caracol, de côr hepática. Estando a semente madura, as silículas fendem-se espontaneamente e espalham as sementes. A erva tem cheiro como o “Feno Grego”.

Nota: Segundo MARCGRAVE, a planta é abundante no litoral baiano. Mas também se encontra nas praias de Pernambuco, onde o Pe. C. TORREND a procurou a nosso pedido e tendo-a encontrado a remeteu. Concorda bem com a de MARCGRAVE; a semente é realmente da forma de um caracol achatado, de contôrno circular.

Material ex.: Pernambuco – Recife – Torrend s/n.

Cleome spinosa Jacq. Enum. P1. Carib.26.1760.

N.v.: Tareriaya (M).

N.v.m.: “Mussambê”, “Mussambê branco”.

Lit.: M:33 (Tareriaya Brasiliensibus). L.1, Cap.18, Fig.34.

MARCGRAVE escreve: “A “Tareriaya” dos Brasilienses seria a Fraxinella siliquosa? ou um Quinquefolium com fôlhas de Caprifolium?. De uma raiz comprida com poucas fôlhas radiculares, flexuosa e alva, surge um caule com cerca de três pés de comprimento, provido de muitos ramos. As fôlhas são alternas, inseridas em pecíolos compridos, e compõem-se de quatro, seis ou sete folíolos juxtapostos em roda, os quais são oblongos, verdes, providos de uma nervura e muitas veias, e não muito dissimilhanes á de Caprifolium, porém, moles ao tato e glutinosas. Na extremidade o caule veste-se primèiramente com fôlhas pequenas alternadas, curtas e obrotundas; em seguida, saem delas pedicelos alternos, compridos, um (da axila) de cada, tendo (no ápice) um corpo cilíndrico, branco, sentado, em quatro folíolos verdes, pequenos e acuminados (i.e.: as sépalas) formando êste corpo as quatro fôlhas da flor (i.e.: a corola) o qual abrindo-se na base deixa cair primeiro sete filetes de três a quatro dedos de comprimento e, em seguida, expandem-se as quatro fôlhas da flor, são eretas e tem forma de colher, os sete filetes porém estiram-se á maneira da barba dos felinos para os lados ou para a frente, e são de côr purpúrea intensa. Caindo as pétalas caem também os seis estames, ficando o 7º no meio (i.e.: p pistilo) transformando-se em silíqua roliça, um pé e meio de comprimento (?) encerrando sementes, menores que as de Sinpsis, e redondas, porém num dos lados parece haver uma incisão. Toda a planta é glutinosa ao tato e tem um espinho agudo na base de cada pecíolo. Floresce e frutifica todo o ano. A flor não tem cheiro, porém as fôlhas lembram o cheiro do “Manjeriço”.

Nota: Esta planta é muito comum na beirada dos riachos e rios. As flores são realmente bem interessantes, especialmente durante o desabrochamento. MARCGRAVE mostra na estampa que apresenta, como os estames saem dentre as unhas das pétalas fechadas, porém, nos frutos a estampa é inexata, porque desapareceu o antigo ginóforo, e MARCGRAVE desenhou um fruto séssil. Desconfiamos ter sido falsificada a estampa por outrem.

LINEU (74) identifica esta planta como sendo a “Tareriaya” de MARCGRAVE, como ficou dito acima e da mesma forma JACQUIN (40), ao passo que AUBLET (10) dá-lhe o nome de Cleome frutescens. EICHLER (31) no entanto relaciona a planta marcgraviana novamente com a espécie Cleome spinosa.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 2062.

Crataeva tapia L. Sp. P1.637.1753.

N.v.: Tapiá (M, P.1 e P.2).

N.v.m.: "Trapiá".

Lit.: M:98 (Tapiá Brasiliensibus). L.3, Cap. 4, Fig. 98, primeira.

P.1: 68 (De Tapia arbore). L.4, Cap.17, Fig.69.

P.2: 140 (In urbe Olinda). L.4, Cap.16, Fig.140.

Sendo o texto de PISO na 1ª ed. semelhante ao de MARCGRAVE quase *ipsis verbis*, sigo na tradução daquê, por ser mais curto. PISO escreve: " Na cidade de Olinda e em quase toda a Prefeitura de Pernambuco, nasce esta árvore que toma a altura da "faia" (!), tem (tronco com) casca lisa e cinzenta e muitos ramos. As fôlhas (i.e.: os folíolos) cada um com seu pecíolo e sempre três juntas são lisas, luzidias, em cima mais escuras e, em baixo, com côr verde-clara, tendo cinco ou seis dedos de comprimento.

Na extremidade dos ramúsculos há vários pedicelos, como na cereja quase, em grupo, cada qual com uma flor, constante de quatro pétalas brancas, de um dedo de comprimento e, alternando com êstes, quatro sépalas verdes, e entre êles muitos estamínulos arruivados de um pé e meio (sic !) de comprimento, mais ou menos. (MARCGRAVE lhes dá apenas um dedo e meio de comprimento).

Embora esta árvore seja muito semelhante quanto ás fôlhas e aos frutos ao "Limoeiro" (Malus assyriacae), contudo dêle difere enormemente, sendo muito inferior àquê exceto nas fôlhas. Por isso, são tidas em grande conta pelos Brasilienses e pelos nossos, devido a uma singular virtude que possui.

IND.TERAP.: Segundo PISO, o suco das fôlhas e cascas usam-se contra o verme que os espanhóis chamam "Bicho del culo" (P.1: 132), como também contra as dores de cabeça. Êste último incômodo remedeia-se colocando as fôlhas contusas no ouvido. É também útil nas feridas (P.1: 36).

NOTA: LINEU (74) e EICHLER (31) referem-se a esta planta dos nossos autores.

Mat. ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 196.

---

### Família ROSACEAE

Chrysobalanus icaco L., Sp.Pl..513. 1753.

N.v.: Guaieru, guajeru (M).

N.v.m.: "Guajerú".

Lit.: M: 77 (Gaieru Brasiliensibus). L.2, Cap.14, Fig.77.

Esta planta para a qual LAET mandou fazer a estampa, á mão de material de herbário, é descrita por MARCGRAVE como segue: "O "Guaierú" dos Brasilienses é um frútice arborescente, que tem casca mais ou menos ruiva ou castanha. Tem fôlhas alternas, sólidas, quase redondas e luzidias, articuladas em pecíolos curtos, tendo nervura longitudinal saliente no lado dorsal e costelas (i.e.: as nervuras laterais) oblíquas em número de seis ou sete, as quais se ramificam em veias pequeninas, também salientes e mais visíveis no lado dorsal. Produz muitas flores pequenas, em umbela, formadas por cinco pétalas branco-pálidas, contendo no meio muitos estamínulos pálidos que têm ápices amarelos. Engêndra um fruto, do tamanho e da forma das de nossas ameixas, de côr vermelho-escuro, quando maduro; tem polpa branca e doce, porém, desenxabida, e encerra um caroço semelhante ao da ameixa, com o seu caroço. O fruto come-se. Nasce a cada passo nas matas sêcas do litoral".

NOTA: LINEU (74) identifica-a como supra, referindo-se ao autor, e da mesma forma JACQUIN (10).

Material ex.: Pernambuco – Prazeres – Pickel, 201.

Couepia rufa Ducke, Arch. Mus. Nac. Rio, 22: 66. 1919.

N.v.: Guitiiba (M, e P.2), Gueticoroya (P.1), Gueti curoy (P.1), Gueticaroi (P.1).

N.v.m.: "Oiti-coró".

Lit.: M: 114 (Guitiiba, cujus fructus Guiti-coroya). L.3, Cap.9, Fig.114, primeira.

P.1: 66 (De Gueticoroya, et illius facultatibus). L.4, Cap.14, Fig.67.

P.2: 136 (Prima arbor Guiti-iba, cujus fructus Guiticoroya dicitur). L.4, Cap., 15, Fig.136.

O texto referente a esta árvore é idêntico em ambos os autores na 1ª ed., exceto no tocante ao fruto. Ao que parece PISO conheceu de visu a fruta, pelo que descreve-a com suas palavras próprias. Seguimos a PISO, por ser o texto mais curto, e que diz o seguinte:

“ A árvore chamada “Guety-coroya”, tem casca grisalha; os ramos têm folhas reunidas em frondes, pois, os pecíolos ficam na extremidade dos ramos, têm um dedo e meio de comprimento, são opostos alternadamente e sustentam cada uma duas ou três folhas; estas têm dez ou mais dedos de comprimento e quatro ou seis de largura, ao tato semelhantes ao couro da Espanha, oblongas, em forma de língua, em cima verde-claras, em baixo ocráceas, com nervura longitudinal saliente e providas de nervuras oblíquas, em parte com distâncias iguais e em parte desiguais. (MARCGRAVE acrescenta: aqui e acolá cobertas de lanugem mole). Perto das frondes originam-se as flores, reunidas em espiga comprida, pequenas, amarelas e quase sem cheiro. Floresce em janeiro e o fruto amadurece em maio e junho, mas só de dois em dois anos (na 2ª ed. diz que só de quatro em quatro anos)”. “(o fruto) excede em tamanho a maçã européia, é tuberculado, disforme e coberto de máculas escuras; é mole na superfície quando maduro e, descascado, aparece uma polpa amarela, pingue e carnuda. Pelo cheiro e paladar e pela própria massa nutritiva, sabe a algum doce recém preparado e aromático. Logo (removendo a polpa) vê-se um caroço duríssimo e pesadíssimo, do tamanho de um ovo, revestido de muitos filamentos; o qual quebrado com força, encerra a amêndoa de consistência carnosa, avermelhada por fóra e compacta, de sabor desagradável e astringente”.

USOS: Segundo MARCGRAVE a fruta come-se, porém não o caroço. Êste mesmo autor descreve bem algumas particularidades desta fruta tão apreciada em Pernambuco, dizendo que a “polpa” é exígua e, sendo mastigada parece ter-se areia entre os dentes, porém tem sabor doce e bom cheiro, lembrando pão novo.

IND.TERAP.: PISO aplicou a amêndoa ralada e propinado em água ou outro líquido como poção astringente, para combater a diarréia e o tenesmo. (P.1: 29). Segundo MARCGRAVE porém só se toma de cada vez meia dragma.

NOTA: Trata-se do “Oiti-coró” de Pernambuco descrito por ARRUDA CAMARA (2), BARBOSA RODRIGUES (11) e por A. DUCKE (8), o qual deu o binômio correto.

Material ex.: Pernambuco – Tigipió – Pickel, 231, 4215.

Licania tomentosa (Benth.) Fritsch. Annal. Nat. Hofmus. Wien, 4: 52, 1889.

N.v.: Guiti-iba (M,P.2).

N.v.m.: “Oiti da praia”.

Lit.: M: 115 (Guiti-iba). L.3, Cap.9, Fig.115.

P.2: 137 (Tertia guyti-iba). L.4, Cap.15, Fig.137, segundo.

Seguiremos na tradução a MARCGRAVE, porque PISO tendo apenas citado o fruto na 1ª ed. (á pág.66) faz suas as palavras de MARCGRAVE na 2ª ed. O texto é o seguinte:

“O “Guiti-iba” cujos frutos os Brasilienses chamam simplesmente “Guiti” ou “Guiti-miri”. É uma árvore do tamanho da Tilia, porém com tronco mais fino. Tem folhas em forma de língua, com uns cinco dedos de comprimento e um e meio de largura, verde-claras, luzidias como as da nossa “pereira”, em baixo cobertas com lanugem branca (que se pode remover com os dedos); as mais novas são de todo cobertas pela lanugem e ficam amareladas, são alternadamente inseridas nos ramúsculos e, junto de cada pecíolo que é curto, progermina uma pequena uva ou também dois ou três juntas, formadas por pequenos glóbulos de côr esbranquiçada, os quais abrindo, mostram flores pequenas, brancas, compostas de seis pétalas pequenas e, no meio, muitos estamínulos brancos com ápices pálidos, mantendo posição ereta como as barbas da vassoura. Produz um fruto de forma elíptica do tamanho de um ovo de galinha e às vêzes maior, verde no início e amarelo por fora ao amadurecer, coberto por um epicarpo tênue de côr de limão que se separa facilmente. A polpa é da mesma côr, mole como pera sazoadada, é filamentosa devido as fibras que externamente aderem ao caroço do fruto; êste é grande, oval, branco-amarelado por fora, viloso, mais ou menos duro, e de sabor amargo. A polpa é exígua, de gosto doce e quase como doce almiscarado. Florece geralmente em julho e agosto e o fruto amadurece em março”.



NOTA: Esta árvore é muito comum no litoral de Pernambuco e notável pelo tomento que cobre as folhas. O fruto é pouco apreciado porque a polpa é exígua e farinhosa. Encontra-se hoje esta árvore muito ornamental até nos Estados do Sul para arborização das ruas e praças.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 1175.

-----

### Família MIMOSACEAE

Abarema avaremotemo (Mart.) Britton, Mem. N.Y.B. Garden 6. 1916.

N.v.: Abaremo temo (P.1), Avaremo-temó (P.2).

N.v.m.: "Avaremotemo", "Brincos de Sahoim".

Lit.: P.1: 77 (De Abaremo temo arbore, ejusque facultatibus). L.4, Cap.29, Fig.77.

P.2: 168 (Haec arbor mediocris). L.4, Cap.26, Fig.168.

PISO escreve sobre esta espécie: "Esta árvore é de porte mediano, medrando em regiões montanhosas e cobrindo-se de folhas de um verde tristonho, exíguas, semelhantes às de Buxus, e com vagens sem uso que são de cor vermelho-pretas e se encontram nos meses de estio.

A árvore tem casca cinzenta, por fora, e vermelho-escura por dentro, a qual foi recebida em medicina só pelos mais experimentados, embora que por alguns sejam atribuídas as mesmas qualidades adstringentes também às folhas.

IND.TERAP.: A casca que tem gosto amargo, reduzida a pó ou cozinhada, é aplicada como calmante e no tratamento das úlceras antigas e incuráveis, no que tem produzido bons efeitos. De tempo em tempo tem curado até o próprio Cancer, devido as suas qualidades abstergentes e secantes. Sendo um adstringente efficacíssimo é usada em banhos para tomificar o corpo mole.

Na 2ª ed. PISO escreve que as vagens são cheias de grãos rubros mui pequenos. Isso não é exato, pois, o "Avaremotemo" de Pernambuco tem sementes, pela metade brancas e pela metade pretas.

NOTA: É uma árvore das matas do litoral, onde cresce em profusão.

MARTIUS (68) pensa tratar-se de Inga cochlocarpus Mart. (= Mimosa cochliacarpus Gomes).

Material ex.: Pernambuco – Goiana – Pickel, s/n.

Choroleucon vinhatico Record, Trop. Woods 63:1. 1940.

N.v.: Guirapariba (M), Ébano (M).

N.v.m.: "Vinhático".

Lit.: M: 108 (Guirapariba Brasiliensibus). L.3, Cap.9.

MARCGRAVE escreve sobre esta árvore: "A "Guirapariba" dos Brasilienses é uma árvore grande e copada de casca semelhante á da "guayabeira". Traz folhas pequenas, opostas em ramos opostos, a saber em cada ramúsculo igual número de pares, lineares ou semelhantes, verde-escuras, providas de uma nervura longitudinal e veias transversais mal visíveis.

A madeira é oliváceo-escura tirante a negro por dentro, porém pálida por fora, e tem sabor amargo, se for mastigada em estado verde. É uma espécie de "ébano", sendo chamada "Ébano", pelos portugueses".

NOTA: LINEU (74) relaciona a estampa encontrada em MARCGRAVE á pág.118 com o texto do mesmo á pág.108 e identifica com a sua Bignonia pentaphylla L., porém erroneamente, pois, a "Guirapariba" de M.118 é Tecoma serratifolia.

HOEHNE (36) acredita tratar-se de Couralia toxophora Bth. et Hook., seguindo DECANDOLLE (25), o qual, entretanto, relaciona com este nome a planta de MARCGRAVE á pág.118.

É de estranhar que MARCGRAVE não tenha falado dos espinhos dos galhos. Mas pode-se explicar esta falha, admitindo que encontrou galhos verdes que não têm espinhos.

Inga ciliata Presl. Symb. Bot. 22: 11. 1832.

N.v.: *Inga opeapiiba* (M).  
N.v.m.: “Ingá da mata”.  
Lit.: M: 112 (*Inga opeapiiba Brasiliensibus*). L.3, Cap.5, Fig.112, primeira.

MARCGRAVE escreve: “O “*Inga opeapiiba*” dos Brasilienses é uma árvore de casca cinzenta, que se expande em muitos ramos. Tem as folhas opostas, que são de dois dedos ou dois e meio de comprimento e têm nervura ruiva e as veias providas de pêlos ruivos em baixo e em cima; também os ramúsculos mais novos são revestidos de pêlos. Depois das flores surgem vagens comprimidas, da figura de um paralelogramo e hirsutas com pêlos ruivosem toda a extensão. (Nas vagens) estão ocultas as sementes”.

NOTA: Esta “Ingazeira” encontra-se somente na mata. As folhas e as vagens são pilosas como indica MARCGRAVE.

Segundo CAMINHOÁ (18) seria *Inga affinis* D.C. (= *Inga dulcis* Mart.).  
Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1173, 3387.

*Inga edulis* Mart., Flora 20 (2). Beibl. 113. 1837.

N.v.: *Inga* (M).  
N.v.m.: “Ingá-cipó”, “Ingá rabo de mico”.  
Lit.: M: 112 (*Inga alia species*). L.3, Cap.5, Fig.112, segunda.

MARCGRAVE caracteriza esta espécie como segue:

“Esta outra espécie de “*Inga*” é uma árvore de casca fusca e se divide em muitos ramos.

Tem as folhas opostas e os ramos alados (i.e.: a raquis) quase da mesma forma e condições das outras espécies, das quais não difere muito, sinão pelos frutos que seguem as flores; os quaes têm quatro, cinco, seis ou sete pés (sic!) de comprimento, são verdes-arruivados e torcidos (como.....)”.

NOTA: Esta “Ingazeira” é muito comum e se distingue das outras pelas vagens torcidas e compridas que, porém, não têm o comprimento exagerado que MARCGRAVE lhes empresta. Deve ser um erro do editor.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 888.

*Inga ingoides* Willd., Sp. Pl. 4ª Ed. 1011. 1797.

N.v.: *Inga* (M).  
N.v.m.: “Ingá-í”.  
Lit.: M: 112 (*Inga Brasiliensibus*). L.3, Cap.5, Fig.112, terceira.

“O “*Ingá*” dos Brasilienses é uma árvore com casca fusca, como o *Almus*, com madeira flexível. Tem folhas longas, não serreadas, verdes, opostas em série e, além disto com os ramúsculos, que ficam entre as folhas, alados devido aos apêndices cordiformes, que são verdes como as folhas. No lugar de origem dos ramúsculos, dos ramos maiores nascem sempre juntos três pedicelos, com um dedo e meio de comprimento, e em cada um dêles se formam doze, quatorze ou quinze mais ou menos corpúsculos ovais a modo de uva, os quais abrindo dão uma flor, constante de cinco pétalas brancas, levemente hirsutas como veludo e quase da forma das flores de *Lilium Convallium*. Do meio da flor parte um feixe de filamentos alvíssimos e sedosos, com dois dedos de comprimento. A flor é de cheiro suave como o da *Tilia*; êsses filamentos trazem ápices amarelos na ponta e ficam em posição ereta como plumas, porém acabada a flor murçam”.

NOTA: Esta “ingazeira” cresce somente á margem dos rios e raramente frutifica. É a espécie mais comum de todas. A estampa é muito fiel.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1246.

*Inga spuria* H.B. ex Willd., L. Sp. Pl. 4ª Ed. 1011. 1797.

N.v.: *Inga*  
N.v.m.: “Ingá”, “Ingazeira”.  
Lit.: M: 111 (*Inga species*) L.3, Cap.5, Fig.111, segunda.

MARCGRAVE escreve: “Esta espécie de “*Ingá*”, chamada vulgarmente pelos belgas de *Lotus*, é uma árvore não muito grande, que tem ramos e ramúsculos opostos alternadamente e, nos

ramúsculos dois, três ou quatro pares de folhas acuminadas e opostas; o talo junto de cada folha é alado e cordiforme, como nas espécies restantes. Floresce. O fruto é uma vagem em forma de fava, comprimida, amarela e de dois, três ou quatro dedos de comprimento, encerrando quatro, cinco, seis, ou mais, sementes arranjadas transversalmente, que são vestidas de uma polpa nívea, quase feita de veludo, porém, fresca ao tato e de sabor doce agradabilíssimo e que se separa uma da outra espontaneamente em número igual ao das sementes e se desprende das sementes com os dentes e se come. Não se come absolutamente a semente que é de côr olivácea, oblonga e divisível ao longo em duas partes. O fruto é comestível e tem gosto bom, e amadurece em maio”.

NOTA: Para compreender o modo circunstancioso de descrever as folhas compostas, chamamos a atenção que os nossos autores não conheciam folhas compostas e por isso cada folíolo contava a folha que se inseria no ramúsculo ou pecíolo.

Nas “Ingazeiras” o pecíolo comum ou raquis é alado e as secções entre cada par de folíolos podem tomar forma variável. A planta supra corresponde muito bem à descrição da Inga spuria que cresce, como quase todas, á margem dos regatos e rios.

LINEU (74) determinou esta espécie marcgraviana como Mimosa inga.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 2922.

Mimosa pigra L., Syst. 10<sup>a</sup> Ed. 1312. 1759.

N.v.: Caaeo (M, P.2), Erva viva (M), Silva d’agoa (M).

Lit.: M: 74 (Reperitur hic et alia Herba viva). L.2, Cap.12, Fig.75, primeira.

P.2: 202 (Sequitur secunda species Caaeo). L.4, Cap.41.

MARCGRAVE escreve: “Encontra-se aqui outra “Erva viva”, um frúctice, chamada pelos portugueses de “Silva d’Agoa”. Surge á altura de uma “ameixeira” silvestre. As folhas são semelhantes ás da espécie anterior (Schrankia), porém, é um pouco maior e do tamanho de uma cereja. O lenho tem casca quase ruiva, é flexível e armado de muitos espinhos ruivos. Produz sementes em vagens grandes, largas, semelhantes às da ervilha, completamente hispídas, de côr bruna e três dedos de comprimento. Quando a semente é madura, as vagens despedaçam-se espontaneamente em tantas partes, quantas sementes encerram; e ao longo da vagem de ambos os lados também se desprende um fio hispído (i.e.: as suturas). Cada semente tem o tamanho de um grão de trigo, é comprimida, olivácea, inclusa numa cápsula quadrada ou paralelipéda”.

LAET acrescenta na “Anotação” haver recebido do Brasil uma tal vagem e mandou fazer dela a estampa que apresenta, porque achou-a de feitio singular e admirável.

PISO adata na 2<sup>a</sup> ed. o texto de MARCGRAVE, porém, troca o nome com a Guilandina bonducella, porque dá-lhe o nome de “Silva da praia”. Prometeu apresentar também a estampa da vagem devido a sua elegância, esqueceu porém de reproduzi-la.

NOTA: Esta Mimosa cresce á margem das águas e tem vagens realmente belas, de superfície como de veludo que LAET exhibe á pág.75 (M: 75).

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 890.

Mimosa invisa Mart., Flora 20 (2). Beibl. 121. 1837.

N.v.: Caaeo (M, P.2), Erva viva (M, P.2).

N.v.m.: “Malícia de mulher”.

Lit.: M: 74 (Tertia species, in text.). L.2, Cap.12, Fig.74.

P.1: 118 (Só a estampa).

P.2: 203 (Só a estampa).

Sôbre esta “malícia” MARCGRAVE escreve: “A terceira espécie, também um frúctice, é menor que a anterior (Mimosa pigra); tem folíolos estreitíssimos, muito mais estreitos que os da anterior e são arrumados da maneira seguinte: as 6, 7 ou 8 pinas, com um dedo e meio de comprimento, não são opostos e sim, formam em seu conjunto, um círculo, porém, os folíolos são postos, como nas outras espécies. A côr do caule é semelhante á da segunda espécie (Mimosa pigra), como também a flor, porém a semente é contida em vagens pequeninas, roliças, hispídas e fuscas, que se reúnem em grande número tomando a conformação de uma rosa. Cada vagem tem três sementes e outras tantas entumescências. A semente é oliváceo-escura, redonda, um pouco comprimida, como as lentilhas, porém menos. As vagens abrem espontaneamente em tantas partes, quantas sementes contêm”.

NOTA: Esta espécie de “malícia” é um joio terrível dos campos e pastos e se alastra ocupando grande espaço, tornando o campo intransitável. MARCGRAVE esqueceu, infelizmente, dizer que o caule é quadrado e cada angulo armado de uma carreira de acúleos que se agarram às mãos ferindo-as e rasgam a roupa do transeunte, porque então a estampa representaria a Mimosa invisa Mart. O que se constata, entretanto, ao contemplar a estampa é que o caule é roliço (?) mas armado de acúleos finos além de acúleos grandes. A estampa combina mais com Mimosa dormiens. É provável que houve uma troca de estampas.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 4212, 4213.

Mimosa sensitiva L. Sp. P1. 518.1753.

**N.v.: Juquei-omnino (M), Jaquiri (P.1), Erva viva (M), Cacao (P.1), Erva casta (P.1), Erva mimosa (P.1).**

N.v.m.: “Malícia de boi”.

Lit.: M:64 (Juqueri - omnino Brasiliensibus). L.2, Cap.5.

MARCGRAVE escreve; “A “Juqueri - omnino” dos Brasilienses é uma espécie de “Erva viva”. É um frutice, com caules quadrados, verdes e armados de muitos espinhos amarelados. Em intervalos saem dos flancos ramúsculos, de dois, ou três dedos de comprimento, também espinhosos, os quais são duplos na extremidade; êstes têm quase sempre dois pares de fôlhas, a saber juxtapostas duas a duas, de um dedo e meio de comprimento, vestidas em baixo de pêlos brancos, em cima verdes e lisas, não serreadas. Junto dos ramúsculos que sustentam as fôlhas saem dois, três ou quatro pedicelos curtos, de um dedo de comprimento, com um capítulo globuloso, viloso e branco, que tem algo de purpúreo misturado, e que está em lugar da flor, como na “Erva viva maior”. (Mimosa pigna). Depois, de cada flor saem oito, nove ou doze vagens, de um dedo de comprimento, colocadas em roda á maneira (das pétalas) da rosa e vestidas de pêlos compridos, brancos e hirtos e que encerram a semente. “Esta planta alada contrae e dobra as fôlhas logo que se tocar o mais leve com o dedo, porém algum tempo depois novamente as desdobra”.

LAET apresenta, em seguida, as opiniões de XIMENES, de LOPES DE GOMARA, de GARCIA DE ORTA, de CRISTOVÃO DE ACOSTA e, mesmo de TEOFRASTO e PLINIO sôbre as plantas sensitivas, porém, abstêm-se de identifica-las com a brasiliense.

PISO descreve a planta na 1ª ed. *ipsis verbis* como seu colega, dando, no entanto, uma estampa errada, e na 2ª ed. não menciona mais esta espécie.

IND. TERAP.: A raiz de Mimosa sensitiva é medicinal (29).

NOTA: Esta Mimosa vive nas capoeiras. Seus folíolos desiguais são muito sensíveis, igualando a irritabilidade de Schrankia.

Material ex.: Pernambuco - Tapera - Pickel, 900.

Parkia pendula (Willd.) Benth. ex. Walp. Rep. 5:577.1845-1846.

N.v.: Visqueiro (M).

N.v.m.: “Visqueiro”.

Lit.: M:116 (Visqueiro Lusitanis). L.3, Cap.10.

O texto de MARCGRAVE é o seguinte:

“O “Visqueiro” dos portugueses é uma árvore mui alta e tem seus ramos muito expandidos para os lados; casca grisalha ou quase ruiva. Nos ramos (i.e.: nos raquis) que são alternos traz ramúsculos (i.e.: pinas) opostos, seja diretamente, seja imprecisamente e nêles ficam os folíolos, que são semelhantes ás da primeira “Erva viva” (Schrankia), e verde-claros. Produz flores. Possui frutos ligados a um pêdunculo comprido. Esta árvore dá abundante resina mole, viscosa, sem cheiro, de côr de pêz, da qual usam para pegar passarinhos, untando uma vara, como nós costumamos empregar o visgo; endurece porém pelos raios do sol que se devem evitar. Há duas espécies, a mansa e a silvestre”.

NOTA: É duvidoso qual seja o “Visqueiro manso”. A silvestre é certamente a da mata que cresce abundantemente em Pernambuco. Após as derrubadas o “Visqueiro”, que deixam em pé, á avistado de longe e sobresaem com sua forma de “guardasol”.

Material Ex.: Pernambuco - Tiama - Jayme de Moraes 1814.

Pithecolobium foliolosum Benth. ex. Hook. Journ.Bot.4:334.1842.

N.v.: Uty (M).  
N.v.m.: "Jurema branca".  
Lit.: M:120 (Uty Brasiliensibus). L.3, Cap.11, Fig.120, primeira.

"A "Uty" dos Brasilienses é uma árvore de um verde saturado, espinhosa e semelhante no desenvolvimento e na forma ao *Sorbus aucuparia*; divide-se em muitos ramos e é quase redonda. Nos ramos há também ramúsculos opostos alternadamente. Tem folhas (i.e.: folíolos) meudinhas e ainda menores que as da segunda espécie de "Erva viva" (*Mimosa pigna*), dispostas da mesma forma e, na extremidade, quase bicornes, distinguindo-se desta arte das folhas do "Tamarindeiro" que não são assim bicornes. São também verde-saturadas como estas e, além disto, de gosto ácido, ao passo que estas não tem sabor particular. Se tivesse gosto ácido e a árvore produzisse vagens seria uma Acacia. As folhas porém não são sempre igualmente opostas, pois, às vezes há uma folha solitária na extremidade do ramúsculo.

Produz flores perto dos ramúsculos e reunidas em cacho, brancas, com estames compridos, de maneiras que parecem ser pilosas ou espinhosas.

A madeira é branca e flexível, tem casca grisalho-fusca, como *Sorbus aucuparia*".

NOTA: MARCGRAVE não chegou a observar as vagens enroladas e torcidas. É uma árvore de copa larga, baixa e hemisférica, dos campos e da mata.

Material ex.: Pernambuco - Tapera - Pickel, 677, 3196.

*Plathyenia foliolosa* Benth. ex, Hook, Journ. Bot.4:334.1842.

N.v.: Cabui iba (M), Pao amarelo (M).

N.v.m.: "Amarelo", "Vinhático".

Lit.: M:137 (Cabui iba Brasiliensibus). L.3, Cap.14.

Sobre esta árvore MARCGRAVE escreve apenas o seguinte: "O "Cabui-iba" dos Brasilienses ou "Pao amarelo" dos portugueses é uma árvore grande alta, tendo ramos e folhas dispostas quase como no "Visqueiro" (sic!), porém menores e semelhantes às do "Tamarindeiro".

NOTA: A estampa apresentada por LAET é de outra árvore. PISO atribue a estampa ao *Myroxylon*, na 2ª ed.

ARRUDA CAMARA (2) descreve esta árvore sob o nome de "Vinhático", porém, não dá o nome científico. Pela estampa 31, vê-se que se tratada espécie supra.

Encontra-se nas matas de Pernambuco e conhece-se de longe pela copa rala e folhas glaucas. A madeira é muito estimada para obras expostas ao tempo e para obras hidráulicas; a cor amarelo-corácea deu o nome à árvore.

Material ex.: Pernambuco – Nazaré da Mata – Jayme Coelho de Moraes 1656.

*Semanea saman* (Jacq.) Merrill, Journ. Wash. Acad. 6: 47. 1916.

N.v.: Guabipocaiba (P.1), Guabí pocaca biba (M), Guabipocacabiba (P.2), Pao velho (P.1 e P.2), Pao mole (P.1 e P.2), Pao podre (P.1:35), Guabipoicaiba (P.1:35).

N.v.m.: "Bordão de velho".

Lit.: M:111 (Guaibi pocaca biba Brasiliensibus).L.3, Cap.5, Fig.111, primeira.

P.1:80 (Neo minus in admirationem, in text.). L.4, Cap.34, Fig. 80, segunda.

P.2:170 (Hanc ego Siliquosam arborem nominavi). L.4, Cap.27, Fig.170, segunda.

Seguimos a MARCGRAVE na descrição desta árvore, porque fornece dados completos. Ele escreve: "A "Guaibi pocacabiba" dos Brasilienses é uma árvore semelhante ao "Sabugueiro" no tocante à madeira, casca e fragilidade, é porém elegante e divide-se em muitos ramos, os quais na extremidade produzem rebentos compridos com muitos ramúsculos opostos, três ou quatro juntos. Duas folhas são sempre opostas em pecíolos curtos, e são duras ao tato, membranosas como cartão, semelhantes por fora às folhas novas de *Salvia*, no que toca às nervuras e à cor; são verde-claras em cima e tem o comprimento de dois dedos ou mais. Entre os ramúsculos das folhas nascem pedúnculos, de dois ou três dedos de comprimento, que sustentam vinte e duas ou vinte e quatro flores reunidas em umbela e têm forma das de *Primula veris*. Cada flor consta de cinco pétalas amarelo-claras e, no meio, em lugar dos estames, pendem muitos filamentos, de um dedo de comprimento, os quais até a metade são amarelos e, na metade externa, lembram o *Crocus orientalis*

pela sua côr ruiva e pela flexibilidade e, no ápice, tem um ponto amarelo. As flores tem cheiro suave e a árvore em flor é belíssima.

A madeira lembra no cheiro a do “Sabugueiro”. Com frutos produz vagens de quatro a cinco dedos (sic!) de comprimento, fastigiadas nas pontas e, no resto, paralelogramas e um pouco comprimidas; em cada margem lateral são fechadas por uma espécie de sutura como usam os sapateiros. A vagem madura” (Aqui acaba o texto de MARCGRAVE que ficou incompleto).

PISO dá-nos, felizmente, oportunidade para conhecer a vagem. Êle diz: “Chamei esta planta de “árvore siliquosa” e adiante continúa: “Tendo caído as flores, o que se dá em março, sucedem as vagens, que são doces, tortuosas e deformes, verdes no início, mas depois de maduras, pretas e que então apodrecem”. PISO compara com justa razão estas vagens á vagem doce de DODONAEUS e ao “Pão de S. João das boticas”, pois tem gosto semelhante, como mesmo experimentámos.

A árvore cresce, segundo PISO, nos campos; êle recorda a beleza da árvore em flor, que viu logo ao chegar a Pernambuco. Das flores diz a seguinte: “Nesta árvore prorrompem de verdes alabastros flores cabeludas, douradas que logo se espraíam a modo de plumas e, na extremidade, são vermelho-purpúreas, porém, em breve acabam”.

Sôbre a madeira, PISO diz o seguinte: “Alguns portugueses chamam-na “Pao velho” ou “Pao mole”, porque o lenho é muito mole e a casca rugosa, mole e cinzenta, como também a raiz, cujas virtudes medicinais descreverei em poucas palavras”.

Na 2ª ed. PISO adota uma parte da descrição do seu colega, porém repete o mesmo erro da 1ª ed., onde dizia que os indígenas não conheciam o verdadeiro nome, enquanto êle mesmo deu já na 1ª ed. o nome vulgar de “Guabipocaiba” que é correto.

IND, TERAP.: Segundo PISO, a raiz tem as propriedades medicinais seguintes: Descasca-se a raiz, rejeitando a cortiça, corta-se em rodela que se deixam macerar em água ao relento. Êste extrato por ser adstringente é um tanto amargo, porém bom para tomar. Pode usar-se também o decocto ou a alcoolatura da raiz. Êsse líquido por ser diúretico é usado em todas as afecções dos rins e da bexiga. PISO conta mesmo, por ser diúretico é usado em todas as afecções dos rins e da bexiga. PISO conta mesmo, ter observado a cura da gonorréa (P.1:35) com o uso dêste remédio e tê-la usado no combate á sífilis(P.1:35), e à hidropisia (P.1:26). Na 2ª ed. acrescenta que o suco fresco da casca é bom colírio na inflamação dos olhos.

NOTA: LINEU (74) determina a planta de MARCGRAVE como Mimosa vaga e da mesma forma AUBLET(10).

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 581.

Sochranksia leptocarpa D.C., in Prodr. 2:443.1825.

N.v.: Caaeo (M, P.1 e P.2), Erva viva (M, P.2), Erva casta (P.1 e P.2), Erva Mimosa (P.1 e P.2), Juquiri (P.1), Juquerii (P.2).

N.v.m.: “Malícia de boi”, “Juqueri carrasco”.

Lit.: M:73 (Caaeo Brasiliensibus, herba viva vulgo). L.2, Cap.12, Fig.73.

P.1:118 (Posterior, eaque nobilior, in text.). L.4., Cap.96, Fig.118, primeira.

P.2:201 (Quarum prima, in text.). L.4, Cap.41, Fig.202.

P.2:304 (Idque praesertim de prima specie dictum volo, in text.). L.5. Cap.17, Fig.304, primeira.

Segundo MARCGRAVE a “Caaeo” dos Brasilienses, vulgo “Erva viva”, tem caule estriado, verde, comprido, fino, lenhoso, e aculeado, porém frágil e meduloso que, em parte, decumbe na terra e, em parte, sobe e se apoia nos outros; expando-se em vários ramos e êstes em ramúsculos, de dois ou também quatro dedos de comprimento e, por sua vez, aculeados. Cada ramúsculo, de dois ou também quatro dedos de comprimento e, por sua vez, aculeados. Cada ramúsculo (i.e.: a raquis) tem cinco, seis, ou oito talos opostos, com um ou meio dedo de comprimento, e êstes levam os folíolos verde-claros, opostos e em série, estreitos, oblongos, como nas lentilhas, sem pecíolo; tenros ao tato e com nervura fina longitudinal que porém se pode ver somente invertindo o folíolo. Junto do caule, onde se originam os ramúsculos, provêm um pedicelo de um dedo de comprimento que produz um capítulo globuloso do tamanho da Globularia de CLUSIUS ou maior formado por flósculos bonitos, rôxo-purpúreos ou encarnados, estreitamente conglomerados, de maneira que o capítulo parece ser hirsuto. Depois das flores vêm vagens tênues, estriadas, hispídas, armadas de acúleos moles, de uns três dedos de comprimento, nas quais existe uma semente preta, brilhante, oblonga, cordiforme, que tem o tamanho de um grão de trigo. A raiz desta planta é perene produzindo sempre novos caules. A raiz tem um pé ou mais de comprimento e, em cima, uns quatro dedos de grossura, mas fica mais fina páulatinamente em direção á ponta; é torcida como uma corda e no meio tem muitos filamentos

lateralmente, que ficam de um ou dois pés de comprimento; externamente é de cor sombria, e internamente branca, lenhosa, medulosa, flexível e fibrosa. A raiz toda tem cheiro forte, semelhante ao dos nossos rabanetes quando armazenados durante muito tempo no inverno. A erva é destituída de cheiro, porém tem sabor algo doce”.

Em seguida, lembra a irritabilidade desta planta, que é realmente excepcional.

PISO, ao descrever esta planta, fá-lo sumariamente. Do caule afirma que “mal excede a grossura de um fio de sêda” (sic!). As vagens, segundo o mesmo, são equinadas e oblongas de cor “spadicea”.

Na 2ª ed. PISO atribuindo qualidades mortíferas tanto à *Schrankia* como à *Mimosa sensitiva* que são as únicas “Ervas vivas” descritas por ele na 1ª ed., começa a culpar de mortífera na 2ª ed. tão somente a *Schrankia*.

IND. TERAP.: PISO escreveu na 1ª ed., no livro 3º intitulado: “Os venenos e seus antidotos” um capítulo sobre a “Erva casta ou mimosa” afirmando que as folhas dessas plantas reduzidas a pó e misturadas à comida são mortíferas para os homens, mas fritas em azeite são estípticas (P.1:28). As raízes, felizmente, fornecem o antidoto, caso este remédio for tomado em grande quantidade atuando cumulativamente. As próprias folhas, usadas como emplastro, amadurecem os tumores escrofulosos e os curam (P.1:119), como também os furúnculos (P.1:37).

NOTA: LINEU (74) pensou tratar-se de *Mimosa pudica*, o que porém é engano.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 983.

-----

### Família CAESALPINIACEAE

*Apuleya ferrea* (Sald.) Pickel, n. comb.\*

N.v.: Ibirá-obi (M), Pao ferro (M).

N.v.m.: “Pau ferro”, “Jucá”.

Lit.: M:141 (Ibirá-obi Brasiliensibus). L.3, Cap.14.

LAET acrescenta no fim do tratado de MARCGRAVE, além de outras esta espécie, cuja descrição recebeu do paulista MANOEL DE MORAES.

“O “Ibirá-boi” dos Brasilienses, diz LAET, é uma árvore das mais altas entre as brasilienses, cuja madeira é duríssima e vermelha por dentro, quase não suscetível à putrefação. Não produz fruto (!) e nasce nas vastíssimas matas e nas gargantas das montanhas. Os portugueses o chamam “Pao ferro”, tanto devido ao seu grande peso, sumergindo logo como o ferro. Como também pela sua dureza comparável ao ferro”.

NOTA: BENTHAM (31) pensa ser esta planta a *Caesalpinia ferrea* Mart, sendo a árvore do sul do País só pode ser a espécie apontada. MARCGRAVE conhece somente o “Pau ferro” *Dialium guianense* que é do Nordeste, mas o “Pau ferro” de LAET cresce talvez em Pernambuco.

Ainda hoje a árvore é chamada “muira-obi” que é o mesmo nome estropiado indicado por LAET (43).

*Caesalpinia echinata* Lam., Encycl. 1: 461.1783.

N.v.: Ibirapitanga (M, P.2), Pao Brasil (M), Pao do Brasil (P.2).

N.v.m.: “Pau Brasil”.

Lit.: M:101 (Ibirapitanga Brasiliensibus). L.3, Cap.5, Fig.102.

P.2:164 (Ibirapitanga).L.4, Cap.24, Fig.164, primeira.

MARCGRAVE tem o seguinte: “A “Ibirapitanga” dos Brasilienses, ou “Pao Brasil” dos portugueses é uma árvore bastante alta, com casca fusca e armada de espinhos curtos e ramos alternos que trazem ramúsculos opostos e folhas também opostas.

---

\**Apuleia ferrea* Sald., in Configuração, 3: 49. 1872. t.17

Em cada ramúsculo os pares são desiguais e as fôlhas (i.e.: os folíolos) são de um dedo de comprimento, da forma das de Buxus, um tanto grossas, verde-escuras, luzidias, sem pecíolos, inseridas não no meio da base e sim perto de um dos lados do limbo. Aqui e acolá nascem outros ramúsculos, de um dedo e meio ou mais de comprimento, carregados de muitas flores reunidas quase em penca e sustentadas por pedicelos de um dedo e meio de comprimento, constantes de cinco pétalas, sendo quatro côncavas e a quinta expandida, a qual é vermelha, porém amarela no ápice, ao passo que as outras são amarelas e as duas próximas expandidas têm unhas vermelhas, ficando no meio os estamínulos amarelo-pálidos, com seus ápices amarelados. O perfume das flores é semelhante, porém, mais intenso que no lírio dos vales. Às flores seguem vagens oblongas, de uns dois dedos de comprimento, inteiramente comprimidas, externamente aculeadas, fusco-escuras, sem conteúdo (PISO diz na 2ª ed. que as vagens encerram favas pequenas e luzidias). Floresce em dezembro. É frequente nas Alagoas e em outras regiões”.

PISO fala na 1ª ed. da “Ibirapitanga”, aquela árvore brasiliense, chamada assim Kat'exochén, conhecida pela sua tinta encarnada (P.1:5). Na 2ª ed. copia o texto de seu colega e acrescenta que a árvore no litoral não cresce e sim sómente nas matas do Interior de onde se carrega o pau com muito trabalho até a costa.

LAET traz em seguida, para confronto, a descrição dada por XIMENES de um frúctice espinhoso do México, cujo lenho tingi de escarlata, pelo que os espanhóis o chamam “Brasil”. Nada porém afirma sobre a identidade deste frúctice com o “Pau Brasil”.

USOS: Sobre o emprego principal do “Pau Brasil” PISO escreve na 2ª ed. ser a tinta rubra da madeira conhecidíssima em todo mundo, e menciona que é sómente uma pequena parte que a fornece, a saber a matriz (i.e.: o cerne), a qual fica da grossura de uma perna apenas. O cerne é duríssimo e portanto custa muito reduzi-lo a raspas, o que em Amsterdam fazem os presos da cadeia.

IND. TERAP.: Segundo PISO, o lenho é medicinal. É frio e sêco, mitiga as febres, tem poder astringente e tonificante como “Sândalo”. Macerado em água fria serve como ótimo colírio nas oftalmias.

NOTA: LINEU (74) determina esta planta corretamente como Caesalpinia echinata Lam. e da mesma forma BENTHAM (31).

Em Pernambuco o “Pau Brasil” é frequente em certas regiões da zona da mata, faltando no litoral e nas regiões mais úmidas do Estado.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 225.

Cassia grandis L.f., Suppl. 230.1781.

N.v.: Tapyra coaynana (M, P.2), Tapyraoana (P.1), Cannafistula (M, P.2).

N.v.m.: “Canafistula”.

Lit.: M:134 (Tapyraoaynana Brasiliensibus). L.3, Cap.18.

P.1:80 (Cumprimum, intext.). L.4, Cap.34.

P.2:157 (Cassia arbor,cujus fructus Cannafistola). L.4, Cap.22, Fig.158. segunda (o fruto sómente).

MARCGRAVE escreve: “A “Tapyraoaynana” dos Brasilienses é a árvore Cassia, cujo fruto é chamda pelos portugueses e outros de “Cannafistola”. É uma árvore alta e grande, esgalhada em vários ramos espreados, com côr cinzento-esbranquiçada por fóra. Leva fôlhas opostas em séries, paulatinamente erétas, de forma linear, dois dedos de comprimento e dois-terços de dedo em largura, apegadas a um pecíolo curtíssimo á maneira das fôlhas de “Senna”, verde-claras, finamente hirsutas, moles ao tato e com nervura longitudinal avermelhada e veias laterais dispostas regularmente. Produz flores em espiga, sem pedicelos, constando de cinco pétalas e três cornículos semilunares, os quais estão em posição eréta junto dos estamínulos, tudo de côr encarnada (rósea) elegante; a flor tem tamanho igual á de Phaseolus. Avistam-se estas árvores de longe, quando em plena floração,devido àquela côr encarnada. Depois das flores seguem as vagens, verdes enquanto imaturas, porém, pretas ou fuscas e penduradas depois de maduras. Têm dois pés de comprimento e cinco dedos de grossura, são curvas levemente como uma espada polonêsa.

Num dos flancos existe uma eminência dupla (i.e.: a sutura) longitudinal, no outro é simples como se uma corda estivesse grudada debaixo do epicarpo. A vagem não é redonda nem exatamente roliça mas num corte transversal, descreve uma elipse. O pericarpo é semelhante á casca da árvore por fóra, mas lenhoso e branco por dentro. Não se pode, quebrar essas vagens a não ser com um malho; por dentro têm muitas divisões transversais cada qual com a grossura de uma pena de ganso. Em cada compartimento existe um caroço do tamanho e da forma de uma amêndoa, de cor branco-amarelada, luzidia, liso, duro, provido num lado de um linha longitudinal arruivada (i.e.: o encerra ainda uma substância glabra, glutinosa e bruna ou escura, semelhante á da Cassia solutiva,



porém, de gosto amargo e desagradável. Tem qualidade astringente. Os Brasileiros chamam ao fruto “Tapiracoianana”.

PISO também se refere na 1ª ed. em poucas palavras a esta árvore e recorda a magnífica impressão que teve, logo ao chegar a Pernambuco ao vê de longe a “Canafistula” coberta de flores róseas no tempo do estio.

Na 2ª ed. PISO aproveita o texto do seu colega e acrescenta a estampa do fruto. Ao mesmo tempo, anexa outra estampa de um galho florido; esta porém é de outra planta.

IND. TERAP.: Na 2ª ed. PISO dá também as propriedades medicinais que são as seguintes: A substância glutinosa da vagem é laxativa.

As folhas novas são usadas no tratamento das feridas e pústulas que não querem sarar.

Cassia hoffmannseggii Mart., Fl. Bras. 15(2):104,1870.

N.v.: Mamanga (P.1 e P.2), Lavapratos (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Lavaprato”, “Pau fava”.

Lit.: P.1:84 (De Mamanga frutice, ejusque facultatibus). L.4, Cap.42. fig. 85, primeira.

P.2:183 (Mamangá Brsiliensibus dicta). L.4, Cap.33, Fig.183.

PISO descreve: “O “Mamangá” dos Brasileiros é um frutice comum, arborescente, que o vulgo português chama “Lavapratos”.

Produz muitas flores pendentes e amarelas e, depois, vagens oblongas e copuladas, primeiramente verdes, porém logo pretas e podres, que encerram muitas sementes. Tem folhas (i.e.: folíolos) pouco dissimilantes das de Citrus, porém um pouco mais compridas e moles, dotadas de qualidades refrigerantes e abstergentes.

IND. TERAP.: Por causa destas qualidades as folhas são usadas constantemente no tratamento das feridas a úlceras e PISO conta que os cirurgiões tem-nas em uso contínuo e não há viajante que não as leve consigo para tôdas as eventualidades.

Além disto, exprime-se das vagens um líquido oleoso que se guarda para a maturação dos apostemas.

NOTA: A descrição um tanto vaga é completada felizmente pela estampa, na qual se reconhece bem a espécie supra.

Na 2ª ed. reproduz o mesmo texto.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 3088.

Cassia occidentalis L., Sp.P1.539.1753.

N.v.: Paiomirioba (M, P.2), Pagimirioba (P.1), Erva do bicho (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Mangerioba”.

Lit.: M:9 (Paiomirioba, orobus brasiliensis mihi). L.1, Cap.7, Fig.9.

P.1:86 (Nota, quod quaemucronatis foliis existit, in text.). L.4, Cap.44, Fig.86.

P.2:185 (Prior haec, in text.). L.4, Cap.33, Fig.185, primeira.

MARCGRAVE denomina a “Paiomirioba” Orobus brasiliensis, e descreve-a nos termos seguintes: “De uma raiz única nascem muitos caules que têm uns três pés de comprimento, são lenhosos, verdes, nodosos e têm muitos ramos divaricados que saem dos nós. Em cada ramúsculo há oito ou nove folhas (i.e.: folíolos), a saber, quatro ou cinco pares opostos, muito semelhantes ao do Orobus pannonicus de CLUSIUS e, na extremidade dos ramos, nascem as flores, constantes de cinco pétalas, mui semelhantes aos do Orobus pannonicus, porém completamente amarelas

As flores seguem as vagens, de quatro, cinco, seis, ou sete dedos de comprimento, roliças (sic!), um pouco comprimidas, pouco grossas, curvas como uma espada polonesa e que na maturação ficam fuscas e abrem espontaneamente espalhando a semente. (Esta é) redonda, larga, chata, fusca e um pouco maior que a lentilha. Em cada vagem são inclusas cinqüenta e mesmo mais sementes. Floresce e faz semente todo o ano..... A raiz é comprida, réta, tendo em cima muitas radículas de côr amarela”.

IND. TERAP.: PISO preconiza as propriedades medicinais seguintes das duas “Pagimiriobas” de que trata. Ambas são intensamente frias e suas folhas contusas ou o suco recentemente expremido são um remédio muito em voga contra o bicho del culo (i.e.:o macúlo, P.1:32) aquêl calamitoso e conhecidíssimo animácullo”. Recomenda-a também contra as picadas do maruim (P.1:39), e apostemas (P.1:37). Entram também nos remédios contra inflamações, especialmente, das pernas. Além disto, são refrigerantes e desobstruentes, pois, a água em que se

maceraram flores e folhas, bebidas freqüentemente, aumenta as urinas e mitiga as dores dos rins e da bexiga (P.1:31). Esta água, porém obtida por destilação, segundo MARCGRAVE, dissolve os cálculos da bexiga.

Segundo MARCGRAVE, a raiz é um contraveneno e as sementes aplicadas com vinagre, curam a empigem.

As virtudes medicinais citadas por MARCGRAVE, referem-se somente a espécie Cassia occidentalis, entretanto, PISO afirma que a planta caracterizada por folíolos mucronados é a melhor.

Na 2ª ed. PISO copia o texto de MARCGRAVE e, mesmo, as propriedades medicinais, completando o que tivera escrito na 1ª ed.

NOTA: Esta planta é muito comum, tanto no Nordeste, como no Norte e Sul do País.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 259.

Cassia tora L. Sp. P1.376.1753.

N.v.: Tareroqui (M, P.2), Matapasto (M, P.1 e P.2), Pagimirioba (P.1), Paiomirioba (M, P.2), Erva do bicho (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Matapasto”.

Lit.: M:10 ( Tareroqui Brasiliensibus).L.1, Cap.7, Fig.10, primeira.

P.1:86 (Rotundiori quod est folio, in text.).L.4,Cap.44.

P.2:185(Altera species).L.4,Cap.33, Fig.185,segunda.

MARCGRAVE descreve esta planta com as palavras seguintes: “O “Tareroqui” dos Brasilienses ou “Matapasto” dos portugueses é uma espécie de “Payomirioba”, com a mesma forma, raiz, caule, ramos e flor, embora esta seja um pouco menor; com a mesma disposição das pétalas e a mesma côr (como a anterior), diferindo porém na forma das folhas. Estas têm um dedo ou mais de comprimento e forma oval, são mais estreitas na base e, na página superior verdes na inferior um tanto incanas, e com nervura longitudinal e veias oblíquas. Depois do pôr do sol dobram-se as folhas e a planta quase que murcha, porém, pela manhã de novo as desdobra. A semente é redonda, preta, pequena e muito diferente daquela da “Pagomirioba”.

PISO também fala na 1ª ed. desta planta ao tratar das “Pagimiriobas”, chamando-a de “Matapasta” (sic!), porém, a única diferença que apresenta é ser ela de folhas mais redondas. Na 2ª ed. aproveita o texto do seu colega e a estampa, acrescentando as propriedades medicinais que já déra na 1ª ed.

IND. TERAP.: Além de servirem para combater o “bicho del culo”, diz PISO (P.1:32) as folhas são aplicadas no tratamento de úlceras. Na 2ª ed. diz que os veterinários afirmam não haver remédio melhor para o penso das feridas dos cavalos do que esta erva.

NOTA: Esta planta é muito comum no litoral e na zona da mata doNordeste sendo substituída êste “Matapasto” no sertão pela Cassia sericea SW.. MARCGRAVE não acentua bem as diferenças das duas “Pagimiriobas” pois, enquanto Cassia occidentalis tem vagens achatadas, a Cassia tora tem vagens roliças e sementes cortadas obliquamente com forma de paralelogramo. A “Tareroqui” de LAET (43) e de PURCHAS (34) são diferente.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 3693, 4218.

Chamaecrista browniana Britt. & Rose, N. Amer. Flora 23:293.1930.

Lit.: M:18 (Herba cui Auctor). L.1, Cap.10.

MARCGRAVE escreve: “Esta erva surge á altura de dois ou três pés, tem caule lenhoso e roliço e raiz flexível, branca e filamentosa. O caule expande-se em ramos, que tem folhas aladas alternas, de um, dois ou mais dedos de comprimento e, convêm saber, cada asa tem doze ou mais pares de folhas verdes (i.e.:os folíolos) semelhantes ás da “Erva viva”. Ao pé de cada asa nasce uma flor sôbre um pedicelo curto, amarela, constante de cinco pétalas, das quais duas são menores que as outras, sem cheiro. Depois da flor vem uma vagem comprimida, de dois ou três dedos de comprimento, encerrando sementes como na “Erva viva”.

NOTA: Esta erva lenhosa, colocada outrora entre as Cassia, foi elevada a gênero distinto por STANDLEY, porque realmente difere muito. É planta muito comum em Pernambuco, porém, atinge raramente o porte indicado por MARCGRAVE.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 228.

Copaifera officinalis L. Sp. P1. 2ª Ed.557.1762.

N.v.: Copaiba (M, P.1 e P.2), Copaliba (P.2).

N.v.m.: "Copaiba", "Pau d'óleo", "Óleo preto".

Lit.: M:130 (Copaiba dos Brasiliensibus). L.3, Cap.17, Fig.130, segunda (fruto).

P.1:56 (De copaiba). L.4, Cap.4.

P.2:118 (Copaiba). L.4, Cap.4, Fig.118.

MARCGRAVE escreve: "A "Copaiba" dos Brasilienses é uma árvore com madeira vermelha, como se fosse tingida de vermelhão e tem duração igual á da faia; dela fazem pranchas largas para vários fins. Tem fôlhas quase redondas ou também ovais, de quatro a cinco dedos de comprimento, e dois dedos e meio de largura no ponto mais largo, com pecíolo de um dedo de comprimento, grosso, e com nervura também grossa e muitas veias transversais, muito salientes no lado dorsal. Produz flores de tamanho mediano que consta de cinco fôlhas (i.e.: o arioloide), tendo esta cheiro de ervilhas esmagadas. O caroço é formado de uma substância flexível, mole á maneira de chifre e cede aos dentes, tendo sabor não muito característico, côr hialina, que se pode comer. As vagens maduras caem e colhem-se".

MARCGRAVE continúa:

"Está árvore dá um óleo ou bálsamo muito limpo, á maneira do óleo de terebintina distilada no que toca a consistência e o sabor, e tem cheiro resinoso. Colhe-se da maneira seguinte: Abrindo furos mediante uma verruma no tronco até a medula, coloca-se em seguida um recipiente que enche dentro de uma hora recolhendo-se cerca de quatro cântaros de óleo (PISO diz: em três horas doze libras).

Se o líquido não correr, obtura-se o furo com uma rôlha até ao por do sol (PISO diz: durante duas semanas), quando sem dúvida dará óleo".

USOS: O óleo é usado pelos índios para ungir o corpo e protege-lo contra a picada dos maruins (P.1:39).

IND. TERAP.: Segundo MARCGRAVE, o óleo é cicatrizante, sendo aplicado a quente mediante algodão sôbre a ferida de arma branca. O óleo estanca e faz cicatrizar a ferida em pouco tempo.

Combate também a disenteria e outros fluxos do ventre. Toma-se a dose de três a quatro gôtas num ovo quente pela manhã duas ou três vezes. O óleo é quente e sêco no 2º grau.

Segundo PISO, o óleo tem o poder admirável de alimpar, fortificar e cicatrizar as feridas, inclusive as mordeduras das cobras. Usado internamente aproveita ao peito, fortifica e estômago debil e faz cessar as cólicas intestinais; faz estancar também os fluxos da madre, a gonorréa e os cursos do ventre; acalma os nervos (P.1:36) e cura a espinela (P.1:23).

Na 2ª ed. PISO acrescenta que os Judeus usavam o óleo na circuncisão.

PISO, na 1ª ed., ao tratar desta planta copiou o texto de MARCGRAVE referente a "Copiiba" (M:121) confundindo essas árvores bem diferentes. Na 2ª ed., todavia, copiou o texto de MARCGRAVE (M:130) apresentando uma estampa. Esta estampa é um bluff, porque mostra as flores de "Coapoiba" (uma Clusia) de MARCGRAVE (M:131) e ao lado, fôlhas de "Copiiba" e frutos da "Copaiba". Esta estampa falsificada induziu em erro a AUBLET (10) ao determinar a planta pisoniana e a muitos outros botânicos.

NOTA: LINEU (74) relaciona a espécie marcgraviana corretamente com Copaifera officinalis considerando-a idêntica à "Copaiiba", tal como foi descrita por PISO (1:56) a qual, entretanto, é Tapirira guianensis.

Segundo JACQUIN (40), a planta pisoniana e marcgraviana são Copaifera officinalis, mas PIRAJÁ DA SILVA (68) opina tratar-se da Copaifera langsdorffii Desf..

Na 2ª ed. PISO chama esta árvore também de "Copaliba", nome êste que tirou de LAET (43).

Material ex.: São Paulo – Capital – Pickel 5939 (cultivada)

Dialium guianense (Aubl.) Sandw. ex A. C. Smith, Loydia 2:184.1939.

N.v.: Ibera puteruna (M), Pao ferro (M).

N.v.m.: "Pau ferro", "Itú", "Pororoca".

Lit.: M:120 (Ibera puteruna Brasiliensibus). L.3, Cap.13.

A descrição de MARCGRAVE é a seguinte: "A "Ibera poteruna" dos Brasilienses ou "Pao ferro" dos portugueses, chamado assim por causa de sua madeira duríssima, que tira o fio da faca, é uma árvore grande ramosa.

Traz folhas alternadamente inseridas umas em frente as outras nos ramos, com três a quatro dedos de comprimento, cordiformes, porém, com ápice acuminado, tênues, verde-claras em cima e um pouco pálidas em baixo”.

NOTA: É tudo o que MARCGRAVE informa. Não resta dúvida porém que se trata da espécie supra e não da Caesalpinia ferrea nem da Apoleya ferrea. É bastante abundante em Pernambuco mesmo nas matas e capoeiras. O cerne é quase preto e muito pesado e duro.

As flores são pouco vistosas e justificam pela côr a denominação indígena. O fruto é uma vagem quase globulosa, com pericarpo quebradiço e encerra uma semente dura envolvida em uma película (i.e.: o mesocarpo) frouxa e forte como um saco.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 2196.

Guilandina bonducella L. Sp. P1. 2ª Ed.545.1762.

N.v.: Inimboy (M, P.2), Silva de Praya (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Carnica”, “Cadorna”, “Carnícula”.

Lit.: M:12 (Inimboy Brasiliensibus). L.1, Cap.8, fig.56, segunda.

P.1:95 (De Inimboya, sive Silva de Praya, Lusitanis). L.4, Cap.16, Fig.96, primeira.

P.2:205 (Inimboy). L.4, Cap.42, Fig.205.

MARCGRAVE escreve: “A “Inimboy” dos Brasilienses é aquêlo espinheiro que produz os lobos equinoides de CLUSIUS. Cresce á altura da roseira e tem o caule e os ramúsculos cheios de espinhos de côr hepática e lenho medulos por dentro, como o “sabugueiro”. Tem em cada ramúsculo muitos galhos opostos, e nestes as folhas também são opostas e em número de quatorze a vinte num galho, havendo neste dois acúleos entre cada par de folhas. As folhas são verde-claras, luzidias, quase lineares e mais ou menos de um dedo de comprimento. Produz flores amareladas reunidas em espiga. A elas seguem vagens espinhentas, hirsutas, de côr hepática na maturação, contendo cada qual dois glóbulos duríssimos, cinzentos, glabros e brilhantes que sacudindo-se a vagem dão estrépito. A amêndoa interna é branco-amarela, de gosto amargo como o tremoço. A vagem madura abre com estouro e espalha os glóbulos”.

PISO que não descreve pròpriamente a planta diz que cresce em abundância nas matas arenosas e sêcas do litoral. Na 2ª ed. adota a descrição de MARCGRAVE.

IND. TERAP.: Segundo PISO, a raiz é quente no 3ª grau e tem gosto amargo. A resina da raiz na quantidade de um punhado mais ou menos é vomitiva e um contraveneno do tóxico de Schrankia.

NOTA: BENTHAM (31) relaciona a planta pisoniana e marcgraviana com a espécie supra, porém atribue-lhe erroneamente o nome vulgar de “Juqueri-omnino” de MARCGRAVE (M:64), seguindo a indicação de VELLOSO (89).

A “Carnica” cresce só no litoral, sendo empregada alí para cercas vivas por causa de seus numerosos e valentes acúleos. As sementes servem como senhas nas tarefas dos trabalhadores, no Interior.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 956.

Hymenaea martiana Hayne, Arzneig.11.1805.

N.v.: Jetaiba (M), Ietaibá (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Jatobá”.

Lit.: M:101 (Jetaiba Brasiliensibus). L.3, Cap.5, Fig. 101, segunda.

P.1:60 (De Ietaiba arbore et illius lacchryma).L.4, Cap.8, Fig. 60.

P.2:122 (Arbor Ietaibá, et illius lacryma Anime). L.4, Cap.9, Fig.123.

Seguimos o texto de PISO, porque o de MARCGRAVE trata apenas do fruto, tendo-se perdido o resto. PISO escreve entre outras coisas: “Entre elas (as árvores produtoras de goma) as matas sempre-verdes, especialmente do Distrito da Paraiba, produzem a densa e especiosa árvore “Ietaiba” que tem madeira dura, branca, com casca flexível e coberta de pontuações branco-amarelas e, aqui e acolá, de máculas branco-amareladas. Nos ramos existem as folhas opostas, pequenas, oblongas, verdes, lisas ao tato e providas de uma nervura longitudinal e veias transversas, elegantes e salientes, no lado dorsal. Produz favas grandes, de côr vermelha (seg. MARCGRAVE de côr hepática brilhante), nas quais se contem uma farinha branca e comestível, junto a três caroços, duros como pedra, de um dedo de comprimento. Quebradas com força saem amêndoas moles, oblongas e vermelho-escuras, muito aromáticas e de sabor excelente, em nada inferiores ás amêndoas

européias e das quais não só os animais e sim também os viajantes se sustentam muitas vezes. Da própria árvore escorrem lágrimas de resina translúcida, ora esbranquiçada, ora amarela, muito semelhante em côr e dureza ao ambar, (chamada pelos Brasilienses "letaicica" e pelos portugueses "Aníme"), a qual colocada sôbre brasas desprende fumaça suave, porém consome-se rapidamente.

É certo que esta resina desce pelos meatos da casca, pois, escavando encontra-se comumente oculta debaixo do tronco e das raízes da árvore. Isto dá-se principalmente no fim do estio, no mês de fevereiro".

USOS: Segundo MARCGRAVE, a madeira é muito dura e emprega-se para traves e eixos das máquinas.

À resina muito procurada hoje para vernizes PISO dá o nome de copal. (P.2:118).

IND. TERAP.: Segundo PISO a resina é quente e sêca no 2º grau. Usada em fumigações combate as cefalalgias que chamam: "chabequos" (Enxaqueca!) e contra as dores do corpo originadas pelos resfriamentos. PISO usou a resina também com proveito nas partes musculosas aplicando-a em forma de emplastro ou unguento. Afirman também que as fôlhas contusas são lumbricidas. As raspas da entrecasca picadas com água e aplicadas em compressas combatem as ventosidades do estômago e tomada internamente é laxativa.

Na 2ª ed. PISO descreve o fruto seguindo MARCGRAVE. Na estampa os frutos e sementes tem forma obsoleta.

NOTA: LINEU (74) considera a árvore supra como Hymenaea courbaril L. da mesma forma AUBLET (10).

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 852, - Tapera – Pickel, 2853.

Swartzia pickelii Killip. ex Ducke, Mem. I. O. Cruz 51:459.1953.

N.v.: Iacaranda (M, P.2).

N.v.m.: "Jacarandá".

Lit.: M:136 (Iacaranda ligno albo, intext.). L.3, Cap.19, Fig.135, primeira ?.

P.2:164 (Iacarandá alba, in text.). L.4, Cap.25, Fig. 164, segunda (errada).

MARCGRAVE escreve que do "Jacarandá" dos Brasilienses há duas espécies, sendo o lenho de um branco e o do outro preto, como o "Palo santo", que é duro; porém, o branco é sem cheiro".

"O "Iacarandá" de madeira branca tem em ramúsculos alternantes fôlhas opostas, de uns três dedos de comprimento, não serreadas, em cima luzidias, verde-escuras e em baixo verde-esbranquiçadas e sem brilho. Floresce do modo seguinte: Em cada ramo repontam do lado de fóra muitos ramúsculos. os quais durante muitos dias suportam glóbulos dispostos em cachos, que são do tamanho de um caroço de cereja ou um pouco maiores, por fóra de côr oliváceo-amarelada que, ao abrir, se fendem em cinco sépalas revolutadas assemelhando por dentro, á vista e ao tato, á seda olivácea resplandecente. Nestas (i.e.: nas sépalas) implanta-se a flor (i.e.: a corola) formada por uma única pétala amarela redonda e expandida para o lado, e do mesmo lugar surgem quatro estames curvos, brancos e elípticos com ápices amarelos e, no meio dêles, ainda um cornículo branco-esverdeado; no centro da flor há ainda outros muitos estames eretos brancos com seus ápices amarelos, bastante grandes, á maneira de cerdas de uma vassoura. A flor é de cheiro doce; o fruto não é comestível".

PISO NA 2ª ed. copia o texto de MARCGRAVE referente ás fôlhas e á flor e, em seguida, descreve o fruto do "Jacarandá brasileiro" á mão da figura anexa ao texto, fazendo de duas uma terceira espécie. Eis o que escreve: "Ás flores segue o fruto que é de um palmo de comprimento e grossura, de esquisito aspecto graças aos caprichos invulgares da natureza, de maneira que aparece giboso e sinuoso e muito tortuoso e sempre pensil devido ao seu peso. (O fruto) que meus companheiros arrancaram nos sertões longínquos era verde e cheio de uma massa esbranquiçada (o que os indígenas usam em lugar de sabão) e, de verde virou em amarelo e, depois de sêco, em côr de cinza e então se abre. O fruto não se come a não ser cozinhado. Os habitantes fazem dêle uma iguaria boa e salubre para o estômago, e chamam-na "Manipoy".

NOTA: Êste "Jacarandá" é comum em Pernambuco, especialmente nos campos e nas capoeiras do Interior. Os glóbulos ou botões floraes descritos por MARCGRAVE conservam-se por muito tempo neste estado à espera de chuva, quando então se abrem. A pétala, porém é branca e não amarela como conta MARCGRAVE; êle deve ter visto a flor prestes a murchar, porque então fica amarela. A vagem descrita por PISO podia referir-se á Swartzia se não o descrevesse á mão da estampa, que é Jacaranda brasiliana Pers. A estampa anexa ao texto de MARCGRAVE parece ser de Sparattanthelium botocudorum em vez de Swartzia.

Material ex.: Permanbuco – Tapera – Pickel, 763, 2394; Recife Vasconcellos Sobrinho Nº ?. (isótipo) (= Herb. Pickel 4190.)

Tamarindus indica L. Sp. P1.34.1753.

N.v.: Tamarindi (M), Tamara azeda (M, P.2), Jutay (P.2), Tamarindus (P.2).

N.v.m.: “Tamarindeiro”.

Lit.: M:107 (Tamarindi, Luzitanis Tamara azecla). L.3, Cap.8, fig.107, segunda.

P.2:157 (Inter eas arbores). L.4, Cap.22, Fig.157.

“O “Tamarindo” ou “Támara azecla” (=azedá) dos portugueses é uma árvore com porte de uma Tilia alta, caule grisalho por fóra e madeira branca, como na Betula, e bastante flexível. Expandendo-se em muitos ramos e estes dividem-se em muitos menores que produzem ramúsculos opostos em fileiras alternas e com três ou quatro dedosde comprimento, os quais suportam em séries folíolos pequenos, mais compridos do que metade de um dedo ou menores, estreitos, de largura igual e com forma cilíndrica, opostos dois a dois, quase sem pecíolos e estreitamente conchegados. No dorso os folíolos são verde-claros, no lado de cima mais escuros e, em baixo, providos de uma nervura longitudinal e veias transversais, para os lados, porém tão exíguas que mal se enxergam no lado de cima.

O fruto nasce na extremidade de ramúsculos, cada um isoladamente no seu pedicelo, variando na forma, pois, alguns são comprimidos com forma e tamanho de um figo sêco, outros são vagens como as da fava grande, outros são como bastonetes de lacre, com que fechamos as cartas. Todos têm uma casca frágil e côr de méspilo e tênue quando maduros. A casca é cheia de polpa escura, filamentosa, de gosto ácido agradável. No meio da polpa de cada fruto ou vagem encontram-se dois ou três caroços, da forma de amêndoas ou circulares e comprimidos, de côr castanha, luzidia. O caroço do “tamarindo” confiado à terra desenvolve-se dentro de um ano formando arvoreta de cinco pés de altura”.

Em seguida, MARCGRAVE chama atenção á descrição do “tamarindeiro” da autoria de GARCIA DA HORTA (apud Clusium) e CRISTOVÃO DE ACOSTA. Êste último, tendo descrito a flor, MARCGRAVE julgou não dever redescreve-la, pelo que a transcreveu apenas. MARCGRAVE compara também os folíolos com os da Securidaca vera de CLUSIUS.

PISO, na 2ª ed. aproveita o texto de MARCGRAVE, conservando até também o erro tipográfico “Tamara azecla” em vez de “Tamara azêda” e dando o nome de “lutay”, faz crer ser uma espécie de Hymenaea, pois êsse nome é privativo dêste gênero. PISO lamenta ser o “tamarindeiro” tão raro no Brasil dizendo: “Oxalá fosse tão freqüente aqui como na Ásia e na África”.

IND. TERAP.: Segundo MARCGRAVE a polpa se chupa durante as febres, por ser refrigerante e agradávelmente ácida. Segundo PISO a polpa é usada como purgante brando (P.1:17) e no escorbuto (P.1:24). Nas moléstias do fígado é útil pelo seu efeito refrigerante e astringente e lembra o acerto do nome “oxyphoenica” dado á planta pelos Gregos, que pensavam tratar-se da “tamareira”, daí o nome “Támara da India” e “Támara azêda”.

NOTA: BENTH. (31) menciona os nomes “Jutay” de PISO.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 218.

Zollernia ilicifolia Vog., Linnaea 11:166.1837.

N.v.: Mucuitaiba (M), Mocitaiba (M), Pao Santo (M).

N.v.m.: “Pau santo”.

Lit.: M:106 (Mucuitaiba et Mocitaiba Brasiliensibus). L.3, Cap.8

MARCGRAVE escreve apenas o seguinte sôbre esta árvore conhecida: “A “mucuitaiba” ou “Mocitaiba” dos Brasilienses ou “Pao Santo” dos portugueses é uma árvore com porte de um “Carvalho” grande ou de uma “pereira”. Produz flores. A madeira é branco-amarelada, porém o âmago é rúivo-preto; é ótima e duríssima”.

Em seguida escreve que nos ramos nasce uma planta que só pode ser o Trigonidium tenue Lodd., porém a julgar da estampa que LAET mandou fazer sôbre material de herbário existente é uma outra orchidácea, que não combina com o texto.

MARCGRAVE apresenta também a descrição que XIMENES fez do “Palo Santo” do México, porém, abstem-se de identifica-lo com o nosso “Pau Santo”.

NOTA: A árvore chamada “Pau Santo” no Nordeste, é Zollernia ilicifolia. É de estranhar porém que MARCGRAVE não tivesse mencionado os espinhos das margens das fôlhas que são

peculiares a esta espécie. Há de notar-se porém que as folhas podem ser inteiras. O nome vulgar alude aliás aos espinhos.

Material ex.: Pernambuco – Itabayana – Pickel, 1551; - Pernambuco – Russinha – Pickel, 3392.

-----

### Família PAPILIONACEAE

Andira fraxinifolia Benth. Ann. Wien. Mus. 2:108.1838.

N.v.: Andira ibiariba (M), Andira ibaiariba (P.1), Angelim (M), Angelin (P.1), Angelyn (P.2), Andira (P.2).

N.v.m.: “Angelim doce”.

Lit.: M:100 (Andira Ibiariba Brasiliensibus). L.3, Cap.4.

P.1:81 (De Andira Ibiariba sive angelin, ejusque facultatibus). L.4, Cap.36, Fig.81,segunda.

P.2:175 (Duas species arborum, sub nomine angelyn). L.4, Cap.29, Fig.175, segunda.

PISO e MARCGRAVE tratam desta árvore, completando um as omissões do outro. PISO escreve o seguinte: “Esta árvore, do porte de uma “pereira” mediana, muito conhecida dos portugueses pelo nome de “Angelim”, encontra-se espalhada nas matas desta Província de Pernambuco.

Tem madeira dura, com casca cinzenta e folhas semelhantes ás do “loureiro”, menores porém, e com olhos ou gemas pretas, das quais prorompem muitas flores fragrantas, copuladas e rôxo-purpúreas.

Produz frutos (nozes, P.1:27), de forma e tamanho de um ovo, no princípio verde-escuros e depois pretos (MARCGRAVE fala só do fruto dizendo que tem forma de uma noz de “nogueira” e tamanho de um ovo de galinha, tendo a casca verde e num dos lados uma espécie de sutura). Quebrado o fruto duro aparece um grão ou caroço, de gosto desagradável e astringente (segundo MARCGRAVE branco – amarelado, não comestível e venenoso), cujo pó é lumbricida”.

USOS: A madeira, sendo dura, é usada segundo MARCGRAVE para obras internas. O fruto, embora intragavel para o homem, é devorado pelas feras que com êle se cévam.

IND. TERAP.: PISO escreve que o fruto se emprega triturado e reduzido a pó. Deve ser usado com precaução não tomando mais do que metade de um escrúpulo para matar as lombrigas (P.1:27). Êle conta que observou a morte de crianças devido ás doses excessivas dêste antelmíntico e, por isso, insiste em recomendar que não se exceda a dóse supra, apesar de que as feras impunemente se alimentam dos frutos.

A árvore descrita por ambos os autores é evidentemente a mesma espécie, visto MARCGRAVE reporta-se á estampa de PISO e lembrar as mesmas propriedades medicinais. Não há dúvida tratar-se da espécie supra, porém, há em Pernambuco, várias outras, como p. ex. a Andira nitida Mart. (=“Angelim de morcego”) que já de longe destaca pela folhagem resplandecente, Andira longifolia BTH., Andira paniculata BTH., etc. Não se trata, entretanto, delas ou da espécie Andira Pisonis Mart.

Na 2ª ed. PISO fala de duas espécies, considerando a de MARCGRAVE diferente, porém, descreve ambas sub una, dando como diferença apenas haver uma delas (não diz qual) casca, madeira ou frutos amargos.

NOTA: AUBLET (10) pensa ser a Andira de MARCGRAVE e PISO a Vouacopoua americana. BENTHAM (31) entretanto relaciona com a planta de PISO e MARCGRAVE a Andira fraxinifolia Benth. e não a Andira pisonis Mart.. HOEHNE (36) pensa também ser Andira fraxinifolia (=“Angelim doce”) = Andira rosea Mart.

Material ex.: Pernambuco, Recife, Dárdano de A. Lima 1016 (Herb. do IPA).

Arachis hypogaea L. Sp.P1.741.1753.

N.v.: Mundubi (M, P.2), Amendoim (P.1 e P.2), Manobi (P.2), Mandubi (P.2).

N.v.m.: “Amendoim”.

Lit.: M:37 (Mundubi Brasiliensibus). L.1, Cap. 17, fig. 37.

MARCGRAVE escreve: “O “Mundubi” dos Brasilienses, é uma erva que surge á altura de uma a dois pés, tem caule quadrado ou estriado, verde-rúivo, piloso. Nacem ramúsculos em posição alterna que, no princípio, quase abraçam o caule e são providas de estípulas estreitas e acuminadas, formando logo um nó que se prolonga a três ou quatro dedos de comprimento, tendo cada ramúsculo (i.e., pecíolo ou raquis) quatro fôlhas opostas, (i.e., folíolos), sempre duas a duas, um pouco mais de dois dedos de comprimento e um dedo e meio de largura, verde-claras em cima, como no “trevo” e, em baixo, um pouco esbranquiçadas, com nervura saliente e veias finas quase paralelas e um tanto pilosas. Na axila dos pecíolos nasce um pedicelo com um dedo e meio de comprimento, delgado, que traz uma flor amarela com orla vermelha, constante de duas pétalas como na “ervilhaca” ou no “trevo”. A raiz dela não é muito comprida, é tênue, tortuosa, fibrosa e tem anexos uns folículos de côr cinzento-esbranquiçada, da forma de uma abóbora pequenina, oblonga, do tamanho de um miobalano e quebradiços. Cada folículo encerra dois caroços, que têm tegumento purpúreo-escuro e uma amêndoa branca por dentro, oleaginosa, com gosto de pistácea e se comem cozinhados e são reputados entre os acepipes. Dizem que comidas em maior quantidade causam dor de cabeça. Sacudindo o fruto inteiro os caroços que estão dentro causam estrépito”.

Em seguida, MARCGRAVE envia os leitores para o que MONARDES escreveu sôbre o “Anchic” dos Peruanos que ali é chamado “Mani” pelos Espanhóes.

Na 2ª ed. PISO aproveita a descrição dada por MARCGRAVE condensando o texto e finda o trecho relatando os usos medicinais e caseiros.

IND. TERAP.: (As amêndoas) piladas e aplicadas em forma de cataplasma nas feridas causadas pelas moderduras das cobras mitigam as dores. Expreme-se delas também um azeite muito claro, de gosto agradável, usado para os mesmos fins que o óleo de amêndoas”.

NOTA: LINEU (74) determina o “Mundubi” como *Arachis hypogaea* L.

AUBLET (31) relaciona ambas as espécies Pisonianas (“Mundubi” e “mandobi”) com a espécie supra e também “mandupitiu” ou “Jarere” de MARCGRAVE, (no Lib. Princip. 409). É preciso dizer, entretanto, que o “Mandobi” de PISO é *Voandzeia*.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 235.

*Bowdichia virgilioides* H.B.K., Nov. Gen. & Sp.6:376.1823.

N.v.: Cebipira (M), Cebipira miri (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Sucupira”, Sapupira do campo”.

Lit.: M:100 (Cebipira Brasiliensibus). L.3, Cap.5, Fig.100.

P.1:78 (De Cebipira guaçu ejusque facultatibus). L.4, Cap.31, Fig.78, segunda.

P.2:168 (Crassitie et altitudine insignis arbor). L.4, Cap.27, Fig.169, primeira.

Seguimos a MARCGRAVE na descrição que é minuciosa, ao passo que PISO descreve ao mesmo tempo e com as mesmas palavras duas espécies, que se distinguem apenas pelo nome vulgar “Cebipira-guaçu” e “Cebipira miri”.

“A “Cebipira” dos Brasilienses, escreve MARCGRAVE, é uma árvore grande e ramosa, com madeira dura e á primeira vista semelhante á da “faia”, com a qual se fabricam as rodas das máquinas e das carroças; tem casca grisalha e fusca. Nos ramos existem ramúsculos alternos, na distância de meio pé, e nestes há fôlhas pequenas alternas ou opostas, com uns dois dedos de comprimento e três-quatro de dedo de largura, no ponto mais largo com forma semelhante ás de *Buxus* (Segundo PISO, semelhantes ás da “oliveira”), em cima verde-escuras e luzidas e em baixo quase cinzentas com nervuras longitudinal e veias finíssimas oblíquas. Produz numerosas flores, a saber, em cada pedúnculo quinze a vinte ou mais, cada uma em seu pedicelo curto, do tamanho das flores da “macieira” ou pouco maiores, constantes de cinco pétalas que provém de um cálice preto e nele se inserem. Duas pétalas são maiores, e tem encostados oito ou nove estamínulos brancos com seus ápices escuros. Tendo caído as flores nasce do meio delas uma vagem pequena, verde-amarelada, que encerra a semente. As pétalas da flor são todas corrugadas como algodãozinho português. A côr delas é um azul diluido com branco; a pétala superior tem uma mácula ruiva perto do cálice e não é cheirosa. A árvore é bela quando a flor, a saber em outubro e novembro”.

IND. TERAP.: PISO dá as seguintes aplicações medicinais. A casca tem gosto amargo e astringente, é quente e sêca em 2º grau. Dela se fazem banhos quentes e cozimentos muito eficazes nas doenças causadas pelo frio e contra as inchações dos pés e do ventre e também contra as dores dos membros que os portugueses chamam “Curimentos”. Outroassim, é empregada em uso externo e interno na cura da Lues venérea não inveterada. Provoca suores. Devido á propriedade de alimpar



e a uma certa acrimônia que possui é um remédio contra a sarna, a tinha e outras afecções cutâneas desse gênero. PISO chegou a usar esse simples nos catarros (P.1:22), na hidropisia (P.1:26), nas feridas (P.1:36) e no combate da empigem (P.1:37).

Na 2ª ed. PISO descreve as flores de acordo com MARCGRAVE.

NOTA: MARTIUS (31) relaciona a planta pisoniana e marcgraviana com sua variedade major.

A “Sucupira” é muito conhecida em Pernambuco. Quando se cobre de flores azues é avistada de longe de dentro das matas. Floresce exatamente nos meses registrados por MARCGRAVE.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 854.

Cajan cajan (L.) Mill., Dict. Gard. 8ª Ed.1768.

N.v.: Comanda guira (M), Cumandá-guirá (P.2).

N.v.m.: “Guandú”.

Lit.: M:62(Comanda guira Brasiliensibus). L.2. Cap.4.

P.2:251 (Cumandá-guirá est frutex). L.4, Cap.62.

MARCGRAVE dá a descrição seguinte: “O “Comanda guira” dos Brasilienses é um arbusto ou frutice que produz feijões. Sua casca é verde e o lenho leve e frágil. Nos ramos possui muitos ramúsculos eretos, um dedo e meio de comprimento, opostos, porém alternos quando são em número de dois, havendo num deles (i.e., no pecíolo) três folhas oblongas, acuminadas, semelhantes às da Salvia acuta, albicantes em baixo e, mais verdes em cima e lisas ao tato, como seda, e providas de nervuras salientes; no outro ramúsculo (i.e. no pedúnculo) há seis, sete, ou oito flores, do tamanho das de nossas “ervilheiras”, com duas pétalas viradas para cima, com seu involúcro, e um virado para baixo, que é o maior. As flores têm cor amarela e aquela pétala virada para baixo é provida no lado inferior de veias rubras em toda a extensão. Às flores seguem vagens que são comprimidas e quase tortuosas, encerrando quatro grãos de feijão, brancos, menores que nossas ervilhas, com ótimo sabor, embora serem laxantes, pelo que os Brasilienses e também os portugueses os comem frequentemente. Floresce e frutifica todo o ano”.

Na 2ª ed. PISO fala também desta planta, porém, aproveitando o texto de MARCGRAVE.

NOTA: Esta planta é cultivada pelos moradores de Pernambuco somente em pequena escala, sendo o arbusto aproveitado para cercar a plantação junto dos caminhos. As sementes parecem ser, de fato, ervilhas pequenas em forma e tamanho.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 245.

Canavalia ensiformis C.C., Prodr. 2:404.1825.

N.v.: Cumanda-guaçú (P.2).

N.v.m.: “Feijão de porco”.

Lit.: P.2:251 (Utsunt primo Cumanda-guaçú, in text.). L.4, Cap.62.

Falando dos feijões PISO escreve: “Primeiro vem o que chamam “Cumanda-guaçú”, i.e., fava grande. É da grossura de um polegar e tem a mesma forma, como as europeias ultrapassando-as, porém, não só no tamanho como também no sabor e na salubridade. Como cordas sobem às copas das árvores e as cobrem á maneira de “hera”.

IND. TERAP.: Além de comestíveis, estavam em uso na medicina e, diz PISO em seguida ao trecho supra: “As favas torradas contusas e ministradas dentro de um ovo, estão sendo usadas contra os fluxos do ventre. Cozinhadas e aplicadas ao ventre em forma de cataplasma, curam as cólicas doloridas e, amadurecem os apostemas se forem colocadas sobre a parte afetada”.

NOTA: A “Cumandá-guaçú” de PISO é um plágio, pois, ele usa os mesmos termos na descrição desta fava como LERY (44) (“une sorte d’aussi grosses et larges feves que le pouce, lequelles les sauvages appellent Comanda-ouassou”). É evidentemente uma adaptação do texto de LERY. A fava tem de fato uma plegada de comprimento. HOEHNE (36) pensa tratar-se de Mucuna altissima D.C. ou Phaseolus lunatus L.

LERY nada diz se a planta é trepadeira e sobe às árvores. THEVET (84) por sua vez fala de “favas brancas muito chatas, maiores e mais largas que as nossas”, as quais HOEHNE (36) determina como Phaseolus lunatus L. (“Fava de Belém”). É provável que as favas de THEVET sejam desta espécie, mas não as de LERY, que, antes, parecem ser uma Canavalia. A “Corunha” (Dioclea edulis Kuhl.) (11), que GABRIEL SOARES (79) descreveu da Bahia com o nome de “Curuanha”, seria ela a fava de PISO?. Respondemos que não, e a razão é que as favas de PISO são

comestíveis, de grãos farináceos, á semelhança do feijão comum, idem os de THEVET e de CLUSIUS descritos e desenhados por LAET (43). E o feijão de CLUSIUS é Canavalia ensiformes D.C.

Crotalaria stipularia Desv., Journ. Bot. 2:76.1814.

Lit.: M:55 (Na Sagittaria cordialis poterit vocari?). L.1, Cap.26, Fig.55, segunda.

MARCGRAVE propõe para esta planta o nome de Sagittaria cordialis e, em seguida, descreve-a, assim: “Esta planta cresce até a altura de três pés, tendo caule roliço, hirsuto, e alado, e fôlhas sagitiformes inseridas no caule, (i.e., as estípulas), da mesma maneira como se as penas nas flechas, fazendo uma saliência no caule e são hirsutas em ambos os lados. Além destas há no caule e nos ramúsculos outras fôlhas, estreitas, oblongas, verdes em cima, esbranquiçadas em baixo, totalmente pilosas, sendo as maiores sésseis. Na extremidade do caule surgem alguns pedúndulos compridos, nos quais nascem flores, da forma das de “ervilha”, amarelas e constantes de três (sic!) pétalas, cuja mais alta é variegada com estrias purpúreas.

Depois das flores seguem vagens fuscas ou pretas, semelhantes ás da ervilha, encerrando sementes luzidias, esverdeadas ou oliváceas quase semilunares ou, antes, cordiformes. É porém de tal maneira estragada pelos vermes que entre dez mal se encontra uma vagem que não seja perfurada e as sementes carcomidas pelos vermes.

A raiz é reta, com três ou quatro dedos de comprimento, tênue, tendo um ou mais brotos”.

NOTA: A estampa LAET mandou executar á mão do material do Herbário marcgraviano.

LINEU (74) e AUBLET (10) deram á planta marcgraviana o nome de Crotalaria sagittalis, porém, esta espécie não é a planta marcgraviana.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 252.

Dalbergia nigra (Vell.) Fr. All. ex. Benth., Journ. Linn. Soc.4, Suppl.36, 1860.

N.v.: Iacaranda (M, P.2). “Çacaranda” (P.1).

N.v.m.: “Caviúna”, “Jacarandá da Banhia”.

Lit.: M:136 (jacaranda ligno nigro, in text.). L.3, Cap.19.

P.2:164 (Alterius nigrum ut Palo vel Pau Santo). L.4, Cap.25.

MARCGRAVE cita uma espécie de “Iacarandá preto”, dando as informações seguintes: “Do “Iacarandá” dos Brasilienses há duas espécies, uma com madeira branca e a outra com madeira preta, como o “Pau Santo”, bem cheirosa e dura, mas o “Iacarandá branco” é destituído de cheiro”..... E LAET acrescenta: “O “Iacarandá de lenho negro” encontra-se na Capitania de Todos os Santos, mas não encontrei declarado no autor em que difere do procedente”. Em seguida MARCGRAVE descreve o “Iacarandá branco”, que é Swartzia pickelii, que já foi estaudado.

PISO, ao falar do “Iacarandá preto”, na 2ª ed., apresenta como estampa a de Jacarandá brasiliensis (relegada na 1ª ed. à última página do livro) e descreve-a, ao que parece, á mão da estampa aproveritando, ao mesmo tempo, o texto de MARCGRAVE no que toca á Swartzia e fazendo assim de duas uma terceira espécie.

IND. TERAP.: No Capitulo sôbre os fluxos do ventre (P.2:27) PISO aconselha a madeira e, no capitulo sôbre tenesmo (P.1:2), recomenda as raspas do “Pau santo brasiliense”, aliás “Iacarandá” (que soletra também “Çacarandá” (P.1:28) para curar êsses males.

NOTA: LAET (43) cita esta árvore, como tendo madeira cheirosa e, como vimos, a compara como o “Pau santo”, devido a côr negra que possui. No entanto, PISO chama o “Iacarandá” até “Pau santo brasiliense” (P.1:29), homologando-os. O nome “Çacarandá” mostra que o nome era pronunciado “Jacarandá”. A estampa de PISO (P.2:165), porém é de Jacarandá brasiliensis Pers., uma Bignoniaceae.

O “Jacarandá preto” de MARCGRAVE é o “Rosewood” doa anglo-americanos, chamado assim por causa do perfume de rosas que se nota no cerne das árvores velhas, recentemente cortadas.

Material ex.: São Paulo – Capital – Pickel, 5045.

Dioclea marginata Benth., Ann. Wien. Mus. 2:133.1837.

N.v.: Mucuna-guaçu (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Mucunã”, “Corôa de frade”.

Lit.: P.1:48 (Mucuna guaçu). L.3.

P.2:306 (Haec itaque Mucuná-guaçu).L.3, Cap.18, Fig.307, primeira.

Sobre este cipó PISO escreve na 2ª ed. o seguinte: “Esta “Mucuná-guaçu” ocupa o primeira lugar entre a multidão de ervilhas e favas silvestres, quanto á beleza e o tamanho. Cresce na árvore (?) que tem o mesmo nome. Esta vagem, porém, tem pericarpo preto e duro como pedra, é revestida de pêlos amarelos, moles, e tem um palmo de comprimento e três dedos de largura. Quebrando-a com força, saem dela belíssimos glóbulos (achatados!), separados por divisões, em número de três ou quatro, de côr purpúrea e rubra, redondos, lisos, com hilo grande”.

Em seguida PISO fala na nocividade das sementes dizendo que “maceradas em água, depõem em parte a qualidade nociva e tornam-se até comestíveis quando preparadas com a Tapioca da mandioca. Desta maneira, parece que sua toxidez não é tão grande que não possa ser neutralizada com um corretivo conveniente. Sendo a parte interna acre e mordente, põe em revolução de tal maneira os intestinos e o corpo, que provoca vômitos violentos e diarreia.

Neste caso este medicamentoso alimento, feito com Tapioca, é que costumam preferir a todos os outros antídotos”.

NOTA: É engano de PISO, serem as vagens provenientes de uma árvore. Porém, não é de admirar ter chegado a esta opinião, porque de fato as vagens penduram das árvores e se colhem ao pé delas. A estampa da vagem não é tão boa como a de LAET (43) Em Pernambuco esta espécie de “Mucuná” é muito espalhada nas matas, tanto do litoral, como do Interior. A côr das sementes varia, porém, um tanto, sendo ora ruiva mas clara, ora mais escura e com tonalidade fusco-avermelhada. BARBOSA RODRIGUES (11) afirma que a esta espécie de PISO se dá no Rio de Janeiro e nome de “Coro-onha” (que quer dizer que nasce quando se fazem as roças, de “coro”, fazer roça, e “onha”, nascer). Isto parece ser um equivoco de BARBOSA RODRIGUES, pois se refere a Dioclea edulis Kuhl. (3) que já GABRIEL SOARES (3) descreve com o nome de “Curuaanha”. A espécie de PISO tem a mesma semente que CLUSIUS (43) chama “Macouna” que descreve bem. A estampa de CLUSIUS é melhor que a de PISO.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 2621; Pombos, Pickel, 3204.

Dolichos lablab L., Sp.P1.725.1753.

N.v.: Mandatia (M), Cumandatiá (P.2).

N.v.m.: “Fava Mangetout”, “Fava de cavalo”, “Cumandatiá”.

Lit.: M:33 e 52 (mandatia Brasiliensibus). L.1, Cap.15 e 24) citada.

P.2:251 (Sequntur tandem et illae). L.4, Cap.62, Fig.251.

MARCGRAVE cita apenas esta planta, porém, PISO a descreve dizendo: “Sequem finalmente aquêles feijões, chamados “Cumandatiá”, o “Lablab” de ALPINUS de que trata CAROLUS CLUSIUS em seu livro: “Rariorum plantarum historia”, pág.227. Acredita-se ter sido importada esta planta da África para o Brasil mas é conhecida universalmente tanto pelo porte elegante como pela sua utilidade, pois, floresce e cresce todo o ano. As sementes pretas contidas em vagens largas não muito compridas são comestíveis como ainda de paladar excelente se forem misturadas ás iguarias e cozinhadas. São um remédio para as moléstias do peito. PROSPER ALPINUS afirma serem diuréticas e emenagogas”. Até aqui PISO.

NOTA: Esta fava cultiva-se bastante em Pernambuco, especialmente por causa das excelentes vagens que se comem verdes, inteiras, depois de cozidas e preparadas como salada.

As sementes não são pretas e sim de côr marrom e pôssuem hilo grande. A vagem é larga e tem asperezas verrugosas na sutura dorsal. Parece que nos tempos de PISO, as vagens foram utilizadas da mesma maneira. O povo chama “fava” a todas as vagens largas.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 910, 2993.

Erythrina velutina Willd., Gesell. Nat. Freunde, 3:426.1901.

N.v.; Tuinamtiiba (M).

N.v.m.: “Mulungú”. Suinã (no Sul do País).

Lit.: M:136 (Tuinamtiiba Brasiliensibus). L.3, Cap.13.

MARCGRAVE identifica esta árvore com algum receio com a árvore “Coral” de CLUSIUS (Erythrina corallodendron L.) e tem razão, porque não é idêntica, embora, espécie do mesmo gênero, como se vê da descrição que segue.

“A “Tuinamtiiba” dos Brasienses é uma árvore de casca cinzenta e madeira frágil, com copa larga á maneira da “macieira silvestre”. Seus ramos cortados e fincados na terra engendram novas árvores, pelo que é usada pelos indígenas para sebes vivas. As árvores novas são armadas com espinhos agudos no caule e nos ramos, porém, as adultas perdem os espinhos. Dividem-se em ramos de natureza variável, pois, alguns nunca florescem, outros ao contrário; aquêles sempre têm fôlhas, êstes nenhuma mas tão sómente flores, a saber, em dezembro e janeiro.

Porém depois das flores brotam as fôlhas depois das flores cairem. As fôlhas de uns e outros são semelhantes, mais ou menos redondas, ou antes, largo-cordiformes, tomentosas em baixo, glabras e mais claras em cima, unidas sempre a três á maneira de Phaseolus a um pecíolo de meio pé de comprimento. Os pecíolos (i.e., as raquis) são juxtapostas, em numero de três, quatro ou cinco, á maneira de fronde e toda a árvore é frondosa, tendo as fôlhas e as flores arrumadas em frondes. A flor iguala em tamanho a de Iris, constando de uma única pétala crenada e ereta, em cuja base e dentro da túnica adjacente (i.e., do cálice) da qual se origina, há um líquido doce, como a flor de “Paco” (i.e. da “bananeira”) muito apetecido pelas formigas. Da mesma saem gradualmente muitos estames, unidos á maneira de carena, é de bela côr vermelho-viva, sem perfume embora, os estames (i.e., as anteras) porém tiram ao pardo. As árvores floridas avistam-se de longe, aparecendo como se fossem uma flâmula vermelha desfraldada. Às flores que caem depressa e em grande número seguem os frutos, a saber vagens numerosas fuscas, quando maduras, tendo ora um, três ou cinco dedos de comprimento, de um dedo de grossura, roliças, divididas em tantos bojos ou lóculos, quantos feijões encerram. Cada semente tem o tamanho de um caroço de avelã ou de fava e côr totalmente vermelha, tendo perto do hilo fusco uma macula preta; por dentro é branco-amarelada. Não tem uso da parte dos indígenas”.

NOTA: O “Mulungú” é comum em Pernambuco, sendo os ramos ainda hoje usados para estacas de cercas vivas, por pegarem mui facilmente. A madeira não tem uso a não ser para rolhas, por ser leve, porosa e fácil de trabalhar. O aspecto da árvore vista de longe é realmente belo.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1219.

Geoffraca spinosa Jacq., Enum.P1. Carib.28.1760.

N.v.: Umari (M, P.2), Camarinhas (P.2).

N.v.m.: “Marizeiro”, “Umari”.

Lit.: M:21 (Umari Brasiliensibus). L.3, Cap.13, Fig.121, primeira.

P.2:174 (Umari, vulgo Camarinhas). L.4, Cap.29, Fig.174.

MARCGRAVE descreve esta árvore minuciosamente, dizendo: “O “Umari” dos Brasienses é uma árvore com copa larga, porém, com tronco medianamente grosso, pois, nascem quase sempre três, quatro ou mais juntos.

Nos ramos (que são espinhosos, segundo PISO) tem ramúsculos de três ou quatro dedos de comprimento e nestes, folíolos lineares, semelhantes aos de Cassia, porém, um tanto mais estreitos e opostos ou alternados, verde-escuros e com nervura longitudinal e veias oblíquas, e de um dedo ou mais de comprimento. Produz flores. Seguem os frutos, de forma oval, do tamanho de uma ameixa grande, cobertos de pericarpo que, pelo aspecto e pela superfície lembra o nosso pêssego, tendo porém côr verde-amarelo-pálida, e polpa exígua, doce, amarelada, em quantidade pequena que envolve um caroço grande, oval e esbranquiçado o qual encerra uma amêndoa comestível. Amadurece no mês de março, quando cai espontâneamente e se colhe. Comido em estado crú ofende o estômago e provoca facilmente o vômito; por isto, costumam cozer o fruto todo e tritura-lo junto com os caroços no pilão, e comer (a massa) em vez de pão ou farinha nas iguarias de carne ou peixe. A madeira da árvore é branca, lembrando um pouco a de Betula. Esta árvore é freqüente nos agrestes junto dos rios Cunhau Mopebi e também no Rio Grande”.

Na 2ª ed, PISO copia o texto de MARCGRAVE.

NOTA: LINEU (74) reporta-se a esta árvore dando-lhe nome acima. AUBLET (10) idem.

Encontrámos esta árvore á margem do rio do Peixe, na Paraíba, e observámos que se ramifica á altura do peito em dois ou mais troncos, como afirma MARCGRAVE.

Material ex.: Paraíba, Souza, Pickel s/n.

Geoffraca superba H.B., P1.Aequin.2:69.1809.

N.v.: Umari (P.2), Camarinhas (P.2).

N.v.m.: “Mari”, “Mari-mari”, “Marizeiro”.

Lit.: P.2:174 (Altera species Umari). L.4, Cap.29.

PISO nada escreveu na 1ª ed. sobre este “Umari”, porém, na 2ª ed. fala dizendo: “Há outra espécie de “Umari”, menos alta, com frutos semelhantes aos da precedente, porém, com cor escura e sabor mais ácido. São refrigerantes, mitigando o calor do estômago e p.i., são apetecidos pelos doentes de febre. Os portugueses chamam os frutos desta e daquela espécie de “Camarinhas”.

NOTA: É pouca coisa o que PISO escreve sobre esta árvore, porém, não padece dúvida tratar-se desta espécie que cresce em Pernambuco e em todo o Nordeste.

Material ex.: Pernambuco – Vitória – Pickel, nº 2506. Paraíba – Souza – A.Loefgren 2682 (Herb. Mus. Nac.).

Indigofera suffruticosa Mill., Gard. Dict. 8ª Ed.1768.\*

N.v.m.: “Anil”, “Anileira verdadeira”.

Lit.: M:68 (Na glaux). L.2, Cap.8.

MARCGRAVE hesita em incluí-la nos gêneros Anthyllis, Glaux ou Securidaca e, finalmente, dá a esta planta o nome de Anthyllis leguminosa. Descreve-a como segue: “É uma erva fruticosa; eleva-se á altura de três ou quatro pés, surgindo muitos caules juntos que são lenhosos, retos, um tanto esbranquiçados, os quais trazem ramos alternos. As folhas (i.e., os folíolos) ficam opostos em pares nos respectivos ramúsculos (i.e., na raquis) havendo em todos eles geralmente seis pares e na extremidade, uma folha isolada. As folhas tem mal um dedo de comprimento e são cobertas em baixo de uma espécie de lanugem e, em cima são um pouco mais verdes. Na axila destes ramúsculos nascem outros solitários (i.e., os pedúnculos) que trazem cada qual uma espiga pequena, cônica, formada de flores pequenas, de cor entre branco e a encarnado, á maneira das de Lotus. Depois das flores seguem vagens pequenas em grande número e juxtapostas, de meio dedo de comprimento e da forma de chifre de bode, contendo cada chifre ou “cornículo”, cinco, seis ou sete grãos de sementes, em seus compartimentos respectivos, e são pequenos, com forma de um pão de açúcar, comprimidos nos lados, duros, e com sabor de ervilha. A vagem madura estala e derrama as sementes.

NOTA: MARCGRAVE não reconheceu o parentesco desta “anileira” com a seguinte, pelo motivo certamente de não ter tido tempo de coordenar as suas plantas. Da mesma forma, nada diz se é cultivada. Naquê tempo de fato, ainda não foi cultivada para extração de anil, embora ser subespontânea no Brasil.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 262.

Indigofera microcarpa Desv., Journ. Bot.79.1814.

N.v.: Herva d’anir (M), Erva d’anir (P.2), Caachira (P.2).

N.v.m.: “Anileira”.

Lit.: M:57 (Herva d’anir Lusitanis). L.2, Cap.1, Fig.57.

P.2:198 (Etiansi ad humanos usus). L.4, Cap.39, Fig.198.

MARCGRAVE descreve a “Erva d’anir” dos portugueses da forma seguinte: “De uma raiz delgada, comprida e mui ramificada, lenhosa, e flexível, surgem vários caules, de dois, três, ou as vezes, mais pés de comprimento, roliços e reptantes, com filamentos radiculares aqui e acolá que penetram na terra, porém levantando-se perto da extremidade. Dêstes caules deitados quase totalmente, surgem outros muitos, eretos, a saber de cada um oito, nove e freqüentemente dez caules, roliços igualmente, lenhosos, e num dos lados arruivados. Todos os caules ornam-se com ramúsculos de um dedo de comprimento, alternos, e em cada um dêles há sete folíolos acinzentados, opostos em pares, porém o apical isolado. Os folíolos têm nervura longitudinal, não são serrados, mas semelhantes aos do Trifolium corniculatum de DODONEU. Junto dos ramúsculos nascem pedúnculos com quatro, cinco, seis, ou mais flores, pequeninas, purpúreo-claras, da forma das de Cassida aperta (?), como na Hedera terrestris ou na Urtica mortua, e têm cheiro agradável.

Nasce no Brasil por toda a parte. Desta planta se pode extrair o colorante anil. “anil”. MARCGRAVE escreve em seguida numa anotação sobre a origem da palavra “anil” e sobre a planta indiana que fornece o anil da India. Embora esta ser chamada pelos portugueses “Mangericão” opina que se deve tratar de uma espécie de Isatis.

---

\* Sinônimo: Indigofera anil L

LAET, finalmente, completa as observações de MARCGRAVE com a transcrição do texto de XIMENES sobre uma “anileira” do México (provavelmente uma Indigofera e talvez a espécie anterior). PISO na 2ª ed., transcreve parte do texto de MARCGRAVE e a sua anotação.  
NOTA: BENTHAM (31) relaciona a planta marcgraviana com esta espécie.  
Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 598, 844.

Meibomia cana (Gmel.) Blake, Bot. Gaz. 78:276.1924.  
N.v.: Trevo (P.1 e P.2), Erva d’amor (P.1 e P.2), Caapomonga (P.2), Amores (M).  
N.v.m.: “Amores”, “Carrapixo”.  
Lit.: M:2 (Herba quae passim in Brasilia nascitur). L.1, Cap.2.  
P.1:112 (De Trevo, vel Erva d’amor, ejusque usu). L.4, Cap.83, Fig.112.  
P.2:201 (Tertia caapomonga). L.4, Cap.40, Fig.201.

MARCGRAVE que descreve minuciosamente esta planta propõe dar-lhe o nome de Trifolium americanum spicatum. Depois continúa: “De uma raiz lenhosa, flexível e fina surgem alguns caules de um dedo e meio de altura, os quais possuem um ou outro ramúsculo. O caule é roliço, piloso e quase geniculado. Dos nós nascem sobre um pecíolo curto três fôlhas juxtapostas, verdes em cima e pilosas e incanas em baixo. Traz flores que são de côr purpúrea, reunidas em espiga. Depois delas aparecem vagens pequenas, comprimidas, hírsutas e curvas como meia-lua, como na erva chamada “Ferro-cavallo” (= Hippocrepis multisiliquosa L.) e quase separadas, pois, na maturação separam-se em tantas partes quantas encerram sementes. A semente é do tamanho das de Sinapsis, porém, da forma de um feijão, branco-amarelada e provida de uma pequena mácula fusca no lugar do hilo, e com gosto semelhante á de ervilha. Quando se passa, estas vagens aderem fácilmente aos vestidos, pelo que os portugueses chamam esta erva de “Amores”.

PISO descreve esta planta na 1ª ed. em um capítulo próprio porém de maneira muito curta e em termos vagos que não permitem a determinação segura. Todavia, trata-se desta espécie, como mostra também a estampa, embora um tanto rústica.

Na 2ª ed. descreve-a entre as “caapomongas” adotando o texto de MARCGRAVE.

IND. TERAP.: Segundo PISO, a raiz é quente em 2º grau e usada em infusão nas diarréas (fluxus ventris ex frigore nati).

As fumegações feitas com as fôlhas e aplicadas á cabeça envolvida em panos curam, segundo os indígenas, as dores de cabeça provenientes do resfriamento e do catarro (P.2)

NOTA: Esta erva trivial é chamada por alguns impròpriamente de “carrapixo”. MARTIUS (95) reconheceu nesta planta um Desmodium (Meibomia).

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 639.

Mucuna urens (L.) D.C., Prodr.2:405.1825.

N.v.: Mucuna (M), Mucuná (P.2).

N.v.m.: “Mucunã”.

Lit.: M:18 (Mucuna Brasiliensibus). L.1, Cap.10, Fig.19, primeira.

P.2:307 (Secunda Mucuná). L.5, Cap.18, Fig.307, segunda.

MARCGRAVE escreve: “A “Mucuna” dos Brasilienses tem um caule sarmentoso, bastante grosso e flexível, que sóbe ás árvores e se agarra nos ramos. Nos respectivos pecíolos, de três ou quatro dedos de comprimento, há sempre três fôlhas opostas á maneira das de Phaseolus, oblongas, de três ou quatro dedos, com nervura e veias oblíquas, em cima de um verde saturado e, em baixo, esbranquiçadas e com lanugem subtil, ao tâto semelhante á sêda. Num pedúnculo de três ou quatro dedos de comprimento, que na ponta se divide em outros menores, provém quatorze a dezesseis flores juxtapostas, engastadas nos seus cálices á maneira de vagens de “ervilha”. A forma da flor é como se duas vagens de “ervilha” abertas fossem encaixadas uma na outra, contando cada flor de cinco pétalas, tendo quatro pétalas dois dedos de comprimento e o quinto um dedo; são inodoras e amarelas e tem no meio um estame fistuloso pálido, dividido em cima em muito filetes, cada qual com seu ápice fusco (i.e., as anteras). Ás flores seguem vagens, de um palmo de comprimento ou mais e três dedos de largura, mais ou menos, rugosas externamente e guarneçadas como que de cerdas pungentes e ruivas, as quais não só se enterram e picam, mas também causam pústulas que queimam e mal saram em oito dias provocando grande prurido. As vagens maduras ficam pretas por

fora e abrem crepitando; a superfície interna, porém, é como madre-pérola, branca, lúzia e quase polida, encerrando quase sempre três feijões orbiculares, comprimidos de côr lívida, com mácula preta, semilunar em um dos lados e maiores que uma mainça do fuso. Costuma florescer em junho e julho.

O cacho de vagens combina com Anagyris de CLUSIUS\*.

LAET na Anotação que segue, contesta a identidade desta planta com a Anagyris de CLUSIUS. Todavia CLUSIUS conhecia-a, visto ter recebido em Lisbôa vagens com o nome de “Macuna”, como informa LAET (43).

Na 2ª ed. PISO copia o texto de MARCGRAVE.

NOTA: LINEU (74) chama a planta marcgraviana de Dolichos urens.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 239.

Myroxylon balsamum (L.) Harms. Notizbl. 5:94.1908.\*

N.v.: Cabureiba (P.1 e P.2), Cabuberiba (P.1:39).

N.v.m.: “Cabraiba”, “Cabreuva”.

Lit.: P.1:57 (De Cabureiba). L.4, Cap.5, Fig.137, primeira.

P.2:119 (Cabureiba sive Balsamum Peruvianum). L.4, Cap.5, Fig.119.

PISO fala de duas espécies, dizendo que ambas são odoríferas, altas e copadas, tendo uma delas madeira e casca de côr rubescente e cheiro semelhante as do “Cedro brasileiro” o qual é chamado pelos indígenas “Acajacatinga” (= Cedrela odorata sp.).

A outra (i.e, a espécie supra) descreve da maneira seguinte: “A outra espécie da qual nos ocupamos no presente tratado tem fôlha pequena, como a do Mirto, com casca cinzenta, da grossura de um dedo, coberta do lado de fóra, uma tênue membrana de um vermelho vivo, debaixo da qual se junta um líquido amarelo de que toda a casca está repleta e quanto mais antigo, cheiro mais intenso tem que o recente tomando consistência grossa e côr purpúrea. (Na 2ª ed. acrescenta: A casca pisada e reduzida á massa se deixa utilizar para fazer pílulas de suave perfume e muitas outras cousas. A madeira tem emprego notável nas casas). (Isso parece ser de G. SOARES (79) e ANCHIETA (5). Quando a árvore começa revestir-se de folhagem nova, mais ou menos nos meses de fevereiro e março, na lua cheia, colhe-se êste bálsamo fragrantíssimo e utilíssimo, chamado Cabureica, ferindo a casca e apanhando-o em recipientes suspensos.

Enche não só as casas, como as matas dêsse perfume agradável, muito semelhante ao do Bálsamo do Perú. É uma substância compacta e sólida, porém, aquecida, se torna macia e fluída. Perto do Rio de Janeiro e nos Distritos de S. Vicente e Espirito Santo, é mais freqüente do que no de Pernambuco, embora não seja importada aqui em grande quantidade. “(Isto parece ser de LAET (43) e HAKLUYT (34) Em seguida PISO trata da aplicação medicinal do bálsamo.

IND. TERAP.: Êle escreve: “Goza das mesmas qualidades do de “Copaiba”, tanto nas moléstias internas como nas externas. É quente e sêco em 2º grau, é dissolvente, péptico e tônico. Algumas gotas tomadas em jejum são úteis na asma, corrige também a indigestão e certas doenças crônicas intestinais; outrossim, aplicado a quente no peito e nos hipocôndrios tira as opilações e os resfriamentos. Lavando ou friccionando com êle a cabeça e o pescoço mediante um pano vermelho, fortalece o cérebro e preserva da paralisia e das cáimbras, e, mesmo, segundo experiências nossas, restaura o sistema nervoso exgotado. (P.1:36). (Na 2ª ed. acrescenta: Nas dores nervosas combate a acrimonia do sangue corrompido, do qual se originam tantas doenças e convulsões). Por PISO foi usado também na “espinela” (P.1:23), na diarréa (P.1:28) e contra as picadas de maruim (P.1:39).

Além disto, os portugueses e Brasilienses afirmam ter singular virtude no tratamento das feridas e mordeduras dos animais venenosos, pois até os animais levados pelo instinto esfregam a ferida na casca e encontram nela um pronto remédio. (Isto é de LAET (43).) Experimentei isto no acampamento e no nosso hospital e, especialmente, durante a viagem pelo sertão nos soldados feridos pelos bichos e pelos índios. Ainda mais, restitue a saúde aos feridos e luxados aplicando êste valioso bálsamo puro, logo depois de te-lo extraído das cascas. (P.1:36).

PISO chama ainda a atenção para a estampa de MARCGRAVE (aliás colocada em lugar errado á pág. 137, fig. primeira), a qual porém ilustra a “Cabui-iba” ou “Pau-amarelo”, estampa esta que na 2ª ed. acompanha o texto da Cabureiba”.

---

\* Esta espécie que vai da América Central até a Bahia tem fruto (e semente) liso, ao passo que a espécie do Sul do Brasil possui fruto (e semente) sulcado é M. peruiferum, segundo os estudos de HARMS.

NOTA: encontrámos esta árvore nas matas de Pernambuco. A casca arrancada exala um perfume delicioso, como o Bálsamo do Perú, o que levou a PISO epigrafar o capítulo respectivo da 2ª ed. "Cabureiba ou Bálsamo do Péru". Ela é certamente a árvore mencionada por PISO que se encontra desde o Ceará até a Bahia.

Material ex.: Ceará– ALEMÃO e CYSNEIROS, 445 (do Museu Nacional), Pernambuco, Tapera, Moraes Vasconcelos (Pickel) 5937.

Pachyrhizus bulbosus(L.) Kurz, Journ. Asiat. Soc. Beng. 12(2):246.1876.

N.v.: letiopé (P.2).

N.v.m.: "Jacatupé".

Lit.: P.2:254 (Quae letiopé vocatur, in text.). L.4, Cap.64.

Na 2ª ed. ao descrever as "Ieticas" ou "Batatas (doce)", fala de uma variedade branca, da qual dá a informação seguinte: "A que chamam "letiopé" também tem raiz branca de ótimo sabor que se come depois de tê-la macerado um pouco, especialmente os doentes de febre".

NOTA: Na 1ª ed. PISO nada escreve sobre esta planta, nem MARCGRAVE a menciona, visto não crescer no Nordeste brasileiro. Mas ao preparar a 2ª ed. descobriu entre as vegetais descritos por ANCHIETA uma batata com nome semelhante, a "Jeticopé", a qual classifica entre as "Ieticas", porém estrofia o nome de "Jeticopé" para "letiopé". Não há dúvida, entretanto, que se trata da planta de ANCHIETA (5) que a caracteriza como segue: "Há outras raízes, denominadas "Jeticopé", semelhante aos rabanetes, muito saborosas, eficazes para acalmar a tosse e curar o eito: a sua semente que é parecida com a das favas é um veneno violentíssimo".

O "Jacatupé" é cultivado ainda hoje em Minas, por causa do seu tubérculo comestível, mas PISO não chegou a conhece-lo a não ser da literatura.

Periandra mediterranea (Vell.) Taub., Nat. Pflzf. 3(3):359.1894.

N.V.: Ibraeém (P.2), Alcaçú (P.2), Liqueritia nativa (P.1:22)

N.v.m.: "Alcaçuz", "Alcaçuz da terra".

Lit.: P.2:245 (Familiarissima illa radix). L.4, Cap.59, Fig.245, primeira.

PISO escreve: "A bem conhecida raiz que os Brasilienses chamam "Ibraeém" (o que significa doçura) e os portugueses "Alcaçú", é tida como sendo mais ou menos a mesma que dos Latinos recebeu o nome de "Liquiritia". A planta tem o porte de um arbusto maior, com caule lenhoso e folhas piriformes. Cresce nas regiões mais áridas, nas matas de Pernambuco. É sucedâneo da Glycirhiza, com as mesmas propriedades; porém, não é tão doce quando se mastiga a raiz, sendo, entretanto, de gosto agradável e usada nos mesmos casos, que a nossa "Liquiritia".

IND. TERAP.: A raiz é boa para o peito e diurética, e PISO recomenda-a como desobstruente (P.1:24).

NOTA: A estampa de PISO é pura fantasia, pois, na realidade as folhas são trifolioladas, como no "Guandú" com que se parece, e não penadas. Isso mostra que não conhecia a planta de visu. PISO descreve ainda outra "Ibraeem", que porém distingue bem como sendo uma árvore com casca doce. Trata-se neste caso de "Buranhem". (P.2:146).

Encontra-se a raiz nas tendas dos hervanários nas feiras do Interior de Pernambuco, provenientes do Sertão. Não existe esta planta no litoral e nas matas húmidas, sendo encontrada desde a Bahia até o Ceará! (31).

Phaseolus lunatus L., Sp. P1. 724, 1753.

N.v.: Guandú (P.2).

N.v.m.: "Fava Belém".

Lit.: P.2:252 (His annumeratur Ciceres). L.4, Cap.62, Fig.252.

Sobre esta fava, ainda hoje muito cultivada, PISO escreve: "A êstes feijões pode-se acrescentar as ervilhas, ás quais os Brasilienses deram o nome de "Guandú" e os Belgas o de "Witte Krombekjes", devido á forma das vagens<sup>(\*)</sup> que são proveitosas não menos aos doentes que aos sadios. Êste elegante Phaseolus é escandente á maneira dos feijões turcos, tem as mesmas folhas e

<sup>(\*)</sup> Vede: Apêndice. Etimologia dos nomes tupis.



flores, porém, muito menores. É sempre verde e engalanada continuamente de vagens pequenas copuladas, e assim pela sua natureza ornamental e pela utilidade a planta se tornou cultivada”.

NOTA: É sem dúvida a “fava Belém”, distinta pelas flores brancas, bastante pequenas e pelas vagens largas na base e estreitas para o apice, e pela sua forma (36). Os moradores cultivam muito esta fava que produz muito.

Parece que houve troca da parte de PISO entre o “Feijão Guandú” e a “fava Belém”, pois, as sementes da fava não tem forma de ervilhas.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1454.

Phaseolus vulgaris L., Sp.P1.723.1753.

N.v.: Cumanda-miri (P.2), Guarumbeé (P.2).

**N.v.m.: “Feijão”.**

Lit.: P.2:251 (Illas autem quae simpliciter nomem Cumanda induunt etc.). L.4, Cap.62.

P.2:252 (Quae Guarumbeé dictae). L.4, Cap.62.

Sôbre os “feijoeiros” em geral PISO tem o seguinte: “Seria trabalho exclusivo e, mesmo, o papel me faltaria antes de exgotar a matéria, se quisesse descrever essa casta luxuriante de favas e vagens. Por isso, citarei neste capítulo sómente as mais conhecidas dos indígenas e as mais alimentícias”. “Em seguida descreve o “Comanda-guaçú”, o “Comanda-guirá”, o “Cumandatia” eo “Guandú”. Refere-se ao nosso feijão em dois trechos, como segue: “Aquêles que tomam simplesmente o nome de “Cumandá” são mui semelhantes ás favas turcas, no sabor e no tamanho, entretanto não diferem na forma e, sim, apenas na côr, pois, uns são inteiramente brancos, outros branco-amarelados, outros vermelho-escuros e reniformes; sendo a testa de todos êles muito brilhante e pintalgada de máculas elegantes”.

“Os “Cumandá-miri”, quer dizer “Favas pequenas”, são ervilhas, semelhantes no tamanho as européias, porém, oblongas, não redondas, também brancas e cinzento-escuras”.

O Capítulo finda com três trecho: “Os que se chamam “Guarumbee”, são um tanto maiores que os feijões turcos, de côr negra e ótimo sabor, porém menos freqüentes que os outros”.

Nestes trechos temos reunidas todas as variedades de “feijoeiros” cultivadas nos tempos da invasão holandesa, a saber: o “feijão branco”, o “mulatinho”, o “preto” (P.derasus) e os rajados que hoje se conhecem por “feijão gurgutuba”. O nome vulgar tupi para os feijões é “Cumandá”, ou “Cumandá-miri”, por isso, o nome “Guarumbeé” deve ser proveniente de um mal-entendido, como mostra a etimologia desta palavra.

Sophora tomentosa L., Sp.P1.373.1753.

N.v.m.: “Comandaiba”.

Lit.: M:82 (Frutex). L.2, Cap.15, Fig.82.

MARCGRAVE escreve: “Êste frútice tem lenho de “salgueiro”, com medula branca e fôlhas parecidas com as de “Mirto”, porém, muito maiores, verdes em cima e verde-esbranquiçadas em baixo, com nervura longitudinal saliente no dorso, mal visível em cima, em veias á mostra. A casca do pau é cinzenta. Tem flores. Depois das flores aparecem vagens, de uns quatro dedos de comprimento, redondas e como que compostas de globúlos, encerrando sementes do tamanho quase de ervilhas, amarelo-escuras, acuminadas um pouco num dos lados e providas de uma espécie de rímula lateral”.

NOTA: LAET mandou fazer uma estampa segundo o exemplar existente no herbário de MARCGRAVE, o qual não tinha flores nem frutos, pelo que ela não contribue para determinar a planta. Sem dúvida pórem se trata de “Comandaiba” que cresce em profusão nas praias nordestinas. A vagem, com seus bojos regulares parecem-se de longe com uma dezena de rosário pendurada do arbusto.

Material ex.: Pernambuco – Recife – Pickel, 1956; Rio Formoso – Pickel, 2986.

Stylosanthes guianensis (Aubl.) SW., Swed.Vet. Handl.10:296.1789.

N.v.m.: “Trifólio”, “Alfafa do Nordeste”.

Lit.: M:3 (Ononis non spinosa). L.1, Cap.2.

P.2: 234 (Ononidis species). L.4, Cap.54.

MARCGRAVE descreve esta planta dando-lhe o nome de Ononis non spinosa, caracterizando-a como segue: “De uma raiz única nascem muitos caules roliços, flexíveis, pilosos, compridos, em parte decumbentes e em parte eretos, ao tato viscosos ou glutinosos. Dêstes saem ramúsculos alternos que se abraçam na base, e a êstes, por sua vez, abraçam na base, e a êstes, por sua vez, abraçam pecíolos curtos, que levam três folíolos ou às vêzes um só. Os folíolos são oblongos, estreitos e providos, em baixo, de uma nervura longitudinal e veias oblíquas e são levemente pilosos. Produz flores pequenas que saem de uma cavidade e são amarelas á maneira de Ononis”.

PISO transcreve na 2ª ed. o texto de MARCGRAVE dizendo, em seguida, que esta erva trivial tem os mesmos usos medicinais que a Ononis, i.e., a raiz é calefaciente, encerra partes tênues e cura as viscosidades da bexiga.

NOTA: AUBLET (10) a chama Trifolium guianense e MARTIUS (95) S. guianensis às vêzes formando touceiras enormes e verdadeiras alfombras, de maneiras que compensa fazer a colheita, afim de dá-la ao gado. O gado devora-a com avidez, tanto em estado verde, como fenada.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 739, 992.

Voandzeia subterranea (L.) Thouars, Nov. Madagascar.23.1806.

N.v.: Mandubi d'Angola (M), Mandobi (P.2).

N.v.m.: “Amendoim da Costa”, “Mendobim da Costa”.

Lit.: M:43 (Mandubi d'Angola). L.1, Cap.20.

P.1: 93 (Inter Amenduinas radices, in text.). L.4, Cap.53.

P.2: 256 (Posterior fructus subterraneus). L.4, Cap.64.

MARCGRAVE escreve: “O “Mandubi d'Angola”, chamado no Congo “Quubaci congo”, tem um caulículo tênue, sarmentoso que serpeia longe em cima da terra, como a “letica” e, emitindo novas fibras radiculares perto do solo, produz, em disposição alterna em intervalos de um, dois ou três dedos, pecíolos estriados, de três ou quatro dedos de altura, os quais sustentam três fôlhas dispostas como em Phaseolus, de côr verde-clara, com dois dedos ou mais de comprimento, de forma elítica e com nervura longitudinal e veias em direção oblíqua. No mesmo caule despontam também as flores, de uma bela côr amarela, presas aos seus pedúnculos. O caule, como disse, produz muitas fibras, nas quais se originam debaixo da terra uns folículos reticulados, do tamanho de avelã ou maior, cuja casca é da grossura de carneira, de côr da terra ou escura, por fora, e branco-luzidia por dentro. Cada folículo mostra uma sutura longitudinal em todo o redor e, apertado, fende-se neste sentido, encerrando dois grãos ou um só se fôr menor, presos como as sementes da ervilha, da forma e do tamanho de ervilhas, amarelo-pálidos, da mesma consistência das ervilhas frescas e do mesmo sabor como as sêcas. Comem-se. Plantam-se da maneira seguinte: Tirando os grãos do folículo esfiam-se na terra, á profundidade de um dedo, em intervalo bastante grande, e regam-se freqüentemente (porque necessitam de humidade). Apontam então caulículos curtos que depois se desenvolvem e produzem numerosos frutos.

Concorda com o “Openauck” é Apios tuberosa Moench, da América.

PISO tem apenas um trecho pequeno na 1ª ed. sôbre “frutos subterrâneos” que chama “Amenduinas”. Êle distingue até várias espécies, dizendo: “Entre as raizes Amenduinas, as oblongas são as melhores, as quais encerram dois caroços de côr cinzenta de ótimo nutrimento e agradável paladar, porém fistulentos e afrodisíacos, de sorte que podem ser chamados com razão “pistaceas subterrâneas”. São importados da África”.

PISO na 2ª ed. aproveita o texto de MARCGRAVE, porém corrige o nome para “mandobi”.

NOTA: Não nos conta ser esta planta cultivada no Brasil, entretanto, nos tempos coloniais parece ter sido comum, ao menos em Pernambuco, talvez entre os negros da África, pois, os holandêses mantinham ativo tráfico de escravos.

LINEU (74) pensa efetivamente ser esta planta a Glycine subterrânea. ARRUDA CAMARA (2) fala de existência desta planta em Pernambuco, e chama-a “Mendobim” ou “Amendoim da Costa”.

## Família RUTACEAE

Citrus aurantifolia (Christm.) Swingle, Journ. Wash. Ac. Sci. 3:465.1913.\*

N.v.m.: "Limoeiro galego".

Lit.: P.2:313 (Limonia malus americana). L.5, Cap.20, Fig.314.

Antes de descrever o "limoeiro galego" PISO faz muitas considerações sobre os limões em geral e sobre as cidras, que deixamos de lado. Em seguida traz o seguinte: "Não me parece ter os escritores feito mal em atribuir a mesma pátria e a mesma natureza ao limão e á cidra, porque diferem pouco em suas principais virtudes (exceto aqueles limões doces menos empregados em medicina), a não ser que o nosso pequeno limão agreste quanto ao aspecto e aos atrativos do cheiro e do sabor seja inferior àquelas frutas maiores, porém, vence-as facilmente por suas qualidades medicinais.

É uma árvore do porte e do viço da "ameixeira", com caule cinzento-escuro, ramos espinhosos e folhas das de louro, porém, menores e mais claras, isoladas, alternas, e com apêndices junto ao pecíolo, formando densa copa com ramos á maneira da "laranjeira" e, continuamente com flores, de uma estranha côr branca e com cheiro lembrando um pouco o "Muguet" e chamando a atenção por causa do dom permanente de sua fertilidade, não havendo nenhum mês em que o limão aparece primeiro, picante por causa dos espinhos da árvore e ferindo o paleta por causa do seu sabor acidíssimo, chamado por isso com razão "Excitador do apetite". Mesmo ainda verde e antes de ser maduro, e depois de sazonado, é usado á mesa e na medicina; é do tamanho de uma noz de "nogueira", porém de forma mais esférica terminando em papila pequena e coberto de uma casca delgada, verde e lisa, sem polpa, encerrando só uma medula ácida, subverde, turgesciente e repartida em partes iguais por dez a doze membranas intermediárias e contendo algumas sementes. A raiz da árvore é tênue, amarelo-fusca, quente, sêca, amarga e acre..."

(Pela descrição e pela estampa vê-se claramente tratar-se do nosso limão galego).

Sobre a aplicação PISO participa o seguinte (em resumo).

USOS: Desde os tempos antigos o suco de limão é usado em limonadas contra a sêde; nos navios preservavam a água da putrefação instilando suco de limão. Os limões guardaram-se durante as longas viagens marítimas em salmoura ou em açúcar ou expremendo-os, conservando o suco em potes.

Conhecido é também que se dissolve conchas e pérolas. PISO menciona também ter observado que o suco impede a formação do açúcar no cozimento do caldo da "cana de açúcar". Fala também de xarope e doce de limão constituir um aperiente e diurético e um antídoto contra os venenos quentes. É um pronto remédio para os que vomitam bile e que sofrem do escorbuto, (P.1:24) e cura as impigens (P.1:57), as erupções e outras afecções da pele. PISO empregou-se com resultado em limonada quente nos paroxismos das febres intermitentes.

As sementes, ao contrário, são antídoto dos venenos frios. Usam-se descascadas e contusas ou também, o óleo destilado das sementes contra os vermes intestinais, contra a peste em lugar da Triaga e contra as peçonhas e as doenças infecciosas. São usadas junto com xarope de laranja e "gravatá" (P.1:27).

As folhas novas e os brotos verdes fornecem um suco utilizado na cura das úlceras antigas e das feridas causadas por flechas envenenadas. Outrossim, também o extrato das flores e as raízes são usadas em medicina, as últimas contra as obstruções das visceras, do fígado e dos rins e na hidropisia (P.1:26).

"Ouso afirmar sem jactância que em nenhum simples observei na clínica tão grandes resultados do que com o uso desses citros e limões". (P.1:314).

NOTA: Como vimos, conhecia também a cidra e o limão doce e tanto PISO, como MARCGRAVE mencionam várias vezes o limão da Sicília (chamado por OVIEDO "Limoeira"), e as laranjas ou pomos áureos (Medicus malus), Aurantia (Arantia P.1:29) que foram cultivadas no Brasil e, como PISO assevera, até se encontraram abandonadas na mata, dizendo que "aqui na América são mesmo agora menos cultivadas, porém, apesar disso são, por causa do calor contínuo do sol e da natureza do solo, iguais ás cultivadas na Europa sinão superiores, de tal maneira que crescem exuberante e espontaneamente nas matas disseminadas com o esterco das aves e não tem nenhum preço devido á enorme abundância. As árvores da Média são verdadeiramente medicinais (P.2:314).

---

\* O limão galego é uma var. hortícola, desta espécie

Monnieiria trifolia L. Syst. 10a Ed.1153.1759.  
N.v.: Jaborandi (M).  
N.v.m.: "Alfavaca de cobra".  
Lit.: M:36 (Jaborandi). L.1, Cap.17, Fig.36, terceira.  
P.2:215 (Prima). L.4, Cap.47, Fig.215, primeira.  
P.2:312 (In tractatu). L.5, Cap.19, Fig.312, primeira.

MARCGRAVE afirma haver muitas espécies de "Jaborandi", porém, descreve neste lugar apenas a espécie supra, como segue: "A primeira eleva-se á altura de dois pés, tem caule lenhoso, roliço e nodoso a certos intervalos, tortuoso e desigua, de côr cinzenta, saindo um, dois ou também três de uma mesma raiz e expandindo-se em ramos. A raiz não é grossa, mas divide-se em muitas radículas e fibras radiculares; por fora á branco-amarelada e, pos dentro, esbranquiçada, com cheiro acre e sabor picante como Pyretrum. Dos diversos ramúsculos origina-se partindo dos entrenós, um pecíolo do comprimento de um dedo que tem três fôlhas presas em forma de cruz, moles ao tacto, como as fôlhas de Tilia, um pouco pilosas, com nervura saliente e veias oblíquas, um a cinco dedos de comprimento e outro tanto de largura no lugar mais largo, de tamanho desigual, verde pálidas e um pouco esbranquiçadas em baixo. Na extremidade dos ramúsculos agrupam-se densamente um contra o outro muitos folíolos pequenos, (i.e., as brácteas) da forma de ponta de lança, formando dois ramúsculos divergentes como dois chifres nos quais se encontram as florinhas alvas constantes de quatro pétalas. Segue-lhes a semente, coberta por duas páleas, como no "Cânhamo", fusca, comprimida, pequenina, cordiforme, parecendo uma parte cortada em um dos lados. A raiz tem efeitos antivenenosos e dela utilizou-se POUIS que comêra fungos venenosos".

PISO descreve na 2ª ed. as diversas plantas de "Jaborandi" e cita como primeira presente, copiando o texto de MARCGRAVE *ipsis verbis*. Em seguida acrescenta o uso medicinal da mesma.

IND. TERAP.: A raiz é eficaz como contraveneno, agindo particularmente contra os venenos frios. Aplica-se da maneira seguinte: Um punhado da raiz fresca, contusa e propinada em líquido conveniente, elimina pelo suor e pela urina o princípio tóxico de quase todas as peçonhas. PISO conta em seguida um caso clínico já citado por MARCGRAVE ao qual diz ter assistido na presença do Conde de NASSAU, de um envenenamento por fungos do capitão POIUS que foi salvo pelos indígenas. Num outro lugar da 2ª ed. PISO trata novamente desta planta recomendando-a como antídoto contra os venenos frios, como sejam os cogumelos, a manipuera e a farinha venenosa da "mandioca".

NOTA: ENGLER (31) reporta-se a esta planta dos nossos autores e MARTIUS (68) à de PISO.

Cresce profusamente no Nordeste, especialmente nos altos, no subosque.  
Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 531,778.

-----

### Família BURSERACEAE

Protium aromaticum Engl., Fl. Bras. 12 (2):273.1874.  
N.v.: Icariba (M, P.1 e P.2), Curupicaiba (M), Icicaiba (P.1:22).  
N.v.m.: "Almecegueira", "Almécega".  
Lit.: M:98 (Icariba Brasiliensibus). L.3, Cap.4, Fig.98, segunda.  
M:132 (Curupicaiba Brasiliensibus). L.3, Cap.17.  
P.1:59 (De Icariba et illius resina Icica). L.4, Cap.7, Fig.59.  
P.2:122 (Icariba et illius gummi Icica, sive Elemni). L.4, Cap.8, Fig.122.

MARCGRAVE descreve duas plantas que julgo serem idênticas apesar de terem nomes diversos.

A "Icariba" é descrita minuciosamente, ao passo que a "Curupicaiba" é tratada sumariamente, porém, os caracteres concordam bem. LAET põe em dúvida o nome "Curupicaiba". Na Venezuela chamam as nossas "Almécegas" de "Curucaí" (31), por isso pensamos não haver dificuldades em homologar as ditas plantas. O texto de PISO é igual ao de MARCGRAVE quase *ipsis literis* que dou em seguida:

“A “Icicariba” dos Brasienses cuja resina se chama Icica, é uma árvore alta, com tronco não muito grosso, casca glabra e grisalha. Cresce quase à maneira da “faia”. Em ramúsculos seis, opostas duas a duas e na extremidade duas, entretanto (também) dois ou três pares opostos no mesmo ramúsculo e uma fôlha na extremidade; são semelhantes às fôlhas da “pereira”, com três dedos de comprimento, acuminadas no lado anterior, grossas como pergaminho verde-claras, luzidias e com nervura longitudinal e veias em direção oblíqua. Nos ramos que dão origem aos ramúsculos nascem muitos flósculos, agrupados em cachos ou verticilos, mui pequenos, constantes de quatro pétalas verdes em forma de estrela; essas pétalas verdes são marginadas por uma linha branca e, no meio da flor, há alguns estaminulos amarelados. Depois das flores segue o fruto, de tamanho e forma da azeitona e côr de romã, encerrando uma polpa, cheirosa como a resina da árvore. Pois, a casca ferida distila durante a noite uma resina mui aromática, de cheiro semelhante ao do Aniz recentemente pilado, que se pode colher no dia imediato e os portugueses chamam “Almécega” (i.e., Mastique). Esfregando um pouco a casca externa, (mesmo) não incisa, começa logo rescender ativamente. A resina tem consistência do maná, côr verde-amarelada e pode ser manipulada fâcilmente; é ótima para fazer sarar as feridas da cabeça e usa-se em todos os casos como a Goma Elemi”. (PISO chama-a de Gummi Elemmi)(P.1:22).

Os frutos da “Curupicaiba” MARCGRAVE compara às pistácias e o cheiro da madeira e dos frutos á “Icica”.

PISO dá as notas farmacognósticas seguintes da droga: A resina é semelhante á Goma Elemi (P.1:36), porém, de cheiro e qualidade superior á nossa, das boticas, por ser mais recente. É quente no 3º grau, mole a princípio e endurecida depois, especialmente no estado frio.

IND. TERAP.: Segundo PISO a resina usa-se como tópico, seja pura, seja como ingrediente para curar as feridas e as doenças internas oriundas do frio e diz êle – aplicou-a com mui feliz resultado e passaria por charlatão aquêl que não a conhecesse e empregasse. PISO usou-a também para curar a dôr de cabeça e acalmar os nervos (P.1:36) e para eliminar o catarro (P.1:22). LAET (18) atribue êste remédio á “Curupicai” (pág.495).

PISO utilizou a resina ainda como emplastro sôbre o estômago e em forma de pomada cerosa sôbre o ventre (P.1:28) por ter verificado que fortifica os intestinos, corrige a flatulência e mitiga as dores dá ventre (P.1:23 e 24). E, finalmente, confirma o que MARCGRAVE disserá acerca do uso da resina.

Numa anotação LAET compara a “Icicariba” a uma planta semelhante da Nova Espanha (Bursera gummifera) descrita por XIMENES, admitindo seja talvez a mesma espécie.

NOTA: Segundo LAET (43) esta árvore se chama “Curupicaiba” e, como vimos, “Curucaí” na Venezuela (31). Pode-se, portanto, duvidar se a descrição (M:132) é realmente de MARCGRAVE. MARTIUS (49) admite duvidosamente a identidade da “almécega” com Bursera gummifera. LINEU (74) dá á planta marcgraviana o nome de Amyris elemifera e AUBLET (43) denomina-se Icica heptaphylla. ENGLER (31) pensa ser a planta marcgraviana e pisoniana Protium icicariba (D.C.) March.

Segundo alguns autores P. aromaticum seria sinônimo de P. heptaphyllum (Aubl.) March.

Em Pernambuco, a “almécega” cresce tanto no litoral como no Interior, onde a resina á muito procurada. Nas matas encontrâmos sempre o tronco muito esburacado pelas abelhas-cachorro que ali buscam a resina para a construção dos seus ninhos. É portanto justificado á luz da etimologia, o nome “Curupicai”.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel. 2269.

-----  
**Família MELIACEAE**

Cedrela fissilis Vell., Fl. Flum.72,1825.

N.v.: Acaia-catinga (P.1:P.2), Canela (P.1:P.2), Anhuipitanga (P.1:P.2), Antuniba (P.1:5), Cedro branco (P.1:5), Cedro brasiliense (P.1:28).

N.v.m.: “Cedro”.

Lit.: P.1:98 (In vastissimis, in text.). L.4, Cap.61.

P.2:145 (In vastissimis, in text.). L.4, Cap.18.

O “Cedro brasiliense” é citado várias vezes por PISO com nomes diversos.

A julgar porém da lista de nomes vulgares atribuídos à espécie supra, deve tratar-se de uma e mesma espécie. Ele compara-se com as “anhuibas” ou “canelas” por causa da semelhança do cheiro da madeira e, devido à cor da madeira, ora a chama “anhuipitanga” (ou “cedro vermelho”), ora “Cedro branco”, porque a madeira pode ser também brancacenta ou amarelada. O nome verdadeiro, registrado também por PISO, parece ser, entretanto, “Acaia catinga” (P.1:57) ou seja “Cajazeira cheirosa”, pois assemelha-se muito a esta árvore, exceto no cheiro.

PISO, infelizmente, não descreve a árvore; referindo-se apenas de passagem às folhas e ao fruto. Eis o trecho referente às folhas: “Algumas delas (dessas árvores) têm madeira esbranquiçada ou amarelada, sendo por isso chamadas “Cedro branco” pelos portugueses ou “Canela” devido ao cheiro, porém, os Brasileiros as denominam “Anhuipitanga”. Possuem folhas (i.e. folíolos) pequenas, estreitas e tenras”. (P.2:145). Alhures (P.1:28) recomenda como astringente para combater os fluxos do ventre, a castanha da celeberrima árvore “Cedro Brasileiro”. Não fala do uso da madeira.

NOTA: Na Guiana chamam “Bois de cédre” a Aniba guianensis. Aubl. que ali forma matas (10).

Guarea guara (Jacq.) P. Wills., N. Amer.FI.25:272.1924.\*

N.v.: litó (M, P.2).

N.v.m.: (Carrapeta verdadeira), “Gitó”, “Guaré”, “Jatuauba branca”.

Lit.: M:120 (lito Brasiliensibus). L.3, Cap.13, Fig.120, segunda.

P.2:170 (Datur et alia species litó). L.4, Cap.27, Fig.170, primeira.

Seguimos a MARCGRAVE que deu boa descrição a saber: “O litó” dos Brasileiros é uma árvore com casca fusca que tem espalhadas pela superfície muitas manchinhas puntiformes amarelas. As folhas (i.e., os folíolos) são opostas aos pares e têm seis, sete, oito ou também nove dedos de comprimento e um pouco mais que dois dedos de largura no lugar mais largo, não serradas, com nervura longitudinal conspícua e saliente e veias, ora opostas, ora alternantes. Tem flores (que não descreve). Depois das flores vêm os frutos, da forma de um figo pequeno e do tamanho de uma bolinha de brincar, maior ou menor, de cor amarelo-escuro, que encerra três sementes ovais do tamanho de um pevide de maçã, envolvida por uma película amarelo-escuro, porém, com caroço esbranquiçado”.

PISO, na 2ª ed. segue a descrição de MARCGRAVE.

NOTA: LINEU (74) determinou a planta de PISO e MARCGRAVE como Guarea trichilioides. A árvore se encontra raramente no Nordeste.

A estampa que se encontra junto do texto de MARCGRAVE é péssima mas reconhecível.

Material ex.: Paraíba – Areia – J.Moraes Vasconelos, 13.

Trichilia cathartica Mart., Reise 1:546.1823.

N.v.: Jito (P.1), Urapé guaçu (P.1).

Lit.: M:120 (Annotatio). L.3, Cap.13.

P.1:80 (De Jitó, aliás Urape guaçu arbore). L.4, Cap.23, Fig.80, primeira.

P.2:169 (Haec arbor). L.4, Cap.27, Fig.169, segunda.

PISO escreve um capítulo próprio sobre o “Jito” onde diz o seguinte: “Esta árvore tem o porte de uma “pereira” europeia sendo encontrada por toda parte na Prefeitura de Pernambuco; a qual é conhecida de muitos devido ao aspeto estranho dos frutos, porém poucos conhecem bem o seu valor e as qualidades da raiz. Vendo de longe o que parecem ser cachos de uva pela sua forma, pela cor e pelo aspeto em conjunto, são certamente os frutos desta árvore, cujas uvas, no entanto, são tidas como imprestáveis por serem lenhosas, por dentro. Aparecem o ano todo, são amareladas e, logo depois (ao abrir) de cor vermelho-viva carregada e nada proeminentem, nem as folhas nem a madeira, porém, tudo o que é útil ao nosso ofício reside na casca da raiz”.

Na 2ª ed. PISO descreve a planta à mão da estampa.

PISO dá o emprego medicinal seguinte:

IND. TERAP.: A casca da raiz possui virtudes drásticas, é de sabor acre, quente e usada em pó pelos indígenas e pelos portugueses mais resistentes contra as obstruções inveteradas, na

---

\* Sinônimo: G. trichilioides L.

quantidade de meio punhado. Sendo uma droga perigosa PISO previne do seu abuso, advertindo que não se deve ultrapassar a dose supra, por ser um purgante violento.

NOTA: Segundo MARTIUS (68) a planta pisoniana é a espécie supra.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1260.

-----

### Família MALPIGHIACEAE

Byrsonima cydoniifolia A. Juss. ex St. Hil., Fl. Bras.Merid.3:77.1832.

N.v.: Mureci (M), Mureci-guaçu (P.1 e P.2), Mureci petinga (P.1 e P.2).

N.v.m.: "Murici".

Lit.: M:118 (Mureci Brasiliensibus). L.3, Cap.10, Fig.118.

P.1:79 (De Mureci ejusque qualitatibus). L.4, Cap.32, Fig.171.

P.2:171 (Arenosa et sitientia loca). L.4, Cap.27, Fig.171.

PISO começa assim o Capítulo sobre o "Mureci": "Os sítios arenosos e secos da Prefeitura de Pernambuco produzem árvores de porte mediano, das quais, sob o nome de "Mureci", existem ao menos quatro espécies diversas. Destas há duas que são notáveis pelas flores de um belo amarelo, pelos frutos redondos e brilhantes dispostos em cachos, coloridos da mesma forma como as flores; diferem pelas folhas e pelo modo de crescer, como consta das estampas". (P.2:79).

Os nomes vulgares mencionados por PISO referem-se à espécie supra, com a respectiva estampa, que segundo PISO (P.2:171) é realmente desta espécie.

MARCGRAVE dá uma boa descrição da espécie supra e a estampa (que é a mesma que a de PISO). Ele escreve: "O "Mureci" dos Brasilienses é uma árvore de casca cinzenta e madeira frágil; traz folhas quase sempre reunidas em frondes, compridas e mais largas na extremidade que na base, porém, não serreadas, com cô e lanugem mui semelhantes às das folhas quase sempre reunidas em frondes, compridas e mais largas na extremidade que na base, porém, não serreadas, com cô e lanugem mui às das folhas de Verbascum. com nervura longitudinal e veias oblíquas opostas; as mais novas, porém são inteiramente hirsutas e rúivas.

Produz flores reunidas em espigas, amarelas, com seus pedicelos, constantes de cinco pétalas envergadas para baixo, quase circulares, amarelas, da forma de um esgaravator com cabo vermelho; no meio da flor existem muitos estâmíulos amarelo-esbranquiçados. Os frutos desta árvore são bagas de tamanho e figura dos da "uva-espim" e comem-se".

PISO diz: "A primeira destas (árvores de "Mureci"), tendo fruto menos silvestre foi procurada por mim com interesse e guardada na botica".

Sobre os usos deste "Mureci" PISO relata o que segue.

USOS: Segundo PISO as cascas são taníferas e com elas os pescadores tingem e preservam da putrefação as suas redes. Os frutos maduros que tem agradável sabor acre servem para refresco, para xarope e doce (P.1:29). Por suas astringência não se comem crus e sim se fazem conservas em lugar de Berberis que se toma para matar a sede e tonificar o estômago.

IND. TERAP.: Os indígenas fazem (segundo PISO) com as cascas uma poção purgativa. A polpa do fruto de "Mureci" entra no Electuário magistral opiado de PISO (P.1:30), usado na disenteria.

Na 2ª ed. PISO amolda o texto de MARCGRAVE condensando-o e saltando vários caraterísticos da planta.

NOTA: A árvore de que fala MARCGRAVE encontra-se no litoral de Pernambuco; é muito notável pelas folhas grandes e brancas de lanugem espessa. Não atinge grande altura, porque medra nos solos altos, secos e duros. Os frutinhas são gostosos e com êles fazem um licor de paladar mui agradável.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 604.

Galphimia gracilis Bartl., Linnaea 13:552.1839.

Lit.: M:79 (Frutcescens haec herba). L.2, Cap.15, Fig.79, terceira.

Sobre esta planta MARCGRAVE escreve: "Esta erva frutescente tem caules arruivados, lenhosos e frágeis, eleva-se à altura de um arbusto pequeno, esgalhando em diversos ramos, nos

quais existem folhas pequenas, opostas, em pecíolos curtos e arruivados, de um dedo ou pouco mais de comprimento, verde-claras em cima e um pouco esbranquiçadas em baixo, com nervura longitudinal subtil, mas conspícua e veias tão finas que mal se percebem. Nas extremidades dos ramos nascem escapos delicados de seis a sete dedos de comprimento amarelos maculados de côr de sangue. A planta e a flor não têm cheiro particular”.

NOTA: LINEU (74) considera a planta marcgraviana como sendo Thryallis brasiliensis L. = (Galphimia brasiliensis (L.) Juss.

Galphimia gracilis que é a planta marcgraviana cresce em Pernambuco no subosque das matas litorâneas, nos mesmos sítios em que medram as plantas desta família descritas atrás.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 277.

-----

## Família EUPHORBIACEAE

Euphorbia brasiliensis Lam., Encycl. 2:423.1786.\*

N.v.: Caacica (M, P.2).

Lit.: M:15 (Caacica Brasiliensibus). L.1, Cap.9.

P.2:246 (Datur et alia species Caacica). L.4, Cap.59.

MARCGRAVE escreve: “A “Caacica” dos Brasilienses é a Pepilis maior com flores brancas. De uma raiz branca, lenhosa, latescente, do comprimento um pouco maior de meio pé, surgem muitos caules roliços, nodosos, verdes, arruivados num dos lados, e providos de muitos ramos, os quais em parte são deitados no chão e, em parte, estão eretos; os nós dos caules e os ramúsculos têm folhas opostas, sempre duas a duas, que têm contôrno finamente serreado, sendo as dos ramúsculos um tanto menores que as dos caules. Na extremidade dos caules e dos ramos nascem muitos flósculos mui pequenos, alvos, constantes de quatro folíolos (i.e, as glândulas apendiculadas) que sustentam uma cápsula triangular, na qual ficam as sementes. Toda a planta tem latex abundante, que pelos portugueses é recomendado contra a inflamação e dôr dos olhos”.

Em seguida, MARCGRAVE manda o leitor consultar a obra de CAROLUS CLUSIUS: Rariorum plantarum historia, lib.6, cap.11. e a de DODONEU: Stirpium historiae Pemptades sex, sive libri triginta, lib.12.cap.18.

PISO alude na 2ª ed., á planta descrita por MARCGRAVE, sem descreve-la.

NOTA: LINEU (12) pensa ser a planta marcgraviana a Euphorbia hypericifolia var. a qual, porém, não cresce no Nordeste.

A erva supra é muito comum em Pernambuco, onde cresce nos campos.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 2482, 4180.

Euphorbia pilulifera L. var. hirta L., /sp. P1.454.1753. (\*)

N.v.: Caacica (M, e P.1), Erva de cobra (M), Caiatiá (P.1 e P.2), Erva dos Cobres (P.2) (sic!).

N.v.m.: “Caacica”, “Erva das cobras”.

Lit.: M:7 (Caacica Brasilianis). L.1, Cap.5, Fig.7, segunda.

P.1:102 (De Caiatia, allis Caacica, ejusque facultatibus). L.4, Cap.66. Fig.120.

P.2:245 (Praestantissima haec herba). L.4, Cap.59, Fig.245, segunda.

Marcgrave descreve bem esta planta, como segue: “A “Caacica” dos Brasilianos ou “erva de cobra” dos portugueses. De uma raiz pequena e filamentosa provém muitos caules, um junto do outro, de meio ou um pé de comprimento, verde-arruivado, um pouco hirsutos e com nós em intervalos de um dedo e, em cada nó, duas folhas finamente serreadas, postas uma em frente da outra, de tamanho e forma semelhante às de Veronica, um tanto hirsutas, verdes em cima e albicantes em baixo. Por entre as folhas nos nós surgem muitos flósculos de côr verde, misturada de um pouco de encarnado, e reunidos em umbela. Toda a planta verte um suco leitoso. Esta erva contusa e aplicada ás feridas é um pronto remédio contra as mordeduras das cobras. Vale também nas outras feridas”.

\* Segundo L.CROIZAT se deve escrever: Charnaesyce brasiliensis (Lam.) Thellung.

(\*) Segundo L. CROIZAT se deve escrever: Cranaesyce pilulifera (L.) Small, var. hirta (L.) Thellung.



PISO tem um capítulo inteiro sobre esta planta, a qual compara com a Esula e folhas com as de Mentha, dizendo que é conhecida de todos. Na 2ª ed. completa a descrição com a frase de MARCGRAVE sobre as flores. Segundo PISO a planta seria decumbente e rastejante.

Sobre o uso medicinal desta planta a qual PISO chama de Panacea, encontramos neste autor o seguinte:

IND. TERAP.: Esta erva notável é chamada pelos portugueses com razão “Erva das cobras”, porque cura as mordeduras das cobras com feliz resultado e nada cede a nenhuma outra erva antidotal. A erva verde mastigada ou pilada e colocada sobre as feridas e mordeduras das cobras, não só acalma as dores, como ainda, elimina o próprio veneno e cura a ferida. Aplicada em estado seco e reduzida a pó, que depois se dissolve em um líquido apropriado, na quantidade de um punhado, fortifica o coração e restabelece as forças debilitadas pela ação da peçonha (P.1:42).

NOTA: Esta erva cresce nos mesmos lugares que a anterior, porém, não é deitada ou, mesmo reptante, como quer PISO. VELOSO (89) refere-se a esta planta chamando-a Euphorbia serrulata Vell.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 291,660,742,1841.

Jatropha curcas L., Sp. Pl. 1006.1753.

N.v.: Mundubiguaçu (M), Munduy-guaçu (P.1 e P.2), Pinhões do Brasil (P.1, P.2) (as sementes), Pinhões (M, P.2).

N.v.m.: “Pinhão de purga”, “Pinhão bravo”, “Pinhão manso”, “Pião”.

Lit.: M:96 (Mundubiguaçu Brasiliensibus). L.3, Cap.3, Fig.96, segunda e 97.

P.1:83 (De Mundubiguaçu et.). L.4, Cap.40, Fig.83.

P.2:179 (Arborum pumilarum vix ulla). L.4, Cap.31, Fig.179.

PISO escreve um capítulo inteiro sobre esta planta, intitulados: Sobre o “Munduy-guaçu”, para os portugueses “Pinhões do Brasil”, e seu uso na Medicina. Começa-o da maneira seguinte: “Nenhuma das árvores brasilienses cresce em tanta abundância ou tem folhagem mais sombria do que a que produz estas nozes catárticas; é cultivada devido à sua fácil propagação e a contínua virescência de suas frondes, com os quais costuma ornar as hortas, como pela utilidade dos frutos. Seus ramúsculos cortados, em qualquer época do ano, enfiados mesmo só de leve em uma terra qualquer, brotam dentro de poucos dias e emitem novas plantas, produzindo frutos durante quase todo o ano”. Em seguida fala do abuso das nozes por parte do povo ignorante e descreve a planta. Esta descrição é, porém, muito vaga motivo porque preferimos dar ade MARCGRAVE por ser melhor. Este escreve o seguinte: “O “Mundubiguaçu” dos Brasilienses, e o “Pinhões” dos portugueses é a Nux catártica mihi. É uma árvore que cresce à altura e forma da “figueira”, com lenho mole e frágil. Tem folhas colocadas sem ordem em torno dos ramos, inseridas cada uma no seu pecíolo de meio pé de comprimento, são verdes, moles ao tato, algo semelhantes às da “figueira”, porém, não cortadas tão profundamente e sim quase redondas e terminando na parte anterior em três ângulos. O lenho e as folhas deixam escorrer um suco aquoso e leitoso. Produz flores em parte apical, curvas para baixo, com estamínulos amarelos no meio, que representam uma estrêla de dez ângulos e tem cheiro adocicado. A elas segue o fruto, de forma cônica ou semelhante a uma noz mediana de “nogueira” e do mesmo tamanho, verde no principio, logo depois amarelo e, quando maduro, fusco ou preto; fende-se espontaneamente em três partes, embora conste de seis; tendo em cada um três amêndoas, do tamanho dos caroços de tâmara, dividido em três lóculos, com pericarpo preto, da grossura da casca da castanha e, na extremidade há máculas brancas.

A amêndoa, por sua vez, tem forma e tamanho de uma amêndoa ácre, é branca á maneira da membrana do ovo, coberta por fora com um tegumento branco, de gosto doce como amêndoa. Três ou quatro sementes ingeridas purgam fortemente e, tanto mais, se não fôr removida a película interna; por isso se deve tira-la sempre. A árvore é transplantada facilmente, pois, um galho cortado e enfiado na terra produz outra árvore; e por isso é usada para fazer sebes vivas ao redor das hortas, porque crescem depressa e frutificam”.

LAET junta ao texto de MARCGRAVE uma anotação, em que apresenta a descrição de XIMENES da mesma planta do México, e acrescenta a estampa do fruto e da semente. Em seguida relata ter recebido frutos inteiros do Brasil que um amigo dalém-mar lhe enviara junto com a descrição. Interpretando mal uma passagem do texto de XIMENES diz LAET que na Nova Espanha os frutos encerram até nove sementes, enquanto no Brasil raro mais de três.

PISO apresenta na 2ª ed. o texto de MARCGRAVE para descrever a planta melhor do que fizera na 1ª ed. e acrescenta uma outra estampa, a qual foi feita á mão do texto e representa mal uma

“figueira” cultivada. A estampa encontrada na 1ª ed. feita por certo por MARCGRAVE, era boa e não havia necessidade para substituí-la.

PISO lembra que MONARDES e CLUSIUS chamam esta planta de Curças e acha que se trata da mesma espécie.

Sobre os usos PISO escreve o que segue:

USOS: Das sementes obtém-se um óleo usado na iluminação, invento este que se deve aos portugueses.

IND. TERAP.: As sementes são quentes no 3º e secas no 2º grau. São doces e apetecidas pelo povo que não conhece a sua violenta ação purgativa. Comendo três ou quatro sementes é o bastante para produzir vômitos e cólicas e “provocam logo os humores crus e purgam por cima e por baixo, com tanta veemência que, às vezes, põem em perigo a vida especialmente a dos enfraquecidos, a ponto de ser necessário recorrer aos antídotos e ao ópio, afim de fazer parar os humores”. Por isso PISO recomenda em vez delas o “Andá” (P.1:28). Muitos pensam ser a semente inócua quando se lhe tira a película que divide as duas metades da semente (i.e., o embrião e os cósilos!), porém, diz PISO, isso não é suficiente, pois, é necessário tostá-las e macerar em vinho, acrescentando os devidos corretórios. Tomando quatro ou cinco sementes preparadas desta forma, é um remédio que atua contra as obstruções crônicas das vísceras.

NOTA: As sementes eram conhecidas antigamente como “Nuces catárticas americanae”, exatamente como MARCGRAVE as designa. (29).

LINEU (74) dá o nome específico supra á planta de PISO e AUBLET (10) á de MARCGRAVE.

Em Pernambuco ainda nos nossos tempos a planta este vegetal para sebes vivas, como já constatará MARCGRAVE, porém, não é tanto para afastar animais e sim os homens ou, antes, o mau olhado.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 897.

Jatropha urens L., Sp.Pl.1007.1753.

N.v.m.: “Cansação de leite”, “Queimadura”, “Urtiga branca”, “U. cansação”.

Lit.: M:79 (Frutex quoque). L.2, Cap.14, Fig.79, segunda.

MARCGRAVE escreve: “Este frútice nasce também aqui, é pungente e urente; tem caule lenhoso, exíguos espinhos brancos e esgalha em muitos ramos. Tem folhas dispostas sem ordem, inseridas em pecíolos de três dedos de comprimento, divididas cada qual em três lacínias, revestidas com pêlos finíssimos e com dentes desiguais no contorno. Tocando queima e pica veementemente. Produz flores semelhantes ás de Lychnis silvestris, descrita por CAR. CLUSIUS, e constantes de cinco pétalas, de côr inteiramente branca”.

NOTA: LINEU (74) determina a planta marcgraviana corretamente.

POHL(5, 56) deu-lhe o nome de Cnidoscylus marcgravii, que é apenas uma variedade pernambucana de Jatropha urens.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 349.

Joannesia princeps Vell., Alograf. 199.1798.

N.v.: andá (M, P.1 e P.2).

N.v.m.: “Andá-assú”, “Andai-açu”.

Lit.: M:110 (Andá Brasiliensibus). L.3, Cap.4, Fig.110.

P.1:72 (De Andá arbore, ejusque facultatibus). L.4, Cap.23.

P.2:148 (Non procul a littore in silvis). L.4, Cap.19, Fig.148 e 149.

MARCGRAVE descreve bem esta árvore, motivo porque damos a descrição dêle. “O “Andá dos Brasilienses é uma árvore copada e elegante, cujas folhas e flores se podem conhecer pela estampa (que se perdeu!); a côr das flores é de belo amarelo. A madeira dela tem muitos usos (é leve, pouco espessa esponjosa, segundo PISO). Os indígenas aproveitam-lhe a casca para pescar, pois, pela água em que foi macerada ficam atordoados todos os animais. Produz um fruto redondo, coberto de casca verde como na “nogueira” que encerra uma noz do tamanho de um pôm, acuminada numa extremidade e com fenda num dos lados e, casca dura, quebrada a qual, contém internamente duas castanhas doces e de bom paladar. Comendo-as purgam a bÍlis e a pituíta sem nenhum incômodo e serve para todas as idades e sexos, mesmo para as mulheres grávidas. Adicionando um pouco de açúcar, semente de aniz e canela de cheiro pode fazer-se pastilhas que

constituem um remédio agradabilíssimo para os que aborrecem os purgantes. A dose é de duas castanhas”.

Sobre os usos PISO tem o seguinte trecho que concorda mais ou menos com o de MARCGRAVE.

USOS: A casca da árvore reduzida a massa envenena os rios e mata os peixes.

O óleo extraído da noz por prensagem serve á iluminação e para untar o corpo, segundo LAET (18).

IND. TERAP.: As castanhas tomadas em estado crú, duas ou uma só produzem efeito laxativo e purgativo, (P.1:24), mas em certas pessoas provocam vômito. Segundo PISO, as castanhas eram remédio preferido dos magnatas e eclesiásticos. É porém um purgante forte e deve ser ministrado ás crianças e aos doentes fracos em forma de pastilhas, entrando em sua confecção os mesmos ingredientes enunciados por MARCGRAVE.

A casca da noz, tostada é para os habitantes um remédio bom e caseiro contra as diarréias e um estíptico contra as consequências do uso imoderado das castanhas. (P.1:28).

NOTA: A árvore cresce, segundo PISO, em terras arenosas não longe da praia. Descreve na 1ª e 2ª ed., como MARCGRAVE, a flor como sendo grande, côncava e dourada, e também o fruto. As fôlhas, entretanto, e tem-se a impressão, como se tivesse feito a descrição á mão da estampa que LAET colocou no texto de MARCGRAVE, para onde PISO remete o leitor. Ora, na estampa as fôlhas conchegadas na ponta dos galhos dão um contorno vago e parecem ser do mamoeiro. Só se vê uma única fôlhas digitada característica do “Andá-assú”. Com a flor ambos os nossos autores enganaram-se enormemente, pois, ela não é desta árvore e sim de um cipó (*Solandra grandiflora* Sw.) o qual no Nordeste cobre freqüentemente as copas das árvores, como constatámos pessoalmente. Não se tendo dado o trabalho de tirar da árvore essas flores e a rama correspondente e contentando-se em apanhar as flores que juncam o chão, deixaram-se iludir julgando fosse a flor da árvore. A estampa que cêrtametne não é de MARCGRAVE, embora se encontre no texto dêle, é uma “camouflage” e lembra os desenhos fantásticos que os autores daquela época costumavam apresentar ao público. A figura do fruto é da autoria de LAET (43), como êle declara na anotação.

MARTIUS (31) deu a esta árvore o nome de *Andá pisonis* em homenagem a PISO.

Esta árvore é freqüente no litoral do Nordeste, segundo PISO, porém não a encontramos no Norte. Induzindo um erro pela flor, DE CANDOLLE classificou a planta de *Spathodea pisoniana* e MARTIUS (49) de *Phryganocydia pisoniana*.

Material ex.: São Paulo – Capital – Pickel, nº 4834, 4903.

*Manihot esculenta* Crantz, Inst. Rei Herb.1:167.1766.\*

**N.v.: Mandijba (M), Maniiba (M, P.1 e P.2), (Manduba (P.1 e P.2), Mandihoca (P.1, P.2).**

N.v.m.: “Mandioca”.

Lit.: M:65. (Mandijba seu Maniiba, e que fit Mandioca). L.2, Cap.6.

P.1:52 (De Mandihoca). L.4, Cap.2.

P.2:114 (Radix Mandihoca).L.4, Cap.3, Fig.114.

P.2:305 (Cum in tractatu de Mandihocae radice). L.5, Cap.17, fig.305.

A “mandioca” foi muito bem descrita por MARCGRAVE, que escreve: “A “mandiiba” e “maniiba” dos brasilienses é uma planta, cuja raiz se chama “Mandioca”.

É frútice de caule lenhoso, da grossura de um polegar ou dedo humano, nodoso, como casca côr de “Aveleira”, que atinge a altura de seis, sete ou oito pés, encerrando medula semelhante á do “sabugueiro”, e exsuda um suco leitoso. Na extremidade superior divide-se em muitos ramos e êstes, por sua vez, tem ramúsculos (i.e., pecíolos) e em cada um dêles três, quatro, cinco, seis ou sete folíolos estreitos, oblongos e dispostos em estrêla, quase da mesma côr verde como na fôlha da *Pecnia*. Produz flores pequenas, amarelo-pálidas, constantes de cinco sépalas, com muito estamínulos no meio”. (PISO escreve a respeito: “Produz flores pequenas e sementes semelhantes às da “Carrapateira americana”, porém mochas”). “A raiz alcança o comprimento de dois ou três pés e grossura de uma tibia humana, sendo mais roliça na extremidade, com côr externa semelhante á da casca da “aveleira escura”, e a interna branca é quebradiça e contem um suco leitoso e glutinoso, que é mortífero para todos os viventes. Encontram-se várias espécies no Brasil, distinguidas por nomes, como sejam “Mandiibuçú”, “Mandiibimana”, “Mandiibibijana”, “Mandiibiurucu”, “Mandiiparata”, “Mandiibcariamuna”, “Mandiibtinga”, “Mandiibmaracana”, “Mandiibcuguaçu”, “Apitiuba”, “Aipi”.

\* Vêde: A. PULLE, Flora of Surinam, vol.2.1932. Sinônimo: *M. utilissima* Pohl

O “Aipi”, por sua vez, tem também espécies a saber: “Aipi guaçu”, “Aipi arendi”, “Aipicaba”, “Aipiguapamba”, “Aipi jaborandi”, “Aipi jurumu”, “Aipi jurum miri”, “Aipi jurucuja”, “Aipi macaxera”, “Aipi maniacau”, “Aipi poca”, “Aipi tajapoja”, “Aipi pitinga”. (PISO tem entre as “Mandiibas” só as “Mandiibabuara”, “Mandiibparata” (que tem caule vermelho) e entre as “Aipi” as “Aipi macaxera”, “Aipipoca”, “Tapecima” e “Mandijupeba”, a qual também tem caule vermelho). Em seguida MARCGRAVE relata os processo de cultura da “mandioca”, as pragas, a fabricação da farinha e os usos.

PISO tem também um capítulo próprio sobre esta planta, porém só a descreve em ligeiras palavras em três frases. Entretanto, dá ótimas informações sobre o cultivo da planta, a fabricação da farinha e os usos.

Ambos esses autores não distinguem botanicamente o “Aipim” ou “macaxeira” da “macaxeira brava” e, de fato, embora o “Aipim” seja descrito como espécie distinta (*M.duleis* (J.F.GMEL.) PAX) não é mais que uma variedade da “mandioca”, porque as diferenças são mínimas.

IND. TERAP.: Segundo PISO, os mingaus, as sopas e tisanas feitas com a Tipioca e Caarimá, dão-se tanto aos sadios como aos doentes e, tomadas em forma de xarope, adicionando água de flor de laranjeira e açúcar, servem de antídoto (dos venenos das cobras P.1:41). A Tipioca lavada em muitas águas e depois bem seca e resguardada de qualquer umidade remedia, devidamente receituada. os males da avaria e da disenteria, refaz as forças dos febricitantes, dos fracos e dos infectos de venenos. Ainda mais. Restigue as energias aos cansados pelos exercícios violentos e modera os suores excessivos a simples tisana. Estanca qualquer hemorragia, especialmente as que são provenientes de feridas, tanto mediante aplicações internas como sob a forma de emplastos. A “mandioca” ralada e colocada sobre as feridas e úlceras antigas, alimpa e retempéra-se. A “manipuera” é boa para lavar os olhos, porque “corrige” a vista. (P.1:19).

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 911.

Manihot glaziovii M. Arg., Gl. Bras. 11(2):446.1873.

N.v.: Maniçoba (M), Cuguaçucuremia (P.1 e P.2), Cuaçu-mandijba (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Maniçobeira”.

Lit.: M:68 (Folia Mandijba quae Brasiliani apellant Maniçoba, in text.). L.2, Cap.6, Fig.293.

P.1:55 (Inter radices quas comedere amant, in text.). L.4, Cap.2, Fig.55.

P.2:117 (Inter radices quas comedere amnt, in text.). L.4, Cap.3, Fig.117.

MARCGRAVE cita apenas a espécie, porém, PISO dá também algumas informações, embora não a descreva propriamente. Da estampa pode, entretanto, reconhecer-se a planta que, de fato, é a espécie supra. PISO escreve o seguinte: “Entre as raízes que (os Tapuias) gostam de comer há uma “mandihoca do mato” que cresce espontaneamente e é um frutice arborescente, semelhante no resto á cultivada, com relação ao caule e ás folhas, porém, de qualidade muito inferior. Os homens do interior chamam-na “Cuguaçucuremia” e os praieiros “Cuaçu-mandijba”. Damos dela a estampa”.

**USOS: PISO afirma que os Tapuias que são de vida e costumes asselvajados, não plantam a “mandioca” nem outra qualquer planta, vivem de frutas das árvores, de várias ervas e de mel agreste. Para seu sustento procuram principalmente as raízes da “maniçobeira”. Segundo MARCGRAVE, “as folhas de “Mandijba” que os Brasilienses chamam “Maniçoba”, bem pisadas com a mão de pilão num gral de madeira e depois cozinhadas e adubadas com azeite e manteiga, comem-se á maneira de “Armoles” ou “Espinafre” cozidos.**

NOTA: Esta planta, muito comum nos campos de cultura e nas capueiras de Pernambuco, pode atingir porte de árvore, porém, ás mais das vezes, é apenas arbustiva devido as queimas e roçadas anuais. Os habitantes não comem as raízes.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 603, 1255.

Phyllanthus niruri L., Sp.Pl.981.1753.

N.v.m.: “Quebra pedra”, Erva pombinha”.

Lit.: M:18 (Herba cujus nomen). L.1, Cap.10.

É de MARCGRAVE a descrição desta espécie: “Há uma erva que surge á altura de nove ou dez dedos, esgalhada em muitos ramos, á maneira de um arbúsculo. Traz folhas alternadamente opostas, semelhantes ás de *Rosmarinus* (“Alecrim”), porém, inodoras: os flósculos brancos traz nos ramúsculos superiores, pequenos e semelhantes aos de Polygonatum e dispostos da mesma maneira; a raiz é tênue e esbranquiçada”.

NOTA: Esta erva é muito comum em Pernambuco, e tem os nomes vulgares supra devido ao uso do povo como diurético e dissolvente dos cálculos vesicais. A comparação com o Polygonatum é típica.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 2533.

Ricinus communis L., Sp.PI.1007.1753.

N.v.: Carrapatos (as sementes) (P.1 e P.2), Nhambu guaçu (M, P.1 e P.2), Ricino americano (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Carrapateira”, “Mamoeira”.

Lit.: M:77 (Nhambu guaçu Brasiliensibus). L.2, Cap.14.

P.1:91 (Nhambu guaçu sive Figuero d’Inferno). L.4, Cap.51.

P.2:180 (Ricinum duorum generum prodcucit Brasilia). L.4, Cap.31, Fig.180.

PISO escreve um capítulo inteiro sobre a “Carrapateira”, porém, trata de duas plantas, pelo que escolhemos o texto de MARCGRAVE que escreve: “O “Nhambu guaçu” do Brasilienses é uma espécie de Ricinus: é um frutice expandido em muitos ramos e a côr do caule é como a de Juglans. Traz fôlhas presas a pecíolos compridos, os quais são fixos no centro da fôlha, grandes, divididas em oito ou nove lacínias acuminadas, com contorno finamente serrado, e do centro da fôlha saem nervuras longitudinais para todas as lacínias (i.e., para os lobos da fôlha). São verde-elegantes em baixo e verde-escuras em cima, moles ao táto, tenras e, que arrancadas logo amarelecem. Nas extremidades dos ramos, porém, surgem escapos solitários, nos quais nascem, em séries alternadas e em forma de espiga, nos seus pedicelos respetivos, uns cinco ou seis glóbulos verdes, lisos e juxtapostos á maneira da uva, que abrindo-se mostram flores subtis, da forma das do “sabugueiro”, muito menores porém e de côr branco-amarelada, decíduas, por sua vez agrupadas em cacho elegante; ----- tem cheiro quase como as do “sabugueiro” (como aliás toda a planta cheira quase assim). Depois das flores seguem-lhes uns corpúsculos redondos, verdes, assinalados por umbigos cinábrios, do tamanho de avelã, inteiramente hispídeos como ouriço, reunidos cinqüenta ou sessenta em um cacho, que são os frutos. Êste fruto quando maduro fica preto e rebenta espontâneamente em três (raríssimo em quatro) partes ou cápsulas, e cada uma dêlas, por sua vez, se abre encerrando uma semente lisa, de côr cinzenta e elegãtamente maculada de preto, de forma e tamanho de uma pistácea. A semente aberta MARCGRAVE a chama de “noz” pois o tegumento é apenas uma película frágil) encerra uma amêndoa branca e oleaginosa, da qual se expreme um óleo. Quando o fruto é excessivamente (nondum devia ser multum – muito) maduro e apalpado com a mão, salta pertindo-se com estrépito”. PISO descreve a planta ligeiramente, dizendo que as sementes são chamadas pelos portugueses de “carapatos”. Na 2ª ed. adata o texto de MARCGRAVE e apresenta uma estampa, enquanto na 1ª ed., descrevia a planta com suas próprias palavras.

Inspirado por GABRIEL SOARES (79) afirma haver duas espécies, sendo a menor cultivada nos jardins e melhorada pela cultura chamada “Figuero d’Inferno”. (Ora, essa última é uma espécie de Datura, planta pequena com cápsulas semelhantes ás da “carrapateira”, e por isso confundida por PISO, de resto porém são bastante dissemelhantes).

USOS: Ao envez de MARCGRAVE que escreve apenas que as sementes dão óleo, PISO relata fielmente a fabricação e os usos do óleo de rícino.

PISO diz que as sementes se colhem o ano inteiro e, sêcas ao sol, se aquecem, pisam e cozinham em água e os indígenas apanham o óleo que sobrenadar. Os belgas e os portugueses, porém, obtem o óleo pela prensagem, á maneira do das azeitonas. Usa-se o óleo nas lâmpadas como sucedâneo do óleo da lamparina. Nem por isso, porém, o óleo é de somenos valor e os indígenas usam-se diãriamente.

IND. TERAP.: Os indígenas empregam o óleo nas afecções frias externas e internas. Ê tido como quente 3º grau. Amadurece os apostemas e ungindo o ventre cura as cólicas uterinas e intestinais e dissipa a flatulência. Ê útil contra o zumbido do ouvido. Restitue os tendões distensos e convulsos. Cura a rigidez articular, tomando três a quatro gotas propinadas em líquido conveniente por via oral ou retal. Ê laxativo. Alimpa a sarna da pele e outras afecções externas. Ungindo com o óleo o umbigo das creanças, expulsa as lombrigas (!). Vide uma receita em P.1:28.

A semente é purgativa, muito mais eficiente que o óleo, pois, expulsa os humores crús por cima e por baixo, necessitando então de preparação. Convem por isso macerar em espírito de bom vinho que serve de corretório uma porção de sementes e administrar dêste macerado uma colher cheia com cerca de uma onça (31, lgr.), para conseguir uma evacuação benigna. Querendo tomar, porém, a semente pura, o habitantes aconselham não exceder o número de sete, embora DODONEU o aconselhe.

As folhas maceradas em água ou vinagre são um remédio contra herpes e outros males desta natureza, como ensina DIOSCORIDES e conforme as experiências de PISO que o usava também nas feridas e úlceras. (P.1:36)

NOTA: LINEU (74) determina bem a planta marcgraviana.

Ainda em meados do século passado usava-se este óleo na iluminação pública da cidade do Recife, sendo colocados nas ruas tachas grandes com o óleo, alimentando pavios enormes que deram uma chama tão forte que não pôde ser apagada pelo vento.

Nos nossos tempos a “carrapateira crioula” cresce espontaneamente no Brasil e foi certamente esta forma selvagem que PISO e MARCGRAVE encontraram no Nordeste.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, nº 296.

---

## Família ANACARDIACEAE

*Anacardium occidentale* L., Sp.Pl.313.1753.

N.v.; Acaiaiba (M, P.1 e P.2), Acaiuiba (M).\*

N.v.m.: “Cajueiro”.

Lit.: M:94 (Acaiaiba et et Acaiuiba Brasiliensibus). L.3, Cap.2, Fig.95.

P.1:57 (De Acajú arbore et illius fructus). L.4, Cap.6, Fig.58.

P.2:120 (Acaiaiba et fructu ejus Acajú). L.4, Cap.6, Fig.120 e 121.

MARCGRAVE escreve: “A “Acaiaiba” e “Acaiuiba” dos Brasilienses (é uma árvore), cujo fruto se chama “Acaiu” e vulgo “Cajú”. Surge á altura de uma faia e se expande largamente em muitos ramos, mesmo pelo chão. As folhas são grandes, largas, cônicas em direção do pecíolo, arredondadas na parte apical, providas de uma nervura e veias salientes. As florezinhas traz em umbelas, juxtapostas em número de oito, nove e dez, sendo reunidas até cem em uma umbelas; quando apenas desabrochadas são brancas, depois ficam rajadas de encarnado e com cheiro suave como “muguet”; constando cada qual de cinco pétalas estreitas, acuminadas, encarnadas em baixo como na flor da laranjeira, havendo no meio um estamínulo único com cabeça pequena. Depois da flor surge primeiramente uma castanha reniforme e, tendo tomado algum desenvolvimento, cresce entre ela e o pedicelo uma fruta oblonga, oval ou globulosa que, quando madura, consta de uma polpa esponjosa, fibrosa e pegajosa, com abundante suco doce, ácido e astringente. O epicarpo é amarelo exteriormente ou arruivado em parte ou, também, inteiramente ruivo ou encarnado. Em certas árvores a fruta é encarnada e globulosa e mais ácida que as outras; em algumas, é oblonga e amarela e noutras é globulosa e amarela. O suco causa nódoas ferruginosas nos panos tão excessivamente que só desaparecem quando a árvore florescer novamente. A castanha tem, como disse, forma de rim de ovelha, coberta de uma casca cinzenta, grossa e esponjosa por dentro, que encerra um óleo acre e picante, com a particularidade de queimar como fogo, se fôr aplicado em cima da pele, mesmo que só de leve, e se experimenta grande dôr. A amêndoa também é reniforme, branca e revestida por uma película amarela, que se deve tirar, tem ótimo paladar depois de assada e é muito superior ás castanhas da Europa. Podem conservar-se incorruptos durante alguns anos. Ateia-se-lhes fogo para eliminar o óleo existente no pericarpo, em seguida batem-se com martelo e tiram-se as amêndoas que se comem. Os Brasilienses gostam comer mais a castanha que a fruta; da fruta expremem um vinho. Para isso pisam-na no pilão de pau, e côam o líquido ou, também, expremem-na com as mãos somente e deixam repousar; esse mosto novo é esbranquiçado como leite, porém, alguns dias depois fica mais claro; tem sabor astringente, forte e inebriante. Guardado durante o tempo de seis meses degenera em vinagre, percebendo-se o sabor vinoso ainda no vinagre. Começa a florescer em fins de agosto, chegando ao auge em setembro, espalhando então um cheiro fragrantíssimo pelas matas e campinas. Chovendo muito nos meses de agosto e setembro, as flores se perdem e se formam poucas frutas, como aconteceu em 1640. Em novembro e dezembro e mesmo em janeiro floresce ainda; em dezembro e janeiro as frutas são abundantes. Nos meses chuvosos estas árvores tem aspeto triste, porque as folhas são amarelas, ruivas e pálidas e a maioria delas cai, enquanto nascem novas; estas são, em algumas árvores, de côr pardo-ruiva elegante e de aspeto agradável, mas depois se tornam verdes. Esta árvores deixa sair das feridass uma resina

---

\* Acaiaiba é grafado erradamente, porque não designa o Cajá e, sim, o Cajú

transparente, de consistência e cor mui semelhante à melhor goma-arábica, em cujo lugar é usada como sucedâneo. Os Brasileiros contam os anos da sua idade pelas castanhas de “Cajú”, guardando uma cada ano. A castanha chamam “Acaguacaya” e “Acajuti” e “Itimaboera”. Da madeira fazem vários utensílios, porque é dura; é utilizada na construção das canoas maiores que chamam chalupas, para os arcos da base que são as armações da canoa. A fruta não vinga em igual abundância todos os anos, porque às vezes certas chuvas que caem purgam as castanhas nas flores e que não chamadas pelos Brasileiros de “Acajuacaipiracoba”.

PISO escreve um capítulo inteiro sobre o “cajueiro” e seus préstimos. Não a descreve propriamente, mas insiste mais na sua utilidade. São de PISO os trechos seguintes que em parte, são a tradução fiel.

USOS: O “cajú” que no estado imaturo é acre e ácido, de desagradável e nocivo aos dentes e ao paladar, em seguida fica logo cozido pela força do sol e sucoso pelo orvalho da manhã, tornando-se agradável e vem a ser estimado também pelos nossos, europeus. Aos Brasileiros, porém, não menos como o “carvalho” aos antigos Arcádios, esta fruta e a glande, que lhe adere e em cima dela nasce, constitui desde séculos, um sustentáculo da vida. As guerras que entre eles há frequentemente são provocadas por amor a esta fruta. Os vencedores armam suas tendas e entram na posse do lugar assaltado, permanecendo enquanto não têm desfrutado todas as árvores.

A fruta refresca pouco e astringe a garganta, porém é agradável ao estômago quando madura; ao contrário, a imatura é corrosiva à maneira do suco de limão e infestada de um azedume cáustico. Tem forma oblonga e cônica e podia dizer-se piriforme, tem cheiro agradável, fragrante, cor rósea na parte batida do sol, sendo na outra parte um amarelo açafreado, quase dourado. A polpa é esponjosa e cheia de abundante suco saboroso, porém, destituído de sementes e lóculos seminiais. É apetecida tanto em estado cru, como cozinhada e preparada. Fazem dela também conserva em açúcar, tanto os portugueses, como os nossos.

O vinho pode durar muito e, uma vez fermentado, conserva-se forte e aromático por muitos anos. O velho é mais inebriante que o novo, não como o mosto europeu; embora astringente é bom diurético, como experimentei em mim e outros. Vimos fazer dele também aguardente e fazer e compôr ótimo vinagre que se guarda em potes e substitue habitualmente o vinagre. As castanhas ou glandes, gordas e quentes no 2º grau, tem forma aproximada de um rim de lebre. Se forem consumidas em estado cru e frescas, com vinho e um pouco de sal, têm gosto de nozes, porém, assadas e condimentadas em açúcar são muito mais suaves e mais duráveis, pelo que também se contam entre os doces e acepipes”.

IND. TERAP.: Os indígenas tomam a resina desta árvore reduzida a pó e dissolvida em líquido conveniente, contra as menstruações irregulares.

O óleo do pericarpo de castanha é tão picante e cáustico que só pode ser empregado como remédio corrosivo e, dissolvido no espírito de vinho, tira as dores causadas pelas “caravelas” (P.1:45). “É quente entre o 3º e 4º graus e aplica-se somente às úlceras cancerosas e malignas que tem carne viciosa. É proveitosa também contra os líquens, contra a sarna e os bichos de pé e outros vícios da cutis”.

Na 2ª ed. PISO completa a descrição deficiente da 1ª, tomando emprestado as respectivas frases do seu colega, e também o nome vulgar errado.

NOTA: LINEU (74) refere-se à planta dos nossos naturalistas e, da mesma forma, AUBLET (10) e JACQUIN (40).

A estampa dos frutos é tirada da obra de CLUSIUS (43).

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 300.

Schinus terebinthifolius Raddi, Mem. Moden. 18 Fis.399.1820.

N.v.: Aroeira (M, P.1 e P.2).

N.v.m.: “Aroeira”, “Aroeira vermelha”.

Lit.: M:90 (Aroeira Lusitanis, Lentiscus Latinis). L.3, Cap.1.

P.1:64 (De Aroeira, ejusques qualitatibus). L.4, Cap.11.

P.2:132(Aroeira sive Lentiscus). L.4, Cap.13.

O texto dos nossos autores é muito semelhante no que toca as folhas desta árvore. PISO, entretanto, não copiou bem a descrição que MARCGRAVE lhe fornecera, e que o induziu em erro que procurou remediar na 2ª ed., sem consegui-lo porém, como iremos ver.

MARCGRAVE escreve: “A “Aroeira” dos portugueses, e Lentiscus dos Latinos. É uma árvore com folhas de “Ibabiraba” (segundo PISO: “Guabiraba”), porém, menores. Os ramos tem muitos ramúsculos (i.e., os pecíolos!) de cerca de dois dedos de comprimento, e nêles cinco ou sete folhas (i.e., folíolos), opostas duas a duas e o quinto ou sétimo na extremidade (PISO diz: e cinco ou

sete na extremidade).na áxila de cada ramúsculo há um pedúnculo mais curto de quase um dedo e meio de comprimento, cheio de flósculos pequeninos, constantes de cinco pétalas agudas, branco-amareladas. A essas flores segue o fruto, a saber uma espécie de uva, cheia de bagas, do tamanho de um Piper, verdes no início, porém, aquela côr vermelha existe só no pericarpo que é tênue e se desprende espontâneamente e cae deixando escapar a semente. O grão encerrado no pericarpo é redondo, comprimido e oleaginoso, com cheiro suave à maneira de “funcho” recentemente esmagado e encerra uma amêndoa pequena coberta por um tegumento flexível. As fôlhas recentes piladas têm cheiro resinoso, mais agradável que a terebentina. As bagas amadurecem no mês de julho. Concorda com o “Mole” ou Lentiscus peruviana de CAR. CLUSIUS”.

Em seguida LAET transcreve trechos relativos ao “Mole” de XIMENES, PEDRO DE CICCIA e GARCILASO.

PISO escreve o seguinte acerca dos usos desta árvore.

USOS: Uma árvore dos lugares arenosos, freqüente no litoral e especialmente no promontório de Olinda, chama-se “Aroeira”. Não é muito dissimilhante em qualidade ao nosso “Mirto silvestre”, porém, deve referir-se aos Lentiscus. Além das eximias qualidades que tem de comum com o “Araça”, o “Mirto”, e outras árvores astringentes e aromáticas, goza da propriedade particular de exsudar uma resina fragrantíssima semelhante á do Lentiscus, com a qual se faz emplastro usado nas afecções frias.

Produce um fruto pequeno de côr de sangue, reunidos em cachos pendentes, cuja acrimônia e qualidade secante preserva da putrefação a carne verde.

Expreme-se também um óleo dessas bagas suculentas que serve para o mesmo fim que a resina.

IND. TERAP.: As fôlhas exalam cheiro ativo e afamado, quando as propriedades aromática e quente, como se percebe nos banhos e nas lavagens que com elas se fazem e usam-se também no tenesmo em fomentações (P.1:29).

Estas virtudes mostra em grau eminente quando pela distinção das fôlhas, em particular das recentes, delas se extrai um líquido odorífero e astringente que se guarda não só para combater as afecções do corpo, como para perfume.

Os olhos ou gemas das árvores expostas em água ao sereno aplicam-se com vantagem durante o paroxismo das febres, como práticos fazem.

Além disto convém saber que nos ramos da “Aroeira” cresce muitas vezes em abundância um Polypodium, mais apreciado que o terrestre.

Na 2ª ed. PISO acomoda o texto áquele do seu colega, porém, não corrige o erro acerca do número dos folíolos da fôlha, pois, insiste em repetir que são opostos e ainda há cinco ou sete na extremidade. Mandou ainda, baseado talvez neste erro, fazer nova estampa, onde se vê nas fôlhas inferiores vinte ou vinte duas e nas superiores quinze ou dezesseis folíolos, como no “Mole”.

NOTA: A estampa da 1ª ed. não é a nossa “Aroeira” e não combina com a descrição de MARCGRAVE. LAET (43) diz que é a estampa de CLUSIUS e representa o “Mole” do México.

A “Aroeira”, como a descreve MARCGRAVE é muito abundante no litoral no Nordeste.

LINEU (74) chama a “Aroeira” PISO de Schibnus areira, que é da var. Raddianus ENGL. (22), DE CANDOLE (45) declara ser a espécie supra a planta marcgraviana e pisoniana.

Material ex.: Pernambuco – Olinda - Pickel, 298, 3002.

Spondias purpurea L., Sp.Pl.2a Ed.613.1763.

N.v.: Acaia (M, P.2), Ibametara (M, P.1), Acajá (P.1).

N.v.m.: “Cajazeira”, Cajá-mirim”.

Lit.: M:129 (Acaia quae et Ibametara). L.3, Cap.16, Fig.129, segunda.

P.1:68 (De Acajá quae et Ibametara). L.4, Cap.16.

P.2:139 (Vetustiore et frondosiore). L.4, Cap.16, Fig.139.

Sendo os textos idênticos, preferimos dar a tradução do capítulo de MARCGRAVE, por ser mais correto, intercalando porém, as discrepâncias de PISO.

“A “Acajá” ou também “Ibametara” dos Brasilienses é uma árvore que surge á altura e tamanho de uma Tilia possante. (PISO afirma ter visto raramente no Brasil árvore mais alta, mais crescida e mais frondosa do que esta). O tronco e os ramos mais grossos têm casca rugosa e cinzento-esbranquiçada á maneira do “sabugueiro”. As fôlhas (i.e. folíolos) são lisas, opostas diretamente, uma á outra, e dois, três ou quatro dedos de comprimento, de tamanho desigual e um meio ou dois dedos de largo, acuminadas e luzidias, com uma nervura larga longitudinal e veias transversais, não dissimilhanes ás da “nogueira”, porém, mais agudas. (As quais perde no meio do



verão, revestindo-se de novas antes do inverno, afim de produzir melhor o fruto depois de ter refeito as suas forças).

Produz flores pequenas e numerosas reunidas em racemos grandes, branco-amareladas. Depois das flores provêm ameixas amarelas, semelhantes em forma e tamanho às nossas, com pouquíssima polpa (porém suculenta) de sabor ácido, encerrando um caroço grande, constante de filamentos lenhosos, porém não duro, triturável com os dentes e tem uma amêndoa branco-amarelada. (Este fruto tem agradável acidez e por isso compete-lhe o lugar entre as frutas de sobremesa. Amadurece nos meses de inverno e floresce em meados do verão e reveste-se de um pericarpo tenaz. Primèiramente é refrescante, depois astringente). As fôlhas desta árvore e, bem assim, a madeira tem sabor enormemente ácido e astringente e utilizam-se para excitar o apetite e matar a sêde nas febres; fazem também mólho para os pratos de carne assada com as fôlhas novas esmagadas, de sabor mui agradável. Um ramo da árvore destacado e fincado na terra., como estaca, cria raízes em pouco tempo e torna-se árvore, motivo porque se encontra freqüentemente nas cercas das plantações e currais.

A madeira é ruiva e leve como cortiça, em cujo lugar se pode usá-la. Dela se fazem também rôlhas para tampar as bilhas”.

PISO menciona também o fato ainda hoje verificado que “esta árvore “Acajá” tem de peculiar que certas aves, do tamanho do picapau, como plumagem negra e dourada elegante, constroem na extremidade dos ramos hábil e engenhosamente seus ninhos pendentes. (MARCGRACE chama essas aves no L.5, Cap.2, Pág.193 de “Guiratangeima”. Verificámos serem êlas “xexéus” que se vê freqüentemente no litoral nidificar nas “cajazeiras”).

Na 2ª ed. PISO emenda o texto comparando-o com o de MARCGRACE, porém, não adota o nome “Ibimetara” nem a estampa preferindo apresentar uma nova.

IND. TERAP.: As fôlhas entram nos sufimentos e fomentações que se usam para curar o tenesmo (P.1:29) e, junto com a “Aroeira”, o “Mirto” e a “Araça” etc. pág. 68!.

NOTA: LINEU (74) e AUBLET (10) determinaram esta planta como Spondias lutea L. e JACQUIN (40) como Spondias monbin L. ENGLER (31) entretanto, a relaciona com esta espécie, que é de fato a espécie pernambucana. CAMINHOÁ (18) dá a planta pisoniana como Spondias purpurea v. venulosa MART., mas esta var. é de São Paulo.

Esta “cajazeira” é muito abundante em Pernambuco e fica árvore de porte colossal. Sendo a madeira imprestável, usam-se as estacas só para cercas vivas e para marcos de limites. Por todos êstes motivos a árvore não é derrubada. Os frutos são pequenos, alaranjados ou fúscos e muito ácidos, servindo para refresco. Conforme a etimologia o suber parece ter servido para esculpir os bodoques dos índios. Deixa-se de fato tornejar bem.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 855.

Spondias tuberosa Arr. Camara ex. Koster, Trav. 496.1816.

N.v.: Umbú (M, P.1 e P.2), Umbi (P.1:17).

N.v.m.: “Imbuzeiro”, “Umbuzeiro”.

Lit.: M:108 (Datur et alia species Umbú). L.3, Cap.9, Fig.108

P.1:77 (De Umbú arbore illiusque facultatibus).L.4, Cap.30, Fig.78, primeira.

P.2:167 (Unicam tantum). L.4, Cap.26, Fig.167.

Enquanto MARCGRACE apenas cita esta planta, PISO dedica-lhe o capítulo seguinte: “Da árvore “Umbú” e de suas qualidades. Pude encontrar até agora um só exemplar dêste gênero de árvores na parte habitada do Brasil que foi cultivada no distrito de Iguaraçú; porém, nas matas, distantes entre os rios Goiana e Paraíba crescem em abundância. Olhando de longe parece com um pequeno Citrus ou “limoeiro”, quanto ao porte, estrutura e fruto.

É quase destituída de tronco, porém, ramifica-se em muitos galhos tortuosos arrançados sem estética. Traz fôlhas não muito grandes, lisas e verde-claras, de gosto ácido e astringente; flor esbranquiçada e fruto branco-amarelado, semelhante a uma ameixa grande, com polpa dura, embora que pouca, que encerra um caroço grande, como o fruto “Acajá” que depois de maduro, o que se dá nos meses das chuvas, fica com sabor agradável, agridoce; pois antes é tão ácido que torna os dentes bôtos, tendo por isso uso semelhante ao das fôlhas, isto é, guardam-se para refrescos e como remédio astringente. A raiz, porém, que recebeu um quê de particular, comparado com as de outras árvores, merece particular atenção, a saber que nela se desenvolvem debaixo da terra, por mui grande extensão e em sentido contrário túberas grossas e de massa pesada, e atendendo ao peso, á forma e côr que fora é cinzenta, são maiores que as raízes da “Batata” ou “Inhame”, porém distinguindo-se delas quando se tirar a película leve, pois, por dentro são de côr branca e tem medula

mole e turgida inteiramente como na “abóbora” (deve ser: melancia!). a qual mastigada se desmancha em suco aquoso, fresco e mesmo doce e agradável ao paladar. Para os doentes de febre e para os viajantes exaustos é um refresco admirável, como em próprio experimentei muitas vezes e nada cede á “melancia” quando á doçura da água e á salubridade”.

A estampa apresentada é bastante má, porém refere-se a esta planta. na 2ª ed. PISO por isto substitui-se por outra, um pouco melhor, mas, dá-lhe forma semelhante á das raízes de “mandioca”, quando na realidade só tem 20 cm de comprimento. Os termos de comparação do fruto com a “Ameixa” e da raiz com a “melancia” é semelhante aos de HAKLUYT (66).

Material ex.: Pernambuco – Caruarú – Pickel, 590.

Tapirira guianensis Aubl., Pl. Gui. 1:470.1775.

N.v.: Copiiba (M)

N.v.m.: “Cupiuba”.

Lit.: M:121 (Copiiba Brasiliensibus). L.3, Cap.14, Fig.,121, segunda.

P.1:56 (De Copaiba). L.4, Cap.4, (p.p.).

Os textos de PISO e MARCGRAVE são idênticos, com pequenas diferenças. Seguimos ao do segundo que o forneceu a PISO. MARCGRAVE escreve: “A “Copiiba” dos Brasilienses é uma árvore alta com casca cinzenta e divide-se na parte superior em ramos que têm fôlhas de um pé e meio de comprimento (PISO corrige-o para: meio pé), maiores ou menores, sempre duas opostas, havendo porém na extremidade três juntas (PISO diz: “duas na extremidade”, o que está errado); oblongas, acuminadas e com a nervura e as veias um pouco ruívas, em cima mais verdes e, em baixo verde-claras. na ponta dos ramos acham-se muitos ramúsculos (isto é, a raquis) que sustentam as fôlhas (isto é, os folíolos) e, da mesma forma dos do “louro”, verdes a princípio, e pretos na maturação, com pouca polpa, um tanto doce, da qual se pode tirar com facilidade uma película bastante grossa. Encerra um caroço oval, um pouco duro, com amêndoa branca e sabor farináceo, não comestível. O fruto, porém, come-se e os Brasilienses chupam o suco e cospem fora a pele. Amadurece em abril.”

NOTA: HOEHNE (31) afirma ser a “Copiiba” de MARCGRAVE uma “Tarumeira” (Vitex). No entanto, a árvore de GABRIEL SOARES (79) que deu o nome de “Cupiuba” é a espécie supra.

O comprimento dos folíolos é evidentemente um erro tipográfico.

Material ex.: Paraíba – Areia – Moaraes Vasconcelos, 29.

-----

### Família SAPINDACEAE

Dodonaea viscosa Jacq., Enum. Pl. Carib.19.1760.

N.v.m.: “Vassoura do campo”, “Vassourinha”, “Vassourinha vermelha”.

Lit.: M:76 (Frutex, cui Auctor nomen adscipsit). L.2, Cap.13, Fig.67, seg.

É um frútice, á semelhança do “salgueiro-nanico” que nasce em lugares arenoso.

Tem madeira e fôlhas como o “salgueiro”, porém, um pouco mais claras, com uma bela cor verde-luzidia, nervura saliente longitudinal e veias laterais dispostas em ordem. Produz flósculos reunidos em umbela, brancos, pequenos, como no “sabugueiro”; depois dêles nascem folículos bem comprimidos, da forma como na estampa (que diz LAET-mandei reproduzir à mão das ervas sêcas coligidas com zêlo pelo autor) e muito elegantes, encerrando umas sementes globulosas pretas e distinguidas por uma mácula branca”.

NOTA: JACQUIN (40) identifica a planta com esta espécie e a Flora Brasiliensis (31) cita esta planta como sendo a marcgraviana e com ela relaciona a estampa.

É arbusto de beira-mar, fazendo parte dos manguesais, onde o encontrámos em Pernambuco.

Material ex.: Pernambuco – Tamandaré – Pickel, 1939.

Paullinia pinnata L., So.Pl.366.1753.

N.v.: Cururú apé (M, P.1 e P.2).

**N.v.m.:** “Cururú apé”, “Cipó cuapé vermelho”, “Timbó”, “T. cipó”, “Timbó de peixe”.

Lit.: M:22 (Cururú ape Brasilienses é uma planta de caule sarmentoso e flexível que se entrelaça às árvores e frutices, tendo muitos ramúsculos e em cada um dêles há cinco fôlhas (i.e. folíolos) opostas duas a duas e uma quinta na extremidade, verde-luzidias em cima, com seis incisões, como os dentes de uma serra maior, havendo entre estas fôlhas um ramúsculo alado em ambos os lados, ou antes, cercados por uma fôlha cordiforme, como na árvore “Ingá”. (PISO diz que as fôlhas são oblongas, denteadas, nascendo uma da outra, quase como na *Ficus indica*. Desta maneira não raro forma-se, por capricho da natureza, uma fôlha quinquefoliada, tendo na parte basal duas fôlhas expandidas e, em cima, três sobresaindo.)

Nas extremidades dos ramúsculos provém espigas compridas, carregadas de flósculos branco-esverdeados e amarelados; depois seguem-lhes cápsulas, triangulares no ápice e cilíndricas perto do pedicelo espontaneamente em três partes. O pericarpo é encarnado externamente e tem grossura igual á casca da “maçã” e, internamente, é de um belo rubro; e cada fruto encerra duas favas iguais em tamanho ás favas brancas da Espanha, sendo cada uma delas envolvida numa massa mole, branca, de consistência semelhante á noz e fria ao táto. Dêste invólucro branco (isto é, do arilo!) sai fóra em sentido longitudinal a fava, com sua mácula preta e luzidia ou antes, com um tal semicírculo oblongo, do qual é provido, sendo a fava na parte restante, de côr fusca. A fava contém, finalmente, dentro uma carne farinhosa amarela. Jogada na água mata os peixes. (Sôbre o fruto PISO diz que tem “frutos ou favas, de forma e tamanho como (bagos de) uvas, avermelhadas por fora e cheias por dentro de uma polpa branca, debaixo da qual aparece brilhando um caroço preto”).

Em seguida LAET colocou a advertência seguinte depois do texto de MARCGRAVE: “Vede a estampa de PISO na página respetiva, que fez diversas observações acerca das qualidades desta planta. Sôbre estas PISO escreve o seguinte:

USOS: Os frutos são empregados mais para abusos que para bons usos; pois, esmagados infestam a água como um ictiocida, de maneira que os peixes ficam atordoados e morrem.

IND. TERAP.: As fôlhas verdes piladas são aplicadas ás feridas, porque o suco é útil, como o fruto ingerido faz mal aos animais. De tal eficácia alimpa e sára qualquer ferida, mesmo por primeira intenção que se pode incluir esta erva (!) com razão entre as vulnerárias principais.

Na 2ª ed. PISO completa a sua descrição com o texto do seu colega.

LINEU (74) e AUBLET (10) reconheceram na planta de PISO e MARCGRAVE a espécie supra e também RADLKOFER (31) relaciona a planta dos nossos naturalistas com a espécie supra.

Segundo MARTIUS (31) trata-se do Nº 283 do Lib.Princ.. Em sua viagem (81) menciona esta planta pisoniana.

NOTA: Em Pernambuco êste cipó é muito comum nas nesgas dos campos e na orla das capoeiras.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 3202.

*Sapindus saponaria* L., Sp. Pl.367.1753.

N.v.: Pao de sabaon (M), Pao de sebaon (P.2), Quity(M, P.2).

N.v.m.: “Saboneteiro”, “Sabonente”, “Saboeiro”.

Lit. M:113 (Quity Brasiliensibus). l.3, Cap.8, Fig.113, primeira.

P.2:162 (Altera Saponaria). L.4, Cap.24, Fig.162, segunda.

MARCGRAVE escreve: “O “Quity” dos Brasilienses e “Pao de sabaon” e o fruto “Sabaon” dos portugueses é uma árvore de casca cinzenta como no “Freixo”, de porte mediano e madeira frágil. As fôlhas são verdes-claras, oblongas, não serreadas, luzidias, com quatro, cinco ou seis dedos de comprimento e, ora opostas ora solitárias, pois, se inserem sem ordem. Traz flores. Em ramúsculos isolados traz muitos frutos; cada um inserindo-se num pedicelo próprio e tendo uma dupla saliência redonda como nádegas ou mamas, é do tamanho de uma bolinha de brincar ou maior, redondo, amarelo como cêra, luzidio e transparente, assim que o glóbulo preto que nele se esconde se pode enxergar e que produz um estrépito quando sacudido, porque a cavidade é ampla. A polpa envolvente não é grossa, é coberta por um pericarpo flexível e glutinoso, que substitue o sabão, pois, produz espuma; é porém de sabor muito amargo e nenhuma ave a devóra e, por isso, também prejudica a roupa em parte; pelo que se usa mais vantajosamente a casca da “Ubinhume” (Ibixuma ou Mutamba). O glóbulo incluso no fruto é preto, duríssimo, globuloso, do tamanho de uma cerejeira e nele há um caroço branco com tegumento rúivo á maneira da avelã, da forma de uma cabeça de papagaio com bico que se biparte espontaneamente. O fruto amadurece no mês de outubro”.

PISO, na 2ª ed. reedita o texto de MARCGRAVE, refundindo-o, porém, completamente, não para compreensão melhor.

USOS: Os usos, são, segundo PISO, muito restritos, pois, as sementes servem para fazer rosários, porque são muito duras (e afirma mesmo que nem com um martelo se pode quebra-las). Os frutos substituem o sabão, como os da “Mutamba”.

NOTA: LINEU (74) refere-se a esta planta marcgraviana e também RADLKOFER (31) relaciona a planta marcgraviana com a espécie supra.

Encontra-se esta árvore principalmente á margem dos rios. Os frutos não são utilizados mais na lavagem da roupa, porém, fazem dêle assobios. As sementes ainda hoje se usam na confecção de rosários.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1166.

Serjania lethalis St. Hil., Pl.Rem. Bras.1;206.1824.

N.v.: Timbó, Timbó guaçú, timbó de cono (P.1 e P.2), Barbasco (P.2).

N.v.m.: “Timbó”.

Lit.: P.1:115 (De Timbó, ejusque facultatibus). L.4, Cap.79, (citado!).

P.2:249 (Praeter eas quae generali nomine Cipó nuncupatas). L.4, Cap.61, (Citado!).

**Na 1ª ed. PISO escreve um capítulo, intitulado: “Do Timbó e suas faculdades”, onde fala de vários cipós pertencentes principalmente ás Sapindaceae. Depois de ter tratado em geral dos cipós, passa a ocupar-se dos desta família, sem porém, especificar planta alguma.**

Ele escreve: “Além daquêlas que chamam gerálmente “Cipó”, como dissêmos, há vários e admiráveis ervas afilas que o vulgo chama “Timbó”, empregadas em vários usos e abusos, as quais todas têm belo aspeto”. Em seguida PISO fala de cipós finos e outros, grossos, de vário feitio e continúa: “Aos últimos foi dado pelo vulgo o nome “Timbó-guaçú”, por causa do seu tamanho e àqueles o nome “Timbó de cono” (pelos Brasilienses e “Barbasco” pelos portugueses, assim na 2ª ed.), porque fornecem (material) aos cesteiros para trançar cestas, e de cortume depois de contuso para curtidores e estopa aos carpinteiros navais. Aos pescadores serve não só para tingir e preservar as rêdes, e sim também para pescar usam da substância interna e externa. Tendo-as esmagado á margem dos rios – como presenciei muitas vezes – infestam as águas com uma côr preta e venenosa, donde os peixes não só vêm a morrer logo, como também se precipitam nas rêdes em curso vertiginoso e como embriagados. Faz mal também ao gado, se beber desta água”. (Este trecho é inspirado por LAET (43)).

Na 2ª ed. acrescenta que muitos afirmaram terem bebido muitas vezes dessa água infestada do suco venenoso sem dano.

NOTA: PISO acreditou serem destituídas de fôlhas todos os cipós, porque não apresenta característico algum específico. Cremos, entretanto, ser a espécie supra a mais usada para tinguir peixes, pelomotivo que sé ela se encontra com abundância nas margens dos rios no Nordeste. As outras espécies, como Serjania leptocarpa Radlk., caracasana (Jacq.)Willd, connata Radlk. etc., não são ribeirinhas e nascem nas capoeiras.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 3110.

Talisia esculenta (St. Hil.) Radlk., Sitzb. B. Akad.8:345.1878.

N.v.: Pitoma (M), Nhua (M).

N.v.m.: “Pitombeira”.

Lit.: M:100 (Nhua Brasiliensibus). L.3, Cap.4.

M:125 (Pitoma Brasiliensibus). L.3, Cap.15.

MARCGRAVE descreve duas árvores com os nomes supra, que porém, ao nosso vêr, são idênticas, porque a descrição é muito semelhante. Mas, enquanto a “Pitoma” é descrita minuciosamente, “Nhua” é tratada profuntôriamente, tanto assim que nem sequer há uma alusão ás flores. Damos, em seguida a tradução da “Pitoma”, ficando entre parênteses as discrepâncias notadas em “Nhua”.

A “Pitoma” dos Brasilienses é uma árvore grande e ramosa, com casca grisalha, não dissemelhante à nossa “Aveleira”. (Dividida na parte superior em muitos ramos torcidos e nodosos).

Traz fôlhas de tamanho desigual, algumas três, quatro, cinco, outras seis, sete ou oito dedos de comprimento, apegadas a pecíolos curtos, que se opõem sempre duas a duas, como aliás

também os ramúsculos (isto é os pecíolos parciais) nos ramos maiores; e são oblongas, acuminadas na ponta, da forma de orelha de jumento, em cima verde-claras, como nas folhas do “Cajazeiro”, em baixo um pouco pálidas e com nervura longitudinal e veias correndo obliquamente, sem ordem, sendo algumas opostas uma á outra, outras pelo contrário. (Há dois ou três pares de folhas e um quinto ou sétimo isolado). Na própria axila das folhas nascem ainda dois ramúsculos opostos ou também um só, com três, quatro ou cinco dedos de comprimento, recobertos totalmente com numerosos flósculos em forma de espiga, sendo cada flósculo sentado sobre seu respectivo pedicelo que é curto, pequenino e partido em quatro crêmulos, de cujo centro apontam nove estames (isto é, oito e o pistilo) de meio dedo de comprido e delgado como um fio de sêda, eretos e com ápice fino. o pedicelo da flor é de côr amarela e a flor á da mesma côr misturada com um pouco de encarnado, os estames têm côr de açafão e seus ápices encarnados. Cada espiga nos lembra mal a escova de padeiro, com a qual costumam limpar suas massas e espanar a farinha. Produz frutos cada qual apegado ao seu pedicelo, de forma elíptica e com um saliência umbilical em forma de ponto, sento externamente de côr amarelo-escuro, com casca carnosa, de consistência sólida, embora frágil, com grossura maior que a casca da castanha; debaixo desca casca esconde-se exígua polpa esbranquiçada, da consistência do caramelo no prato, de sabor ácido agradável e astringente, que se separa espontâneamente da casca quebrada e se come. (Fruto do tamanho de uma bolinha de brincar, redondo, esbranquiçado, apegado a um pedicelo curto, com cutícula pálida, carne branca, de gosto um tanto amargo, tendo por dentro um caroço duro, oblongo, fusco, cái quando maduro, colhe-se e come-se). Encerra, enfim, no meio dêle uma amêndoa, do tamanho de uma castanha, de forma elíptica, coberto com um tegumento amarelado; êle mesmo porém é de côr encarnada, e a substância é albicante e divide-se fácilmente em duas metades iguais, não é comestível, porque tem sabor amargo e astringente”.

PISO nada descreve sôbre esta árvore.

NOTA: A “Pitombeira” é freqüente no Nordeste. O arilo do fruto é comestível, porém, forma uma camada muito delgada e solta-se com dificuldade da semente que é rôxa.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 206.

-----

### Família VITACEAE

Cissus erosa L.C. Rich., Act. Soc. H. Nat. Paris 1106.1792.

N.v.m.: “Coral”, “Cipó de fogo”.

Lit.: M:8 (Planta caule lento). L.1, Cap.6.

MARCGRAVE escreve: “É uma planta de caule flexuoso, anguloso, rúivo, reptante que tem, na distância de três ou quatro dedos num pecíolo de um dedo de comprimento, sempre três folhas juntas, de cinco ou seis dedos de comprimento, serreadas no contôrno, verde-claras e providas de uma nervura e veias oblínquas e conspícuas. Junto do pecíolo das folhas surge outro pedúnculo rúivo, de seis ou sete dedos de comprimento, que tem uma umbela á maneira do “sabugueiro”, com flores pequeninas, que são completamente apétalas; todas elas de côr sanguínea elegante, tendo cada uma a forma de um rópaló, que os leprosos mendicantes usam”.

NOTA: Este cipó encontra-se nos campos do Nordeste, em cima da vegetação arbustiva, ou escandente. A inflorescência tem côr de coral, donde o nome vulgar da planta.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 2528.

-----

## Família TILIACEAE

Apeiba tibourbou Aubl., Pl. Gui. 1:538.1775.

N.v: Apeiba (M).

N.v.m.: "Pau de Jangada".

Lit.: M:123 (*Apeiba dicta Brasiliensibus*). L.3, Cap.14, Fig.124.

MARCGRAVE escreve o seguinte: "A "Apeiba" dos Brasilienses é uma árvore espraçada, dividida em muitos ramos e com casca cinzenta. Tem folhas reunidas quase em frondes, compridas, levemente serreadas no contorno, verde-saturadas em cima e mais pálidas em baixo, e revestidas por uma espécie de lanugem densa. Traz flores estreladas, amareladas, constantes de cinco pétalas amarelas e cinco outras (isto é as sépalas) verde-amarelas, de cheiro muito suave. Produz um fruto do tamanho de um pomo, mais ou menos, orbicular, comprimido, hispido externamente á maneira da "esponja do mar" ("ouriço do mar") e viloso, de um fusco-mucoso que, sendo maduro, se abre espontaneamente em três partes, encerrando internamente um glóbulo do tamanho dum figo sêco, formado pelas sementes conglomeradas que são pardo-escuras, do tamanho da semente de "mostarda", porém, um tanto comprimidas.

O fruto não tem uso entre os habitantes. A madeira usam para "cinchas", isto é bóias de rede de pescar e para "jangadas" (balsas), que os habitantes usam para passar os rios e também no mar".

NOTA: AUBLET (10) refere-se á planta de MARCGRAVE com o nome supra, porém LINEU (74) e SCHUMANN (31) pensam ser a Sloanea dentata.

O "Pau de jangada" tem ainda hoje os mesmos usos, isto é, serve para bóias e para jangadas.

A árvore é freqüente nas matas do interior do Nordeste. O fruto desenhado por MARCGRAVE é exato.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 3680.

Triumfetta semitriloba Jacq., Enum, Pl. Carib. 22.1760.

N.v.m.: "Carrapixo".

Lit.: M:80 (*Frutex ligno albo*). L.2, Cap.15.

MARCGRAVE tem o seguinte: "É um frútice com lenho branco e meduloso, tem folhas acuminadas, largas, serreadas e hírsutas ao todo, em baixo mais verdes e enegrecidas, em cima. Traz ouriços ou antes glóbulos aculeados, do tamanho de ervilhas das maiores, fuscos, colocados em verticilos ao redor dos ramúsculos, dez, doze, quinze, mais ou menos, juntos. Êstes glóbulos são muito molestos aos viajantes porque, presentes por toda a parte nos matos e nos caminhos, se apegam ao contato, aos centos nos cabelos e vestidos e, da mesma forma, à juba e cauda dos cavalos".

NOTA: AUBLET (10) não reconheceu a planta marcgraviana e identifica-a como Triumfetta lappula, item LINEU (74).

A espécie supra é a mais abundante no Nordeste, e também corresponde melhor à descrição de MARCGRAVE. As folhas mais antigas, da base, são trilobadas, e as mais novas, das extremidades dos ramos, são inteiras, havendo porém todas as formas de transição.

**Material ex.: Pernambuco – Recife – Pickel, 3446, Tapera – Pickel, 2727, 3639, 3977.**

-----

## Família MALVACEAE

Gossypium brasiliense Macfad., Pl. Jamaic. 1:72.1837.

N.v.: Aminiiu (M e P.2), Algodaon (M).

N.v.m.: “Algodoeiro-inteiro”, “A. Crioulo”, “A. Brasileiro”, “A. Rim de boi”.

Lit.: M:59 (Aminiiu Brasiliensibus). L.2, Cap.2.

P.2:186 (Aminiiu est frutex). L.4, Cap.34, Fig. 186.

MARCGRAVE escreve sobre o “Algodoeiro”: “O “Aminiiu” dos Brasilienses, o “algodon” e o frúctice “algodão” dos portugueses é um Gossypium. Cresce até a altura de uma “Aveleira”, tem lenho mole e casca quase como o “Sabugueiro”. As folhas são tenras e moles, em cima verde-desmaiadas, em baixo de um verde mais carregado, partida em três folíolos profundamente serreadas e pontudas. semelhantes aos folíolos que envolvem as avelãs verdes, saí uma flor elegante, maior que uma rosa, constante de três pétalas largas, de um amarelo elegante, com unhas purpúreas no meio interiormente e, no centro, um estame provido de tubérculos da mesca côr. Depois da flor segue um corpo oval, do tamanho de uma ameixa, agudo numa das extremidades em forma de cone e provido de três linhas, separável em outras tantas partes; é verde e guarnecido com pontos negros disseminados pela superfície externa. Maduro é fusco e abre espontaneamente em três partes, saindo de cada uma das três cápsulas algodão alvíssimo, encerrando cada floco um conjunto de sete frutos negros (sic!) (isto é, sementes) do tamanho das pistáceas e quase da mesma forma, tendo debaixo do tegumento negro o albumen constante de carne branco-amarelada e gorda á maneira da amêndoa, de sabor doce. Por esta semente a planta se propaga”. À pág.103 fala ainda do “Capulho” (Pyrus cotoneus).

LAET acrescenta, ter plantado as tais sementes, e cada uma das sementes era muito menor do que MARCGRAVE afirmára, entretanto, as sete sementes, aglomeradas como são, não excedem muito o carço de um pistácea. LAET dá em seguida, a descrição de XIMENES.

PISO transcreve e adata, na 2ª ed., o texto de MARCGRAVE, apresenta uma estampa e relata o emprego medicinal do “Algodoeiro”, na colônia batava do Brasil.

IND. TERAP.: As sementes e os olhos das folhas são empregadas contra as diarréas sanguinolentas. A mucilagem os habitantes usam nas febres, nas doenças do peito e contra os tóxicos que chegam ao estômago e intestinos. Segundo XIMENES, os brôtos pilados e tomados em infusão curam as picadas dos escorpiões, as moderduras das víboras e de outros animais peçonhentos. O caule reduzido a pó sára as feridas.

NOTA: LINEU (74) pensa tratar-se do Gossypium herbaceum e GUERKE (31) abstem-se de relacionar a planta margraviana e a espécie supra mencionada que êle coloca entre os sinônimos do Gossypium religiosum L.; é porém segundo PIO CORRÊA (22) antes uma variedade do Gossypium barbadense L., caso não se prefira conserva-lo como espécie própria. A estampa dada por PISO é, segundo SAFFORD, a gravura de Gossypium arboreum, espécie do Velho Mundo.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 4155, Tapera – Pickel, 4225.

Hibiscus abelmoschus L., Sp.Pl.980.1753.\*

N.v.: Quigombode cheiro (sic!) (P.2).

N.v.m.: “Quigombó de cheiro”, “Quiabo de cheiro”, “Ambreta”, “Malva-algodão”.

Lit.: M:45 (Acacea hirsuta). L.1, Cap.21, Fig.45.

P.2:210 (Sequitur prima nobilior species). L.4, Cap.45, Fig.210, segunda.

MARCGRAVE escreve: “A Alcaea hirsuta, de flor amarela e semente almiscarada corresponde, em parte, á Alcaea aegyptiaca de C. CLUSUIUS que é a Bamia aegyptiaca de ALPINUS e são espécies congêneres. Plantando a semente surge primeiramente duas fôlinhas, semelhantes às da Nummularia, depois, provém um caule roliço, verde de um lado, ruivo do outro, hirsuto, com dois pés mais ou menos de altura e da grossura de uma pena de ganso. Nascem alternamente sobre pecíolos de quatro, cinco ou seis dedos de comprimento, hirsutos, verdes num lado e ruivos no outro, folhas circulares, quinquangulares, serreadas nos bordos, hirsutos e um pouco rugosas, algumas também triangulares, de dois dedos de comprimento e outro tanto de largura e também menores, providas de cinco nervuras longitudinais, partindo do centro, onde se insere o pecíolo, as quais são rúivas na base e variamente entremeiadas com muitas veias. Junto dos

---

\* Chamada agora: Abelmoschus moschatus (L.) Medic.

pecíolos nasce um ou outro pedicelo mais curto, com folhas menores e nele surge uma flor, de dois dedos de comprimento, sem cheiro, de tamanho e forma quase da do algodoeiro, elegante, formada de cinco pétalas, com um dedo e meio de comprimento, amarelo-claras, providas de veias amarelas conspícuas longitudinais, e as unhas internamente com côr vermelho-parda viva, como também externamente, onde se inserem sôbre o pedicelo. No centro da flor há um estame ereto, de um dedo e meio de comprimento, amarelo que no tôpo tem cinco pregos inseridos com suas pontas de côr parda ou purpúrea. As flores abrem dus ou três horas antes do meio-dia e logo depois do meio-dia enrugam e caém. Depois da flor vem um corpo pentagonal e cônico, de dois dedos e meio de comprimento, pungente e dividido internamente em cinco lojas, havendo em cada uma delas doze, treze, quatorze grãos de sementes, que ficam em série e aderem levemente, de sorte que numa cápsula se encontram setenta ou mais sementes. A semente tem forma de crescente ou rim de ovelha, é grisalha por fora e como que estriada de leve, tendo interiormente uma substância branca com cheiro fragrantíssimo semelhante ao “Almiscar”, se fôr mastigada. A raiz é comprida, branca, flexível, dividida em muitos ramos e radículas, de maneira que no comprimento iguála a planta, radicando profundamente na terra. Morre todos os anos. As “esperanças” menores gostam devorar-lhe as folhas. Cultiva-se nos jardins. Semeia-a em 6 de abril e floresceu em fins de agosto, produzindo semente copiosamente em setembro”.

Na 2ª ed. PISO chama a planta de *Alcea muscata* e, na sua descrição, adata o texto de MARCGRAVE, deixando fora alguns característicos essenciais. Diz que os portugueses chamam a planta “Quingombo de chero” (=cheiro) e que foi importada da África. Segundo PISO, os usos são os seguinte:

USOS: Os homens que negociam em comésticos, aproveitam a semente para falsificarem o almiscar genuíno.

IND. TERAP.: A erva é usada na medicina em fomentos e clistares, como sucedâneo da “Malva”, porque tem qualidades semelhantes.

NOTA: Segundo LINEU (74) e AUBLET (10) a planta marcgraviana é a planta supra, originária da Índia, BAUHIN (74), porém, como também TOURNEFORT, SLOANE e MERIAN a encontraram também na América, porém, a planta descrita por LINEU tem folhas com sete lobos e a de MARCGRAVE apenas cinco, GUERKE (31) e CAMINHOÁ (18) relacionam a espécie supra também com a planta de MARCGRAVE.

Não a encontramos em Pernambuco, apesar de tê-la procurado.

*Hibiscus esculentus* L., Sp.Pl.980.1753.

N.v.: Quingombo (M), Quillobo (M e P.2), Quigómbó (P.2).

N.v.m.: “Quiabeiro”.

Lit.: M:31 (Quingombo Lusitanis). L.1, Cap.14, Fig.31, primeira.

P.2:211 (Secunda Quingombo, in text.). L.4, Cap.45, Fig.211, primeira.

MARCGRAVE descreve o “Quiabeiro” como segue: “Quingombo” dos portugueses e “Quillobo” dos (Negros) do Congo e da Angola: Surge á altura de dois três pés, tem caule grosso, roliço, nodoso aqui e acolá e ruivo; em vários lugares produz pecíolos alternos, de seis ou sete dedos de comprimento, em parte ruivos, em parte verdes, sustentando cada qual uma folha lobada, com cinco lacínias e serreada em todo o contôrno, de tamanho semelhante quase a uma folha de “figueira”, em cima verde-escuras e, em baixo, de côr verde-diluida, tendo alí uma nervura ruiva e veias verdes. Na parte superior do caule nascem sôbre pedicelos curtos e grossos três ou quatro flores grandes, constantes de cinco pétalas, maiores que as da rosa, de côr sulfúrea e com unhas pardo-purpúreas que aparecem interna – e externamente. No meio há um estame grosso e sulfúreo, com ápices amarelos e a extremidade purpúrea. O fruto é um pericarpo (sic!), de três dedos de comprimento, piramidal e com nove quinas, verde no princípio e fusco na maturidade, constando de carne branca e um tanto glutinosa, casca grossa como na laranja, dividido internamente em oito lóculos compridos. Em cada lóculo há uma fileira dupla de sementes redondas, do tamanho da do canhamo, ficando preso cada grão ao seu funículo. Êsse pericarpo tem cheiro de vagens quando verde e sabor um tanto doce; cozinha-se inteiro em água e come-se cozido em azeite, vinagre e pimenta; quanto mais imaturo, tanto melhor cozinha. A raiz é branca, não muito volumosa, e tem muitas fibras radiculares, é flexuosa, porém, sem sabor particular”.

PISO transcreve, na 2ª ed., o trecho de MARCGRAVE e afirma ter sido importada esta planta da África, embora pareça nativa. Não é, porém, metucioso em copiar o texto, saltando algumas particularidades, que, entretanto, não podia omitir, por serem essenciais. Falando do emprego do fruto, diz que fica doce quando amadurece, pelo que se deve colher e cozinhar quando



imaturu. (Essa advertência mostra que PISO não conhecia o “quiabo”, pois, êste fruto fica lenhoso quando passado).

NOTA: GUERKE (31) cita MARCGRAVE, como também AUBLET (10) e LINEU (74).

Hibiscus furcellatus Desr. ex Lam., Encycl. 3:359.1787.

N.v.: Malvaisco (P.2), Malva (P.2), Althasa (P.2).

N.v.m.: “Algodão bravo”.

Lit.: M:47 (Planta haec). L.1, Cap.22, Fig.47.

P.22:222 (Prior). L.4, Cap.50, Fig.222.

MARCGRAVE tem o seguinte: “Esta planta cresce até nove e, não raramente, á altura de dez pés, com forma de arbustinho elegante, caule reto, da grossura de um polegar, na parte inferior desprovido de ramos, na parte superior, porém, dividido em ramos, nos quais traz fôlhas dispostas como na “Malva”, em pecíolos compridos, graúdas, hirsutas em toda a superfície, albicantes no lado inferior, serreadas nos bordos e glutinosas ao tato, como toda a planta. De cabecinhas hirsutas, nas extremidades dos ramos, nascem á maneira de Alcea flores de um encarnado vivo, constantes de cinco pétalas também glutinosas, em cujo meio se ergue um estame repleto de muitos estamínulos á guisa de ramos, de côr amarela. Produz semente negra, brilhante, oblonga, quase triangular e do tamanho de um grão de trigo sarraceno”.

PISO copia na 2ª ed. o texto de MARCGRAVE, chamado a planta de Altheca ou “Malvaisco”, e diz que as fôlhas e flores se usam em medicina como a anterior ou a “Malva”.

NOTA: Encontra-se esta planta nos baixios do litoral. As cápsulas não produzem algodão, como podia insinuar o nome vulgar.

Material ex.: Pernambuco – Prazeres – Pickel, 3768.

Hibiscus sabdariffa L., Sp. Pl. 695.1753.

N.v.: Malvaisco (P.2).

N.v.m.: “Azêdas”, “Carurú azêda”, “Rosela”, “Vinagreira”, “Grosselha.”

Lit.: M:13 (Altheae species). L.1, Cap.8.

P.2:222 (Altera Althaca, in text.). L.4, Cap.50.

MARCGRAVE descreve esta planta minuciosamente. “É uma espécie de Altheca. O caule é reto, roliço, avermelhado num dos lados, e eleva-se á altura de dois a três pés, tendo muitos ramos, expandidos alternadamente, fôlhas isoladas sentadas em pecíolos de três a quatro dedos de comprimento, dissectas em três ou cinco lacínias e grosseiramente serreadas no contôrno, com nervuras e veias avermelhadas, verde saturadas em cima e encanecidas em baixo, hirsutas e moles ao tato. Junto ao caule, perto da base das fôlhas, na ponta do caule, e nas extremidades dos ramos nasce uma flor de uma bela côr encarnada, constando de cinco pétalas e um estame curvo no meio. Á flor segue a semente, isto é, tantas (peças) triangulares, hispidas da cápsula grisalha, aderentes e juxtapostas em roda, quantos a flor teve pétalas. Nelas encerra-se a semente que é triangular, subredonda, da forma de crescente, grisalha e do tamanho de um grão de trigo”.

PISO transcreve na 2ª ed. o texto de MARCGRAVE, alterando porém, sem nenhum motivo, o número de lacínias das fôlhas, (êle diz que tem três a quatro lacínias).

IND. TERAP.: Segundo PISO, a planta é refrigerante e emoliente, usada em clisteres e fomentos.

NOTA: A planta é tida ainda hoje em muita estima, especialmente no Maranhão onde serve para condimento em vinagre; e no resto do Brasil o cálice é usada para chá, doce, etc. (73).

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 784.

Sida linifolia Cav., Diss.1:14.1790.

N.v.m.: “Relógio”.

Lit.: M:43 (Planta haec). L.1, Cap.20, Fig.43.

MARCGRAVE escreve: “Esta planta eleva-se á altura de quatro ou cinco pés, tem caule roliço, lenhoso, levemente piloso que, em cima, se ramifica em muitos galhos fastigados. No caule, porém, e nos ramos são inseridas isoladamente fôlhas estreitas, apegadas a pecíolos curtos, de quatro ou cinco dedos de comprimento, semelhantes ás fôlhas do “sabugueiro” e pilosas; são de

tamanho desigual, pois, na extremidade da planta, são estreitíssimas e pequeninas. Traz fôlhas de tamanho das flores de Lychnis, de côr branca, constantes de cinco pétalas com unhas purpúreas no meio, e com estamínulos amarelos. A sua raiz é pouco comprida, porém, possui muitas ramificações, que se estendem lateralmente, e também fibras radiculares”.

NOTA: Esta planta, muito comum em todo o Brasil, não atinge comumente as dimensões dadas pelo nosso autor, mas é, sem dúvida, a que descreve.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 311.

Sida rhombifolia L., Sp. P1.684.1753.

N.v.: Camara-miri (P.1 e P.2), Basoura (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Relógio”, “Vassoura”, “Vassourinha”.

Lit.: P.1:87 (Quarta denique). L.4, Cap.45.

P.1:110 (Nihil vulgaris). L.4, Cap.80.

P.2:177 (Quarta denique). L.4, Cap.30.

P.2:246 (Nihil vulgaris). L.4, Cap.59.

Entre as “Camaras” PISO cita uma planta que denomina “Camara-miri”, que absolutamente não é uma espécie de Lantana, como as três outras. Pela descrição deve tratar-se da espécie supra, embora, por equívoco, PISO a tenha denominado de “Camará”.

A descrição que PISO apresenta é a seguinte: “Pode acrescentar-se às precedentes uma quarta planta, chamada “Camara-miri” que tem um côvado de altura, caule delgado e lenhoso, com uma única flor exígua, de côr amarela, a qual (o que é de admirar) se abre a qualquer época do ano às onze horas do dia ficando aberta até as duas horas da tarde, e então, todas de uma vez fecham à mesma hora até o dia seguinte. Isto é um fato verídico e, sendo cousa pouco comum de ser ver, constitui excelente passatempo para os viajantes”.

Referindo-se à mesma planta à pág.110, chama-a de “Basoura” e escreve sobre o uso: “Nada mais comum se vê crescer por toda parte nos desvios do que a “Basoura”, com a qual os negros costumam varrer as casas dos seus amos”.

Na 2ª ed. PISO acrescenta: “Viajando pelo sertão supria-me, em parte, a falta de relógio. Não é, porém, destituída das qualidades apontadas para as “Camaras” precedentes (Lantana), embora seja tida como de inferior qualidade”.

NOTA: Esta erva lenhosa é usada ainda nos dias de hoje para o mesmo fim como nos tempos de antanho, motivo porque VELLOSO (89) a descreve com o nome de Sida scoparia.

O povo dá a esta planta, além do nome de “Vassoura”, também o de “Relógio” devido a propriedade abrir e fechar as flores à hora certa. Tratando-se de uma Sida, claro está que não serve aos mesmos fins terapêuticos como as Lantana, como PISO afirma.

Material ex.: Tapera – Pickel, 766, 846, 2349, 2402.

-----

#### ADENDA:

MARCGRAVE cita ainda, como existente no Brasil, o Abutilon avicennae de BURMANN, que êle chama “Malva” (M:32), e seria, segundo LINEU a planta Sida abutilon L. GAERTNER (29) reabilitou o nome dado por BURMANN e relegou o nome de LINEU à sinonímia. Não consta porém que essa planta se encontre no Brasil. A planta marcgraviana deve ser outra, talvez uma Sida ou Pavonia (= Sida cordifolia L.?).

-----

## Família BOMBACACEAE

Ceiba erianthos (Cav.) K. Schum. Fl.Bras. 12 (3):211.1886.

N.v.: Saamouna (P.2), Zamouna (P.1).

N.v.m.: "Barriguda".

Lit.: P.1:81 (De Zamouna, ejusque facultatibus). L.4, Cap.35, Fig.81, primeira.

P.2:175 (Si quae adspectu mirabilis). L.4, Cap.29, Fig.175, primeira.

PISO narra desta árvore o seguinte: "Da "Zamouna" e suas qualidades. Se há algo de admirável á vista, certamente é esta árvore altaneira, a "Zamouna" encontradiça nos mesmos lugares que a "Cabireiba". Ela é de grossura ordinária na parte superior e inferior do tronco, porém, no meio é duas vezes mais grossa que uma ânfora (na versão da 2ª ed.), sendo tão entumecida que deixa o viajante estupefato. Todo o tronco tem por dentro uma massa branca, medulosa e inteiramente suberosa: por fora é de côr cinzenta, guarnecida de fortes e horrendos acúleos desde o pé até ao vértice. Seus ramos grossos revestem-se de fôlhas quinquefolioladas acuminadas e oblongas".

Na 2ª ed. PISO é um pouco explícito, completando as informações supra, onde diz que os folíolos são serreados e que a árvore traz cápsulas oblongas, encerrando ervilhas vermelhas. A estampada 1ª ed. mostra de fato folíolos serreados, porém, a da 2ª ed., que é completamente diversa, tem folíolos crenados.

Essas estampas poderiam induzir em erro, dando a crer se tratasse de Ceiba pentandra (L.) Gaertn, que tem folíolos serreados no ápice, porém, o tronco não é tão intumecido a ponto de chamar atenção, embora tenha também acúleos. Exclue-se também a "Barriguda do sertão" (Cavanillesia arborea (Willd.) Schum., porque nela as fôlhas são simples e a semente não é redonda. Entretanto, pode ser que todavia PISO tenha confundido as três, pois, a sua estupefação seria explicável tratando-se de Cavanillesia.

IND. TERAP.: Segundo PISO, os acúleos verdes e ralados ou contusos dão um suco empregado como excelente colírio, no tratamento da inflamação dos olhos. PISO afirma mesmo, que o suco aguça a vista e tonifica-a.

NOTA: Esta "Barriguda" é encontrada de preferência no Interior do Nordeste. O aspeto da árvore é de fato atraente, não só por causa do seu tronco ventricoso como também pelas suas flores brancas, com que se engalana durante a época sêca e depois de se ter despido das fôlhas.

LINEU (74) indentifica a planta pisoniana como Aesculus pavia.

Material ex.: Pernambuco – Garanhuns – Pickel, 2166.

-----

## Família STERCULIACEAE

Guazuma ulmifolia Lam., Encycl. 3:52.1787.

N.v.: Ibixuma (M, P.2), Motamba (M, P.2), Ubinhuma (M).

N.v.m.: "Mutamba".

Lit.: M:131 (Ibixuma Brasiliensibus). L.3, Cap.17, Fig.131, primeira.

P.2:163 (Inter varias plantas). L.4, Cap.24, Fig.162, primeira.

MARCGRAVE escreve: "A "Ibixuma" dos Brasilienses e a "Motamba" dos negros de Angola é uma árvore semelhante á nossa "cerejeira silvestre" e também tem quase as mesmas fôlhas, elegantemente serreadas nos bordos; e casca fusco-cinzenta. Junto a cada fôlha ou seja ao pé do seu pecíolo nasce um pedúnculo curto que traz flores pequenas, constantes de cinco pétalas amarelas, revolutadas, como se cinco conchas fossem afixadas, e no meio existem muitos estamínulos, e as flores são reunidas em umbelas. Produz fruto orbicular, do tamanho de uma bolinha de brincar, primeiramente verde e coberto em toda a superfície de tubérculos fuscus; cortado em estado ainda não maduro encerra uma matéria pegajosa como visgo, porém, maduro enegrece e fende-se espontâneamente em cinco partes iguais, incluindo sementes fuscas (abrigadas nas suas respectivas lojas) do tamanho da mostarda, forma globulosa quase oblonga. A casca desta árvore arrancada é glutinosa e serve, depois de se ter raspado a camada externa fusca, seja em estado crú,

seja sêco, como sucedâneo excelente do sabão e pode ser utilizado tranquilamente para tudo em que se emprega o sabão espanhol.

É muito preferível ao fruto “Sabaon” (*Sapindus saponaria* L.), pois, êste estraga os vestidos por causa de sua acrimônia e aquêle não é nocivo de forma alguma. Nasce por toda a parte do Brasil e sempre em grande abundância”.

PISO inclui na 2ª ed. também está árvore, adaptando o texto de MARCGRAVE.

NOTA: SCHUMANN (31) cita também esta planta marcgraviana. É uma árvore comum em todo o Brasil e muito abundante no Nordeste, sendo a casca tanífera usada para curtir peles.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 330.

-----

### Família DILLENIACEAE

*Curatella americana* L., Sp. Pl. 248.1753.

N.v.: Salimbe Iba (M), Caiueira brava (M).

N.v.m.: “Çaimbé” “Cajueiro bravo”, “Lixeira”.

Lit.: M:111 (*Saiimbe Iba Brasiliensibus dicta*). L.3, Cap.5.

Sôbre está árvore MARCGRAVE escreve: “A “Saiimbé Iba”, dos Brasilienses, e “Caiueira brava” dos Portugêses. É uma árvore quase como a “Acajûiba”, com fôlhas também semelhantes à daquela, porém, mais duras ao tacto, rugosas e hispídas, aliás dispostas semelhantemente. Traz flores arrumadas quase em umbelas, e em grande número, pequenas e sem cheiro. Floresce em março, porém, não produz fruto”.

NOTA: O “Cajueiro bravo” é uma árvore do litoral. Suas fôlhas são usadas quando sêcas como lixa e a casca da árvore como matéria prima para o curtimento de peles.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 594.

*Tetracera breyniana* Schlttd., Linnaea 8:174.1833.

N.v.: Icipó (M).

N.v.m.: “Cipó vermelho”.

Lit.: M:14 (*Icipó Brasiliensibus*). L.1, Cap.8, Fig.14, primeira.

Escreve MARCGRAVE: “O “Icipó” dos Brasilienses, de que há muitas espécies, trepa enrolando-se nas árvores. O seu lenho é flexível, semelhante ao do “Salgueiro”, a casca cinzenta e as fôlhas verde-claras, inseridas alternadamente nos ramúsculos e providas de nervuras conspícuas e transversais, de quatro dedos de comprimento e acuminadas. Nas extremidades dos raminhos progerminam muitas flores que constam de cinco pétalas brancas, recurvadas, que no meio possuem muitos estamínulos de côr amarela e têm cheiro suave. Depois das flores vem os frutos”.

Em seguida há uma anotação, onde se compara esta planta com a “Aparagua” de XIMENES, porém, com reserva e deixando-o em dúvida.

NOTA: EICHLER (31) cita MARCGRAVE dizendo que é a planta marcgraviana.

A nossa planta é abundante no litoral arenoso de Pernambuco, onde forma muitas largas, densas e baixas, porém, ali não trepa devido á falta de arrimo.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 622.

-----

## Família OCHNACEAE

Ouratea caudata Engl., Fl. Bras. 12 (2) : 313.1863.

N.v.: Jabotapita (M), labotapitá (P.2).

N.v.m.: "Jabotapita".

Lit.: M:101 (Jabotapita Brasiliensibus). L.3, Cap.5, Fig.101, primeira.

P.2:166 (labotapitá littoralibus). L.4, Cap.26, Fig.166.

MARCGRAVE tem o seguinte: "A "Jabotapita" dos Brasilienses é uma árvore de casca grisalha, desigual, madeira mole e flexível. Traz folhas algo semelhantes às da pereira, alternas, dísticas e verde-claras; em certos raminhos produz numerosas flores pequenas, arranjadas em racemos e inseridas em seu pedicelo, constante de cinco pétalas amarelas e um estamínulo grosso e amarelo, tendo as flores a forma das do "goivo" e cheiro mais suave do que estas.

O fruto também nasce em racemos, a saber, numa baga (i.e., o receptáculo) em cada pedicelo, do tamanho de um caroço de cereja, cônica mais ou menos ou quase triangular e, em cada baga, se inserem outras duas, três, quatro ou cinco, sem pedicelo, ovais, do mesmo tamanho que o da base, todas de cor preta como nossas "Airelas" (= mirtilio) que tingem da mesma maneira, porém, carecem de caroços e têm sabor astringente. Floresce em dezembro e princípios de janeiro, amadurecendo em março e abril.

Na 2ª ed. PISO fala também desta planta, porém, adota apenas o texto de MARCGRAVE apresentando nova estampa, também adaptada. No fim do texto acrescenta que dos frutos se pode extrair um azeite que se usa cotidianamente nas saladas. (Esta observação é de LAET (43) que diz servir para untar o corpo dos fracos). Ora, isso é um bluff, pois, os frutos de nada servem. PISO está equívocado, pensando tratar-se de azeitonas.

NOTA: O fruto deste arbusto é interessante, porquanto o receptáculo incha depois da fecundação simulando um fruto. Neste receptáculo assentam vários frutos, que se originam de um ovário polícarpo livre.

LINEU (74), como também AUBLET (10) identificam a planta marcgraviana como Ochna jabotapita.

Não consta ocorrer esta última espécie no Nordeste (Ochna jabotapita (SW.)Engl., aliás é espécie coletiva e incerta).

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 627.

Ouratea fieldingiana (Gardn.) Engl., Fl. Bras. 12(2):309.1876.

Lit.: M:61 (Frutex arborescens). L.2, Cap.2, Fig.61, primeira.

MARCGRAVE descreve esta planta como segue: "Há um frutice arborescente com casca grisalha e folhas alternas, dísticas, canaliculadas, com forma de uma canôa, denteadas perto do ápice, verde-claras, luzidas e providas de veias oblíquas elegantes.

Na ponta dos ramos provêm espigas de flores, sendo os botões dela de cor sanguínea elegante, ficando ao depois amarelos, pois, as flores ao desabrochar são amarelas, e constam de cinco pétalas, ficando debaixo de cada pétala uma folha acuminada pálida (i.e., as sépalas!) e, no meio da flor, os estames amarelos reunidos. A flor é de cheiro suave, como nosso "goivo", porém, maior que este".

NOTA: Esta árvoreta é abundante no litoral que atrai a atenção pelas suas folhas brilhantes e, na floração, pelos cachos grandes de flores amarelas.

Material ex.: Pernambuco – Prazeres – Pickel, 2455.

-----

## Família GUTTIFERAE

Caraipa fasciculata Camb., Mem. Mus. Paris, 16:416.1828.

N.v.: Camaçari (M).

N.v.m.: "Camaçari branco".

Lit.: M:102 (Camaçari Brasiliensibus). L.3, Cap.5.

Sobre esta árvore MARCGRAVE escreve: A planta chamada "Camaçari" pelos Brasilienses é uma árvore alta, porém, de tronco pouco grosso, quase sempre linheiro e com casca grisalha. Traz folhas alternas, compridas, não dissemelhantes às do "loureiro", verde-escuras em cima e luzidias e, em baixo, de um verde mais diluído. Da casca desta árvore quando entalhada goteja uma lágrima aquosa, muito pegajosa, um tanto arruivada, de nenhum cheiro particular. Usam-se contra os vermículos (i.e., os bichos) dos pés, em forma de linimento. A madeira da árvore é amarelada e dela fazem as caixas, em que se guarda o açúcar".

IND. TERAP.: PISO, referindo-se a esta árvore (P.1:38), onde trata do "Bicho de pé" recomenda a resina para combater essa pulga penetrante a que, segundo êle, os Brasilienses chamam "Tunga" e os "Portuguêses "Bicho"! (=Tunga penetrans L.).

Sobre os usos da resina PISO acrescenta ainda que substitue o pez na calafetagem dos navios.

NOTA: Em Pernambuco está árvore é abundante e há também uma localidade com o nome da árvore.

A resina é cáustica e produz pústulas na pele, por isso é que serve no combate da sarna e dos ectoparasitas supra.

Clusia nemorosa G.F.W. Meyer., Prim. Fl. Esseq. 203.1818.

N.v.: Coapoiba (M), Pao Gamelo (M).

Lit.: M:131 (Coapoiba Brasiliensibus). L.3, Cap.17, Fig.131, segunda.

MARCGRAVE escreve: "A Coapoiba dos Brasilienses e "Pao Gamelo" dos Portuguêses. Desta árvore encontram-se algumas espécies das quais – como anota LAET – MARCGRAVE escreve duas da maneira seguinte: "A primeira espécie (que é a Clusia nemorosa) cresce à altura e porte de uma "faia", tem casca cinzenta á qual é misturado um pouco de côr fusca, à maneira de um pano achamotado. Tem folhas sólidas, oblongas, verde-pálidas em baixo e mais escuras e resplandecentes em cima, com nervura longitudinal saliente, porém, quase sem veias transversais visíveis; quebrando o pecíolo da folha sai uma espécie de latex. Traz flores, cada uma no respetivo pedicelo e do tamanho de uma rosa, constante de pétalas branco-róseas, com unhas de um suave vermelho, com umbigo no meio, formado por uma esféra resinosa, amarela, do tamanho de uma ervilha. Aquela resina é clara como a terebintina, pegajosa e amarela, porém, de cheiro agradável.

A êste umbigo (que é o ovário da flor) rodeiam muitos estamínulos encarnados, estreitamente aderentes entre si. À flor segue o fruto, montado sobre uma cápsula como a glande (do carvalho) e cortado longitudinalmente quando ainda não maduro, encerra muitas fileiras de sementes, sendo estas do tamanho e forma das de uma maçã e dispostas transversalmente em fileiras longitudinais. Cada semente é coberta por um tegumento rubro e ainda envolvida noutro de côr vermelho vivo. A pôlpa do fruto á amarela e exsuda um latex amarelo de belo aspeto.

A madeira desta árvore quebra facilmente e a casca, embora grossa, separa-se do lenho espontâneamente, o qual encerra uma medula mole que se pode extrair facilmente, de modo que a madeira fica fistulosa".

(Até aqui a descrição de Clusia. A outra espécie, de que MARCGRAVE fala em seguida já foi estudada: é Ficus doliaria).

NOTA: Esta árvore é litorânea, e muito abundante. As flores são grandes como rosas e toda a planta exsuda um latex amarelo.

É interessante que, segundo a Fl.Br.(31), a Clusia burchellii Engl. se chame "Gameleira" no Maranhão.

AUBLET (10) pensa ser a planta marcgraviana a Clusia rosea.

Material ex.: Pernambuco – Prazeres – Pickel, 3129.

Moronobea coccinea Aubl., Pl. Gui. 2:789.1775.

N.v.: Ibacurapari (M).

N.v.m.: "Bacuri".

Lit.: M:114 (Ibacurapari Brasiliensibus) . L.3, Cap.9, Fig.114, segunda.

MARCGRAVE tem o seguinte: "O "Ibacurapari" dos Brasilienses, é uma árvore de porte mediano e casca grisalha. Traz fôlhas em densas frondes, de um a quatro dedos de comprimento, verde-claras, não dissemelhantes das do "pessegueiro", com nervura longitudinal e veias transversais em ordem. Em cada ponta nasce um umbela, às vêzes expandida em quatro braços á maneira de um rombo e cada braço nõvamente em muitos pedicelos, havendo um cada uma delas uma flor com cálice (i.e., a corola) branco, de um dedo de comprimento (i.e. pistilo) dividido em cima em êstrela quinquangular, de cõr azul-purpúreo-escura, sem cheiro. Segue um fruto do tamanho de uma ameixa equina e forma de rim de ovelha, glabro na superfície e amarelo, tendo internamente polpa amarela de cheiro como sabão hespanhol. "A polpa envolve dois caroços de forma elítica, comprimidos e duros. O fruto não se come. Em 1642 floresceu e deu frutos em 21 de fevereiro".

NOTA: MARCGRAVE não diz infelizmente, onde encontrou a árvore, porém, é provável que a viu no Maranhão. A "ameixa equina" é um fruto aumentado devido ao ataque de Taphrina sp.

Platonia insignis Mart., Nov. Gen. & Sp. 3:169.1829-1832.

N.v.: Ibacuri-pari (M).

N.v.m.: "Bacuri"

Lit.: M:119 (Aliam species inveni). L.3, Cap.11.

Desta fruteira MARCGRAVE escreve: "Outra espécie encontrei perto da enseada de Aguapetida, no mês de março de 1640. A árvore era de casca grisalha ou fusca, projetando os ramos em direção reta, alternos, tendo fôlhas em ramúsculos opostos (i.e., pecíolos!), duras ao tato e membranosas, com nervura longitudinal e veias oblíquas, compridas, sólidas, de alguma maneira semelhantes às do "Araticú-ponhe". O fruto maduro á amarelo, redondo, do tamanho de uma maçã, e pericarpo da grossura quase do de uma laranja, que se deixa separar fãcilmente quando cortada e encerra duas ou três castanhas ovais, grandes, achatadas do lado, onde se encostam umas às outras. Envolve-se pouca poupa branca (i.e. e arilo!) de sabor acre e um pouco amargo que se come. A castanha não se come. A árvore incisa deixa escorrer um latex amarelo".

NOTA: É árvore amazônica, porém, cresce até o Ceará, sendo cultivada em todo o Nordeste.

Material ex.: Maranhão – Chapada – José da Costa Braga (Areias 430).

Rheedia macrophylla (Mart.) Planch. et Tr., Ann. Sc. Nat. Sér. 4.14:309.1860.

N.v.: Ibacuru-pari (M).

N.v.m.: "Bacupari" "Bacuripari".

Lit.: M:119 (Ibacuru-pari Brasiliensibus). L.3, Cap.11.

MARCGRAVE descreve este fruteira como segue: "O "Ibacuru-pari" dos Brasilienses é uma árvore que tem as fôlhas em densas frondes, de um pé de comprimento, dois dedos e meio de largura no lugar mais largo, da forma de língua, mais agudas junto ao pedicelo que no ápice e semelhantes na forma às fôlhas do "genipapeiro", flor. O fruto dêle corresponde em tamanho à uma laranja, porém, na forma é semelhante a um melão ou abobora pequena, pois, é redondo e um pouco comprido e quase estriado, tendo tantas estrias ou cavidades quantas castanhas encerra, a saber, quatro, cinco, seis, sete que são do tamanho de nossas castanhas, pois, o pericarpo que é verde por fora divide-se interiormente em outros tantos lóculos. Cada castanha tem um tegumento frágil, de cõr isabela ou amarelada e brilhante e o albumen alvíssimo é comível".

NOTA: Esta árvore ocorre em todo o Nordeste. As sementes abortam, ficando apenas três, duas ou uma só. O arilo da fruta é mais ácido do que o de Platonia, á qual MARCGRAVE atribue o mesmo nome.

Material ex.: Pernambuco – Vitória – Pickel 3595,3748.

Symphonia globulifera L. f., Suppl. 302.1781.

N.v.: Gonandima (M).

N.v.m.: “Anany”, “Canani”.

Lit.: M:106 (Gonandina Brasiliensibus). L.3, Cap.7.

MARCGRAVE escreve: “A “Gonandina” dos Brasilienses é uma árvore alta, grande, semelhante em parte, á Aucuparia sorbilis, com casca cinzenta e o tronco dividido em muitos ramos. O lenho incisado deixa extravasar um suco amarelo que flue espontâneamente e depois endurece de maneira que se torna quebradiço como pez, não tendo cheiro nem uso, ao que saiba, entre os indígenas. Preferindo esta árvore as ribanceiras dos rios, tem muitas raízes que, de várias maneiras e torsões, se espalham além da margem por cima das águas. Tem fôlhas opostas, estreitas, acuminadas, sólidas, lisas, verdes e luzidias. Traz muitas flores em umbelas que nascem como segue. Primeiramente originam-se os rudimentos da flor de côr purpúrea elegante, em seus respectivos pedicelos vermelho-escuros, de meio dedo ou mais de comprimento, havendo dezessete, dezoito ou vinte juntos em umbela, botões êstes que constam de sápalas plicadas, de forma mais ou menos igual e do tamanho das da ameixa silvestre, providas de cinco linhas elegantes, vermelho-escuras longitudinais.

Estes botões pouco depois desabrocham formando uma flor quinquepétala de côr rubra elegante, constante de cinco pétalas côncavas ou semilunares reclinadas; no meio está o estame rubro-escuro (i.e., o tubo estaminal!) da forma quase de um cravo, onde se vê ainda implantada no tôpo uma estrela pequena, rubra, quinquangular (i.e, o estigma)”.

NOTA: Nada mais MARCGRAVE diz desta árvore. É conhecida na Amazônia com o nome de “Anani”.

Nos igapós do alto Amazonas as raízes grotescas fingem troncos entrelaçados, e dificultam a passagem no terreno inundado. Nos mesmos lugares encontrei-a em Tapera, mas sem flores.

Vismia guianensis (Aubl.) Choisy, var. baccifera (L.) Reich., Fl. Bras. 12(1):204.1878.

N.v.: Caa-opia (M. P.2.), Caopia (P.1.), Pao de lacra (P.1. e P.2.).

N.v.m.: “Pau de lacre”.

Lit.: M:96 (Caa-opia Brasiliensibus) L.3, Cap.3, Fig.96, primeira.

P.1:60 (De Caopia arbore ejusque facultatibus) L.4, Cap.9, Fig.61.

P.2:124 (Caaopia). L.4, Cap.10, Fig.124.

Embora MARCGRAVE tenha fornecido a PISO a descrição desta planta, darei em seguida a tradução do capítulo escrito por êste último, porque completou-a. PISO escreve; “Da árvore “Caopia” e suas virtudes. Esta pequena e tenra arvoretta gutífera é chamada pelos Portugêses de “Pao de lacra”, porque de sua casca escorre uma espécie de goma ou guta viscosa. Nasce por toda e em qualquer terreno. Tem madeira flexível e casca cinzento-arruivada e divide-se em muitos ramos. Tem fôlhas sólidas, na parte inferior verde-arruivadas e ásperas e, na de cima, verde-claras e luzidias. Os rudimentos das flores reunidas em umbelas são glóbulos pardos, do tamanho de uma lentilha, (devia ser: ervilha) que no, decurso do tempo, deitam flores, constantes de cinco pétalas verde-amareladas por fóra e revestidas intèrnamente de um tomento branco e cheios de estamínulos subtís de côr amarela. Depois das flores vêm as bagas, primeiramente verdes, de tamanho de cerejas, globulosas que cortadas exsudam um suco de côr amarela bonita que sae do pericarpo mole que as envolve. Debaixo do pericarpo, porém, encerram um pôlpa branca formada únicamente por cilindros juxtapostas que entre si aderem.

Nas pontas dos ramos que sustentam os botões ou as flores há sempre duas folhinhas acuminadas, de côr castanha aplicadas uma contra a outra, como se fossem quase grudadas e lembram uma haste ou lança; arrancando-as deixam sair do peciolo um suco açafroado.

Estas árvores florescem principalmente nos meses de novembro e dezembro e as bagas são maduras em janeiro e fevereiro. Se se fizer uma inclusão na entrecasca da árvore, especiãlmente no início da floração, e esperando um ou dois dias, exsuda uma lágrima cróceo-vermelho, excelente, que coagula; a qual sendo mole no começo endurece depois. É semelhante, em côr e consistência, à Ghitaremi ou Guttagamba e tem efeito purgativo semelhante; tem côr um pouco mais amarelo-ruiva que aquela, quando seca por si, pois, quando mole é açafroada; tinge de amarelo ou côr de ouro um pouco carregada. Pode dissover-se da mesma forma em espírito de vinho e então dá tintura amarela. Fazem, às vêzes, grandes fogueiras junto às árvores, em virtudes de que a casca estala e deita maior quantidade de lágrimas que se juntam em massas e conservam para uso medicinal. Tentei isso pela primeira vêz e tive ótimo resultado, pois, os indígenas e os Portugêses afirmam que ninguém antes a usou em medicina.



IND. TERAP.: Segundo PISO, antigamente combatiam a empigem mediante esta resina dissolvida n'agua. Embora não ser de tanta eficácia como a Gutta camboides (na 2ª ed. Gutta-gamba) – diz êle- pode dar-se meia a uma dragma macerada durante a noite em vinagre de albarrã ou espírito de vinho, e então é um purgativo forte. Melhor seria, porém, diluir nêsse vinagre, misturar com um estimulante e reduzi-la a pílulas, porque a resina se dissolve difficilmente”..

Segundo MARCGRAVE é a goma que se chama goma-lacra (=goma lacre).

NOTA: LINEU (74) reconheceu nesta espécie a planta pisoniana quando descreveu o Hypericum bacciferum, ao passo que AUBLET (10) a descreve como Hypericum guianense, item MARTIUS (68), a identifica assim.

Esta arvoreta é muito comum no Nordeste. A descrição em sua singeleza é muito fiel e também as experiências de PISO são exatas, como se pode verificar facilmente.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 353.

-----

### Família BIXACEAE

Bixa orellana L., Sp.PI.512.1753.

N.v.: “Croco da terra” (P.1:28) “Urucu” (P.1:13), M.P.2).

N.v.m.: “Açafroeira” “Urucu”.

Lit.: M:61 (Urucu planta). L.2, Cap.3, Fig.61, segunda.

P.1:65 (De Urucu ejusque qualitibus). L.4, Cap.12.

P.2:133 (Locum inter aborescentes plantas). L.4, Cap.14, Fig.133.

Sendo o texto de ambos os nossos autores idêntico preferimos dar a versão de PISO porque não á apenas uma desenxabida descrição botânica. PISO escreve: “Cap.12. Do “Urucu” e suas qualidades. Ocupa o “Urucu” lugar entre as plantas arborescentes que, apesar de ser silvestre, foi já há muito cultivado pelos Brasilienses nas hortas e agora mesmo ainda a cultivam com muito empenho, para se enfeitar e pintar com o ninho contido nos folículos dos grãos ou para vendê-lo aos portugueses, fazendo dêle objeto de negócio. Esta planta, chamada “Urucu” na língua dêles, CLUSIUS pensa ser a Bixa americana de OVIEDO.

Tem fôlhas grandes e mucronadas, da forma de um coração, como se costuma pintar, alternadamente colocadas em pecíolos de dois, três, e as vêzes também cinco dedos de comprimento, tendo uma nervura longitudinal e veias obliquas, salientes no lado dorsal e verde-claras. Os caules são mais delgados que uma caneta, tem madeira branca e casca fusca à maneira da “aveleira”. Nas extremidades dos ramos nascem sômente pedicelos curtos muitas flores dispostas em forma de uva; cada flor é do tamanho de uma rosa (canina) constante de cinco pétalas branco-encarnado deslavadas. No meio de cada flor há um enorme número de estamínulos amarelos com ápices (i.e., as anteras!) purpúreos, quase sem cheiro perceptível. Depois da flor vem o fruto que é uma vagem com forma de um mirobalano oblongo ou piramidal redondo, de um e meio a dois dedos de comprimento, que é verde exteriormente quando imatura e ruiva depois de madura e completamente hispida graças às cerdas eriçadas que possui, porém, não aculeadas. Em cada vagem existem mais de trinta e, mesmo, quarenta grãos, cada qual preso ao seu funículo, tendo forma de cone agudo ou pêra pequenina, comprimida quase que com o dedo dos dois lados. A côr dos grãos é fortemente vermelha e resplandecente e são ensopados dêste suco de tal maneira que , contato, mancha a mão intensamente com côr vermelha-viva. Os grãos novos não são duros e, sim, como os caroços de maçã, tendo internamente carne esbranquiçada; por fora cada grão tem ainda um ponto prateado. A vagem madura abre espontâneamente; os grãos dessecados tornam-se vermelho-escuros, porém, não obstante encerram como antes a tinta e podem usar-se tanto novos como sêcos (emendado segundo MARCGRAVE); desmanchados simplesmente em água, comum ou destilada são uma soberba tinta vermelha. Os grãos colhem e reúnem-se em massa e com elas fazem pílulas e comprimidos duráveis por muitos anos e que se enviam a Europa sendo vendidas a retalho por toda a parte. Delas fazem medicamentos à maneira de coral e guardam-se para o uso”. Em seguida PISO e MARCGRAVE falam sôbre a utilidade do “Urucu”.

USOS: A massa de “Urucu” é , segundo MARCGRAVE, de bom paladar e aromática, porém, de gosto um pouco amargo. Come-se misturada com o mingau de tapioca que se chama “Carima”. Com ela os Brasilienses também pintam suas tigelas e cabaças. Segundo PISO a raiz

cozinhada com carne de galinha ou outra qualquer, tinge-a como o açafão comunicando-lhe bom sabor. (P.1:28). Colocarem também o vinho com a essência da massa. Diz ainda que o “Urucu” não é muito inferior ao açafão tanto em eficácia como pelo modo de colorir. (P.1:28).

Segundo LAET, que escreve uma anotação no fim do texto de MARCGRAVE, a Europa importava naquele tempo muito “Urucu”, que ia em dois tipos, a saber, a tintura, de côr coccínea para uso cosmético das mulheres, pois, dava à pele uma côr bela e fixa; o outro tipo era o “Urucu” em massas comprimidas feitas mediante resina e outras impurezas adicionadas ao “Urucu” que se vendia em bolinhas destinadas a tingir de amarelo as comidas e vários artefatos. XIMENES informa que a côr é fixa e, misturada com urina, tingiu os panos de tal maneira que não desbotavam nunca.

Segundo o mesmo, os indígenas do México apreciavam muito e cultivavam esta planta, porque a madeira lhes servia para atear fogo e a casca para cordas e amarras, pois, as fibras são mais fortes que as de cânhamo..

IND. TERAP.: XIMENES dá as seguintes aplicações medicinais: A massa de “Urucu” adicionada a água de beber mitiga a febre, é hemostática nas dejeções sanguinolentas e serve para amadurecer tumores e abscessos. Além disso usa-se também para curar a dôr de dentes, como diurético, refrescante e galactagoga, tônico do estômago, astringente, corretivo dos vômitos e como creme sôbre a péle para curar a sarna e as chagas.

PISO recomenda o “Urucu” na “espinela” (P.1:23). A raiz é sudorípara (P.1:41), usada nas mordeduras de bichos peçonhentos e como antídoto contra os venenos ingeridos (P.1:47, 48).

A anotação de LAET com a descrição do “Urucu” da pena de XIMENES serve para comparação e estudo fitogeográfico. Apesar de ter sido colocado entre a classe das árvores por XIMENES, MARCGRAVE põe o “Urucu” entre os arbustos.

Na 2ª ed. PISO adota a descrição de MARCGRAVE e XIMENES e acrescenta uma estampa dos frutos equinados.

NOTA: LINEU (74) e AUBLET (10) dão à planta em questão o nome de Bixa orellana, pois, o “Urucu” era conhecido na Europa com o nome de Orellana (ao menos na Inglaterra e na Holanda). EICHLER (31) também cita os nossos autores.

Encontra-se esta arvoreta poucas vêzes, pois, caiu em desuso o emprego do “Urucu” nas comidas, sendo usado mais a massa de tomate ou o colorau já preparado.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 1233.

## -----

### Família VIOLACEAE

Hybanthus calceolaria (L.) G.K. Schulze, Notizbl.12:114.1934. \*

N.v.: Ipecacuanha blanca (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Ipecacuanha branca”, “Poaia branca”.

Lit.: M:54 (Planta haec cui auctor). L.1, Cap.25, Fig.54, terceira.

P.1:101 (Una enim earum humi depressa, in text.) L.4, Cap.65.

P.2:231 (Una enim earum humi depressa, in text.) L.4, Cap.53.

Parece que MARCGRAVE não conhecia esta célebre planta, porque não fala de seu emprego medicinal. Entretanto, observou-a nos campos e julgou-a digna de registro, por ter a sua beleza chamado a atenção. Estranha-se, porém, que não tenha descrito a flor branca tão singular e só pode admitir que so encontrou a flor murcha, porque a única pétala enrola-se e murcha quando o sol é forte.

MARCGRAVE escreve o seguinte: “Esta planta eleva-se com porte de uma Vetônia, com caule roliço e hirsuto que, em número de quatro ou cinco provém de uma raiz tênue e amarela. As suas fôlhas são verdes, serreadas e semelhantes ás da Betonica, porém, inteiramente hirsutas. Traz flores. Depois vêm cápsulas do tamanho das bagas de “Mirto”, nas quais se contem numerosas sementes brilhantes, duras como no Lithospermum ou no Miliun solis (L. officinale L.), porém, um pouco menores”.

LAET acrescenta ter mandado fazer um desenho á mão de material do herbário, encontrado no espólio de MARCGRAVE, e observa serem as fôlhas subtilmente serreadas, particularidade esta

---

\* É sinônimo: H. ipecacuanha (L.) Baill.

que, entretanto, não foi reproduzida pelo xilógrafo, como também, serem muito hirsutas e os caules lenhosos, e não ter êle encontrado flores.

PISO também descreve a planta, embora resumidamente, entretanto, observou-lhe as flores. Vale a pena confrontar a descrição dêle com a de MARCGRAVE. Êle foi conhecer suas "Ipecacuanhas" e escreve: "Uma delas deitada sôbre a terra e menor (que a outra) cresce nos prados e não é muito dissemelhante ao Pulegium (Mentha pulegium L.), pois, levanta-se com muitos caules, tendo fôlhas lanuginosas cingindo-se de flores brancas. A raiz dela é grossa e filamentososa, albicante, chamada pelos portugueses para diferenciá-la de outra, "Ipecacuanha blanca" e que se administra também ás creanças e ás grávidas, porque menos transtorna o corpo e combate ótimamente os venenos".

NOTA: Esta "Ipecacuanha" cresce realmente nos campos sêcos e tem o nome que PISO lhe deu sendo ainda hoje usadas suas raízes como sucedâneo da "Ipeca verdadeira" ou "I. preta", que aliás também cresce em Pernambuco, nas matas.

A raiz é conhecida nas farmácias como Rad. Ip. albae lignosae e encerra emetina, usada pelo povo como a "Ipecacuanha preta".

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 337.

-----

### Família FLACOURTIACEAE

Casearia sylvestris Sw., Fl. Ind. Occ. 2:752.1800.

N.v.m.: "Caiubim", Guassatonga: "Pau de lagarto"

Lit.: M:81 (Frutex cujus nomen Auctor noster). L.2, Cap.15, Fig.81, terceira.

MARCGRAVE escreve: "Um frútice arborescente e ramoso que tem madeira branca, quebradiça e medulosa no âmago. Tem fôlhas verde-claras, oblongas, acuminadas, serreadas de leve, alternas e curto-pecioladas. Junto do pecíolo de cada fôlha vêem-se muitas flores pequeninas em glomérulos que são verdes e semelhantes ás da erva Parietaria. As fôlhas aparecem pertusas como as de Hypericum, se forem miradas contra o sol".

NOTA: A estampa que acompanha o texto LAET mandou fazer sôbre a planta sêca do Herbário de MARCGRAVE, e como sempre, queixa-se da má execução do desenho, especialmente por não se vêr que as fôlhas são serreadas.

A planta em questão encontra-se em todo o Brasil.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel 763.

-----

### Família TURNERACEAE

Piriqueta cistoides (L.) Meyer, var. macrantha Urban, Jahrb. Bot. Gart. 2:74.1883.

Lit.: M:21 (Herba) L.1, Cap.11, Fig.21, segunda.

MARCGRAVE escreve: "Ê uma erva de caule roliço, em baixo nodoso ou tubérculado e piloso, que se eleva á altura de um pé e se ramifica em alguns galhos. As fôlhas são alternas, oblongas e serreadas grosseiramente, verde-pálidas e um tanto pilosas. Na extremidade do caule e dos galhos nasce uma flor (a estampa tem várias) amarela, do diâmetro de um ducado, formada por cinco pétalas e tendo, no meio, estamínulos amarelos. A raiz é pequena e toda a planta é destituída de cheiro".

NOTA: Ê uma erva dos campos. Os tubérculos não são constantes nem típicos e parecem ser galhas causadas por animáculos.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 2421. (a espécie!).

-----

## Família PASSIFLORACEAE

Sobre os componentes desta família PISO tece os louvores seguintes no: L.4. Cap.73. “Do “Murucujá” e das várias espécies e facultades”. Trazemos á guisa de introdução o primeiro trecho, seguido de algumas informações da pena de MARCGRAVE. PISO escreve: “Depois de um exame atento, descobri pelo menos nove espécies dêste gênero de plantas, das quais sete são de todo silvestres e crescem nos bosques afastados: tais o “Murucujá satá”, “eté”, “Mixira”, “peroba”, “piruna”, “ternacuja” e “uná”. São semelhantes as espécies cultivadas de “Murucuja”, não tanto pelo fruto, mas sim pelas fôlhas e pelo aspecto e fragrância da soberba flor; exceta uma só a única de fôlhas inteiras, grandes, não crenadas ou divididas em várias, como o “Murucujá guaçu”, isto é a Granadila hortense maior. Além desta vemos ainda outras plantas do mesmo gênero, de frutos muito menores, das quais umas tinham um trifólio, outras um quinquéfólio. A flor é de um azul purpurascense, os frutos semelhantes pelo aspeto externo, mas mui dissemelhantes pelo sabor, pois, alguns são doces, outros ácidos. Todos porém comestíveis e não de gosto desagradável, embora menos procurados pelos indígenas, por causa da frequência e da superioridade das duas espécies que crescem nas hortas, cujas frondes projetam mui aprazível sombra, se fizerem tomar direções diversas, a modo de “hera” ou da “videira” e, sendo flexíveis e dúcteis como cordas, se conduzirem em forma de latada.

(Em seguida, PISO fala só do “Murucuja eté” ou “M. peroba” e “Murucuja guaçu”).

MARCGRAVE, ao começar o cap.9. do L.2., com o título: “Murucuya” ou “Flor da paixão” e das duas diferentes espécies, diz o seguinte, como introdução: “A “Murucua guaçu” e “guainumbi acaiuba”, “Granadila dos Espanhoes”, vulgo: “Flor da Paixão”, e “Rhangappel” dos Belgas que moram no Brasil: é uma hera frutífera, de que há muitas espécies. Aqui porei sómente os que dão frutos comestíveis. (descreve seis espécies).

Finalizando a descrição da “Murucua piriforme segunda”, MARCGRAVE refere-se outra vez aos “Murucujas” em geral, como segue: “Todas as espécies de “Murucua” começam a florada geralmente em agosto e continuam até janeiro.

Os frutos maduros, são abundantes em janeiro, fevereiro, março e abril, e perdem as fôlhas em maio e junho nascendo então novas hortas e não se encontram nos campos, a não ser onde os indígenas tiverem hortas. A “Murucua menor” medra espontaneamente nos campos.

Ambos se transplantam mediante estacas (sem raiz), da grossura de um dedo e do comprimento de um pé e meio, que se enterram até mais ou menos um pé, assim que fique do lado de fóra meio pé. Assim, depois brotam e revestem sebes inteiras á maneira da “hera” trepadeira. Possuem para isso gavinhas com que se agarram”.

Passiflora alata Dryand. ex. Ait., Hort. Kew. 3:306.1789.

N.v.: Murucua (M).

N.v.m.: “Maracuja de refresco”

Lit.: M:72 (IV. Murucua piriformis altera). L.2. cap.9.

Sobre esta “Maracujá” MARCGRAVE escreve: “A outra “Murucua piriforme” é semelhante á primeira (=quadrangularis) no que toca a flor, porém, difere nas fôlhas e a flor é maior. As fôlhas são isoladas, cada uma inserida no respetivo pecíolo, de um dedo de comprimento e da forma de coração de boi, de uns cinco dedos de comprimento e de quatro de largura no lugar maios largo, não serreadas nos bordos, verde-claras e luzidias, com nervura longitudinal e veias transversais quase salientes. Em cada pecíolo tem o caule também uma gavinha com a qual se fixa e, no mesmo lugar, um pedicelo de um dedo e meio de comprimento, com três fôlhas (i.e, as brácteas!) de um dedo e meio de comprimento, dispostas em roda como uma flor, verdes e serreadas grosseiramente. Sobre estas fôlhas herbáceas assenta a flor, de mais de quatro dedos de diâmetro, formada por dez fôlhas, das quais cinco (as pétalas!) são de côr rubra em cima e em baixo, e cinco (as sépalas!) rubras em cima e verdes em baixo, dispostas assim alternadamente. Sobre estas fôlhas está uma corôa de filamentos, de um dedo e meio de comprimento, erectos (pois, nas outras espécies ficam deitados), bastante fortes e roliços, cuja metade inferior é variegada de côr de laca-púrpurea e branca e a apical todo purpurea.

No centro da flor, outrossim, existe uma coluna erecta, torneada, da altura de um dedo, sustentando no tópo um corpo oval com três cravos de côr branco-amarealada nêle fixos, em baixo

dele, cinco braços com pontuações rubras mas, de resto, amarelados que se estendem em derredor, tendo cada um deles um corpo elítico lembrando uma esponja, comprido, esbranquiçado, ao qual adere um pó amarelo. O cheiro da flor é suave e o fruto piriforme”.

A estampa que acompanha o texto de MARCGRAVE pertence á Passiflora suberosa. Na 2ª ed. PISO descreve sua “Murucuia-miri” à mão desta estampa, abandonando o que afirmará na 1ª ed. e fazendo crer ser a planta de MARCGRAVE a sua cometendo assim grande confusão.

NOTA: LINEU (74) considerou a estampa como sendo da Passiflora pallida (=suberosa).

A planta cresce desde o Nordeste até o Rio Grande do Sul, porém, é confundida com a Passiflora quadrangularis.

Passiflora cincinnata Mast., Gard. Chron.966.1868.

N.v.: Murucujá(M, P.2).

N.v.m.: “Maracujá muchila”, “Maracujá cambada”.

Lit.: M:71 (Il. Murucuia maliformis).L.2, Cap.9, Fig.71, primeira.

P.2.:248 (Secunda species maliformis) L.4, Cap.60, fig.248.

MARCGRAVE escreve: “A “Murucuia maliforme” tem caule também sarmentoso e arruivado. Traz fôlhas alternas apegadas nos seus pecíolos de mais ou menos um dedo de comprimento, as quais são divididas em cinco outras que têm suas nervuras e veias, sendo entretanto algumas delas laciniadas e outras não (como o folíolo do meio). Ao pé de cada pecíolo surge também um pedicelo que tem na base três fôlhas verdes (i.e, as brácteas!) e, em cima destas, cinco mais compridas (i.e, as sépalas!), esverdeadas em baixo e azul-purpúreas em cima, e entre estas, outras cinco (isto é, as pétalas) completamente purpúreas; vem depois, em forma de sol como se costuma pintar, saindo muitos filamentos franzidos e estendidos em roda, na metade externa azul-purpúreos, e na interna azul-claros ou também, ao contrário, como observei em cima; ou finalmente, o que é muito elegante, para o lado de fóra, azul-claros, e no meio, uma faixa circular purpúrea e, para dentro totalmente urúneos ou também rubros e, á maneira de círculo concêntricos, variegados com salpicos rubro-claros sôbre branco; perto do centro, porém, com pontos bruno-rubros. No meio da flor existe uma coluna curtíssima, pálida, dividida no tópo em cinco partes que se estendem e curvam para os lados, sendo que em cada parte que se estendem e curvam para os lados, sendo que em cada parte pendura um corpo esponjiforme amarelado que é polvilhado com pó amarelo (i.e, os estames!). No meio da coluna há uma esfera pisiforme (i.e, o ovário!) amarelo-esbranquiçados, variegados com pingos delicadíssimos purpúreos, e inclinados para baixo como braços da coluna. A flor toda tem cheiro suave. O fruto iguala uma maçã comum nossa, é globuloso, tem pericarpo grosso, amarelo por fóra e consta de polpa succulenta vinoso-ácida, crócea e tingindo a língua de côr de açafão; havendo nele muito grãos de sementes, negros, do tamanho de uma pevide de maçã comum, porém, providos de vários tubérculos e inclusos num folículo. O fruto corta-se transversalmente quando se quer comê-lo. As sementes devem ser colhidas e conservadas de mesma maneira (como supra!). O fruto é recomendável tanto por causa do cheiro, como por seu paladar. A flor ainda fechada tem a forma que se vê na estampa”.

PISO não fala desta planta, na 1ª ed., senão confusamente dizendo que há espécies com fôlhas quinquefolioladas e os frutos ácidos, embora esculentos e não desagradáveis ao paladar, entretanto, pouco procurados pelos habitantes, porque havia melhores que se cultivavam.

Creemos que estas palavras se relacionam com a nossa espécie.

Na 2ª ed. PISO segue a descrição dada por MARCGRAVE, porém, fá-la á sua maneira e á mão da estampa (P.2:248) e pela segunda vez na descrição do “M. hortense” (P.2:247).

NOTA: Lineu (74) acha ser a planta marcgraviana a Passiflora coerulea. Além disto faz acreditar ser ela a mesma que PISO descrevera na 2ª ed., com o nome de “Murucuia hortense”. Entretanto, a planta de MARCGRAVE não é Passiflora coerulea, porque esta não tem as incisões do folíolo mediano que é um característico quase constante e privativo da Passiflora cincinnata.

A “Murucuia hortense”, por sua vez, nada mais é que um bluff de PISO, porque a descreve á mão da estampa. É difícil dizer que espécie representa a estampa que PISO apresenta, mas podia tratar-se da Passiflora serrato-digitata L. (41).

A espécie supra é uma planta silvestre do Nordeste. O fruto, embora comestível, não é procurado e, ficando muito tempo no pé murcha, formando muchila, donde lhe vem o nome vulgar. PISO acrescenta o seguinte sôbte a fruta: “ A polpa do fruto serve aos doentes e são para refrescar os ardores do estômago e matar a sêde e, embora seja inferior á primeira (Passiflora serrato-digitata), é contudo estimada. Pelo que pessoalmente experimentamos, a fruta não é muito gostosa, nem estimada.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 339, 1254, 2538 (esta última com folhas trilobadas), 2516 e 2548. – Vitória – Pickel 4228.

Passiflora edulis Sims, Bot. Mag.45:1989.1818.

N.v.: Murucuia (M, P.2.), Murucuia etê (M, P.1. e P.2.). Murucuia

N.v.m.: “Maracujá peroba”, Maracujá mirim”, “Maracujá de frescor”, “Maracujá ponche”, “Maracujá doce”.

Lit.: M:71 (III. Murucuia maliformes alia) L.2, Cap.9, Fig.71, segunda.

M:73 (Observavi et aliam speciem, in text.) L.2, Cap.9.

P.1:106 (Omnium autem pomorum Murucuia, in text.) L.4, Cap.73.

P.2:247 (Omnium autem pomorum Murucuia, in text.) L.4, Cap.60.

P.2:248 (Tertia maliformis Murucuia sive Granadilla). L.4, Cap.60, Fig.247, primeira.

Esta espécie foi descrita duas vezes por MARCGRAVE. Ele diz: “A “Murucuia piriforme segunda” (que noutro lugar designa como Murucuia mediana) tem folhas grandes divididas cada qual em três lacínias, havendo cada lacínia sua nergura longitudinal e veias oblíquas, sendo, além disso, serreadas nos bordos, verde-claras e luzidias, distribuidas no caule como na primeira espécie (“Maracujá-açú”). A flor concorda com o anterior (Passiflora cincinnata) em tamanho e forma, diferindo, porém, pela côr e pelo número das folhas (i.e, perianto), pois, as externas que são maiores, verdes em baixo e brancas em cima, com as quais alternam cinco totalmente brancas. Do meio da flor provém, dirigindo-se em roda, filamentos que são na metade interna azul-purpúreos, na externa branco-amarelados. A coluna do centro é roliça e verde-amarelada, partida no tôpo em cinco (e às vezes em seis) ramos arcuados e inclinados para baixo, com um corpo esponjiforme verde-amarelado como nas outras. No meio do ápice da coluna fica um glóbulo pisiforme com seus três cravos espetados e inclinados para baixo. A flor tem cheiro suave. O fruto é igual ao anteriormente descrito, porém, imaturo é verde, ficando amarelado e variegado com salpicos brancos como a “Coloquintida” e resplandecente como um espelho e muito lisa. Quando maduro é de côr de limão”.

Adiante, noutro trecho, MARCGRAVE descreve a mesma planta sob o nome de “Maracujá etê”, pensando ser diferente. Não descreve o fruto e, como a planta é bastante variável não a pôde identificar. A descrição que apresenta é feita em termos quase idênticos, do texto supra. O ginandróforo (a que chama estame), porém, descreve ainda mais minuciosamente, afirmando ser salpicado de pontos azulados. Tudo isto está muito conforme.

Como já foi dito em cima, PISO fala na 1ª ed. de duas espécies cultivadas, sendo uma delas o “Maracujá-guaçú”. A outra é certamente a Passiflora edulis que hoje se cultiva em certa escala, porque são duas frutas excelentes e muito procuradas para licores e refrêscos, o célebre refrêscos de “Maracujá”. Embora não ter mencionado o nome “maracujá”, todavia descreve a fruta, dizendo: “De todas as frutas de “Maracujá” a melhor é aquela que é mais procurada pelos doentes e são, a qual é exatamente globosa, glabra, verde-gaia e guarnecida com máculas esbranquiçadas e, quando madura, amarela, com pericarpo grosso e tenaz, no qual se contem aquela célebre polpa crócea, agradável e saborosa por causa de sua acidez vinosa. Do que mais me admira é que alguns (entre os quais MONARDES) escreveram ser esta fruta insípida, a não ser que tenham falado da “Granadila do Perú” mencionada por PEDRO DE CIECA em a “História do Perú” que creio sem embargos ser diferente da nossa em côr e sabôr”.

Em seguida PISO fala das propriedades dêste “maracujá”. Ele citou duas plantas silvestres de “Maracujá”, a “etê” e “peroba” que são de fato os nomes vulgares da nossa Passiflora edulis, que também MARCGRAVE registrou. É originariamente silvestre, porém, bem cedo foi sujeita á cultura e ainda hoje se encontra asselvajada e cultivada.

Na 2ª ed. PISO ao falar desta planta adota a descrição de MARCGRAVE e aquilo que dissera dêste “maracujá” excelente atribue a uma planta imaginária, a “Murucuia hortense”, afirmando ainda que sendo a fruta apertada entre os dedos estala sendo ainda menos saborosa que as outras. Ora, isso é uma grande confusão, pois, troca Passiflora edulis com P.foetida.

IND. TERAP.: PISO escreve na 1ª ed. dêste mais valioso de todos os “maracujás”: “A polpa constitue o maior refrêscos e alívio para os doentes de febre e foi usada por mim diariamente, porque substitue excelentemente o Xarope cordial de “groselha” e de “Berberis” (e chama-o “xarope de Murucujá”, da célebre maçã “granadilla” P.1:17 e P.1:29).

Por sua qualidade refrigerante vence todas as outras “Granadilas”, causando nenhum mal, embora em abundância, a não ser o de embotar os dentes quando servida em excesso. Restabelece admiravelmente os que sofrem de calor e mata a sêde. Além disso excita o apetite, reprime a azia, refocilando os espíritos vitais-seja tomando a fruta fresca, seja o xarope do suco diluido em água

acetificada. É também útil no escorbuto (P.1:17 e 29). A mesma vantagem prestam as flores e as cascas da fruta em calda que não é inferior em qualidade a qualquer fruta. Deve ser engano de PISO. Não nos consta haver doce em calda feita do pericarpo do “Maracujá”. As folhas são aplicadas com vantagem em cautérios em vez da “hera” e constituem um remédio sempre pronto”.

NOTA: LINEU (74) foi desastrado também na determinação desta planta, pois pensou ser a Passiflora incarnata.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 1250.

Passiflora foetida L., Sp. Pl. 959.1753.

N.v.: Murucuja satá (P.1. e P.2.). Murucuja poca (P.1. e P.2.).

N.v.m.: “Maracujá de estálo”, “Maracujá de cheiro”

Lit.: M:73 (Hedera Murucuia species). L.2, Cap.9.

MARCGRAVE fala da espécie supra, dizendo: “Chamo “hera” a uma espécie de “Murucuia” (pois o Murucuia é também uma “hera”), glandulosa, lanuginosa e de cheiro penetrante. Serpeia longe com seu caule firmando-se mediante suas gavinhas; o caule é roliço, hirsuto, ruivo e mole; as folhas são acuminadas, cordiformes, sedosas ao tato e moles. Traz flor do tamanho de uma pataca, constante de dez folhas, (do perianto) sendo as cinco inferiores verdes em baixo e brancas em cima e as cinco (superiores!) completamente brancas em posição alternante; sôbre estas expandem-se numerosos filamentos brancos em roda, como na “Flor da Paixão”, um tanto torcidos e, na parte interna, purpúreos formando um círculo; no meio, uma coluna esbranquiçada com salpicos rubros, em cujo ápice são colocados cinco corpos esponjiformes e três cravos, de côr verde-esbranquiçada á maneira da “Murucuia”. Depois da flor vem um folículo cônico, do tamanho de uma tâmara que ôco interiõrmente encerra as sementes. O cheiro de planta inteira é mais forte e mais penetrante do que o “meimendro”, porém, nota-se ser-lhe misturado um cheiro doce. A planta tocada impregna com êsse cheiro as mãos”.

PISO nada escreve sôbre esta planta, mencionando apenas os dois nomes vulgares que pertencem com certeza a esta espécie, pois, o fruto ôco apertado entre os dedos estála. Êle refere-se a um fruto que estála, porém, o relaciona com a Passiflora edulis (P.2.:248, tertia), portanto, observou na natureza esta particularidade, confundindo entretanto duas plantas.

NOTA: LINEU (74) considera a planta marcgraviana como sendo Passiflora hirsuta. O fato de ter MARCGRAVE esquecido de mencionar as brácteas pinatisectas induziu em erro a LINEU.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 1961 – 2375.

Passiflora kermesina Link et Otto, Verh. Ver.B. Gart.2:403.1826.

N.v.:Murucuia (M).

Lit.: M:72 (Reperitur hic et alia Murucuias species) L.2, Cap.9.

MARCGRAVE escreve: “Encontra-se aqui ainda outra espécie de Murucuia que rasteja com seu caule delgado, roliço, verde e herbáceo agarrando-se aos arbustos. Tem folhas semelhantes na forma ás da “hera trepadeira”, prolongadas em três lobos chifrudos, em cima verde-luzidias e, em baixo, verde-esbranquiçadas como na “Caapeba”. Cada folha é distante da outra uns dois dedos e meio, apegada ao seu pecíolo por um folíolo pequeno e denteado (i.e, estípula!) e perto do pecíolo possui também gavinhas com as quais se agarra. Depois da flor vem um fruto oval, do tamanho de uma ameixa maior, verde a princípio, e cujo pericarpo não é tão grosso como nas outras espécies, encerrando uma polpa esbranquiçada com sementes de maçã, pretas e resplandecentes”.

NOTA: LINEU (74) determinou esta planta como sendo Passiflora lutea. A planta não é frequente no Nordeste, mas é facilmente reconhecível pela forma das folhas. O fruto não se come.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 2202 e 2550.

Passiflora quadrangularis L., Syst. 10<sup>a</sup> Ed.1248.1759.

N.v.: Murucuia-guaçú (M, P.2), Guainumbi acaiuba (M), Maracujá-guaçú

N.v.m.: “Maracujá-açú”.

Lit.: M:70 (Murucuia guaçú seu piriformes). L.2, Cap.9, Fig.70.

P.1:106 (Fructus Murucujá-guaçu, in text.) L.4, Cap.73.

P.2:247 bis (Quarta Murucuia, piriformis prima). L.4, Cap.60. Fig.247, segunda.

Do “Maracujá-açú” PISO diz o seguinte: “O fruto de “Murucujá-guaçú” tem forma redonda tirante á oval ultrapassando em tamanho a pêra européia. Tem cheiro e sabor aromáticos, tão agradáveis que não há melhor. É repleto interiormente de sementes ou grainhas negras, oblongas e cobertas constantemente de mucilagem doce e tenaz”.

MARCGRAVE descreve esta planta minuciosamente, atribuindo-lhe porém um nome que certamente se revela como equívoco, pois, “Guainumbi acaiuba”, é um simples malentendido. Ele escreve: “O “Murucuia-guaçú” e “Guainumbi acaiuba”, a “Granadila” dos Espanhóes, vulgo “Flor da Paixão” e chamda pelos Belgas que vivem no Brasil de “Rhangappel” é uma hera frutífera.

I – A “Murucuia guaçú ou piriformes”. É uma planta sarmentosa, lenhosa e mui flexível. O caule é torcido, quadrado, variegado de côr cinzenta ou grisalha, da grossura de um polegar ou também da de uma videira e, ás vezes, a de um braço; reptante longe, mas também se enfia entre as árvores e frútices. Tem fôlhas verde-claras, lisas, luzidias, de cinco ou seis dedos de comprimento não serreadas, de forma desigual, pois, umas são simples, outras divididas em duas partes desiguais e algumas em três partes ou lacínias (?). Elas são unidas aos seus pecíolos arruivados e uma nervura longitudinal atravessa as lacínias, enquanto muitas veias se entrelaçam transversalmente. Traz uma flor insigne que chamam “Flor da Paixão”, do tamanho de uma rosa maior dobrada, havendo por fóra cinco pétalas purpúreo-claras em cima e em baixo, e cinco sápalas verdes por baixo e rubras por cima, dispostas alternamente. Por cima destas fôlhas (i.e, do perianto) espalham-se em roda belíssimos filamentos, de um dedo e meio de comprimento, frisados, purpúreos na metade interna e variegados com côr rubra ou purpúrea e branca na externa. No centro da flor acha-se em pé uma coluna amarelo-esbranquiçada, roliça e quase torneada, da altura de um dedo, em cujo cimo se encontra um corpo de forma oval, do tamanho da semente de pêra e neste, por sua vêz, estão implantados com suas pontas no mesmo lugar uns cravos, enquanto debaixo dêsse corpo oval, do tôpo da coluna, se estendem para os lados cinco braços, dos quais cada um sustenta um corpúsculo esponjiforme coberto de pó amarelo como na “Açucena branca”. Quando se cortar a flor completamente, pode tirar-se fóra da flor toda a coluna. A flor murcha fâcilmente, quando cortada e nela criam-se larvas como no queijo. O fruto é piriforme, verde a princípio e verde-amarelado quando maduro. É dividido intèrnamente em três partes mediante três linhas longitudinais, havendo entre estas linhas muitos funículos em que se prende a semente com a polpa do fruto mediante tênues membranas. A polpa é branca, suculenta, glabra e como o embrião do pinto no ovo, á qual se prendem duzentos e sessenta ou mais sementes por fruto, pretas, brilhantes e comprimidas que, por sua vez, são inclusas no respetivo fôliculo. O cheiro e sabor são doces e suaves. O pericarpo é mais grosso que o da laranja. Ao comê-lo corta-se transversalmente (não ao longo) e separa-se um pouco a polpa do pericarpo, ao qual adere pelos funículos e depois sorva-se tudo inclusive as sementes à maneira de um ovo quente. Tendo, porém, intenção de colher a semente para guardá-la, expreme-se levemente a polpa com as sementes através de um pano, afim de separá-la dos grãos, porém, êstes encerrados ainda nos seus tegumentos devem espalhar e secar-se durante três ou quatro dias sôbre um cartão, para enxugá-los em parte e, em seguida, os grãos devem desmbaraçar-se dos tegumentos entre as pontas dos dedos; pois, de outra feita, são tão lisos que não podem apanhar-se nem separar na boca durante o ato de comer”.

Na 2ª ed. PISO prefere adotar a versão de MARCGRAVE resumindo porém bastante. Em seguida trata dos usos, dizendo que das fôlhas contusas vem o verde que os pintores usam.

NOTA: LINEU (74) e AUBLET (10) consideram a planta como Passiflora laurifolia, aliás também cultivada no Brasil.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 1203.

Passiflora suberosa L., Sp. Pl. 958.1753.

N.v.: Murucuja-miri (P.1 e P.2), M. una (P.1 e P.2), M. piruma (P.1 e P.2).

Lit.: P.1:107 (De Murucujá-miri, ejusque qualitatibus) L.4, Cap.74, Fig.107.

P.2:248 bis (Quinta, Murucuia-miri) L.4, Cap.60, Fig.248, bis.

A identificação dêste “Maracujá” de PISO é baseada, só na estampa, porque a descrição é mais que vaga.

Sôbre a planta PISO relata o seguinte: “Pela semelhança com a “Maracujá” ou “Granadila silvestre” (qual?), (e por ser mais pequenas que êle), deram os Brasileiros a êste cipó o nome de “miri”. Quase não difere daquela pela forma da flor e pelo modo de crescer a não ser que trepa não tão alto nas árvores e que tem fôlhas muito menores; e finalmente, é diversíssima quanto as suas virtudes e qualidade.



IND. TERAP.: Esta planta é considerada de tanta eficácia (diz PISO) que (embora seja conhecida só de poucos habitantes) não só eguala à “Sarçaparilha” das boticas e sim até a supera facilmente, pois, é desobstruente, sudorífica e diurética. A erva inteira, que tem sabor pouco pronunciado, contusa ligeiramente e ministrada em vinho ou água expele rápida e suavemente as secundinas e outras impurezas uterinas. Em pouco tempo restitue as forças às vísceras, por isso, tendo-a recebido de botânicos brasileiros mui práticos que moravam nas margens do Rio São Francisco e que nenhum remédio preferiam a êste “Maracujá-miri” para curar as obstruções e friagens, quis que fosse aplicada também pelos Portuguezes e Holandêses, nossos côlonos, os quais ainda hoje a aplicam diâriamente com grande resultado. As fôlhas pisadas, enfim, e deitadas em água fervendo até esfriar, constituem pronto remédio nas hemorróidas, quando aplicado várias vezes na parte dolorida”.

Na 2ª ed. PISO não duvida em identificar esta planta com a “Murucuia piriforme segunda”, de MARCGRAVE (*Passiflora alata*) porque, êste (i.e, LAET) empregará a mesma estampa PISO, aproveitando também o texto de seu colega e modificando-o à mão da estampa.

NOTA: O especimen nº 1237 é muito semelhante á estampa, porém, tem apenas cinco sépalas e fruto preto e pequenino, razão porque é verossimil que os nomes vulgares “uná” e “piuna” sejam desta espécie.

LINEU (74) considera a planta pisoniana como sendo *Passiflora pallida* que é sinônimo de *Passiflora suberosa*.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 465 e 1237.

-----

### Família CARICACEAE

*Carica papaya* L., Sp. Pl.1036.1753.

N.v.: “Mamaoeira”

N.v.m.: “Mamoeiro”

Lit.: M:102 (Mamaoeira Brasiliensibus). L.3, Cap.6, Fig.103.

P.2:159 (Utraque Pinoguaçú). L.4, Cap.23, Fig.159.

MARCGRAVE escreve: “A “Mamaoeira” dos Brasilienses, vulgo “Papay”, cujo fruto os portuguezes denominam “Mamão” devido á forma, porque pendura da árvore á maneira de mamas. Há dela duas espécies, a saber macho e fêmea. O “Mamoeiro macho” é encontrado por toda parte nos matos, mas o “Mamoeiro fêmea” não é tão frequente e só é abundante nas hortas. O macho eleva-se á altura de vinte ou mais pés, tendo em circunferência cerca de dois pés. A casca é cinzenta, bastante lisa e semelhante á da “Nogueira”, porém, na extremidade, em cujo redor as fôlhas se inserem, é um tanto ruiva, As fôlhas saem por toda parte em roda do caule, porém, caem logo desde o chão até meia altura nos pés mais novos, ficando revestido de fôlhas na extremidade até o tôpo. Cada fôlha assenta num pecíolo roliço, ôco, arruivado e bastante grosso que se estende quase horizontalmente desde o caule, porém, também se enverga para cima e para baixo, tendo em comprimento um, dois e também dois pés e meio. A fôlha (i.e, o limbo) é presa ao pecíolo quase no meio, é redonda, da largura de um pé, porém, dividida em seis ou sete lacinias; e cada lacinia por sua vez tem novamente sete incisões, de maneira que são elegantemente dissectas e são verdeclaras. Em pedúnculos semelhantes nasce também a flor, entretanto, o tal pedúnculo maior divide-se em diversos ramúsculos, havendo nestes muitas flores oblongas, montadas num pedicelo curto e constantes de cinco pétalas curvas, de côr amarelo-pálida, como se fossem feitas de cêra, estando no meio um estame amarelo-pálido. A flor é inodora e caduca, formando fruto raramente, a não ser que a árvore seja transplantada e, então, dois ou três anos depois. É falso, portanto, que o “mamoeiro macho” não dá fruto, como também, que o “Mamoeiro fêmea” não frutifique a não ser em presença do macho, pois, a grande experiência me ensinou o contrário; entretanto, o fruto do macho quando nasce naquêl pedúnculo comprido é pênsil, virado para o chão e tem forma semelhante á da fêmea, porém, quase sempre menor, externamente estriado quase como a abóbora, pois, tem cinco estrias longitudinais e, alternando, outras cinco menos profundas, assim que não mal representa um sacco que as mulheres trazem em Meissen. Possuem internamente polpa e sementes como o mamão fêmea, porém, ela não é tão amarela nem tão bôa. Os frutos imaturos deixam sair copioso latex. O lenho da árvore é fragil e mole, turgido pelo mesmo latex, com sabor desagradavel e acre.

A “Mamaoeira fêmea” é semelhante ao macho quanto ao caule e as folhas, entretanto, quase sempre mais alta e os pecíolos das folhas não são ruivos e, sim, verde. Produz flores não em pedúnculo compridos, mas no próprio caule, onde se inserem os pecíolos. A flor é do tamanho da de um Gladiolus, constante de cinco pétalas amarelas, com mais de dois dedos de comprimento e mal um terço de dedo de largura, estreitas como lígulas e revolutas, como se fossem de cera; no meio há um estame oval (i.e, ovário), amarelo-pálido, do tamanho do caroço de uma ameixa, no qual assenta um corôa bela, amarela, da forma quase daquelê gênero de Cogumelos que chamam “Zeigenbart” (Sparassis ramosa, “Barba de bode”). A flor exála cheiro doce como o “lírio dos vales” (Convallaria!), porém, não tão forte. Do meio de cada flor nasce o fruto, as pétalas não se desprendem enquanto o fruto não adquire o tamanho de uma noz, permanecendo também durante algum tempo o estame da flor (i.e, o estigma) no umbigo do fruto. Os frutos unidos assim ao tronco na axila dos pecíolos, lembram mamas, donde lhe veio o nome português, adquire o tamanho de um capulho de “algodoeiro” ou de melão comum com a mesma conformação; é verde quando imaturo e extravasa um latex quando incisado; quando maduro fica verde-amarelo com polpa amarela como no melão, corta-se do mesmo modo e divide-se o fruto que, no meio da polpa, tem numerosos grãos, a saber cento e vinte ou cento e trinta ou mais por fruto, que são de forma oval, do tamanho do “Coentro”, rugosos na superfícies, fuscus, com amêndoa branca dentro; êsses grãos tem o mesmo gosto que o nosso “Agrião” e são envolvidos numa película tênue e brilhante que se deve tirar quando se quer guardar as sementes. A polpa de fato e igual á dos melões em côr e sabor, porém, de gosto inferior. A fruta pode comer-se crúa, porém, às mais das vezes, cozinha-se só ou com carne; porém, não se a tem em grande conta por causa de sua abundância. Se se tirar o fruto não maduro e esconder na areia ao ar livre, amadurece logo tornando-se amarelo. Vê-se a árvore carregada de frutos durante todo o ano e também há sempre flores. Cada semente dá uma árvore com frutos no espaço de um ano, porém, nenhuma dura mais que quatro anos. É prognóstico da morte quando a ponta dela se corrompe espontâneamente, pois, àquela podridão segue a destruição completa. Encontra-se raramente uma árvore que tem mais de um ou dois ramos a maioria carece de ramos e assim elas são mais graciosas”.

Em seguida vem uma anotação, onde se encontra a descrição do “mamoeiro” feito por XIMENES e uma observação de LAET, donde tirei os usos do “mamoeiro”.

PISO descreve o “mamoeiro” apenas na 2ª ed. copiando o texto de MARCGRAVE, mas dando a estampa de CLUSIUS do “mamoeiro fêmea” que se vê também em LAET (43) e uma nova estampa do “mamoeiro macho”, o qual dá também os usos medicinais e afirma serem as frutas de pouco valor nutritivo, conceito êste repetido por PISO.

USOS: Segundo XIMENES, da fruta verde fazem doces refrigerantes e deliciosos. LAET (43), menciona que na Ilha Tobagos há mamões grandes que pesam até 15 libras (O “Mamão caiana” do Nordeste tem êste peso ou maior e polpa saborosíssima).

IND. TERAP.: O latex é usado, segundo XIMENES, na América Central contra a empigem e o suco da fruta madura mitiga as dores do ventre. Segundo LAET, a fruta é levemente laxante.

Segundo PISO o latex do mamão macho é usado pelos índios nas doenças cutâneas.

NOTA: LINEU (74) reconheceu tratar-se desta planta marcgraviana ao descrever a Carica papaya.

Material ex.: Pernambuco, Olinda, Pickel 342.

Jaracatia dodecaphylla DC., Prodr. 15(1); 420.1864.

N.v.: “Iaracatiá” (M, P.2).

N.v.m.: “Jaracatiá”

Lit.: M:128 (Jaracatiá Brasiliensibus). L.3, Cap.16, Fig.129, primeira.

P.2:160 (Jaracatiá Brasiliensibus). L.4, Cap.23, Fig.160.

MARCGRAVE tem o seguinte sôbre esta árvore: “O “Iaracatiá” dos Brasilienses é uma árvore alta, linheira, com tronco grosso na parte basal que, em direção ao vértice, se vai adelgaçando e afilando, e tem casca grisalha, lenho mole e laticífero. O tronco e os ramos, porém, são armados de espinhos curtos, grossos e duros. Projeta os ramos para periferia, embora sem ordem, sendo os superiores mais curtos que os inferiores; também não obedecem à melhor ordem os ramúsculos, nos quais as folhas se acham reunidas em frondes; da mesma forma e tamanho como na “Mandiiba”, em cima verde-brilhantes e, em baixo, incanas reunidas e número de cinco, sete ou nove formando uma estrela; tendo nervura longitudinal e veias oblíquas. Traz flores como na “mamaoeira”. Segue o fruto que pendura de um pedicelo comprido, como o mamão macho, com três dedos de comprimento e duas ou quase só provido de simples riscos, com côr crócea fora e dentro, como o mamão e polpa da

mesma substância, repleto de grãos da mesma maneira, de tamanho e forma de “cevada” e sabor pouco pronunciado. Imaturo ainda, distila um latex e morde a língua, porém, quando maduro cai espontaneamente e come-se cru e cozido. Perde as folhas todos os anos brotando novas no mês de março, depois floresce e produz frutos que amadurecem em abril e maio.

A árvore é dióica, macho e fêmea que são semelhantes exceto no porte, pois, a fêmea é um pouco menor que o macho”.

Na 2ª ed. PISO reproduz o texto de MARCGRAVE acrescentando que a árvore só é encontrada no Interior, sendo frequente em Itamaracá e Rio Grande do Norte. Segundo êle, o fruto é bom, de fácil digestão e não causa mal, mesmo quando ingerido em grande quantidade.

NOTA: PISO compara ao “Iaracatiá” a Opuntia brasiliensis, devido á forma semelhante do tronco.

Esta árvore é encontrada na mata e, ás vezes, nos campos, porque, na derrubada é respeitada. O povo come a fruta.

AUBLET (10) determina a árvore marcgraviana como sendo Carica spinosa e SOLMS-LAUBACH (31) pensa ser a Jaracatiá dodecaphylla, que ocorre no Nordeste.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 669.

-----

### Família CACTACEAE

Cereus fernambucensis Lem., Cact. Gen. & Sp. Nov. 58.1839.

N.v.: “Iamacarú” (M, P.1, P.2), “Urumbeba” (P.2), Cardo do litoral (P.1:39).

N.v.m.: “Cardo”

Lit.: M:126 (Quarta species Iamacarú). L.3, Cap.15, Fig.24, primeira

126, terceira

P.1:99 (Si in ulla Brasiliae planta, em parte). L.4, Cap.63, Fig.100, primeira.

P.2:190 (Quinta ficus spinosa). L.4, Cap.35, Fig.188, primeira.

190, segunda

Esta espécie de Cereus é bem descrita por MARCGRAVE e por êle bem separada do “Iamacarú” propriamente dito. Êle diz: “A quarta espécie de “Iamacarú” é uma “figueira espinhosa”. De raízes tênues, não muito enterradas, nascem folhas tri-ou quadrangulares, de um, dois três ou quatro pés de comprimento, das quais outras se originam aqui e acolá, como na “Figueira da India”; cada lado delas tem dois, três ou quatro dedos de largura e são duas vezes mais grossas que no “Iamacarú” que trepa os arbustos e árvores (Hylocereus), porém elas são mais compridas nas extremidades do que angulosas tem acúleos de um, dois, ou três dedos de comprimento, amarelados ou de cor de madeira, em número de seis, sete ou oito juxtapostos e de tamanho desigual. As folhas são verdes, como naquela que descrevemos entre as ervas (Hylocereus), a flor também é igual, porém, duas vezes menor. O fruto tem cerca de três dedos de comprimento por quatro em circunferência e forma oblonga, constante de uma película grossa da espessura do pericarpo da banana, suculenta e bem rubra; fende-se facilmente ao longo por compressão e pode-se esfolá-la; e encerra uma polpa branca, suculenta, friável e conglobada em bolinhas como se fosse neve gelada; ela é mesclada com muitas sementes negras-brilhantes, semelhantes ás de Aquilegia, menores embora. Come-se a polpa com as sementes que é de bom paladar e doce, melhor que a do “Figo” comum. O suco expremido do pericarpo rubro é de gosto ácido-astringente, como o suco de “groselhas” imaturas. As folhas desta planta são suculentas e dão seiva do gosto de ervas ou semelhantes ao da “couve”, pois, na hipótese de ser amarga, a planta seria uma Euphorbia, porque em tudo quadra com a descrição dela. Esta é a planta que na Nova Espanha produz a cochonilha. Vêde: XIMENES na descrição das “Tunas”.

Em seguida vem estampado um trecho de XIMENES em que êste trata de várias Opuntias.

Visto XIMENES falar somente deste gênero de Cactáceas no trecho supra, parece ter havido engano por parte de LAET, quando afirma que o Cereus fernambucensis hospeda a cochonilha Coccus cacti L. MARCGRAVE não confundiria um Cereus com uma Opuntia.

IND. TERAP.: PISO recomenda a mucilagem para mitigar as dores causadas pelas picadas do maruim. (P.1:39).

NOTA: Como será dito, PISO confundiu esta espécie com o Cereus jamacaru pensando ser a mesma. A semelhança é, de fato, grande e, portanto, o erro não é maior que o de DE CANDOLLE que duvida se são ou não da mesma espécie e BRITTON e ROSE acham que a estampa tem aspeto de uma forma pequena do jamacará, mas o certo é que a flor (vide fig.) é de C. fernambucensis.

Na 2ª ed. PISO adapta o texto de MARCGRAVE, dizendo que a planta se chama “Cumbeba” e que os espinhos são horríveis e difíceis de arrancar quando penetram na carne humana.

Material ex.: Pernambuco – Prazeres – Pickel 3233.

Cereus jamacaru A.D.C., Prodr. 3:467.1828.

N.v.: “Cardo” (P.1), Cardon (M), “Caxabú” (M, P.2), “Figueira indica fragrante” P.1:17), “Figueira silvestre” (P.1), “Iamacará”.

N.v.m.: “Cardeiro”, “Mandacará”.

Lit.: M:126 (Iamacará quoque). L.3, Cap.15, Fig.126, primeira.

P.1:99 (Si in ulla Brasiliae planta). Miscelanea. L.4, Cap.63.

P.2:189 (Tertia Iamacará) L.4, Cap.35, Fig.1889, segunda.

MARCGRAVE descreve muito bem esta Cactácea, enquanto PISO funde duas espécies em uma só. Eis a tradução do trecho do primeiro: “O “Iamacará”, chamado também “Caxabú”, pelos Brasilienses e “Cardon”, pelos portugueses é uma árvore alta. Sai primeiramente da terra uma fôlha ectangular, cujas quinas são redondas, todas da mesma grossura, como se fossem esculpidas, armadas com séries de espinhos dispostos em forma de estrela. Havendo entre duas dessas estrelas sempre uma espécie de sutil linha transversal saliente. Sôbre esta fôlha inicial nascem outras mais á maneira da “Tuna” e com a mesma conformação; cada uma delas tem um, dois, três e às vezes seis pés de comprimento e elas tomam comumente direção ascendente, tendo, a fôlha inferior adquire casca grisalha e transforma-se em um tronco lenhosos e grosso, porém, esponjoso e fácil de cortar-se; as fôlhas, entretanto, que ficam rente ao tronco fazem às vezes de ramos, e as outras de fôlhas. O tronco velho e aquelas fôlhas ramosas perdem, finalmente, os espinhos e não ficam mais espinhosos, mas tão sômente as fôlhas. A flor nasce neste caule isoladamente, é branca, grande e tem forma semelhante àquela do “Cactus” descrito em quarto lugar (Cereus fernambucensis!); depois segue o fruto, duas vezes maior que um ovo de ganso, oval, vermelho-escuro por fora, que se come. A árvore às vezes toma a altura da “Mamaoeira” e mesmo a do “Genipapeiro”.

NOTA: Como dissemos em cima, PISO confundiu esta espécie com o Cereus fernambucensis, fazendo das duas uma, dando, entretanto, a estampa deste último. O texto de MARCGRAVE é ilustrado também com uma estampa que representa certamente o Cereus jamacaru.

Embora PISO tenha confundido duas espécies, a descrição da flor e do fruto relacionam-se com certeza com Cereus jamacaru. Eis as palavras de PISO. “... as flores são quase inodoras, brancas, semelhantes as da Nymphaea maior. A estas seguem logo nos meses de verão frutos rubros, de forma e tamanho dum ovo de ganso, encerrando muitas sementes pretas e pequeninas em meio à polpa alvíssima e suculenta dos seus frutos”.

Em seguida PISO tem ainda o seguinte sôbre os usos medicinais.

IND. TERAP.: Além de serem as frutas apetecidas pelos sedentos devido à agradável fragrância e ao ácido-doce, é util principalmente aos doentes de febre (P.1:17) e aos biliosos, porque excitam o paladar devido á sua agradável acrimônia e porque matam a sêde, confortando também o coração e o estômago. O suco expremido desta planta remedia as febres oriundas da bile.

NOTA: Na 2ª ed. PISO reproduz o texto de MARCGRAVE junto com a respetiva estampa, ao passo que atribue ao Hylocereus a estampa de Cereus fernambucensis que figurava na 1ª ed., deixando-se iludir pela mixórdia causada por LAET. Isto é lamentável, tanto mais que DE CANDOLLE fundou a sua espécie na estampa de PISO da 1ª ed., como escreve WERDERMANN (Notizblatt, 118:401.1936).

BRITTON e ROSE citam PISO, afirmando ser o Cereus jamacaru D.C. a planta descrita por êle e, da mesma forma, SCHUMANN (31).

O “Mandacará” é bem conhecido em todo o Nordeste, desde o litoral até o Sertão, porém, é mais abundante no Interior, como também afirmam BRITTON e ROSE, e se torna árvore grossa a ponto de o tronco dar táboas.

MARCGRAVE descreve ainda outra espécie de “Cardon” que diz êle – é em tudo semelhante á primeira (Cereus jamacaru), no tamanho do caule, na flor e no fruto, exceto as fôlhas triangulares como na que descreve em quarto lugar (C. fernambucensis).

É impossível determinar êste Cereus, se é que se trata de uma espécie autônoma.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 2260.

Epiphyllum phyllanthus (L.) Haw., Syn. Pl. Succ. 197.1812.

N.v.: “Canambaya” (M).

Lit.: M:78 (Canambaya Brasiliensibus) L.2, Cap.14, Fig.79, primeira

MARCGRAVE não colocou esta planta entre as Cactáceas arborescentes, mas entre os arbustos, enquanto assignára ao Hylocereus um lugar entre as ervas. Não se entende o motivo, porque procedeu desta forma, por serem os Epiphyllum menores que aquêles. LAET talvez seja o autor da confusão.

MARCGRAVE escreve: “A chamada “Canambaya” dos Brasilienses é um arbusto com lenho grisalho por fora, tendo folhas grossas com matéria semelhante à da “Erva babosa”, de meio pé ou mais de comprimento, dois dedos de largura e excisadas nos bordos, da forma das folhas feitas de cêra com as quais cingem a cabeleira os anjos que anunciam o Salvador aos pastores no tempo do Natal do Senhor. (Segundo costume em Pernambuco). Pelo meio da folha corre, por dentro, uma nervura lenhosa longitudinal, sendo a folha verdejante como a “Erva babosa” e, nos bordos, quase pardacenta”.

NOTA: Faltava apenas dizer que a dita planta é epífita da mata e como é o feitio das flores. Convem dizer que, não havendo no Nordeste Rhipsalis dêste feitio, só pode ser a espécie supra, como aliás já julgou o próprio LINEU (74).

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 2309.

Harrisia adscendens (Guerke) Br. et Rose., The Cact. 2:155.1920.

N.v.: “Cardon” (M)

Lit.: M:126 (Alia cardon species). L.3, Cap.15.

Sôbre esta Cactácea MARCGRAVE tem apenas o seguinte: “Uma outra espécie de “Cardon” tem ramos roliços e nodosos, á maneira de bengala nodosa, em cujos nós há espinhos como nas outras, com as quais concorda no resto”.

NOTA: Esta Cactácea é sem duvida a espécie supra que cresce em Pernambuco desde a Caatinga até o Sertão, com incursões na Zona da Mata, onde medra nas rochas, seja deitada, seja encostada ás árvores. No interior forma maciços impenetráveis. O termo “roliço” de MARCGRAVE refere-se ao aspeto cilíndrico da planta densamente guarnecida de espinhos, pois, de fato é provida de cinco a sete quinas.

WERDERMANN (61) quer vêr no “Iamacaru” de MARCGRAVE (M:23) uma espécie de Harrisia, mas sem razão, porque a descrição só quadra com Hylocereus.

Material ex.: Pernambuco – Brejo da Madre de Deus – Pickel 3500.

Opuntia brasiliensis (Willd.) Haw., Suppl. Pl. Succ. 79.1819.

N.v.: “Iamacarú” (M, P.2), “Iaracatiá” (P.1 e P.2), “Urumbeba”, Ururumbeba” (P.2).

N.v.m.: “Urumbeba”

Lit.: M:125 (Iamacará Brasiliensibus) L.3, Cap.15, Fig.126, segunda.

P.1:100 (Trunco est admodum spinoso). L.4, Cap.63, Fig.100, terceira.

P.2:189 (Secunda Iamacarú). L.4, Cap.35, Fig.190, primeira.

P.2:190 (Quarta species). L.4, Cap.35, Fig.190, primeira.

Quem melhor descreve esta Cactácea na 1ª ed., é PISO, motivo porque damos da tradução do texto dêle, intercalando porém (entre parênteses) em que MARCGRAVE o completa.

PISO escreve: “O “Iaracatiá”, também uma espécie de “Iamacarú”, tem o tronco de tal modo espinhoso e alinhado que so diria um “Pinheiro” no que toca ao tronco reto e ao porte, variando, porém, no resto, porque as folhas se empurram mútuamente e gurnecem os ramos na extremidade da árvore, as quais pela sua forma arredonda e pela grossura imitam uma palma de mão e os compridos espinhos os dedos”.

(MARCGRAVE diz êste “Iamacarú”, que tem caule roliço, grisalho, armado de espinhos em estrela e, em cima, ramos dependurados, cujos cabos são prolongamentos roliços com espinhos estrelados como o caule e nestes ramos assentam as folhas á maneira da “Tuna”, ovais, comprimidas, porém, não tão grossas como na “Tuna”, havendo infincados no contêrno acúleos

agudos isoladamente. Na superfície de ambos os lados das folhas saem uns tubérculos (i.e, os aréolos!); a côr dos ramos e das folhas é verde. Traz flor.”).

“Dos frutos (continua PISO) desta árvore que cresce longe daqui e foi descoberta por nós há pouco até agora eu e os velhos Brasileiros que viajavam comigo, não tínhamos a menor notícia. A medula do caule é ainda mais verde que a do “Sabugueiro”, o qual rachado logo seca e se desfaz em pó levíssimo que esvoaça e, tendo retirado a casca espinhosa fica o caule ôco e mais leve que uma bengala, feita de admiráveis cancelas como que artificialmente, o qual se fôr aceso alimenta muito bem a chama, tendo sido usado como facho quando viajámos de noite. Por isso, mandei transportar com o máximo cuidado de lá um tronco que era da grossura de uma perna e com uns vinte pés de comprido, que existe agora no Horto Acadêmico de Leiden, entregue aos cuidados do ilustre professor D. VORST.”

Na 2ª ed., PISO reproduz tanto o texto de MARCGRAVE, como o próprio, dando-ás como duas plantas diferentes. Devido a mixórdias das estampas, pela qual se deve culpar LAET, PISO deixou-se iludir, pensando tratar-se de planta diversa. PISO corrige, entretanto, o erro, da 1ª ed., dizendo qua a planta se chama “Iracatiá” somente por um equívoco.

NOTA: SCHUMANN (31) identifica a planta pisoniana como sendo Opuntia brasiliensis.

Esta cactácea encontra-se somente no Interior, i.e, na Caatinga e no sertão nordestino.

A anotação de LAET, a respeito das flores de Opuntia brasiliensis é pura alucinação, porque a descreve á mão de uma estampa errada (de Hylocereus). PISO comete o mesmo erro, ao descrever a segunda “Iamacarú”.

Material ex.: Pernambuco – Russinha – Pickel 3197.

Opuntia ficus-indica (L.) Mill., Gard. Dict. 8ª Ed. 1768.

N.v.: “Ururumbeba” (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Palma gigante”

Lit.: P.1:100. L.4, Cap.63, Fig.100, segunda (Só a fig.)

P.2:191 (Sexta et última Iamacarú). L.4, Cap.35, Fig.191.

O trecho referente a esta cactácea é encontrado só na 2ª ed., Damos em seguida, a tradução respetiva onde PISO escreve: “Tanto quanto eu e meu diligente doméstico estávamos de acôrdo, a sexta e última “Iamacarú” recebeu como outras muitas um nome peculiar pelos indígenas, a saber “Ururumbeba”, da família das “Tunas” ou “Figueiras da India”. Ela encontra-se tão somente nos sertões do Interior e, embora não tenha sido usada em medicina até agora, o que porém deve ser investigado pelos vindouros nem por isso deve ser omitida aqui. Tem caule reto e sólido, armado de espinhos fortes distribuidos sem ordem, do qual nascem na extremidade superior muitas folhas grossas, eriçadas de espinhos, da forma de palma, que fazem as vezes de ramos”.

PISO dá ainda os seguintes usos medicinais das Cactáceas em geral.

IND. TERAP.: Todas as “Iamacarú” são frígidas e úmidas embora em grau diferente, porém, os grãos são secos e astringentes. A goma que delas exsuda, como também os cladódios e as raízes são úteis nas febres e noutros males causados pelo calor. As frutas são boas mesmo para os doentes.

NOTA: A “Ururumbeba” de PISO parece ser esta espécie que foi introduzida no Brasil, e que êle chama (P.2:28) “Figo silvestre”, e “Iamacarú”. Pode tornar-se arborescente, tomando a forma mais ou menos como mostra a estampa. Os cladódios são muito grossos e enormes, armados de raros espinhos, porém, quando a planta escapa das culturas se torna mais espinhosa. É cultivada no Nordeste em grande escala, ao lado da “Palma doce” (Opuntia cochenillifer (L.) Dyok), para forragem no sertão.

Desconfiamos ser a descrição desta espécie feita tão somente á mão da estampa, a qual ficou na 1ª ed., sem texto.

Material ex.: Pernambuco – Rio Branco – Pickel 3222 – Tapera 4154.

Hylocereus undatus (Haw.) Br. & Rose, Fl. Bermud, 256.1918.

N.V.: “Iamacarú” (M, P.2)

N.v.m.: “Cipó cacto”

Lit.: M:23 (Iamacarú Brasiliensibus). L.1, Cap.12, Fig.125, segunda.

P.2:188 (Prima spinosa quae se offert Iamacarú). L.4, Cap.35, Fig.189, primeira.

MARCGRAVE escreve; (A planta) “chamada pelos Brasileiros de “Iamacarú” e pelos portugueses “Cardon”. Este cacto espinhoso nasce apegado a arbustos e árvores e tem raízes finas com que nelas se agarra. As suas folhas são grossas, triangulares, inseridas uma na outra de várias maneiras, como na “Figueira da Índia”; cada lado da folha tem a largura de um dedo e é de matéria sólida como a “Erva babosa” ou a “Tuna”. As folhas são verdes e suculentas cheias de suco viscoso, porém, sem sabor particular a não ser o de erva. Nas extremidades das quinças das folhas, com intervalo de um dedo e meio, há juxta-ostos quatro espínulos agudos e cinzentos. Nas mesmas extremidades também provém o fruto, de cujo rudimento de oito dedos de comprimento sai no tópo uma flor que consta, por fora, de umas quarenta sépalas verdes, estreitas, de três a quatro dedos de comprimento sai no tópo uma flor que costa, por fora, de umas quarenta sépalas verdes, estreitas, de três a quatro dedos de comprimento e, por dentro, de umas vinte (pétalas) alvíssimas, mais largas que aquelas, verdes e, no meio, numerosos estames amarelos com ápices amarelos e esponjiformes (i.e, as anteras!) e, no meio dêles, uma coluna amarela, roliça, fendida em cima em muitas partes divaricadas. A flor tem cheiro doce e enfoativo. Produz um fruto oval, do tamanho de um estróbilo e da forma dêste e consta de protuberâncias triangulares. Todo o fruto adquire pericarpo igual as da laranja, dentro e fora, com côr de laca florentina umedecida, elegante, (as protuberâncias triangulares, ou pontas, porém, são verde-amarelas) ou de côr mesclada de laca e cinábrio; encerra polpa branco-cinzenta, suculenta, saborosa, repleta de sementes negras e brilhantíssimas, e de tamanho e côr semelhantes ás de Aquilegia as quais se come junto com a polpa”.

A estampa que acompanha o texto e que representa o Cereus jamacarú foi trocada por LAET. Com toda certeza a estampa verdadeira é a que se encontra à página 125, segunda. WERDERMANN (61) pensa que MARCGRAVE descreveu talvez uma espécie de Harrisia. A estampa à pg. 125 tem muita semelhança com Harrisia adscendens, porém, o texto refere-se positivamente ao Hylocereus que é muito comum no Nordeste.

PISO copia na 2ª ed., o texto supra de MARCGRAVE, junto com a estampa errada, mas, aplica a esta espécie as propriedades medicinais que, na 1ª ed., atribuiu aos Cereus jamacarú e C. farnambucensis.

NOTA: LINEU (74) descreveu a planta marcgraviana como Cereus triangularis, JACQUIN (40), também descreveu esta cactácea de MARTINIQUE, dando-lhe o nome de Cereus triangularis aphyllus.

Em Pernambuco encontra-se cultivado e, espontaneamente no Interior onde guarnece as rochas, palmeiras e paredes.

Hoje a espécie supra é muito cultivada para cobrir cercas e muros ou então deixam-na trepar nas palmeiras e árvores.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel cutl.

-----

### Família LECYTHIDACEAE

? Cariniana legalis (Mart.) O.K., Ver. Gen. Pl. 3(2):89.1898.

N.v.: Iecuiba (M).

N.v.m.: “Jecuiba”, “Jequitibá vermelho”, “Pau carga”.

Lit.: M:127 (Iecuiba Brasiliensibus) . L.3, Cap.16, Fig.127.

MARCGRAVE tem o seguinte: “A planta chamada “Jecuiba” pelos Brasileiros é uma árvore bastante alta, com casca quase esbranquiçada. Traz folhas em ramúsculos alternadamente opostos, por sua vez opostas ou alternas, com um folíolo isolado na extremidade, com uns três dedos de comprido, acuminadas e com nervura longitudinal e veias transversais. Traz uma flor azul. A madeira desta árvore é excelente para escultura de vários objetos, pois, é ruivo-parda e ondulada de preto. É equivalente á madeira de “Cardeira” porém mais estimada e muito mais elegante”.

NOTA: O “Jequitibá-rosa” é chamado ainda hoje “Jecuiba” (segundo EURICO TEIXEIRA FONSECA (83) e BERG. (31), que afirma ser ela a planta marcgraviana. A madeira é leve e porosa, semelhante à do “Cedro”, e (segundo HUASCAR PEREIRA (65) serve para esculturas.

É provável ter MARCGRAVE encontrado essa árvore em Alagôas ou Pernambuco, confundindo-a com outra árvore, porque a “Jecuiba” não tem flor azul.

Ignoramos que planta seja a “cardeira”.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel s/n (fruto).

Eschweilera luschnathii (Berg.) Miers, Trans. L. Soc. 30:258.1874.

N.v.: Ibiraba (M)

N.v.m.: “Imbiriba”

Lit.: M:136 (Ibiraba Brasiliensibus). L.3, Cap.19, Fig.136.

MARCGRAVE escreve: “Da “Ibiraba” dos Brasilienses. Há duas, a branca e a preta.

A “Ibiraba branca” é uma árvore que cresce com o porte de uma “pereira”, tem casca fusca, ramos dispostos sem ordem e folhas rijas, verde-escuras, alternas, semelhantes às da pereira que se inserem nos pecíolos. Traz uma flor do tamanho de uma rosa (canina!), de cheiro suave e quase melhor que o da rosa, constando de cinco pétalas amarelo-pálidas. No meio da flor existe um corpo semilunar que é enrolado à maneira de um caracol, do tamanho de uma castanha (de cajú!) e decíduo, podendo colher-se em grande quantidade debaixo da árvore. Traz um fruto semelhante a um copo com seu opérculo achatado, um pouco cônico no centro, havendo na circunferência do pixídio por fora seis excrescências angulosas, e sendo o tamanho do pixídio quase de uma castanha. Primitivamente, o fruto é verde, depois torna-se fusco e, quando amadurece, o opérculo salta espontaneamente e o único caroço que encerra cai, e tem o tamanho da nossa avelã; o pixídio, porém, fica pendurado da árvore ainda algum tempo. Dêste fruto prepara-se tinta de escrever. Cresce por toda parte. Floresce em outubro e novembro”.

NOTA: Da “Ibiraba preta” nada se encontra senão o nome.

A “Imbiriba” é árvore muito comum desde o litoral até a caatinga, no Nordeste. Usam o tronco para tirar ripas destinadas a segurar as telhas dos telhados, pois, lasca com facilidade devido a ser muito fibroso e flexível.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel 347.

Gustavia augusta ALM, sensu Berg, Ol. Surinam.12.1775.

N.v.: Ieniparandiba (M), Janiparandiba (P.1), Japarandiba (M), Japoarandiba (P.1 e P.1:22 e 26).

N.v.m.: “Japaranduba”, “Páu fedorento”.

Lit.: M:109 (Japarandiba Brasiliensibus) L.3, Cap.9, Fig.109, primeira.

P.1:121 (De Janiparandiba). L.4, Cap.102, Fig.121, segunda.

P.2:172 (Arbor est cortice cinereo). L.4, Cap.28, Fig.172.

MARCGRAVE dá a descrição seguinte: “A “Japarandiba” dos Brasilienses, ou como os Portugêses dizem, “Ieniparandiba”, é uma árvore com casca cinzenta e pouco ramos. As folhas são desprovidas de pecíolos, dispostas ao redor (do galho) sem ordem e em grande número, de um pé de comprimento, da forma quase de uma língua, a não ser que na base sejam mais agudas e um tanto semelhantes às folhas de “Janipaba”, são levemente como crenadas nos bordos e têm nervura longitudinal conspícua e muitas veias proeminentes dirigidas para os lados, com largura de somente três dedos no lugar mais largo. Traz uma flor grande, orbicular, com diâmetro de uns três dedos e consta de oito pétalas rosáceas, isto é brancas, porém, um pouco encarnadas nas margens. No meio estão em pé muitos estamínulos erétos e dispostos em círculo, curvados à maneira de um crescente e apresentando (no conjunto!) quase que um globo, amarelos, com ápice amarelo e trêmulo.

A flor insere-se num pedicelo (às vezes em um pedicelo duplo), tem cheiro suave como a rosa e até mais agradável. A flor segue o fruto, egualando em tamanho uma maçã ou, mesmo, ultrapassando-a, com forma de maçã mas, plano na parte superior, como se uma parte fosse cortada. Encontram-se às vezes dois ou três juntos num pedicelo bifido ou trifido. A cor do fruto é de um grisalho por fora e amarelo por dentro, cortando o pericarpo encontram-se dentro caroços do tamanho de amêndoas ou avelãs, oblongas porém, angulosos, da forma de um coração humano, tendo cada qual uma massa filamentosa, amarela, e tendo gravado em cima uma espécie de artérias, e estas artérias oriundas de todos os caroços unem-se no meio da cavidade do fruto. Cada caroço com seu apêndice (i.e, funículo) representa um coração com aorta, cortada em parte. A cor dos caroços é brilhante, hepática, com muitas vênulas espalhadas em redor, porém, internamente, debaixo de tegumento a amêndoa abriga o embrião dividido em duas metades, de cor branca. A madeira da árvore é dura, medulosa e a casca enegrece como no “amieiro”.



PISO escreve um capítulo especial sobre esta planta na 1ª ed. em termos vagos, que concordam entretanto, com a descrição de MARCGRAVE. Na 2ª ed. completa a sua com a do seu colega.

IND. TERAP.: As folhas inteiras ou contusas e colocadas sobre a região do fígado, removem as obstruções do hipocôndrio endurecido e, preparadas em farmácia, são aperientes.

Os indígenas empregam-nas quando sofrem de opilação do fígado e mesentério. Esses medicamentos são preparados à base de “Jurubeba” e “Tapirapeçú”, que entram para banhos, nos casos de resfriados (P.1:22), na hidropisia (P.1:26) e prisão de ventre.

NOTA: No Liber Principis a planta é pintada trazendo os nomes de “Japoarandiba” e “Jandiparana”.

BERG (31) pensa tratar-se na descrição de MARCGRAVE da Gustavia brasiliiana DC. e MIERS (31) lhe dá o nome de Gustavia marcgraviana.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 2234.

Lecythis pisonis Cambess. ex St. Hil., Fl. Bras. Mer. 2:377.1829.

N.v.: laçapucaio (P.2), laçapucaya (M), Zabucajo (P.1), Zabucayo (P.1).

N.v.m.: “Sapucaia”

Lit.: M:128 (laçapucaya Brasiliensibus). L.3, Cap.16, Fig.128.

P.1:165 (De Zabucajo, ejusque usu.). L.4, Cap.13, Fig.66.

P.2:134 (Altissima Arbor est). L.4, Cap.14, Fig.135.

Sobre esta célebre árvore PISO escreve no capítulo 13 da 1ª ed. o seguinte: “Do “Zabucajo” e seus usos. É uma árvore muito alta, com casca grisalha, dura e desigual como num “carvalho” velho (do qual se faz tinta de escrever). As folhas novas são ruivas, as adultas verdes, semelhantes às da “amoreira”, serreadas nos bordos e de alguma maneira torcidas e curvas. Produz cálices (i.e, pixídios) volumosos e sumamente duros, com a boca virada para o chão e tampados com um opérculo, por um admirável capricho da natureza, como uma píxide. Neles encerram-se nozes de sabor gostoso que, depois de terminada a maturação e aberta a tampa, sem demora caem dos pixídios sem auxílio qualquer e constituem agradável alimento tanto para os habitantes como para os animais. Amadurecem uma vez ao ano e em meados do inverno. São comparáveis em sabor e bondade às pistácias e são tidas como afrodisíacas. Delas fazem-se bebidas e papas usadas em medicina e à mesa. Azeite gordo também se extrai delas, mais quente que o das amêndoas, pois, as sementes, das quais se exprime são consideradas quentes no 2º grau e secas no 1º. É preferível comê-las assadas do que cruas, porque infestam a cabeça. Mais de trinta (sementes), dispostas em ordem encontram-se num pixídio, aderentes e aglutinadas mediante uma matéria viscosa (i.e., os funículos grossos) e são de forma quase triangular. Não são muito dissemelhantes ao nosso Mirabolano Chébulo.

Esses pixídios são tão duros que servem aos Tapuias não só como copos, mas também como pratos e painéis. Aliás a árvore cresce tão copiosamente nas gargantas e nos lugares do interior que os frutos serviram uma vez a um exército inteiro como alimento suficiente.

A árvore é bela, de tronco grosso e linheiro e eleva-se à grande altura. A madeira presta muitos serviços e resiste admiravelmente à putrefação, sendo por isso e por causa de sua dureza usada para fabrico de eixos das moendas de cana e muito superior à de outras árvores. Além disso, as cascas contusas e convenientemente preparadas servem aos marinheiros para substituir a estopa”.

MARCGRAVE descreve a mesma árvore com texto idêntico, no que toca tronco e folhas. O fruto é descrito de visu, como segue: “Um fruto enorme, pendurado do seu pedicelo grosso e lenhoso, do tamanho da cabeça de uma criança, de forma elítica, em baixo como que atenuado em cone obtuso e, em cima, isto é, no pedicelo, deprimido lembrando um copo com sua tampa; tem pericarpo lenhoso e duro, de cor corácea. Tirando o opérculo (pois o fruto maduro abre-se e cai o opérculo) vê-se o fruto dividido internamente em quatro compartimentos e dentro de cada lóculo é encontrado uma (duzia de) castanhas do tamanho de uma ameixa com tegumento amarelo-cinzento, rugoso, o qual, quebrado, dá à amostra um albumen branco, de ótimo sabor e come-se cru e assado”. .....”Amadurece em março e abril. A árvore é mui freqüente nas grandes matas de Nambiu e Alagoas do Sul e em direção à Alagoa Grande”.

Na 2ª ed. PISO reproduz mais ou menos os mesmos conceitos, sendo o texto enriquecido com algumas expressões da versão de MARCGRAVE. A estampa é melhor que a da 1ª ed.

NOTA: LINEU (74) considera a planta dos nossos autores como sendo Lecythis ollaria e AUBL. (10) como Lecythis zabucajo, BERG (31) acredita, porém, tratar-se da espécie supra.

As “Sapucaias” são árvores belas e copadas das matas do Nordeste. A espécie de que PISO fala sobressai de dentro da mata na época das folhas novas (outubro-dezembro) devido a cor ruiva da copa atraindo a vista. É nesta época que florescem, dando-se a frutificação desde março até julho.

W. PECKOLT (21) afirma que PISO e MARCGRAVE colheram a “Sapucaia” em Minas, o que não é exato, pois eles nunca estiveram ali.

O que PISO escreve sobre o uso dos frutos e das sementes cruas e a comparação com os Mirabolanos e o uso da madeira para eixos, a resistência á putrefação, é tirado de LAET (43) e PURCHAS (34).

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 2480, 4062.

XXXXXXXXXX

PISO fala ainda de uma outra espécie dizendo que: “Ainda existe nos mesmos sítios outra árvore “Zabucayo”, semelhante á primeira, que porém produz pixídios mais disformes e as suas nozes são tidas como de qualidade inferior, pois, devido á seu uso imoderado têm caído os cabelos de algumas pessoas, como afiançam os habitantes”.

Como existem várias espécies, é impossível dizer à qual se refere PISO.

-----

### Família RHIZOPHORACEAE

*Rhizophora racemosa* G.F.W. Meyer, Prim. Fl. Esseq. 185. 1818.

N.v.: Guapariiba (P.2), Guapereiba (M), Mangle (P.1: 5), Mangue guaparaiba (P.1), Mangue verdadeiro (M, P.2).

N.v.m.: “Mangue de pendão”, “Mangue preto”, “Mangue vermelho”.

Lit.: M: 118 (Guapereiba Brasiliensibus). L.3. Cap.8.

P.1: 114 (Tertia et postrema). L.4. Cap.87. Fig.113, segunda.

P.2: 204 (Tertia et postrema). L.4. Cap.42. Fig.204.

Sôbre os “Mangues” diz PISO no 1º livro da “Medicina brasiliense” (1ª ed.) que “na boca dos rios, onde a água do mar inunda na maré alta a região pantanosa, há uma imensa multidão de ostras e caranguejos que percorrem o chão, sendo de tal maneira ocupada por aquêl tortuoso gênero de árvores que chamam “Guaparaiba” ou “Mangle”, que fica completamente inacessível para os pedestres”.

No Cap.87 do livro 4º, onde trata das várias espécies de “mangues” e suas qualidades, escreve como introdução o seguinte: “Pelo que aprendi dos que escreveram sôbre as cousas exóticas, em ambas as Índias, os lugares paludosos impregnados pelo sal do mar vizinho são cheios dêsse gênero de árvores que chamam “Mangue” vulgarmente. Delas ocupa-se também CARLOS CLUSIUS. Como porém foram descritos até agora apenas os seus exquisitos e extraordinários modos de crescer silenciando sôbre os usos, vale a pena examinar mais a fundo a sua natureza.

Há três espécies de “Mangue”: A primeira ou “Cereiba” que é o “Mangue-branco”; a segunda ou “Cereibuna” .... A terceira e última, chamada “Mangue guaparaiba”.

Sôbre esta terceira espécie PISO diz: “Excede as outras em porte e utilidade. Nos meses de estio traz “vagens” chochas, repletas de polpa amarga, oblongas e sempre duas copuladas. Admirável é seu modo de crescer. Pois, como tem ramos ascendentes com frondes á maneira da “pereira”, assim muitos dos seus ramos afílos parecem transformar-se em raízes, porque descem e se fixam de baixo da terra e, prendendo outros ramos, copulam com êles e, por sua vez, se espraiam tendo coesão tão firme como os troncos principais da árvore, de maneira que a árvore parece constar de muitos troncos entre sí unidos, fato êste que é certamente um curioso espetáculo e singular modalidade da árvore”.

MARCGRAVE por sua vez, completa a descrição do seu colega escrevendo: “A “Guapareiba” dos Brasilienses e “Mangue verdadeiro” dos Portugueses, é uma árvore com madeira pesada e firme e casca parda, ramos e folhas opostas, sendo estas espessas, providas de uma

nervura longitudinal e muitas veias laterais, sendo verde-claras, iguais em tamanho às da “pereira”. Traz muitos flósculos em cálices compridos e verde-amarelados. O fruto caindo serve de alimento aos caranguejos da terra que moram debaixo destas árvores. Lançam raízes de muitos feitios”.

PISO dá os usos e aplicações seguintes:

IND. TERAP. A raiz mole é úmida aplica-se depois de lascada e assada e ainda quente às mordeduras venenosas causadas pelos peixes (P.1: 44) chamados “Niqui”, porque mitiga as dôres e faz sarar o membro ferido, embora que, no início, as dores aumentem. É um grande remédio que os pescadores inventaram e nos legaram.

Na 2ª ed. PISO completa a descrição, intercalando o texto de seu colega.

NOTA: JACQUIN (40) determina a palnta pisoniana corretamente.

Mat. ex.: Pernambuco – Rio Formoso – Pickel 3753.

---

### Família COMBRETACEAE

Conocarpus erectus L., Sp.Pl.176. 1753.

N.v.m.: “Mangue de botão”

Lit.: M: 76 (Frutex cujus nomen). L.2. Cap.13. Fig.76, primeira.

Sôbre esta planta que faz parte da flora dos mangues MARCGRAVE escreve: “É um arbusto semelhante á Salix pumila, com fôlhas de “Salgueiro”, porém, um pouco mais largas, com nervura longitudinal saliente em ambos os lados e veias transversais tênues e também madeira como no “Salgueiro”. Possui capítulos globulosos, verdes, em pedúnculos compridos que nascem ora das axilas, ora isoladamente no caule, havendo neles flores aglomeradas, muito pequenas, de cor amarela. Depois das flores vêm capítulos como no lúpulo, do tamanho de uma azeitona pequena, porém, duros que encerram uma semente trangular”.

NOTA: LAET acrescenta que mandou fazer a estampa (anexa) á mão da planta sêca guardada no herbário de MARCGRAVE e completou a descrição que êste deixara inacabada. Parece que a frase referente ao fruto é de LAET, pois, MARCGRAVE não teria comparado o capítulo á frutescência do lúpulo que é completamente diversa.

LINEU (74) determinou a planta marcgraviana como supra, e também EICHLER (31) cita a planta do nosso autor; da mesma forma JACQUIN (40).

Material ex.: Pernambuco – Rio Formoso – Pickel 1966.

Laguncularia racemosa (L.) Gaertn. Fruct. 3: 209. 1805 – 1807.

N.v.: “Cereibuna” (P.1 e P.2)

N.v;m.: “Mangue preto”

Lit.: P.1: 113 (Secunda, Cereibuna). L.4. Cap.87.

P.2: 204 (Secunda, Cereibuna). L.4. Cap.42.

PISO conhece uma terceira espécie de “Mangue” e escreve a respeito dela: “A segunda é a “Cereibuna” que não emite raízes desde os ramos para a terra nem se desenvolve com tanto luxo de raízes emaranhadas e tortuosas. Tem fôlhas gordas, glabras, redondas, verde-claras e flor esbranquiçada, fruto exíguo e muito amargo, do tamanho de avelã, com o qual os pombos bravos e outras aves se alimentam, na falta de comida melhor, torna a carne dêles tão amarga que quase não se pode comer.

Tem casca rubra, com a qual se prepara o sumagre do cortume, não inferior ao da Europa e os pescadores tingem também as suas rêdes que usam todos os dias”.

NOTA: EICHLER (31) identifica a “Cereibuna” de PISO acertadamente como Laguncularia racemosa.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel 349.

## Família MYRTACEAE

Britoa dichotoma Berg. Linnaea 27:435.1854.

N.v.: Guabiraba (P.1 e P.2), Ibabiraba (M, P.2)

N.v.m.: “Guabiraba”, “Guabiroba”.

Lit.: M:117 (Ibabiraba Brasiliensibus). L.3, Cap.10, Fig.117, primeira.

P.1:73 (De Guabiraba arbore; ejusque facultatibus). L.4, Cap.24, Fig.73.

P.2:149 (In confragosis nemoribus Brasiliae). L.4, Cap.20, Fig.150.

PISO escreve um capítulo inteiro sobre esta árvore que começa assim: “Cap.24. Da árvore “Guabiraba” e suas facultades. Nas matas escabrosas do Brasil encontra-se uma ampla árvore que, pelo nome indio, se chama “Guabiraba” (Na 2ª ed. confessa que o nome indio é “Ibabiraba” que os portugueses e Bâtavos estropiaram para “Guabiraba”). Tem madeira torta com muitas sinuosidades tortuosas e, além disso, é muito alta e dura e resistente à putrefação. Nos oiteiros e campos atinge a mesma “guabiraba” porte muito menor, alcançado mal o de uma “ameixeira”, sendo também as folhas muito menores e produzindo frutos menos agrestes. Devido à diversidade do solo são, finalmente, tão diferentes que estas são procuradas pelo médicos e aquelas mais pelos carpinas”.

Em seguida, PISO descreve a árvore e dá as indicações terapêuticas.

Tendo porém MARCGRAVE feito uma descrição mais minuciosa preferimos da a tradução deste que escreve: “A “Ibabiraba” dos Brasilienses é uma árvore de tronco torcido, casca cinzenta e folhas verde-claras (que tem muitas nervuras salientes e são quase rugosas), de três dedos mais ou menos de comprimento e opostas diretamente; esfregadas entre os dedos exalam um cheiro entre o da “Mangerona” e do “Alecrim”. Entre elas surge esparsamente um pedúnculo de dois dedos de comprimento e, em cima, com divisão tripla, em cruz, trazendo três flores, de forma e tamanho mais ou menos de uma rosa silvestre, constantes de cinco pétalas brancas, de cheiro agradabilíssimo como as nossas rosas. Depois da flor segue um fruto globuloso, do tamanho de uma cereja, apegado como a pêra num pedicelo, externamente de cor parda (que se torna preta, segundo PISO), e com um umbigo de três (?) folíolos ruivos, sem duvida os restos da flor morta. Encerra polpa mole, pálida, na qual se acham imersos alguns caroços encarnados, quase redondos, achatados e moles que se come tudo junto. O sabor é doce, tendo misturado algo de resinoso.

As folhas ou flores juntamente com as da “Camará” empregam-se para lavapés nas dores de cabeça. Floresce em janeiro ou fevereiro e frutifica em abril ou maio”.

Na 2ª ed. PISO adota após a introdução apresentada por MARCGRAVE, exatamente como nós fizemos, abandonando a própria e até a estampa que na 1ª ed. acompanhava o texto, preferindo a do seu colega.

Os usos medicinais são as seguintes, segundo PISO:

IND. TERAP.: As flores que se colhem cobertas de orvalho fornecem por destilação uma essência que tem virtudes refrigerantes (P.1:91) e purificadoras, sendo usada nas inflamações dos olhos, nas feridas (P.1:36) e no macúlo (P.1:32). As folhas usam-se em banhos quentes, porque são quentes no 3º grau e, como diz MARCGRAVE, em lavapés nas dores de cabeça. A água obtida pela destilação das folhas tem a mesma fragrância que a essência que se extrai das flores. O carvão da casca e as cinzas adicionando pó de tabaco usa-se nas afecções dos olhos, como PISO preconiza ao falar das moléstias dos olhos (L.1, Cap.2, Fig.18) e toma-se como rapé ou em insuflação.

NOTA: A “Guabirabeira” é muito comum no Nordeste, sendo exatamente a mesma, como foi descrita pelos nossos autores. O tronco é cheio de anfratuosidades. As folhas são buladas e por isso muito rugosas e desiguais. Quando a árvore se cobre de flores, após as chuvas de janeiro, é toda branca, exalando agradável fragrância. As flores são sempre em número de três. As frutas são raras no litoral; mais freqüentes no interior onde o povo faz um doce delas.

Segundo BERG (31) a “Guabirabeira” de PISO seria Abbevillea maschalantha Berg. e a “Ibabiraba” de MARCGRAVE a Britoa triflora.

Porém noutro lugar, BERG diz que PISO descreve e dá a estampa de duas (MYRTACEAE), sendo a 1ª A. maschalantha e a 2ª talvez a Eugenia grandiflora Berg.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 3703, Paraíba – Areia – Moraes de Vasconcellos 247.

Eugenia uniflora L. non Berg., Sp. P1. 470.1753.

N.v.: Ibiapitanga (M, P.1 e P.2), Ibiapitanga (M.:109), Ubapitanga (M.:293), Ubipitanga (P.1).

N.v.m.: "Pitangueira"

Lit.: M:116 (Ibipitanga Cerasus Brasiliana). L.3, Cap.10, Fig.116, segunda e Fig.293, primeira (Ubapitanga).

P.1:121 (De Ibipitanga, sive Ceraso Brasiliana, ejusque qualitibus). L.4, Cap.101, Fig.121, primeira.

P.2:187 (Olim silvestris tantum). Lib.4, Cap.34, Fig.187, primeira.

PISO escreve um capítulo próprio sobre a "Pitanga". Os termos da descrição são muito semelhantes senão iguais aos usados por MARCGRAVE. Embora este apresente uma descrição mais completa preferimos dar a de PISO a qual é um pouco mais de que uma diagnose seca, porém, entercalaremos alguns tópicos de MARCGRAVE afim de completar a diagnose.

PISO escreve: "Da "Ibipitanga" ou "Cerejeira-brasileira" e suas qualidades. A "Ibipitanga" ou "Ubipitanga" (o nome correto é "Ibapitanga") que antigamente era somente silvestre, agora também cultivada nas hortas dos portugueses e bätavos, merece ser colocada entre as "cerejeiras" e "ameixeiras", devido á semelhança das flores e frutos, sendo, entretanto, o tronco tortuoso e dividido em vários ramos que se estendem aqui e acolá. Tem fôlhas verde-escuras (e, segundo MARCGRAVE, lisas, em baixo mais claras e sempre duas opostas) de cuja axila saem flores brancas, constantes de quatro pétalas (e, segundo MARCGRAVE, muitos estamínulos). Dali origina-se um fruto redondo, primeiramente vermelho-vivo como a baga da "amoreira", colorindo-se logo em vermelho um pouco mais claro e sendo provido de oito estrias profundas. Amadurece principalmente nos meses de chuva. É provido de um umbigo formado por fôlhinhas exíguas. Tem epicarpo tênue e polpa vermelha muito succulenta, de sabor quente e um pouco amargo com agradável acidez e astringência (e segundo MARCGRAVE tendo algo de pimenta). O caroço único que encerra tem uma amêndoa quente e amarga. Estas frutas são célebres e constituem não só um atrativo de sobremesa, como também costumam ser proveitosas aos doentes, pois, refazem admiravelmente o estômago debilitado, combatem a flatulência e tiram a náusea do estômago. Trazem também alívio ao peito, se forem tomadas com um pouco de açúcar".

IND. TERAP.: A fruta é antifebril (P.1:17), e usada como roborante no cólera (P.1:29).

Na 2ª ed. PISO redige o texto acomodando-o ao de MARCGRAVE. Traz também outra estampa que, entretanto, nem sequer concorda com a descrição. Está pintada também no Liber Principis (45).

NOTA: LINEU (74) determina a "pitangueira" de PISO e MARCGRAVE como Malpighia puniceifolia e, noutro lugar, como Plinia rubra.

BERG (31) cita esta planta como sendo a de PISO e MARCGRAVE e também CAMINHOÁ (18).

Material ex.: Pernambuco, Olinda, Pickel 2314, Tapera 4226.

Eugenia uvalha Camb. ex St. Hill., Fl. Bras. Mer. 2:367.1829.

N.v.: Cambui (P.1 e P.2), Murta americana (P.1 e P.2)

N.v.m.: "Uvalha"

Lit.: P.1:82 (Posterior autem, in text.). L.4, Cap.37.

P.2:178 (Posterior autem, myrtus est rubra, in text.) L.4, Cap.30.

Sobre esta espécie de "Cambui", PISO escreve o seguinte: "O outro arbusto é a "Murta vermelha" que, embora cêda em parte á primeira, tanto mais a supera em valor, sendo por isto as frutinhas postas não só entre as frutas de sobremesa, como também na Farmacopéa.

Este arbusto de aspeto bellissimo engalana-se com fôlhas fragrantas, verde-claras, oblongas, acuminadas e alternadamente dispostas. Enflora uma vez ao ano, no tempo da primavera brasílica, quando o sol se aproxima do Cancer, beneficiando tanto o olfato com seu agradável perfume, como os olhos pela sua nívea candura.

Os frutos açafroados são do tamanho de bagas providas de um umbigo redondo, os quais colhidos antes do sol entrar no Capricórnio, são repletos de um ótimo suco, porém, afetam a garganta com sua astringência, caso forem comidos em grande quantidade. Aliás refazem o estômago, fortificam-se e matam a sede. Não há Comarca, onde os habitantes não recorrem a estas frutas e fôlhas utilíssimas, empregando-as como remédio contra os males internos e externos".

IND. TERAP.: O suco e os fomentos feitos com as fôlhas curam as úlceras das pernas (causadas pelas verminoses?) e outros males pela sua astringência e poder purificador. Em banhos empregam-se com feliz resultado contra os fluxos do ventre e do útero. Esta "murta americana" dá os

mesmos resultados que os autores preconizam constatemente da européia, o que porém devo omitir por amor à brevidade”.

Na 2ª ed. PISO observa a mesma redação, porém, descreve mais minuciosamente. Tem-se entretanto, a impressão que o faz à mão da estampa de P. formosa que toma como ponto de comparação.

NOTA: BARLEU (13) conta que NASSAU plantou nos pomares do Palácio de Mauricea também a “uvalha”. PISO chama a planta de “Murta rubra” e, no entanto, as frutas são de cor amarela ou dourada (croceus). Porque será que a chama assim? O nome deve ser, pois, trocado devendo ser aplicado á Phyllocalyx formosa.

Material ex.: São Paulo, Capital, Pickel 942, 1049, 1938, 2767.

Myrciaria jaboticaba (Vell.) Berg., Fl. Bras. 14(1):361. 1857-1859.

N.v.: labuticaba (M, P.2)

N.v.m.: “Jaboticabeira-açú”

Lit.: M:141 (labuticaba). L.3, Cap.14.

P.2:121 (Est arbor recta procera). L.4, Cap.7.

Uma das plantas de cuja existência MANOEL DE MORAES informou a LAET é a “Jaboticabeira”. Desta LAET escreve: “A “labuticaba” é uma árvore reta e grande, ornamentada de vasta ramagem. Produz desde a raiz até ao extremo ápice dos ramos frutos em tamanha abundância e de tal maneira unidos entre si que mal se pode ver a casca. O fruto é globuloso, de cor negra, do tamanho de um limão pequeno, com suco doce como uma uva bem madeira, de qualidade saborosa e saudável, e de grande proveito para os doentes de febre”.

Esta árvore é mui freqüente na Prefeitura (i.e, na Capitania) de S. Vicente, especialmente, nas extensas matas de Paratatinga e no interior da Prefeitura (i.e, da Capitania) do Rio de Janeiro. (É a transcrição do trecho de LAET (43).

Na 2ª ed. PISO adota o texto de LAET, afirmando que a “labuticaba” não tem flores e que os frutos são cinzentos.

NOTA: Segundo BERG (31), esta “Jaboticabeira” seria a Myrciaria trunciflora Berg., segundo VELLOSO (89) a árvore de LAET é a Myrtus jaboticaba.

-----

Depois fala de curta espécie que existe nas matas do povoado de Tahuçurana que tem frutos diferentes usados para fabricar um vinho delicado e doce o qual porém se deve beber logo, porque se estraga a acetifica. Em seguida, PISO trata ainda de uma 3ª espécie que chama “Murta branca”. P.CORRÊA (22) identifica-a como “Cambui amarelo” (Myrtus alba PISO), mas a “Murta branca” é indeterminável.

Palvaea langsdorffii Berg, Fl. Bras.14(1):614.1857-1859.

N.v.: lbacamuci (M)

N.v.m.: “Cambuci”

Lit.: M:141 (lbacamuci arbor). L.3, Cap.14.

Finalizando o texto do 3º livro de MARCGRAVE, LAET acrescenta uma anotação em que diz não achar descabido tratar ainda de algumas árvores cuja descrição recebera de MANOEL DE MORAES. As árvores de que trata são o “Cambuci” e a “Jaboticabeira”. São genuinamente árvores paulistas e eram bem conhecidas de MANOEL DE MORAES, paulista de origem que porém viveu muitos anos com os holandêses, no Nordeste e na Holanda.

Sobre o “Cambuci” LAET tem o seguinte:

“A “lbacamuci” é uma árvore muito comu nas matas de Paratatinga, produz um fruto um tanto semelhante ao limão, com pericarpo tênue, muito sumo, acre porém, como a uva agreste, contendo dentro uns grãos pequenos poucos numerosos, e que embota os dentes. É uma árvore por poucos vista, e conhecida apenas pelo fruto; entretanto eu a olhei (diz M. MORAES) muitas vezes por curiosidade. Não tem nada de comum com a “mamoneira”, pois, elas diferem essencialmente”.

(LAET (43) mencionava na sua obra: que a “Igbucamuci” (como a grafa) nada mais era senão o “Mamoeiro”, erro êste que MANOEL DE MORAES desfez).

NOTA: MANOEL DE MORAES nada diz, infelizmente, da forma singular da fruta a qual, como a etimologia revela parece ser composta de duas metades, pois, existe na junção uma emenda ou dobra que cinge o equador da fruta. No seu livro (43) LAET foi mais feliz quando comparou o fruto com uma maçã de ângulo ou cônico (coin).

PIO CORRÊA (22) lembra que o “Cambuci” estivera em muita voga nos tempos coloniais, porque se comia juntamente com “uvalha” depois de permanecerem algum tempo em aguardente e dando à aguardente um aroma e paladar particular e agradável.

Material ex.: São Paulo – Pickel 5600.

Phyllocalyx edulis Berg., *Linnaea* 27:327.1854.

N.v.: Ibiruba (M, P.2)

N.v.m.: “Cereja”

Lit.: M:132 (Ibiruba Brasiliensibus). L.3, Cap.17, Fig.132.

P.2:161 (Ibiruba per taleolas). I.4, Cap.24, Fig.161.

MARCGRAVE descreve esta “Ibiruba” com as palavras seguintes: “A “Ibiruba” dos Brasilienses. É uma árvore com casca, madeira e maneira de nascer semelhantes á “guaiaba”, tendo porém ramos como a nossa “cerejeira”. Traz fôlhas oblongas, dois ou três dedos de comprimento, mambranáceas, verde-escuras em cima e pálidas em baixo, com uma nervura longitudinal, sem as transversais, sempre duas opostas, também na extremidade dos ramos. Acham-se também dois frutos opostos nos seus pedicelos que nascem na axila das fôlhas opostas. Traz flores. Produz o fruto em pedicelos de um dedo de comprimento; é amarelo ou dourado, do tamanho de uma ameixa, porém, redondo e cônico em direção ao pedicelo e tendo o umbigo cônico rodeado de quatro folíolos verde-encarnados e, na base do pedicelo, também dois folíolos. Êstes e aquêles são os restos da flor, de cujo centro o fruto se forma. É coberto com um epicarpo tênue e tem polpa suculenta fulva, de gosto ácido e amargando aos poucos, não desagradável e com cheiro adocicado e vinoso. Encerra um caroço (às vezes dois, planos de um lado e unidos, no resto redondos), do tamanho de uma cereja, redondo, revestido com tegumento tênue, mas duro que encerra uma amêndoa branca, amargosa. É semelhante ao caroço da “Ubapitanga” e não são facilmente distinguíveis. O caroço joga-se fora, o resto come-se. É uma fruta excelente e pode comer-se em grande quantidade sem inconveniente.

Planta-se por estaca”.

PISO transcreve na 2ª ed. o texto de MARCGRAVE, porém, encurtando certas frases em detrimento da exatidão.

NOTA: A descrição faz supôr tratar-se da “cereja brasílica” e BERG (31) pensa tratar-se de Stenocalyx ligustrinus Berg, mas não pode ser porque é um típico Phyllocalyx. O erro de BERG resulta da observação de MARCGRAVE de que a fruta de “Ibiraba” não é fácil distinguir da de “Ubapitanga”, porém, êste fala do caroço e não da fruta.

Phyllocalyx formosus Berg, *Fl. Bras.* 14(1):328.1857-1859.

N.v.: Cambuy (M, P.1 e P.2) Murta vermelha (P.1 e P.2), Myrta (M, P.1 e P.2).

Murta (M)

N.v.m.: “Mama de cachorra”

Lit.: M:108 (Cambuy Brasiliensibus). L.3, Cap.9.

P.1:82 (Prior arborescens, in text.). L.4, Cap.37, Fig.82.

P.2:178 (Prior arborescens, in text.). L.4, Cap.30, Fig.178.

Sôbre esta planta PISO escreve: “Nas terras mais férteis da Prefeitura (isto é, da Capitania) Paranambucana (sic!) ao redor de Olinda travei conhecimento com duas espécies de arbustos que são chamados “Cambui”. Eles merecem o nome de Myrtus silvestris, devido a fragrância e astringência das duas fôlhas, flores e frutos. O primeiro é arborescente, assemelhando-se á “cerejeira preta” a julgar de todos os carâteres externos, no que toca o lenho, os ramos, fôlhas e flores não só possuem aroma excelente, como ainda os frutos negros são de tal modo saborosos, acompanhados de uma astringência agradável que são apetecidos ao mesmo tempo por todos os habitantes e expostos á venda”.

Em seguida, fala de duas outras espécies de “Cambui”, das quais se dirá adiante.

MARCGRAVE, por sua vez, descreve esta planta nos termos seguinte: “O “Cambui” dos Brasileiros e “Murta” dos portugueses é um arbúsculo de madeira flexível e casca cinzenta. Traz folhas opostas, fastigadas, estreitas, sólidas, verde-luzidias, havendo na extremidade dos ramos sempre duas folhas que são de cor urânea ou ruiva. As flores (não foram descritas!). Como fruto traz bagas vermelhas do tamanho de cerejas que ficam pretas na maturidade e encerram um caroço envolvido por um tegumento tênue. As folhas esfregadas entre os dedos exalam um cheiro especial e tem sabor astringente”.

Na 2ª ed. PISO reproduz mais ou menos o mesmo texto de MARCGRAVE e declara que a estampa se refere a esta espécie.

IND. TERAP.: A Myrthus silvestris é usada em banhos e fomentações no caso de tumores das pernas (P.1:36).

NOTA: Das várias tentativas em determinar a planta pisoniana, convém citar LOEFGREN (46) e PIO CORRÊA (22) que pensam tratar-se de Eugenia crenata Vell. (Eugenia velloziana Berg.). Também Eugenia pisonis Berg. nada tem com a espécie supra, pois, foi dedicada ao “pai da flora brasileira”, não havendo nenhuma referência a respeito. BERG. (31), outrossim, opina ser o Myrthus silvestris e MARTIUS (31) Eugenia velloziana Berg (= Eugenia crenata Vell.).

Acreditamos que o nome de “Murta vermelha” dado por PISO à Eugenia uvalha Camb. deve ser aplicado realmente à Phyllocalyx formosa.

Material ex.: Pernambuco, Olinda, Pickel s/n.

Psidium araca Raddi, Opusc. Sc. 4:252.1823.

N.v.: Ameixa granatense (P.1:26), Ameixa púnica (P.1:17), Araça-Iba (P.1 e P.2, M.), Araçamiri (o fruto!) (M, P.1 e P.2)

N.v.m.: “Araçazeiro”, “Araçá do campo”

**Lit.: M:62 (Araça Iba Brasiliensibus). L.2, Cap.4.**

P.1:74 (Hujus arboris fructus a Brasilianic). L.4, Cap.25, Fig.74.

P.2:150 (Hujus arboris fructus a Brasilianic). L.2, Cap.20, Fig.151.

PISO escreve o seguinte trecho que tem frases idênticas às de MARCGRAVE: “O fruto desta árvore é chamado Araça-miri pelos Brasileiros, sendo que os nossos o chamam Ameixa granatense (segundo MARCGRAVE, Granaet pruynen). O aspeto, a frequência, época a pátria tem de comum a Guabiraba, da qual tratámos no capítulo precedente.

É um arbusto com lenho, folhas e flores como a “Guaibaba” diferindo porém no porte e fruto.

Mas, como é variável o capricho admirável da natureza, ela deitou todas as qualidades e estas bem boas no fruto e na raiz, enquanto não colocou nenhuma das virtudes intrínsecas no fruto e na raiz da “guabiraba”, mas todas nas flores e folhas.

Gosta dos sítios insolados e raramente encontra-se nas matas e bosques fechados. Enflora duas vezes ao ano e também duas vezes frutifica, a saber, no mês de março e, novamente, em setembro.

Produz ameixas providas elegantemente de uma corôa como as nêspers e são repletas de inúmeras grainhas que, depois de maduras, ficam amarelas e tem em si uma substância doce sumarenta (segundo MARCGRAVE, branca), lembrando no sabor, de alguma maneira, o “morango”. São apetecidas, antes crúas do que cozidas e tem suavíssimo cheiro e sabor. É necessário, entretanto que sejam colhidas antes do tempo, porque toda a fruta sofre maior mal do calor solar intenso, se fôr apanhado tarde, do que se fôr colhida mais cedo.

Os doces (P.1:29) que se fazem com esta fruta refrescam agradavelmente, são astringentes e fortificantes e postas á mesa em lugar da massa de marmelos (segundo MARCGRAVE, marmelada), em substituição do doce (do cinorrodon!) de roseira e outras semelhantes”.

Em seguida PISO indica e os brotos são usados para banhos astringente, é diurética e útil ao baço e aos rins e, devido á sua astringência, indicado nas diarréas e disenterias. A fruta em calda ou como doce se dá aos febricitantes.

Noutros lugares PISO recomenda a polpa do araçá como parte integrante do Electuário magistral (P.1:30), as folhas do “araçazeiro” para curar a amebiase (tenesmo, P.1:29), a casca da planta auxilia eliminar a água nos casos de hidropisia (P.1:26), a raiz como decocto para laxar o intestino (P.1:24) e, como diurético, nos casos de tifo (fluxus alvi P.1:31) e, em último lugar, para a lavagem de feridas e úlceras, porque essa loção em que também entram as folhas do limoeiro e da murta, é roborante, purificante e secante (P.1:36).

Na 2ª ed. PISO aproveita o texto de MARCGRAVE para aperfeiçoar o próprio.



NOTA: BERG. (31) afirma ser esta a espécie descrita por PISO e MARCGRAVE. Em Pernambuco este “araçazeiro” é muito comum em campo aberto, especialmente no litoral e as frutas são muito gostosas.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel 613.

Psidium cattleyanum Sabine, Trans.Hort.Soc. 4:317.1822.

N.v.: Araça-guaçú (o fruto) (M, P.1 e P.2)

N.v.m.: “Araçazeiro da praia”, “Araçá de corôa”

Lit.: M:105 (Araça Iba Brasiliensibus). L.3, Cap.7.

P.1:74 (Alia ejusdem generis Araça). L.4, Cap.25.

P.2:152 (Alia ejusdem generis Araça). L.4, Cap.20.

Sobre esta árvore de praia encontramos o seguinte em nossos autores que mutuamente se completam. O que têm acerca do fruto é idêntico *ipsis verbis*.

MARCGRAVE começa a descrição com esta frase: “A “Araça Iba” dos Brasilienses cujo fruto se denomina Araça-guaçú. Esta árvore é semelhante à “guaiaba” no porte, na casca e na madeira, porém, as folhas diferem”. (Nada escreve sobre as folhas e flores, passando logo a descrever o fruto como veremos adiante, e compara o “Araça-guaçú com a goiabeira”).

Por sua vez PISO também compara ambas as plantas dizendo: “São ligadas entre si por estreita afinidade a “guaiaba” e o “araça-guaçú”, porque, não só são da mesma altura, mas as folhas, flores e os frutos combinam em qualidade no aspeto externo. Chamam-se estas com razão Pêras granatenses, como os araçás Ameixas granatenses”. (P.2:152).

PISO começa o trecho referente a esta planta, como segue: “Encontra-se ainda outra de “Araçá” embora não tão freqüentemente que, entretanto, produz um fructo mais belo e muito maior (que o “Araça-miri”).

Por isso, é chamado pelos indigenas “Araça-guaçú”, isto é Araça grande, porque forma uma árvore bastante grande. Tem folhas glabras, verde-claras, de forma e fragrância muito semelhantes ao do “louro”. Traz fruto do tamanho de uma maçã mediana, redondo, no ápice com umbigo; tem polpa branca semelhante à do araçá-miri e cheiro, sabor e substância, encerrando no meio muitos caroços iguais a ervilhas menores, quase redondos, um pouco comprimidos, branco-amarelados e duros como caroços de cereja, tendo internamente a albumen branco. Estes caroços aderem à polpa mediante funículos delgados”. (Esta parte, referente ao fruto de MARCGRAVE).

Na 2ª ed. PISO acrescenta á descrição que é idêntica á de 1ª ed. as propriedades medicinais seguintes:

IND. TERAP.: As folhas que têm qualidades abstergentes e astringentes são usadas em gargarejos nas inflamações da garganta e em bochechos.

Material ex.: Pernambuco – Nossa Senhora do Ó – Pickel 4124.

Psidium guajava L., Sp.Pl.470.1753.

N.v.: **Guaiaba (P.1 e P.2), Guayaba (M), Pera granatense (P.1:17), Pera punica (P.1:17).**

N.v.m.: “Goiabeira”

Lit.: M:147 (Guayaba). L.3, Cap.7, Fig.105.

P.1:75 (De Guaiaba Arbore, ejusque facultatibus). L.4, Cap.26.

P.2:152 (Magna inter se conjuncta sunt.). L.4, Cap.20, Fig.152 e 153.)

A “Goiabeira” MARCGRAVE descreve melhor que PISO, pelo que dou a tradução do primeiro, trazendo no fim algo do segundo. Eis o que tem MARCGRAVE: “A “Guayaba” é chamada pelos Belgas “Granaet-peeren”, devido aos caroços que encerra e pela cor rubra da polpa. É uma árvore que cresce com porte de “macieira” e se espalha em diversos ramos. A casca é lisa, pálida, semelhante à casca do “bôrdo” (Acer). Traz folhas duas a duas, opostas, curtopeciadas que são providas de uma nervura e veias paralelas lunares que correm obliquamente e são muito conspícuas, duras ao tato, um tanto semelhante às folhas da “Faia” ou, melhor, do nosso Carpinus; em baixo, as veias são salientes e em cima, profundas e as folhas aparecem quase rugosas. Cada folha é verde-pálida em cima e um tanto luzidia, porém, não em baixo; tem dois a três dedos de comprimento e um ou um dedo e meio de largura. Nas axilas das duas folhas nasce um pedicelo mais curto que traz uma flor do tamanho da do “marmeleiro” (Coroneus), constante de cinco pétalas brancas e, no meio, de muitos estamínulos vilosos e brancos, da conformação de uma crista de pavão. A flor segue o fruto, de tamanho e forma de maçã nossa, um pouco mais oblongo, com polpa como sangue

misturado com branco-pálido e encerra muitos caroços á maneira de romãs ou nésperas que se comem juntos, pois, são pequenos e o fruto tem sabor agradável. Tem sabor triplice e também outras tantas aplicações diversas, pois, sendo maduro, ainda não amarelado nem mole, tem nesse momento sabor mais acerbo e astringente; quando é amarelo, embora ainda não completamente mole, então sabe bem e é meio sazonado e, mesmo assim, é ótimo, tanto crú como cozido; e sendo, finalmente de todo amarelo e mole, então tem cheiro e sabor doce á maneira da framboesa e, ingerido é laxativo, nem é tanto saudável se for tomado em demasia, porque então também se criam nele larvas e se estraga facilmente. A raiz desta árvore ultrapassa muitas vezes cinco ou seis côvados de comprimento, sendo provida externamente de uma cutícula ruiva como a “aveleira”, internamente é completamente branca, suculenta e adocicada. Cozinhada em água e tomada em poção remedia admiravelmente a disenteria.

PISO descreve a “goiabeira” num capítulo próprio, embora perfuntoamente. O texto concorda com o de MARCGRAVE quando às fôlhas e, mesmo, com o fruto e o modo de propagação. Depois diz o seguinte: “Esta árvore não é natural desta terra e sim introduzida doutra parte, no Norte da América e do Perú. Pois, primitivamente foi introduzida uma única, depois as aves comendo os frutos expeliram com os excrementos também os grãos dos frutos, dos quais nasceram muitas árvores e aumentaram ao infinito, assim que hoje não há pomar onde não exista”.

“A árvore seria digna de ser importada na Europa e figurar nas hortas dos magnatas e principes. Não nasce nos montes ou nas matas densas, mas prefere as planícies e os campos ..... Frutifica uma vez por ano sucedendo os frutos ás flores alvas que duram durante os estio e no principio do inverno e produzindo grandes cargas durante os seis meses de chuva, para o máximo proveito dos habitantes todos”.

Na 2ª ed. PISO completa a descrição o texto de MARCGRAVE, porém, não reimprime os usos das goiabas. São, como se verá, os mesmos dos dias de hoje. Apresenta também uma estampa na 2ª ed. que representa um galho com frutos. Essa estampa foi feita á mão da descrição, sendo por isso pouco fiel; pois, as fôlhas parecem ser de “limoeiro” e os fructos ameixas.

Depois do texto de MARCGRAVE encontra-se estampado um trecho de XIMENES, em que descreve três espécies de “goiabeira”. LAET acrescenta, por sua vez, o texto de OVIEDO, no qual se encontram descritas duas espécies, todas elas da América Central.

USOS: Segundo PISO (1:75) os frutos são proveitosos ao estômago, e melhores quando cozinhados estando ainda verdes. Embora astringentes são úteis aos intestinos. São mais gostosos e mais saudáveis quando cozinhados e preparados como açúcar, do que crús, pois, desta maneira se tornam mais aromáticos e mais apetitosos.

IND. TERAP.: Segundo p (2:153) as fôlhas ácidas, astringentes e aromáticas são usadas para banhos. Segundo MARCGRAVE, o fruto é laxativo e o decocto da raiz tomado em forma de poção é um remédio para curar a disenteria e, segundo PISO, a raiz é usada também em banhos no tratamento da disenteria (P.1: 26). A polpa do fruto entra no Electuário magistral de PISO (P.1: 30) e para confecção de xaropes (P.1: 29), como também para combater o escorbuto (P.1: 24).

PISO e MARCGRAVE escreveram que a fruta é oblonga e os holandêses a chamam de pêra (pyra granatenses ou pyra punica) daí a razão do desenho de PISO (2: 152).

NOTA: LINEU (74) deixou-se enganar pensando ser a estampa à página M: 105 a da “goiabeira” e deu à “goiabeira” do Nordeste o nome de Psidium pyriferum. A espécie que merecia êste nome tem frutas com aspeto de pêra e polpa branca que também se cultiva no Nordeste ao passo que a nossa tem a forma de maçã, como bem frisou MARCGRAVE.

BERG (31) opina ser o “Araçá gaçu” de PISO (1: 74; 2: 153) a “goiabeira”, o que está errado.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 613.

### Família MELASTOMATACEAE

Clidemia hirta (L.) D.Don, Mem. Wern. Soc. 4: 309. 1823.

N.v.: Caaghiyuyo

N.v.m.: “Caiuia”, “Pixirica”

Lit.: M: 59 (Caaghiyuyo Brasiliensibus). L.2. Cap.2. Fig.59

P.2: 217 (Caaghiyuyo non imbellis). L.4. Cap.48. Fig.217, primeira

A planta “Caaghiyuyo” dos Brasilienses, diz MARCGRAVE, é um subarbusto, semelhante no tamanho à “Framboezeira”. O caule é inteiramente lenhoso e hirsuto, as folhas são sempre opostas em pares, hirsutas, moles ao tato, levemente serreadas, com três nervuras longitudinais proeminentes e conspícuas e muitas veias transversais formando rede; em cima são mais verdes que embaixo e, além disso, em cima, cheia de tubérculos em toda a superfície e, em baixo, cheias de covinhas, tendo cada tubérculo um pêlo esbranquiçado. Traz flores pequenas em pedicelos curtos, duas, três, quatro ou cinco reunidas em cacho, brancas e formadas por cinco pétalas. Depois da queda das mesmas nascem bagas pretas, do tamanho das bagas de zimbro, de sabor doce que os negros comem e que dão um suco mais ou menos como o mirtilio (i.e., a airela!).

As folhas desta planta reduzidas a pó curam otimamente as úlceras causadas pela queimadura, se forem polvilhadas com êle. Nasce em vários lugares no nosso Brasil” (i.e. no Brasil bátao).

PISO adota este texto á sua maneira, na 2ª ed., alterando arbitrariamente a descrição, afim de condensá-la. Em vez de dizer, por exemplo, que as folhas “são cheias de tubérculos em toda a superfície e, em baixo, cheias de covinhas tendo cada tubérculo um pêlo esbranquiçado”, êle escreve simplesmente que “são cheias em cima de tubérculos pilosos e, em baixo, de covinhas esbranquiçadas”. (Se PISO deixasse o texto como era, teria sido melhor).

Sôbre os usos desta planta PISO acrescenta que os frutos fornecem sabão usado para lavagem de roupa e o suco e o pé das folhas servem para curar feridas.

NOTA: VELLOSO (89) fala desta planta de PISO, chamando-a de Melastoma.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 367.

Henriettea succosa (Aubl.) D.C., Prodr. 3:178.1828.

N.v.: Muira (?), Muiva

Lit.: M:117 (Muiva Brasiliensibus). L.3, Cap.10, Fig.117, segunda.

MARCGRAVE escreve: “A “Muiva” dos Brasilienses é uma árvore de porte mediano com folhas elegantes, opostas em pares, semelhantes ás de Malabathrum, no que toca as nervuras, a consistência e a forma; pois, três nervuras mais grossas correm longitudinalmente atravez da fôlha e, de cada lado, ainda uma fina, assim que são cinco ao todo; e transversalmente correm paralelamente muitas veias retas, sendo as folhas sêcas ficam pretas do lado, onde eram verdes, com aspeto belo. Traz flores às quais segue o fruto globuloso, do tamanho quase de uma pêra moscatel e sentado num pedicelo á maneira de pêra coberto de um epicarpo tenaz e, quando amadurecido, purpúreo-ruivo e com um umbigo de cinco folíolos resultantes dos despojos da flor. Encerra polpa da consistência de mel engrossado, pálida ou esbranquiçada, repleta de diversas grainhas pequeninas, de sabor doce, pois, o fruto é mole quando maduro, e, apertado entre os dedos, aparece a polpa que se come. Os Brasilienses não gostam de tomar êste fruto, deixando-o às aves.

NOTA: LINEU (74) pensa ser a planta marcgraviana Melastoma holosericea.

Cresce desde as Antilhas até o Rio de Janeiro.

Heterotrichum cotonum (Bonpl.) D.C., Prodr. 3:173.1828.

N.v.: Aninga-Peri (P.1)

N.v.m.: “Maminha de cachorra”

Lit.: P.1:116 (De Aninga-Peri, ejusque facultatibus). L.4, Cap.92, Fig.116, primeira.

P.2:218 (Aninga Peri Brasiliensibus dicta). L.4, Cap.48, Fig.218, segunda.

Em um capítulo próprio PISO trata desta planta, que vem aqui traduzido: “Cap.92. Da Aninga Peri e suas utilidades. A “Aninga parte nas matas do Brasil; tem flor pequena, esbranquiçada, á qual seguem umas poucas uvinhas azul-pretas, semelhantes às bagas do “sabugueiro”. É aformoseada com folhas lanuginosas, ovais, de um verde tristonho, porém, de aspeto bellissimo, ao tato semelhante à “urtiga morta” (Lamium album L.), moles e como que lanuginosas que são cortadas por nervuras numerosas e grossas”.

Sôbre os usos medicinais PISO escreve:

IND. TERAP.: As folhas piladas recentemente ou reduzidas a pó curam as feridas e as úlceras antigas, na primeira intenção, se o suco ou pó forem introduzidos profundamente nas mesmas.

Na 2ª ed. PISO reimprime inalterado o texto supra.

NOTA: VELLOSO (89) afirma ter dado MARCGRAVE o nome de “Aninga Peri” à Montrichardia, mas isto não é exato, porque MARCGRAVE chama a esta de “Aninga iba” (Cf. M.106).  
Material ex.: Pernambuco, Morenos, Pickel N° 2884.

Mouriria pusa Gardn., Hook. Journ.Bot. 2:23.1840.  
N.v.: Curuiri  
Lit.: M:109 (Curuiri Brasiliensibus) L.2, Cap.9.

MARCGRAVE escreve sobre esta árvore : “A “Curuiri” dos Brasilienses é uma árvore que se divide rente ao chão e se expande amplamente em muitos caules e ramos à maneira da “Ibitinga” (Ibapitanga) e tem ramos e folhas dispostas do mesmo modo, opostos. Traz flores pequenas, três ou quatro juxtapostas. Depois delas vem o fruto do tamanho de uma uva-espim ou também menor, globuloso, de cor amarela, coberto de um epicarpo como a “groselha” e provido de um umbigo como a uva-espim, de gosto substringente, tendo cada qual um ou dois caroços do tamanho da semente de “Cânhamo”. É comível e muitas vezes também de utilidade”.

NOTA: PIO CORRÊA (22) supõe ser esta planta a Eugenia luschnathiana KL., mas não lhe corresponde. ARRUDA CAMARA (20) acha que se trata de uma Sapindaceae, a “Pitombeira” de Pernambuco. BERG (31) repete o mesmo, dizendo que RIEDEL a chama “Pitomba”, mas põe em dúvida a sua identidade com a “Curuiri” da MARCGRAVE. Segundo CAMINHOÁ (18) alguns creem tratar-se de Phyllocalyx luschnathianus BERG., e que êle contesta.

-----  
**Família OENOTHERACEAE**

Jussieuia linifolia Vahl, Eclog. Amer. 2:32.1798.  
N.v.: Camaranbaya (M)  
N.v.m.: “Cravinha d’agua, “Dravinho de lagartixa”  
Lit.: M:30 (Reperitur hic et alia spicies). L.1, Cap.14, Fig.31, primeira.

MARCGRAVE escreve: “Encontra-se aqui outra espécie ainda, quase semelhante à anterior (J. octonervia) que se eleva á altura de um pé e meio, tendo caule anguloso, estriado, nodoso e verde. Nele nascem as folhas ora isoladas, ora uma maior com uma ou outras menores (do broto axilar), as maiores com três dedos de comprimento, estreitas, á maneira das do “salgueiro”, moles e verde-claras. Na axila das folhas existe um cálice do comprimento de um dedo, no qual sobressaem quatro sépalas e sobre elas quatro pétalas amarelas, obredondas e decíduas. Depois da queda das flores nasce dentro do cálice a semente”.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 820.

Jussieuia octonervia Lam., Encycl. 3:332.1789.  
N.v.: Camaranbaya (M)  
N.v.m.: “Camarambaia”  
Lit.: M:30 (Camaranbaya Brasiliensibus). L.1, Cap.14.

MARCGRAVE escreve: “A “Camaranbaya” dos Brasilienses é uma espécie arbustiva de Lysimachia. Surge á altura de quatro pés e divide-se em muitos ramos ruivos e pilosos. As folhas são solitárias em peciolos curtos, oblongas, hirsutas, sendo que de cada axila sae uma flor com cálice de quase dois dedos de comprimento, no qual se apegam quatro folhas verdes e sobre cada uma destas se superpõe uma pétala amarela, constando cada flor de quatro pétalas amarelas. Do cálice da flor desenvolve-se uma vagem, como na Filiusantepatrem \* de LOBELIUS que encerra sementes exíguas, redondas, esplendentes, de com pálido-amarelada. Tem flor e semente de agosto a novembro”.

---

\* Segundo LINEU designou-se assim o G. tussilago

NOTA: DE CANDOLLE (26) descreve uma espécie que dedica ao nosso autor, chamando-a Jussieua marcgravii (sin. de J. pilosa H.B.K.), porém não é a planta marcgraviana.  
Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 360.

-----

**Família ARALIACEAE**

Didymopanax morottoni (Aubl.) Dec. NE & Planch., Ver. Hort. 109.1854.  
N.v.: “Maratatabiba” (M)  
N.v.m.: “Sambacuim”  
Lit.: M:132 (Maratatabiba Brasiliensibus). L.3, Cap.17.

MARCGRAVE escreve: “A “Maratatabiba” dos Brasilienses. A árvore surge com tronco linheiro, fino, com casca cinzenta nascendo no cimo pecíolos de dois ou três pés de comprimento, dispostos em todo redor, cada um dos quais suporta uns 7, 8, 9 ou 10 folíolos juxtapostos em círculo, tendo uns 6, 7, 8, ou 9 dedos de comprimento, muito semelhantes ás fôlhas da “Ambaiba” em consistência e cor inseridas em seus peciólulos de dois ou três dedos de comprimento, verdes em cima e glabros como sêda, em baixo, providos de uma nervura principal e veias salientes. A árvore parece-se de longe, a “Ambajiba”, entretanto, de perto reconhece-se a diferença”.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 1550.

-----

**Família UMBELLIFERAE**

Eryngium foetidum L., Sp.Pl.232.1753.  
N.v.: Nhambi (M, P.1e P.2), Nhambu (P.2)  
N.v.m.: “Salsa do Pará”, “Coêntro de caboclo”, “Coêntro da colonia”.  
Lit.: M:49 (Nhambi Brasiliensibus). L.1, Cap.23, Fig.50.  
P.1:89 (De Nhambi, ejusque facultatibus). L.4, Cap.48, Fig.89.  
P.2:227 (Olim neglecta planta). L.4, Cap.52, Fig.228.

Sendo os textos dos nossos autores iguais *ipsis verbis* ou quase, damos a tradução da parte de PISO que escreveu um capitulo próprio sôbre esta nobre planta, como a chama (P.2:309). Vejamos o que nos diz sôbre esta célebre planta: “Do Nhambi e suas qualidades. A planta antigamente desprezada encontrava-se tão sómente nas matas e nos sítios cobertos; porém, conhecidas as suas virtudes foi trazida para as hortas. Cresce de vários modos, conforme o capricho volúvel da natureza e da cultura, e muda incessantemente de hábito. É uma erva de caule bastante grosso, lenhoso, roliço, geniculado que, à maneira da Portulaca, é reptante, em parte, e emitindo filamentos para a terra aqui e acolá cria raízes, tornando-se ascendente, em parte. Expande-se de várias maneiras em muitos ramúsculos geniculados, opostos e neles há em cada nó um par de fôlhas e, às vezes, também mais, de tamanho desigual; na extremidade dos ramúsculos, porém, acham-se cinco, seis ou sete fôlhas juxtapostas (i.e. o invólucro!). Cada fôlha tem mais ou menos a forma de coração, é oblonga e nos bordos levemente serreada (algumas também laciniadas), de cor verde-clara. Na extremidade dos ramúsculos provém flores isoladas (i.e. capitulos de flores), do tamanho de uma cereja pequena, formadas só do umbigo redondo, (grosso e amarelo, segundo MARCGRAVE) e sem pétalas. A semente dentro do umbigo (fusco na maturação), é oval, completamente chata, fuscogrisalha e luzidia.

A raiz é filamentosa, tenra e esbranquiçada.

O flósculo (i.e. a semente) não muito dissemelhante ao da “Camomila”, confiada à terra, germina dentro de poucos dias e engendra uma planta nobre, não só pelo aspeto como ainda pela sua eficácia”.

Em seguida PISO e MARCGRAVE falam dos usos culinários e medicinais desta planta, outrora tão apreciada como “coêntro” indígena que é.

USOS: PISO relata que a planta morde a língua quando provada (como a mostarda ou o “agrião”, como diz MARCGRAVE) sendo usada por isso para temperar a “alface” e outras ervas que se costumam pôr à mesa como salada, pois, comunica-lhes sabor particular. No capítulo que trata da “mandioca” PISO já referiu e agora confirma que os Brasileiros temperam o pirão de mandioca, chamado mingau de carima com pimenta e flor de Nhambi, que lhe confere ótimo sabor e, sendo muito saudável, usam-no freqüentemete nas refeições e julgam a vida insípida se lhe faltar êste tempero. (P.1:54).

IND. TERAP.: As fôlhas são empregadas como remédio nas hidropisias, atuando energicamente. Além de quebrar os cálculos devido a tenuidade de suas partes e sua quentura intensa, ainda tem eficácia contra as cólicas. A planta que é quente e sêca no 3º grau cura a frigidez do estômago e dos intestinos, oriunda ou causada pela pituíta e, da mesma forma, a flatulência e as obstruções originadas pela friagem, seja tomada como chá ou em lavagens internas. Na 2ª ed. PISO diz ainda que as flores e as sementes mastigadas ou ministradas em forma de xarope, limpam a viscosidade dos rins e as impurezas do útero e curam a “espinela” (P.1:23). As raízes e o pó da planta são um antídoto contra venenos vegetais (Manipuera). P.1:48). Segundo MARCGRAVE é um remédio antidotal insigne contra todos os animais venenosos. Outrossim, segundo PISO, serve para neutralizar os venenos ingeridos ou para prevenir-se contra as intoxicações. Basta tomar, para êste fim meia onça do pó em vinho ou também o decocto em partes iguais. O pó da planta deitado na ferida extrae o virus (P.1:43) do sapo (P.1:46). Mastigada a planta em jejum é cardiotônica, e é usada também tenesmo (P.1:20).

PISO conta um caso, que presenciou, para ilustrar a virtude antidotal do “Nhambi” contra os animais venenosos. Êle viu, como um Brasileiro matou um sapo (Bufo), deixando pingar sôbre o dorso algumas gotas que obteve pela prensagem das fôlhas e flores. Êsse bufo era enorme, entumecido de veneno, mas apenas o líquido o atingiu, morreu instantâneamente. (P.1:39).

Tendo esta força antidotal, ela não só neutraliza os venenos do “Araticu-pana”, da “Mucunã”, dos “cogumelos” e da “Manipuera”, mas até age como preventivo fortificando o coração, de maneira que aquêle que suspeita ser vitima dos venefícios do seu inimigo, recorre a esta Panacéia, usando-a constantemente nas comidas. (P.2:309).

Na 2ª ed. PISO condensa o texto supra e acrescenta que a planta é hirsuta e as fôlhas grandes, ora levemente serreadas, ora profundamente laciniadas. Parece que esta descrição suplementar se baseia na estampa e esta é bastante infiel.

NOTA: PFLZF. (29) qualifica o Eryngium foetidum como remédio antiofídico, sendo ainda hoje usado pelos indígenas do Panamá como tempero. É muito estimado apesar do cheiro repugnante que rescende a Asant. Cresce desde a Florida até o Rio de Janeiro.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 899.

Hydrocotyle umbellata L., Sp.Pl.234.1753.

N.v.: Acariçoba (P.1 e P.2), Erva do capitaon (M, P.1 e P.2)

N.v.m.: “Acariçoba”, “Capitão”.

Lit.: M:27 (Erva do capitaon Lusitanis). L.1, Cap.13, Fig.27, segunda.

P.1:90 (Planta reperitur praestantissima). L.4, Cap.50, Fig.91.

P.2:259 (Planta reperitur praestantisima). L.4, Cap.66, Fig.261, primeira.

Sôbre esta planta os nossos autores escreveram independentemente, sendo que o texto de um completa o do outro.

PISO escreve: “Nos lugares irrigados, especialmente, perto dos arroios e águas correntes, encontra-se uma planta notável, chamada pelos indígenas “Acariçoba” e pelos Portugêses “Erva do Capitaon”. Tem fôlha circular, glabra e bastante espessa e muito semelhante à Nymphaea pequena. Traz flor amarelo-esbranquiçada. Dá muitas raízes esbranquiçadass, reptantes dentro da terra e interrompidas por uma espécie de entrenós, compridas, bulbosas, suculentas e lembrando um pouco o sabor da “salsa”.

MARCGRAVE completa as informações de PISO como segue: “A raiz (i.e., o rizoma!) é reta, roliça, geniculada, branca, serpeandos debaixo da terra e produz em os nós em intervalos de um a dois dedos, muitas raízes filamentosas delgadas e, no mesmo lugar, emite um caule (i.e., um peciolo!) verde-clara, como na Nymphaea, porém, não tão sólida, crenada nos bordos à maneira da “Umbigo de Venus” (segundo LINEU foi chamado assim o G. cotyledon) sendo o caule inserido no

centro, ou quase, da fôlha e, do centro da inserção, irradiam tênues veias até a periferia. A raiz esmagada tem cheiro e sabor da raiz de “salsa”.

IND. TERAP.: Segundo MARCGRAVE os Portugueses empregam a planta para tirar as manchas do corpo que chamam “os figados”. Segundo PISO, a planta tem partes voláteis, é cálida e tem gosto agradável e aromático.

As qualidades medicinais residem, porém, na raiz, que não ocupa o último lugar entre os aperientes (purgantes!). É usada também como diurético (P.1:31) e em cataplasmas sobre os hipocrôndios das crianças (P.1:34). Usa-se também nas obstruções do fígado e dos rins, e corrigem a intempério cálida. PISO confessa tem empregado de preferência este remédio com resultado. Na 2ª ed. conta ter visto os indígenas usar o suco da planta como antídoto. do mesmo modo como na Europa as fôlhas de Asarum.

Na 2ª ed. PISO completa a descrição um tanto deficiente na 1ª ed., aproveitando o texto de MARCGRAVE.

NOTA: LINEU (74) e AUBLET (10) determinam a espécie em questão como Hydrocotyle umbellata e da mesma forma MARTIUS (68). URBAN (31) pensa ser Hydrocotyle bonariensis LAM., mas pela descrição de MARCGRAVE só pode ser a espécie de LINEU, embora a estampa seja mais conforme à Hydrocotyle bonarienses, devendo-se tomar em conta que as estampas de PISO não são muito exatas.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel 364.

-----

### Família PLUMBAGINACEAE

Plumbago scandens L., Sp. Pl. 2a. Ed.215.1763.

N.v.: Caaiandiroap (P.2), Caajandiwap (P.1 e P.2), Caapomonga (P.1 e P.20, Erva damor (P.1), Loco (P.1), Visqueira (P.1).

Lit.: P.1:82 (De Loco ejusque facultatibus et usu in medicina). L.4, Cap.38.

P.1:105 (De Caajandiwap, aliis Caaiandiroap. ). L.4, Cap.72, Fig.105.

P.2:200 (Caapomonga, aliis Caaiandiroap.). L.4, Cap.40.

P.2:201 (Datur et alia Caapomongae species). L.4, Cap.40, Fig.200.

PISO descreve esta planta duas vezes em dois Capítulos distintos e sob nomes diferentes, textos êstes que se compeltam. Êle escreve na Cap.38: “Do Lôco, suas qualidades e seus usos em medicina. Em direção do Distrito de Porto Calvo, na Prefeitura (i.e, ricos portugueses chamam “Lôco”, cujo nome brasileiro, porém, é desconhecido de mim e de outros. Nasce sòmente na vizinhança da praia em lugares sêcos; tem fôlhas pequenas, oblongas e em forma de língua, acuminadas, glabras e semelhantes às da “Murta”. Os caules revestem e enfeitam-se com pequenas flores esbranquiçadas”.

No Cap. 72 encontramos ainda o seguinte: “Da Caajaandiwap, para outros Caapomonga. Há uma Erva silvestre arbustiva, chamada pelos portugueses “Visqueira” e “Erva d’ amor” pelo motivo que, quase amante do homem adere às mãos e vestes devido a sua viscosidade. Cresce em abundância nos lugares pedregosos e sêcos. Tem flor branca e vermelho-pálida, pequena, porém, bonita; tem fôlhas oblongas, verde-escuras e raiz amarelada, um pouco doce, aromática e quente em 2º grau.

Sobre as aplicações medicinais PISO adianta o seguinte:

IND. TERAP.: A raiz é quente e subamarga e tem muita eficácia nas obstruções das vísceras, dos rins e da bexiga, usando-se, no 1º caso em lavagens internas, e no 2º caso, em poções que se preparam deixando macerar em água um fragmento da raiz do tamanho de um dedo de comprimento, as sífilíticas (P.1:35), devendo-se lavar as partes doentes duas a três vezes por dia. PISO recomenda-a também como desobstruente (P.1:24), sudorífico e diurético (P.1:33). Os indígenas tem esta planta em grande conta como antídoto contra os venenos vegetais (P.1:48). Tomada em porções elimina o veneno em parte excitando vômito e, em parte, pela urina, PISO chama-o “um santo remédio”.

Na 1ª ed. PISO ilustrava corretamente a sua “Caapomonga”.

Na 2ª ed. PISO porém confunde-a como a Boerhaavia, tomando de MARCGRAVE o texto encurtado. Deixou-se enganar por LAET que ilustrou erroneamente o texto de MARCGRAVE (M:28) que trata da Boerhaavia com a estampa de Plumbago.

Por isso desconfiou de tudo quanto tinha escrito na 1ª ed., a ponto de limitar-se a três linhas na discussão das virtudes terapêuticas e, de duas espécies, fez uma terceira.

Em seguida acrescenta outra espécie de “Caapomonga” que não descreve, mas, a julgar das propriedades terapêuticas, se referem a Plumbago scandens.

NOTA: LINEU (74) reconheceu na estampa a Plumbago scandens e, parece, que também no texto, porque menciona MARCGRAVE 82 e PISO 200 AUBLET (10), da mesma forma, reporta-se a MARCGRAVE o qual, entretanto, como foi dito no lugar competente, descreveu a Boerhaavia. Item CAMINHOÁ (18).

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 368.

-----

### Família SAPOTACEAE

Pradosia kuhlmannii Toledo, Arq. Bot. E. S.Paulo, n.s.2(3)39.1946.

N.v.: Guaiaco brasiliense (P.1:25). Ibirae (M, P.1 e P.2), Ubirae (P.1:25).

N.v.m.: Buranhem

Lit.: M:101 (Ibrae Brasiliensibus0. L.3, Cap.5.

P.1:71 (De Ibrae arbore, ejusque facultatibus). L.4, Cap.21.

P.2:146 (Antiqua nemora hanc vastam). L.4, Cap.18, Fig.146, segunda.

PISO escreve no Cap.21, um tratado interessante sobre esta árvore, intitulado: Da árvore Ibrae e suas qualidades. As matas virgens produzem esta árvore copada e grande. Os índigenas chamam-na “Ibrae” que quer dizer “árvore doce”, não porém como LERY e THEVET soletram: “Hiourae”.

As folhas desta árvore assemelham-se muito às do “loureiro”. O tronco tem casca glabra que se apresenta esbranquiçada por dentro e avermelhada por fora. (O contrário, seg. THEVET).

Produz frutos amarelados semelhantes a ameixas de sabor agradável, porém não todos os anos. (Á pag. 5 afirma que só frutifica de 4 em 4 anos, THEVET (84) que só de 5 em 5 anos e LAET (43) uma vez em 15 anos). Tem madeira utilíssima e muito dura, resistente á putrefação que é procurada pelos carpinteiros navais.

As virtudes medicinais da árvore parecem residir na casca, a qual, depois de arrancada, tem cor esbranquiçada e glutinosa porém, perde logo a cor e abranda aos poucos e, depois de seca, passa a adquirir a sua substância que, por natureza, é doce. É muito dura, da grossura de meio dedo, tomando sabor aromático igual à “canela de cheiro” e doçura semelhante à “alcaçuz”. Há quem sustente, ser ela uma espécie de “Guaiaco” (G. officinale (54) ou “pau santo” e dêles não discordo”.

Na 2ª ed. PISO repete os conceitos da 1ª ed. de MARCGRAVE e acrescenta terem os frutos sabor agradável, suave e serem apetecidos pelos doentes. Encerram um caroço pequeno. (Apresenta uma estampa na qual os frutos crescem isolados nos ramúsculos com pedicelo bastante grande. Isto é um bluff, porque os frutos são sésseis nos ramúsculos, como também, é errado ser a árvore um Guaiacum brasiliense (P.1:25).

MARCGRAVE tem apenas duas linhas, onde diz: “A “Ibrae” dos brasilienses é uma árvore com casca grisalha e glabre e folhas alternas, verde-claras, semelhantes às da nossa “cerejeira ácida”, porém, não serreadas”. A casca é de fato cinzenta por fora e não avermelhada como afirma PISO.

As propriedades terapêuticas são, segundo PISO, as seguintes:

IND. TERAP.: A casca tem qualidades moderadamente quentes e é de partes subtis e voláteis, motivo porque é um remédio próprio das afecções do peito e do fígado. Neste caso, toma-se em jejum um punhado em um ovo quente, na sopa ou outro ingrediente. Abre os brônquios e tem efeito diurético. O latex é útil para combater a sarna e a tinha ou favo da cabeça.

PISO dá o receituário que usou na cura da opilação do fígado e baço (P.1:25). A casca entra também numa poção a ser tomada nos resfriados (P.1:22) e nas obstruções (P.1:24) e como sudorífico (P.1:33) e o extrato da casca reduzida á consistência de mel, dá-se internamente nas doenças gástricas das creanças (P.1:34).

É um dos principais remédios dos Índigenas contra as obstruções inveteradas das vísceras; é usado também para atenuar os efeitos da sífilis e decocto da casca, que se toma em dias consecutivos.



NOTA: MIQUEL (31) recorda os escritos de PISO e MARCGRAVE sôbre esta planta.  
A árvore é encontrado nas matas de Pernambuco.  
A casca que provámos é realmente doce ao paladar e branca no princípio, interiormente.  
Alguns dos conhecimentos sôbre a "Ibiraem" PISO tirou de THEVET (84), como também o conceito de ser uma espécie de "Guaiaco", copiou de LERY (44).  
Material ex.: Pernambuco, Tapera, Moraes Vasconcelos (Pickel 5938).

Lucuma grandiflora A. DC., Prodr., 8:169.1844.

N.v.: Guiti-toroba (M, P.1 e P.2)

Lit.: M:113 (Prima species dicitur ipsis, in text.). L.3, Cap.9, Fig.113, segunda.

P.2:137 (Secunda). L.4, Cap.15, Fig.1137, primeira.

MARCGRAVE descreve minuciosamente esta árvore e fornece uma estampa muito fiel. Vai aqui a tradução: "Há diversas espécies chamadas "Guiti" pelos Brasienses que descreveremos em ordem. A primeira espécie é denominada por eles "Guiti-toroba" e os nossos Belgas a apelidam "Steen-appel".

É uma árvore elegante ultrapassando no porte a "laranjeira"; traz fôlhas reunidas em frondes, de meio pé de comprimento, verde-escuras como as do "loureiro", luzidias e espessas como pergaminho, lisas ao tato, com nervura longitudinal e veias transversais alternantes ou opostas. Na extremidade das frondes, entre grande número de fôlhas, surgem as flores curtopediceladas, formadas por um cálice globuloso, do tamanho do da "Tilia" e escavado como a "Campanhia" e redonda, formado de uma peça única, na margem com seis incisões até a metade, as quais dividem o glóbulo da flor como que seis pétalas. (O autor não descreve o cálice e, sim, a corola em botão). No meio da fauce fica o estame á maneira de um pistilo ao qual outros seis estamínulos rodeiam que se originam do meio de cada incisão e levam um corpúsculo esponjiforme; é de cheiro doce como na flor da "Tilia", todo amarelo misturado com verde. Da árvore incisada sai um latex. Produz um fruto redondo, do tamanho de uma laranja, em cima um pouco cônico sem corôa, de cor amarelo-purpúrea, sem cheiro enquanto inteiro, porém, partido exála cheiro forte nojento, semelhante ao de gordura velha, e com polpa amarela, sólida, de sabor doce. Por dentro existem caroços redondos do tamanho de uma nóz de "noqueira" ou de um ovo mediano de galinha ou de castanha maior que tem na metade maior cor e aspeto da nóz moscada e, na outra parte, é lisa e luzidia, como um espelho convexo, de cor sombria, e encerra uma amêndoa. O fruto come-se, porém, eu aborreço-lhe o cheiro e sabor. Cai espontaneamente, quando maduro e não é aliás comestível antes, porque está cheio de um latex acre antes de cair. Floresceu em abril de 1640 na Ilha Antonio Vaaz (Recife) e o fruto amadureceu em fevereiro no Promontório de S. Agostinho".

Enquanto na 1ª ed. à pg. 66 PISO apenas cita o nome da planta, na 2ª ed. apresenta a descrição feita por MARCGRAVE, porém muito encurtada – não para melhor clareza – e até comete erros na interpretação, fato êste que prova não tê-la conhecido. Assim p. ex. diz que as fôlhas são semelhantes ás de "noqueira" os frutos são compostos de duas metades e têm os mesmos usos como os do "Oiti da praia". Isto evidentemente é um erro.

NOTA: Em sua obra intitulada: "Frutas do Brasil numa nova e ascética monarchia" descreve Fr. ANT. DO ROSÁRIO (Lisboa, 1702) (75) a "oitituruba" como fruto do tamanho de uma laranja com caroço de uma banda preto no qual se ve uma pessoa como em um espelho. É exatamente assim conformada a semente, mas ela é castanho-escuro. O fruto come-se, mas é farinhoso e sêco.

MIQUEL (31) relaciona a planta pisoniana (P.2:137) á L. rivicoa Gaertn., seguindo a indicação de MARTIUS.

Material ex.: Pernambuco, Tapera, Pickel 2264.

Manilkara salzmanni (A. DC.) H.J.Lam, Blumea 4:356.1941.

N.v.: Masarandiba(P.1), Maçarandiba (P.2)

N.v.m.: Maçaranduba

Lit.: P.1:120 (DE Masarandiba, ejusque facultatibus). L.4, Cap.99, fig.120, primeira.

P.2:187 (Arbor haec cerasum altitudine). L.4, Cap.34, Fig.187, segunda.

PISO escreve sôbre esta árvore ou fruteira litorânea um Capitulo próprio onde diz: "Cap. 99. Da Masarandiba e suas qualidades. Esta árvore rivaliza com a "cerejeira", não só no porte mas também na madeira, nas fôlhas e nos frutos é, vista de longe, muito se parece com ela. Selvagem antigamente, medrando principalmente nos lugares montanhosos, encontra-se agora cultivada

também nas hortas dos Portugueses. Floresce nos meses do inverno (i.e, na época das chuvas) e produz logo copiosos frutos de tamanho e forma embora da cereja europeia, muito diferentes de resto, porque tem um pericarpo tenaz e espesso, no principio, avermelhado e, depois de maduro, vermelho, tristonho de fora. Encerram além de um caroço duro, latex muito doce, bastante agradável, sendo por isso comidos, à mesa por todos os habitantes”.

Além de ser uma fruta apreciada, é usada também na medicina, como PISO assevera.

IND. TERAP.: Sendo esse latex moderadamente quente, exprem-se e usa-se em emulsão contra as afecções frias do peito, seja puro, seja misturado a outros peitorais. Está provado também que amacia a garganta e a traquea áspera (e, os brônquios) nos começos da bronquite.

Na 2ª ed. PISO reimprime o mesmo texto, porém, na intenção de caracterizar melhor o fruto, começa descrevê-lo à mão da estampa. Nessa estampa os frutos são um pouco achatados etc., aludindo, pois, a essas particularidades afirma que “não são exatamente esféricos á maneira de um globulo e, sim um pouco achatados, os pedicelos mais curtos e mais grossos” (do que na cereja). Na 2ª ed. mandou fazer nova estampa, onde os frutos são bem comprimidos e as folhas também saíram diferentes. As flores, todavia, aparecem tornadas e, nisto, concordam com a natureza.

NOTA: MIQUEL (31) identifica duvidosamente a planta pisoniana com a Lucuma procer Mart.

É uma árvore da praia, nos oiteiros do Nordeste, e suas frutas doces e leitosas comem-se. As frutas são esféricas. A árvore é baixa e copada.

Material ex.: Pernambuco, Prazeres, Pickel 3774.

-----

### Família LOBANIACEAE

Spigelia anthelmia L., Sp.Pl.149.1753.

N.v.: Arapabaca (M)

Lit.: M:34 (Arapabaca Brasiliensibus). L.1, Cap.16, Fig.35, primeira.

MARCGRAVE escreve sobre a “Arapabaca” o seguinte: “A “Arapabaca” do Brasilienses surge à altura de um pé e meio, com caule roliço, verde e ôco, que tem apenas duas folhas ou dois ramúsculos laterais.

Na extremidade do caule estão sempre duas, três ou quatro (quase sempre) folhas, da forma de Plantago, nervadas, dispostas em verticilo, parecendo formar uma cruz, entre estas algumas ramúsculos erétos, de dois a três dedos de comprimento com flósculos oblongos, branco-purpúreos que constam de cinco pétalas que são dispostas em espiga. Depois da floração nascem glóbulos ou cápsulas redondas, do tamanho do fruto do “coentro”, nos quais existe a semente miuda, quase redonda, preta, de tamanho e forma daquela da “dormideira”. A raiz é pequena, branca, filamentosa e tem cheiro de raiz de “salsa”. Vide a Androsace em MARTIUS.

Ao texto de MARCGRAVE, LAET acrescenta uma anotação, na qual procura ventilar a identidade de Androsace e Spigelia, porém, não achou nem sequer semelhança entre elas, motivo porque desejavam saber a razão da comparação.

NOTA: De fato, somente as flores se assemelham, sendo isto talvez o motivo de comparação. Androsace é uma Primulaceae, e tem os estames na fauce, corola igual, ovário súpero etc.

LINEU (74) e AUBLET (10) dizem ser esta espécie a planta marcgraviana. PROGEL (31) menciona e reconhece nesta espécie a planta marcgraviana.

Esta erva, é muito comum nos campos do Interior de Pernambuco. É pena não ter PISO falado desta espécie, porque nos poderia sim dizer que é antelmíntica e venenosa.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 6

-----

## Família APOCYNACEAE

Aspidosperma nigricans Handro, Arq. Jard, Bot.E.S.Paulo, 3(6).1961.

N.v.: Pequeá, Pequeá, Setim (P.2).

N.v.m.: Pitiá, Pau marfim, P. setim.

Lit.: P.2:141 (Pri oris lignum judicatur). L.4, Cap.16.

Sobre está árvore PISO escreve somente algumas frases que, embora não serem suficientes para permitir diagnóstico seguro, fornecem todavia dados apreciáveis. Ele diz sob a epigrafe “Pequeá” ou “Peqiá”!

“Encontram-se duas espécies desta copada árvore. A madeira da primeira é julgada como a mais dura e, de todas as que crescem nestas paragens, a mais pesada, a qual os Portugêses, chamam “Setim”, porém, não a tenho visto ainda. É tida como não produzindo frutos. A madeira é quase imputrescível e resiste a toda corrupção, sendo por isso, empregada na construção naval”.

NOTA: PISO não conheceu a árvore, mas repetiu apenas as palavras que seguem: “A madeira da outra (espécie de “Pequeá”) é tida como a mais dura e mais pesada de todas que crescem nessas regiões. Os portugueses a chamam “Setim”, de maneira nenhuma sujeita à putrefação”.

Estas são as mesmas palavras que se leem em HAKLUYT (34).

No Nordeste o pau “Setim” ou “Pekiá” é a espécie supra; é um pau linheiro das matas. O povo denomina-a “Pitiá” que parece ser corutela da palavra tupi, indicada por PISO.

A outra “Pequeá” é a Macoubea guianensis.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 2994.

Hancornia speciosa Gomes, Mem.Acad. Lisbôa 3:1812.

N.v.: Mangabiba (M), Mangaiba (M, P.1 e P.2)

N.v.m.: Mangabeira

Lit.: M:121 (Mangaiba et Mangaiba Brasiliensibus). L.3, Cap.14, Fig.122.

P.1:76 (De Mangaiba, ejusque facultatibus). L.4, Cap.28, fig.76.

P.2:155 (Eximium hujus arboris pomum). L.4, Cap.22, Fig.156.

Sobre a “Mangabeira” ambos os nossos autores escreveram e PISO tem até um Capítulo próprio. Os textos de ambos completam-se, mas sendo a descrição de MARCGRAVE mais exata, seguiremos na tradução ao texto dêle, entrecalando alguns trechos de PISO.

MARCGRAVE escreve: A “Mangabiba” e “Mangaiba”, cujo fruto denominaram “Mangaiba” (seg. PISO “Mangaiba”). A árvore tem pórt e forma igual á nossa “cerejeira ácida” ou também a ultrapassa, sendo esgalhada váriamente em muitos ramos, os quais se esgalham em ramúsculos menores, como na Betula. A casca é fusca com salpicos cinzentos, entretanto, a dos ramúsculos é semelhantíssima aos ramúsculos novos de Betula, a madeira é flexível, tendo no âmago medula exígua; quebrada ou incisada, deita um latex branco.

Traz fôlhas pequenas, sólidas, verde-brilhantes, duas sempre opostas, providas de uma nervura longitudinal no meio e veias ou linhas subtilíssimas transversais paralelas. Produz flores, do mesmo feitio do “jasmim”, com cálice de um a um dedo e meio de comprimento, expandidas em cima em cinco lobos acuminados, da forma de estrela, cor branca, cheiro suave, á semelhança de Mirabilis odorata do Perú. Floresce nos meses de outubro e novembro. O fruto ou mangaba, tem o tamanho das nossas ameixas ou também de ovo de galinha, sendo redondo uns e ovais outros, e não é comestível a não ser quando cai da árvore espontaneamente; pois, enquanto está na árvore é cheio de latex acre e amargo. Ao cair tem pericarpo verde-amarelo e, num dos lados salpicos de um belo purpureo (seg. PISO, dourado do lado do sol e com aspeto de abricó), nalguns, porém, êsses salpicos são poucos e noutros, mais frequentes e, nalguns também ausentes.

Encerra uma polpa branca, mole como manteiga e de sabor mui agradável, vinoso e mui ácido, havendo nela sementes amarelas, compridas, em número de seis, sete, doze ou mais, de forma oval, tendo no meio um umbigo e tegumento semelhante ao das amêndoas doces, porém, tenaz e dentro um albumem branco, de sabor doce, pelo que se comem inteiros com a polpa. Quando maduros apanham-se diariamente em grande quantidade debaixo da árvore e os que não forem moles completamente, colocam-se á parte durante uma noite e então amolecem. Comido, embora, em grande quantidade, não se sente nenhum incômodo”.

Sobre a fruta PISO relata: “O fruto exímio, desta árvore que chamam “Mangaiba”, não se deve deixar de torná-la conhecida nem omitir, na minha opinião, apesar de servir mais para sobremesa do que para contribuir para o nosso tratado médico”. Descreve em seguida a planta, com expressões semelhantes e mesmo idênticas (com relação às folhas), continua: “O fruto apertado levemente deixa sair um latex branco muito agradável ao paladar e, embora a polpa pareça ser viscosa e pegajosa, nada disso se percebe enquanto se come, pois, metido na boca logo derrete. Nunca amadurece na árvore, e sim, no chão adquire imediatamente a sazão. Por isso, os recém-chegados, ignorando estas cousas e atraídos pela forma graciosa da fruta, apenas a têm provado com a margem dos lábios logo a jogam fóra como desenhada e amargosa, pelo que, nem sequer o gado a apetece em estado imaturo”.

MARCGRAVE continua: “Estas árvores devem semear-se e não transplantar-se, a saber em terra seca, onde não há muitas ervas daninhas. No Recôncavo de Todos os Santos encontram-se matas inteiras e espontâneas. Ao redor de Olinda, o fruto chega à maturação ordinariamente em novembro ou dezembro, com máxima abundância em janeiro e fevereiro. No Rio São Francisco e na Capitania de Sergipe amadurece mais tarde e torna-se abundante em abril e maio. Em junho e julho encontra-se também a cada passo. Quando o fim do verão é demasiado seco, a saber em fevereiro ou março, como aconteceu em 1643, os frutos maduros vem em profusão em julho e agosto, pois, por causa do ardor do sol a natureza é impelida a deitar flores em março, como aconteceu em 1643, os frutos maduros vem em profusão em julho e agosto, pois, por causa do ardor do sol a natureza é impelida a deitar flores em março e abril, sucedendo os frutos em julho e agosto.

USOS: PISO escreve que “a suavidade desta fruta seduz à gula de tal forma de dá tão grato saber que, não sei se a América produz fruta mais formosa e mais saborosa. Quando a fruta é madura é de fácil digestão os portugueses aproveitam a fruta inteira para fazer doce em calda, tão delicioso que nada cede aos outros doces de sobremesa”.

IND. TERAP.: PISO afirma ser a fruta refrigerante, mitigando o ardor das vísceras, sendo de grande alívio para os doentes de febre, (P.1:17). Não é prejudicial, embora comida em jejum em grande quantidade, a não ser talvez possa “desonerar o ventre” e causar flatulência pela frigidez, úmidade e corruptibilidade da fruta.

O texto da 2ª edição recebeu alguns retoques, amoldados ao de MARCGRAVE. A estampa é nova, porém, não é melhor que a da 1ª edição, e o porte é estranho e as flores são demasiado grandes em comparação com a fruta.

NOTA: MULLER ARG. (31) menciona o nome lembrado por PISO. A “mangabeira” é ordinariamente habitante do litoral, podendo formar matas.

As frutas são muito procuradas e expostas à venda.

Material ex.: Pernambuco – Prazeres – Pickel 600.

Macoubea guianensis Aubl., Pl. Gui., Suppl. 18.1775.

N.v.: Pequeá, Pekiá (M, P.2)

N.v.m.: Amapá doce, Macucú

Lit.: M:293 (sòmente a estampaç é a terceira das quatro).

P.2:241 (Altera quae mihi innotuit.) L.4, Cap.16, Fig.141.

Sobre esta árvore interessante PISO presta as informações que seguem: “A outra espécie que cheguei a conhecer tem folhas glabras, grandes, providas de uma nervura réta e poucas veias oblíquas. Traz fruto maior que a laranja, com pericarpo grosso, duro, fulvo salpicado de máculas cinzentas que encerra um certo líquido de cor de mel que, pela doçura, rivaliza com o açúcar, ao qual se acham misturados muitos caroços; êstes, depois de seco o líquido do fruto, fazem estrépito como as cápsulas da “dormideira”. O fruto é apetecido por todos os Índios sem distinção, quando estão em viagem, por causa da doçura agradável; os europeus, entretanto, empregam-no nas moléstias do peito”.

Na 1ª ed. há apenas a estampa, no fim do livro. (M:293).

NOTA: Esta planta ficou sem identificação durante séculos. Até o sabio MARTIUS empenhou-se sem resultado na determinação. É mérito do Dr. F.C.HOEHNE, ter posto em pratos limpos a questão do “Pequeá”, mostrando num trabalho magistral, ser da espécie supra, baseado em material botânico proveniente da Bahia e fornecido pelo eminente baiano Dr. PIRAJÁ DA SILVA.

LAET (43) afirma ter esta planta um fruto semelhante a uma laranja, com casca espessa e um certo líquido doce como mel e alguns caroços e nisto segue a HAKLUYT (34).

AUBLET (10) que deu a descrição original da espécie, não atinou com a planta pisoniana; todavia declara, não se tratar da Couroupita guianensis, como pensou BARRERE (apud AUBLET).

SCHUMANN (31), que também se ocupa da planta, declara ser ela tão mal conhecida que já a colocaram na Fam. Clusiaceae.

GABRIEL SOARES, (79) fala dela como tendo sido muito comum na Bahia. Hoje em dia é raro, provavelmente devido ao reprovável costume de derrubar as árvores silvestres que produzem frutos comestíveis.

Thevetia peruviana (Pers.) Merrill, Phil.Journ.St.9:130.1914.

N.v.: Ahoay-guaçú (P.1, P.2), Aguay (M).

N.v.m.: Chapéu de Napoleão, Coração de Maria, Aguahi, Jorro-jorro, Tingui de leite, cascaveleira.

Lit.: M:271 (Ex fructibus, in text.) L.8, Cap.6.

P.1:49 (Ahoay) l.3.

P.2:308 (Duplex datur Ahoay arbor). L.5, Cap.18.

PISO descreve duas espécies sub una, dizendo que “Há duas espécies da árvore “Ahoay”, a saber, uma maior, a “Ahoay-guaçú”, e outra menor, a “Ahoay-miri”. A diferença que entre ela existe, não está só no porte, como também no tamanho dos frutos, pois, a última mal alcança o tamanho de uma avelã à qual é muito semelhante, e aquela produz nozes que ultrapassam o tamanho de uma castanha. Encontram-se essas árvores tão somente nas matas mui distantes, têm folhas grandes oblongas e de cheiro horrível e seus frutos os índios muitas vezes se recusaram mostrar receiando que, algum dia eles carregariam com as consequências disso. “PISO fala em seguida do uso dos frutos e continua: As cascas desses frutos são muito duras e têm, motivo porque são usadas por eles em lugar de matracas, prendendo-as ao redor dos braços e dos pés nos tornozelos durante as suas danças, para enfeite. A maneira como são ligadas entre si por meio de fios de algodão, pode-se vê da estampa que C. CLUSIUS deu no seu livro “Exótica”, nos comentários para a “História” de GARCIA DA ORTA, lib. 2, Ca.11”.

Na 2ª ed., onde repete mais ou menos os mesmos conceitos, altera todavia os caraterísticos da planta, da qual afirma ter “folhas de três a quatro dedos de comprimento e dois de largura, não dissemelhantes às da nossa “macieira”, verdes durante o ano todo. Tem casca esbranquiçada; o ramo cortado verde um latex branco quase leitoso e então se espalha um mau cheiro tão forte da madeira que nem sequer é usada para alimentar o fogo, de maneira que os índios, parece, nunca a tomam para suas fogueiras”.

MARCGRAVE, ao falar dos vestidos e enfeites dos Índios Brasileiros, comenta que das cascas do fruto “aguay” que é triangular e que enfiam sobre um barbante, também fazem pulseiras que amarram ao redor abaixo da barriga da perna. Dão essas cascas um som característico durante as danças”.

IND. TERAP.: PISO, infelizmente nada diz sobre os usos medicinais das sementes, que hoje são objeto de estudos terapêuticos, mas se ocupa apenas da sua toxidez.

Os efeitos tóxicos segundo este autor são os seguintes: “Os índios preparam os caroços, depois de reduzidos a pó com vários artefices e manipulações, e as misturam sorratamente às iguarias da mesa ou ao fumo, afim de produzirem os seus efeitos mais cedo ou mais tarde. Pois, ingerindo a quantidade mais ou menos de um escrúpulo (1,25 g.), produz sintomas mais graves que qualquer outro veneno.

Não se descobriu até agora nenhum antídoto específico contra este veneno e, por causa a morte muito rapidamente, se os alexifármacos gerais e comuns não surtirem efeito”.

NOTA: LINEU (74) identifica a planta pisoniana maior com sua Cerbera ahovay e a menor com C. thevetia, enquanto JACQUIN (40) tem esta última espécie como “Ahoay-guaçú”, como também a Flora Brasileiros (31), dizendo que é semelhante à Thevetia bicornuta M. Arg. HOEHNE (37) afirma ser a planta de THEVET a Th. ahovai (L.). A.D.C. ou seja a Th. bicornuta. Como se vê, há muita confusão, que vem desde THEVET e PISO. Na 1ª ed. PISO dissera que as folhas são grandes e oblongas, o que de alguma maneira concorda com a realidade, quando se tem em vista a espécie Th. peruviana; no entanto, na 2ª ed., onde segue a THEVET (84) e a LAET (43) afirma ter a sua planta folhas com três a quatro dedos de comprimento e dois de largura, com forma das da “macieira”, desmentindo assim o que havia dito antes.

Contudo, cremos, tratar-se na planta pisoniana, embora descreva duas espécies sub una, da “Ahoay guaçú”, porque a estampa que apresenta na 2ª ed. mostra que desta espécie estava falando. A estampa mostra folhas que se podem interpretar como oblongas e estreitas (e não como o texto diz 3 a 4x2 dedos ou com forma das da “macieira”) e sementes que pendem da árvore, (em vêz

dos frutos) que são típicas para a espécie. A estampa é naturalmente um bluff, porque a árvore não produz tais frutos ou, então foram interpretados como sendo da Th. bicornuta ou amazonica.

O mau cheiro que a árvore exala depois de derrubada de que THEVET e PISO falam e que, segundo LERY (44) teria fedor de alho, com certeza vem da confusão do “Pau dalho” com o “Ahoay” (as folhas e o cheiro de alho referem-se, com toda certeza, ao “Pau dalho” e apenas as sementes, ao “Ahoay”).

Do exposto vê-se que nem THEVET, nem PISO, conheceram de visu essa árvore; talvez só tenham visto a semente, nas mãos dos índios ou então nas cintas chocalhos que êstes usavam nas danças.

O material usado pelos Índios para suas danças é evidentemente a semente de Thevetia peruviana, como mostram as coleções etnológicas do Museu Nacional e do Museu Paulista. Logo, está provado que a árvore de que se ocupavam os escritores mencionados é desta espécie.

Nesse material pode-se distinguir duas maneiras de preparar as sementes para servirem ao fim a que se destinavam. Para poder enfiar as sementes ou prendê-las a um cordão, os Índios queimavam ou cortavam à faca o lado mais comprido da semente, isto é a hipotenusa do triângulo (ou delta, segundo THEVET) que a mesma representa.

Nas coleções do Museu Nacional encontrámos os objetos seguintes, em que entra a semente da Thevetia peruviana.

a) – Sementes cortadas:

Nº 2398 – Cinta ou tanga de penas e sementes, dos Índios Cayapós, do Tocantins.

Nº 3837 – Chocalho-pingente de sementes, dos Índios Maunhês, do Tapajós.

Nº 2854 – Cinta de sementes, dos Índios Maunhês, do Tapajós.

Nº 4331 – Bolsa com chocalhos dos Índios Boróros, do Mato Grosso.

b) - Sementes queimadas:

Nº 306 – Colar de sementes dos Índios do rio Branco.

Nº 674 – Massa-clava dos Índios Uaupés (Amazonas).

Nº 3547 – Bastão com chocalhos dos Índios Uapixanas, do Rio Branco.

No Museu Paulista existem os objetos seguintes, ornados com sementes de Thevetia peruviana.

A) – Sementes cortadas:

Nº 2851 – Colar dos Índios Javaés, da Ilha do Bananal (Goiaz)

Nºs 745, 743, 774, 734 – Braceletes com sementes e penas vermelhas, dos Índios Carajás (Goiaz).

Nº 2817 – Enfeite de braço com sementes, dos Índios Javaés.

Nº 2837, 4865, 740, 2773 – Cintas com chocalho feito de sementes, dos Índios Carajás.

Nº 1090 – Cinta com sementes e entretecida de penas, dos índios Carajás.

Nº 741 a 745 – Enfeite da perna fixado acima do joelho.

Nº 587 – Bracelete com sementes inteiras.

B) – Sementes queimadas:

Nºs 1404, 1405, 1407, 1409 – Chocalho para pernas dos Índios Tucanos, no Uaupés (Rio Negro).

Nºs 1406, 1413 – Cinta com chocalho de sementes dos Índios Tucanos.

PISO (1ª ed.) também chama atenção para a estampa de uma cinta feita com as sementes de “Ahoay”, no livro de CLUSIUS, reproduzido por LAET (43) á pag. 497. Na 2ª ed. oferece uma estampa de uma cinta na qual, no entanto, não entram as sementes do “Ahoay”. Estas últimas parecem ser sementes de Ormosia, porquanto têm forma de feijão, são claras numa e escuras noutra das extremidades.

É de estranhar que não tenha tomado a estampa de LAET, onde se distinguem bem as sementes de “Ahoay”.

Material ex.: Pernambuco, Tapera, Pickel 2600, Itambé, Pickel 2821.

-----

### **Família ASCLEPIADACEAE**

Pseudibatia ganclinosa (Vell.) Malme, Asclep. Regn. Herb. 78. 1900.

N.v.: Ibati (M)

N.v.m.: Cainca

Lit.: M:19 (Ibati Brasiliensibus). L.1, Cap.10, Fig.20.

MARCGRAVE escreve: “A “Ibati” dos Brasilienses é uma planta de caule sarmentoso, cinzento por fora e verde por dentro e esponjoso. Serpeia longe pelo chão ou trepa noutras plantas. Traz folhas, sempre duas opostas, nos respetivos pecíolos, cordiformes quando mais antigas e oblongas quando mais novas, moles, um tanto hirsutas, por fora um pouco esbranquiçadas, havendo no caule também muitos ramúsculos erectos e isolados, com folhas semelhantes. Produz flores em quantidade junto de cada pecíolo, em número variável, sem pedicelos constando cada uma de cinco pétalas representando exatamente uma estrela quinquangular, tendo no meio um estame obtuso (i.e., o ginostágio!), não muito alto, com uma espécie de corona, toda ela é amarela-pálida, por dentro sombreada, inodora. Dalí provém um fruto oblongo, oval, acuminado no ápice, do tamanho de um ovo de galinha ou de pato, verde-amarelado quando maduro, com pericarpo mais grosso que na laranja, provido por fora com muitas protuberâncias aculeiformes; deixa escorrer um suco leitoso e glutinoso, assim que pode ser empregado em vêz de grude. Abre quando maduro tendo internamente sementes, oblongas e pretas, arrumadas em belíssima ordem, e cada grão de semente tem um flóco quase como pluma, de côr prateada esplêndente.

Esses flócos também se unem na ponta do fruto, sendo que a parte superior do lóculo do fruto mostra as sementes e a inferior aqueles flócos prateados: um belo aspeto. Toda a planta tem cheiro grave e copioso latex branco”.

NOTA: LINEU (74) pensa tratar-se da Cynanchum hirtum, porém, duvidosamente e dizendo que a planta marcgraviana tem o mesmo mau cheiro da C. hirtum, mas folhas de forma diferente. Os que pudessem verificar as flores do fruto, estariam na contingência de dar facilmente a sinonímia certa.

É um cipó muito frequente em Pernambuco desde o litoral até além da zona da mata. É admirável o acerto com que MARCGRAVE decreve esta planta.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 379.

-----

### **Família CONVULVACEAE**

Aniseia cernua Moric., Pl. Nouv. Amer. 56.1838.

Lit.: M:19 (Herba longa serpit). L.1, Cap.10.

MARCGRAVE escreve: “Uma erva que serpeia longe com seu caule sarmentoso, cinzento e um pouco piloso, o qual tem, em intervalos de uns dois dedos, uma folha inserida num pecíolo curto, mais ou menos quatro dedos de comprimento, de forma linear, com nervura longitudinal e algumas veias oblíquas e conspícuas, de côr verde pálida. Perto de cada folha origina-se um pedicelo mais curto sustentando três folíolos cordiformes, entre as quais assenta uma flor campanula, branca que, no meio tem seis estames brancos com ápices escuros, (i.e., o estame e o pistilo!). Os negros da Angola comem aqui as folhas e flores”.

Ipomoea alba L., Sp. Pl. 161.1753.

N.v.m.: Boa noite

Lit.: M:19 (Herba haec humi serpit). L.1, Cap.10, Fig.19, segunda.

MARCGRAVE escreve: “Esta erva reptante pelo chão, tendo caule ôco, o qual tem folhas alternas, longepedunculadas, cordiformes e semelhantes às de Smilax. A flor é branca, grande, semelhante a um prato pequeno, constando de uma só pétala tênue, expandida em cinco ângulos,

tendo subjacente no fundo uma estrela quinquangular pálida. É desprovida de cheiro e não tem latex esta planta”.

NOTA: MEISSNER (31) dá esta planta como latescente e de flor de cheiro suave.

Material ex.: Pernambuco – Palmares – Pickel, 3435.

Ipomoea batatas (L.) Poir. ex. Lam., Encycl. 6:14.1804.

N.v.: letica (M, P.2) Batata (P.1, P.2, M).

N.v.m.: Batata doce.

Lit.: M:16 (letica Brasiliensibus). L.1, Cap.9, Fig.16, terceira.

P.1:93 (Batatas quidem, in text.). L.4, Cap.53.

P.2:254 (Inter fructus). L.4, Cap.64, Fig.254.

Sôbre a “batata doce” PISO informa na 1ª ed. sômente o seguinte, apontando porém, a descrição de MARCGRAVE para consulta.

PISO escreve: “Entre os frutos subterrâneos alimentares merecem ocupar o primeiro lugar aquêles que chamam vulgarmente Batata, Inhame e Amenduínas. As batatas têm diversas côres, embora congêneres na qualidade, são nutritivas servindo de alimento em grande proveito dos habitantes. São gordas, doces e flatulentas; amadurecem no inverno devido a muita umidade e são sômente cultivadas nas hortas. Trazem flores, verde-claras por fora e brancas por dentro. Como se pode ver em MARCGRAVE, à pag. 16”.

Vejamos o que nos relata êste autor. Êle escreve “A “letica” dos Brasilienses, “Quiquoaquianputu” dos negros do Congo, e “Batata” dos portugueses, serpeia à flor da terra com seu caule sarmentoso, flexível, verde e tênue, deitando à terra sempre novos filamentos dos quais se geram novas raízes. Em intervalos de um com dois, três ou quatro dedos de comprimento, curvos na base, que sustentam uma fôlha de forma de coração, como se pinta comumente, ou também com duas aurículas laterais como na leticuçu. As fôlhas são verde-claras em cima e quase canescentes em baixo.

Não traz nem flor nem fruto, mas transplanta-se fendendo a raiz em estacas que se enfiam na terra, pois assim se multiplica extraordinariamente. Cada caule engedra muitas raízes de várias formas, pois, algumas têm quatro, cinco, seis dedos de comprimento e são grossas como um rabanete, outras são redondas e outras de forma diferentes, têm côr branco-amarelada por fora e alvíssima por dentro e extravasam um suco laticífero. Cozinham-se ou assem-se na cinza e têm ótimo sabor, preferível ao dos nossos rabanetes. A batata fresca esmagada e macerada numa pouca d’agua, e deixando fermentar por si mesma, dá uma bebida que os Brasilienses usam. Algumas variedades de batata doce, têm massa completamente rubra e cozinhadas tingem as mãos da azul: a película é rubro-escura e cortada a faca fica preta como tinta de escreve”.

MARCGRAVE chama essa variedade roxa à pag. 52 de “Pararó” e a descreve, como segue:

“A “Pararó” dos Brasilienses é outra espécie de “Batata” com caule e fôlhas como a precedente, a não ser que o caule desta é purpúreo, como também as nervuras e veias das fôlhas, são purpúreas, e por sua vez, a raiz”. Deve-se ser a mesma variedade que preteja quando cortada e tinge as mãos.

Além desta, MARCGRAVE descreve mais uma variedade roxa á pag. 51, a que chama “Omenapo yeima”: “A “Omenapo yeima” dos Brasilienses é uma espécie de “Batata”.

Serpeia pelo chão, tem caule sarmentoso e verde, fôlhas cordiformes ou, também, auriculadas, isoladas, verdes; com nervura e veias verdes. A raiz é completamente branca, porém, cozida fica rubra e é redonda às mais das vezes”.

Na 2ª ed., PISO adota a versão de MARCGRAVE e transcreve também o que dissera sôbre as variedades. A elas PISO acrescenta, porém, uma terceira variedade que denomina “letiopé”. Sôbre esta relata o seguinte: “A que se chama “letiopé” tem também raiz branca de ótimo sabor, come-se depois de tê-la macerado um pouco, especialmente, os doentes de febre”.

NOTA: Esta batata não parece ser variedade de “letica”, a julgar da etimologia da palavra “letiopé” e nada mais é que o “letiope” de ANCHIETA (5) ou seja o “Jacatupé” (Pachyrhizus bulbosus (L.) BRITTON.

GRISEBACH (31) não descreve a variedade que MARCGRAVE chama “Pararó”, pois, a variedade porphyrorhiza GRISEB. É também internamente branco-amarelada e roxa apenas externamente. Sôbre a particularidade de pretejar a batata “Pararó”, B.H.A. GROTH escreve na publicação intitulado: “The Sweet potato”, (33) que não conhece nenhum caso semelhante de sujar a faca, e que pode acontecer sômente no caso em que a túbera está estragada. Nós acreditamos ser



porém este fato possível também, quando as túberas contém ácido, antes de completamente maduras.

LINEU (74) menciona MARCGRAVE ao descrever a batata doce.

SOARES DE SOUZA (79) fala também de uma variedade roxa que tingia as mãos, mas não lhe dá nome. PECKOLT (64) confirma o que foi relatado por MARCGRAVE, de que da batata os indígenas fazem uma bebida. É interessante que nos tempos coloniais se tenha propagado a batata doce pelos tubérculos, porquanto se o faz agora por estacas, empregando o caule, constituindo processo mais econômico, como aliás já o faziam nos tempos coloniais “nas ilhas”, como afirma SOARES.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 786.

Ipomoea pes caprae (L.) Swett, Hort. Suburb. Lond. 2a Ed. 289.1818.

N.v.: Salsa da praia (P.1, P.2), Çarça (P.1, P.2).

N.v.m.: Salsa da praia

Lit.: M:51 (Convolvulus marinus). L.1, Cap.24, Fig.51, terceira.

P.1:103 (De Salsa do Praya, ejusque usu). L.4, Cap.69, Fig.103, primeira.

P.2:258 (Praeter çarçaparillam officinarum). L.4, Cap.65, Fig.258, segunda.

No Cap. 69 PISO descreve esta planta como segue: “Da Salsa do Praya e seus usos. Além da “çarçaparilla peruana” das farmácias encontra-se esta outra mui bonita, embora menos nobre que a vulgar. Traz flor grande reptando no litoral do Atlântico e expandindo-se sem fim, a qual os portugueses chamam “Salsa do Praya” (sic!) ou “Çarça do litoral”, mas dir-se-ia mais corretamente Convolvulus marinus.

Em seguida trata dos usos medicinais, como se vê infra. A estampa mostra um ramo que tem enrolado um outro cipó com fôlhas diversas. Sômente duas das fôlhas da estampa têm forma característica por serem bilobadas.

Em continuação seja lícito trazer o texto de MARCGRAVE que é mais explícito, dando como sempre uma descrição exata. Escreve êle: Convolvulus maritimus ou Soldanella (imprôpriamente chamado também por alguns Brassica marina, veja a Isagoge do Spigel). De uma raiz flexível, comprida, não grossa, gracil, provida de poucas fibras radiculares, de côr enegrecida por fora e branca por dentro, cheia de um latex glutinoso, nascem alguns caules longe reptantes à flor da terra que, de novo, criam aqui e acolá raízes roliças, flexíveis e verdes. Dos lados nascem-lhes fôlhas alenas ou opostas, cada uma inserida no seu pecíolo de quatro ou cinco dedos de comprimento, quase redondas, á maneira de um clipeo estomacal, verde-claras e um tanto espessas, percorridas por elegantes veias transversais e uma nervura no meio. Ao pé dos pecíolos originam-se também alternamente pedúnculos florais, sustentando três, quatro, cinco e às vezes, uma única flor, da forma de Campanula ou Convolvulus maior de côr purpúreo-clara e um pouco albicante na base, vendo-se no meio um estame curto, como costuma haver nos Convolvulus. Nessa flor se acha representada por dentro uma estrela quinquangular, pois, toda a flor termina em cima quase em cinco ângulos. A flor fecha-se depois do meio-dia. A planta toda encerra abundante latex glutinoso”.

A estampa de MARCGRAVE é diferente da de PISO. Também só se vê duas fôlhas bilobadas, pois, de fato, nem todas são emarginadas no ápice.

IND. TERAP.: Os sarmentosos e as fôlhas novas são considerados como moderadamente quentes e gozam de virtudes emolientes, usando-se por isso na preparação de banhos quentes e, ao mesmo tempo, são úteis nas afecções frias, por exemplo, nos catarros (P.1:22).

O decocto dos sarmentosos e também as raízes em estado sêco, servem para o mesmo fim, devendo-se tomar por via oral. As fôlhas verdes aplicadas às temporas trazem alívio (nas dores de cabeça?).

Na 2ª ed. PISO abandona a sua descrição bastante rudimentar, para adotar a de MARCGRAVE, porém, condensando muito o texto.

LINEU (74) e AUBLET (10) descrevem a planta dos nossos autores como Convolvulus brasilienses, espécie esta que, segundo DESROUSS, é var. de I. pes caprae L.

Material ex.: Pernambuco – Recife – Pickel 3007.

Merremia aegyptia (L.) Urban, Symb. Antll. 4:505.1910.

N.v.m.: Getirana, Jetirana

Lit.: M:54 (Herba haec frutices). L.1, Cap.25, Fig.54, primeira.

MARCGRAVE tem o seguinte sobre esta planta: “Esta erva trepa em arbustos e árvores e neles se agarra, tendo o caule, dum lado geralmente pardo e do outro verde, variegado em toda a sua extensão com salpicos pardos e provido de pêlos. Com iguais intervalos de cerca de meio pé estendem-se nos lados do caule pedúnculos bastante grossos de meio pé de comprimento mais ou menos, também hirsuto, que sustenta corpúsculos arredondados e quase cônicos, inseridos, nos respectivos pedicelos hirsutos, corpúsculos êstes que abrindo mostram uma flor branca, formada de uma pétala á maneira da Campanula. No mesmo ponto, donde sai o pedúnculo floral, nasce outro pecíolo da mesma grossura, de uns quatro dedos de comprimento que sustenta cinco folíolos dispostos em volta como no Pentaphyllum, moles ao tato, verdes em cima, subalbicantes em baixo e guarnecidos de pêlos esbranquiçados”.

NOTA: LINEU (74) determina a planta marcgraviana primeiramente como Convolvulus aegyptius, mas mudou o nome mais tarde em C. pentaphyllum, descrevendo a planta pela segunda vez.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 3085.

Operculina alata (Ham.) Urb., Symb. Antill. 3:343.1902.

N.v.: leticuçu (M, P.1), Batata de purga (M, P.1, P.2), Mechoacanna (P.1:26), letiçu (P.2).

Lit.: M:41 (leticuçu Brasiliensibus). L.1, Cap.53, Fig.41.

P.1:93 (De ea nunc agamus radice) L.4, Cap.53, Fig.94, primeira.

P.2:252 (leticuçu sive Mechoacan, et Xalappa). L.4, Cap.63, Fig.253.

Embora serem idênticos os textos dos nossos autores, seguimos ao de PISO intercalando porém as divergências encontradas em MARCGRAVE. Depois de ter falado da “Batata” e do “Inhame” descreve a “Batata de purga” de Pernambuco. Lemos á pag. 93 o seguinte: “Trataremos agora da raiz que os portugueses chamam “Batata de purga”, aliás “Mechoacan”, e os Brasileiros “liticuçu”. Prolifera por toda a parte nos campos e lugares incultos e nunca foi explorada ou cultivada pela indústria hortícola. Cresce em tanta profusão em todos os matos que enche quase toda a terra. Tem quase o mesmo hábito e a mesma eficácia da planta, das fôlhas e da raiz que a “Mechoacan” da outras partes da América.

É uma espécie de Convolvulus ou Smilax, pois seu caule sarmentoso reptante e trepa, é multiangular, flexível, ruivo e também verde. As fôlhas inserem-se nos respectivos pecíolos de um dedo de comprimento têm forma de coração como se pinta vulgarmente, com duas aurículas ao lado, tenras ao tato, de um ou mais dedos de comprimento, verde-escuras, em baixo providas de nervuras salientes e veias transversais, não tem cheiro a não ser um odor de erva. O caule incisado emana um latex branco.

Traz flores de tamanho e forma de Convolvulus, mui belas, brancas e, por fora, um pouco encarnado-diluidas, porém, por dentro, purpúreas (MARCGRAVE diz: “Constante de uma única pétala branca com um pouco de encarnado-diluido, mas por dentro purpúreo”), principalmente no mês de julho, vilha, de côr fusca, porém, não redondas, mas como se fossem cortadas duas partes, de modo a terem forma quase triangular, e são coligidas no mês de setembro.

A raiz dela é gorda, turgida de um suco branco, gomosa e insípida; por fora é cinzento escura ou fusca e deixa escorrer uma espécie de resina; por dentro á branca. Colhe-se com vantagem no mês de outubro, guarda-se cortando-a em rodela atravessadas por um cordão, resguardada contra qualquer deterioração vinda de fora”.

MARCGRAVE escreve a respeito da raiz: “A raiz chega a ter de meio pé de comprimento e a mesma grossura e muitas vezes o duplo; é bifida, sendo uma parte mais curta que a outra; externamente é cinzento-escuro ou fusca e, quando nova, extravaza uma espécie de resina, e internamente é branca. Tive raízes penduradas na parede do meu museu durante quatro meses, que ali germinaram cada uma com um caule de dois a três pés de comprimento e da grossura de um fio de sapateiro. Enterrando-a no horto brotaram fôlhas no espaço de oito dias e a planta cresceu ôtamente”.

IND. TERAP.: Sobre os usos medicinais PISO escreve, que a raiz é quente no 1º grau e sêca no 2º. É um purgativo brando e inócua, mas eficaz, principalmente contra humores viscosos e espessos, necessita de um veículo e de um estimulante em vez de corretivo (P.1:26).

O pó e a fécula da batata em infusão de vinho são usados na dose de uma a duas dragmas (3,5gr. a 7 gr.). Doces e conservas que se fazem da flor e da raiz não só tem sabor, mas ainda são laxantes brandos ou purgativos e, por isso, MARCGRAVE os recomenda às pessoas que têm nêjo de purgativos, na dose de uma e duas colheres, e o pó e a tapioca da raiz (que ensina preparar) para

purgar o intestino e o fígado e não duvida em aconselhar êste remédio contra dor de cabeça crônica, a hidropisia e para excitar o apetite. Dá as doses exatas para crianças e adultos.

LAET apresenta, em seguida a descrição das “Mechoacanas” da pena de XIMENES, mas rejeita terminantemente a identidade delas, por terem as sementes diferentes. PISO, entretanto, na 2ª ed. não receia em identificar a planta brasílica com a “Xalapa”. Amplia a descrição com as observações de MARCGRAVE quanto à raiz e os usos medicinais. Á estampa acrescenta o fruto que declara ser a flor de quatro pétalas de um encarnado diluído e, por dentro, purpúreo, tendo sobresaindo no meio uma cápsula redonda, no lugar do umbigo na qual existem algumas sementes enegrecidas etc.”.

NOTA: LINEU (74) tratou da planta marcgraviana na obra “Matéria médica” de 1749, nº 83, porém, não chegou a descrevê-la omitindo-a nas obras posteriores.

MARTIUS (49) ocupou-se também da identificação desta planta, dando-lhe o nome Exogonium pisonis Mart. ou Piptostegia pisonis Mart., que é a “jalapa de São Paulo”, porém, não é a planta de PISO e MARCGRAVE.

Êste cipó é ainda nos nossos dias procurado por causa de sua batata usada para purgante de cavalos. O caule é alado, as folhas auriculadas, porém, as flores são amarelas (e não brancas). Talvez MARCGRAVE visse flores desbotadas. O fruto com o cálice persistente é diáfano. O cálice é pardo por fora e avermelhado-pardo por dentro.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 4207. 309.

-----

### Família BORAGINACEAE

Cordia toquere Aubl., Pl. Gui. 1:228.1775.

Lit.: M:133 (Arbor caudice recto.). L.3, Cap.18, Fig.133, primeira.

MARCGRAVE escreve: “Uma árvore, de tronco reto e porte mediano, com casca cinzenta, madeira frágil e medulosa, que se divide em cima em muitos ramos, porém, quase despídos de folhas. Estas, entretanto, estão reunidas nas extremidades dos mesmos, em frondes de cinco, seis ou sete juxtapostas, em cima verde-claras e, em baixo, albicantes, algumas oblongas, outras quase redondas, com nervura longitudinal e veias transversais opostas em série. Nas frondes, por entre as folhas provém pedúnculos de uns dois dedos de comprimento que, na extremidade, sustentam muitos flósculos oblongos, dispostos em umbelas, brancas, constantes de seis pétalas, de cheiro suave”.

LAET chama atenção ao fato de que o autor não deu um desenho, motivo porque êle mesmo mudou fazer a estampa que acompanha o texto executada á mão da respetiva planta do herbário de MARCGRAVE. Esta estampa é fantástica e o próprio LAET queixa-se advertindo que a folha menor da estampa é que corresponde mais á realidade.

NOTA: Esta árvore é comum nas matas do litoral e bem interessante por causa da forma esgarçada da copa e das folhas grandes que guarnecem as pontas dos ramos.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, nº 2289.

Heliotropium indicum L., Sp. Pl. 130.1753.

N.v.: Aguaraciunha-açu, Aguaraiquynha-açu (P.1), Fedagoso (sic!), (P.1, P.2), lacua acanga (P.2).

N.v.m.: Fedagoso, Borragem brava.

Lit.: P.1:109 (De Aguaraciunha-açu, sive fedagoso, ejusque qualitibus). L.4, Cap.77

P.2:229 (Fructescens et ornatissima planta). L.4, Cap.72.

Sobre esta planta PISO escreve um capítulo próprio na 1ª ed. intitulado: “Da “Aguaraciunha-açu” ou “Fedagoso”, e suas qualidades”. É uma planta arbustiva e elegante que cresce principalmente nos lugares arenosos e foi recebida em uso pelos nossos compatriotas e pelos índios.

Tem folhas grossas semelhantes às de Nepeta, do tamanho de um palmo, rugosas e ásperas ao tato, mais que as da “urtiga”. Acima delas levanta-se um caule (i.e., a haste floral) coberto ininterruptamente de grânulos verdes à maneira de Plantago, exceto na extremidade que é circunada à semelhança de caule de escorpião, e finda com flósculos albicantes e pequenas”.

PISO dá as seguintes indicações medicinais:

IND. TERAP.: A planta tem qualidades abstergentes e purificadoras, sendo usada no tratamento das feridas e úlceras e bem assim na cura das queimaduras, seja pura, seja combinada a outras.

Pelos indígenas a raiz é aplicada na cura da sífilis (P.1:35).

Na 2ª ed. PISO corrige o texto supra, tomando os termos a MARCGRAVE (M:6) porém não altera propriamente a descrição. O nome “Iacua Acanga” PISO aplica a esta espécie, mas erroneamente.

NOTA: LINEU (74) referindo-se á planta pisoniana da 1ª ed. julga tratar-se de H. indicum e, também à marcgraviana sem dizer entretanto á qual das duas se reporta, devido a ter ilustrado PISO na 2ª ed. a sua planta com a estampa de H. parviflorum.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel 391.

Heliotropium parviflorum L., Mant. 2:201.1771.

N.v.: Iacua Acanga (M), Fedagoso (M)

Lit.: M:6(Iacua Acanga Brasilianis). L.1, Cap.5, Fig.7, primeira.

MARCGRAVE escreve: “A “Iacua Acanga” dos Brasilianos e “Fedagoso” (sic!) dos portugueses é uma espécie de Scorpioeides. Eleva-se a dois ou três pés de altura, tem caule hirsuto, piloso, provido de muitos ramos, fôlhas opostas com outras pequenas ou também isoladas que são corrugadas e semelhantes ás de Scarleia, revestidas de poucos pêlos, e oblongas.

Na extremidade dos ramos superiores nasce uma espiga de dez ou doze dedos de comprimento, na qual há uma série única de flósculos, de côr amarela misturada de azul e cada flósculo tem a forma de uma calix pequeno. A extremidade da espiga costuma ser circinada á maneira da inflorescência de Scorpioides vulgaris (Myosotis).

Depois das flores vem a semente da semelhança da de nossa “milhã”, amarela, triangular e acuminada perto do ápice, de forma quase do trigo sarraceno, porém, pouco perceptível.

Na 2ª ed. PISO confunde esta com H. indicum L., aproveitando a descrição de MARCGRAVE.

A estampa representa bem a espécie em questão.

NOTA: LINEU (74) pensa tratar-se de H. parviflorum, referindo-se a MARCGRAVE e a PISO (2ª ed.) e parece até que descreveu esta espécie á mão da estampa dêstes nossos autores.

É de fato, a que melhor quadra com a descrição de MARCGRAVE, porém, a espiga pode ser uniseriada ou biseriada e os frutos não são propriamente triangulares, mas comprimidos e bicarinados.

Não encontramos esta espécie em Pernambuco.

Heliotropium tiarioides Cham., Linnaea 4:453.1829.

N.v.: Aguarquinha (P.2)

Lit.: M:7 (Reperitur et alia species, in text.) L.1, Cap.5

P.2:229 (Reperitur et alia species, in text.) L.4, Cap.52.

Desta espécie MARCGRAVE dá a diagnose seguinte: “Encontra-se ainda outra espécie, inteiramente semelhante á primeira (H. parviflorum), a não ser um pouco maior em relação aos caules. A raiz é do mesmo feitio, as fôlhas, porém, são um pouco mais macias, sendo a espiga também circinda como na anterior e os flósculos brancos ou leitosos, formados por cinco folíolos (isto é, o fruto), finalmente é globulosa, não triangular como na primeira”.

PISO, copia na 2ª ed. os conceitos de MARCGRAVE e acrescenta o seguinte:

IND. TERAP.: É uma planta comum e vulgar, servindo suas fôlhas contusas para amadurecer os apostemas e tumores se forem friccionados repetidas vezes com o suco. Além disto os habitantes a empregam para muitos usos e contra as doenças internas.

NOTA: É uma planta muito comum em Pernambuco, robusta, fruticulosa, com fôlhas quase glabras em cima. O fruto é globuloso, porém, possui excavações nos lados, que não foram observadas por MARCGRAVE.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel, 1111, 2512.

-----

**Família AVICENIACEAE**

Avicennia schaueriana Stapf et Leechman, Lilloa 4:356.1939 \*

N.v.: Cereiba (M, P.2) Mangue branco (P.1, P.2)

N.v.m.: Siribá, Mangue siriba.

Lit.: M:127 (Cereiba Brasiliensibus). L.3, Cap.16.

P.1:113 (Prima cereiba, in text.). L.4, Cap.87 (apenas citado)

P.2:204 (Prima Cereiba, in text.). L.4, Cap.42.

PISO não descreve na 1ª ed. este “mangue”, citando-lhe apenas o nome a saber “Cereiba” ou “Mangue Branco”. MARCGRAVE, entretanto, fornece boa descrição, como segue: “A “Cereiba” dos Brasilienses. É uma árvore semelhante à Salix pumila, com madeira, o mesmo aspeto e, outrossim, com fôlhas semelhantes, porém, um pouco mais grossas. Tem fôlhas diretamente opostas e, na extremidade dos ramúsculos, entre três ou quatro ou, às vezes, duas fôlhas, provém dois pedúnculos, cada um com três, quatro ou cinco flósculos em fascículos, branco-amarelados, constantes de quatro pétalas e, no meio, outros tantos estamínulos pretos em pé, com cheiro de mel. As fôlhas desta árvore retêm na superfície uma camada de sal alvíssimo quando há sol; havendo, porém, nuvens no céu ou durante a noite o sal dissolve-se aderindo como orvalho; durante o dia, entretanto, é sêco e branco podendo-se detergir e com os dedos. De duas ou três fôlhas pode obter-se sal em quantidade suficiente para temperar bem o caldo”.

Na 2ª ed. PISO copia o texto do seu colega.

NOTA: G. SOARES (37, 79, 68) chama “Cereiba” a nossa planta.

MARTIUS (49) afirma que “Cereiba” designa as Avicennia.

A Salix pumila de MARCGRAVE é S. reticulata L. que tem fôlhas ovoides (ápice arredondado) e inteiras, como a nossa planta.

VASCONCELOS SOBRINHO (6) afirma haver em Pernambuco apenas 1 ½% da espécie A. schaueriana e 10% da espécie A. nitida. Por isso interessante é ter MARCGRAVE descrito a espécie mais rara.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel, 4201. São Paulo – Santos – Pickel 3210.

-----

**Família VERBENACEAE**

Citharexylum pernambucense Mold., Phytol. 1:442.1940.

N.v.m.: Salgueiro

Lit.: M:134 (Arbor cortice cinereo). L.3, Cap.18, Fig.134, segunda.

MARCGRAVE escreve: É uma árvore de casca cinzento-esbranquiçada, provida de muitos ramos em direção variável. Tem madeira flexível, quase como de vime, fôlhas oblongas, opostas diretamente, sólidas, lisas e, em cima, de um belo verde-resplandecente, em baixo, oliváceas e brilhantes e, ao tato, glabras como veludo. Na extremidade dos ramos produz muito flósculos, reunidos em espigas ou cachos, inseridos nos respetivos pedicelos curvados para baixo, de côr amarela, sendo a inflorescência de um arranjo belíssimo. Depois das flores nascem bagas do tamanho de groselhas”.

NOTA: LAET, mandou fazer a estampa anexa pelo especimen sêco encontrado no herbário de MARCGRAVE e informa que as fôlhas dêsse exemplar era de côr enegrecida em cima e um tanto fusca em baixo e que os frutos eram bagos secos que não permitiam estudar-lhes a consistência.

Esta árvore se encontra em Pernambuco. Quando em flor mostra belas espigas de flores alvas e, quando em fruto, é um lindo aspeto ver as espigas penduradas de um belo vermelho.

Material ex.: Pernambuco – Jaboatão – Pickel 1501, 1941, 3921.

---

\* Sinônimo: A. tomentosa Schauer

Lantana camara L., Sp.Pl.874.1753.

N.v.: Camara iuba (P.1) Camara (M)

N.v.m.: Camará, C. de espinho.

Lit.: M:5 (Camara flore rubro). L.1, Cap.4, Fig.6.

P.1:86 (Ex his tribus, in text.) L.4, Cap.45, Fig.87, primeira.

P.2:176 (Camará-tinga in eximiam). L.4, Cap.30, Fig.177.

Sobre os “Camarás” em geral PISO dá as seguintes informações: “Cheguei a conhecer três espécies de “Camará” arbustivas, nativas em qualquer solo e semelhantes entre si não só pelo hábito externo, mas também, pelas qualidades internas; são consideradas quentes e secas no 2º grau e não diferem a não ser que uma delas é mais arborescente que as restantes.

Duas cobrem-se de flores douradas e rubras e a terceira tem flor branca. Todas elas tem flores pequeninas, porém, lindas e espalham grande fragrância e aroma. Destas três, a “Camara luba”, que tem flor rubra e de todas o porte menor, distinguem-se não só pela elegância das folhas e flores, mas também pelo cheiro e pelas qualidades medicinais. Têm folhas de Melissa, menores embora e, como elas aromáticas, especialmente quando forem esmagadas, que principalmente por esta particularidade são procuradas e usadas”.

Depois, PISO traz a mesma frase que MARCGRAVE empregou ao descrever os frutos, concluindo que “esta Camara” é digna de ser cultivada entre as úteis, tanto pela sua beleza como pelos seus usos”.

MARCGRAVE por sua vez, descreve bem a nossa “Camara”. Antes de entrar a descreve-la diz que “Da “Camara” dos Brasilianos, encontram-se diversas espécies, a saber a “Camara tinga” e a “Camara de flor branca e ambas são arbustivas”. Em seguida descreve a primeira, cujo nome empregou erroneamente, pois, é apenas sinônimo da segunda e significa “Camara branca” (A introdução talvez seja de LAET). Sobre a nossa espécie diz: “Camara de flor rubra”. O caule hirsuto desta (espécie) expande-se em muitos ramos, tem folhas serreadas, semelhantes as de Mentha crispa, porém, mais luzidias, providas de penugem e moles ao tato, sempre duas opostas, cada uma inserida num pecíolo curto. Na extremidade dos ramos, como também nas axilas das folhas, provém do caule alguns pedúnculos oblongos juxtapostos, que têm muito flósculos rubros. Depois das flores segue uma úvula, formada de bagos verdes, do tamanho das bagas do “sabugueiro”; e a úvula com as bagas é semelhante ao fruto de Chamaepericlymenum de CARLOS CLUSIUS em sua Rar. Histor. L.1 Cap.38. A flor tem perfume forte e a própria erva vence no cheiro a Mentha”.

LAET compra esta planta com a descrita por XIMENES a qual evidentemente é idêntica (Anotação, pg. 6).

Na 2ª ed. PISO adota o texto de MARCGRAVE, porém, ao tratar das flores, abandona-o, para usurpar o que MARCGRAVE (M:6) dissera sobre uma planta bem diversa, a Wedelia scaberrima. Deixou-se enganar por causa do mesmo nome (“Camara luba”) que já na 1ª ed. dera á Lantana camara, erroneamente, e que significa “Camara amarela”. Na 2ª ed. soletra “Camara Uuba”, como epigrafa o trecho que comentamos.

Como vimos, PISO fez de duas uma terceira espécie.

E novamente usurpa o texto de MARCGRAVE referente á Wedelia (M:6) e Lantana camara (M:5) dando a este “mixtum” compositum o nome de “Camara tinga” fazendo pela 2ª vez de duas uma terceira espécie com a estampa de Lantana camara.

IND.TERAP.: A planta é utilizada, segundo PISO, para banhos quentes, para a cura da sarna e da hidropisia (P.1:26), nos resfriados (P.1:22) e na cura dos tumores (P.1:37). O decocto engrossado é usado para a lavagem das úlceras antigas e nas dores de cabeça provenientes dos resfriados.

NOTA: LINEU (74) refere-se a esta planta marcgraviana e dá-lhe o nome L. camara aproveitando o nome dado por MARCGRAVE. SCHAUER (31) cita a planta pisoniana pelo nome “Camara juba” e a planta marcgraviana do Liber Princ. N° 341.

Os ingleses seguiram o conselho de PISO e introduziram na Austrália esta planta, que ali se tornou uma praga tão incômoda que os agricultores quase não puderam dar cabo dela.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 398, 2028.

Lantana camara L., var. flava (MEDIC.) Moldenke, Known Geog, Distr. Verben.77.1942.

N.v.: Camara iuba (P.1)

Lit.: M:5 (Huic plane similem, in text.). L.1, Cap.4.

Em seguida á descrição da “Camara” de flor rubra (L. camara), MARCGRAVE menciona outra dizendo: “Uma planta inteiramente semelhante a esta encontrei nas ribanceiras do Rio São Francisco, que divergia tão somente pela côr da flor que era totalmente amarela”.

NOTA: O nome “Camara iuba” que PISO tem dado á Lantana camara (P.1:86) compete por direito a espécie supra, cuja inflorescência é de um amarelo puro, pois, Lantana camara tem flores de várias cores reunidas no mesmo capítulo.

Como vimos o nome “Camara iuba” dado por MARCGRAVE (M:6) é Wedelia scaberrima e o que PISO (P.2:177) chama assim, é uma mistura de duas plantas.

Segundo MOLDENKE (in lit.) trata-se da espécie supra, que não encontramos, infelizmente, nas nossas herborizações.

Lantana regulosa HBK., Nov. Gen. & Sp.2:261.1817.

N.v.: Camaratinda (M), Camara (P.2)

Lit.: M:5 (Camara flore albo). L.1, Cap.4.

P.1:86 (Tertia autem flore albicante, in text.). L.4, Cap.45.

P.2:177 (Camara flore albo). L.4, Cap.30.

MARCGRAVE escreve: “Camara de flor branca” tem caule lenhoso, duro, quadrado e hispido e surge á altura de dois ou três pés expandindo-se em muitos ramos; em parte, também, os caules compridos deitam-se pelo chão serpejando com seus ramos. Tem fôlhas rugosas, hirtas e duras ao tato, serreadas no bordos, luzidias, verde-escuras, sempre duas opostas e sendo esparsas na base dos ramos. Na extremidade dos ramos e nas pontas do caule originam-se umbelas de flores pequenas á maneira das flores de Lychnis chalconica, de côr branca ou leitosa, de perfume suave. Toda a planta tem cheiro quase como o Menthastrum”.

PISO cita também esta planta na 1ª ed., porém não a descreve, o que entretanto, faz na 2ª ed. copiando o texto de MARCGRAVE.

NOTA: MARCGRAVE acrescenta a estas espécies mais duas. Uma delas é das margens do rio São Francisco e, diz êle, é semelhante a L. camara porém, as flores são amarelas, da qual já tratamos.

A outra espécie ela chama “Camara Uuba” que é uma Composita, entre as quais será descrita. A planta marcgraviana é comum em Pernambuco.

Material ex.: Pernambuco – Prazeres – Pickel 2565, Tapera 399, Goiana 3926.

Lippia alba (Mill.) N.E. Br. EX. Britt. & Wils., Scient.Survey P. Rico 6:141.1925.

N.v.: Erva cidreira (M, P.2) Melissa (P.2)

N.v.m.: Herva cidreira

Lit.: M:32 (Erva cidreira Lusitanis). L.1, Cap.15

P.2:242 (Melissae species agrestis). L.4, Cap.57.

MARCGRAVE escreve: A “Erva cidreira” dos portugueses eleva-se á altura de quatro ou cinco pés, com seu caule estriado e geniculada. Em cada nó nascem dois ramos, opostos e, da mesma forma, duas fôlhas opostas, tanto no caule como nos ramúsculos. Cada fôlha tem dois ou três dedos de comprimento, é acuminada e serreada nos bordos, inserida num pecíolo curto. Na extremidade do caule e dos ramos provém uma espiga de dois ou três dedos de comprimento, com flósculos pequeninos, de um azul-claro, misturado com muito branco. Toda a planta é muito aromática e não diminue sua fragrância antes de um ano, embora sêca é mais agradável que a Melissa misturado com limão. (Cytrus).

Na 2ª ed. PISO reproduz mais ou menos o texto de MARCGRAVE e declara que a planta é nada mais que uma espécie silvestre de Melissa. Como virtudes terapêuticas indica as seguintes.

IND. TERAP.: As fôlhas são usadas em banhos quentes e em fomentos, como também em poções para fortificar o coração, servindo também para remediar a flatulência e as cólicas.

NOTA: A espécie supra combina bem com a descrição de MARCGRAVE. Trata-se desta espécie segundo MOLDENKE, in litt.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 412.

Starchytarpheta cayennensis (L.C. Rich.) Varl, Enum. 1:208.1804.

N.v.: Aguará ponda (M)  
N.v.m.: Gervão  
Lit.: M:6 (Aguara ponda Brasilianis). L.1, Cap.5.

MARCGRAVE escreve: "A "Aguara ponda" dos Brasilianos a que chamo Myouros ou Myurus e os Belgas "Rattensteert", surge á altura de um pé e meio ou também mais, tem caule geniculado, roliço e verde. Em cada entrenó tem, quatro, cinco ou mais fôlhas estreitas, serreadas e fastigiadas, verdes e de tamanho desigual. Na extremidade do caule (produz) uma espiga de um pé de comprimento, roliça, cheia por toda a parte de flósculos elegantemente azul-violáceos, da côr das nossas "violetas" constando cada flósculos de cinco pétalas sub-redondas o flóculo tôdo não representa mal uma "violeta" e, mesmo, um pouco seu perfume. A raiz é reta e medianamente grossa, tendo além disso anexas pequenas radículas filamentosas".

NOTA: Em seguida, MARCGRAVE fala de uma outra espécie que, entretanto, parece ser a fasciação da primeira. Não é raro encontrar esta monstruosidade na mesma localidade. Sôbre ela escreve: "Encontra-se ainda outra inteiramente semelhante á precedente, a não ser que tenha uma espiga larga, cravada de covinhas cúbicas representando uma couraça, é verde, e dentro dessas covas emergem flósculos azues como na outra espécie que descrevemos". O "Gervão" é muito comum em todo o Nordeste.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 1994, 2557.

Vitex rufescens A. L. Juss., Ann. Mus.Paris 7:77.1806.  
N.v.: Ibapurunga (M)  
Lit.: M:116 (Ibapurunga Brasiliensibus). L.3, Cap.10, Fig.116, primeira.

MARCGRAVE escreve: "A "Ibapurunga" dos Brasilienses é uma árvore com casca e madeira de "Sabugueiro", tem fôlhas com pecíolos de dois dedos de comprimento, sendo duas opostas e em cada um acham-se três folíolos juxtapostos, á maneira dos "feijoeiros", (pois nas extremidades dos ramos as fôlhas são reunidas em frondes, porém, ternadas), verdes em cima, brilhantes e, em baixo, de uma côr esbranquiçada misturada com verde; além disso, em cima pilosas e, em baixo, mais hirsutas, com nervura e veias conspícuas.

Junto de cada pecíolo sai um pedúnculo que traz flores formadas por cinco pétalas, depois das quais se encontram reunidos, cada qual no seu pedúnculo comprido, três, quatro ou cinco frutos que são do tamanho da uva-espim ou avelã, globulosas, verdes quando imaturos, brilhantes, maculados com pingos albicantes e, quando maduros, purpúreos-escuros, enegrecidos, com os pontos albicantes á mostra em toda a superfície. Tirando o pericarpo aparece a polpa, na camada contígua purpúrea ou parda, mas por dentro branca e, no meio, um caroço duro, de forma e tamanho de amêndoa, encerrando três carocinhos brancos, pequenos. Come-se depois de remover o pericarpo e são de sabor doce, porém, pouco perceptível. Amadurece ao mês de fevereiro".

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 3211.

-----  
**Família SOLANACEAE**

Brunfelsia uniflora (Pohl) Benth., D.C. Prodr.10:200.1846.  
N.v.: Manacá (M, P.1, P.2)  
N.v.m.: "Manacá", "Mercúrio vegetal"  
Lit.: M:69 (Manaca Brasiliensibus). L.2, Cap.8, Fig.69, primeira.  
P.1:85 (De Manaca frutice, ejusque facultatibus). L.4, Cap.43, Fig.85, segunda.  
P.2:184 (Locis umbrosis). L.4, Cap.33, Fig.184.

Sôbre esta planta bela e ornamental MARCGRAVE escreve: "O "Manacá" dos Brasilienses é um arbusto de casca grisalha e madeira medianamente dura, porém, fraca; divide-se em muitos ramos e êstes por sua vez, em ramúsculos alternos (i.e., pecíolos) nos quais se acham as fôlhas. Estas são semelhantes ás fôlhas novas da "pereira", verde-claras, quase dispostas em frondes, com nervura longitudinal e veias transversais mal visíveis. Tem flores isoladas, de um cálice comprido (i.e.,



o tubo corolino), do tamanho de um estúfero holandês, dissecto em cinco pétalas e com estames no meio. A flor tem cor purpúreo-azul-clara ou, também branca, pois no mesmo arbusto encontram-se flores brancas e azul-purpúreas, de perfume suave à maneira das “violetas”. Traz um fruto do tamanho de uva-espim verde, redondo coberto com casca grisalha a qual, na parte apical, tem cinco fissuras, de formas que o fruto representa com essas fissuras uma estrela quinquangular, encerra três grãos de semente, do tamanho de uma lentilha ou, também, maiores, de forma elíptica. A planta é medicinal, pois, o caldo feito com a infusão das raspas do pau é um purgante drástico, como a Esula”.

PISO tem um capítulo inteiro sobre esta planta cresce em lugares sombreados, florescendo em janeiro e enchendo toda a mata com seu perfume de “Narciso”. Pensa, porém, serem as flores exíguas quando, na realidade, são bastante grandes e vistosas. Em seguida, dá os usos medicinais.

IND. TERAP.: A planta tem raiz grande, rija e esbranquiçada, cuja substância medular reduzida a pó é empregada como purgante. É porém drástica e deve ser usada só por homens de compleição forte, pelo que os habitantes desistam em recorrer a esse remédio perigoso. Não se pode tomar dose maior – receita PISO – do que a usada no caso da “Escamonea”, antes menor e, além disto, juntamente com um corretivo; é amarga e acre.

Na 2ª ed. PISO prefere dar a versão de MARCGRAVE, exceto algumas frases próprias e acrescenta que a raiz é usada como vulnerário e antiartríca.

NOTA: A estampa, em contradição com o texto, mostra nervuras secundárias bem salientes e, na flor, mais de cinco pétalas, e um fruto envolto no cálice estufado que abre no ápice em duas sépalas.

MARTIUS (81) considera esta planta como pisoniana.

SCHMIDT (31) identifica esta espécie com a planta dos nossos autores, porém, SPRENGEL declara ser ela a Schwenkfeldia cinerea, o que está errado. A estampa teria sido feita à mão da aquarela 233 do Liber Principis, como afirma SCHMIDT.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel 670, 1060, 2200.

Capsicum annuum L., Sp. Pl. 188.1753.

N.v.: Quiya uçú (M), Pimenta grande (M), Pimentões (M).

N.v.m.: Pimentão

Lit.: M:39 (Quarta species). L.1, Cap.19.

Sobre a pimenteira MARCGRAVE tem este trecho, que faz parte do Cap.19 sobre as “Quiyas”. Ele escreve:

“A quarta espécie é chamada “Quiya uca” (i.e. uçú) pelos Brasilienses e “Pimenta grande” ou “Pimentões” pelos portugueses, que tem folhas mais estreitas e mais compridas do que a segunda (Cumari) e um fruto de três dedos de comprimento, cilíndrico, acuminado e vermelho, quando maduro”.

NOTA: LINEU (74) determina a espécie marcgraviana como Capsicum annuum, da mesma forma SENDTNER (31) na Fl. Br. e CAMINHÓA (18).

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 3763.

Capsicum baccatum L., Mant. 1:46.1767.

N.v.: Quiya-apua (M, P.1, P.2), Pimenta redonda (M, P.1, P.2), Quiya-carapo (P.1, P.2)

N.v.m.: Pimenta do cheiro miuda, cumari

Lit.: M:39 (Tertia species). L.1, Cap.19.

P.1:108 (Ceterum licet, in text.). L.4, Cap.75.

P.2:225 (Caeterum licet, in text.). L.4, Cap.51, Fig.225.

Sobre esta espécie que segundo alguns autores seria apenas variedade de C. frutescens MARCGRAVE escreve: A terceira espécie é chamada pelos Brasilienses “Quiya-apua” e pelos portugueses “Pimenta redonda”. O fruto é do tamanho da nossa cereja ácida e de cor rubra. Encontra-se ainda outra espécie que difere desta só nisso que o fruto tem mal a metade, menor que o caroço de cereja, e cor encarnada masi clara ou também amarelada”.

Na 1ª ed. e na 2ª ed. PISO cita apenas a “Quiya apua” ou “Pimenta redonda” mas entre as estampas que apresenta na 2ª ed. ela não está representada.

NOTA: LINEU (74) coloca nesta espécie somente as pimenteiras de fruto pequeno, globuloso ou ovoide, do tamanho dos frutos da “groselheira” (Ribes nigrum) e outras, relegando as

outras para o C. annum. Segundo SENDTNER (31) a “Quiya apua” de MARCGRAVE (M:36) e as “Quiya” da P.2:225 são da espécie C. baccatum (e C. brasiliense de CLUSIUS), MARTIUS (49), Ao envez, identifica o “Quiya apua” como C. cerasiforme.

Em seguida às espécies citadas por PISO, a saber “Quiya aqui”, “Quiya apua”, “Quiya cumeci” ou “cumati” e “Quiya carapo” menciona ainda uma outra a “Pimenta doce” da qual diz que: se pode tomá-la á mesa em estado crú, ou em conserva, sem nenhum queimor molesto”. Esta planta deve ser C. dulce Hort.

Capsicum frutescens L, Sp. Pl. 189.1753.

N.v.: Pimenta malagueta (M, P.1), Quiyaqui (M, P.1) Malagueta (P.1), Pimenta da terra (P.1), Quiya cumari (M).

N.v.m.: Pimenta malagueta

Lit.: M:39 (Prima vocatur Pimenta Malagueta). L.1, Cap.19.

P.1:107 (De Quiya sive Pimenta da terra). L.4, Cap.75.

P.2:225 (Circiter duodecim diversae species.). L.4, Cap.51, Fig.225, 226.

PISO escreve sôbre as pimenteiras em geral: “Encontra-se mais ou menos dez (na 2ª ed. doze) espécies (como tem CLUSIUS, in LAET (43)) de pimenteiras domésticas ou de Capsicum brasiliense, das quais algumas foram descritas por DODONEU e outros autores (de tratados sôbre vegetais) exóticos. São cultivadas frequentemente com carinho por causa do seu uso e da sua elegância nas hortas, não só do Brasil, como também na Hespanha.

Todas são arbustivas e rivalizam, entre si na insigne beleza dos frutos. De resto, embora tenham eficácia em grau diferente, quase todas são acres e muito picantes, em especial a “Quiyaaqui”, a “Malagueta” dos portugueses a “Quiya apua” ou “Pimenta redonda”, a “Quiya-cumaci” e a “Quiya-carapo”. Em seguida, fala em especial da “Pimenta doce” e traz informações sôbre o uso das pimentas brasílicas.

Enquanto PISO fala sômente em termos gerais das pimentas brasílicas, MARCGRAVE ao envez, descreve bastante bem a espécie supra dizendo: “A primeira é chamada “Pimenta malagueta” (que dizem ter vindo antigamente de Angola), a qual os Brasilienses chamam “Quiya-aqui”. Eleva-se á altura de três ou quatro pés, tomando forma arborescente, com caule lenhoso, que se expande de modo variável em muitos ramos e tem fôlhas opostas, ou no pecíolo de alguma fôlha, aqui e ali, fôlhas binadas. Cada fôlha tem pecíolo tênue e comprido, é oblonga, acuminada e provida de nervura e veias transversais. Na axila das fôlhas nascem em pedicelos compridos, juxtapostos em número de dois, três ou quatro as flores, destituídas de cheiro, formadas de cinco pétalas, de côr branco-pálida tendo, no meio, outros tantos estamínulos cinzento-azulados. Segue um fruto cilíndrico-piramidal da grossura de uma corda grossa de rabeção, de côr cocóinea quando maduro e repleto de grãos quase redondos e comprimidos, de sabor muito acre e muito mais forte que as outras espécies”.

LAET acrescenta que não julga necessário dar a estampa das pimentas, porque são encontradiças nas obras dos botânicos da época e, em seguida, apresenta um trecho da obra de XIMENES acerca das pimentas do México. Previne também o leitor que a pimenta Malagueta não deve ser confundida com os grãos de “melegueta”, que os belgas chamam “Grain” e vem da África. Êsses grãos que servem para tempero, são produzidos pela Zingiberaceae Afromomum melegueta e têm o nome farmacológico “Semen paradisi”. (= Amomum granum-paradisi Afz.) (62).

À espécie C. frutescens pertence ainda a variedade seguinte descrita por MARCGRAVE. Uma outra espécie, cujo fruto costuma curvar-se para baixo á maneira de ganho. A propósito PISO fala na 2ª ed. de cinco espécies que tem fruto ereto, virado para cima, sendo as outras penduradas”.

Trata-se da segunda espécie (de MARCGRAVE) que é chamada pelos Brasilienses “Quiya-cumari”. “Êle cresce com o mesmo porte como a primeira espécie, entretanto, as fôlhas são um pouco maiores e isoladas, tão pouco a flor é diferente nem a forma do fruto, a não ser que é maior, mais grosso e mais encarnado”.

Na 2ª ed. PISO repete o mesmo que na 1ªed.

Sôbre os usos domésticos e medicinais encontramos o que segue.

USOS: PISO escreve: Os indígenas, os portugueses e os nossos costumam preferir todas essas espécies de pimenta aquela do Oriente (Piper nigrum L.) e com elas temperam as comidas, empregando-as tanto em estado fresco como seco reduzidas a fragmentos. Segundo MARCGRAVE, os Brasilienses pisam a pimenta junto com o sal, chamando a esta mistura “luquitaya” (LERY diz. “Jonquet”) (44) e adicionam-na às comidas como nós o sal durante a refeição. É ótima e tem bom sabor. Misturam-na também com farinha e peixe cozido, depois de tirar as espinhas, e a esta mistura chamam “Pira-quiya” que levam para as viagens. Tem bom paladar e dura alguns dias.

LAET chama a atenção dos leitores para manipularem a pimenta brasileira com cuidado, porque levando os dedos aos olhos, provoca ardência e comichão.

PISO ensina também fazer conservas de pimenta, dizendo que se deve pôr os frutos inteiros em vinagre, utilizando depois nas refeições somente esse vinagre.

Deve cuidar-se, porém, de não tomar pimenta em grande quantidade ou por hábito, porque causa inflamações nos rins, no fígado e nos olhos e, nos homens que não se absterem do álcool, dores nos hipocôndrios e abscessos internos, provoca tosse, agita o corpo e ofende ao peito.

IND. TERAP.: Segundo PISO o uso da pimenta brasileira é muito saudável. É saudável. É seca e quente no último grau. Recomenda engulir um fruto inteiro dos menores para combater a flatulência do estômago e a dispepsia como também, para tonificar os intestinos sujos devido as friagens (P.1).

A alcoolatura do fruto é diurética e combate o entorpecimento dos membros e a paralisia, se for empregada em repetidas abluções. O pó combinado á gordura de galinha amadurece os apostemas frios. (P.2). Fôlhas e raízes da pimenteira são ingredientes para banhos quentes.

NOTA: PISO identifica a nossa planta como sendo o Capsicum brasiliense de CLUSIUS, o que foi confirmado por LINEU (74), CLUSIUS refere-se porém ao C. baccatum.

SENDTNER (31) coloca nesta espécie não só a “Qui-aqui”, mas também a “Comarim” de MARCGRAVE. Segundo ele pertence aqui C. comarim Vell., C. baccatum Vell. e C. odoriferum Vell., a julgar das estampas.

MARTIUS (49) identifica a “Quiya cumari” como C. frutescens e a “Pimenta malagueta” com C. pendulum.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel 426.

Cetrum coriaceum Miers. Lond. Journ. Bot. 5:161.1846.

N.v.: Cuipouna (P.1, P.2)

N.v.m.: Cuipuma

Lit.: P.1:83 (De Cuiponaarbore, ejusque dotibus). L.4, Cap.39.

P.2:178 (Multi multitis). L.4, Cap.30.

PISO escreve um capítulo próprio sobre esta planta da mata, que traz o título: “Da árvore “Cuipouna” e suas qualidades”. Em seguida diz o seguinte: “Muitos atestam ser dotada esta árvore de muitas e insignes virtudes. Eu, posso pouco referir, porém, cousas verdadeiras e o aprendi por experiência própria, desta árvore silvestre “Cuipouna” que se engalana com flores amarelas.

O suco expremido da casca raspada, adicionado água, limpa as úlceras antigas e purulentas e as enche de carne.

Além disso, fazem com o mesmo suco tinta d’escrever e também para tingir panos”. Na 2ª ed. PISO acrescenta ao texto da 1ª ed. que a árvore produz uma espécie de grude para o uso caseiro e lamenta ter-se perdido a estampa pela influência do tempo.

PISO recomenda a “Cuipouna”, aliada a outras plantas, no tratamento das feridas e úlceras (P.1:36).

NOTA: Parece que PISO hauriu de GABRIEL SOARES (79), embora não use as mesmas palavras.

ARRUDA CAMARA (2) fala da existência deste arbusto no Nordeste que tem as mesmas propriedades terapêuticas e usuais da planta pisoniana. O mesmo relata PIO CORRÊA (22) BERG (31), in Fl. Br., registra o nome vulgar e o uso na tinturaria. RIEDEL colecionou no E. do Rio uma amostra de casca utilizada ali na arte de tingir.

A “Cuipeuna” de VELLOZO (89) seria, seg. COGNIAUX a Tibouchina mutabilis Cgn. HOEHNE (37), entretanto, acredita tratar-se de uma Rutacea, talvez de uma espécie de Galipea, mas para Pirajá (68) é um Cestrum. Há em São Paulo um arbusto, Cestrum schlechtendalii G. Don que chama de “Pau tinta” e “Tintureiro”, devido as suas propriedades tintoriais.

Material ex.: Pernambuco – Pombos – Pickel, 2860.

Datura stramonium L., Sp. Pl. 179.1753.

N.v.: Figuro d’inferno (P.1, P.2), Nhambu-guaçú (P.1, P.2).

---

\* Há outra planta chamada “Cuipunha” que Berg descreveu como Myrcia tigens na Fl. Bras. 14 (1): 564, 1857 – 1859, e que os portugueses usavam para tingir. A planta foi colhida por RIEDEL.

N.v.m.: “Figueira do inferno”, “Estramônio”.

Lit.: P.1:91 (De Nhambu guaçu sive figuero d’inferno). L.4, Cap.51.

P.2:180 (Haec a Lusitanis, in text.). L.4, Cap.31.

PISO fala desta espécie apenas incidentalmente, confundindo-a a “mamoneira”, pela semelhança do fruto e, sendo o fruto de Datura muito maior que o da “mamoneira”, dá-lhe o nome de “Nhambu-guaçú”.

Na 2ª ed. PISO escreve a respeito: “O Brasil produz duas espécies de Ricinus, uma maior e outra menor. Ambas são arborescentes e de belo aspeto e não são somente silvestres, mas também hortícolas, melhorada pela cultura e são expandidas em muitos ramos. Esta (a hortícola) é chamada “Figueiredo d’inferno” pelos portugueses”.

Em seguida trata da “mamoneira” (Vêde pag. 209).

NOTA: Tivesse PISO aberto um fruto de Datura e teria notado o grande número de sementes, muito diferentes das da “mamoneira”.

Parece que PISO tirou o termo “Figueira do inferno” de G. SOARES DE SOUZA (79), que compara Datura com Ricinus, pela semelhança das folhas.

Esta espécie de Datura é encontrada freqüentemente no Nordeste brasileiro. Suas flores são brancas em forma de trombeta. Pode ser que se trate de outra espécie de flor roxa, que é mais alta do que o “Estramônio”.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 1332. (fatuosa L.) 2365 (metal L.), Paraíba, Soledade, Pickel 3819 (stramonium L.).

Nicotiana tabacum L., Sp. Pl. 180.1753.

N.v.: Petima (M), Petume (P.2), Petum (P.2), Tabaco (P.2).

N.v.m.: “Fumo”

Lit.: M:274 (Tabaco sive tabacum). L.4, Cap.43, Fig.206.

Enquanto MARCGRAVE menciona apenas o uso do “fumo” pelos indígenas, no “Tratado sobre a topografia e etnologia” á pág. 274, PISO descreve a planta e os usos medicinais, como segue: “O “Petume” ou “Tabaco”. A célebre erva “Tabaco” ou “Petum” que é chamada “Petume” pelos Brasilienses foi tida em apreço desde muito tempo pelos indígenas em todas as regiões ocidentais, especialmente para curar feridas. Os europeus tendo despertada a sua atenção para este fato e indagado das outras virtudes usavam primeiramente as folhas verdes e o sumo para vários usos, mas depois empregavam também as folhas secas para abuso e deleite. De forma tal que agora o fumo do “Tabaco” infesta todo o globo como o bafo no inferno, cujas qualidades, sendo por demais conhecidas de todos, deixo de relatar, dando somente aquelas virtudes que a erva fresca costuma ter neste seu sólo pátrio para o alívio dos doentes”.

Depois de algumas considerações descreve a planta e diz: “alguns deram duas e outras várias espécies de “Petume” ou “Tabaco”, porém, eu apresentarei a descrição e estampa apenas do “fumo-macho ou maior”; que se eleva ás vezes á altura maior que um arbusto, quando plantado em sólo cultivado e fértil. De muitas raízes filamentosas e amargas levanta-se um caule único e grosso, amplas e densas que não são dissemelhantes às de Solanum e Oxylapathum e abraçam o caule e os ramúsculos sem terem pecíolo. Planta-se em todas as épocas do ano, mas devo ser defendida do frio e então também não rejeita o sólo da Europa, embora seja menos eficaz para fins medicinais. Produz flores uma só vez nas extremidades dos ramos que são brancas, purpurascetes e têm forma de campânula e, depois de terem caído, vem uma espécie de cápsulas de “papoula” e encerram sementes pretas, pequenas.

Vejamos agora os usos das diversas partes da planta”.

USOS: MARCGRAVE escreve no trecho supra pag. 274 que “todos os habitantes do Brasil usam freqüentemente o fumo e chamam essa erva “Petima” e suas folhas “Petimaoba”, seca ao ar colocam-na junto do fogo até se desmanchar em particulas finíssimas entre as mãos e põem-se nos seus instrumentos feitos do côco “Pindoba”, “Urucuruiba”, “Loçara” ou “Aqué” etc., do qual cortam uma das extremidades, o esviam e alisam a casca e, tendo feito um orifício no lado, aplicam-lhe um tubinho de pau. Esse instrumento chamam “Petumbuaba”, porém, os portugueses deturpam-no em “Catimbaba” e os belgas, ainda mais estropiam-no para “Katgenbow”. Usam, outrossim, tubos feitos de argila e cozidos, como também, as que lhes vêm da Europa e que chamam “Amru-petumbuaba”. Os Tapuias utilizam-se de tubos rétos, largos, de madeira ou de argila que são tão largos que podem receber um punhado inteiro de fumo e tendo-se recheiado acendem-no bebendo o fumo por sucção”.

IND. TERAP.: Segundo PISO, o sumo das folhas frescas do “Tabaco” é usado no Brasil para curar as úlceras cancerosas e as mordeduras de animais venenosos e até a gangrena (P.1:37); maceradas em água matam os piolhos e curam as afecções cutâneas; as cinzas matam as lombrigas. O fumo mascado mata a sede, evita o cansaço, e fortifica coração e estômago. O mel de fumo é útil aos asmáticos e hidrópicos. Dizem – é PISO que o afirma – que o fumo aspirado e o “Tabaco” mascado limpam o cérebro, atuam como calmante e inebriante causando sono. “Isso aquêles devem saber que sempre o trazem no bolso”.

PISO não deixa, entretanto, de prevenir aos biliosos e de compleição fraca que devem servir-se do fumo com moderação, porque é uma panacéia, mas antes um remédio perigoso, pois, o sumo, a infusão e o mel de fumo purgam o corpo causando vômito, sendo melhor, por isso, de aplicá-lo somente externamente.

NOTA: USTERI (87) que comenta algumas plantas da 2ª ed. quer vêr na estampa apresentada por PISO a Nicotiana langsdorffii Weinm. É verdade que as folhas da estampa são muito estreitas, mas a inflorescência é racemosa e os racemos formam panícula terminal corimbosa, como é a regra no “fumo comum”. Aliás o “fumo bravo” não é usado para os mesmos fins como o “fumo comum”.

Não há duvida que se trata de Nicotiana tabacum L., como se pode vêr da descrição e da estampa.

SENDTNER (31) julga ser a planta pisoniana a Nicotiana tabacum.

É engano de MARCGRAVE quando afirma que o fruto da “loçara” serve para fazer cachimbo.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 424.

Physalis pubescens L., Sp.Pl. 183. 1753.

N.v.: Camarú (M, P.2)

N.v.m.: “Camapú”

Lit.: M: 12 (Camaru planta dicta). L.1. Cap.8. Fig.12.

P.2: 222 (Camaru sive Solanum vesicarium). L.8, Cap.50. Fig.223.

MARCGRAVE escreve sobre esta espécie de “Alkekengi” o que segue: “O “Camarú” dos Brasilienses é uma espécie (semelhante) ao Solanum vesicarium. De uma raiz pequena, branca, guarnecida de muitas radículas filamentosas brota num caule bastante grosso, quadrangular, nodoso, verde e revestido de pêlos brancos que se expande em muitos ramos também nodosos, os quais, por sua vez, deitam ramúsculos, quase sempre dois juxtapostos. Dos nós nascem duas ou três folhas, verde claras, moles ao tato, apegadas a pecíolos, cordiformes, serreadas grosseiramente nos bordos, semelhantes às do nosso Solanum vesicarium. Na axila das folhas nascem num pedicelo próprio e de uma teca redonda, flores pequenas, amarelo-pálidas, formadas de uma pétala única, expandida, entretanto, em cinco ângulos; por dentro da flor existem cinco máculas purpúreo-escuras como cascos e cinco estamínulos também purpúreos. Algumas flores têm somente quatro ângulos e outras tantas máculas. As flores representam ao fechar-se uma estrela exatamente quadrangular ou quinquangular. Depois delas vem um fruto amarelo-pálido do tamanho de uma cereja, incluso num foliolo á maneira do nosso Helicacabus; pois, é pentágono e cônico, tendo entremeiadas linhas purpúreas nos ângulos. O pedicelo do fruto não é muito comprido, mas é também purpúreo. Come-se o fruto, e tem sabor como nosso Helicacabus. A erva cozida serve para lavar as pernas”.

Na 2ª ed. PISO copia o texto de MARCGRAVE, porém, dá asseguintes informações sobre os usos medicinais:

IND.TERAP.: Segundo PISO, a erva é um ingrediente para os banhos quentes, o fruto é empregado para desobstruir o fígado e os rins, porém, atua menor do que sua cingênere européia.

NOTA: LINEU (74) pensa tratar-se da Physalis pubescens, e da mesma forma SENDTNER (31).

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 2041.

Solanum agrarium Sendtn., FL. Bras. 10:69.1846.

N.v.: Uva crispa americana (P.2), luati (M.?).

N.v.m.: “Gogoia”, “Babá”.

Lit.: M:80 (Frutex hic). L.2, Cap.15, Fig.80.

P.2:242 (Mensibus potissimum pluviis). L.4, Cap.57, Fig.242.

Sobre esta planta MARCGRAVE tem o seguinte: “Este arbusto produz, de uma raiz de quatorze ou quinze dedos de comprimento, lenhosa, branca e provida de muitas radicelas filamentosas, um caule lenhoso, verde-esbranquiçado, arborescente, até a altura de dois ou três pés. Caule e ramúsculos são armados de muitos espinhos agudos. As folhas porém são (dispostas) em séries alternas, sobre pecíolos de um dedo e meio de comprimento, algumas junto do pecíolo com uma ou outra folha pequenina (i.e., os brotos !) as folhas tem forma quase de rellha porém obtusa, são verde-claras, moles ao tato, tenras e aculeadas na nervura longitudinal no lado dorsal. Na extremidade de caule e ramos, como também esparsos nos próprios ramúsculos saem um, dois, três, ou quatro flósculos de côr verde tirante a amarelo, formados por cinco pétalas e, no meio, cinco estamínulos eretos. Depois da flor nasce o fruto, do tamanho de uma nêspera, globuloso, liso de côr verde-esbranquiçada com estrias verde-escuras longitudinais; quando maduro amarelece formado de um pericarpo pelucoso e da polpa, como nossas uvas crispas, de sabor ácido agradável. Come-se o fruto que encerra sementes circulares comprimidas, amareladas, de forma quase de lentilhas”.

Vêde DODONEU sobre as maçãs etiópicas”.

LAET declara na anotação anexa ter mandado executar a estampa de acôrdo com a erva sêca do herbário marcgraviano (Essa estampa é horrível e parece ter sido feita á mão da planta amassada, de maneira que nada adianta, pois, não se pode vêr nem sequer a forma das folhas). LAET recebera do Brasil sementes desta espécie que germinaram dando plantas inteiramente iguaes á de MARCGRAVE. É de estranhar que não tenha aproveitado a ocasião para mandar fazer um desenho melhor dessa planta! Em seguida, copia o trecho de XIMENES sobre uma planta semelhante, para confronto, porém, evidentemente de espécies diversa.

PISO chama esta planta na 2ª ed.”Uva crispa americana”, mas o texto que apresenta nada mais é que a descrição da estampa combinada com as palavras de MARCGRAVE. Deturpou porém o texto de tal modo que a planta aparece como espécie nova. As folhas dá como sendo de tamanho variável e semelhante às da “lurepeba” e, em vez de cinco, afirma ter muitos estames. Além disto declara ter a planta sêca perdido flores e frutos devido as avarias da viagem, impedindo assim ao desenhista de reproduzi-la.

NOTA: Esta planta é muito comum no Interior de Pernambuco, especialmente, nas pastagens e os frutos são comíveis.

SENDTNER (31) identifica a planta pintada no L. Princ. 325 com o nome “luáti” duvidosamente como Solanum aculeatissimum Jacq., Não tendo visto esta aquarela, não sabemos se é a “Gogoia” que MARCGRAVE descreve.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 413, 3017, 4234.

Solanum lycocarpon St. Hil., var. pulverulentum Pers., Syn.1:223.1805.

N.v.: lua´(M), luabeba (P.2).

N.v.m.: “Fruta de lobo”

Lit.: M:63 (lua Brasiliensibus). L.2, Cap.4, Fig.63, terceira.

P.2:182 (Sequitur luabeba). L.4, Cap.32, Fig.182.

MARCGRAVE escreve o seguinte: “O “luá” dos Brasilienses é um arbusto que cresce do mesmo modo como a “lurepeba”, com lenho semelhante, porém, costuma ser mair alto. O caule é espinhoso e revestido de um indumento hirsuto e macio. As folhas são alternas, verde-pálidas, oblongas, não tão laciniadas como na “lurepeba”, embaciadas por um induto hirsuto e macio ou uma lanugem. Traz flores semelhantes ás da “lurepeba”, branco-leitosas (quando desbotadas!) formadas por cinco pétalas expandidas como estrêla e, no meio, há estamínulos amarelos eretos.

Produz um fruto do tamanho de uma maçã comum maior, globuloso, no princípio verde e, na maturação, coberto de uma lanugem parda, de côr de limão brilhante.

O pericarpo é frágil como a casca de ovo, encerra polpa suculenta, amarelada, que envolve muitas sementes de forma, tamanho e côr de lentilha. Aquela polpa é muito doce e agradável às formigas, porém, não é comida pelos homens”.

PISO reproduz na 2ª ed. o texto de MARCGRAVE, porém, dá á planta o nome de “luabeba”. A aplicação medicinal é, segundo PISO a seguinte:

IND. TERAP.: A raiz é aromática e usada como desobstruente dos rins, e sendo amarga o decocto da planta é temperado com alçaçuz americano.

NOTA: Esta planta não é rara no Nordeste, encontrada no Interior nas cêrcas e outras nesgas abandonadas pela cultura.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel s/n.

Solanum melongena L., Sp. Pl. 186.1753.

N.v.: Belingela (M, P.2), Macombo (P.2), Macumba (M), Tongu (M, P.2).

N.v.m.: "Beringela"

Lit.: M:24 (Belingela Lusitanis). L.1, Cap.11, Fig.24, segunda.

P.2:209 (Sicut Europaei plantas et sata). L.4, Cap.45, Fig.210, primeira.

MARCGRAVE escreve: "A "Belingela" dos Portugêses, "Melongena" dos Latinos, "Tongu" dos Angolêses e "Macumba" dos Congolêses". De uma raiz bi- ou tripartida nascem alguns caules roliços, variamente flexuosos, lenhosos, em parte deitadas e, em parte, eretos, da grossura do dedo mindinho, mais ou menos, verdes e, aqui e acolá, purpurascetes. Neles nascem fôlhas alternas, de um pé de comprimento, maiores ou menores, de sete ou oito dedos de largura, laciniadas, verde-escuras e com nervuras e veias purpurascetes, semelhantes às da nossa "couve", cujo cheiro também têm. A flor é láctea e entremeiada de veias purpúreo-claras, formada de uma pátala única que se expande à maneira de estrêla quinquangular, do tamanho de um sólido holandês, e no meio, dez estames amarelos, cilíndricos rodeiam outro branco. À flor segue o fruto que fica, como a flor, por entre cinco fôlhas (i.e., sépalas), do tamanho de uma maçã silvestre ou de coloquintida ou, também, maior, redondo, liso, brilhante, albicante por fora e provido de muitas estrias verdes ou também, por fora verde e, em parte de côr purpúrea e, quando maduro, amarelo; por dentro tem carne branca e encerra muitas sementes como de gergelim. Nascem dois a três frutos juntos, cada um em seu pedicelo. Come-se o fruto cozido temperado com azeite e pimenta e tem gosto de limão".

Compare-a com a Melongena de DODONEU ou com as maçãs malsãs.

LAET, na anotação que segue ao texto, rejeita a identidade da planta marcgraviana com a Melongena ou malsãs de DODONEU, e pensa que MARCGRAVE se tem enganado.

NOTA: LINEU (74), entretanto, dá razão a MARCGRAVE.

Na 1ª ed. PISO menciona-a como um dos frutos que está em uso diáriamente. (P.1.10).

PISO que reproduz na 2ªed. o texto do seu colega admite ser a "Beringela" oriunda da África e recomenda o uso dessa hortaliça que se pode comer só cozida, pois, crúa não é saudável. (É por isso talvez que DODONEU a chama malsã.).

Solanum nigrum L., Sp. Pl.186.1753.

N.v.: Aguaraquiya (M, P.1, e P.2), Aguara-quiya-açú (M), Erva do bicho (P.1, P.2), Erva moira (P.1:31), Erva moura (M, P.2), Pimenta de galinha (P.1, P.2).

N.v.m.: "Erva-moura".

Lit.: M:55 (Aguaraquiya Brasiliensibus). L.1, Cap.26, Fig.55, primeira.

P.1:108 (De Aguara-quiya, ejusque facultatibus). L.4, Cap.76, Fig.108, primeira.

P.2:223 (Aguara-quiya, sive solanum bacciferum americanum). L.4, Cap.50, Fig.224, primeira.

PISO começa o capítulo que a esta planta dedica com as considerações seguintes: "Nada mais seguro e nada mais eficaz contra aquela afecção anal do que esta planta, pelo que é chamada por alguns "Erva do bicho" e por outras "Erva moura" ou "Pimenta de galinha".

Cresce espontâneamente nos campos e desvios e vegeta bem, especialmente nos lugares secos. Viceja sempre, tem fôlhas mucronadas e flores exíguas esbranquiçadas, às quais seguem, depois, de caidas, bagas pretas, exíguas e elegantemente unidas que, depois de maduras, tomam côr negra, assim que se assemelham não só externamente ao Solanum, mas também na virtude e eficácia são-lhe semelhamtíssimas".

MARCGRAVE completa a descrição um tanto precária de PISO, dando como sempre uma diagnose muito minuciosa, como segue: "A "Aguara quiya" dos Brasilienses e "Erva moura" dos portugêses é o Solanum officinarum (de BAUHIN!), a (que eu chamo de) Solanum bacciferum.

Esta planta eleva-se, de uma raiz longa e dividida em diversas outras filamentosas e brancas, ao porte de um arbúsculo, com caule lenhoso, meduloso, verde, nodoso, que se divide aqui e acolá em muitos ramos. Tem fôlhas semelhantes ao Capsicum brasiliense (de CLUSIUS!), duas, três ou quatro juxtapostas, de tamanho desigual. Aqui e acolá nasce também um pedúnculo isolado de um dedo de comprimento que, na ponta, sustenta dois, três e também diversos pedicelos mais curtos, dos quais brota uma flor inclinada para baixo, com cinco pétalas acuminadas, de côr láctea, reflexas e, no meio, estamínulos um tanto grossos, erétos, amarelos, e juxtapostos em número de cinco.

Depois das flores vêm bagas, verdes primeiramente e negras, na maturação, resplandescentes, globulosas, do tamanho dos nossos mirtilos, suculentas e encerrando muitas grainhas purpurascentes que são devoradas pelas aves.

A planta não tem cheiro ou sabor particular, a não ser o de erva, porém, tem muito uso em medicina. O Pseudocapsicum de DODONEU combina com esta planta quanto às folhas e á flor, mas o fruto êle descreve como rubro”.

Na 2ªed. PISO chama a esta planta Solanum bacciferum americanum, mas de resto, o texto é semelhante ao de MARCGRAVE. Em seguida, informa sôbre os usos medicinais:

IND. TERAP.: As folhas tem propriedade astringente e sedativa, (anódina, como diz MARTIUS), pelo que se usam, em geral, nas inflamações e, em especial, no tratamento das úlceras e dos seios gretados. O suco, combinado ao sebo, combate os ardores anais causados pelo “Bicho do culo” (como em P.1:32 o chama) e como diurético e para cataplasmas (P.1:31). No tratado sôbre as doenças chama-a repetidamente de “Erva moira” (P.1:31).

A casca é ictiocida e usada nas pescarias.

NOTA: LINEU (74) considera a planta supra como variedade de Solanum nigrum.

SENDTNER (31) lembra apenas a planta pisoniana sub. c.): Solanum aguaraquiya PISO e dá a tradução da palavra túpica que significa Piper caninum.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 571, 2025.

Solanum paludosum Moric., Pl. Nouv. Amer. 29.1833-1846.

N.v.: lurepeba brava (M), lurepeba macho (P.1, P.2).

N.v.m.: “Jurubeba do mato”

Lit.: M:89 (Est et altera lurepeba brava, na nota). L.2, Cap.18, Fig.89.

P.1:84 (Prior et quidem mas.) . L.4, Cap.41, Fig.84, segunda.

P.2: 181 (Prior et quidem mas.) L.4, Cap.32, Fig.181, segunda.

PISO escreve sôbre as “lurepebas” em geral: “Com o nome de “luripeba” há dois arbustos do mesmo gênero, embora não do mesmo sexo, nos lugares arenosos do Brasil.

Ambos possuem frondes belas e sombrias e têm bagos gramíneos (i.e., de côr de capim), copulados à maneira de cachos que pendem de pedicelos curtos.

O primeiro, a saber, o macho, é um pouco mais baixo que a planta femea e se eleva mal á estatura de um homem, tem folhas menores e não muito sinuosas e o caule armado com espinhos mais raros e flor semelhantíssima ao Borago, porém, mais denegrada, (i.e., roxo-escuro).

IND. TERAP.: Embora ser muito amarga e ter princípios aromáticos, não pertende aos remédios quentes.

O decocto da planta é diurético e, como também desobstrue o fígado e as parastatas, como o de sua congênere (P.1:31).

MARCGRAVE nada escreve sôbre esta espécie, mas LAET, na nota (M.89) declara que há uma outra “lurepeba brava”, (i.e., a “lurepeba silvestre”), remetendo o leitor para o texto de PISO.

Na 2ª ed. PISO copiou o trecho respetivo de MARCGRAVE referente á flor, de S. paniculatum L. que é de côr leitosa misturada com azul, confundindo assim as duas espécies e fazendo das duas uma terceira.

NOTA: Esta “Jurubeba” nasce á margem das matas e capueiras e é mais rara, as flores são de um rôxo escuro.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 2272.

Solanum paniculatum L., Sp. Pl. 2a. Ed.267.1762.

N.v.: lurepeba fêmea (M, P.1, P.2), luripeba (P.1:26), lurubeba (P.1:48).

N.v.m.: “Jurubeba”

Lit.: M:89 (lurepeba Brasiliensibus). L.2, Cap.18, Fig.89.

P.1:84 (Posterior altior, spinosior, in text.). L.4, Cap.1, Fig.84, primeira.

P.2:181 (Posterior altior spinosior, in text.). L.4, Cap.32, Fig.181. primeira.

PISO conhece além da espécie anterior ainda esta que chama “fêmea”, provavelmente porque frutifica mais abundantemente. Sôbre ela diz o seguinte: “A segunda espécie é mais alta, mais espinhosa e tem folhas maiores (que a “luripeba macho”), lanuginosas no dorso e elegantemente espinhosas, laciniadas, verde-escuras e tem a mesma flor como o “macho”, porém, mais nítida”.



MARCGRAVE completa essas informações com descrição mais detalhada dizendo: “A “Iurepeba” dos Brasilienses é uma planta arbustiva que se eleva á altura de quatro, cinco ou seis pés. Tem caule lenhoso e, com os ramos, revestido de lanugem branca e, também, alguns raros espinhos aqui e acolá. As fôlhas inserem-se no seu respectivo pecíolo roliço grosso e hirsuto, e são de um palmo de comprimento, lanuginosas na parte inferior á maneira das fôlhas de lacobeia ou de “Eleny” e, na de cima, verdes; além disso são laciniadas e compostas quase de sete triângulos. Na extremidade dos ramúsculos traz flores reunidas quase em umbelas, de côr láctea, misturada com um pouco de azul, que representam exatamente estrelas quinquangulares e constam de uma pétala única quase dividida em outros tantos triângulos, e no meio, eretos uns estamínulos”.

IND. TERAP.: Segundo MARCGRAVE, as fôlhas da variedade sem espinhos foliares servem para lavar as úlceras. A raiz é amarga e tem princípios aromáticos, segundo PISO, diurética, colagoga, (P.1:26), desobstruente da próstata e também (P.1.41), antisifilítica (P.1:35), antihidrópica (P.1:26) e usada na empigem (P.1:37) e como (P.1:24) desobstruente e antídoto (P.1:48). O tratamento das mordeduras de cobra consiste em cozinhar-se junto com a cobra as fôlhas que se comem (P.1:42).

Na 2ª ed. PISO reproduz o mesmo texto que na 1ª ed.

NOTA: LINEU (74) e AUBLET (10) reconhecem na “Iurepeba” dos nossos autores a espécie supra.

SENDTNER (31) identifica também esta planta pisoniana e a marcgraviana como LINEU.

A estampa de PISO, colocada em primeiro plano, é a verdadeira.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 2032.

-----

### Família SCROPHULARIACEAE

Scoparia dulcis L., Sp. Pl. 116.1753.

N.v.: Basourinha (P.1 e P.2), Tupeçava (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Vassoura”, “Vassourinha”

Lit.: M:52 (Herba Scoparia appellari potest.). L.1, Cap.24.

P.1:110 (De Bassourinha sive Tupeçava, ejusque viribus). L.4, Cap.80, Fig.110, primeira.

P.2:246 (Nihil vulgarius in triviis). L.4, Cap.59, Fig.246 (fantástica).

PISO reconhece uma planta chamada “Bassoura” e outra menor, chamada por isso “Bassourinha”.

Sôbre esta última escreve um capítulo próprio intitulado: “Da “Bassourinha” ou “Tupeçava” e suas virtudes”. Depois de ter citado a planta maior escreve a outra: “outra afim a esta, porém, menor e chamada “Bassourinha” é usada para fins muito mais nobres (do que varrer) pelos peritos em medicina, sendo denominada pelos Brasilienses de “Tupeçava”

A erva não cresce nas matas, e sim, freqüentemente nos campos batidos pelo sol, nos caminhos e encruzilhadas. Eleva-se mal a um côvado de altura, mas elegantemente, com seus muitos caules (i.e., raminho!) tenazes e finos, os quais se cobrem, por toda parte, aqui e acolá, de muitas fôlhas estreitas, exíguas, acuminadas e opostas. Inseridas neles aparecem inúmeros botões verdes, do tamanho duma cabeça de alfinete, dos quais desabrocham flósculos alvos e azul-claros”.

MARCGRAVE completa a diagnose com as informações seguinte: “A erva podia chamar-se Scoparia, porque no Brasil fazem vassouras com ela. Tem hábito de uma Verbena e cresce com aspeto de arvoreta á saber até um pé e meio de altura e muitas vezes mais. Tem fôlhas opostas semelhantes ás de Verbena e junto ás fôlhas. Das axilas delas nascem ainda pedicelos curtos que trazem flósculos brancos formados de quatro pétalas e, depois delas, (se formam) corpúsculos globulosos á maneira de bagas, nos quais fica a semente fusca e miudinha quase como pó. A raiz é reta, curta, branca, provida de muitas radículas filamentosas. A planta é destituída de cheiro e sabor particular”.

PISO apresenta uma estampa maior que o tamanho natural, mas na 2ª ed. substitui-a por outra menor, para mostrar o hábito da planta, porém, as flores mostram seis a sete pétalas.

Na 2ª ed. reproduz os conceitos da 1ª ed. emendados, em parte, com o texto de MARCGRAVE, e fornece os dados seguintes sôbre os usos medicinais.

IND. TERAP.: A erva toda é empregada em banhos quentes e em fomentações que atuam como calmante, emoliente e refrigerante no tenesmo, (P.1:37), nas hemorróidas e todas as inflamações, feridas e dores anais, como na sífiliz (P.1:35), na hidropisia (P.1:26) e nos catarros (P.1:22). Os banhos podem ser dados internamente, caso seja necessário, forma de irrigações.

NOTA: LINEU (74) e AUBLET (10) reconheceram na planta pisoniana a espécie supra, adotando o nome genérico, proposto por MARCGRAVE.

LINEU afirma ainda que a planra do herbário de PISO era subvilosa.

SCHMIDT (31) recorda o nome transmitido por PISO e MARCGRAVE e diz que o nome correto seria "Tapixaba".

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 350.

Stemodia foliosa Benth., Journ. bot. 2:46.1840.

N.v.m.: "Meladinha"

Lit.: M:16 (Marrubium). L.1, Cap.9, Fig.16, primeira.

MARCGRAVE escreve: "Marrubium. Esta planta sobe a dois ou três pés de altura, tem caule estriado, nodoso e hirsuto, de pêlos macios e em cada nó três ou quatro ramúsculos e outras tantas fôlhas. As mais antigas são semelhantes mais novos às de Marrubium pannonicum de CARLOS CLUSIUS, porém, nos ramúsculos mais novos às de Marrubium vulgare. Tem flores pequenas, verticiladas, azues, com três pétalas. Toda a planta rescende a Marrubium sendo glutinosa ao tato".

PISO trata também desta planta na 2ª ed. chamando-a "Marrubium americanum e, embora siga ao texto de MARCGRAVE descreve a figura, pelo que se deve admitir que não a conheceu nem os usos medicinaes que lhe atribue.

IND. TERAP.: Segundo PISO, a planta é desobstruente, mas também usada contra a flatulência do estômago e, especialmente, contra as doenças frias do peito. Segundo ARRUDA CAMARA (2) de fato tem aplicação no tratamento da asma e nas tosses rebeldes.

NOTA: A estampa foi corrigida posteriormente, tendo lhe alguém acrescentado uma ponta em cada galho e na extremidade.

Esta erva é muito comum no Interior de Pernambuco.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 927.

Vandellia diffusa L. Mant. 1:89.1767.

N.v.: Caa ataya (M, P.1 e P.2), Erva de purga de Juan Paez (sic!) (M, P.2).

N.v.m.: "Douradinha", "Orelha de gato", "Orelha de rato".

Lit.: M:31 (Caa ataya Brasiliensibus). L.1, Cap.15, Fig.32, primeira.

P.1:110 (De Caaataja, ejusque qualitibus). L.4, Cap.81, Fig.111, segunda.

P.2:230 (In pratis uliginosis). L.4, Cap.80, Fig.230, segunda.

No capítulo que trata sôbre esta nobre planta, PISO dá a descrição seguinte, que é completada por MARCGRAVE, como veremos.

"Da Caaataja e suas qualidades". Nos prados úmidos e nos campos soalheiros encontra-se a elegante planta "Caaataja". Eleva-se com seu caule principal finissimo até quase um palmo de altura, sempre bem verdejante, em caule procriam-se filamentos subtis, sem utilidade. Tem raiz fibrosa, tênue, pequena e de sabor amargo".

MARCGRAVE diz a respeito: "A "Caa ataya" dos Brasilienses e "Erva de purga de Juan Paez" dos portugueses. De uma radícula branca eleva-se à altura de um pé um caule quadrangular, verde-pálido geniculado, tênue que deitado, em parte, no chão emite dos nós novamente radículas para a terra, mas em parte fica ereto.

Em cada nó há dois folíolos opostos, de forma e tamanho das de Nummularia ou, melhor, de Veronica ou Chamaedryas, serreadas nos bordos e verde-pálidas. Junto de cada par de folíolos nasce uma flor pequenina, quase galeada e branca. Depois dela aparece uma silícula, de tamanho e forma de um grão de aveia que, abrindo-se espontaneamente, espalha as sementes miudinhas, redondas, amarelo-escuras e menores que as do Papaver menor. A planta não tem cheiro, porém, sabor amargo. Esta planta pisada e cozida dá uma bebida purgativa, desobstruindo tanto por cima, como por baixo".

Na 2ª ed. PISO adota a descrição de MARCGRAVE e dá as indicações seguintes sôbre o emprego medicinal.

IND. TERAP.: A planta é emenagoga, diurética e purgativa, porém, é um remédio perigoso e deve ser usado com cautela. Usa-se a planta toda, seja o suco, o pó ou o decocto.

NOTA: Encontra-se no litoral, nos terrenos arenosos e sombreados, mas não é ascendente e sim procumbente e tem vários ramos ou caules. Segundo SCHMIDT (31) dão-lhe o nome: "Matacana" porém, em Pernambuco a planta com êste nome é Evolvulus nummularius que tem o mesmo aspeto e habito e cresce nos canaviais e nos hortas, como praga.

Material ex.: Pernambuco – Recife – Pickel 3444.

-----

### Família BIGNONIACEAE

Crescentia cujete L., Sp.Pl.626.1753.

N.v.: Cuiete (M, P.1), Cochine (M, P.2)

N.v.m.: "Cuieira", "Cuité"

Lit.: M:123 (Cuiete Brasiliensibus). L.3, Cap.14, Fig.123.

P.2:173 (Cuiete in triviis). L.4, Cap.28, Fig,173, primeira.

MARCGRAVE informa: "A "Cuieté" dos Brasilienses e estropiada para "Cochine" pelo vulgo. A árvore de casca grisalha como o "Sabugueiro", nasce torta, tendo ramos compridos e neles fôlhas dispostas em frondes alternadas, pois, os ramos têm tubérculos alternos da distância de um dedo e, em cada um, seis, sete ou oito fôlhas conchegadas, a ponto de formarem frondes. As fôlhas são de meio pé de comprimento, mas curtas, ou mais compridas, bem estreitas em direção á base, que, porém, se dilatam paulatinamente em direção de ápice, e têm um dedo e meio de largura no lugar mais largo, terminado em uma espécie de ponta obtusa, são verde-escuras e brilhantes em cima e mais claras em baixo, providas com nervura conspícua e veias transversais. Não só dos ramos, mas também do caule saem por toda a parte duas, três ou quatro flores juxtapostas em pedicelos de cerca de um dedo de comprimento tendo por sua vez, dois dedos e meio de comprimento, côr branca misturada com verde e variegada com elegantes nervuras longitudinais e alternando, com veias purpúreo-claras. No meio, porém, ficam cinco estames da mesma côr, dos quais cada leva um corpo de forma (?) na extremidade, amarelado e provido de linhas pretas, tendo um quinto estame do meio (i.e., o pistilo!) a forma de auriscalpo. Neste assenta a flor e pode ser tirado, como o pedaço de carne do aspeto e a flor tem cheiro nojento. Depois da flor aparece o fruto, variável em tamanho e forma, tendo ora tamanho de um ovo de avestruz ou redondo, do tamanho de uma cabeça humana, ora oblongo, verde no princípio, e preto e duro na maturidade e encerra sementes à maneira de abóbora, fuscas ou pardo-escuras, do tamanho das de pepino e com amendoa amarelada; por fora, entretanto, parece ser circundada por uma espécie de faixa simples. O fruto imaturo encerra polpa branca, suculenta, de cheiro quase de agrião, dotada de certa doçura. Aquelas sementes são imersas, entretanto, em toda a polpa e não apenas no meio como na abóbora, e elas ficam fuscas na maturidade. Adoça-se o fruto verde com açúcar e dá-se de comer nas febres; os frutos maduros usam os habitantes em lugar de pratos, copos e bilhas que se preparam do modo seguinte: O fruto maduro mergulha-se nágua quente e cozinha-se e em seguida, por um furo feito ao mesmo, esvazia-se mediante um páu duro senão se queizer corta-lo para servirem de pratos e outras formas e, neste caso, amarra-se em redor do fruto cozido um cordão forte na direção que se quer cortar, batendo no cordão com um martelo de páu e assim secciona-se espontâneamente, pois querendo cortar com faca, perde-se o tempo. Propaga-se fácilmente por intermédio de ramos destacados e enfiados na terra.

Esta árvore, em certas épocas, perde todas as fôlhas no mesmo dia, mas dois dias depois ver-se-á coberta outra vez de fôlhas".

Numa anotação final, LAET reproduz um trecho do OVIEDO sôbre está árvore, a qual chamam nas Antilhas "Higuera".

PISO descrevendo esta planta na 2ª d. segue a MARCGRAVE, porém refunde o texto.

IND. TERAP.: Segundo PISO, a polpa do fruto maduro é excelente para mitigar as dores de cabeça provenientes dos raios solares, devendo-se colocar em forma de cataplasma na testa e nas têmeoras.

NOTA: LINEU (74) reconheceu na planta de MARCGRAVE a Crescentia cujete, tomando o nome vulgar estropiado para específico.

No Nordeste há duas variedades, sendo que: uma tem como fruto uma cabaça oval e grande e outra uma cabaça oblonga, pepiniforme, mas não existem na mesma árvore, como faz crêr a figura de MARCGRAVE.

Parece que o nome “Cochine” registrado por MARCGRAVE significa “Conchina”, porque as duas metades do fruto dão duas conchinas para vários usos.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel 427.

Jacaranda brasiliiana Pers., Syn,2:174.1807.

N.v.: Caaroba (P.1 e P.2).

N.v.m.: “Caroba”

Lit.: P.1:70 (De Caaroba arbore ejusque qualitatibus). L.4, Cap.19, Fig.293, segunda.

P.2:143 (Caaroba silvestris arbor). L.4, Cap.18, Fig,165, primeira.

Sôbre esta árvore PISO escreve o seguinte na 1ª ed.: “Da árvore “Caaroba” e suas qualidades. A “Caaroba”, árvore silvestre e elevada cresce na Capitania de Pernambuco sômente nas terras argilosas e férteis. Tem flor azul - purpurascete no mês de setembro; raramente tem fruto, que é sem proveito é semelhante a uma vagem muito grande e se abre quando madura e aparece vazia”.

“As suas fôlhas (i.e. folíolos) são oblongas, da forma de uma língua, verde-claras, providas com nervura longitudinal e veias oblíquas, salientes. Têm gosto amargo, e sêcas e desmanchadas são utilíssimas para fomentações e banhos quentes”.

Em seguida PISO indica os usos medicinais.

IND. TERAP.: As fôlhas têm propriedade secativa, purificante e curativa, sendo por isso usadas na cura de várias doenças, especialmente, na sífilis. (P.1:35). Para tal fim ministra-se o decocto das fôlhas. O tratamento deve ser precedido de um purgante, tomando-se em seguida o chá das fôlhas durante alguns dias, afim de provocar transpiração abundante. As úlceras ceras sífilíticas tratam-se com emplastos, nos quais entra o pó das fôlhas sêcas. Entram também na confecção dos banhos prescritos para curar os resfriados e catarros (P.1:22). LAET (43) atribue à madeira os mesmos efeitos que têm a raiz de “China” e o “Páu santo” da Antilhas.

Na 2ª ed. PISO reproduz o mesmo texto da 1ª ed. e acrescenta uma estampa que parece ser uma espécie de Cassia, a julgar das flores ou, de Phaseolus, considerando os frutos. logo é um bluff. A estampa verdadeira encontra-se à pag. 165 e 292 da 1ª ed.

Na mesma 2ª ed. aproveita esta última estampa que epígrafa de “Jacarandá II” para acompanhar a descrição do “Jacarandá preto” do qual MARCGRAVE (M:136) fala, baralhando duas descrições desse mesmo “Jacarandá” Swartzia e Dalbergia.

NOTA: Encontra-se esta árvore em Pernambuco e em todo o Nordeste da América do Sul.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 1529.

Lundia nitidula A.D.C., Bibl. Univ.Genèv.17:181.1808.

N.v.: Faisaons d’empige (sic!) (P.1 e P.2)

Lit.: P.1:119 (Faisaons d’Empige, eorumque qualitates, atque usus). L.4, Cap.98.

PISO escreve o seguinte no Cap.98 sôbre os “Feijões d’empique”, suas qualidades e seus usos”.

Entre tantas Smilax e Convolvulus que trepam ás copas das árvores por toda parte êste Convolvulus siliquosus não é inferior aos outros nem pelo aspeto nem pelos préstimos, pois, agarra-se firmemente com suas gavinhas flexuosas e frondosas, tendo aqui e acolá fôlhas grandes e glabras, engalanando-se com “vagens” delgadas, de um côvado de comprimento, as quais são denominadas com razão pelos portugueses “Feijões de empige” comumente. Essas vagens colhem-se imaturas e verdes nos meses de chuva, pois nesse tempo estão cheias de um sumo salubérrimo, frio e acre e, quando o doente de empige se fricciona com elas, experimenta não pequeno alívio e, mesmo, cura-se caso for repetido alguns vezes o remédio. Quando as “vagens” estiverem amadurecendo no tempo do estío, secam logo e, então, não só as valvas mas também o suco e as sementes que as enchem, enegrecem aos poucos e nota-se, então, desprender-se um cheiro aromático, mas são julgadas então menos eficazes para remediar aquela doença.

Não pude saber qual o nome entre os Brasilienses, entretanto, a planta é mui conhecida”.

PISO fala dos “feijões” compridíssimos deste cipó também no tratado das endemias, Cap. 21, que versa sôbre as pápulas e empigens. (P.1:37).

Na 2ª ed. confundiu esta planta com a “Guaiana timbó” (Paragonia pyramidata) e fundiu os textos sem alterar no entanto o conceito da espécie. De fato a figura é de Paragonia pyramidata.

NOTA: Nosso cipó é muito abundante no interior de Pernambuco, especialmente no mato e nas capueiras trepando em árvores e arbustos. Vimos uma “cajazeira”, que nesse tempo estava desfolhada, coberta completamente das flores amarelo-sulfúreas e, mas tarde, das cápsulas compridas. As capsulas quando sêcas pretejam.

Segundo SAMPAIO (77) a planta pisoniana seria Piscidia erythrina Vell.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 2189.

Paragonia pyramidata (Rich.) Bur., Vid. Medd.N.Forer.104.1894.

N.v.: Guaianá – Timbó (P.1 e P.2)

Lit.: P.1:115 (Sequitur Guainá-Timbó). L.4, Cap.89, Fig.119, segunda.

P.2:249. Mistura de duas plantas.

Na 1ª ed. falando dos “Timbós” PISO escreve: “Segue-se a “Guaianá-Timbó”, semelhante aos precedentes (Timbós), nociva como indica o próprio nome e por sua qualidade, entretanto, muito pouco semelhante no resto. Só ela passou á matéria médica e não só não é destituída de fôlhas como muitos outros “Timbós”, mas até engalana-se com flores rubras e “vagens”, cuja casca (i.e. pericarpo) embora tenha também seiva ictiocida, todavia contém (um principio) útil no tratamento da empige, na sarna das creanças e outras afecções cutâneas dêste gênero, quanto as partes afetadas forem friccionadas com o suco”.

NOTA: Como foi dito ao tratar de Lundia, PISO trocou na 2ª ed. a planta supra com a anterior, e devido ao mesmo uso suprimiu esta espécie. A figura representa espécie supra.

Êste cipó é ribeirinho como os “Timbós” de que fala e tem belas panículas piramidais de flores roxas ou avermelhadas. O fruto é roliço e muito mais curto que o da Lundia.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 884.

Sparattosperma neurocalyx Bur. et Schum., fl. Bras.8(2):361.1896.

N.v.: Iperoba (M)

N.v.m.: “Peroba”

Lit.: M:97 (Iperoba Brasiliensibus) L.3, Cap.3.

Sôbre esta árvore MARCGRAVE fornece apenas a informação seguinte: “A “Iperoba” dos Brasilianos é uma árvore com casca cinzenta e salpicada de pingos brancos. Traz fôlhas espessas semelhantes mais ou menos ás da nossa Tremula, verde-cinzentas, havendo três folíolos reunidos à maneira do “fejeiro”, cada um no respetivo pecíolo de dois ou três dedos de comprimento. A madeira da árvore é branca como a de Betula e útil para vários mistéres”.

NOTA: É árvore do litoral que ainda hoje o povo denomina “Peroba”, e também a diagnose marcgraviana corresponde bem á realidade. É pena MARCGRAVE não ter tido ocasião de observar a árvore em flor e em frutificação. Quando em flor assemelha-se ao “Páu d’arco róseo” (Ipê) e, quando em frutificação, o vento leva as sementes aladas para o interior das cascas, onde suja tudo.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel 434.

Tabebuia caraiba (Mart.) Bur., Vid.Medd. N. Forer. 113.1894.

N.v.: Quera iba (M, P.2)

N.v.m.: “Caraiba”, “Caraua”

Lit.: M:135 (Quera iba Brasiliensibus). L.3, Cap.19, Fig.135, segunda.

P.2:165 (Queraiba nascitur). L.4, Cap.25, Fig.165, segunda.

MARCGRAVE escreve: “A “Quera iba” dos Brasilianos é uma árvore com casca rugosa, e grisalha, tendo nos ramos pecíolos opostos e nestes, três, quatro ou cinco folíolos reunidos em frondes e apegados aos seus pecíolulos de uns três dedos de comprimento. Os folíolos são verde-pálidos, de forma das de Salvia, meio ou um dedo (deve ser, meio ou um pé) de comprimento, sólidos e duros ao tato, providos com uma nervura longitudinal e veias oblíquas. Traz flores amarelas sem cheiro, de dois dedos de comprimento, companuliformes, dissectas em cima em cinco partes e, no lado interno, outros tantos estamínulos curtos, amarelos, com ápices pálidos. Desta maneira a árvore florida aparece toda amarela à maneira da que os portugueses chamam “Páu d’arco”, pois, flores são

reunidas em cachos e essas árvores têm poucas folhas (no tempo da floração!). Às flores segue uma “vagem” comprida e achatada, sem proveito”.

IND. TERAP.: Segundo MARCGRAVE, a casca desta árvore pisada e cozida fornece um óleo utilíssimo para sarar feridas e curar as úlceras antigas das pernas e doutras partes.

Nasce esta árvore nos lugares agrestes, tanto úmidos como sêcos. Floresce no mês de dezembro”.

Na 2ª ed. PISO redescrive esta planta apoiando-se no texto de MARCGRAVE, porém, fá-lo a seu modo condensando tudo o mais possível.

NOTA: Encontra-se esta árvore no interior do Nordeste e seu aparecimento é sempre um indício de água ou de fonte e cacimba.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 428.

Tabebuia serratifolia (Vahl) Nicholson, Gard. Dict. 4:1.1888.

N.v.: Guirapariba (M), Urupariba (M), Pao d’arco (M).

N.v.m.: “Páu d’arco amarelo”, “Ipê”.

Lit.: M:118 (Guirapariba vel Urupariba). L.3, Cap.11, Fig.118, segunda.

MARCGRAVE escreve: “A “Guirapariba” ou “Urupariba” dos Brasilienses e “Páo d’arco” dos portugueses é uma árvore alta, alegre, de grossura mediana, trazendo as folhas reunidas em frondes, a saber, cada fronde tem quatro, cinco ou seis pecíolos de um a dois dedos de comprimento e, tem cada um dêles, cinco folíolos nos seus respectivos peciólulos que ficam juntos (raramente três ou quatro folíolos), de tamanho desigual, oblongos, verde-escuros, luzidios, membranosos ao tato, providos com uma nervura longitudinal e veias oblíquas. No mês de dezembro a árvore, desprovida de folhas que perdeu no começo do verão, produz flores em grande abundância, amarelas, grandes, de três ou mais dedos de comprimento, em cima divididas quase em cinco pétalas, sem estames (?) e sem cheiro. A árvore em flor aparece totalmente amarela e pode ser avistada de longe á distância de três ou quatro milhas. Tendo caído as flores, novamente aparecem folhas”.

NOTA: LINEU (74) referindo-se á estampa de MARCGRAVE pensa tratar-se da Bigonia pentaphylla, mas o texto ao qual se reporta não é uma espécie de Tecoma ou Tabebuia, apesar do mesmo nome vulgar usado por MARCGRAVE, a não ser que seja um erro tipográfico (M:108 em vez de M:118).

AUBLET (10) identifica a planta M:118 como Bignonia leucoxydon L.

Na Fl. Br. a planta M:118 é determinada como Couralia toxophora BTH. et Hook.

Esta árvore é notável não só pela cor amarela de sua copa florida que se vê de dentro das matas sêcas de Pernambuco de muito longe, como já observou MARCGRAVE, mas também pelo valor da madeira que é uma das melhores. O nosso “Páu d’arco” é proveniente talvez por ter servido para arcos, como rezam as antigas escrituras, ou para aduelas.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 1229.

Tanaecium cyrtanthum (Mart.) Bur. et Schum., Fl. Bras. 12(2):186.1896.

N.v.: Iaroba (M, P.2), Casca amargosa (M, P.2).

Lit.: M:25 (Iaroba Brasiliensibus dicta). L.1, Cap.12, Fig.25, primeira.

P.2:173 (Sarmentosa haec planta). L.4, Cap.28, Fig.173, segunda.

MARCGRAVE escreve: “A “Iaroba” dos Brasilienses e “Casca amargosa” dos portugueses. Esta planta trepa as árvores mais altas com seu caule flexível e roliço, o qual tem folhas alternas em longos pecíolos, ternadas à maneira das do “Fejoeiro”, que são inteiramente semelhantes às de Mucuna. O fruto é semelhante ao de “Cueté” (i.e., “Cuité”), porém, quase sempre menor, com a mesma polpa, as mesmas sementes e usos”.

PISO escrevendo sôbre esta planta não faz mais do que adatar o texto de MARCGRAVE, mas acrescenta:

IND. TERAP.: O pó do albumen tomado na dose de um escrúpulo é lumbricida.

NOTA: No Nordeste existem duas espécies (Caatingas da Bahia e do Ceará, Crato).

A nossa espécie tem frutos com cinco em de comprimento, por dois de largura.

As outras espécies, inclusive Tanaecium iaroba Sw. são extrabrasileiras.

## Família PEDALIACEAE

Sesamum occidentale Herr et Regel, Ind.Sem.Hort.Turic. 1842

N.v.: Gangila (M, P.2), Girgilim (M, P.2)

N.v.m.: "Gergelim"

Lit. M: 21 (Sesamum). L.1. Cap.11. Fig.21, primeira

P.2: 211 (Quarta herba). L.4. Cap.45. Fig.211, segunda.

MARCGRAVE escreve: "O "Sésamo", ou "Gangila" dos Congôleses e "Girgilim" dos portugueses, carece de nome entre os Brasilienses, porque não é natural desta Província, mas importada da África pelos portugueses. De raiz tenra, reta, provida de muitas radículas filamentosas, ruiva exteriormente e branca por dentro, eleva-se em caule direito, quadrado e verde; tem fôlhas oblongas, pouco largas, tenras, da côr de Atriplex alba, pois, são cobertas de uma espécie de farinha no lado inferior e localizadas aqui e acolá e as mais das vezes opostas, se não forem alternas. (o texto não tem boa redação). Traz flores brancas, decíduas, campanuladas, às quais seguem síliquas que ficam em pé no caule (não nos ramos), são verdes, quadrangulares, e encerram sementes em grande quantidade, pequenas, brancas, cordiformes e quando maduras fuscas abrindo espontâneamente, de maneira que a semente é lançada no chão".

Em seguida, vem numa anotação o modo de exprimer o azeite praticado na África, descrita por JOÃO DOS SANTOS na História da Etiópia Oriental.

PISO redescrive a planta da 2ª ed. seguindo o texto do seu colega.

NOTA: O "gergelim" que se planta nos tempos modernos em Pernambuco é Sesamum indicum L., que tem as fôlhas inferiores trifidas. Cada morador de pequena propriedade planta "gergelim", embora não em grande quantidade, pois, sòmente se vê plantado junto dos caminhos. Parece que é um amuleto contra mau olhado. Esta cultura data desde os tempos coloniais, introduzida pelos negros da África

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 444 (S.indicum L.)

-----

## Família ACANTHACEAE

Ruellia bahiensis (Nees) Morong, Ann.N.Y.Acad.Sci. 7: 192.1893.

Lit.: M: 54 (Planta haec). L.1. Cap.25. Fig.54, segunda.

Esta planta que MARCGRAVE achou digna de descrever, tem os característicos seguintes: "A planta eleva-se à altura de um pé e meio, tem caule roliço, levemente hirsuto, geniculado e, nos nós, fôlhas opostas, outrossim levemente hirsutas, oblongas, verdes e, nas extremidades dos ramúsculos, muitas folhinhas reunidas e, entre elas, flores emergindo de um cálice comprido (i.e., tubo corolino) branco-purpúreo-claras, formadas de uma só pétala, porém, divididas em cima em cinco lacínias, sem nenhum estame (!) no centro. Depois da flor nascem os folículos (i.e., cápsulas) do tamanho de um grão de cânhamo, nos quaes fica encerrada a semente comprida e fusca".

NOTA: Não encontrando desenho LAET encarregou-se de mandar fazer a estampa anexa segundo a planta do herbário marcgraviano.

A planta supra é muito comum em Pernambuco. As flores são rôxo-azul-claras e as cápsulas que se encontram entre as brácteas das extremidades dos galhos tem realmente a forma indicada pelo nosso autor.

Material ex.: Pernambuco, Garanhuns, Pickel 2182.

-----

## Família RUBIACEAE

Anisomeris intercedens (M. Arg.) Standl., Field Mus.Bot. 8. 1931.

Lit.: M: 80 (Frutex aculeis oppositis). L.2. Cap.15.

MARCGRAVE apresenta a diagnose seguinte para este arbusto: "Arbusto com espinhos opostos e inseridos em cada um deles três pares de folhas, pequenas, semelhantes às de Buxus. Traz flores pequenas, compridas, branco-purpurascentes, formadas por quatro pétalas reclinadas, brancas e com outros tantos estames pequenos. Produz bagas, cada uma no respectivo pedicelo, ovais, do tamanho das bagas de "sabugueiro", purpúreo-escuras que tingem de pardo-preto, contendo cada qual um caroço pequeno, branco e comprido".

NOTA: Este arbusto espinhoso ou inerme é próprio dos campos e carrascos da zona da mata em Pernambuco. O modo de nascer das folhas, das flores e frutos é deveras interessante, tendo chamado atenção de MARCGRAVE.

Material ex.: Pernambuco, Tapera, Pickel 667.

Cephaëlis ipecacuanha (Brot.) A. Rich., Bull. Fac. Med. 4:92.1818.

N.v.: Ipecacoanha (M), Ipecacuanha (P.1 e P.2), Ipepacuanha (P.1:47), Pecacuanha (P.1:47).

N.v.m.: "Ipecacuanha".

Lit.: M:17 (Ipecacuanha Brasiliensibus). L.1, Cap.9, Fig.17.

P.1:102 (Altera est longitudinis). L.4, Cap.65, Fig.101, segunda.

P.2:231 (Altera cujus Iconem hic damus). L.4, Cap.53, Fig.231.

PISO escreve no Cap.65 dedicado às "Ipecas" em geral, como segue: "Chegamos na distribuição dos assuntos, finalmente, a estas raízes salutares tão gabadas que, além da propriedade purgativa, que atua por cima e por baixo, são sumamente adversas a qualquer veneno. E creio que não existe remédio mais útil nas várias moléstias provenientes da obstrução crônica especialmente, na medicação das disenterias que, frequentemente, se encontra nestas terras".

Depois de ter falado sobre a "Ipecacuanha branca", ele continua: "A segunda espécie tem o comprimento de meio côvado, provida de três ou cinco folhas somente. Medra nos sítios sombreados e encontra-se somente nas matas mais fechadas. Na extremidade do caule produz bagas pretas, mui poucas. Tem raiz tênue, tortuosa, nodosa, de côr fusca e sabor desagradável, amargo, quente e acre. Pode guardar-se em estado sêco durante muitos anos e não perde facilmente suas virtudes. A dose da raiz pulverizada é de uma dragma (=3,5 gr.) mas, em infusão, mais ou menos duas".

MARCGRAVE dá uma diagnose minuciosa que vale a pena traduzir: "A "Ipecacoanha" dos Brasienses. Da raiz do tamanho de um palmo ou mais, flexuosa, nodosa ou geniculada, provida de muitas radículas filamentosas laterais, que tem casca arruivada, como a Tormentilla, que, no entanto, é branca por dentro e tem, no meio uma medula da qual pode separar-se o resto do tecido verde da raiz e desentranhar a medula, gera-se um caule ou mais outro, com meio pé ou pouco maior, roliço, lenhoso, flexível de côr cinzenta, em parte procumbente e criando outras raízes e, em parte eréto. Na extremidade de cada um deles inserem-se as mais das vezes seis, sete ou oito folhas à maneira da erva Paris, em cima verde-escuras e, em baixo, mais claras, providas com uma nervura longitudinal e muitas veias transversais, à maneira do "tremoço" e, ao tato, como as folhas de Asarum, porém, mais moles.

**De entre as folhas nascem, de um pedúnculo próprio, dez, doze ou quinze flores reunidas em capítulo, pequeninas, brancas, formadas por cinco pétalas e outros tantos estaminulos brancos. Depois das flores seguem outras tantas bagas pardas ou de côr de laca escura, do tamanho de cerejas silvestres; a baga encerra uma polpa branca, succulenta, com dois grãos ou sementes, duros, amarelados e lenticulares.**

A raiz desenterrada deve secar-se à sombra e não ao sol, é de gosto super-amargo, tanto em estado como sêco e morde a língua com sua acrimônia, pelo que a julgo ser quente e sêca em 2º grau. Tem propriedade abstergente, purgativa dos meatos e resolutive dos infarctos.

A planta gosta das matas úmidas, pois, mudada para a horta não aumenta, porque ama as selvas".

Sobre os usos medicinais da célebre raiz encontramos escrito o que segue.

IND. TERAP.: Segundo PISO, a "Ipecacuanha" é usada diariamente, mas de preferência em diluição, porque comunica a sua virtude medicinal aos líquidos abundantemente já pela maceração ao ar livre durante uma noite ou pela cocção. O resíduo que se guarda preparado da mesma maneira



serve depois novamente para o mesmo fim; porém é então menos eficaz para purgar ou vomitar, porque é mais astringente.

De maneira que essa raiz elimina da parte afetada não só a matéria patogênica mesmo a mais tenaz, expulsando-a pelas vias superiores, mas também restitue o tono às vísceras pela sua astringência. Pois além de curar os fluxos do ventre e outras doenças, é antidotal e expulsa pelo vômito a virulência tanto oculta como manifesta (da manipuera e “tangaraca”, como também dos peixes venenosos P.1:48). Por isso os Brasileiros guardam-na religiosamente; e foram eles que nos revelaram as suas virtudes”. PISO recomenda este remédio especialmente na amebiase (P.1:29) e nas diarreias (P.1:28).

Na preparação do remédio, segundo MARCGRAVE, procede-se, como segue: Para o uso, esmaga-se num gral uma ou duas dragmas que se deixam macerar durante a noite em vinho misturado com água. Na manhã seguinte leva-se á ligeira ebulição, coa-se e bebe-se. Purga pelo vômito e pelo ventre e dá-se com feliz resultado não só na disenteria, mas também nas afecções do estômago. Quanto mais recente a raiz mais forte é o efeito. Nalguns atua mais por cima do que por baixo.

Na 2ª ed. PISO reproduz o mesmo texto da 1ª ed., com emendas insignificantes e com uma frase tirada de MARCGRAVE.

NOTA: LINEU (74) reconheceu na planta marcgraviana a Uragoga ouragoga que é a espécie supra.

M. ARG. (31) também identifica a planta pisoniana com a “Ipecacuanha” verdadeira.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 877.

Cephaëlis pubescens Hoffm. ex. Willd., R. & Sch., Syst. 5:213.1819.

N.v.: Tangaraca (M, P.1 e P.2), Erva de rato (M)

N.v.m.: “Erva de rato”

Lit.: M:60 (Tangaraca Brasiliensibus). L.2, Cap.2.

P.1:92 (Posterior folia fert). L.4, Cap.52, Fig.92, segunda e terceira.

P.2:302 (Secunda paulo excelsior). L.5, Cap.17, Fig.302, segunda e terceira.

PISO tem pouco a dizer acerca desta planta, mas ilustra o texto com duas estampas. Êle escreve: “A segunda espécie tem fôlhas semelhantes às da primeira “Tangaraca”, porém, mais compridas e verde-tristonhas; flôr purpúreo-escura com um umbigo ao qual sucede um fruto pouco dissemealhante ao de Rubus silvestris”.

MARCGRAVE descreve, ao envez, com bastante minuciosidade a planta. Eis a diagnose: “A “Tangaraca” dos Brasileiros ou “Erva de rato” dos portugueses é um arbusto que alcança o porte da “groselheira”, mas a casca é cinzenta. Traz fôlhas oblongas, verdes, atravessadas por muitas nervuras transversais. Os ramúsculos com suas fôlhas são opostas e estas verdes em cima e canescentes em baixo e, ao tato, quase como se fossem cobertas com penugem macia.

Na extremidade dos ramos origina-se uma flor de côr purpúreo-parda, do tamanho dos cravos da India dobrados, com as quatro fôlhas (i.e., brácteas) externas da flor mais compridas do que as outras, tendo a forma de relha, sôbre as quais ficam oito outras menores da mesma conformação, ficando o meio ou todo o espaço da flor repleto de folíolos purpurinos á maneira das flores de Scabiosa e do meio dêles emerge uma baga azul, do tamanho dos mirtilos o de aspeto quase de uma gema turca em cima da flor, como se veludo pardo. Cuidado, porém, com êle!

LAET acrescenta, que o fruto é um veneno fulminante, como se dirá noutro lugar. LAET não atinou porém com a estampa que devia acompanhar o texto.

PISO depois de ter descrito as duas espécies de “Tangaraca” à pag.92, escreve no lugar a que LAET aludiu, o seguinte: “Embora estas duas plantas sejam diferentes nas fôlhas, flores e nos frutos, todavia assemelham-se no lenho, no habitat e no porte. São encontradiças, quase por toda a parte, nas encruzilhadas (das matas). Em nada cedem ao arsênico por sua eficácia virulenta. Pois, nas fôlhas e, especialmente, nas flores e frutos reside tanta força mortífera que apenas diglutidas matam o homem, caso não se remedeie imediatamente com um antídoto eficaz”.

Na 2ª ed. PISO prefere dar a versão de MARCGRAVE, redescrita porém a seu modo. Declara que a estampa é o tamanho natural; todavia mandou retocá-la eliminando as três fôlhas grandes que, no entanto, são características.

A terceira “Tangaraca”, da 2ª ed. representada pela estampa, não parece ser uma “Tangaraca” e, sim, talvez a Boerhaavia coccinea. Todavia PISO descreve esta terceira espécie que, como se pode verificar fâcilmente, é um bluff, sem nenhum valor científico, pois, descreve apenas a

estampa. Interessante é ter a Boerhaavia recebido também o nome de “Tangaraca” (30), mas sem razão, porque não é venenosa.

M. ARG. (31) pensa ser a Psychotria marcgravii Spreng. a planta de MARCGRAVE.

NOTA: A planta supra é muito abundante nas matas sombrias de Pernambuco, onde a temos encontrado muitas vezes.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 567, 877, 3034, 4233.

Genipa americana L., Syst. 10a. Ed.931.1759.

N.v.: Ianipaba (M, P.1 e P.2), Ienipapo (M).

N.v.m.: “Genipapo”, “genipapeiro”.

Lit.: M:92 (Ianipaba Brasiliensibus). L.3, Cap.1, Fig.92.

P.1:67 (De Ianipaba ejusque facultatibus). L.4, Cap.15, Fig.68.

P.2:138 (Una ex proceribus Brasiliae arboribus). L.4, Cap.16, Fig.138.

PISO escreve um capítulo próprio na 1ª ed. sobre esta árvore a qual, segundo êle, é uma das mais altas do Brasil; como entretanto, a descrição da flor e do fruto é igual *ipsis verbis* à de MARCGRAVE, dou o texto dêste que tem a vantagem de ser mais minucioso.

MARCGRAVE escreve: “A “Ianipaba” dos Brasileenses ou “Ienipapo”, como os portugueses pronunciam, iguala-se no porte à faia, tem casca grisalha ou branca e madeira frágil e medulosa (PISO, ao contrário, diz ser duríssima e ótima). Os ramos são revestidos de folhas oblongas, de forma de lingua de boi, porém, fastigiadas na base e no ápice, juxtapostos em número de seis, sete, oito ou nove, de um ou de um pé e meio de comprimento, reluzentes em cima e verde-claras em baixo, mais escuras e não brilhantes. Traz flor semelhante às do “Narcizo”, do mesmo tamanho, formado de cinco pétalas recurvadas, brancas, com unhas amarelas por dentro; no meio um estame (i.e., o pistilo!) engrossado, amarelo, e sempre entre duas pétalas, um cornículo pálido saindo do meio da flor e curvado para baixo (i.e., os estames!).

Imita, em parte, o cheiro do Caryphyllum carthusianorum. Floresce em março, e abril; segundo PISO, em dezembro, perde uma parte de suas folhas; não todas, mas uma parte de tempos em tempos, revestindo-se de novas, mais claras.

O fruto é do tamanho de laranja ou também maior, redondo, com epicarpo delgado, flexível, cinzento, debaixo do qual há primeiramente uma polpa dura flexível, succulenta, amarelada, de sabor ácido, refrigerante, vinoso-ácida e de cheiro agradável, da qual expreme um vinho. No meio, existe uma cavidade repleta de sementes que são envolvidas por uma polpa mais mole, do mesmo sabor; os grãos ou sementes são comprimidos e mais ou menos circulares quase como na “Mangaba” que se comem com a polpa. O fruto imaturo cortado e esfregado na pele tingem de cor preto-azulada que não se apaga de modo algum, porém, oito ou nove dias depois, desaparece espontaneamente. A madeira ou o ramo decepado tingem da mesma maneira. Nasce abundantemente nos lugares silvestres, no rio São Francisco, não longe do rio Mboacica, onde produz frutos de grande tamanho e, em parte nenhuma, se encontra melhor”.

Em seguida ao texto de MARCGRAVE, LAET acrescenta a descrição de XIMENES de uma árvore tintorial do México a qual, entretanto, é totalmente diversa do “Genipapeiro”.

USOS: Os frutos verdes os índios usam na tatuagem, mas o fruto maduro é comestível. Quando maduros apodrecem como os nêsperos, tornando-se, então, bons para se comer, pelo que são chamados pelos holandeses de “Rott-appels” (na 2ª ed. “Kot-appels”). Comem-se crus, não cozidos, mas açucarados e em conserva ficam mais aprimorados.

IND. TERAP.: Sobre as propriedades medicinais PISO informa que o fruto é empregado com feliz resultado contra a diarreia (43), na cólera (P.1: 17). O vinho que se faz do fruto serve para os mesmos fins, mas o velho é mais quente e menos astringente.

Os índios expremem do fruto verde mediante o fogo um licor que presta os mesmos serviços. Moidos os frutos verdes são empregados como cataplasmas na cura das úlceras malignas e tumores ou pregos sifilíticos (2ª ed.), e do tenesmo (P.1: 29).

Na 2ª ed. PISO enfeita a sua descrição com as observações originais de MARCGRAVE.

NOTA: LINEU (74) reporta-se á planta de PISO e MARCGRAVE dando-lhe o nome de Genipa americana. SCHUMANN (31) *idem*, mas erroneamente refere-se á Janipha de MARCGRAVE.

Material ex.: Pernambuco, Olinda, Pickel 455.

Mitracarpus hirtus (L.) D.C., Prodr. 4: 572. 1830.

N.v.: Caapotiragóia (M)

Lit. M:8 (Caapotiragoa Brasilianis). L.1. Cap.6. Fig.8, segunda.

MARCGRAVE escreve: “A “Caapotiragóa” dos Brasilianos. De raiz comprida, torcida, flexível, fusca externamente e branca por dentro, nascem muitos caules quadrados, geniculados em intervalos de dois ou três dedos e de dezoito, vinte e, às vezes, mais dedos de comprimento, que procumbem parcialmente e sobem em parte. Nos diversos nós nascem duas, três ou quatro fôlhas, de forma e tamanho do “Hisopo”, porém, de comprimento desigual. Alguns caules emitem, outrossim, nos nós alguns ramúsculos vestidos de fôlhas do mesmo modo. O caule, os ramúsculos e fôlhas são pilosas, verdes e brancas.

Na extremidade do caule um dedo e meio debaixo dela e, em intervalos iguaes em direção descendente, nascem em verticilos flores pequenas (no conjunto), do tamanho de uma bolinha de brincar, em certa quantidade, brancas, formadas de quatro pétalas e, junto de cada verticilo de flores, duas folhinhas semelhantes ás do “hisopo”. Depois das flores vêm cápsulas redondas e estriadas, do tamanho de mirtilos, nos quais existe a semente. Esta planta tem sabor de sal e, por isso, pode chamar-se Kali geniculata ou vitriaria. É freqüente nos lugares arenosos á beira-mar, mas nos lugares do interior não se encontra”.

NOTA: Há vários gêneros que se assemelham á planta de MARCGRAVE, entretanto, só a mencionada supra, concorda plenamente, mas as fôlhas não são brancas pròpriamente e, sim, apenas pálidas. Os frutos vistos por MARCGRAVE parecem ser galhas que se originam no lugar dos ovários e são enormemente hipertrofiados.

Material ex.: Pernambuco, Tapera, Pickel, 459, 1512, 1596, 2742.

Palicourea crocea (Sw.) D.C., Prodr. 4: 526. 1830.

N.v.: Erva de rato (M, P.1 e P.2), Tangaraca (P.1 e P.2)

N.v.m.: “Erva de rato”

Lit. M: 60 (Erva de rato). L.2. Cap.2. Fig.60, segunda.

P.1: 92 (Prior quae maxime noxia). L.4. Cap.52.

P.2: 301 (Prima quae omnium). L.5. Cap.17. Fig.302, primeira.

**Sôbre as “Tangaracas” PISO escreve o seguinte como introdução ao capítulo 52: “Os Brasileenses chamam o mesmo arbusto de “Tangaraca” e os portugueses “Erva de rato” e não sem razão, pois, é dotado de singular e deletéria propriedade e mata os homens da mesma maneira como os ratos”.**

Diz que há três espécies, porém só descreve duas, sendo a primeira a nossa:

“A primeira, muitíssimo nociva, produz flores primeiramente esbranquiçadas e depois douradas e lustrosas. As fôlhas são verde-claras, acuminadas, com mais ou menos um dedo e meio de comprimento e divididas por muitas nervuras e veias”.

A estampa (a primeira) que PISO apresenta não é uma “Tangaraca” e, sim, a Boerhaavia coccinea.

MARCGRAVE é mais explícito e escreve: “A “Erva de rato” é um arbusto arborescente. Tem lenho flexível e, nos ramos, ramúsculos opostos e sempre duas fôlhas opostas ou também três juntas, oblongas, verde-claras, providas com nervuras longitudinal e laterais, salientes.

Na extremidade dos ramos nasce uma espiga (i.e., panícula) constante de muitas flores reunidas em corimbos, sendo as flores oblongas, cilíndricas e rubras, mas os pedicelos florais são de côr de açafão e alongados.

Flores e fôlhas são um veneno, mas a raiz é o contra-veneno delas”.

NOTA TÓXIC.: Sôbre o modo de atuar do veneno e da cura dos intoxicados PISO escreve no Livro 3, Pag.47, no qual trata dos venenos e seus antídotos o seguinte sôbre as “Tangaracas”: “Todas as espécies de “Tangaraca” são tidas como letais (como diremos no tratado sôbre os remédios simples) e são detestadas tanto pelos indígenas como pelos adventícios. Embora suas fôlhas e flores e seu hábito sejam diferentes, não divergem, entretanto, nos seus efeitos; pois, tendo ingerido fôlhas e flores, o corpo incha logo; o juízo fica perturbado, a vista começa enfraquecer, aparecem vertigens e desmaios e, finalmente, sobrevém a morte, se não for tomado sem demora o remédio. São preferíveis com razão aos demais antídotos as célebres raizes de “Pecacuanha” (sic!) e “Caiapia” tantas vezes descritas. Alguns pensam poder fiar-se nas próprias raizes desta planta “Tangaraca” como antídoto mais seguro que (de fato) empregam com admirável e feliz resultado e em grande quantidade. Essa gente bárbara raramente usa doses certas, deixando isso ao juízo de cada um, fato comum não só entre os empíricos, mas também entre os práticos estudados com relação a

esses antídotos e a outros remédios. Pois preferem pecar por excesso do que por deficiência, para que a insuficiência do antídoto não seja vencida pelo excesso do veneno”.

Na 2ª ed. PISO segue na descrição dessa espécie a MARCGRAVE e, desta vez, acrescenta também a estampa enquanto na 1ª ed. não a colocará.

NOTA: M. ARG. (31), como CAMINHÓA (18) e HOEHNE (37) pensam ser a planta marcgraviana a *Psychotria marcgravii* Spreng.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 2339, 3464.

*Posoqueria latifolia* (Rudge) R. et Schl., Syst. 5:227.1819.

N.v.m.: “Açucena do mato”, “Genipapeiro bravo”, “Papaterra”.

Lit.: M:77 (Frutex similis est arbori lanipabae). L.2, Cap.14, Fig.78, primeira.

MARCGRAVE pensa ser esta arvoreta um arbusto e escreve como segue: “O arbusto é semelhante a “lanipaba”, tem madeira com casca cinzenta, as folhas reunidas em frondes, verde-claras com veias como nas de “lanipaba” porém, muito menores, com quatro ou cinco dedos de comprimento. Produz uma flor de tamanho e forma semelhante ao “Narcizo”, constante de cinco pétalas amarelas; porém, essas pétalas saem ou formam uma só peça com um tubo de cinco dedos de comprimento atravessado por uma espécie de fio até o meio da flor, tendo dois estamínulos (i.e., os estigmas!) da forma de pevide de maçã. As flores nascem em pencas juxtapostas no mesmo ramúsculo em número de doze, quinze, ou vinte ou mais. O fruto é redondo, do tamanho de uma maçã mediana ou da forma de uma noz de “nogueira” dentro de sua casca, é de côr verde, luzidia e preta na maturidade. Encerra muitas sementes dispostas transversalmente à maneira do melão: a polpa é esponjosa, branca e pode ser separada da casca facilmente como a noz, tendo a mesma divisão no meio como ela. Encontram-se vasios e ôcos todos os frutos maduros”.

NOTA: Esta pequena árvore é do litoral de Pernambuco. Com muita razão MARCGRAVE a compara com o “Genipapeiro”, distinguindo-se dêle principalmente pela flor que tem tubo coralino comprido. A semelhança é tão grande que o povo chama-a de “Genipapeiro bravo”.

Material ex.: Pernambuco – Olinda – Pickel 636, Tapera Pickel 3353.

*Sickingia rubra* (Mart.) K. Sch., fl. Bras. 6(6):233.1889.

N.v.: Arariba (M, P.1)

N.v.m.: “Araribá vermelha”, “Araribá roxa”.

Lit.: M:106 (Arariba Brasiliensibus). L.3, Cap.8.

MARCGRAVE fala apenas da existência desta árvore que antigamente foi célebre por causa de sua casca tinctorial exportada para a Europa juntamente com outras que PISO cita, a saber o “Páu Brasil”, a “Tataiba”, o “Jacarandá” e a “Antuniba”, (P.1:5)

MARCGRAVE escreve: “A “Araribá” dos Brasilienses é uma árvore de casca cinzenta, branca por dentro como o “Freixo”, mas, quando cozinhada, se torna rubra e com ela se tingem”.

**NOTA: Ele não conhecia, portanto, a árvore senão por informações ou só pela casca utilizada naquele tempo para tingir, vermelho ou purpúreo.**

Sendo a *Sickingia tinctoria*, a árvore em questão só pode ser *Sickingia rubra*, cuja casca (além da madeira) dá uma tinta carmim que, desde os tempos antigos, é usada pelos índios para tingir tecidos e outros objetos.

*Staëlia aurea* K. Schum., Fl. Bras. 6(6):77.1889.

Lit.: M:9 (Reperitur et alia ejusdem species). L.1, Cap.6.

**Sobre esta erva do litoral MARCGRAVE escreve: “Encontra-se ainda outra espécie da mesma planta, (de “Caapotiragoa”) cujo caule é lenhoso e também procumbe parcialmente no chão e se levantará em parte. As folhas semelhantes às do “Alecrim” ficam nos nós do caule e nesses pontos há também muitos flósculos reunidos, de côr branca e associados em forma de capítulo ao redor do caule.**

NOTA: MARCGRAVE trata desta sp. em seguida ao Mitracarpus hirtus. Cresce também no litoral e na zona da mata. As flores são brancas, porém, no herbário ficam com côr dourada (amarelada). Segundo SCHUM é o caule sêco "aureo-viridis", donde lhe vem o nome específico.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 1129, 1720.

-----  
**Família CUCURBITACEAE**

Cayaponia tayuya (Mart.) Cogn., Fl. Bras. 6(4):772.1878.

N.v.: Taioiá (M).

N.v.m.: "Taiuiá"

Lit.: M:27 (Taioia Brasiliensibus dicta). L.1, Cap.13, Fig.27, primeira.

Sôbre esta planta muito conhecida MARCGRAVE escreve: "A "Taioia" dos Brasilianos é uma erva ascendente, reptando longe e enlaçando-se nas outras ervas e arbustos. Tem caule estriado, flexível, verde e fôlhas isoladas em intervalos certos; cada uma nascendo no respetivo peciolo alado e tendo três, quatro ou cinco dedos de comprimento; é recortada em três lobos, e tenra, um pouco hispida ao tato e verde; cada lóbo tem sua nervura e veias. Nos bôrdos das fôlhas finalmente, apontam dentes mui pequenos à maneira de pontas de alfinetes".

NOTA: O resto MARCGRAVE deixou de escrever, provavelmente, porque não encontrou flores e frutos na ocasião e parece que não teve mais o ensejo de encontrar a planta que não é muito comum.

Encontra-se em todo o Nordeste, onde é usada como depurativo, vegeta nos baixios e trepa nas cêrcas ou na vegetação adjacente.

COGNIAUX (31) identifica a "Taioia" com a espécie supra.

Material ex.: Paraíba – Itabaiana – Pickel 1748.

Citrullus vulgaris Schrad. ex Eicchl. & Zeyh., Enum.279.1836.

N.v.: Balancia (M, P.2), laee (M, P.2), Ibá-guaçu (P.2), Melão d'água (P.1:17).

N.v.m.: "Melancia".

Lit.: M:22 (laee Brasiliensi

mpa. Vejamos o que escreve: "A "laee" dos Brasilianos, "Balancia" dos portugueses e "Watermelon" dos Belgas, é o Melo aquaticus. Tem caule sarmentoso, hirsuto, reptando no chão e agarrando-se mediante muitas gavinhas, fôlhas profundamente laciniadas e incisas, compridas e estriadas, semelhantes quase á Anguria de MATHIOLUS. Cada qual insere-se num peciolo de mais ou menos um dedo de comprimento, e estando o caule estendido sôbre a terra, as fôlhas ficam de pé. A flor é pequena, amarela, formada por cinco pétalas e um umbigo amarelo (i.e. flor masculina!). O fruto é redondo ou globuloso ou também elítico, tem casca verde e tamanho de uma cabeça humana ou pouco maior ou menor, carne branca e encarnada, no meio (a saber onde ficam as sementes) ou côr de sangue, muito succulenta e de bom sabor e tanta quantidade de água doce e fria que se pode bebê-la na refeição como de um copo. Encerra muitas sementes de tamanho e forma das de abóbora, de côr preta n'algumas e ruiva noutras que se empregam entre os remédios mais frios. Nos meses de dezembro e janeiro há grande abundância, embora se encontre durante o ano todo. Prefere também solo esteril e arenoso, porém, se á areia fôr misturado estrume curtido, vem melhor e produz frutos de pêso enorme".

Na 2ª ed. PISO descreve esta planta de acôrdo com o texto de MARCGRAVE, dando-lhe outra redação e, em seguida, as propriedades medicinais.

IND. TERAP.: MARCGRAVE já aludiu ao fato que as sementes são empregadas entre os remédios meio-frios. Segundo PISO, as sementes da melancia e, bem assim, das abóboras e pepinos, são utilizadas para emulsões refrigerantes. Os frutos, isto é, as melancias PISO recomenda aos doentes de febre (P.1:17) e aos escorbúticos (P.1:24). Afirma também que fazem doces da melancia que seriam refrigerantes, da mesma forma como a fruta fresca.

Depois de ter descrito a melancia MARCGRAVE fala de duas outras plantas, cujo fruto é comido cru como antepasto nas mesas dos portugueses. Uma delas é o “melão” (Vide: Cucumis melo L.). Da outra ele escreve: “Há outro ainda com carne verde, semelhante ao primeiro em tudo, excetuando a carne que é completamente verde e de paladar melhor”.

NOTA: Esta planta é, sem dúvida, nada mais que a “melancia” de carne verde como prova a semelhança com a primeira. Há na verdade melancia de carne amarela ou toda branca por dentro. Esta última chamam na Bahia “melancia do céu” segundo informação de D. ELISA PIRAJÁ.

COGNIAUX (31) identificar a planta marcgraviana e pisoniana com a Citrullus vulgaris.

Cucumis anguria L., Sp. Pl. 1011.1753.

N.v.: Guarerua-oba (P.2)

N.v.m.: “Maxixe”

Lit.: M:44 (Cucumis silvestres Brasiliae). L.1, Cap.21.

**P.2:264 (In omni terra arenosa sitiensi). L.4, Cap.67, Fig.264, segunda (errada).**

MARCGRAVE chama e classifica ao “Maxixe” de Cucumis silvestres do Brasil e escreve sobre esta planta: “O “pepino silvestre” do Brasil rasteja sobre o chão com seu caule sarmentoso, tendo folhas isoladas e longepedunculadas, cada uma dividida em três lacínias, denteadas no contorno e hirsutas. A flor é amarela; o fruto é do tamanho de ovo de galinha, elíptico, com tubérculos agudos na periferia e pálido quando maduro. Possui internamente muitas sementes brancas e dispostas transversalmente; é comestível”.

PISO chama esta planta na 2ª ed. de “Guarerua-oba” ou Cucumis asininus e descreve-a *ipsis verbis* como MARCGRAVE, entretanto, atribue-lhe virtudes que não tem e apresenta uma estampa errada.

NOTA: PISO afirma ter o “maxixe” suco amargo, purgativo e antihidrópico. Ora, sendo comestível e constituindo um prato muito comum no Nordeste, fazendo parte dos guizados ou preparado em salada à maneira dos pepinos, não pode ter essas más propriedades e, de fato, não é amargo nem purgativo.

PISO estava equivocado e, parece que não conhecia a planta e por isso confunde-se com outra semelhante da Europa (Momordica elaterium L.) que fornece o Elaterium das farmácias. A estampa também não é nada mais que a adaptação da planta européia, pois, na referida estampa, os frutos são hirsutos e as folhas cordiforme e lobadas e, além disto, providas de gavinhas.

COGNIAUX (31) identifica a planta marcgraviana e pisoniana com a espécie supra. Item CAMINHÓA (18).

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 3356.

Cucumis melo L., Sp. Pl. 1011.1753.

N.v.m.: “Melão”

Lit.: M:22 (Reperitur et hic Melo). L.1, Cap.11.

Das duas plantas que MARCGRAVE descreveu, logo em seguida à melancia, uma delas é o nosso “melão” que se come cru, como escreve nas linhas que seguem. “Encontra-se aqui também um “melão” semelhante aos nossos, porém, quase sempre maior, com carne verde e semente branca. São reputados mais saudáveis do que os nossos e os portugueses comem-nos quase sempre antes do almoço ou jantar”.

NOTA: Dentre as variedades são somente as “Cantalupas” que possuem carne verde muito saborosa.

Já ANCHIETA (5) gabou os melões de Pernambuco e que havia “muitos melões; e da terra e da Guiné há muitas abóbora e favas que são melhores que as de Portugal”.

Cucurbita pepo L., Sp. Pl. 1010.1753.

N.v.: Bóbora (M, P.2), Cucurbita maior (P.1:17), Ieruá (P.2), Iurum (M, P.2).

M.v.m.: “Abóbora de porco”, “Geremú”, “Jeremú”

Lit.: M:44 (Iurumu Brasiliensibus). L.1, Cap.21, Fig.44, primeira.

P.2:264 (Prima et optima est lurumu). L.4, Cap.67, Fig.264, primeira.

MARCGRAVE descreve assim esta planta cultivada: “O “lurumu” dos Brasilienses, a “Bóbora” dos portugueses e “Pompoen” dos Belgas. Tem fôlhas semelhantes quase às dos nossos melões e também flor amarela, formada por cinco pétalas. O fruto é grande, orbicular, comprimido, estriado, de côr de zinábrio por fóra misturado com muito branco, e dentro de côr de açafão, sementes também brancas iguaes às dos nossos. O fruto cozido ou assado nas cinzas tem bom sabor”.

PISO segue na 2ª ed. a descrição de MARCGRAVE, porém, na intenção de dar diagnose mais completa compromete quase a espécie. Assim diz que as fôlhas são semelhantes às das “abóboras silvestres” da Europa, deixando-se guiar certamente pela estampa primitiva e inexata, e afirma ser o pericarpo muito delgado, o que também não é verdade.

USOS: Sôbre a utilidade desta planta PISO afirma que os habitantes comiam os frutos misturados com leite, especialmente no Rio Grande do Norte, que é a terra dos “geremus”).

NOTA: Em Pernambuco distinguem diversas variedades com frutos de formas as mais variadas: globulosas, oblongas, lisas, ásperas, com e sem pescoço, achatadas etc. – P.ex. = O “Geremú caboclo” tem fruto achatado, é verde ou branco-amarelado, com regos longitudinais, côncavo na extremidade e carne amarelada. À êste talvez se possa comparar o “lerua” de PISO que significa boca larga, devido ao ápice côncavo. – O “geremú” de leite” tem fôlhas e frutos maculadas de branco sôbre fundo verde e carne açafroada. Dêste há diversas formas, umas oblongas e outras com pescoço. Parece ser esta a espécie de MARCGRAVE, pois, “lurumú” significa “Pescoço apertado”. – O “Geremú jandaia” tem fruto globuloso amarelo e carne encarnada de côr carregada. – O “Geremú jacaré” tem fruto com asperezas como o couro de jacaré.

O “geremú” é a única espécie da abóbora cultivada no Nordeste, e não se conhece a “abóbora grande”, abóbora-menina”, “abóbora-gigante”. Cucurbirta maxima Duch. nem a “abóbora cheirosa” (= Cucurbita moschata Duch).

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 811.

Fevillea trilobata L., Sp. Pl. 1014.1753.

N.v.: Ghandiroba (M), landiroba (LAET 43), Nhandiroba (M, P.2).

N.v.m.: Nhamdiroba

Lit.: M:46 (Ghandiroba vel Nhamdiroba). L.1, Cap.22, Fig.46, segunda.

P.2:259 (Hederae scandentis species). L.4, Cap.66, Fig.259.

MARCGRAVE diz: “A “Ghandiroba” ou “Nhandiroba” dos Brasilienses. É uma espécie de erva escandente que trepa á maneira de “era”, mais ou menos redondas e quase acabando em três ângulos, com quatro dedos de comprimento e outro tanto de largura, verde-glabras, brilhantes. Tem flores pequenas, amarelo-pálidas, formadas de quatro (?) pétalas. Sucede o fruto redondo, verde, brilhante como na “Murucuja”, de tamanho de maçã maior, tendo em cima um círculo quase esculpido e, no centro três linhas que se tocam numa extremidade formando entre si ângulos obtusos. O fruto cortado ao longo aparece ôco, sendo o pericarpo igual em grossura à de “Murucuja”, formado de duas substâncias, a saber, por fora uma camada lenhosa de grossura exigua e a de dentro esponjosa, succulenta e branca. A cavidade do fruto é dividida no meio em três lóculos por meio de septos à maneira da noz de “nogueira e encerra em cada lóculo quatro (ao todo doze) sementes mais ou menos circulares, clipeadas, bastante grossas, de tamanho de uma pataca, dispostas em ordem, mais finas na periferia e mais grossas para o meio. Cada uma dessas sementes é coberta primeiramente por uma membrana, como na uva, provida de pontos ou protuberâncias escuras e, removendo esta, aparece um tegumento lenhosa fusco, frágil como a casca de ovo, e denteado na margem. Quebrando essa casca (i.e. a testa) aparece branco por dentro e encerra uma amêndoa oleaginosa branco-amarelada, coberta por uma membrana. Dessa amêndoa os Brasilienses preparam um azeite que empregam nas lamparinas, pois, é muito claro e bom e se consome lentamente, mas não se pode usá-lo nas comidas, porque é amargo como aliás todo o fruto”.

A estampa é péssima. PISO adota a descrição de MARCGRAVE embora modificada, na 2ª ed., e dá os usos seguintes na medicina.

IND. TERAP.: Sendo o azeite quente, é utilizado para mitigar as dores originadas pelo frio.

PISO lembra-se ter tido na sua clínica alguns casos que lhe permiriam curar o reumatismo mediante fricções com êsse azeite. (Parece que PISO tirou isto de LAET (43)).

NOTA: LINEU (74), AUBLET (10) e DE CANDOLLE (25) reconheceram essa planta marcgraviana e deram-lhe o nome supra.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 524.

Lagenaria vulgaris Seringe, Mém. Soc. Ph. Genève. 3(1):25.1825.

N.v.: Taquéra (P.2).

N.v.m.: “Cabaça”, “Cabaceiro amargoso”, “Cabaço”, “Purunga”.

Lit.: M:44 (Reperitur hic quoque Cucurbita legeneae forma). L.1, Cap.21.

P.2:264 (Tertia Taquéra dicta). L.4, Cap.67.

MARCGRAVE refere-se a esta planta num trecho anexo ao “Iurumu” e sobre ela escreve o seguinte: “Encontra-se aqui também uma abóbora com forma de bilha. Esta planta tem folhas semelhantes às das outras espécies, flor branca, grande, formada de cinco pétalas, mais ou menos redonda e, no meio, estames curtos e amarelados. A somente do fruto é pálida, comprimida, quase bicorne são características para esta espécie.

PISO completa, na 2ª ed. a descrição de MARCGRAVE que adota chamado a planta de “Taquéra” e, em seguida, acrescenta os usos domésticos e medicinais do fruto.

USOS: PISO conta que o fruto tem casca dura e polpa de sabor doce, nutritiva e refrigerante, porém, não se deve ingeri-la crua por ser indigesta, mas em forma de doce.

IND. TERAP.: O doce de “cabaço” é porém, principalmente um alimento meicamentoso, diz PISO. Entretanto não quis revelar, essas propriedades medicinais. Parece que é apenas refrigerante, e isso só enquanto o fruto é muito novo, pois, segundo PIO CORRÊA (22), a polpa do fruto maduro é amarga, purgativa e drástica e serve para cataplasmas; é um remédio perigoso.

PISO não fala no uso dos “cabaços” e “cabaças” como vasilhames, entretanto, lembra que os médicos indígenas usaram de “cabaços” pequenos (cucurbitulis) como ventosas para produzir sangrias, chupando com a boca (P.1:7). No Nordeste chamam as variedades oblongas, piriformes e com gargalo de “Cabaço” e as formas largas e chatas de “Cabaça”, servindo as variedades da primeira forma como bilhas, cuias e recipientes para chumbo de caça e os frutos da forma larga para cuias e bacias.

NOTA: COGNIAUX (31) relaciona a “Taquéra” de PISO e a planta marcgraviana com esta espécie.

Material ex.: Pernambuco – Gravatá – Pickel 1121.

Sicana odorifera (Vell.) Naud., Ann.Sc.Nat. sér. 4.(18):181.1862.

N.v.: Curuba (M, P.2) Curuá (P.2)

N.v.m.: “Cruá”, “Melão de caboclo”.

Lit.: M:21 (Curuba Brasiliensibus). L.1, Cap.11.

P.2:262 (Curuá vel ut aliis placet, curubá). L.4, Cap.67, Fig.262.

MARCGRAVE descreve: o “Cruá” da forma seguinte: “A “Curuba” dos Brazilianos é uma espécie de “abóbora”. (Na germinação a semente) deixa sair primeiramente duas folhas à maneira do pepino, opostas e de um dedo de comprimento, com forma de língua, de cujo meio sai um caule sarmentoso, reptando no chão ou escandente à maneira das “abóboras” segurando-se com suas gavinhas. Tem folhas alternas à maneira do “pepino”, cada qual com pecíolo comprido, divididas em lacínias, hirsutas em baixo, como também o caule e o pecíolo, esbranquiçadas, verdes e glabras em cima. O caule torna-se glabro com o tempo, estriado e verde, serpeia longe e engendra sempre na distância de meio pé um pecíolo de três ou quatro dedos de comprimento, um tanto curvo que traz uma folha (i.e., limbo!) glabra ao tato, verde, luzidia, semicircular, com sete ou oito ângulos nos bordos e seis ou sete dedos de comprimento e outro tanto de largo ou mais. Perto do pecíolo de cada folha sai uma gavinha comprida e enroscada que se agarra com espirais apertados nas árvores vizinhas ou aos seus tutores. Por entre as folhas nascem flores cá e lá nos respetivos pedicelos sendo o botão um corpúsculo cônico verde-amarelado abrindo em cinco sépalas verde-amareladas e reflexas; desse corpúsculo desabrocha uma flor grande, de pétalas grossas, glabras por fora e hirsutas por dentro, amarelo-claras e providas por fóra de linhas ou estrias esverdeadas longitudinais, de mais de um dedo e meio de altura, de uma só pétala, porém, dividida além da metade em cinco lacínias elípticas, em cima, e tendo no meio, um corpúsculo redondo, de cor amarela, do tamanho de uma avelã com o aspeto de tripas de novilha e consta de três partes separáveis (os estames!). O fruto tem o comprimento de cerca de quinze dedos e a grossura de onze, epicarpo liso como a



bóbora, mas rubro-purpúreo. A polpa é tirante a amarelo, de cheiro ácido-doce como pêras agrestes, mas de sabor desagradável e, por isso, não se come. Encerra muitas sementes, de forma e tamanho da semente de abóbora, porém, na superfície externa é pontuada com pontos fuscos sobre fundo amarelo-escuro”. (MARCGRAVE só fez a descrição da flor masculina).

Na 2ª ed. PISO redescrive a planta apoiado no texto de MARCGRAVE e fornece uma estampa que tem frutos longos e curvos. Ao contrário do seu colega afirma ser o “Cruá” comestível e refrigerante. Os frutos muito aromáticos são colocados nas malas durante meses, afim de aromatizar a roupa. Sendo a polpa refrigerante e aquosa dá-se aos doentes de febre.

NOTA: COGNIAUX (31) e CAMINHOÁ (18) identificam a planta de MARCGRAVE e PISO como nós.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 470.

-----

### Família CAMPANULACEAE

Centropogon cornatus (L.) Druce, Rep.Bot.Club.Brit.Isles 3:416.1914.

Lit.: M:14 (Planta trium pedum altitudinem). L.1, Cap.8.

MARCGRAVE escreve sobre esta erva da mata: “A planta adquire a altura de três pés e emite muitos caules da mesma raiz; êles são grossos, medulosos por dentro, fuscos de um lado e verdes do outro, gerando ramúsculos e fôlhas alternas, com seis, sete ou oito dedos de comprimento, verde-claras, acuminadas, luzidias, um pouco rugosas, serreadas nos bordos, com dentes minúsculos. As flores nascem em pedicelos de dois dedos de comprimento, com forma de trombeta de caçador, de mais de dois dedos de comprimento, e exímia côr rubra, internamente ôcas, saindo do tubo um estame (i.e., o pistilo!) encarnado-esbranquiçado com ápice grande, fusco e provido de pêlos brancos. Depois das flores seguem frutos redondos, estriados como os “pomos de amor” (tomates), com septos internos como nas cápsulas de Papaver e encerrando também somente pequenina e fusca”.

NOTA: É planta do subosque das matas úmidas. A flor é atrativa, de maneira que chamou a atenção de MARCGRAVE.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 449.

-----

### Família GOODENIACEAE

Scaevola plumierii Vahl, Symb. Bot. 2:36.1791.

N.v.m.: “Cereja da praia”, “Mangue da praia”.

Lit.: M:13 (Na sempervivum marinum bacciferum?). L.1, Cap.8, Fig.13, segunda.

O trecho referente a esta planta é epigrafado: “Sempervivum marinum bacciferum”. MARCGRAVE descreve-a dizendo: “Elevam-se, á altura de um pé e meio ou mais, muitos caules da grossura de um dedo, lenhosos, frágeis, roliços, guarnecidos de fôlhas, do mesmo modo como acontece na “couve” ou, melhor, na Portulaca; elas são bem verdes, espessas, suculentas, com forma semelhante às de Portulaca, porém, muito maiores igualando as da “Acetosa grande”. Por entre as fôlhas nascem em pedúnculos isolados flores formadas de cinco pétalas, serreados de um lado nos bordos, de côr branca e de forma como nos “cravos”.

Às flores sucedem bagas do tamanho de azeitonas, pretas, brilhantes, suculentas, tendo muita carne à maneira de cerejas pretas e, no meio, um caroço como na ameixa, porém, de nenhum aproveitamento entre os habitantes.

A raiz é comprida e reta, tendo num dos lados uma barba de muitas radícelas filamentosas, é lenhosa e albicante, porém, internamente amarelada”.

NOTA: Esta planta é um arbusto de beira-mar. A descrição é muito bem feita. Faltava dizer só que as flores parecem-se com a mão com seus cinco dedos de estendidos e divaricados. A estampa é muito fiel e mostra esse detalhe da flor.

Material ex.: Pernambuco – Prazeres – Pickel 2983.

-----

### Família COMPOSITAE

Ageratum conyzoides L., Sp.Pl.839.1753.

N.v.: Camara lápo (M, P.2), Mentastro (M, P.1:33).

N.v.m.: "Catinga de bode", "Erva de S. João, "Mentastro".

Lit.: M:25 (Camara lapo Brasiliensibus). L.1, Cap.12, Fig.25, segunda.

P.2:218 (Si ulla in campis). L.4, Cap.4, Fig.218, primeira.

MARCGRAVE tem o seguinte: "Camara lapo", dos Brasilianos, a Mentha corimbifera de CORDUS, a Balsamia das farmácias, "Erva de Santa Maria", Mentha graeca de MATHIOLUS e "Mentastro" dos portugueses. Ela eleva-se á altura de um dois pés, tem caule roliço arruivado e hirsuto, com pêlos moles. As fôlhas são hirsutas, em baixo quase incanas, acuminadas, largas, serreadas nos bordos, da forma das fôlhas da "urtiga menor". As fôlhas ficam na base dos ramos em seus pecíolos respetivos e são opostas, tendo anexas ainda algumas pequenas (os brôtos axilares!). Na extremidade dos ramúsculos, especialmente nos da ponta do caule, originam-se muitos pedúnculos que trazem umbelas de flores á maneira de Tanacetum que constam méramente de muitos estamínulos, de côr mixta de um branco leitoso e azul claro. Produz semente preta, oblonga, exígua que vâa mediante seu papilho após a maturação. Floresce todo o ano; o cheiro da planta é como do "Menstrato", porém, mais forte e o sabor amargoso. É quente e sêca. A raiz é delicada e provida com muitas radicelas".

LAET, numa anotação, traz-nos os resultados de seu estudo comparativo a respeito das citações que MARCGRAVE aduziu e chega a conclusão que a planta de MATHIOLO não concorda com a de MARCGRAVE.

PISO, ao contrário, afirma na 2ª ed.que é de tal modo congênere com a Mentha europea que quase não se afasta dela. Ele chama-a Mentastrum americanum, mas de resto, o texto é idêntico ao de seu colega. Sômente as aplicações medicinais escreve:

IND. TERAP.: O "Menstrato" é consagrado aos mesmos usos como a "hortelã" e, como tal muito estimada pelos habitantes, pois, tendo um óleo volátil e aromático serve para preparar xaropes e eletuários cordiais e antifatulentos, peitorais e estomacais. É usado contra a diarréia e as febres, em banhos (P.1:33).

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 2023.

Bidens riparius H.B.K., Nov. Gen. & Sp. 4:236.1817.

N.v.: Cuambú (P.2)

N.v.m.: "Picão", "Fura-capá"

Lit.: M:45 (Caryophyllata herba). L.1, Cap.22, Fig.46, primeira.

P.2:208 (Ubique in litoralibus campis). L.4, Cap.44, fig.209.

MARCGRAVE chama ao "Picão" de "Erva cariofilada" devido ao cheiro de cravos e descreve-a como segue: "O caule eleva-se a três pés ou mais de altura, tendo em cada nó dois ramos opostos e, da mesma forma, duas fôlhas que medem como o pecíolo quatro dedos de comprimento (sendo as de cima mais estreitas), (mais curtas?!), e são cortadas em cinco outras menores (que são os folíolos!), a saber os dois primeiros pares opostos e a quinta na extremidade. As fôlhas são denteadas nos bordos e verde-claras. Nas pontas dos ramos nasce isoladamente uma flor amarelada, semelhante à de Tormentilla (hoje: Potentilla t.), formada de cinco lígulas estreitas que tem muitas brácteas verdes subjacentes, (i.e., o do invólucro!). Depois das flores sucede um capítulo redondo e hispido, com sementes oblongas e forma aproximada a êsses páus armados de pregos de ferro, os quais se usa cêrcas. A raiz tem muitas racicelas filamentosas e lembra no cheiro aos cravos donde mereceu (por mim) ser chamada "Caryophyllata".

PISO chama-a esta planta na 2ª ed. de “Cuambú” ou “Caryophyllata”, mas o texto é mais ou menos o mesmo de MARCGRAVE. Ele afirma que a Caryophyllata européa é igual à brasiliense, diferindo apenas na forma das fôlhas, motivo porque deu à última o mesmo nome. (Ora, a Caryophyllata dos antigos é uma espécie de Geum, das Rosaceae e, portanto, êsse juízo de PISO está errado. Irrita a petulância de PISO quando atribue a si a autoria da espécie e do nome que lhe foi imposto por MARCGRAVE. Duvidamos que tenha conhecido a planta brasílica, pois, ela não é do litoral, como escreve. Todavia vejamos quais, segundo êle, são as virtudes terapêuticas).

IND. TERAP.: A planta é quente e sêca em grau intenso e tem propriedades atenuantes, abstergentes e astringentes, motivo porque é usada para tonificar o trato intestinal e eliminar os humores viscosos.

NOTA: Esta erva é frequente no Interior do Nordeste, mas não consta ser medicinal. Por causa de seus aquênios e espinhos que se apegam à roupa e à lã dos carneiros torna-se muito temida e execrável, como o “carrapicho” e os “amores de vaqueiro”.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 770, 785.

Centratherum punctatum Cass., Dict. Sc. Nat. 7:384.1826-1834.

Lit.: M:49 (Planta haec). L.1, Cap.23, Fig.49, segunda.

“Esta planta, escreve MARCGRAVE, produz de uma raiz flexível e provida de poucas radículas fibrosas uns caules tênues, roliços, verdes na parte basal e arruivados na superior, deitados em parte no chão e parcialmente levantados. Os caules têm muitos ramúsculos sem ordem, com fôlhas pequenas, oblongas, igualmente sem ordem, serreadas e aproximadas à maneira de Verbena. Da extremidade do caule nasce a flor, constando de um capítulo mais ou menos prateado e estamínulos ruivos e azul-purpúreos, com cheiro de violeta, porém, mais fraco”.

NOTA: A planta marcgraviana é sem duvida a espécie indicada, embora não existam exemplares deitados no chão. Todavia pode ser que, em terras férteis, atingindo grande altura (que MARCGRAVE não menciona, ao contrário de que sempre faz) sejam forçados de apoiar-se na terra por terem ramos fracos que saem logo em cima do chão. Os antódios têm invólucro formado de escamas esbranquiçadas na margem. Os estamínulos são as próprias flores. A planta é muito aromática, mas não consta haver uso. A estampa é péssima, pois as fôlhas não apresentavam vestígio de dentes. LAET não menciona o autor do desenho.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 488.

Ecclipta alba (L.) Hassk., Pl.Javan.Rar.528.1848.

N.v.: Anil (M)

N.v.m.: “Erva de botão”, “Lanceta”.

Lit.: M:7 (Planta ex radice brevi). L.1, Cap.5.

P.2:199 (Datur et alia species). L.4, Cap.39, Fig.199.

Ao tratar das plantas que dão anil, MARCGRAVE escreve que além de Indigofera microcarpa:

“Existe outra espécie. Eleva-se ela à altura de dois ou mais pés com seu caule roliço, geniculado, flexível, suculento e quase esponjoso ou como uma cana, verde e resvestido com pêlos curtíssimos e arruivdos. Dos nós do caule e bem assim dos ramos saem fôlhas sêsseis, sempre opostas, com três ou quatro dedos de comprimento, estreitas e verdes como as de Lysimachia e providas de pêlos brancos e curtos em ambas as páginas e um pouco ao tato. Nos mesmos nós, onde estão as fôlhas, encontram-se aqui e acolá também dois pedicelos juxapostos, eretos, de dois ou três dedos de comprimento sustentando em cima uma flor branca, circular, do tamanho de Bellis, rodeada de lígulas pequenas e brancas e, no umbigo estamínulos brancos. A raiz um pouco curva tem meio pé ou pouco mais de comprimento e radículas em pequena quantidade; é flexível, lenhosa e coberta de uma casca escura que se deixa esfolar. A planta toda com sua raiz é suculenta e, quebrando o caule ou a raiz, brota logo um suco de côr azul.

Fazem dela anil, pisando simplesmente a erva inteira e adicionando água; deixa-se decantar e depois extrae e seca-se ao sol aquilo que de depositou no fundo.

Vale tanto ouro quanto pesa”.

LAET acrescenta a descrição de uma terceira planta, mexicana, da pena de XIMENES que também produz anil, porém, é diversa de marcgraviana.

PISO descreve a mesma planta na 2ª ed. mas reproduz apenas o texto de MARCGRAVE. Com redação diferente e, parece, até que é tão somente a descrição da estampa.

PISO atribue a essa planta também virtudes purificadoras no tratamento de úlceras.

MARCGRAVE descreve à pag. 7, uma planta que, após estudo minucioso, julgamos ser dêsse trecho. “A planta emite uma raiz curta provida de muitas radículas filamentosas, nove ou dez caules roliços, ruivos, de um ou dois pés de altura que possuem folhas opostas, com forma das de “salgueiro”. Na sumidade dos caules e ramos nascem flores brancas inseridas em pedúnculos longos de quatro dedos de comprimento mais ou menos, interiormente semelhantes às flores de Tanacetum, porém, mal alcançando a sexta parte. Encontram-se sempre juxtapostos dois flósculos, mas isolados em seu respectivo pedúnculo em cada caule e ramúsculo. O caule é flexível e succulento”.

NOTA: A dificuldade em identificar esta planta está nos antódios que MARCGRAVE compara com os de Tanacetum. Ora, este gênero não tem flores radiadas como Ecclipta e, portanto, a comparação não procede. Entretanto, antes de LINEU designava-se com êsse nome não só as espécies de Tanacetum, mas também algumas dos gêneros Tagetes, Cotula e Chrysanthemum. Os dois primeiros são exóticos, logo fica além de Tanacetum só Chrysanthemum, com cujos antódios MARCGRAVE podia fazer comparação. Efetivamente as inflorescências de Ecclipta têm a sexta parte mais ou menos das de Chrysanthemum, e esta planta é comum na Turingia e Saxonia, pátria de MARCGRAVE.

Assim, sendo o nosso autor descreveu duas vezes a mesma planta.

Esta erva tem distribuição geográfica muito grande no Brasil e encontra-se por toda parte como joio. Quebrando ou esmagando o caule carnoso, o suco abundante toma, de fato, a côr azul dentro de poucos minutos, como cada um pode verificar pessoalmente. BAKER (31) aliás confirma êste fato e diz ser usada a planta contra a mordedura de cobras.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 495.

Elephantopus scaber L. var. tomentosus Sch. Bip. ex. Baker, Fl. Bras. 6(2):173.1873.

N.v.: Erva de fígado (P.1 e P.2), Língua de vaca (P.1 e P.2), Tapyrapecú (P.1 e P.2)

N.v.m.: “Erva do colégio”, “Fumo bravo”, “Língua de vaca”.

Lit.: P.1:112 (De Tapyra pecu, sive Erva de fígado, ejusque facultatibus). L.4, Cap.84.

P.2:182 (Tapirapecú, Sonchi laevis species). L.4, Cap.32.

PISO escreve na 1ª ed. um capítulo inteiro sôbre a “Tapyrapecú” ou “Erva do fígado” e suas virtudes”. Na 2ª ed., emenda bastantemente os conceitos anunciados anteriormente e, ao mesmo tempo, carateriza melhor a planta, de maneira que preferimos dar a versão da 2ª ed. que é a seguinte:

“Tapirapecú”, casta de Sonchus laevis. Todos os habitantes, adventícios e indígenas, estão de acôrdo a respeito das qualidades desta erva tão nobre, embora discordem quanto ao nome, que êste ou aquêle campônio português lhe dá a bel prazer, levado pelo aspeto ou utilidade dela, chamando-a alguns bastante imprópriamente de “Língua de vaca”, isto é Buglossa, e outros “Erva do fígado” mais apropriadamente, porque ao meu vêr, esta “Tapirapecú” dos Brasilienses deve ser incluída as Jecorárias e Cichoriaceas, primeiro porque é um remédio especial contra as opilações do fígado e baço, e segundo, porque se pode comparar com elas pelo seu hábito e aspeto, embora seja algo diferente das européias por causa da natureza dêste sólo, como se depreende da descrição, pois, infelizmente perdi o desenho devido as peripécias da viagem. Em terra fértil, principalmente, esta planta nasce espontâneamente desconhecida de ninguém, nem pelo aspeto nem pela sua utilidade, que tem quase sempre um só caule e se eleva á altura maior que uma perna. Têm folhas denteadas, oblongas, estreitas (estreitadas quase em forma piramidal, como afirma na 1ª ed.), por dentro verde-claras e lanuginosas, contando em direção da extremidade com folhas estreitíssimas e flores pequenas e brancas. Estas murcham logo escapando ao depois os papilhos que se espalham ao sôpro mais leve”.

Na 1ª ed. PISO chamou esta planta também “Rabo de raposa”, nome êsse que eliminou na 2ª ed., porque se relaciona com planta diferente.

PISO fala também das virtudes medicinais que são as seguintes.

IND. TERAP.: A planta toda, inclusive as raízes, é usada em decocto na desobstruição do fígado e do baço (P.1:24). Na 1ª ed. atribue-lhe também virtudes vulnerárias, abstergentes, aperientes e refrigerantes sendo talvez bastante apreciada pela classe médica.

NOTA: Esta erva é mais comum nas matas, onde ocupa as clareiras, mas aparece também em campo aberto preferindo os lugares planos e frescos.

A respeito da identidade desta planta é necessário dizer que PISO acrescentou na 2ª ed. que as folhas são lanuginosas, enquanto na 1ª ed., dissera que eram moles. Pois, bem, nem uma nem outra afirmação são exatas, pois, as folhas são ásperas e, se bem que sejam acinzentadas, isso resulta dos pêlos curtos, tomentosos, mas não lanuginosas.

A respeito da identidade desta planta é necessário dizer que PISO acrescentou na 2ª ed. que as folhas são lanuginosas, enquanto são exatas, pois, as folhas são ásperas e, se bem que sejam acinzentadas, isso resulta dos pêlos curtos, tomentosos, mas não lanuginosas.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 496, 3347.

Erigeron linifolius Willd., Sp.Pl.3a. Ed.1955.1764.

N.v.: Caaetimay (M)

Lit.: M:26 (Caaetimay Brasiliensibus). L.1, Cap.13.

MARCGRAVE escreve: “A “Caaetimay” dos Brasilianos é uma erva que cresce até três pés de altura, tem caule verde, meduloso por dentro que é circundado desde a base por numerosas folhas, de quatro dedos de comprimento, estreitas, incisadas nos bordos, molemente hirsutas (como também o caule) e um tanto incanas devido a essa lanugem macia. O caule expande-se em cima em quatro, cinco, seis ou sete ramos e reveste-se com folhas pequenas semelhantes na forma às do “Hisopo”; nos ramúsculos traz flores pequenas em grande número, semelhante às de Senecio, amarelo-pálidas que se transformam em papilhos e são disseminados pelo vento. As folhas desta planta tem sabor acre e quente que cozidas e pisadas servem como linimento para curar a sarna qualquer parte do corpo”.

NOTA: Esta erva alta é freqüente nos campos cultivados e incultos de Pernambuco. É um joio. Não consta nada sobre o uso medicinal, nos tempos modernos.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 487.

Gnaphalium indicum L., Sp.Pl.852.1753.

N.v.: Erva lanuginosa (P.2)

N.v.m.: Erva de aranha

Lit.: M:31 (Planta). L.1, Cap.15, Fig.31, Segunda-feira.

P.2:244 (Nobilis haec odorifera planta). L.4, Cap.59, Fig.244, Segunda-feira

MARCGRAVE escreve: “A planta eleva-se á altura de meio ou um pé, tem caule roliço, verde-esbranquiçado, lanuginoso, quase como lhe aderisse algodão. Tem muitos ramúsculos compridos cá e lá desde o chão, e folhas isoladas, de tamanho desigual, algumas com três, dois ou, também, um dedo de comprimento, com bordos crespos e com forma quase como as de Senecio.”

Na extremidade do caule e dos ramúsculos nascem flores em espiga, pequeninas, luzidias, prateado-amareladas, de forma mais ou menos das de “Losna”. Depois das flores remanecem estrêlas pequenas, brilhantes e prateadas. A raiz é composta de finas radículas filamentosas. Toda a planta é encontrada sempre quase revestida de algodão. Tem cheiro particular, mais ou menos como a Dictramus cetica. As folhas frescas pisadas e colocadas sobre as feridas curam as picadas dos pernilongos e moscas”.

Na 2ª ed. PISO adota o texto de MARCGRAVE, alterando porém a diagnose dizendo que tem apenas um ou outro ramúsculo e que as folhas ora são opostas, ora solitárias. Descreve a planta evidentemente pela estampa, interpretando mal a estampa. Chama esta planta “erva lanuginosa” e faz dela uma planta nobre e odorífera que, devido a seu insigne sabor e cheiro aromático, promete muito para a medicina, motivo porque a quis tomar conhecida às gerações vindouras, para que indagassem melhor as suas qualidades.

NOTA: Esta erva é abundante em Pernambuco na Zona da mata após as chuvas e é realmente notável pelos fios brancos que cobrem toda a planta. Não consta nada sobre o uso medicinal.

Não é a mesma “erva lanuginosa” da 1ª ed. pag.113 (L.4, Cap.85), embora tenha o mesmo nome ou então a estampa e a descrição estão erradas.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 478.

Melampodium divaricatum (L.C. Rich) DC., Prodr. 5:520.1836.

N.v.m.: Botão de ouro.

Lit.: M:45 (*Conyza inodorata*). L.1, Cap.21.

MARCGRAVE escreve: "*Conyza inodorata*. Ascende á altura de um pé e meio, com caule ôco, roliço, levemente hirsuto e provido de sub-ramúsculos opostos. Na base dos ramúsculos e dos nós tem duas, três ou quatro fôlhas opostas ou juntas (que são os brotos axilares?), moles, oblongas, uma maior que a outra, verde-claras, não serreadas, porém, acuminadas.

Na inserção das fôlhas saem pedicelos de dois ou três dedos e levam um flósculo amarelado, com corpo oval e amarelo no meio da flor; o tamanho da flor é como a da "camomila", porém, completamente inodora".

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 480.

*Spilanthes acmella* Murr., Syst. 13a. Ed. 610.1781.

N.v.m.: "Agrião do Pará", "Agrião".

Lit.: M:44 (Herba). L.1, Cap.21, Fig.44, segunda.

MARCGRAVE escreve: "A erva eleva-se a dois ou também três pés de altura, tem caules roliço, geniculado, arroxeados e um tanto piloso. Dos nós emite ramúsculos e fôlhas sempre opostas, curtopeciadas de cinco ou seis dedos de comprimento, algumas vezes serreadas grosseiramente e ás vezes também inteiras.

Da extremidade dos ramúsculos nascem flores solitárias de côr amarela, formadas de um umbigo cônico e, na periferia dêle, cinco lígulas pequeninas e amarelas.

A raiz é muito tenra. A flor esmagada tem cheiro suave quase como a "camomilla".

NOTA: Esta planta é freqüente nos solos do Interior de Pernambuco, porém, só raramente atinge a altura indicada.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 481, 976.

*Vernonia scabra* Pers., Syn. 2:404.1808.

N.v.: Tremae (P.2), Tremate (M).

Lit.: M:61 (Tremate Brasiliensibus). L.2, Cap.2.

M:81 (Tremate Brasiliensibus). L.2, Cap.15, Fig.81, primeira.

P.2:176 (Frutex arborescens Tremae). L.4, Cap.29, Fig.176.

MARCGRAVE descreveu duas vezes êste arbusto, usando quase a mesma diagnose. Seguimos na tradução a versão da página 81 que é um pouco mais completa, onde se diz: "A "Trematê" dos Brasilienses é um arbusto arborescente semelhante no porte à "romanzeira". Tem casca de "sabugueiro" e lenho branco com medula. As fôlhas são verde-escuras, pequenas, isto é, um dedo e meio de comprimento e aderindo sem pecíolo aos ramos traz muitas umbelas grandes com flores amareladas, ás quais é misturado algo purpúreo, e no, muitos estamínulos amarelados como nas flores de *Hieracium* e desfazendo-se da mesma forma em papilhos; lembram exatamente o cheiro do "Estoraque", e da mesma forma as fôlhas esmagadas. Depois das flores sucede nesses capítulos de papilhos a semente pequenina, redonda, preta e muito menor que a de *Papaver*.

Os Brasilienses usam as fôlhas pisadas nas dores e inflamações dos olhos".

LAET mandou fazer a estampa que acompanha o texto, á mão da planta sêca do herbário de MARCGRAVE.

O trecho na 2ª ed., onde PISO denomina esta planta de "Tremae", nada mais é que a adaptação do texto de MARCGRAVE.

NOTA: BAKER (31) relaciona com razão a planta marcgraviana pag.81., com a espécie supra. Na Zona da mata em Pernambuco esta erva lenhosa é muito comum. O perfume que as flores e as fôlhas exalam é realmente notável.

Material ex. Pernambuco – Tapera – Pickel 827.

*Wedelia scaberrima* Benth., Ann. Nat.Hist. sér.1.(2):110.1839.

N.v.: Camara uuba (M, P.2).

N.v.m.: "Camará de boi".

Lit.: M:6 (Camara Uuba Brasilianis).

P.2:177 (Camara uuba). L.4, Cap.30, Fig.errada.

Ao tratar das Lantana ou “Camarás” MARCGRAVE descreve a nossa planta com o nome de “Camara uuba”, mas talvez não tenha sido êle e sim LAET que as tenha reunido no mesmo capítulo, pois, a planta é completamente diversa das Lantana. PISO também fala de uma “Camará uuba” (P.1:86) e reputando-a uma espécie de Lantana descreve-a como tendo flores rubras, de maneira que não é a nossa planta. Aliás o nome “Camara uuba” que significa “Camará amarela” se pode aplicar também a descrição de MARCGRAVE, só quadra bem com a Wedelia scaberrima que ainda hoje chamam “Camará de boi” em Pernambuco.

Muito judiciosamente adverte LAET que a estampa que acompanha o texto é de Lantana e não da espécie aqui tratada.

Sobre a nossa planta MARCGRAVE escreve: “A “Camara uuba” dos Brazilianos eleva-se a grande altura, tem caule hirsuto e nodoso. As fôlhas são também hirsutas e ásperas ao tato serreadas nos bordos, semelhantes ás fôlhas da “Urtiga”, de tamanho desigual e sempre diretamente opostas. Nas extremidades dos ramos nascem flores, do tamanho das de Bupthalmus, de côr amarelo-clara, formada por nove lígulas e, no meio, com um umbigo grande e amarelo, ao qual se acham misturados estamínulos pretos, de cheiro entre “urtiga” e “hortelã”. A planta é completamente glutinosa ao tato. Depois das flores vem a semente oblonga, enegrecida como na “Chicórea”.

LAET declara na anotação anexa ao texto de MARCGRAVE ter recebido um desenho com a epígrafe “Camara-uuba”, que julga ser de Lantana ou “Camara de flor rubra”. De fato, a estampa de que fala é a de Lantana camara. Esta confusão é talvez o motivo por ter PISO errado em interpretar a “Camara-uuba” como sendo uma Lantana e, por isso, na 2ª ed. misturados os dois textos de MARCGRAVE, ao tratar da “Camará-tinga” (M.6) fazendo de duas maius uma terceira espécie.

NOTA: O nome vulgar lembrado por MARCGRAVE significa também (Uuba-flecha), pois essa “Camara” tem caules altos e singelos que devem ter servido como flechas e hoje servem para varas dos foguetes porque são leves, linheiros e compridos.

A planta apresenta-se com aspeto variável, ora vilosa, ora apenas áspera, e por êsse motivo os exemplares de Pernambuco foram determinadas diferentemente por diversos autores, embora serem da mesma precedência.

Em Pernambuco é considerada como padrão de terra bôa.

Material ex.: Pernambuco – Tapera – Pickel 475, 3016.

\*\*\*\*\*

## LITERATURA CONSULTADA

- (1) ABBEVILLE, Claude d'  
HISTÓRIA DA MISSÃO DOS PADRES CAPUCHINHOS NA ILHA DO MARANHÃO E  
TERRAS CIRCUNVIZINHAS – S. Paulo. Livraria Martins Ed. (Tradução de Sergio  
Milliet). 1945.
- (2) ALMEIDA PINTO, Joaquim de  
DICCIONÁRIO DE BOTÂNICA BRASILEIRA – Rio de Janeiro. Tip. Preseverança. 1873.
- (3) ANAIS DA 1ª REUNIÃO SULAMERICANA DE BOTÂNICA – Rio de Janeiro. 3º vol. 1938.
- (4) ANAIS DO MUSEU PAULISTA – S. Paulo.  
1922
- (5) ANCHIETA, Padre José de  
CARTAS INÉDITAS – S. Paulo. Tip. Casa Eclectica. 1900.
- (6) ARCHIVOS DO INSTITUTO DE PESQUISAS AGRONÔMICAS. – Pernambuco.  
1938-1946.
- (7) ARCHIVOS DO JARDIM BOTÂNICO – Rio de Janeiro.  
1915 – 1947.
- (8) ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL – Rio de Janeiro. vol. 5.  
1881.
- (9) ASSIS CINTRA  
NOSSA PRIMEIRA HISTÓRIA – Cayeiras. S. Paulo. Rio. Comp. Melhoramentos. 1921.
- (10) AUBLET, M. Fusée  
HISTOIRE DES PLANTES DE LA GUIANE FRANÇOISE – Londres et Paris, Pierre Fr.  
Didot. 1775.
- (11) BARBOSA RODRIGUES, Dr. João  
HORTUS FLUMINENSIS – Rio de Janeiro. Tip. Leuzinger. 1894.
- (12) \_\_\_\_\_  
SERTUM PALMARUM – Bruxelles.
- (13) BARLEU, Gaspar  
HISTÓRIA DOS FEITOS RECENTEMENTE PRATICADOS DURANTE 8 ANOS NO  
BRASIL E NOOUTRAS PARTES SOB O GOVERNO DO ILMO. JOÃO MAURICIO DE  
NASSAU ETC. – (Tradução de Claudio Brandão). Rio de Janeiro. Serviço gráfico do  
Ministério da Educação. (Edição menor). 1940.
- (14) BOLETIM DO MUSEU GOELDI. Pará.  
1896.
- (15) BOLETIM DO MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro  
1924-1934.
- (16) BRANDÃO, Ambrósio Fernandes  
DIÁLOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL – Rio de Janeiro. Ed. Dois Mundos. 1943.
- (17) BRITTON, N.L. & ROSE, J.N.  
THE CACTACEAE – Washington. The Carnegie Inst. 2º vol. 1920.



- (18) CAMINHOÁ, Dr. Joaquim Monteiro  
ELEMENTOS DE BOTÂNICA GERAL E MÉDICA – Rio de Janeiro. Tip. Nacional.  
1877-1884.
- (19) CARDIM, P. Fernão  
TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL – Rio de Janeiro. Ed. J. Leite & Cia.  
1925.
- (20) CARVALHO, Alfredo de  
UM NATURALISTA DO SÉCULO XVII. GEORG MARKGRAF. – In: Biblioteca Exótica  
Brasileira. S.Paulo. Rio de Janeiro. Emp. Graph. Editora. 3: 304-314. 1930.
- (21) CHÁCARAS E QUINTAIS – S.Paulo. Ed. Barbiellini.  
1910-1949.
- (22) CORREA, M. Pio  
DICIONÁRIO DAS PLANTAS ÚTEIS DO BRASIL E DAS EXÓTICAS CULTIVADAS.-  
Rio de Janeiro. Imp. Nacional (2 vol.). 1926-1931.
- (23) \_\_\_\_\_  
FIBRAS TÊXTEIS E CELULOSE – Rio de Janeiro. Imp. Nacional. 1919.
- (24) DAHLGREN, B.E.  
INDEX OF AMERICAN PALMS – Chicago, Field Mus. Bot. Ser. Vol.14 Public. 355.  
1936.
- (25) DE CANDOLLE, Alphonse  
ORIGIN OF CULTIVATED PLANTS – New York. D. Appleton & C<sup>o</sup>. 1885.
- (26) \_\_\_\_\_  
REGNI VEGETABILIS SYSTEMA NATURAE – Parisiis, Treuttel et Würtz. 1818-1821.
- (27) \_\_\_\_\_  
PRODROMUS. 1824-1873.
- (28) DIAS DA ROCHA, Francisco  
BOTÂNICA MÉDICA CEARENSE- Fortaleza, Ceará. 1919.
- (29) DIE NATÜRLICHEM PFLANZENFAMILIEN. 1<sup>a</sup> Ed. Leipzig. Verlag W. Engelmann. 1906.
- (30) FREISE, Dr. Frederico W.  
PLANTAS MEDICINAIS BRASILEIRAS – S.Paulo. Bol. Agr. 1933.
- (31) FLORA BRASILIENSIS. Monachii.  
1842-1906.
- (32) GUDGER, Dr. E. W.  
GEORGE MARCGRAVE – In: Biblioteca Exótica Brasileira – S.Paulo. Rio de Janeiro.  
Imp. Graph. Editora. 1930.
- (33) GROTH, B.H.A.  
THE SWEET POTATO. In: Contr. Bot. Lab. Pennsylvania 4(1). New York. Appleton &  
C<sup>o</sup>. 1911.
- (34) HAKLUYTUS POSTHUMUS OR PURCHAS, HIS PILGRIMES. London.  
1624.
- (35) HOEFER, Ferdinand

HISTORIE DE LA BOTANIQUE – Paris. Libr. Hachette & Cie. 1882.

- (36) HOEHNE, Dr.F.C.  
VEGETAES ANTHELMÍNTICOS – S.Paulo. Weissflog Irmãos. 1920.
- (37) \_\_\_\_\_  
BOTÂNICA E AGRICULTURA NO BRASIL NO SÉCULO 16. – S.Paulo. Comp. Ed. Nacional. 1937.
- (38) \_\_\_\_\_  
PLANTAS E SUBSTÂNCIAS TÓXICAS E MEDICINAIS – S.Paulo. Rio. Graphicars. 1939.
- (39) IHERING, Dr.Rodolfo von  
GEORGE MARCGRAVE – In: Revista do Museu Paulista 9: 307-315. S.Paulo. 1914.
- (40) JACQUIN, Nicolai Josephi  
SELECTARUM STIRPIUM AMERICANARUM HISTORIA – Vindobonae, Off. Krausiana. 1768.
- (41) KILLIP, Ellsworth P.  
THE AMERICAN SPECIES OF PASSIFLORACEAE – Chicago. Field Museum. Publ. 407. 1938.
- (42) KOSTER, Henry  
TRAVELS IN BRAZIL – London, Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown. 1816.
- (43) LAET, Jean de  
L'HISTORIE DU NOUVEAU MONDE OU DESCRIPTION DES INDES OCCIDENTALES, CONTENANT DIX-HUICT LIVRES – Leyde. Imp. Bonav. et Abrah. Elsevier. 1640.
- (44) LERY, Jean de  
VIAGEM À TERRA DO BRASIL – London, Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown. 1816.
- (45) LICHTENSTEN  
DIE WERKE VON MARCGRAVE UND PISO ÜBER DIE NATURGESCHICHTE BRASILIENSE, ERL'AUTERT AUS DEN WIEDERAUFGEFUNDENEN ORIGINALZIEICHNUNGEN – Berlin. Abh. Kgl. Akad. Wiss. 1814/15: 201-222; 1816/17:155;1820/21: 237; 1826:49.
- (46) LOEFGREN, Alberto e EVERETT, H.L.  
ANALYSIS DE PLANTAS – S. Paulo. Ed. Typ. e Pap. de Vanorden & Cia. 1905.
- (47) LUETZELBURG, Dr. Philipp von  
MAPA DEMONSTRATIVO. ROTA DOS PRINCIPAIS BOTÂNICOS DA FLORA BRASILEIRA – Rio de Janeiro. Publicação 57 da Inspeção Federal de Obras contras as Sêcas. 1922.
- (48) MARCGRAVE, Jorge  
HISTÓRIA NATURAL DO BRASIL – S. Paulo. Imp. Of. do Estado. (trad. Mons. Dr. Procopio de Magalhães). 1942.
- (49) MARTIUS, Dr. C.F. Phil. von  
NATUREZA DOENÇAS MEDICINA E REMÉDIOS DOS INDIOS BRASILEIROS. S. Paulo. Comp. Ed. Nacional (Trad. de Pirajá da Silva). 1939.

- (50) \_\_\_\_\_  
VERSUCH EINES COMMENTARS ÜBER DIE PFLANZEN IN DEN WERKEN VON MARCGRAV UND PISO ÜBER BRASILIEN, NEBST WEITEREN ERÖRTERUNGEN ÜBER DIE FLORA DIESES REICHES. München. Abh. Kgl. Bayr. Akad. Wiss. 2. cl. 7. Bl. 1. Abt. 1855.
- (51) \_\_\_\_\_  
ZUR ETHNOGRAPHIE AMERIKAS ZUMAL VON BRASILIEN – Leipzig. Verlag Fried. Fleischer. 1867.
- (52) MELO-LEITÃO, Dr. Candido de  
A BIOLOGIA NO BRASIL – S. Paulo. Comp. Ed. Nacional. 1937.
- (53) \_\_\_\_\_  
HISTÓRIA DAS EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS NO BRASIL – S. Paulo. Comp. Ed. Nacional. 1941.
- (54) MENSARIO DO JORNAL DO COMÉRCIO – Rio de Janeiro. T. 15: 1 e 3. 1941.
- (55) MERRIL, Dr. Elmer Drew  
MERRILEANA – Waltham (Mass.) Ed. Cronica Botânica. 1946.
- (56) MOLDENKE, Dr. H.N.  
VERBENACEAE AND AVICENNIACEAE OF TRINIDAD AND TOBAGO – In: Lilloa 4:334, Buenos Aires. 1939.
- (57) MOREIRA, Dr. Juliano  
MARGRAVE E PISO – In: Revista do Museu Paulista, 14: 649-673. S. Paulo. 1926.
- (58) NEIVA, Dr. Arthur  
ESBOÇO HISTÓRICO SOBRE A BOTÂNICA E GEOLOGIA NO BRASIL – S. Paulo. Soc. Imprensa Paulista. 1929.
- (59) NIEMEYER, Ernesto  
ASPECTOS DA NATUREZA DO BRASIL – Curitiba. Imp. Paranaense. 1925.
- (60) NIEUHOF, Joan  
MEMORAVEL VIAGEM MARITIMA E TERRESTRE AO BRASIL – S. Paulo. Ed. Livraria Martins. (Trad. de Moacir N. Vasconcelos). 1942.
- (61) NOTIZBLATT DES BOT. GARTENS UND MUSEUMS. BERLIN-DAHLEM.  
1895-1938.
- (62) ORTA, Garcia da  
COLOQUIOS DOS SIMPLES – Lisboa. Impr. Nacional (Ed. do Conde de Ficalho). 1891.
- (63) PARDAL, Dr. Ramón  
MEDICINA ABORIGEN AMERICANA – Buenos Aires. Ed. José Anesi. 1937.
- (64) PECKOLT, Theodoro  
HISTÓRIA DAS PLANTAS ALIMENTARES E DE GOZO DO BRASIL – Rio de Janeiro. Ed. Laemmert. 1871-1878.
- (65) PEREIRA, Huascar  
PEQUENA CONTRIBUIÇÃO PARA UM DICIONÁRIO DAS PLANTAS ÚTEIS DO ESTADO DE SÃO PAULO – S. Paulo. 1929.

- (66) PICKEL, D. Bento José  
UMA IMPORTANTE PLANTA INDUSTRIAL. O CARURÚ AZEDO. Piracicaba. In: Ver.  
Agr. 20 (9-12): 431-439. 1945.
- (67) \_\_\_\_\_  
PISO E MARCGRAVE NA BOTÂNICA BRASILEIRA – Rio de Janeiro. In: Revista da  
Flora Medicinal, Ano.16, nº 5 e 6. 1949.
- (68) PIRAJÁ DA SILVA, Prof. Dr. M.  
INTRODUÇÃO, COMENTÁRIOS E NOTAS DA OBRA: NOTICIA DO BRASIL DE  
GABRIEL SOARES DE SOUZA --S. Paulo. Livraria Martins Editora. Sem data.
- (69) \_\_\_\_\_ e WOLF, Dr. Paulo  
ATRAVÉS DA BAHIA – Bahia. 2ª Ed. 1928.
- (70) PISONIS et GEORGI MARCGRAVII  
HISTÓRIA NATURALIS BRASILIAE – Lugdini Batavorum, Apud Fr. Hackium et  
Amstelodami, apud L. Elzevirium. 1648.
- (71) PISONIS, Gulielmi  
DE INDIAE UTRIUSQUE RE NATURALI ET MEDICA – Amstelaedami, apud L. et D.  
Elzevirios. 1658.
- (72) RAPHAEL DE JESUS, O.S.B.  
CASTRIOTO LUSITANO – Lisboa. Imp. de Ant. Craesbeck de Mello. 1679.
- (73) REVISTA DE INDÚSTRIA ANIMAL – S.Paulo.  
1932.
- (74) RICHTER, H.E.  
CAROLI LINNAEI SYSTEMA, GENERA, SPECIES PLANTARUM UNO VOLUMINE  
SIVE CODEX BOTANICUS LINNAEANUS. Lipsiae. 1840.
- (75) ROSARIO, Fr. Antonio do  
FRUTAS DO BRASIL NUMA NOVA E ASCÉTICA MONARCHIA. – Lisboa. 1702.
- (76) ROCHA POMBO, José Francisco da  
HISTÓRIA DO BRASIL – Rio de Janeiro. Ed. Benjamin de Aguilã. sem data.
- (77) SAMPAIO, A.J.  
FITOGEOGRAFIA DO BRASIL – S.Paulo. Comp. Ed. Nacional. 1934.
- (78) SILVA LISBOA, Dr. Baltazar  
ANAIS DO RIO DE JANEIRO – Rio de Janeiro. T.1 (Edição nova). 1941.
- (79) SOARES DE SOUZA, Gabriel  
TRATADO DESCRIPTIVO DO BRASIL EM 1587 – S.Paulo. Comp. Ed. Nacional. (3ª  
ed.). 1938.
- (80) SOUZA LEÃO FILHO, Dr. Jq.  
FRANZ POST. SEUS QUADROS BRASILEIROS – Rio de Janeiro. Tipograf. Mercantil.  
1937.
- (81) SPIX, J.B. von, & MARTIUS, C.F. Phil. von  
VIAGEM PELO BRASIL – Rio de Janeiro. Imp. Nacional. (3 vols.). 1938.

- (82) STELLFELD, Carlos  
CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DA FLORA MARÍTIMA DO PARANÁ – In: Arq. do Museu Paranaense – Curitiba. 4: 237. 247. 1945.
- (83) TEIXEIRA FONSECA, Eurico  
INDICADOR DE MADEIRAS E PLANTAS ÚTEIS DO BRASIL – Jena. Verlag von Gustav Fischer. 1911.
- (88) VARNHAGEN, Fr. At. de  
HISTÓRIA GERAL DO BRASIL – Rio de Janeiro – Ed. Laemmert (2ª ed.). sem data.
- (89) VELLOSO, Fr. José Marianus a Conc.  
FLORA FLUMINENSIS – Flumine Januario. In: Mus. Nacional. (vol.5). 1881.
- (90) VICENTE DO SALVADOR, Fr.  
HISTÓRIA DO BRASIL – S.Paulo. Ed.Weissflog. 1913.
- (91) WALPERS, G.G.  
REPERTORIUM BOTANICES SYSTEMATICAE – Lipsiae. F. Hofmeister. 1842-1846.
- (92) \_\_\_\_\_  
ANNALES BOTANICES SYSTEMATICAE – Lipsiae. F. Hofmeister. 1848-1868.
- (93) WARBURG, Dr. Otto  
DIE PFLANZENWELT – Leipzig und Wien – Bibliograph. Institut. 1913.
- (94) WÄTJEN, Hermann  
O DOMÍNIO COLONIAL HOALANDEZ NO BRASIL – S.Paulo. Comp. Ed. Nacional (Trad. de Uchoa Cavalcanti). 1938.

\*\*\*\*\*  
\*\*\*\*\*  
\*\*\*\*

## I. APÊNDICE

### AS PLANTAS PISONIANAS DA I. ED. 1648

#### Liber 3

Lib.3. Pág.47.  
Fungi, Carapucu  
*Agaricus pisonianus* Mart.

Lib.3. Pág.48  
Mucuna guaçu  
*Diocleia marginata* Benth.

Lib.3. Pág.49.  
Ahoay-guaçu  
*Diocleia marginata* (Pers.) Merrill

Ahoay-miri  
Mistura de duas plantas

Li.4. Cap.1. Pág.49.

Uiba

*Saccharum officinarum* L.

Lib.4. Cap.2. Pág.52.

Mandihoca

*Mannihot esculenta* Crantz

Cuguaçururemia, Cuaçu-mandjiba

*Mannihot glaziovii* M. Arg. (Fig. pg. 55)

Lib.4 Cap.4. Pág.55.

Copaiba

Mistura de duas plantas.

Lib.4. Cap.5. Pág.57.

Cabureiba

*Myroxylon balsamum* (L.) Harms.

Lib.4. Cap.6. Pág.57.

Acaju, Acayaiba (Devia ser: Acayuiba!)

*Anacardium occidentale* L. (Fig. 58)

Lib.4 Cap.7. Pág.59.

Icicariba

*Protium aromaticum* Engl. (Fig.59)

Lib.4. Cap.8. Pág.60.

Jetaiba

*Hymenaea martiana* Hayne. (Fig. 60)

Lib.4. Cap.9. Pág.60.

Caopia, Pao de Lacra

*Vismia guianensis* (Aubl) Choisy, var. *baccifera* (L.) Reich. (Fig.61)

Lib.4. Cap.10. Pág.61.

Palma autem mas et foemina dactylifera

*Phoenix dactylifera* L.

Caranaiba, Anache cariri, Tamar

*Copernicia cerifera* (Arr.) Mart. (Fig. 62, primeira)

Urucury

*Syagrus coronata* (mart.) Becc.

Tucu

*Astrocaryum vulgare* Mart.

Pindova

*Attalea compta* Mart. (Fig.62, segunda)

Cocoeiro, Inajaguaçuiba

*Cocos nucifera* L.

Lib.4. Cap.11. Pág.64.

Aroeira

*Schinus terebinthifolius* Raddi (Fig. errada)

Lib.4. Cap.12. Pág.65.

Urucu

*Bixa orellana* L.

Lib.4. Cap.13. Pág.65.

Zabucajo

*Lecythis pisonis* Camb. (Fig.66)

Alia adhuc datur

*Lecythis* sp.

Lib.4. Cap.14. Pág.66

Guety-coroya

*Couepia rufa* Ducke (Fig.67)

Lib.4. Cap.15. Pág.67.

Ianipaba

*Genipa americana* L. (Fig.68)

Lib.4. Cap.16. Pág.68.

Acaja, Ibametara

*Spondias purpurea* L.

Lib.4. Cap.17. Pág.68.

Tapia

*Crataeva tapia* L. (Fig.69)

Lib.4. Cap.18. Pág.69.

Araticû-ponhe

*Anona marcgravii* Mart.

Araticû-apé

*Anona pisonis* Mart.

Araticû pana

*Anona glabra* L. (Fig.70)

Lib.4. Cap.19. Pág.70.

Caaroba

*Jacaranda brasiliana* Pers.(Fig. 293, segunda)

Lib.4. Cap.20. Pág.71.

Embira, Pindaiba.

*Xylopia frutescens* Aubl. (Fig. 71.)

Lib.4. Cap.21. Pág.71.

Ibirae

*Pradosia kuhlmannii* Toledo.

Lib.4. Cap.22. Pág.72.

Ambaiba

*Cecropia concolor* Willd. (Fig.72)

Ambaitinga

*Cecropia hololeuca* Miq.

Lib.4. Cap.23. Pág.72.

Anda

*Joannesia princeps* Vell. p.p. e

*Solandra grandiflora* Sw. p.p.

Lib.4. Cap.24. Pág.73.

Guabiraba  
*Britoa dichotoma* Berg. (Fig.. 73)

Lib.4. Cap.25. Pág.74.  
 Araça-iba  
*Psidium araça* Raddi.

Araça-guaçu  
*Psidium cattleyanum* Sab. (Fig.74)

Lib.4. Cap.26. Pág.75.  
 Guaiaba  
*Psidium guajava* L.

Lib.4. Cap.27. Pág.75.  
 Bacoba, Bacoera  
*Musa paradisiaca* L. subsp. *sapientum* (L.) O. Ktze, var. *malus* PICKEL (Fig. 75)

Banana  
*Musa paradisiaca* L. subsp. *sapientum* (L.) O.Ktze, var. *argentea* PICKEL

Lib.4. Cap.28. Pág.76.  
 Mangaiba  
*Hancornia speciosa* Gomes (Fig. 76)

Lib.4. Cap.29. Pág.77.  
 Abaremo temo  
*Aberema avaremotemo* (Mart.) Britton (Fig. 77)

Lib.4. Cap.30. Pág.77.  
 Umbu  
*Spondias tuberosa* Arr. Cam. (Fig. 78, primeira)

Lib.4. Cap.31. Pág.78.  
 Cebipira-guaçu, C. miri  
*Bowdichia virgiliodes* H.B.K. (Fig. 78, segunda)

Lib.4. Cap.32. Pág.79.  
 Mureci-petinga, Mureciguaçu  
*Byrsonima cydoniifolia* A. Juss. (Fig. 79)

Lib.4. Cap.33. Pág.79.  
 Jito, Urape-guaçu  
*Trichilia cathartica* Mart. (Fig. 80, primeira)

Lib.4. Cap.34. Pág.80.  
 Guabipocaiba, Pao velho, Pao molle  
*Samanea saman* (Jacq.) Merrill (Fig. 80, segunda)

Tapyra-coana  
*Cassia grandis* L.f.

Lib.4. Cap.35. Pág.81.  
 Zemouna  
*Ceiba erianthos* (Cav.) Schum. (Fig. 81, primeira)

Lib.4. Cap.36. Pág.81.  
 Andira Ibaiariba, Angelin  
*Andira fraxinifolia* Benth. (Fig.81, segunda)



Lib.4. Cap.37. Pág.82.

Cambui (1)

*Phyllocalyx formosus* (Camb.) Berg (Fig.82)

Cambui (2)

*Eugenia uvalha* Camb.

Cambui (3)

Indeterminável

Lib.4. Cap.38. Pág.82.

Loco

*Plumbago scandens* L.

Lib.4. Cap.39. Pág.83.

Cuipouna

*Cestrum coriaceum* Miers

Lib.4. Cap.40. Pág.83.

Munduy-guaçu, Pinhões do Brasil

*Jatropha curcas* L. (Fig. 83).

Lib.4. Cap.41. Pág.84.

Luripeba (Prior)

*Solanum paludosum* Moric. (Fig.84, primeira)

Luripeba (Posterior)

*Solanum paniculatum* L. (Fig.84, segunda)

Lib.4. Cap.42. Pág.84.

Mamanga, Lavapratos

*Cassia hoffmannseggii* Mart.ex Benth. (Fig.85, primeira)

Lib.4. Cap.43. Pág.85.

Manaca

*Brunfelsia uniflora* (Pohl) Benth. (Fig.85, segunda)

Lib.4. Cap.44. Pág.86.

Pagimirioba, Herva de bicho

*Cassia occidentalis* L.

Matta pasta

*Cassia tora* L.

Lib.4. Cap.45. Pág.86.

Camara

*Lantana camara* L. (Fig.87, primeira)

Camara iuba

*Lantana camara* L. var. *flava* (Medic.) Mold.

Camara (flore albicante)

*Lantana rugulosa* H.B.K.

Camara-miri

*Sida rhombifolia* L.

Lib.4. Cap.46. Pág.87.

Ananas, Nana

*Ananas sativus* (Lindl.) Schult. (Fig.87, segunda)

Lib.4. Cap.47. Pág.88.  
Betys, Betre  
Mistura de duas plantas

Betys (foemina)  
*Ottonia pernambucensis* Trel.

Lib.4. Cap.48. Pág.89.  
Nhambi  
*Eryngium foetidum* L. (Fig. 89)

Lib.4. Cap.49. Pág.90.  
Caa-apia, Datur et hic alia.  
*Dorstenia opifera* Mart. (Fig.90)

Lib.4. Cap.50. Pág.90.  
Acariçoba, Erva do capitaon  
*Hydrocotyle umbellata* L. (Fig. 91)

Nymphea, Aguape  
Mistura de duas Nymphaea

Lib.4. Cap.51. Pág.91.  
Nhambu guaçu  
*Ricinus communis* L.

Figuero d'inferno  
*Datura stramonium* L.

Lib.4. Cap.52. Pág.92.  
Tangaraca, Erva do Rato (Frior)  
*Palicourea crocea* (Sw.) DC. (Fig. 92, errada)

Tangaraca, Erva do Rato (Posterior)  
*Cephaëlis pubescens* Hoffm. (Fig. 92, segunda e terceira)

Lib.4. Cap.53. Pág.93.  
Batatas  
*Ipomea batatas* (L.) Poir.ex Lam.

Inhame de S. Thomé, Cara  
*Dioscorea alata* L. (Fig.93)

Amenduinas  
*Voandzeia subterranea* (L.) Thouars.  
Tamoatarana:  
*Sarantia marcgravii* Pickel

Batata de purga, liticuçu  
*Operculina alata* (Ham.) Urb. (Fig.94, primeira)

Lib.4. Cap.54. Pág.94.  
Caapeba, Cipo de Cobras, Erva de nossa Senhora  
*Cissampelos glaberrima* St. Hil. (Fig.94, segunda)

Lib.4. Cap.55. Pág.95.  
Tajaoba (alba)  
*Colocasia esculenta* (L.) Schott. (Fig.95, primeira)

Mangara peuna

*Xanthosoma violaceum* Schott. (Fig.95, primeira)

Tajaoba, Mangara-miri  
*Caladium bicolor* (Ait.) Vent. (Fig.95, terceira)

Tajaoba, Tajobaraon, Mangara brava  
*Xanthosoma sagittifolium* (L.) Schott

Lib.4. Cap.56. Pág.95.  
Inimboja, Silva de Praya  
*Guilandina bonducella* L. (Fig.96, primeira)

Lib.4. Cap.57. Pág.96.  
Nhandi, Pimenta dos Indios  
Mistura de duas plantas. (Fig.96, segunda de *P. marginatum* Jacq.)

Lib.4. Cap.58. Pág.96.  
Sape, Jaçape  
*Cyperus surinamensis* Rottb.

Lib.4. Cap.59. Pág.97.  
laborandi (Prior)  
*Ottonia pernambucensis* Trel. (Fig.97, errada)

laborandi (Posterior)  
*Piper tuberculatum* Jacq. (Fig.97, segunda)

Lib.4. Cap.60. Pág.98.  
Iacuacanga, Paco Caatinga  
*Costus brasiliensis* K. Schum.

Lib.4. Cap.61. Pág.98.  
Cedro  
*Cedrela fissilis* Vell.  
Anhuyba-peabya, Pao funcho  
*Otea sassafras* Meissn.

Anhuyba-miri  
*Aniba canelilla* (H.B.K.) Mez.

Lib.4. Cap.62. Pág.99.  
Iupicanga  
*Smilax campestris* Gris. (Fig.99)

Lib.4. Cap.63. Pág.99.  
Iamacaru  
*Cereus jamacaru* D.C. p.p.  
*Cereus fernambucensis* Lem. (Mistura das duas plantas) (Fig.100, primeira)

Ururumbeba  
*Opuntia brasiliensis* (Willd.) Haw. (Fig. 100, terceira)

Lib.4. Cap.64. Pág.101.  
Potinçoba, Pulgera (devia ser Pulgueira)  
*Polygonum acuminatum* H.B.K. (Fig. 101, primeira)

Lib.4. Cap.65. Pág.101.  
Ipecacuanha branca  
*Hybanthus calceolaria* (L.) G.K.Schulze.

Ipecacuanha (altera)  
*Cephaelis ipecacuanha* (Brot.) <sup>a</sup>Rich. (Fig. 101, segunda)

Lib.4. Cap.66. Pág.102.  
Caiatia, Caacica, Erva dos Cobres (devia ser: E. das cobras)  
*Euphorbia pilulifera* L., var. *hirta* L. (Fig. 102)

Lib.4. Cap.67. Pág.102.  
Iuricuara  
*Dorstenia cayapia* Vell., var. *asaroides* Gardn.

Lib.4. Cap.68. Pág.102.  
Capiipuba, Pé de galinha  
*Eleusine indica* (L.) Gaertn.

Lib.4. Cap.69. Pág.103.  
Salsa do Praya, Çarça  
*Ipomoea pes caprae* (L.) Sweet, (Fig. 103, primeira)

Lib.4. Cap.70. Pág.103.  
Aninga-iba  
*Montrichardia linifera* Arr. Cam. (Fig. 103, segunda)

Lib.4. Cap.71. Pág.104.  
Aguaxima, Malva d'Isco  
Mistura!. (Fig. 104)

Lib.4. Cap.72. Pág.105.  
Caajandiwap, Caapomonga, Visqueira, Erva d'amor  
*Plumbago scandens* L.. (Fig. 105)

Lib.4. Cap.73. Pág.106.  
Murucuja-guaçu  
*Passiflora quadrangularis* L. (Fig. errada)

Murucuja (Omnium autem pomorum), in text.  
*Passiflora edulis* Sims.

Lib.4. Cap.74. Pág.107.  
Murucuja-miri  
*Passiflora tuberosa* L. (Fig. 107)

Lib.4. Cap.75. Pág.107.  
Quiya, Pimenta doce  
*Capsicum dulce* HORT.

Lib.4. Cap.76. Pág.108.  
Aguara-quiya, Erva do bicho, Pimenta de galinha  
*Solanum nigrum* L.. (Fig. 108)

Lib.4. Cap.77. Pág.109.  
Aguaraciunha-açú, Fedagoso  
*Heliotropium indicum* L. (Fig. errada)

Lib.4. Cap.78. Pág.109.  
Cuapomonga  
Planta indescrita

Lib.4. Cap.79. Pág.109.  
Canna silvestre

*Arundo donax* L.

Lib.4. Cap.80. Pág.110.

Basoura

*Sida rhombifolia* L. (Dupl!)

Basourinha, Tupeçava

*Scoparia dulcis* L. (Fig. 110, segunda)

Lib.4. Cap.81. Pág.111.

Caaataja

*Vandellia diffusa* L. (Fig. 110, primeira)

Lib.4. Cap.82. Pág.112.

Caraguata-acanga

*Bromelia karatas* L. (Fig. 111, primeira e segunda)

Caraguata-guaçu

*Fourcraea cubensis* Haw. (Fig. 111, terceira)

Aliae denique, in text.

*Encholyrium spectabile* Mart.

Lib.4. Cap.83. Pág.112.

Trevo, erva d'amor

*Meibomia cana* (Gmel.) Blake (Fig. 112)

Lib.4. Cap.84. Pág.112.

Tapyrapeçu, Erva do figado, Lingua di vacca, Rabe de raposo

*Elephantopus scaber* L., var. *tomentosus*. Sch. Bip.

Lib.4. Cap.85. Pág.113.

Herba lanuginosa

Indeterminável (Fig. 113, primeira)

Lib.4. Cap.86. Pág.113.

Vitis arbustina

*Phthirusa pyrifolia* (Kunth) Eichl.

Lib.4. Cap.87. Pág.113.

Ceroiba

*Avicennia schaueriana* Leechm. et Stapf

Cereibuna

*Laguncularia racemosa* (L.) Gaertn.

Mangue Guaparaiba

*Rhizophora racemosa* G.F.W. Meyer (Fig. 113, segunda)

Lib.4. Cap.88. Pág.114.

Cururu-ape

*Paullinia pinnata* L. (Fig. 114)

Lib.4. Cap.89. Pág.115.

Timbo-guaçu, Timbo de cono

*Serjania lethalis* St. Hil.

Guaiana-Timbo

*Paragonia pyramidata* (Rich.) Bur. (Fig. 116, segunda)

Lib.4. Cap.90. Pág.115.

Paratura

*Remirea maritima* Aubl.

Lib.4. Cap.91. Pág.115.

Ibirarema, Pao d'Alho, Cipo d'Alho

Mistura de duas plantas

Tipi

*Petiveria hexaglochin* F. et M.

Lib.4. Cap.92. Pág.116.

Aninga Peri

*Heterotrichum octonum* (Bpl.) D.C. (Fig. 116, primeira)

Lib.4. Cap.93. Pág.116.

Meeru

*Canna coccinea* Ait. (Fig. 116, segunda)

Lib.4. Cap.94. Pág.117.

Albara, Pacivira, Herba dos feridos

*Canna glauca* L. (Fig. 117, primeira)

Lib.4. Cap.95. Pág.117.

Tupaipi, Urucatu

Mistura de duas plantas (Fig. 117, segunda.)

Lib.4. Cap.96. Pág.117.

Iuquiri, Caaeo (Prior)

*Schrankia leptocarpa* D. C. (Fig. 118, primeira)

Lib.4. Cap.97. Pág.119.

Jupicai, Erva d'Empige

*Xyris jupicai* Rich. (Fig. 119, primeira)

Lib.4. Cap.98. Pág.119.

Faisons d'Empique

*Lundia nitidula* A.D.C. (Fig. 119, segunda)

Lib.4. Cap.99. Pág.120.

Masarandiba

*Manilkara salzmanni* (A., DC.) H. J Lam

Lib.4. Cap.100. Pág.120.

Amongeaba

*Setaria geniculata* (Lam.) Beauv. (Fig. 120, segunda)

Lib.4. Cap.101. Pág.121.

Ibipitanga, Ubipitanga

*Eugenia uniflora* L., non Berg. (Fig. 121, primeira)

Lib.4. Cap.102. Pág.121.

Janiparandiba

*Gustavia augusta* Alm., sensu Berg. (Fig. 121, segunda)

**AS PLANTAS MARCGRAVIANAS**

DA 1. ED.

1648

**Liber 1**

Lib.1. Cap.1. Pág.1.

Prima species

*Chloris orthonoton* Doell.

Secunda species.

*Cyperus sesquiflorus* (Torr.) Mattf. et Kuek.

Tertia species.

*Cyperus luzulae* (L.) Retz

Quarta species.

*Dichromena ciliata* Vahl.

Quinta species.

*Fuirema umbellata* Rottb.

Sexta species..

*Setaira poiretiana* (Schult.) Kunth.

Septima species.

*Xyris jupicai* Rich.

Octava species.

*Cyperus flavus* (Vahl) Nees.

Nona species.

*Andropogon arundinaceum* Willd.

Decima species.

*Andropogon bicorne* L.

Undecima species.

*Paspalum virgatum* L.

Duodecima species.

*Sporobolus tenacissimus* (L.) Beauv.

Decima tertia species.

laçape, Sape

*Cyperus surinamensis* Rottb.

Lib.1, Cap.2, Pág.2.

Filix (prima)

*Adiantum pulverulentum* L.

Filix (Secunda)

*Lygodium polymorphum* (Cav.) H.B.K.

Filix (Tertia)

*Blechnum serrulatum* Rich.

Trifolii species

*Cleome polygama* L.

Herba, Amores

*Meibomia cana* (Gmel.) Blake

Polypodium Brasilianum

*Polypodium brasiliense* Poir.

Ononis non spinosa

*Stylosanthes guianensis* (Aubl.) Sw.

Lib. 1. Cap. 3. Pág. 3.

Iataboca

*Guadua angustifolia* (H.B.) Kth. (Fig. 3).

Uuba

*Gynerium sagittatum* (Aubl.) Beauv.

Meeru

*Canna coccinea* Ait. (Fig. 4)

Reperitur et alia species

*Canna glauca* L. (Fig. 5)

Lib. 1. Cap. 4. Pág. 5.

Camara flore rubro

*Lantana camara* L.

Huic plane similem

*Lantana camara* L., var. *flava* (Medic.) Mold.

Camara flore albo (Camaratinga)

*Lantana rugolosa* H.B.K..

Camara uuba

*Wedelia scaberrima* Benth.

Lib. 1. Cap. 5. Pág. 6.

Aguarda ponda

*Stachytarpheta cayennensis* (L. C. Rich.) Vahl

Reperitur et alia

Monstruosidade da anterior

Iacua Acanga, Fedagozo

*Heliotropium parviflorum* (L.) D.C. (Fig. 7, primeira).

Reperitur et alia species

*Heliotropium tiarioides* Cham.

Caacica, Erua de Cobra Trifolii species

*Euphorbia pilulifera* L., var. *hirta* L. (Fig. 7, segunda)

Planta (Prima)

*Microtea maypurensis* (Kth.) G. Don.

Planta (secunda)

*Eclipta alba* (L.) D.C. (Fig. 8, segunda)

Lib. 1, Cap. 8. Pág. 8.

Planta (Prima)



*Commelina elgans* L.B.K. (Fig.8, primeira).

Reperitur et alia planta  
*Commelina martiana* Seub.

Planta (secunda)  
*Gissus erosa* L.C. Rich.

Caapotiragoa  
*Mitracarpus hirtus* (L.) D.C. (Fig. 8, segunda)

Reperitur et alia  
*Staëlia aurea* K. Schum.

Lib.1. Cap.7. Pág.9.  
Paiomirioba  
*Cassia occidentalis* L (Fig.9).

Planta  
*Anthurium rubriflorum* Engl..

Miçambe, Mosambes d'Angola  
*Cleome pentaphylla* L.

Tareroqui, Matapasto  
*Cassia tora* L. (Fig. 10, primeira)

Iuapecanga  
*Smilax phyllobola* Mart. (Fig. 10, segunda)

Lib.1. Cap.8. Pág.12.  
Camaru  
*Physalis pubescens* L. (Fig.12)

Inimboy  
*Guilandina bonducella* L.(Fig.56)

Althaeae species  
*Hibiscus sabdariffa* L.

Cararu, Bredos  
*Amaranthus viridis* L p.p.  
*Amaranthus spinosus* L p.p. Mistura das duas espécies. (Fig. 13, primeira)

An Sempervivum marinum  
*Scaevola plumieri* Vahl (Fig.13, segunda)

Icipo  
*Tetracera breybiana* Schltd. (Fig. 14, primeira)

Perrexil  
*Iresine vermicularis* (L.) Moq. (Fig. 14, segunda)

Planta  
*Centropogon cornutus* (L.)

Lib.1. Cap.9. Pág.15.  
Ambuyaembo  
*Aristolochia brasiliensis* Mart. et Zucc. (Fig.15)

Caacica (alia)

*Euphorbia brasiliensis* Lam.

Marrubium

*Stemodia foliosa* Benth. (Fig. 16, segunda)

Planta haec

Indeterminada (Fig. 16, primeira)

Ietica, Batata

*Ipomoea batatas* (L.) Lam. (Fig. 16, terceira).

Ipecacoanha

*Cephaëlis ipecacuanha* (Brot.) A. Rich. (Fig.17)

Lib.1. Cap.10. Pág.17.

Zinziber

*Zingiber officinale* Rosc. (Fig. 18)

Herba (prima)

*Chamaecrista browniana* Br. et Rose

Herba (secunda)

*Phyllanthus niruri* L.

Mucuna

*Mucuna urens* (L.) DC. (Fig.19, primeira)

Herba haec (tertia)

*Ipomoea alba* L. (Fig. 19, segunda)

Herba (quarta)

*Aniseia ensifolia* Choisy.

Ibati

*Pseudibatia ganglinosa* (Vell.) Malme (Fig.20)

Lib.1. Cap.11. Pág.21.

Sesamum, Gangilla, Girgilim

*Sesamum occidentale* Heer & Regel (Fig.21, primeira)

Herba

*Piriqueta cistoides* (L.) Mey., var. *macrantha* Urb. (Fig.21, primeira)

Curuba

*Sicana odorifera* (Vell.) Nand.

Iaee, Balancia

*Citrillus melo* L.

Reperitur ot hic Melo

*Cucumis melo* L.

Est et alter (in text)

*Citrillus vulgaris* Schrad., var. "Melancia do céu"

Caruru ape

*Paullinia pinnata* L.

Lib.1. Cap.12. Pág.23.

Avenqua, Avenca major  
*Adiantum latifolium* Lam. (Fig.23, primeira)

Avenqua, Avenca minor  
*Pityrogramma calonelanos* (L.) Und. (Fig.23, primeira)

Aguape, Golvão  
*Nymphaea amazonum* Mart. et Zucc.

Acetosa  
*Talinum paniculatum* (Jacq.) Gaertn.

Iamacaru, Cardon  
*Hylocereus undatus* (Haw.) Br. & Rose (Fig.125, segunda)

Belingela  
*Solanum melongena* L.

Iaroba, Casca amargosa  
*Tanaecium cyrtanthum* (Mart.) B. & Sch. (Fig.25, primeira)

Camara iapo, Mentastro  
*Agoratum conyzoides* L. (Fig.25, segunda)

Lib.1. Cap.13. Pág.25.  
Hydropiper, Erva pulgera  
*Polygonum punctatum* Elliot

Caapeba, Erva de Nossa Senhora, Cipo de Cobras  
*Cessampelos glaberrima* St. Hil. (Fig.26, primeira)

Caaetimay  
*Erigeron linifolius* Willd.

Embuauembo, Occoembo  
*Acrostichum latifolium* Sw.?

Taiola  
*Cayaponia tayuya* (Mart.) Cogn. (Fig.27, primeira)

Serpentaria maior, Erva de Sta Maria  
*Staurostigma riedelianum* (Schott) Engl.

Erva do Capitaon  
*Hydrocotyle umbellata* L. (Fig.27, segunda)

Caapomonga, Erva do vina  
*Boerhaavia coccinea* Mill. (Fig.60, primeira)

Lib.1. Cap.14.Pág.29.  
Cara, Inhame de S. Thome  
*Dioscorea alata* L.( Fig.29)

Camaranbaya  
*Jussieua octonervia* L.

Reperitur et hic alia  
*Jussieua linifolia* Vahl (Fig.30, primeira)

Planta  
*Ipomoea* sp. (Fig.30, segunda)

Quingombo

*Hibiscus esculentus* L. (Fig.31, primeira)

Lib.1. Cap.15. Pág.31.

Planta

*Gnaphalium indicum* L. (Fig.31, segunda)

Caa ataya, Erva de purga de Juan Paez

*Vandellia diffusa* L. (Fig.32, primeira)

Erva cidreira

*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.

Herba (prima)

Ignorada (Fig.32, segunda)

Tupa ipi, Cebola albaraa

*Hippeastrum psittacinum* Herb.

Herba (secunda)

Ignorada (Fig.32, terceira)

Lib.1. Cap.16. Pág.33.

Nana, Ananas

*Ananas sativus* (Lindl.) Schult. (Fig.33)

Nana brava (in text)

*Bromelia karatas* L.

Tareriaya

*Cleome spinosa* L. (Fig.34)

Arapabaca

*Spigelia anthelmia* L. (Fig.35, primeira)

Urucatu

*Catsetum macrocarpum* L. C. Rich. (Fig.35, segunda)

Lib.1. Cap.17. Pág.35.

Tajaoba Prima

*Xanthosoma violaceum* Schott. (Fig.35, terceira)

Tajaoba Secunda

*Colocasia esculenta* (L.) Schott. (Fig.36, primeira)

Tajaoba Tertia

*Caladium bicolor* Vent. (Fig.36, segunda)

Jaborandi

*Monnieria trifolia* L. (Fig.36, terceira)

Planta Verbenae facie

Ignorada

Cicutaria palustris

*Ceratopteris pteridoides* (Hook.) Hieron.

Mundubi

*Arachis hypogaea* L. (Fig.37)

Lib.1. ap.18. Pág.37.  
Caraguata, Erva Babosa, Aloe  
*Aloë barbadensis* Mill.

Herba  
*Sesuvium portulacastrum* L. (Fig.39)

Lib.1. Cap.19. Pág.39.  
Quiya, Pimenta Malaguetta, Quiyaqui  
*Capsicum frutescens* L.

Quiya cumari, Quiya apua  
*Capsicum haccatum* St.

Quiya uçu, Pimenta grande, Pimentoes  
*Capsicum annum* L.

Lib.1. Cap.20. Pág.41.  
leticuçu. Batata de purga  
*Operculina alata* (Ham.) Urb. (Fig.41)

Planta haec  
*Sida linifolia* Cav. (Fig.43)

Reperitur et in Brasilia  
Ignorada

Mandubi d'Angola  
*Voandzeia subterranea* (L.) Thouars

Lib.1. Cap.21. Pág.44.  
Herba  
*Spilanthes acmella* L. (Fig.44, primeira)

Iurumu, Bobora  
*Cucurbita pepo* L. (Fig.44, segunda)

Reperitur hic quoque  
*Lagenaria vulgaris* Ser.

Cucumis silvestris  
*Cucumis anguria* L.

Alcaea  
*Hibiscus abelmoschus* L. (Fig.45)

Conyza inodorata  
*Melampodium divaricatum* (Rich.) D.C.

Lib.1. Cap.22. Pág.45.  
Caryophyllata herba  
*Bidens riparius* H.B.K. (Fig. 46, primeira)

Çamanbaya  
*Tillandsia usneoides* L.

Gnaphalium brasiliense  
*Gomphrena vaga* Mart.

Ghandiroba, Nhandiroba  
*Fevillea trilobata* L. (Fig.46, segunda)

Planta haec  
*Hibiscus furcellatus* Desr. (Fig.47)

Jasmini species  
Ignorada

Herba  
Ignorada  
Lib.1. Cap.23. Pág.48.  
Pino  
*Fleurya aestuans* (L.) Gaud., var. *glandulosa* Wedd. (Fig.48, primeira)

Reperitur et alia species  
Paco caatinga, Cana do mato  
*Costus brasiliensis* K. Schum.

Sicuti et alia species  
*Costus spiralis* (Jacq.) Rosc. (Fig.48, segunda)

Paco seroca  
*Renalmia petasites* Gagn. (Fig.49, primeira)

Caaponga, Beldroga  
*Portulaca oleracea* L. p.p.  
*Portulaca pilosa* L. p.p. (Mistura das duas plantas) (Fig.49, segunda)

Planta haec  
*Centratherum punctatum* Cass. (Fig.49, terceira)

Herba  
*Echinodorus floribundus* (Seub.) Warm.

Nhambi  
*Eryngium foetidum* L. (Fig.50)

Planta  
Ignorada

Lib.1. Cap.24. Pág.50.  
Planta haec  
*Calathea pernambucica* Loes. (Fig.51, primeira)

Planta (Secunda)  
Ignorada (Fig.51, segunda)

Omenapo Yeima  
*Ipomoea batatas* (L.) Poir, ex Lam., var.

Convolvulus marinus, SOLDANELLA  
*Ipomoea pes caprae* (L.) Sweet (Fig.51, terceira)

Herba  
Ignorada

Pararo  
*Ipomoea batatas* (L.) Poir. ex Lam., var.

Cara inambi  
*Dioscorea trifoliata* Kth.

Mandatia  
*Dolichos lablab* L.

Caa apia, Reperitur et hic alia Caa apia.  
*Dorstenia opifera* Mart. (Fig.52)

Herba Scoparia  
*Scoparia dulcis* L.

Lib.1. Cap.25. Pág.53.  
Agutiguepo-obi, Acutiguepo  
*Heliconia acuminata* A. Rich. (Fig.53, primeira)

Planta haec (prima)  
*Eichhornia paniculata* (Sprengl.) Solms (Fig.53, segunda)

Tamoatarana  
*Sarante marcgravii* Pickel (Fig.53, terceira)

Herba haec  
*Merremia aegyptia* (L.) Urban (Fig.54, primeira)

Planta haec (secunda)  
*Ruellia bahiensis* (Nees) Morong (Fig.54, segunda)

Planta haec (tertia)  
*Hybanthus calceolaria* (L.) G.K. Schulze

Lib.1. Cap.26. Pág.55.  
Aguara quiya, Erva moura  
*Solanum nigrum* L. (Fig.55, primeira)

Na Sagittaria cordialis  
*Crotalaria stipularia* Desv. (Fig.55, segunda)

Herba  
*Microtea longibracteata* H. Walt. (Fig.56, primeira)

## Liber 2

Lib.2. Cap.1. Pág.57.

Herva d'Anir

*Indigofera microcarpa* Desv. (Fig.57)

Alia species

*Eclipta alba* (L.) Hassk. (Dup!!) (Fig.58)

Lib.2. Cap.2. Pág.59.

Caaghiyuyo

*Clidemia hirta* (L.) D. Don (Fig.59)

Aminiu, Algodon, Algodaon

*Gossypium brasiliense* Macfad.

Tangaraca, Erva do rato

*Cephaëlis pubescens* Hoffm. (Fig. P.1:92, segunda e terceira)

Erva de rato

*Palicourea crocea* (Sw.) D.C. (Fig.60, segunda)

Tremate

*Vernonia scabra* Pers.

Frutex arborescens

*Ouratea fieldingiana* (Gardn.) Engl. (Fig.61, primeira)

Lib.2. Cap.3. Pág.61.

Urucu

*Bixa orellana* L. (Fig.61, segunda)

Lib.2. Cap.4. Pág.62.

Comanda guira

*Cajanus cajan* (L.) Mill.

Araça lba

*Psidium araça* Raddi

Frutex (primus)

*Psittacanthus diochroos* Mart. (Fig.63, primeira)

Frutex (secundus)

*Capparis coccolobifolia* Mart. ex Eichl. (Fig.63, segunda)

Iua

*Solanum lycocarpon* St. Hil., var. *pulverulentum* Pers. (Fig.63, terceira)

Lib.2. Cap.5. Pág.64.

Atitara, latitara

*Desmoncus polyacanthos* Mart. emend. Dr. (Fig.64)

Juqueri-omnano

*Mimosa sensitiva* L.

Lib.2. Cap.6. Pág.65.

Mandiiba, Maniiba

*Manihot esculenta* Crantz



Aipi-macaxera Pág.67.  
*Manihot dulcis* (Gme.) Pax.

Maniçoba  
*Manihot glaziovii* A. Arg.

Lib.2. Cap.8. Pág.68.  
Na Glaux vel Anthyllis leguminosa  
*Indigofera suffruticosa* Mill.

Manaca  
*Brunfelsia uniflora* (Pohl) Benth (Fig.69, primeira)

laborandi  
*Ottonia pernambucensis* Trel. (Fig.69, segunda)

Maruuru  
Ignorada

Lib.2. Cap.9. Pág.70.  
Murucuia guaçu  
*Passiflora quadrangularis* L. (Fig.70)

Murucuia maliformis  
*Passiflora cincinnata* Mart. (Fig.71, primeira)

Murucuia maliformis alia  
*Passiflora alata* Dryand.

Reperitur hic et alia  
*Passiflora kermesina* Link et Otto

Observavi et aliam (M. etê) Pág.74.  
*Passiflora edulis* Sims (Dupl!)

Hedera Murucuja  
*Passiflora foetida* L.

Lib.2. Cap.12. (!)  
*Caaec*, *Herba viva*  
*Schrankia leptocarpa* D.C. (Fig.73)

Reperitur hic et alia, Silva d'Agoa  
*Mimosa pigra* L. (Fig.75, primeira)

Tertia species  
*Mimosa invisita* Mart. (Fig.74)

Lib.2. Cap.13. Pág.75.  
Piper caudatum, Betre, Nhandu  
*Piper marginatum* Jacq. (Fig.75, segunda)

Reperitur in Brasilia  
*Piper rivinoides* Miq.

Frutex (primus)  
*Dodonea viscosa* Jacq. (Fig.76, primeira)

Frutex(secundus)  
*Conocarpus erecta* L. (Fig.76, segunda)

Lib.2. Cap.14. Pág.77.

Guaieru

*Chrysobalanus icaso* L. (Fig.77)

Nhambu guaçu

*Ricinus communis* L.

Frutex (primus)

*Posoqueria latifolia* (Rudge) R. et Schult. (Fig.78, primeira)

Frutex (secundus)

*Mikania* sp. (Fig.78, segunda)

Çanambaya

*Epiphyllum phyllanthus* (L.) Haw. (Fig.79, primeira)

Frutex (tertius)

*Jatropha urens* L. (Fig.79, segunda)

Fruticescens haec herba

*Galphimia gracilis* Bartl. (Fig.79, terceira)

Lib.2. Cap.15. Pág.80.

Frutex (primus)

*Solanum agrarium* Sendt. (Fig.80)

Frutex (secundus)

*Triumfetta semitriloba* Jacq.

Frutex (tertius)

*Anisomeris intercedens* (M. Arg.) Standl.

Tremate

*Vernonia scabra* Pers. (Dupl!) (Fig. 81, primeira)

Frutex (quartus)

Ignorado (Fig.81, segunda)

Frutex (quintus)

*Casearia sylvestris* Sw. (Fig.81, terceira)

Frutex (sextus)

*Sophora tomentosa* L. (Fig.82)

Lib.2. Cap.16. Pág.82.

Uba, Alfelo da zuquere, Cana d'Azuquere

*Saccharum officinarum* L. (Fig.83)

Lib.2. Cap.16. (!) 18. Pág.86.

Caraguata

*Gravisia exsudans* (Lood.) Mez. (Fig.errada)

Caraguata guaçu

*Fourcraea cubensis* Haw. (Fig.errada)

Caraguatáacanga

*Bromelia karatas* (Dupl!) (Fig.97, primeira)

Iurepeba  
*Solanum paniculatum* L. (Fig.89)

Iurepeba (altera)  
*Solanum paludosum* Moric.

### Liber 3

Lib.3. Cap.1. Pág.90.  
Aroeira  
*Schinus terebinthifolius* Raddi (Fig. 90 errada)

Ambaiba  
*Cecropia concolor* Willd. (Fig.91)

Ambaitinga  
*Cecropia hololeuca* Miq.

Ianipaba, Ienipapo  
*Genipa americana* L. (Fig. 92)

Lib.3. Cap.2. Pág.93.  
Araticu ponhe  
*Anona marcgravii* Mart. (Fig.93)

Araticu pana  
*Anona glabra* L.

Araticu ape  
*Anona pisonis* Mart.

Araticu do mato  
*Duguesia gardneriana* Mart.

Acaiaiba. Acaiuiba  
*Anacardium occidentale* L. (Fig.95)

Lib.3. Cap.3. Pág.96.  
Caaopia  
*Vismia guianensis* (Aubl.) Choisy var. *baccifera* (L.) Reich. (Fig.96, primeira)

Mundubiguaçu, Pinhones  
*Jatropha curcas* L. (Fig.96, segunda)

Caaguaçuiba  
*Coccoloba mollis* Casar.

Iperoba  
*Sparattosperma neurocalyx* B. et Sch.

Lib.3. Cap.4. Pág.98.  
Tapia  
*Crataeva tapia* L. Fig.98, primeira

Icicariba  
*Protium aromaticum* Engl. (Fig.98, segunda)

Ibira

*Xylopia frutescens* Aubl. (Fig.99)

Andira Ibiariba, Angelim  
*Andira fraxinifolia* Benth.

Nhua  
*Talisia esculenta* (St. Hil.) Radlk.

Lib.3. Cap.5. Pág.100.  
Cebipira  
*Bowdichia virgilioides* H.B.K. (Fig.100)

Jabotapita  
*Ouratea caudata* Engl. (Fig.101, primeira)

Jetaiba  
*Hymenaea martiana* Hayne (Fig.101, segunda)

Ibiraee  
*Pradosia kuhlmanni* Toledo

Ibirapitanga, Pao Brasil  
*Caesalpinia echinata* Lam. (Fig.102)

Camaçari  
*Caraipa fasciculata* Camb.

Paco caatinga  
Ignorado

Lib.3. Cap.6. Pág.102.  
Mamaoeira, Papay  
*Carica papaya* L. (Fig.103)

Urucuri iba  
*Syagrus coronata* (Mart.) Becc.

Lib.3. Cap.7. Pág.104.  
Guayaba  
*Psidium guajava* L. (Fig.105)

Aracça iba  
*Psidium cattleianum* Sabine

Gonandima  
*Symphonia globulifera* L. f.

Lib.3. Cap.8. Pág.106.  
Aninga iba  
*Montrichardia linifera* Arr. Cam. (Fig.errada)

Arariba  
*Sickingia rubra* (Mart.) K. Sch.

Mucuitaiba, Mocitaiba, Pao Santo  
*Zollernia ilicifolia* Vogel

In summitate arboris (in text.)  
*Trigonidium tenue* Lodd. (Fig.errada)

Tamarindi, Tamara azeda  
*Tamarindus indica* L. (Fig.107, segunda)

Iua umbu  
*Ximenia americana* L.

Datur et alia species Umbu  
*Spondias tuberosa* Arr. Cam. (Fig.108)

Lib.3. Cap.9. Pág.108.  
Cambuy, Myrta  
*Phyllocalyx formosus* (Camb.) Berg.

Guirapariba, Ebano  
*Chloroleucon vinhatico* Record

Japarandiba, leniparanduba  
*Gustavia augusta* Alm. sensu Berg. (Fig.109, primeira)

Urucuri iba  
*Syagrus coronata* (Mart.) Becc. (Dup!)

Arbor  
Ignorada (Fig.109, segunda)

Curuiri  
*Mouriria pusa* Gardn.

Anda  
*Joannesia princeps* Vell. e  
*Solandra grandiflora* Sw. p.p. (Mistura das duas plantas) (Fig.110)

Lib.3. Cap.5. (10!) Pág.111.  
Guaibi pocaca biba  
*Samanea saman* (Jacq.) Merrill, (Fig.111, primeira)

Saiimbeiba, Caiueira brava  
*Curatella americana* L.

Inga  
*Inga spuria* H.B. (Fig.111, segunda)

Inga opeapiiba  
*Inga ciliata* Presl. (Fig.112, primeira)

Inga alia  
*Inga edulis* Mart. (Fig.112, segunda)

Inga (ultima)  
*Inga ingoides* Willd. (Fig.112, terceira)

Quity, Pao de Sabaon  
*Sapindus saponaria* L. (Fig.113, primeira)

L.b.3. Cap.9 (bis) Pág.113.  
Guiti toroba  
*Lucuma grandiflora* A.D.C. (Fig.113, segunda)

Guitiiba (Guiti coroya)

*Couepia rufa* Ducke (Fig.114, primeira)

Ibacupari

*Moronobea coccinea* Aubl.? (Fig.114, segunda)

Guiti iba (Guiti-miri)

*Licania tomentosa* (Benth.) Fritsch (Fig.115)

Lib.3. Cap.10. Pág.116.

Iba purunga

*Vitex rufescens* A.L. Juss (Fig.116, primeira)

Ibipitanga

*Eugenia uniflora* L. non Berg. (Fig.116, segunda e 293, primeira)

Visqueiro (silvestris)

*Parkia pendula* (Willd.) Benth.

Ibahiraba

*Britoa dichotoma* Berg. (Fig.117, primeira)

Muiva

*Henriettea succosa* (Aubl.) D.C. (Fig.117, segunda)

Mureci

*Byrsonima oydoniifolia* A. Juss. (Fig.118, primeira)

Guapereiba, Mangue verdadeiro

*Rhizophora racemosa* G.F.W. Meyer

Lib.3. Cap.11. Pág.118.

Guirapariba, Urupariba, Pao d'Arco

*Tabebuia serratifolia* (Vahl) Nicholson

Tataiiba

*Chlorophora tinctoria* (L.) Gaud. (Fig.119)

Ibacuru-pari

*Rheedia macrophylla* (Mart.) Pl. & Triana

Aliam speciem inveni

*Platonia insignis* Mart.

Ibera puteruna, Pao ferro

*Dialium guianense* (Aubl.) Sandw.

Uty

*Pithecolobium foliolosum* Benth. (Fig.120, primeira)

Lito

*Guarea guara* (Jacq.) P.Wils. (Fig.120, segunda)

Annotatio; *Trichilia cathartica* Mart. (Fig.121, primeira)

Umari

*Geoffraea spinosa* L. (Fig.121, primeira)

Lib.3. Cap.14. (!) Pág.121

Copiiba

*Tapirira guianensis* Aubl. (Fig.121, segunda)

Mangabiba, Mangaiba

*Hancornia speciosa* Gomes (Fig.122)

Cuite, Cochine

*Crescentia cujete* L. (Fig.123)

Apeiba

*Apeiba tibourbou* Aubl. (Fig.124)

Lib.3. Cap.15. Pág.124.

Betis

*Peltobryon attenuatum* Kl. (Fig.125, primeira)

Pitoma

*Talisia esculenta* (St. Hil.) Radlk (Dup!!)

Iamacuru

*Opuntia brasiliensis* (Willd.) Haw. (Fig.126, segunda)

Iamacuru, Caxabu, Cardon

*Cereus jamacaru* D.C. (Fig.126, primeira)

Cardon alia species

*Hylocereus undatus* (Haw.) Br. & Rose

Alia Cardon species (in text.)

*Harrisia adscendens* (Guerke) Br. et Rose

Quarta species Iamacuru

*Cereus fernambucensis* Lemaire (Fig.100, primeira e 126, terceira)

Lib.3. Cap.16. Pág.127.

Iecuiba

*Cariniana legalis* (Mart.) O.K.

Cereiba

*Avicennia schaueriana* Leechm. et Stapf

Iaçapucaya

*Lecythis pisonis* Camb. (Fig.128)

Iaracatia

*Jaracatia dodecaphylla* D.C. (Fig.129, primeira)

Acaia, Ibametara

*Spondias purpurea* L. (Fig.129, segunda)

Lib.3. Cap.17. Pág.130.

Carana iba, Ananachi Cariri

*Copernicia cerifera* (Arr.) Mart. (Fig.130, primeira)

Copaiba

*Copaifera officinalis* L. (Fig.130, segunda)

Ibixuma, Motamba

*Guazuma ulmifolia* Lam. (Fig.131, primeira)

Coapoiba, Pao Gamelo (Prima species)

*Clusia nemorosa* G.F.W. Meyer (Fig.131, segunda)

Alter species  
*Ficus doliaria* Mart.

Curupicaiba  
*Protium aromaticum* Engl. (Dupl!)

Ibiruba  
*Phyllocalyx edulis* Berg. (Fig.132)

Maratatabiba  
*Didymopanax morototoni* Dec. et Planch.

Lib.3. Cap.18. Pág. 133, primeira  
Arbor (Prima)  
*Cordia toqueve* Aubl. (Fig.133, primeira)

loçara, luçoara  
*Euterpe edulis* Mart. (Fig.133, segunda)

Pindoba  
*Attalea compta* Mart. (Fig.134, primeira)

Arbor (secunda)  
*Citharexylum pernambucense* Moldenke (Fig.134, segunda)

Tapyracoyana, Cannafistola  
*Cassia grandis* L.f.

Lib.3. Cap.19. Pág.135.  
Quera iba  
*Tabebuia caraiba* (Mart.) Bur. (Fig.135, segunda)

Iacaranda ligno albo  
*Swartzia pickelii* Killip ex Ducke (Fig. 135, primeira)

Iacaranda ligno nigro  
*Dalbergia nigra* (Vell) ex Benth. Fr. All. (Fig. errada)

Ibiraba alba  
*Eschweilera luschnathii* (Berg.) Miers (Fig.136)

Tuinamtiiba  
*Erythrina velutina* Willd.

Lib.3. Cap.14 (!) 20. Pág.137.  
Cabui iba, Pao amarello  
*Plathymentia foliolosa* Benth. (Fig.137)

Pacoeira (o fruto: Pacobete, Pacoba)  
*Musa paradisiaca* L., subsp. *sapientum*(L.) O. Ktze, var. *argentea* Pickel (Fig.137,segunda)

Banana, Pacobuçu  
*Musa paradisiaca* L., subsp. *normalis* O. Ktze

Inaia guaçuiba, Coquero  
*Cocos nucifera* L.

Ibira obi  
*Apoleya ferrea* (Sald.) Pickel



Ibacamuci  
*Paivaea langsdorffii* Berg.

labuticaba  
*Myrcia jaboticaba* (Vell.) Berg.

AS PLANTAS PISONIANAS E MARCGRAVIANAS

DA 2. ED.

1658

Liber 4

Lib.4. Cap.1. Pág.108.  
Tacomaree, Uiba  
*Saccharum officinarum* L. (Fig.109)

Lib.4. Cap.3. Pág.114.  
Maniiba, Manduba  
*Manihot esculenta* Crantz (Fig.114)

Cuguaçucuremia, Cuaçu-mandiiba  
*Manihot glaziovii* M.Arg. (Fig.117)

Lib.4. Cap.3. Pág.118.  
Copaliba, Copaiba  
*Copaifera officinalis* L. (Fig.118, fantástica)

Lib.4. Cap.5. Pág.118.  
Cabureiba  
*Myroxylon balsamum* (L.) Harms (Fig.119)

Lib.4. Cap.6. Pág.120.  
Acaiaiba (devia ser: Acaiuiba)  
*Anacardium occidentale* L. (Fig.120)

Lib.4. Cap.7. Pág.121.  
labuticaba (prima)  
*Myrciaria jaboticaba* Berg.

Species quaedam (secunda)  
*Myrciaria cauliflora* (Vell.) Berg.

Lib.4. Cap.8. Pág.122.  
Icicariba  
*Protium aromaticum* Engl. (Fig.122)

Lib.4. Cap.9. Pág.122.  
letaiba  
*Hymenaea martiana* Hayne (Fig.123)

Lib.4. Cap.10. Pág.124.  
Caaopia, Pao de Lacre  
*Vismia guianensis* (Aubl.) Choisy, var. *baccifera* (L.) Reich. (Fig.124)

Lib.4. Cap.11. Pág.125.  
Inaia, Pindova  
*Attalea compta* Mart. (Fig.125)

Caranaiba, Arachecariri, Tamar  
*Copernicia cerifera* (Arr.) Mart. (Fig.126, primeira)

Urucuri iba  
*Syagrus coronata* (Mart.) Becc. (Fig.errada)

Gioçara  
*Euterpe edulis* Mart. (Fig. 127)

Tucum  
*Astrocaryum vulgare* Mart. (Fig.errada)

Airí  
*Astrocaryum aculeatissimum* (Schott) Burret (Fig.129)

Aqué, Catolé  
*Syagrus comosa* (Mart.) Becc.

Iraibá  
*Syagrus oleracea* (Mart.) Becc.

Mirití  
*Mauritia vinifera* Mart.

Maraiáiba  
*Pyrenoglyphis maraja* (Mart.) Burret

Lib.4. Cap.12. Pág.130.  
 Inaiaguaçuiba, Coqueiro  
*Cocos nucifera* L. (Fig.130)

Lib.4. Cap.13. Pág.132.  
 Aroeira  
*Schinus terebinthifolius* Raddi (Fig.errada)

Lib.4. Cap.14. Pág.133.  
 Urucú  
*Bixa orellana* L. (Fig.133)

Iaçapucaio  
*Lecythis pisonis* Camb. (Fig.135)  
 Lib.4. Cap.15. Pág.136.  
 Guiti-iba (Prima arbor)  
*Couepia rufa* Ducke (Fig.136)

Guyti-toroba (Secunda)  
*Lucuma grandiflora* A.D.C. (Fig.137, primeira)

Guyti-iba (tertia) (Fructus:Guyti-miri)  
*Licania tomentosa* (Benth.) Fritsch (Fig.137, segunda)

Lib.4. Cap.16. Pág.138.  
 Ianipaba  
*Genipa americana* L. (Fig.138)

Acaiá  
*Spondias purpurea* L. (Fig.139)

Tapiá

*Crataeva tapia* L. (Fig.140)

Pequeá, Pekiá (Prioris, in text.)  
*Aspidosperma nigricans* Handro

Pequeá, Pekiá (Alterá, in text.)  
*Macoubea guianensis* Aubl. (Fig.141)

Lib.4. Cap.17. Pág.141.  
Araticu. ponhe  
*Anona margravii* Mart. (Fig.142)

Araticu-apé  
*Anona pisonis* Mart.

Araticu paná  
*Anona glabra* L. (Fig.306)

Araticu do mato  
*Duguetia gardneriana* Mart.

Lib.4. Cap.18. Pág.143.  
Caaroba  
*Jacaranda brasiliána* Pers. (Fig.errada)

Pindaiba, Ibíra  
*Xylopiá frutescens* Aubl. (Fig.144)

Ibíra  
*Xylopiá frutescens* Aubl. (Fig.145)

Cedro  
*Cedrela fissilis* Vell.

Anhuyba-peáyba, Pao funcho  
*Ocotea sassafras* Meissh. (Fig.errada)

Anhuiba-miri  
*Aniba canelilla* (H.B.K.) Mez

Ibiraée, Guaiacum  
*Pradosia kuhlmannii* Toledo

Lib.4. Cap.19. Pág.147.  
Ambaiba  
*Cecropia concolor* Willd. (Fig.147)

Ambaitinga (Alterá ejusdem generis)  
*Cecropia hololeuca* Miq.

Andá  
*Joannesia princeps* Vell. p.p. e  
*Solandra grandiflora* Sw. p.p. (Mistura das duas plantas) (Fig.149)

Lib.4. Cap.20. Pág.149.  
Ibábiraba, Guabiraba  
*Britoa dichotoma* Berg. (Fig.150)

Araça-miri  
*Psidium araça* Raddi

Araça-guaçu

*Psidium cattleianum* Sabine (Fig.151)

Guaiaba

*Psidium guajava* L. (Fig.152 e 153)

Lib.4. Cap.21. Pág.154.

Pacoeira

*Musa paradisiaca* L. subsp. *sapientum* (L.) O. Ktze var. *argentea* Pickel (Fig154, primeira)

Banana, Pacobuçu (in text.)

*Musa paradisiaca* L. subsp. *normalis* O. Ktze, (Fig.154, segunda, errada)

Lib.4. Cap.22. Pág. 155.

Mangaiba

*Hancornia speciosa* Gomes (Fig.156)

lutaý, Tamarindus, Tamara azéda

*Tamarindus indica* L.(Fig.157)

Cannafistola, Tapyraçoaynána

*Cassia grandis* L.f. (Fig.158 de flor errada)

Lib.4. Cap.23. Pág.159.

Pinoguaçu mas et foemina, Mamoeira, Papay

*Carica papaya* L. (Fig.159)

Iacaratiá

*Jaracatia dodecaphylla* D.C. (Fig.160)

Lib.4. Cap.24. Pág.161.

Ibiruba

*Phyllocalyx edulis* Berg. (Fig.161)

Ibixuma, Motamba

*Guazuma ulmifolia* Lam. (Fig.162, primeira)

Quity, Pao de Sebaon

*Sapindus saponaria* L. (Fig.162, segunda)

Lib.4. Cap.25. Pág.163.

Tatai-íba

*Chlorophora tinctoria* (L.) Gaud. (Fig.163)

Ibirapitanga, Pao do Brasil

*Caesalpinia echinata* Lam. (Fig.164, primeira)

Iacarandá, Iacaraná alba

*Swartzia pickelii* Killir ex Ducke (Fig.164, errada)

Iacarandá, Iacarandá nigra

(Mistura de duas plantas (Fig.165, primeira)

Queraíba

*Tabebuia caraiba* (Mart.) Bur. (Fig.165, segunda)

Lib.4. Cap.26. Pág.166.

Iabotapita

*Ouratea caudata* Engl. (Fig.166.)

Umbú

*Spondias tuberosa* Arr. Cam. (Fig.167)

luá-umbú

*Ximenia americana* L.

Avaramo-temó

*Abarema avaremotemo* (Mart.) Britton (Fig.168)

Lib.4. Cap.27. Pág.168.

Cebipira-guaçu, C. miri

*Bowdichia virgilioides* H.B.K. (Fig.169, primeira)

litó

*Trichilia cathartica* Mart. (Fig.169, segunda)

Datur et alia species litó

*Guarea guara* (Jacq.) P. Wills. (Fig.170, primeira)

Guabipocacabíba

*Samanea saman* (Jacq.) Merril (Fig.170, segunda)

Mureci-petinga, M. guaçu

*Byrsonima cydoniifolia* A. Juss. (Fig.171)

Lib.4. Cap.28. Pág.172.

laparandíba

*Gustavia augusta* Alm. Sensus Berg (Fig.172)

Cuieté, Cochine

*Crescentia cujete* L. (Fig.173, primeira)

Iaróba, Cásca amargosa

*Tanaecium cyrtanthum* (M.) B. et Sch. (Fig.173, segunda)

Lib.4. Cap.29. Pág.174.

Umari, Camarinhas

*Geoffraea spinosa* L. (Fig.174)

Altera species Umari

*Geoffraea superba* H.B.

Saamouna

*Ceiba erianthos* (Cav.) Schum. (Fig.175, primeira)

Andíra, Angelyn

Mistura de duas Andira (Fig.175, segunda)

Tremaé

*Vernonia scabra* Pers. (Fig.176)

Lib.4. Cap.30. Pág.176.

Camara-tinga

*Lantana sp.* (Mistura de duas plantas) (Fig.177)

Camará-uuba

Mistura de duas plantas

Camará flore albo

*Lantana rugulosa* H.B.K.

Camará-miri  
*Sida rhombifolia* L.

Cambuy (Prior)  
*Phyllocalyx formosus* (Camb.) Berg (Fig.178)

Cambuy (Posterior)  
*Eugenia uvalha* Camb.

Cambuy (Tertia)  
Indeterminável

Cuipouna  
*Cestrum coriaceum* Miers

Lib.4. Cap.31. Pág.179.  
Munduy-guaçu  
*Jatropha curcas* L. (Fig.179)

Nhambú-guaçú  
*Ricinus communis* L. (Fig.180)

Nhambú-guaçú (hortensis), Figuero d'Inferno (Mistura)  
*Datura stramonium* L.

lib.4. Cap.32. Pág.181.  
luripeba (Posterior)  
*Solanum paniculatum* L. (Fig.181, primeira)

luripeba (Prior)  
*Solanum* sp. (Mistura com a Posterior)

Iuabéba  
*Solanum lycocarpum* St. Hil., var. *pulverulentum* Pers. (Fig.182)

Tapirapeçú, Língua di vaca, Erva do figado  
*Elephantopus scaber* L., var. *tomentosus* Sch. Bip.

Lib.4. Cap.33. Pág.183.  
Mamangá, Lavapratas  
*Cassia hoffmannseggii* Mart. ex Benth. (Fig.183)

Manacá  
*Brunfelsia uniflora* (Pohl) Benth. (Fig.184)

Paiomirioba, Herva do bicho  
*Cassia occidentalis* L. (Fig.185, primeira)

Paiomirióba, Tareroqui, Matapasto  
*Cassia tora* L. (Fig.185, segunda)

Lib.4. Cap.34. Pág.186.  
Aminiu, Gossypium  
*Gossypium brasiliense* Macfad. (Fig.186)

Ibirapitanga  
*Eugenia uniflora* L. non Berg. (Fig.187, primeira)

Maçarandíba

*Manilkara salzmanni* (A.DC.) H.I.Lam. (Fig.187, segunda)

Lib.4. Cap.35. Pág.188.

Iamacarú, Cardon (Prima)

*Hylocereus undatus* (Hav.) Br. & Rose (Fig.189, primeira)

Secunda Iamacarú

*Opuntia* sp. (Mistura)

Tertia Iamacarú, Caxabú

*Cereus jamacaru* D.C. (Fig.189, segunda)

Quarta species

*Opuntia brasiliensis* (Willd) Haw. (Fig.190, primeira)

Quinta.... Cumbéba

*Cereus fernambucensis* Lem. (Fig.188 e 190, segunda)

Sexta.... Ururumbéba

*Opuntia ficus-indica* (L.) Mill.

Lib.4. Cap.36. Pág.191.

Caraguatá-acanga

*Bromelia karatas* L. (Fig.192, primeira)

Caraguatá-guaçú

*Fourourea cubensis* Haw. (Fig.192, segunda)

Caraguatá, Erva babosa

*Aloë barbadensis* Mill. (Fig.193)

Caraguatá (Quarta)

*Aechmea tomentosa* Mez. (Fig.194)

Aliae denique

*Encholyrium spectabile* Mart.

Lib.4. Cap.37. Pág.194.

Nana, Ananas

*Ananas sativus* (Lindl.) Schult. (Fig.195)

Silvestres quoque dantur Ananas

*Bromelia karatas* L. (Dupl!)

Lib.4. Cap.38. Pág.196.

Betys, Betre

*Peltobryon attenuatum* Kl. (Fig.196)

Betys foemina

*Ottonia pernambucensis* Trel.

Pimenta dos Indios, Betre, Nhandu

*Piper marginatum* Jacq. (Fig.197, primeira)

Reperitur in Brasilia et alia

*Piper rivinoides* Miq.

Aguâxima, Malva d'Isco

Mistura (Fig.197, segunda)

Lib.4. Cap.39. Pág.198.  
Erva d'anir, Caachira  
*Indigofera microcarpa* Desv. (Fig.198)

Datur et alia species  
*Eclipta alba* (L.) Hassk. (Fig.199)

Lib.4. Cap.40. Pág.200.  
Caapomonga, Caaiairoap, Erva do vina  
Mistura de duas plantas

Datur et alia Caapomongas species  
Planta indescrita (Fig.200)

Tertia Caapomonga, Trevo, Erva d'Amor  
*Meibomia cana* (Gmel.) Blake (Fig.201)

Lib.4. Cap.41. Pág.261.  
Caaéo, luquerii, Erva Mimosa (Quarum prima)  
*Schrankia leptocarpa* D.C. (Fig.202)

Caaéo, Sylva do Praya  
*Mimosa pigra* L. (Fig.errada)

Lib.4. Cap.42. Pág.204.  
Cereiba, Mangue alba (Prima)  
*Avicennia schaueriana* Leechm. et. Stapf.

Cereibuna (Secunda)  
*Laguncularia racemosa* (L.) Gartn.

Guapariiba, Mangue verdadeiro  
*Rhizophora racemosa* G.F.W. Meyer (Fig.204)

Inimbóy, Silva do Praya  
*Guilandina bonducella* L. (Fig.205)

Lib.4. Cap.43. Pág.206.  
Tabacum, Petum, Petume, Herva santa  
*Nicotiana tabacum* L. (Fig.206)

Lib.4. Cap.44. Pág.207.  
Mirabilis peruana  
*Mirabilis jalapa* L. (Fig.208)

Çuambú, Caryophyllata  
*Bidens riparius* H.B.K. (Fig.209)

Lib.4. Cap.45. Pág.209.  
Belingela  
*Solanum melongena* L. (Fig.210, primeira)

Quigombo de chero  
*Hibiscus abelmoschus* L. (Fig.210, segunda)

Quigombo (Secunda)  
*Hibiscus esculentus* L. (Fig.211, primeira)

Girgilim, Gangila  
*Sesamum occidentale* Heer et Regel (Fig.211, segunda)



Lib.4. Cap.46. Pág.212.

Meerú (Prima)

*Canna coccinea* Ait. (Fig.212)

Albará, Pacivíra

*Canna glauca* L. (Fig.213, primeira)

Paco-ceróca

*Renealmia petasites* Gagn. (Fig.213, segunda)

Paco-caatinga, Periná, Cana do Mato

*Costus brasiliensis* K. Schum. (Fig.214)

Arundo silvestris

*Arundo donax* L.

Lib.4. Cap.47. Pág.215.

laborandi (Prima)

*Monnieria trifolia* L. (Fig.215, primeira)

laborandi, (Secunda species)

*Ottonia pernambucensis* (Dupl!) (Fig.216, errada)

laborandi (Tertia)

*Ottonia pernambucensis* (Tripl!)

laborandi (Quarta)

*Piper tuberculatum* Jacq. (Fig.216, segunda)

Lib.4. Cap.48. Pág.217.

Caaghiyuyo

*Clidemia hirta* (L.) D. Don (Fig.217, primeira)

Marrubium americanum

*Stemodia foliosa* Benth. (Fig.217, segunda)

Camara-iápo, Mentastro

*Ageratum conyzoides* L. (Fig.218, primeira)

Aninga Perí

*Heterotrichum octonum* (Bompl.) D.C. (Fig.218, segunda)

Lib.4. Cap.49. Pág.219.

Aguape, Golvão

*Nymphaea amazonum* Mart. et Zucc. (Fig.219)

Aninga-iba

*Montrichardia linifera* Arr. Cam. (Fig.220, primeira)

Alter autem Aninga

Mistura de duas plantas (A Fig. é *Dieffenbachia seguina* (L.) Schott.

Potinçóba, Pulgera

*Polygonum* Mistura de duas plantas (Fig.221)

Lib.4. Cap.50. Pág.225.

Quiya, Piper brasiliensis

*Capsicum* spp. (Fig.225)

Mangaratiá, Zinziber

*Zingiber officinale* Rosc. (Fig.227)

Lib.4. Cap.52. Pág.227.

Nhambi

*Eryngium foetidum* L. (Fig.228)

Iacua acánga, Fedagoso

*Heliotropium indicum* L.

Reperitur et alia species, Aguaraquinha

*Heliotropium tiarioides* Cham. (Fig.229)

Herba lanuginosa

Ignorada (Fig.230, primeira)

Lib.4. Cap.53. Pág.230.

Caa-ataja, Erva de purga de Ican Pays

*Vandellia diffusa* L. (Fig.230, segunda)

Ipecacuánha (Alterá)

*Cephaëlis ipecacuanha* (Brot.) A. Rich. (Fig.231)

Caa-apiá (Pusilla, in text.), Datur et hic alia Caapiae species

*Dorstenia opifera* Mart. (Fig.232)

Lib.4. Cap.54. Pág.233.

Çonambaia

*Adiantum pulverulentum* L. Fig.errada)

Caticaá

*Polypodium brasiliense* Poir.

Ononidis species

*Stylosanthes guianensis* (Aubl.) Sw.

Çonambái-miri, Avenca (Major)

*Adiantum latifolium* Lam.

Adianti minoris

*Pityrogramma calomelanos* (L.) Link (Fig.233 e 234, segunda)

Pinó, Urtica

*Fleurya aestuans* (L.) Gaud., var. glandulosa Wedd. (Fig.235, primeira)

Lib.4. Cap.55. Pág.235.

Tupaípi, Cebola, Cebola albara (Illa autem, in text.) Mistura de duas plantas. (Fig.235, segunda)

Ciporema, Cipó d'Alho

Mistura de duas plantas

Tipí

Planta ideterminável pelos caractéres falsificados.

Ibiraremo

*Gallesia integrifolia* (Spreng.) Harms

Taiaoba (Prima)

*Xanthosoma violaceum* Schott (Fig.236, primeira)

Taiaoba, Mangará peuna (Secunda)

*Calocasia esculenta* (L.) Schott (Fig.236, segunda)

Taiaboa, Taiobaraon, Mangará brava (Quarta)  
*Xanthosoma sagittifolium* (L.) Schott

Lib.4. Cap.56. Pág.237.  
Iaçapé, Çape  
*Cyperus surinamensis* Rottb. (Fig.237, segunda)

Paraturá  
*Remirea maritima* Aubl.

Capuupeba, Pe de Gallinha  
Mistura de duas gramineas

Iupicaí, Erva d'Empige  
*Xyris jupicaí* L.C. Rich (Fig.238)

Amongeába  
Mistura de duas plantas (Fig.239)

Lib.4. Cap.57. Pág.239.  
Erva de Sta Maria, *Dracumculus major*  
Mistura de duas plantas (Fig.240, errada)

Capicatinga, Iacarécatinga  
*Seleria pratensis* Lindl. (Fig.241, primeira)

Cararú, Bredos  
*Amaranthus sp.*  
Mistura de duas plantas (Fig.241, segunda)

Uva crispa americana  
Mistura de plantas imaginárias (Fig.242)

Melissae species agrestis, Erva cidreira  
*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.

Lib.4. Cap.58. Pág.243.  
Caaponga (Prima), Perexil do mar.  
*Iresine vermicularis* (L.) Miq. (Fig.243, primeira)

Caaponga (Secunda)  
*Sesuvium portulacastrum* L. (Fig.243, segunda)

Caaponga (Tertia), Beldroga  
Mistura de duas plantas de *Portulaca* (Fig.244, primeira)

Acetosa brasiliensis (in text.)  
*Talinum paniculatum* (Jacq.) Gaertn.

Lib.4. Cap.59. Pág.244.  
Herba lanuginosa  
*Gnaphalium indicum* L. (Fig.244, segunda)

Ibiraéém, Alçaçu  
*Periandra mediterranea* (Vell.) Taub. (Fig.245, primeira, errada)

Caiatia, Erva dos cobres  
*Euphorbia pilulifera* L., var. *hirta* L. (Fig.245, segunda)

Caacica (Datur et alia species)  
*Euphorbia brasiliensis* Lam.

Basoura (in text.)  
*Sida rhombifolia* L.

Tupeçava, Basourinha  
*Scoparia dulcis* L. (Fig.246)

Lib.4. Cap.60. Pág.247.  
Omnium autem pomorum  
*Passiflora edulis* Sims. (Fig.247 bis, primeira)

Murucuiá (Secunda species maliformis)  
*Passiflora cincinnata* Mast. (Fig.248)

Murucuiá (Tertia maliformis)  
*Passiflora edulis* Sims (Dupl!) (Fig.247, bis primeira)

Murucuiá (Quarta), Murucuiá-guaçu, Pág.247 bis.  
*Passiflora quadrangularis* L. (Fig.247, bis segunda)

Murucuiá-mirí (Quinta) Pág.248, bis.  
*Passiflora suberosa* L. (Fig. 248 bis.)

Lib.4. Cap.61. Pág.249.  
Timbo-guaçu, Timbo de Cono, Barbasco  
*Serjania lethalis* Sr. Hil.

Guaianá-Timbó, Faisaons d'impige  
Mistura de duas plantas (Fig.249)

Guembé  
*Philodendron imbe* Schott

Guembé-guaçú  
*Heteropsis jermani* Oliver?

Cururu-apé  
*Paullinia pinnata* L. (Fig.250)

Tety-pote-iba  
*Phthirusa pyrifolia* (Kunth.) Eichl.

Lib.4. Cap.62. Pág.251.  
Cumanda-guaçu  
*Canavalia ensiformis* D.C.

Cumandá-guirá  
*Cajanus cajan* (L.) Mill.

Cumandá (Illae autem)  
*Phaseolus vulgaris* L.

Cumanda-mirí  
*Vigna sinensis* Endl.

Cumandatiá  
*Dolichos lablab* L. (Fig.251)

Guandú

*Phaseolus lunatus* L. (Fig.252)

Guarumbeé

*Phaseolus derasus* L.

Lib.4. Cap.63. Pág.252.

letuçú, Batata da purga

*Operculina alata* (Ham.) Urb. (Fig.253)

Lib.4. Cap.64. Pág.254.

letica, Batata

*Ipomoea batatas* (L.) Poir. ex Lam. (Fig.254)

Batata, Omenapó yeima (Aliae quoque... prima)

*Ipomoea batatas* (L.) Poir, ex Lam. var.

Pararó (Secunda)

*Ipomoea batatas* (L.) Poir,ex Lam. var. *porphyrorhia*?

letiopé

*Pachyrrhizus bulbosus* (L.) Britton

Inhame de S. Thomé, Cará

*Dioscorea alata* L. (Fig.255, primeira)

Tamoatarána

*Sarante marcgravii* Pickel (Fig.255, segunda)

Mandubí, Mandobí, Amenduinhas

*Arachis hypogaea* L. (Fig.256)

Mandobí

*Voandzeia subterranea* (L.) Thouars

Lib.4. Cap.65. Pág.257.

lupicanga

*Smilax campestris* Griseb. (Fig.257, errada)

Iuapecánga, Çarçaparilla

*Smilax phyllobola* Mart. (Fig.258, primeira)

Salsa do Praya, Çarça

*Ipomoea pes caprae* (L.) Sweet (Fig.258, segunda)

Lib.4. Cap.66. Pág.259.

Nhandiroba

*Fevillea trilobata* L. (Fig.259)

Acariçóba, Erva do Capitaon

*Hydrocotyle umbellata* L. (Fig.260, primeira)

Ambuyaembó

*Aristolochia brasiliensis* Mart. et Zucc. (Fig.260, segunda)

Caapeba, Cipó de cobras, Erva de Nossa Senhora, Erva do cobres

*Cissampelos glaberrima* St. Hil. (Fig.261)

Lib.4. Cap.67. Pág.262.

Curuá, Curubá

*Sicana vulgaris* Schr. (Fig.263)

Iurumú, Urumú, Bobora (Prima, in text.)  
*Cucurbita pepo* L. (Fig.264, primeira)

Ieruá (Secunda)  
*Cucurbita pepo* L. var.

Taquerá (Tertia)  
*Lagenaria vulgaris* Ser.

Guarerua-oba  
*Cucumis anguria* L. (Fig.264, segunda errada)

Lib.4. Cap.68. Pág.265.  
Sargaço  
*Sargassum vulgare* (Ag.) O. Ktze. (Fig.266)

## **Liber 5**

Lib.5. Cap.17.  
Tangaracá, Erva do rato (Secunda)  
*Palicourea crocea* (Sw.) D.C. (Fig.302, primeira)

Tangaracá, Erva do rato (Secunda)  
*Cephaëlis pubescens* Hoffm. (Fig.302, segunda)

Tangaracá, Erva do rato (Tertia)  
Ignorada (Fig. de *Boerhaavia*)

Caéo  
*Schrankia leptocarpa* (Dupl!) (Fig.304, primeira)

Mandihoca  
*Manihot esculenta* Crantz (Fig.305) (Dupl!)

Lib.5. Cap.18. Pág.306.  
Araticú-pana  
*Anona glabra* (Dupl!) (Fig.306)

Mucuná (Secunda)  
*Mucuna urens* (L.) D.C. (Fig.307, segunda)  
Ahoay-guaçú  
*Thevetia peruviana* (Pers.) Merrill (Fig.308)

Ahoay-mirí  
Desconhecida

Carapucú  
*Agaricus pisonianus* Mart. (Fig.309)

Lib.5. Cap.19. Pág.309.  
Nhambú  
*Eryngium foetidum* L. (Dupl!) (Fig.310)

Caapiá  
*Dorstenia opifera* Mart. (Dupl!) (Fig.311, primeira)

Caacica, Erva de cobras  
*Euphorbia pilulifera* L., var. *hirta* L. (Fig.311, segunda)

laborandí  
*Monnieria trifolia* L., var. *hirta* L. (Fig.312, primeira)

Caapéba, Cipó de cobras  
*Cissampelos glaberrima* St. Hil. (Dupl!) (Fig.312, segunda)

Lib.5. Cap.20. Pág. 313.  
Limoeiro  
*Citrus aurantifolia* (Christm.) Swingle (Fig.314).

\*\*\*\*\*  
\*\*\*\*\*

## II. APÊNDICE

### ENSAIO ETIMOLÓGICO DOS NOMES DA LÍNGUA A TUPI ENCONTRADOS NÊSTE TRABALHO BOTÂNICO

Nos comentários á obra: “História Natural do Brasil” da autoria de JORGE MARCGRAVE, traduzida em boa hora por iniciativa do historiador partricio Dr. AFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY, Diretor emérito do Museu Paulista, encontra-se também o trabalho do Prof. PLINIO AYROSA, proveto Tupinólogo da Universidade de São Paulo, que fornece um glossário de étimos mencionados por MARCGRAVE. No entanto, em vão procuramos ali certos têrmos botânicos usados por MARCGRAVE, pois, salvo uns poucos, o autor deixou de explicá-los, lamentando apenas que o texto apresente imensas dificuldades, por serem os têrmos grafados de maneira arbitrária, sem acentuação alguma e mal interpretados pelos que forneceram elementos a MARCGRAVE. De fato. Mas vale sòmente quanto aos têrmos topográficos e etnográficos que estão estropiados, e não para os têrmos tupis de plantas, que são grafados de uma maneira mais pura do que aquêles usados por GABRIEL SOARES, FREI VICENTE DO SALVADOR e outros, como temos provados no nosso trabalho intitulado: “PISO E MARCGRAVE NA BOTÂNICA BRASILEIRA”. Ao nosso ver, tôda a dificuldade está em dar o significado dos têrmos botânicos quando não se conhecem as respetivas plantas. Debalde procurámos também nas outras obras congêneres a etimologia dos têrmos botânicos transmitidos por MARCGRAVE ou, caso foram explicados, alguns são completamente disparados.

Com muito acerto IHERING explana a causa dêsses disparates que iremos reproduzir de um seu artigo (24),<sup>(\*)</sup> onde diz: “A interpretação etimológica dos nomes zoológicos indígenas deixa a desejar e incide em erros pela inobservância de vários preceitos que, a seguir, tentaremos definir:

- a) Como já dissemos algures “é perigoso explicar o nome, sem conhecer bem as particularidades da respectiva espécie, pois, guiado apenas pelo bom som da sílaba, o etimólgo, ao decompor a palavra fâcilmente interpretará o sentido como referente a qualificativos contrários à ecologia, ao aspecto ou à cor da espécie em questão, quando o índio timbrava em salientar na denominação, os traços caraterísticos do animal designado”.
- b) Outra causa de êrro provem do respeito demasiado à grafia e às informações dos velhos autores, compreendidos tanto os clássicos do tempo do descobrimento, como os cientistas do período em que predominou MARTIUS.
- c) A nomenclatura científica, bem compreendida, pode auxiliar em muito os estudos a que aqui nos referimos; não lhe atendendo, porém, as falhas, ela encaminha ao êrro o leigo em sistemática.
- d) Sujeitando os vocábulos de presumível origem comum a um confronto geral, incluídas nestas listas tôdas as variantes de pronúncia, procede-se por um método comparativo

---

(\*) NOTA: Os algarismos em parênteses referem-se sá à literatura dêste Apêndice.

muito promissor. Isto até agora, com relação à nossa fauna, poucas vezes foi praticado e, linhas acima, citamos um destes exemplos (“sagüin”). O Dr. HERMANN VON IHERING fê-lo com sucesso com relação às abelhas sociais.

- e) Nem todos os vocábulos se prestam a uma decomposição em sílabas-radicais. É preferível ao nosso sentir, silenciar e deixar inexplicados certos nomes breves, a decompô-los artificialmente, forçando a interpretação”.

O que IHERING afirma a respeito dos termos zoológicos vale igualmente para os botânicos. Segundo BARBOSA RODRIGUES (13) os índios eram meticolosos, na nomenclatura e conheciam até a taxonomia das plantas impondo-lhes nomes adequados binários ou trinários com muita precisão. Mostrou quanto o índio é observador, perspicaz e inteligente e que a sua classificação botânica está, mais ou menos, de acordo com a taxonomia científica segundo as regras de LINEU.

O Dr. HERMANN VON IHERING, citado por AYROSA (9). Assim se exprime: “Ao meu ver, os nomes tupis dos animais do Brasil são de sumo valor para a investigação biológica, dando indicações precisas que os naturalistas não podem e não devem deixar de aproveitar”.

É que os nomes dados pelos índios às plantas e animais tem algum significado particular, revelando alguma propriedade ou caracteres morfológicos, de maneira que só se pode dar a etimologia de um termo peculiar tupi quando o nome da planta ou animal respectivo for bem determinado e conhecido.

AYROSA (9) critica o Dr. RODOLPHO VON IHERING, dizendo que “O autor, do ponto de vista exclusivamente zoológico, pode estar com a razão, mas não é de bom aviso, em questões etimológicas, cingir-se o etimologista a um dado setor dos conhecimentos humanos. Discutir a denominação “Acará” por exemplo, como faz IHERING na crítica a SAMPAIO, é perder tempo, pois, o possível tema “Cará” ocorre em várias outras línguas americanas, asiáticas e européias com sentido muito diversos uns dos outros”.

Não obstante a tudo isso, tentaremos, com os meios ao nosso alcance, a decompor os étimos botânicos de acordo com o significado que devem ter, à luz da fitografia.

O glossário que apresentamos ressent-se naturalmente de falhas e imperfeições por sermos leigo no assunto, e que os mestres poderão corrigir e completar.

Os nomes que nos foram perpetuados por PISO e MARCGRAVE ainda hoje vigoram no Estado de Pernambuco, enquanto que em outros Estados ou não são conhecidos ou estropiados. (35)

Damos, em seguida, a literatura em ordem alfabética, os termos botânicos tupis encontrados no nosso trabalho taxonômico da flora brasileira colonial.

Agradecemos neste lugar o auxílio que nos prestou nesta tarefa o Dr. PLINIO AYROSA a quem consultámos.

\*\*\*\*\*



LITERATURA CONSULTADA DO  
II. APÊNDICES

(Ensaio Etimológico)

1. ABREU, J. Capistrano de  
A língua dos Caxinauás do Rio Ibuacú. Rio de Janeiro. Typ. Leuzinger. 1914.
2. ANCHIETA, P. Josephi de  
Grammatica. [In: História Naturalis Brasilia. Lungdun. Batavoum, apud Lud. Elzevirium.] 1948.
3. ANONIMO  
Vocabulário na língã brasílica. São Paulo. Col. do Dept. de cultura (Coordenado e prefaciado por PLINIO AYROSA). 1938.
4. ARRONCHES, Frei João de  
O caderno da lingua ou vocabulário portuguez-tupi. (Ed. de PLINIO AYROSA), in: Rev. Mus. Paul. 21. 1937. 1739.
5. AYROSA, Plínio  
Têrmos tupis no português do Brasil. São Paulo (Vol.13 da Col. Dept. de cultura). 1937.
6. \_\_\_\_\_  
Os "Nomes das partes do corpo humano pella lingua do Brasil" de PERO DE CASTILHO. São Paulo. (Vol. 14 da Col. do Dept. de Cultura). 1937.
7. \_\_\_\_\_  
Colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas, [in: JEAN DE LERY, Viagem á terra do Brasil. São Paulo. Livraria Martins.] 1941.
8. \_\_\_\_\_  
Comentários sôbre o Livro VIII de JORGE MARCGRAVE, História Natural do Brasil. São Paulo. Imp. Of. do Estado. 1942.
9. \_\_\_\_\_  
Apontamentos para a bibliografia da língua tupí-guarani. [In: Bol XXXIII da Fac. de Filos., Ciências e Letras. São Paulo.] 1943.
10. BARBOSA RODRIGUES, João  
Poranduba amazonense. Rio de janeiro. [In: Anais da Bibliotéca Nacional. vols. 14 e 15, de 1886-1887/ 1887-1888.]
11. \_\_\_\_\_  
Elogae plantarum novarum. Manaos. [In: Vellozia 1. (2ª Ed.).] 1891.
12. \_\_\_\_\_  
Hortus Fluminensis. Rio de Janeiro. Typ. Leuzinger. 1894.
13. \_\_\_\_\_  
Mbaé Kaá tapyiyetá enoyndaua. Rio de Janeiro. Impr. Nac. 1905.
14. BAPTISTA, C.A. Nogueira  
Apontamentos sobre o Abaneenga, também chamado Guarani ou Tupi ou Língua geral dos Brasis. [In: Ensaios de Sciencia. Por diversos Amadores. Rio de Janeiro. Brow & Evaristo, Edit.] 1876.
15. CAMINHOÁ, Dr. Joaquim Monteiro  
Elementos de Botânica Geral e Medica. Rio de Janeiro. Typ. Nacional. 1877-1884.
16. CASTRO, Baptista de

- Vocabulário Tupi-Guarany. Rio de Janeiro. Ariel Edit. 1936.
17. CASTRO, Eugenio de  
Ensaio de Geographia linguistica. São Paulo. Comp. Edit. Nac. (Brasiliana 201). 1906.
  18. EDWALL, Gustavo  
Ensaio de uma synonymia dos nomes populares das plantas indigenas do Estado de S. Paulo (2ª parte). : Bol. da Com. Geogr. e Geolog. de S. Paulo, Nº 16. 1906.
  19. EVREUX, P. Ivo d'  
Viagem ao Norte do Brasil. (Trad. do Dr. César Augusto Marques). Rio de Janeiro, Livraria Leite Ribeiro. 1929.
  20. FREITAS, Afonso de  
Vocabulário nheengatú. São Paulo. Comp. Edit. Nac. (Brasiliana 75). 1936.
  21. GARCIA, Rodolpho  
Introdução e notas. [In: FERNÃO CARDIM, Tratados da terra e gente do Brasil. Rio de Janeiro. Edit. J. Leite e Cia.] 1925.
  22. \_\_\_\_\_  
Introdução e notas. [In: CLAUDE D' ABBÉVILLE, História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão. São Paulo. Livraria Martins Edit.] 1945.
  23. HOEHNE, F.C.  
Botânica e Agricultura no Brasil, no século XVI. São Paulo. Comp. Edit. Nac. (Brasiliana 71). 1937.
  24. IHERING, Rodolpho von  
O Tupy na Geographia Nacional. [In: Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, Vol.11 (3-4):57-70.] 1935.
  25. LAET, Joannes de  
De Lingua Brasiliensium. [In: História Naturalis Brasiliae. Lugdun. Batavorum, apud Franciscum Hackium et Amstelodami, apud Lud. Elzevirium.] 1648.
  26. LOEFGREN, Alberto  
Ensaio de uma synonymia dos nomes populares das plantas indigenas do Estado de S. Paulo. : Bol. da com. Geogr. e Geolog. de S. Paulo, nº 10. 1895.
  27. MARCGRAVI, Georgii  
Commentarii de Brasiliensium & Chilensium Indole et Lingua [In: GULIELMI PISONIS: De Indiae utriusque Re naturali et medica. Amstelaedami, apud Ludovicum et Danielem Elzevirios.] 1658.
  28. MARROQUIM, Mario  
A lingua do Nordeste. São Paulo. Comp. Edit. Nac. (Brasiliana 25). 1934.
  29. MARTII, C.F. Ph. de  
Flora Brasiliensis. Monachii. 1842-1906.
  30. \_\_\_\_\_  
Zur Ethnographie Amerikas, zumal von Brasilien. Leipzig, Verlag F. Fleischer. (2 Vols.) 1867.
  31. MENDONÇA, Renato  
A influência africana no português do Brasil. São Paulo. Comp. Edit. Nac. (Brasiliana 46). 1935.

32. MONTOYA, P. Antonio Ruiz de  
Arte de la Lengua Guarani é mas bien Tupi. Viena e Paris. 1876.
33. MORAES, P. Manuel de  
Dictionariolum nominum et verborum linguae Brasiliensibus maxime communis. [In: História Naturalis Brasiliae. Lugdun. Batavorum, apud Franciscum Hackium et Amstelodami, apud. Lud. Elzeviridium.] 1648.
34. MORAES, Raymundo de  
O meu dicionario das cousas da Amazonia. Rio de Janeiro. (2 vols.) 1931,
35. NEIVA, Arthur  
Estudos da língua nacional. São Paulo. Comp. Edit. Nac. (Brasiliana 178). 1940.
36. ONOFRE, Frei  
Diccionario portuguez-brasiliano e brasiliano-portuguez. [In: Rev. do Mus. Paulista, vol.18 (Ordenado e prefaciado por PLINIO AYROSA).] 1934.
37. PARDAL, Dr. Ramon  
Medicina aborigen americana. Buenos Aires. Edit. José Anesi. 1937.
38. PEREIRA, Huascar  
Pequena Contribuição para um Dicionario das plantas úteis do Estado de São Paulo (índigenas e aclimadas). São Paulo. Typ. Brasil. 1929.
39. PIRAJA DA SILVA, Dr. Manoel  
Introdução, Comentários e Notas. [In: GABRIEL SOARES DE SOUZA, Notícia do Brasil. São Paulo, Livraria Martins Edit. (2 vols.)] 1939.
40. RAMOS, Arthur  
Introdução à Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro Col. de Estudos brasileiros da C.E.B. (2 vols.) 1947.
41. SAMPAIO, Theodoro  
O Tupi na Geographia Nacional. São Paulo. Emp. Typog. Edit. "O Pensamento". (2ª ed.) 1914.
42. SENNA, Nelson  
A influência do Índio na linguagem brasileira. Rio de Janeiro. Ministério da Agr., Cons. Nac. de Proteção aos Índios. (Sep. da Publ. 101). 1947.
43. SOUZA, Bernadino José de  
Dicionário da terra e gente do Brasil. São Paulo. Comp. Edit. Nac. (4 ed.) (Brasiliana 164). 1939.
44. SPIX, J.B. von e MARTIUS, C.F. Ph. von  
Viagem pelo Brasil. Impr. Nac. (3 vols.) 1938.
45. STEIN, JR., Guilherme  
O Tupi. São Paulo. Livraria Liberdade.1934.
46. STRADELLI, E.  
Vocabulário da língua geral portuguez-nheengatú e nheengatú-portuguez. Rio de Janeiro. [In: Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Vol. 158.] 1928.
47. SYMPSON, Pedro Luiz  
Gramatica da língua brasileira. Rio de Janeiro, Empr. Fernandes, Neiva & Cia. (3ª ed.)
48. TASTEVIN, P. Dr. Constantino

- Gramatica da lingua tupi. In: Rev. do Museu Paulista, t. 13:535-597. 1923.
49. \_\_\_\_\_  
Vocabulário Tupi-Portuguez. lb. 598-686. 1923.
50. \_\_\_\_\_  
Nomes de plantas o animaes em lingua Tupy. lb. 687-763. 1923.
51. \_\_\_\_\_  
Addenda (ao) Vocabulário Tupy-Portuguez. Lb. 1285-1286. 1923.
52. VELLARD, J.A.  
Poisons de pêche et poisons de chasse en Amérique du Sud. Rio de Janeiro. [In: Bol. Mus. Nac. Nº14: 345-362.] 1942.

-----ooo0000ooo-----

GLOSSÁRIO ETIMOLÓGICO  
DOS NOMES TUPIS

A

Abacaxi – Fruta de fôlha ponteaguda (39); Fruta cheirosa (41).

Abaremo temo, avaremo temó – A vagem curva arqueada que chacalha e tem propriedades astringentes (41). HOEHNE (23) deriva o nome de: abá eyma tembiu - árvore sem alimento. Nome dado à Abarema avaremotemo (P.1:77; P.2:168).

Abibura – A haste que vem do fundo (16). Nome dado ao Agaricus de PISO.

Acaiaá, acaiaiba, acajá – Caroço cheio, justo, fruto de cajazeira (Spondias purpurea) (41). (M.: 129; P.1:68; P.2:139).

Acaiuiba, acaju – Árvore de pomo amarelo, o cajú (41); O que dá caroço (39). (M.:95; P.1:57, P.2:120). MARCGRAVE e PISO trocam os tēmos: Acaiaiba e acaiuiba.

Acaiacatinga – Cajazeira aromática; O cedro branco (41); Nome de Cedrela sp. (P.1:98; P.2:145).  
Acaja – Vedê: Acaiaá.

Acanga – Cabeça, botão (16). Vedê: Caraguatá acanga.

Acariçoba – Fôlha redonda. Nome dado à Hydrocotyle umbellata (M.:27; P.1:90).

Açu – grande.

Acutiguepo-obi – Fôlha, comida de Cotia (16). (M.:53; P.2:224).

Aguahi, aguay – vedê: Ahoay.

Aguapé, Uapé – Objeto circular plano (41). Alusão á fôlha de Nymphaea. (M.:23; P.1:91 e P.2:219).

Aguara ciunha – Vedê: Aguaraiinha.

Aguara ponda – Rabo de cão (46). Alusão á inflorescência de Stachytarpheta semelhante a uma cauda (M.:6).

Aguarariinha, Aguaraiiya – Pimenta de cão (41), (P.1:109; P.2:229).

Aguaxima, guaxima – O que é liso e circular (41). A fôlha do Pothomorphe tem realmente esta forma. (P.1:104; P.2:197).

Agutiguepo obi – Vedê: Acutiguepo obi.

Ahoay, aguahi – Enfeite, guizo (16, 22). A semente de Thevetia serve de adorno e tine como um guizo (P.1:49; P.2:308).

Aipim – A raiz enxuta, a mandioca mansa (41), que se come assada (39), é chamada também “macaxera”.

Airi – O cacho (16); Fruto que tem água (13). Nome de uma palmeira. (P.2:129).

Albará – Cebola albarrã. Tēmo português dado à Scilla maritima de Portugal. (M.5 e 32; P.1:117; P.2:213 e 238).

Almácega – almiscar.

Amapá – Fruta redonda com conteúdo (32, 41). Segundo MARTIUS (20) êste ótimo seria de origem galibi, significado “batata”. Nome dado à Macoubea guianensis (P.2:241).

Ambaiba, imbaiba, imbauba – Árvore de ôco (13,41); Árvore alta (13); Árvore de gosma (30). (M.:91; P.1:72; P.2:147).

Ambaitinga – ambaiba branca (41). (M.:91; P.1: 72; P.2:147).

Ambui, imbu, umbu – Fruto pequeno do “umbuzeiro” (Spondias) (41). O da “ameixa de espinho” (Ximenia) também assemelha-se a um pequeno umbú. (M.:108).

Ambuyaembo – Cipó catarro (30). Nome de Aristolochia brasiliensis (M.:15; P.2:260).

Aminiu – O algodão (41). Segundo AYROSA (8), a palavra se escreve: Amandyjú – O que dá em pelotas, em novelos, em flocos (M.:59; P.2:186).

Amongeaba – Cabelo saliente que segura (16). As aristas da inflorescência da gramínea Setaria são ásperas e se apegam aos cabelos da gente. (P.1:120; P.2:239).

Anche cariri, ananachi-cariri – Palmeira dos Cariris, a “carnaubeira”. (M.:130; P.1:162; P.2:126).

Ananás – Vêde: Naná.

Anani – Vêde: Guanandi.

Andá – O fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (41). É o nome da árvore “Andá-açu” (“Andai-açu” é estropiado). (M.:110; P.1:72; P.2:148).

Andirá – Fruto de morcego (41). (M.:100; P.2:175).

Anhui, Anhuiba – Árvore cheirosa (16).

Anhui peabya, A. peayba – Árvore cheirosa com casca fedorenta (16), como é o “Pau funcho”. (P.1:98; P.2:145).

Anhui pitanga – Anhui vermelho. (P.1:98; P.2:145).

Aninga – Bagos de “Ingá” unidos (16). Nome de “Aninga” (Dieffenbachia). (P.1:103; P.2:220). Aninga iba é a árvore com fruto em sorose com bagos semelhantes aos de “Ingá” (Montrichardia). (M.:106; P.2:219).

Aninga Peri – Peri – o junco (16). A “aninga” que vive na água á maneira de “junco”. Nome dado por PISO á Meterotrichum octonum, porém, mal aplicado (P.1:116; P.2:218).

Antuniba – Árvore rija, forte (16). Nome dado ao “Cedro” (Cedrela). (P.1:98; P.2:145).

Apeiba – Árvore com pele cascuda (16). (As Tiliaceae têm casca muito grossa e fibrosa); Fruto cabeludo (13). (O fruto é de fato cabeludo); Fruto com superfície de cabeça coberto de cerdas rijas (23); Pau de flutuar (39); Pau torto (38, 39). Trata-se do “Pau jangada” do Norte. (M.: 124).

Aqué – Fruto (de palmeira). Nome de Syagrus comosa (P.2:129).

Ará – Haste que nasce (41). Nome dado ao Caladium bicolor.

Araçá – Fruto temporão (41). (Alusão ao fato de aparecer o fruto em tempo próprio); Fruta que tem olhos (13, 20, 39). Nome dado ás Myrtaceae do gênero Psidium. (M.:105, P.1:74; P.2:152).

Arapabaca – O que nasce com a extremidade enrolada (16). A planta Spigolia tem a espiga enrolada. (M.:34).

Arariba – Árvore de arara (16). A casca da árvore *Sickingia* fornece uma tinta de cor purpúrea (M.:106).

Araticu – Fruta de polpa líquida (que caindo se desfaz) (16); Cuia de frutos (22); Comida de arara (13). Dêste gênero de plantas há as espécies seguintes:

- 1) – Araticu apé – O araticú encaseado (16, 39). Segundo MARTIUS (30), assim se chama o fruto por causa da semelhança com o de *Brosimum* chamado pelos Tupinambás de “apé” (M.:94; P.1:70; P.2:142).
- 2) – Araticu pana (Pode ser engano por “rana”) – O “araticú falso” mas, segundo BARBOSA RODRIGUES (13), “pana” significa: “A. do rio”. (P.1:70; P.2:142; e 306).
- 3) – Araticu ponhe – Segundo MARTIUS (30), o termo vem de “pong” – viscoso; segundo AYROSA (8) significa “andar de gatinhas”, e segundo BARBOSA RODRIGUES (13) “rasteiro” (M.:93; P.1:69; P.2:141).

Aricuri – Vêde: Urucury.

Aroeira – Frutos em penca (16). (M.:90; P.1:64; P.2:132).

Atitara, latitara, Titara (lacityta) – Indivíduo que agarra a gente (13). É o nome da palmeira Desmoncus (M.:64).

Avaramo temó – Vêde: Abaremo temo.

## B

Bacoba, Bacoera, Pacó – A Bananeira (16); Bacoba – A folha enrolada particular às *Musaceae* (41). Segundo AYROSA (8), a palavra vem de opa oba – Tudo folha. (M.: 137; P.1:75; P.2:154.).

Bacupari – Vêde: Ibacurupari.

Bacuri – Fruta de alimento (22).

Banana – Aquilo que sempre cheira (16). (M.:138; P.2:155).

Barbasco – Vem do latino Verbascum (P.2:249).

Barbatimão – Árvore que aperta (12).

Belingela, Beringela – Nome estropiados da palavra latina Melongena, chamada assim, por causa da semelhança com um melão. (M.:24; P.2:209).

Betel, Betre – Vêde: Betys.

Betys – Nome dado pelos portugueses à “Pimenta de mascar” da Índia e, posteriormente, também à “Pimenta rabuda” do Brasil. Segundo GABRIEL SOARES (39), o nome primitivo é “Betele”. (M.:75; P.1:88; P.2:197 (Betre); (M.:124; P.1:88; P.2:196). (Betys).

Biriba, Mbira – A casca fibrosa (16); Iba-árvore. Árvore que dá imbirá ou casca de amarrar. (M.:94; P.2:143).

Brejauba, brajauba (Ibiraya) – Feito de madeira forte (41), Nome de uma palmeira (P.2:129).

Buranhem, Ibirá-nhê, Pau doce (41). O mesmo que Ibiráee.

Burití – Vêde: Mirití.

## C

- Caa-apiá, caapiá – Erva com uma cabeça em forma de círculo (16); Erva aromática (26); Erva manchada (13); Erva com inflorescência chata (13). A inflorescência de *Dorstenia* é uma sorose plana, circular, na extremidade de um pedúnculo. (M.:52; P.1:90; P.2:232 e 311).
- Caa-ataia, caataja, caataya – Erva acre, picante (16). Erva que queima (13). (M.:31; P.1:110; P.2:230).
- Caachira – Erva dormente (8). Termo mal aplicado a *Indigofera* (P.2:198).
- Caacica – Erva que dá resina (16). Termo dado a uma *Euphorbia* (M.:15; P.2:246).
- Caaeo – (Planta) procedente do mato (41); Planta que dorme (12, 16); Planta, que morre (13). Trata-se de *Schrankia leptocarpa* (M.:73; P.1:118; P.2:201 e 304).
- Caetimay – Erva toda branca (quando solta os papilhos alvos). Nome dado a *Erigeron canadensis* (M.26).
- Caaghiyuyo – Erva oriunda do campo (41). Nome dado por MARCGRAVE por um malentendido a *Clidemia hirta* (M.:59; P.2:217).
- Caaguaçuiba – Árvore de folha grande. Nome dado a *Coccoloba mollis* que se chama, agora de “Cabaçú” (M.:97).
- Caaiandiroap. caajandiwap (corrigido: caaiandioá) – Erva de fruto grudento (16). PISO, (em P.1:82 e 105), fala de *Plumbago scandens* e , em P.2:200, de *Meibomia cana*.
- Caaopia, caopia – Planta (com botões) em forma de cabeça (16); Erva manchada (13); Arbusto para tingir (30); Fruto para tingir (39). Os botões floríferos de *Vismia guianensis* var. *baccifera* são cabecinhas globulosas. (M.:96; P.1:60; P.2:124).
- Caapeba, capeba – Folha plana (41). As folhas de *Cissampelos glaberrima* são planas e redondas como um escudo, (M.:25; P.1:94; P.2:261 e 312).
- Caapomonga, cuapomonga – Erva pegajosa (16). Os frutinhas de *Boerhaavia coccinea* (M.:28) e de *Meibomia cana* (P.2:200) são pegajosas e grudam na roupa. Hoje a primeira é chamada “Pega-pinto”, em Pernambuco, e a outra, “Amores de vaqueiro”, devido a essa mesma propriedade.
- Caapomonga – Erva que faz ruido (16). Quebrando o caule das ervas gordas elas dão um estalo, como acontece com a *Iresine vermicularis* e *Sesuvium portulacastrum* (P.2:243).
- Caapotiragoá – Flor habitante do mato (16). Malentendido de MARCGRAVE para designar a planta *Mitracarpus hirtus* (M.:8).
- Caaroba, caroba – Planta amarga (16). Nome de tôdas as espécies de *Jacaranda*, no nosso caso o de *J.brasiliana*. (P.1:70; P.2:143).
- Cabaçú, cabuçú – Folha grande. Nome dado a *Coccoloba mollis*.
- Cabraiba – Vêde : Cabureiba.
- Cabureiba, Cabraiba – Árvore que produz frutos que a coruja come (20); Fruto com semelhança de coruja (41); Árvore dos caborés (13). HOEHNE (23) escreve que os frutos alados, da árvore *Myroxylon peruiferum* “com o espessamento correspondente á semente na extremidade fazem lembrar bem a forma da pequena coruja quando pousada e de asas fechadas, porque até o bico curto e largo se acha evidenciado neles” (P.:1:57 e P.2:119).



Çacaranda – Vêde: Iacaranda.

Casteté – Folha verdadeira, folha grande (39, 41). Nome dado hoje às espécies de Heliconia. (M.:53; P.2:224).

Caiapá – Vêde: Caa apiá.

Caiatiá – Erva provida de cristas (16). A planta Euphorbia pilulifera possui inflorescências que simulam cada qual uma crista (M.:7; P.1:102 e P.2:245).

Caimbe. çaimbe, Saimbe iba – Afiado (50); Áspero, folha áspera (16); Árvore de folhas ásperas. As folhas de Curatella americana são muito ásperas, motivo porque a árvore é chamada também de “Lixeira”. (M.:111).

Cainca, cainga – Espinhento (41) – O cipó que tem esse nome (Pseudibatia ganclinosa) tem frutos com espinhos moles (M.:19).

Caiubim – Planta verde (16). Casearia sylvestris tem folhagem muito escura. (M.:81).

Caiuia – Fruto de planta ruiva (16). Os caules e a planta toda de Clidemia hirta são cobertos de pelos hispídeos de cor ruiva (M.:59).

Cajazeira – Vêde: Acaiá.

Camaçari, Tamacoari – (A árvore que verte) lágrimas salientes (16). A resina de Caraipa fasciculata que seca no tronco aparece em gotas secas salientes (M.:102).

Çamambaia – Vêde: Conambai.

Çamanbaya – Vêde: Conambai.

Camapú, camarú – Fruto mamiloso que estala (16). O fruto de Physalis pubescens quando apertado estala. O termo “Camarú” de M.:12 talvez seria “camarub” e então significa (Planta) que tem mamas (16).

Camará, camará – A planta variegada (39); Frutos mamilosos soltos (16). Os frutinhas de Lantana camara agrupam-se isoladamente ao redor do pedúnculo inchado (M.:5; P.1:86; P.2:176).

Camara iapo – Camará do brejo (16). “Mentastro” ou Ageratum conyzoides encontra-se nos lugares frescos ou úmidos. (M.:25; P.2:218).

Camara iuba – Camará amarelo (16). É a Lantana camara var. flava (M.:5).

Camarambaia – Camará trançado (16). As Jussiaea formam maciços impenetráveis (M.:30).

Camaringa – Camara branco (16). É o nome da Lantana rugulosa (M.:5; P.1:86; P.2:177).

Camara uuba – (devia ser: uiba) – Camará de canas (16). Esta “Camara de boi”, como hoje se chama, Wedelia scaberrima, tem caules longos e esguios que serviam para flechas e, ainda nos tempos modernos, são usados para rojões (M.:5).

Camaru – Vêde: Camapú.

Cambuci – Vêde: Ibacamuci.

Cambui – Árvore que dá a mamar (16). A planta Phyllocalyx formosa é chamada hoje “Mama de cachorra”. (M.:108; P.1:82; P.2:178). Segundo BARBOSA RODRIGUES (13) “Cambui” significa: “O que aperta a língua”. Este termo compete p. ex.: á “uvalha” (Eugenia uvalha), que é também um Cambui.

Caopia: Vêde: Caaapia.

Capeba – Fôlha plana (16), como a tem Pothomorphe sidaefolia (P.1:104).

Capicatinga – Grama cheirosa, aromática (16). Nome de Scleria pratensis (P.2:240).

Capii, capim – Erva de pele fina (13); Erva junto do caminho (30). Os nossos autores citam só: Capiipuba, capu peba, capu puba – (deve ser: “Capim peba” – Grama plana, achatada (12). A graminea que tem êste nome (Eleusine indica) tem inflorescência compida. (M.:2).

Capitiçova – Fôlha de capim picante (16); Nome que convem ao Polygonum punctatum.

Capotaia, (Sapotaia) – Raiz acre (16); Cipó picante (13). Trata-se de Capparis cercolobifolia (M.:63).

Capotiraguá – Flor do mato (16). Nome dado á Iresine vermicularis.

Cará – (Raiz) áspera, cascuda (16, 13). O “Cará” de PISO e MARCGRAVE é Dioscorea alata L. (M.:29; P.1:93; P.2254).

Caraguatá – (Deve ser “Cara uatá” ou “Caroata”) – Erva de fibra rija (13); Erva arranhando os viandantes (30). Têm êste nome várias plantas de PISO e MARCGRAVE.

Caraiba – Vêde:Queraiba.

Caraná – (Palmeira) escamosa, cascuda (41); Árvore de frutos duros (13). A “Carnauba” tem metade inferior do estipe coberta dos restos das fôlhas, tornando-se assim escamosa e, também, tem frutos duros. (M.:130; P.1:62; P.2:126).

Carapucú – Rodeia sôbre uma haste esguia (16). O cogumelo Agaricus pisonianus tem uma haste longa e coroada do esporóforo circular. (P.1:47; P.2:309).

Cararú – (deve ser: caruru) Erva de sapo (13, 30); Fôlha comestível (30); a que tem espinhos (10). Pode significar também: Fôlha gorda (26); Fôlha para a panela (39); Erva grossa, aquosa (16); Erva macia, planta mucilaginosa (8, 41). MARTIUS (30) interpreta a palavra: Carrurú como “Erva de panela”, por serem comestíveis os Amaranthus viridis, A. spinosus. (M.:13; P.2:241) e Hibiscus sabdariffa (M.:13).

Caraua – Vêde: Queraiba.

Carnauba – Vêde: Carana iba.

Caruru – Vêde: Cararú.

Cassau – Erva manchada (41), nome que convem á Aristolochia brasiliensis.

Caticaa, coaticaa – Fôlha de mau cheiro (13); Erva de coati ou quatí (16). Trata-se do feto Polypodium brasiliense (P.2:233).

Catolé, Catoré – Gaita de osso (41); Habitante do mato (16). Segundo PISO a palavra seria africana e é aplicada, no Nordeste, á palmeira Syagrus oleracea (M.:104; P.2:129).

Caviuna, Cabiuna – A madeira escura (41). Nome de Dalbergia nigra (M.:36; P.2:164).

Caxabú – (Devia ser: caiapó) – Cardeiro ereto (30). Indivíduo que queima (16, 1), i.e. o “facheiro (que queima como um facho), planta não mencionada pelos nossos autores; o nome foi aplicado a outras cactáceas (M.:126; P.2:189).

Cebipira (deve ser: sapopira) – A raiz firme, profunda (41). Nome dado á Bowdichia virgilioides (M.:100; P.1:78; P.2:168).

Cereiba – Mangue ou árvore dos sirís (41) os quais se alimentam das suas fôlhas caídas no manguezal (Avicennia schaueriana). (P.2:204).

Cereibuna – Mangue preto (Laguncularia racemosa). (P.2:204).

Coageruçú, Guajerú grande – Vêde: Guaieru.

Coapoiba – Árvore com raízes que cingem (16); “Mata-pau”. Nome aplicado errôneamente á Clusia nemorosa (M.:132).

Coaticá – Vêde: Caticá.

Cochine – THEVET soletra: “Cohyne” e LERY: “Choyne”. É um estropiamento de: “Coité” (“Choyté”), segundo AYROSA (8). (M.:123; P.2:173).

Coerana – Pimenta falsa (41). Cestrum coriaceum, cujos frutos parecem com frutos de “Pimenta malagueta”.

Comandá, Comandaiba, Cumandá – Vagem aberta em roda (13); Vagem, feijão; Árvore de vagem (16). Nome de vários feijões (P.2:251), p.ex.: Comandatiá – Feijoeiro de cipó (13).

Çonambai, çonambaia (Amanbai), hoje pronunciado: “samambaia” – Fôlha encaracolada (41) (P.2:233).

Copaiba, copaliba, cupaiba – Árvore com depósito de óleo (16). Árvore de vagens pequenas (13). Árvore do copal, como PISO interpreta errôneamente, pois aqui se trata da Copaifera officinalis e não de Hymenaea (M.:130; P.2:118).

Copiiba, Copiuba, Cupiiba – Árvore do cupim (41). Nome atribuído á Tapirira guianensis (M.:121).

Coroanha, coroonha – O que nasce na roça (12). Nome de Dioclea (P.1:48).

Cotitrepooba – Estropiamento de Acutiguepo (M.:53).

Cruapé – Vêde: Cururú apé.

Cruá – Vêde: Curuba.

Cuaçú, cuguauçú – Plantação grande (16) (P.1:55; P.2:117).

Cuapomonga – Vêde: Caapomonga.

Cuambu – Que faz brotar pontas (16). A planta Bidens riparius, hoje chamada “Furacapa” tem frutos cujas pontas picam (P.2:208).

Cuiete, cuite, cuieira – Vaso verdadeiro (41). Nome da árvore que produz as cuias ou cabaças de árvore (M.:123; P.2:173).

Cuipouna, cuipunha – Pó preto (16). A casca desta planta (Cestrum coriaceum) dá um pó preto usado na tinturaria (P.1:83; P.2:1778).

Cumandá guirá, (comanda muira) – Pau de feijão (16). O “Guandú” Cajanus cajan fica arborescente (M.:62; P.2:251).

Cumandatiá, mandatiá – Feijão bom (16); Feijão de cipó (13). Trata-se de Dolichos lablab, que dá um bom manjar (M.33 e 52; P.2:251).

Cumbeba – (Planta) alongada e achatada (41). Termo aplicado por PISO ao Cereus fernambucensis cujos ramos equinados têm os lados planos e achatados (P.2:190).

Cupiba, cupiuba – Vêde: Copiiba.

Curémia – Planta semelhante á roça (16). Chama-se “roça” tanto uma plantação de “mandioca”, como a própria “mandioca”. Aqui a palavra significa a “falsa mandioca” ou “maniçoba” (Manihot glaziovii), cujas raízes foram comidas pelos aborígenes (P.1:55; P.2:117). Vêde: Cuaçu, cuguaçu.

Curua, Curuba, Cruá – Fruto de aspeto triste (16). O fruto de Sicana odorifera é de cor escura quase preta (M.:21; P.2:262).

Curuiri – O que brota separando-se (em varas) (16). Os caules desta planta nascem em feixes (Mouriria) (M.:109).

Curupicaiba – Àrvore (de casca) coberta de pustulas (16). A casca de Protium aromaticum (“Almecega” – Almiscar) é toda sarmenta devido ao trabalho da abelha irapua (Melipona ruficens Latr.) de colher cera ou resina (M.:93 e 132; P.1:59; P.2:122). A planta de FERNÃO CARDIM (21) é uma espécie de Sapium.

Cururu apé, cruapé – Indivíduo fuliginoso do caminho (41). Nome da Paullinia pinnata que tem fôlhas muito escuras e muitas vezes negras devido á fumagina (M.:22; P.1:114; P.2:250).

## E

Embira, ibirá – Pele de árvore, imbirá (16). A casca da árvore Xylopiá frutescens é muito fibrosa e serve para o fabrico de cordas (M.:99; P.1:71; P.2:144).

Embuayembo – O encaracolado do arroio (41). Trata-se aqui de uma “samambaia” (M.:26).

Envira – Vêde: Embira.

## G

Gangila, gergelim – Palavras africanas (M.:21; P.2:211).

Gengibre – Palavra formada de Zinziper, de origem asiática (M.:17; P.2:226).

Genipapo, genipapeiro – Vêde: Ianipaba.

Geremum – Vêde: Iurumú.

Getirana, letirana – A falsa batata (41). Com êste nome conhece-se hoje qualquer Convolvulácea brava.

Ghandiroba – Vêde: Nhandiroba.

Gioçara – Vêde: loçara:

Gogoia – Fruto que vem da roça (16). É o nome de um Solanum comestível do campo (M.:80; P.2:242).

Goiaba, guaiaba, guajaba, guayaba – Fruta de sementes aglomeradas (12, 13); Fruta linda (39); Fruta redonda (38,39). É o nosso Psidium quajava (M.:104; P.1:75; P.2:152).

Gonandima – Vêde: Guanandi.

Gravatá – Vêde: Caraguatá.

Guabiraba, guabiroba, ibabiraba – Fruta de pele azêda (12) ou amargosa (13); Comida cheia de pelos (41); Comida peluda de árvore (ibabiraba) amargosa (guabiroba). Aqui trata-se de Britoa dichotoma (M.:117; P.1:73; P.2:49).

Guaçu – grande.

Guaiaba – Vêde: goiaba.

Guaianá timbó – Cipó de vomitar (41). – Cipó de marrecão (20). Este “timbó” chamado Paragonia pyramidata (P.2:249 fig.) não é o mesmo do Sul do país.

Guabipocaiba, guabipocacabiba, guaibipocacabiba – Árvore de mantimento furado (16). As vagens desta árvore (Samanea saman) estão brocadas quase sempre pelo gorgulho Pseudopachymerus pickeli PIC (M.:111; P.1:80; P.2:170).

Guaieru, guajerú – O pau de pencas (41); Fruto danoso (22); Fruta de papagaio (12,39). O “guajerú” (Chrysobalanus icaso) produz frutas em cacho (M.:77).

Guainumbi – O beija-flor (41). Nome dado por MARCGRAVE (M.:70) á flor do “maracujá”, por um equívoco.

Guanandi, gonandima, oanani, anani – Indivíduo grudenteo (41). O látex desta árvore (Symphonia globulifera) é grudento (M.:106).

Guandú – Indivíduo que faz rumor (16). Talvez seja de origem africana êste têrmo (23) aplicado por PISO ao Phaseolus lunatus e, hoje, ao Cajanus cajan. (P.2:252).

Guaparaiba, guapariiba, guapereiba – Árvore provida de arcos (41). É o mangue comum Rhizophora racemosa, cujo tronco e ramos assentam sôbre raízes-escuras ou pneumatóforos (necessários à respiração). (M.:118; P.1:114; P.2:204).

Guararema – Vêde: Ibirarema.

Guarerua oba – Abobora que tem pontas (16). É uma das variedades de abóbora Cucurbita pepo com superfície áspera, cheia de picos e verrugas altas (M.:44; P.2:264).

Guariroba – O indivíduo amargo (41). Assim os índios chamavam o “Palmito amargoso” (Syagrus oleracea) (P.2:129).

Guarumbee – Cousa que o indivíduo como (41). Malentendido de PISO (P.2:252) para designar o feijão preto (Phaseolus derasus).

Guassatonga – açatunga – Escurecido à vista (16, 44) . Nome dado em S. Paulo á planta Casearia sylvestris e outras espécies.

Guaxima – Vêde: Aguaxima.

Guembe (nome guarani) – Beira d’agua (41); Que trepa (13). É a planta que hoje chamamos de “Imbé” (Philodendron imbe) (P.2:249) – Guembe-guaçu é Heteropsis (P.2:249).

Guirapariba – Pau de arco (15). A árvore de MARCGRAVE é Chloroleucon vinhatico (M.:108).

Guiti-coroy, Guiti coroya, Gueticoroja, Gueticoroya – Oiti areento (41); O. de fruta áspera (12). Couepia rufa tem polpa áspera como se fosse cheia de areia (M.:114; P.2:137).

Guiti iba, Guti – O comer duro (41); Árvore de guti (12). Alusão á dureza da massa da fruta que chamamos hoje de “Oiti” (Licania tomentosa). (P.2:137).

Guiti toroba (oiti trubá) – Oiti de fôlha espessa (41). Trata-se da árvore Lucuma grandiflora (M.:113; P.2:137).

- laborandi, Jaborandi – Indivíduo que faz salivar (41); Azeite de cão (13). A raiz das plantas chamadas “Jaborandi”, a saber: Ottonia pernambucensis (M.:69; P.1:97; P.2:215), Piper tuberculatum (P.1:97; P.2:215) e Monnieria trifolia (M.:36; P.2:215), é sialigoga.
- labotapita, Jabotapita – Pé de cágado (41). A frutescência desta planta parece-se com o pé dêsse animal. Trata-se de Ouratea caudata (M.:101; P.2:166).
- labuticaba, Jaboticaba – Fruta azulada do mato (13); Comida de cágado (41) (M.:141).
- laçape, Jaçape, Sapé – Ver caminho, alumiar (41). Esta gramínea (Imperata brasiliensis) servia para fachos (M.:2; P.1:96; P.2:237).
- laçapucaio, laçapucaya, Sapucaia, zabucajo, zabucayo – Cabaça (ninho) de galinha (41). (O fruto se parece com um ninho); Fruto que se abre (13), porque tem tampa ou opérculo. Nomes próprios da árvore Lecythis pisonis (M.:128; P.1:165; P.2:134).
- lacarandá, Jacarandá, Çacaranda – Madeira de cerne duro (12, 1). O lacaranda preto ou pau santo (50) Dalbergia nigra (M.:136).
- lacarecatinga – Mau cheiro semelhante ao doo Jacaré (16). Nome dado à Scleria pratensis, cujo rizoma cheira ativamente (P.2:240).
- lacua canga, lacuaganga – Cabeça de Jacú. Nome dado por MARCGRAVE para designar o Heliotropium parviflorum (M.:6).
- laee – Fruta doce (16). Assim chamavam a “melancia” (M.:22; P.2:263).
- lamacaru, Jamacaru – O indivíduo que é um feixe de espinhos (41); Espinheiro que tem o fruto comível (22); Árvore de espinho que se come (12, 13), Cereus jamacaru. M.:125; P.1:100; P.2:189).
- lambu, jambu – Agrião (16).
- landiroba – Vêde:Nhandiroba.
- lanipaba, lenipapo, Genipapo – Fruto de esfregar ou pintar-se (16); Frutos muito estancia (41); Fruto da extremidade que dá suco (41), (M.:92; P.1:67; P.2:138).
- laniparandiba, leniparandiba, Janiparandiba, japarandiba, Japaranduba – Abundância de (varas) arqueadas (16). As hastes de Gustavia augusta são procuradas hoje para o fabrico de cadeiras austríacas (M.:109; P.1:121; P.2:172).
- laracatia, Jaracatiá – O que é de exalar (13, 39). O indivíduo de fruto cheiroso (41, 22). É Jaracatia dodecaphylla (M.:128; P.2:160).
- laroba, Jaroba – O fruto amargo (41). Tanaecium cyrtanthum (M.:25; P.2:173).
- latabaoca, Taboca – O indivíduo de tronco ôco (16). É Guadua angustifolia (M.:3).
- latitara, Titara – Vêde: Atitara.
- latuaba – O que produz cuias (41).
- iba – Árvore; Ibá-fruto.
- Ibaboraba – Vêde: Guabiraba.

Ibacamuci – Árvore com fruto feito de duas partes (41); Fruto feito como igabaça (16). Esta fruta endêmica de São Paulo tem realmente essa forma característica. Trata-se de Paivaea langsdorffii (M.:141).

Ibacurapari, Ibacuripari, Ibacurupari – Fruta cheia de asperezas (41); Árvore que frutifica sempre (22). É a Rheedia macrophylla (M.:119).

Ibaiariba, Ibiariba – Árvore de fruto azedo (41).

Ibametara – Árvore dos bodoques (12, 16). O lenho e cortex serve para esculpir bodoques. A “cajazeira” (Spondias purpurea), tem cortex duro, maciço, que pelos índios foi usado em vez de pedras e ossos para enfeite dos lábios e aurículas (M.:129; P.1:68).

Ibapitanga, Ibipitanga, Ibipitinga, Ubapitanga, Ubipitanga – Fruta vermelha (16), a “Pitanga” (Eugenia uniflora) (M.:116; P.1:121; P.2:178). BARBOSA RODRIGUES (13) traduz “pitanga” com “pele tenra” e “piranga” com “pele vermelha”, ao passo que BAPTISTA CAETANO (16) dá o mesmo significado a ambos os termos – Convem lembrar que os termos “Ibipitanga”, “Ubipitinga”, e “Ubipitanga” são estropiados e tem significado diferente.

Ibapurunga – Fruta bonita (16, 30). Nome da “Tarumá” (Vitex rufescens) de Pernambuco (M.:116).

Ibati – Fruto (cheio) de pontas (16). O fruto de Pseudibatia ganclinosa é coberto de pontas moles (M.:19).

Ibera púteruna – Pau de flor; flor preta (16). MARCGRAVE registra êste nome para o “Pau ferro” (Dialium guianense) (M.:120).

Ibiariba – Vêde: Ibaiariba.

Ibipitanga – Vêde: Ibapitanga.

Ibipitinga – Vêde: Ibapitanga.

Ibiraee, Ubiraee – Pau doce. Nome do “Buranhem”(M.:101; P.1:71; P.2:146).

Ibira obi – Pau verde (16). Nome dado ao “Pau ferro” (Apdeya ferrea) por MANOEL DE MORAES (M.:141).

Ibirarema, Ibiraremo – Pau fedorento (16). Guararema, gorarema significam a mesma cousa. É o nome do “Pau d’alho” (Gallesia gorarema) (P.1:115; P.2:236), hoje chamado G. integrifolia.

Ibira – Vêde: Ibiraba.

Ibiraba, imbiriba – Árvore de fibras (41). Esta árvore (Eschweilera luschnathii), como aliás todas as Lecythidaceae têm casca fibrosa (M.: 136).

Ibiraem – Pau doce (41). A Pradosia kuhlmannii hoje se chama de “Buranhem” (M.:101) (P.1:71; P.2:146). PISO aplica êste termo também à Periandra mediterranea (P.2:245).

Ibirapitanga – Pau vermelho, Pau Brasil (41). Caesalpinia echinata, que PISO alhures denomina “Lignum rubrum” (Pau vermelho) (M.:101; P.2:164).

Ibiruba – Vêde: Ibiraba.

Ibixuma – Casca lisa (41). Nome dado à “mutamba” (Guazuma ulmifolia) (M.:131; P.2:162).

Icica, Icariba – Resina; Árvore de resina (41). Trata-se de Protium aromaticum (Almécega). (M.:93; P.1:59; P.2:122).

Icipo, cipó – Galho, fibra que se preende (41); cipó. Trata-se da planta Tetraceras breyniana (M.:14).  
Iecuiba, Jecuiba – Aquê em que se entra; O covo para apanhar peixe (41). O fruto de Cariniana legalis, chamado hoje “Jequitibá” tem forma de colvo. (M.:127).

Ienipapo – Vêde: Ianipaba.

Ieniparandiba, Janiparandiba, Japarandiba – Árvore de genipapo falso (13) (Gustavia augusta). (M.:109).

Ierua – Boca ampla (16). Esta espécie de “Abóbora” tem uma cavidade larga e funda no ápice. (P.:2:264).

Ietaiba, Jetaiba – Árvore de fruto duro (41). O mesmo que “Jatobá” (Hymenaea martiana). (M.:101; P.1:60; P.2:122).

Ietica, Jetica – A batata, o tuberculo (41): O fruto enterrado (22, 39). O nome designa a “Batata doce” (M.:16; P.1:93; P.2:254).

Ieticuçu, Ietuçu – A batata grande, a batata de purga (41). O nome designa a Operculina alata (M.:41; P.1:93; P.2:252).

Ietiope, Ietiope – A batata cascuda (16); A batata torta (32). Nome dado já por ANCHIETA e por PISO à Pachyrhizus bulbosus (P.2:254).

Ietirana – Vêde: Getirana.

Ietuçu – Vêde: Ieticuçu.

Iito, Jitó – Aquê que encerra (16). Nome dado à Guarea guara (M.: 120; P.2:170).

Imbaiba – Vêde: Ambaiba

Imbé – Vêde: Guembé.

Imbú, Imbuzeiro, Umbu – O que dá de beber (41); Que dá água (13). Alusão aos tubérculos da Spondias tuberosa que encerram água potável (M.:108; P.1:77; P.2:167).

Inaia guaçuiba, Inaja guaçuiba – Coqueiro de fruto grande (41). Nome do “Coqueiro da Bahia” (Cocos nucifera), (M.: 138; P.1:63; P.2:130).

Inambi, Inhambui – A perdiz pequena (41). Trata-se do “Cará de orelha” (18) (M.:52).

Inga – Que cresce nas ribanceiras (22); O que é embebido ou úmido (41). Fruto, cuja semente está envolvida numa arilo sucoso, MARCGRAVE (M.:112) menciona as espécies seguintes. Inga opeapiiba – Árvore de Ingá no caminho (Malentendido); Ingai – Ingá pequeno; Ingá cipó – Ingá com vagem torcida como cipó. (M.:111).

Inhame – Nome dado ao “Cará’ no litoral de Paria (30).

Inimboja, Nimboy – O que é de cuspir ou de salivar (41). Guilandina bonducella encerra na entrecasca uma substância sialagoga; “Fio de rêde” (12); barbante (16). (M.:12; P.1:95; P.12:205).

Içoara, Içoara, Jussara, Gioçara – Que dá de comer (16). Nome do “Palmito doce” (Euterpe).

Ipê – Casca de pau (13); Ipeiba – Árvore dos patos (13).

Ipecacoanha, Ipecacuanha – Erva do caminho que faz vomitar (26); A raiz vomitável (41). São duas as “Ipecacuanhas” descritas por PISO e MARCGRAVE, a saber Cephaelis ipecacuanha (a “preta”) e Hybanthus calceolaria (a “branca”). (M.:17 e 54; P.1:101 e 102; P.2:230). FERNÃO CARDIM (21) soletra: “Ipecacoaya” (Poaia).



Iperoba, Peroba – A casca amarga (41). Esta árvore Sparattosperma neurocalyx tem de comum com a “peroba verdadeira” somente a casca salpicada de pontos brancos (M.:97) --- Há também uma “Maracujá peroba” chamada assim devido aos pontos brancos do pericarpo.

Iraiba – Fruta de mel (41). Segundo PISO (P.2:129) é outro nome da “Guariroba” (Syagrus oleracea) chamada também de “Palmito amargoso”.

Iuá – Fruto de espinheiro (41). Nome dado ao Solanum lycocarpon (M.:63).

Iuabeba – Juá rasteiro (16). Nome dado por PISO á planta anterior (P.2:182).

Iuapecanga, Iupicanga- O que tem casca sêca (16); O indivíduo espinhento (41); Espinheiro com frutos redondos (30). Nome dado a diversas espécies de Smilax, chamadas hoje de “Japecanga” (M.:10; P.2:168). (Ximenia).

Iuati – Vêde: Ioçara.

Iumbeba, Jumbeba – Espinheiro chato (16).

Iupicanga – Vêde: Iuapecanga.

Iuqueri, Iuquiri – O espinheiro propenso a dormir (41); O que dorme e tem espinhos (12, 13); o espinheiro pequeno que dorme (30). Assim chamavam as “Ervas vivas” que fecham os folíolos ao toque mais leve. PISO menciona: Mimosa sensitiva e Schrankia leptocarpa (P.1:117) e Mimosa pigra (P.2:201).

Iurepeba, Iuripeba, Jurubeba – Feito de espinhos chatos (41). A planta Solanum paniculatum é toda coberta de espinhos, até nas fôlhas (M.:89; P.1:84; P.2:181).

Iuricuara (melhor: Iurucuara) – Gargalo escavado (16). A inflorescência de Dorstenia cayapia var. asaroides é afunilada (P.1:102).

Iurumu, Jurumu – Gargalo apertado (41); Cabaço de gargalo estreito (22). Trata-se de uma forma de Lagenaria vulgaris. O mesmo nome é dado também por MARCGRAVE á planta Cucurbita pepo, de que há formas semelhantes às de anterior (M.:44).

## J

Jabotapita – Vêde: Iabotapita.

Jaboticaba – Vêde: Jabuticaba.

Jacarandá –Vêde: Ietiope.

Jacatupé – Vêde: Ietiope.

Jambu rana – Falso iambu ou jambu (46). Nome dado por alguns ao Piper tuberculatum.

Japecanga – Vêde: Iuapecanga.

Jaracatiá – Vêde: Iaracatia.

Jararaca taia – O que colhe envenenando, igual à Pimenta (41). Trata-se de Staurostigma riedelianum, Aráceae com rizoma picante e que MARCGRAVE e PISO denominam “Serpentaria” (M.:27; P.2:240). Porque o pecíolo da planta tem manchas semelhantes às da “Jararaca”, sendo denominada assim talvez assim por este motivo.

Jatobá – Vêde: letaiba.

Jetaiba – Vêde: letaiba.

Jequitibá – Árvore de cofos (41). O fruto de Cariniana se parece com um cofo comprido.

Jetirana – Vêde: Getirana.

Jitó – Vêde: lito.

Juati – Juá branco (41). O fruto de Solanum agrarium é manchado de branco (M.:80; P.2:242).

Jucá – Matar, ferir (16). O pau de Caesalpinia ferrea servia para a fabricação das clavas que os índios usavam para matar.

Jupicai – (Devia ser: Capicai) – Capim de cabeça – Xyris jupicai tem a inflorescência em forma de cabeça, mas no resto se parece com uma gramínea (P.1:199; P.2:238).

Juqueri omnano, Juquiri-omnano – O espinheiro propenso a dormir (41); (com) fio de rede que corre (12). Nome de Mimosa sensitiva (M.:64). MARTIUS corrige êsse termo para “Juquerirana”, a “falsa erva viva” (30).

Jurema – O espinheiro suculento (41). “Jurema branca” chamam no Nordeste o Pithecolobium foliolosum (M.:120).

Jurubeba – Vêde: lurepeba.

Jussara – Vêde: loçara.

Jutay (Deve ser: Jatahy) Vêde: letaiba. Nome dado ao “Tamarindeiro” impròpriamente (P.2:157).

Jetaiba – Vêde: letaiba.

## K

Kotappels – Maçãs podres. Nome dado pelos holandêses, segundo PISO (P.2:139) ao Genipapo.

## L

Licuri – Vêde: Urucuri.

## M

Macambira – Planta carnuda que dá imbirá (41); Manojó picante (41). Nome de Encholyrium spectabile (P.1:112; P.2:193).

Maçarandiba, Maçaranduba, Masarandiba – O pau que faz escorregar (41). O latex de Manilkara que sai da casca é muito viscoso (P.1:120; P.2:187).

Macombo, Macumba – Nome africano de Solanum melongena (M.:24; P.2:209).

Macouna – Vêde: Mucuna.

Macucú – Cousa de muito comer (41). Nome donde provem Macoubea guianensis (P.2:241).

Mamangá – Comida da cerca (41). Êste arbusto (Cassia hoffmannseggii) cresce de preferência nas cercas do Nordeste brasileiro (P.1:84; P.2:183).

Manacá – O ramallete ereto (41). Alusão à floração abundante das Brunifelsia que as faz parecer com um ramallete em pé. (M.:69; P.1:85; P.2:184).

Mandacarú – O feixe ou molho de espinhos (41). É o nome dado as espécies de Cereus (M.:126; P.1:99; P.2:189).

Mandatiá – Vêde: Cumandatia.

Mandiiba, Mandioca, Mandihoca, Manduba, Maniiba – Fruto da planta de raiz (16); Planta de entorpecer (41). (M.:65; P.1:52; P.2:114 e 305).

Mandioca – (A raiz comestível) procedente da maniiba (41); Casa da mandiiba (39).

Mandobi, Mandobim, Mandubi, Manobi, Mundubi – O pacote inestimável (41); O fruto enterrado (16); O que se encontra em molhos (32); O que dá em feixe (12). É o nome de “amendoim” americano e africano (M.:37 e 43; P.2:256).

Mangaba, Mangabeira, Mangabiba, Mangaiba – Árvore do grude (41); A que dá visgo (13). Alusão ao latex abundante da árvore Hancornia speciosa, cujas frutas (as “mangabas”) são comestíveis (M.:121; P.1:76; P.2:155).

Mangará – A pelota que simula batata ou tubérculo (16); O tubérculo de montão (41, 39). Trata-se das plantas da família Araceae, cujos rizomas são comíveis. PISO distingue as espécies seguintes: Mangara miri (Caladium bicolor), a menor delas; Mangara peuna: Xanthosoma violaceum que tem pele preta (roxa), como o nome diz; Mangarataia: O mangará acre ou picante (41, 50). (P.1:95; P.2:236).

Mangaratiá – O tubérculo cheio de pontas (16). Assim foi chamado por PISO o Zingiber officinale (P.2:226).

Mangaraz – Vêde: Mangará.

Mangerioba – Vêde: Pagimirioba.

Manibu – O pacote fragrante (41). A inflorescência em bolotas conglomeradas de Kyllinga odorata (hoje chamada Cyperus sesquiflorus) é muito perfumada (M.:1).

Maniçoba – Fôlha semelhante á da mandioca – Nome dado a Manihot claziovii. É provável de serem comidas só as fôlhas (39). (M.:68; P.1:55; P.2:117).

Maniiba – Vêde: Mandiiba.

Manobi – Vêde: Mandobi.

Maracujá – Vêde: Murucuia.

Maraiiba, Marajá – Árvore que não é palmito – Pau que serve para ferir (16). Do espique os índios faziam os seus tacapes. Trata-se da palmeira Pyrenoglyphis maraja (P.2:129).

Maratatabiba – Árvore do pau de fogo (41). Do tronco de Didymopanax morototoni os índios eliciavam fogo (M.:132).

Marí, Umari – Árvore que faz que verte água (41). A árvore (Geoffraea spinosa) dá água, i.e., no inverno sai tanta água dos gomos que chega a molhar a terra (41). (M.:121; P.2:174). – Dessa palavra os portugueses fizeram “Camarinhas”.

Masarandiba – Vêde: Maçarandiba.

Massambará – A restinga rota (41).

Maxixe – Palavra africana. Trata-se da Cucumis anguria.

Meeru – (A mosca que) chupa a pele (41). Alusão ao fato de que de dentro das folhas enroladas de Canna coccinea saem mosquitos que ali se criam (M.:4; P.1:116; P.2:212).

Mentastro – Nome latino aportuguesado que significa: “Hortelã falsa”, dado á planta Ageratum conyzoides (P.1:122).

Micambe – Vêde: Mosambes.

Miriti – (Hoje: Burití) – (Palmeira) elevada das águas claras (16). É Mauritia vinifera, cuja presença indica água (P.2:12 e 129).

Miri – pequeno (16).

Mocitaiba, mucuitaiba – Árvore que faz sair renovos (39). Pau ferro que arde ou punge (16). Nome dado ao “Pau santo” Zollernia (M.:106).

Morici – Vêde: Muricí.

Mosambês – Palavra africana que significa: Procedente de Moçambique, dada ás plantas de Cleome (M.:10).

Motamba – Vêde: Mutamba.

Mucuitaiba – Vêde: Mocitaiba.

Mucuna, Mucunã – Vagem que faz barulho (16). A vagem sêca de Mucuna urens (M.: 18 e P.2:308) fazem estrépito. Há ainda a “Mucunã-guaçú” Dioclea marginata (P.1:48; P.2:308).

Muira, Muiva – Pau que não presta. É o contrário de madeira de lei (12). É o nome de Henriettea succosa (M.:117). Deve ser um malentendido.

Muiva – Vêde: Muira.

Mulungú – O que faz marco (41). A árvore é usada em Pernambuco para marcar os limites das propriedades e cercas porque pega por estaca. Esta palavra seria de origem africana (26). Vêde: Tuinambiiba.

Mundubi – Vêde: Mandobi.

Munduy – (Deve ser “Nhandiy” a seiva que ocorre (16); ou “Nhanduy” líquido que corre (16). Ferindo ligeiramente a casca de Jatropha curcas a seiva logo corre em abundância (P.1:83; P.2:179). MARCGRAVE (ou LAET?) escreve, por engano, Mundubi (M.:96).

Mureci, Murici – O que faz que resine (41).; Pouco nutritivo (30). Uma das espécies é chamada: Mureci petinga – O Mureci pintado de branco (16); o mureci gostoso (15). Trata-se de Byrsonima cydoniifolia (M.:118; P.1:79; P.2:171).

Murucuia, Murucuja, Murucuya, Maracujá – O fruto de marahú. Marahú é a cousa que se toma sorvendo, i.e., o “Maracujá”. (M.:72; P.1:107; P.2:248). Há em nosso autores as espécies seguintes: Murucuia ête – O “Maracujá verdadeiro”, o mesmo que “Murucuia peroba” ou “Murucujá sarmento” (Passiflora edulis); Murucuia mixira que é o “Maracujá” de pele lisa” (41) Murucuia ternacuia o “Maracujá de estalo (16) (P. foetida); Murucuia ternacuia o “Maracujá igabaça” ou de “pote” – Murucuia una ou piruna, “Maracujá preto” ou “de pele preta” (41) (Passiflora suberosa e M. guaçu (P. quadrangularis).

Mutamba – Palavra africana, nome de Guazuma ulmifolia em Angola (41).

## N

Nana – O que sempre cheira; O que cheira muito (16). Nome donde vem a palavra “Ananás” (M.:33; P.1:87; P.2:194).

Nandu – Vêde: Nhamdu.

Nhambi – (PISO soletra erroneamente: Nhambu) – A erva de comer (41). Nome dado ao Eryngium foetidum (M.:49; P.1:89; P.2:227 e 309).

Nhambu – A noz que arrebenta, a mamona (41). (M.:77; P.1:91; P.2:180); e Nhambu guaçu mamona grande (Datura) (P.2:180).

Nhamdu, Nhandi, Nandu – A seiva, o líquido a correr (41). É neste caso, a saliva, porque as pimentas do gênero Piper fazem crescer água na boca, são sialagogas (M.:75; P.2:197).

Nhandiroba, Ghandiroba – O óleo amargoso (41). O óleo extraído das sementes de Fevillea trilobata é amargoso (M.:46; P.2:259).

Nhua – Procedente do campo (41). Nome equívoco dado a MARCGRAVE por um índio para designar a “Pitomba” (Talisia esculenta). (M.:100).

## O

Oanani – Vêde: Guanandi.

Oecoembo – Vêde: Embuayembo.

Oití trubá – Vêde: Guiti toroba.

Omenapo yeima – Raiz que se corta e se confia á cova (16) PISO ao registrar êste nome foi vítima de um malentendido. Trata-se de uma explicação do cultivo da “Batata doce” (P.2:254).

Openauk – Planta tuberosa da Virginia (Apios tuherosa MOENCH), leguminosa, alimento importante dos índios dos E. Unidos.

## P

Pacivira – Vêde: Paquivira.

Paco, Pacobeira – O que está as folhas comprimidas (13, 39); A bananeira (16). Os nossos autores distinguem: Pacobetê – A bananeira verdadeira, chamada banana prata (M.: 137; P.1:75; P.2:154); pacobuçu – A bananeira grande ou banana comprida (M.: 138; P.2:154). A fêlha da bananeira é Pacoba ou Pacova.

Paco caatinga – A bananeira da mata rala (16). É o nome de Costus brasiliensis (M.:48).

Paco seroca – Bananeira (de fêlha) rasgada (16). Trata-se aqui da Renealmia petasites (M.:48; P.2:213).

Pagimirioba, Paiomirioba, Mangerioba – A fôlha de Marí do Pagé (41). “Mari” é o nome genérico entre os Tupis para as diversas espécies de Cassia (41); Os nossos autores aplicam-no á Cassia occidentalis (M.:9; P.1:86; P.2:185).

Paiomirioba – Vêde: Pagimirioba.

Papay – Nome de origem caraiba (ababai) (30). No Perú o “Mamoeiro” é chamado de “Papaie”. LINEU aproveitou o têrmo para designar cientificamente a Carica papaya. (M.:102; P.2:159).

Paquivira, (“Pacivira”, como erroneamente escreve PISO) – Bananeira resplandecente (41). Nome dado por PISO á Canna glauca (P.1:117; P.2:213).

Pararó – Pintado fortemente, de cor carregada (16). Nome dado por PISO á batata roxa (P.2:254).

Paraturá – Teso, hirto (16). Nome aplicado por PISO á Remirea maritima (P.1:115; P.2:238).

Pati – Uma palmeira delgada e graciosa (41). (Syagrus oleracea).

Pekea, Pequiá – (Hoje soletram: “Pitiá”) – Casca pegajosa (16). A árvore Aspidosperma rinum possui um latex branco muito viscoso. (P.2:141). A Macoubea guianensis (que tem também latex) possui ainda um fruto de pele aspera (16). Fruta gordurenta (13).

Periná – Semelhante ao junco (41). Nome dado por PISO ao Costus brasiliensis (P.2:214).

Periparoba, Pariparoba – O junco da casca amarga (16). Os caules desprovidos de fôlhas se parecem com os do junco; - junco com casca semelhante á de peroba (i.e.. pintalgado com pontos brancos). Trata-se de Pothomorphe sidaefolia (P.1:104; P.2:197).

Peroba – Vêde: Iperoba.

Petima, Petum, Petume – É o nome do “Fumo” ou “Tabaco” (P.2:206).

Pindaiba – Árvore do anzol (16). As varas e fibras da casca da Xylopia frutescens serviam para pescar (M.: 99; P.1:71; P.2:144).

Pindoba, Pindova – Fôlha de anzol (41). Nome dado á palmeira Attalea compta cuja fôlha servia de pau de anzol (M.:133; P.1:62; P.2:125).

Piné – O pinhão bravo (16). Nome da urtiga Fleurya aestuans (M.:48; P.2:235).

Pipi, tipi, (Fruto com) ponta picante ou que pica (16). É a bem conhecida Petiveria hexaglochin que se encontra em todos os quintais (P.1:115; P.2:236).

Piranga – Pele vermelha (13).

Piriquiti – O junco listrado (16).

Pitanga – Pele tenra (13).

Pitiá – Vêde: Pekea.

Pitoma, Pitomba, Pitombeira – Casca (da cor) de barro (16). O pericarpo da fruta de Talisia esculenta é uma bolinha grosseira e parece ser feita de barro (M.:125).

Pixirica – Casca escorregadia (16). Nome impróprio para Clidemia hirta (M.:59; P.2:217).

Poaia – Raiz saudável (41). Outro nome para “Ipecacuanha”.

Pororoca – O que arrebenta com estrondo (41). Nome impróprio dado á planta Dialium guianense cujo fruto não estala, nem é deiscente (M.:120).

Potinçoba – Folha de camarão (16). Esta planta (Polygonum acuminatum) é aquática e tem caule encarnado, lembrando o camarão (P.1:101).

Purunga – Fruto redondo seco (20). Nome da “cabaceira” (M.:44; P.2:264). Usa MARCGRAVE este termo (Iba purunga) também para designar a Vitex rufescens (M.:116).

## Q

Queraiba, Caraiba – Árvore que verte (16); Árvore tenaz (16). É a que chamam também “Carauba” (Tabebuia caraiba) (M.:135; P.2:165).

Quiabo – Viscoso (16).

Quigombo, Quingombo, Quillobo – Pegajoso, viscoso (16). É o nome de “quiabeiro” (M.:31; P.2:211).

Quillobo – Vêde: Quigombo.

Quingombo – Vêde: Quigombo.

Quity- Espuma (16). O fruto de Sapindus saponaria que atualmente se chama “Saboneteiro” ou “Sabão de soldado” produz sabão quando esfregado com água (M.:113; P.2:162).

Quiya, Quiynha – A pimenta (41). Os nossos autores conhecem as espécies ou variedades seguintes:  
Quiya Uçu (MARCGRAVE escreve: Uca, erro tipográfico) – a pimenta grande ou pimentão;  
- Quiya aqui – a pimenta aguçada (16) ou fraca (13). Quiya cumari – (ou: cumaci, cumati)  
– Condimento, tempero (16); Pimenta pequena (30); Alimento que dá alegria (13); Quiya apuá – Pimenta redonda (16); Quiya carapo – a pimenta torta (16) (P.2:225).

## R

Rottappels – Maças apodrecidas. Nome dado ao Genipapeiro pelos holandeses, segundo PISO (P.1:67).

## S

Saamouna, Zamouna (hoje: Sumauna) – Planta (13); Grão liso (41). As sementes de Ceiba erianthos são lisas, ao contrário das do algodoeiro ou “Aminiiú” (P.1:81; P.2:175).

Saiimbé – Vêde: Çaimbe.

Sambacuim – Termo de difícil explicação. Designa a árvore Didymopanax morototoni.

Samambaia – Vêde: Çonambai.

Sambaiba – Árvore áspera (30). Nome dado á Curatella americana.

Sapé – Vêde: laçapé.

Sapucaia – Vêde: laçapucaio.

Sapupira – Vêde: Cebipira.

Sereiba – Vêde: Cereiba.

Siribá - Vêde: Cereiba.

Sucupira – Vêde: Cebipira.

Suinã – Vêde: Tuinantiiba.

Sumaré – O grande, a cola (41). O pseudobulbo da Orchidácea Catasetum macrocarpum é formado de uma massa muito grudenta usada como cola.

Sumauma – Vêde: Saamouna.

## I

Tacomaree – Taquara doce (41). Nome dado por MARCGRAVE à cana de açúcar (M.:82).

Taboca – Vêde: Iataboca.

Taiaoba, Taioba, Tajaoba – Fôlha de Tayá (41). Taiá é um tubérculo com gosto acre e semelhante á pimenta. Taiaoba é a fôlha que sai do tubérculo. Pertencem a esta categoria as nossas espécies de Xanthosoma e Caladium (M.:35; P.1:95; P.2:237).

Taiobaraon – Fôlha de Taiá bravo (16). Nome de Xanthosoma sagittifolium (P.1:95; P.2:237).

Taioia, Taiuia – Fruto de Taiá (16). Haste com frutinho amarelo (16). Nome de Cayaponia tayuya (M.:27).

Taiuva – Vêde: Tataiba.

Tamacoarí – Vêde: Camaçari.

Tamarindi, Tamarindo – Nome árabe do “Tamarindeiro” que significa: Tâmara da Índia. (M.107; P.2:157).

Tamoatarana – Falso Tamoatá. Tamoatá é um peixe capaz de andar na terra firme. O tubérculo da planta Sarante marcgravii é muito semelhante ao peixe de que tomou nome, Tamoatá – O que anda pelo mato (21). (M.:53; P.2:255).

Tangaracá – Erva fresca para doente do fígado (13); Envoltório que envenena (16). Nome dado às “Ervas de rato” (Cephaelis pubescens e Palicourea crocea) (M.:60; P.1:92; P.2:301).

Tape cirica – Aldeia Cirica (Cirio quer dizer: escorregadio; PISO usa uma tautologia escrevendo: Aldeia Tapecirica, porque Tapé já significa: Aldeia).

Tapiá – Glande, grão (16). É chamada assim a árvore Crataeva tapia (hoje: “Trapiá”) devido a forma do fruto (M.:98; P.1:68; P.2:140).

Tapixaba – Vêde: Tupeiçava.

Tapyracoana, Tapyracoaynana – Comedouro de vaca (16) ou de anta (50). O tronco ôco da árvore Cassia grandis servia provavelmente para cocho ou baia (M.:134; P.1:80; P.2:157).

Tapyra pecu – Língua de anta (50); Língua de vaca (16). Nome dado por PISO á erva Elephantopus scaber, var. tomentosus (P.1:112; P.2:182).

Taquara – Colmo furado (16). Nome que se dá às Bambuseae indígenas.



Taquera – Fruto de casca furada (16). O fruto da cabaceira Lagenaria vulgaris que os índios furavam no gargalo e servia para vasilhame (M.:44; P.2:264).

Tareriaya – Haste com ostra comestível (41). Nome dado á Cleome spinosa (M.:33) que cresce á beira dos rios.

Tareroqui, Tararacú – Fedegoso (16); Planta que serve para infusão (39). Nome do “Matapasto” Cassia tora (M.:10; P.1: 86; P.2:185).

Tataiba, Tataiiba, Tataijba, Taiuva – Pau de fogo (41). Ainda hoje é chamada assim a Chlorophora tinctoria (M.119; P.2:163).

Tety-pote-iba – Àrvore nascida do esterco de ave (16). Nome do arbusto semiparasita Phthirusa pirifolia (P.1:113; P.2:250).

Timbó – Vara, vergôntena, cipó (41); Feixe (que produz) espuma (41); Que faz espuma (52). Há os timbós seguintes no tratado de PISO: T. guaçu; Timbó grande; Timbó de cono – Timbó de vomitar (41) (Paragonia pyramidata). (P.1:115; P.2:249).

Tingui – O líquido que vem, a espuma (41, 52). Os tinguis têm efeito semelhante aos timbós; fala-se em “tinguijar” a água para pescar.

Tinhorão – O taiá bravo (41). Nome das espécies de Caladium (M.:36; P.1:95; P.2:237).  
Tipi – Vêde: Pipi.

Tirade – Têrmo ignorado aplicado á “Carnaubeira”.

Titara – Vêde: Atitara.

Titica (cipó) – Vegetal com água que cura as palpitações do coração (48). Nome dado a uma espécie de Guembé (Heteropsis).

Tongu – Palavra africana da “Beringela”.

Trapiá – Vêde: Tapiá.

Tremaé. Trematé – Cousa torcida (16). Nome recordado por MARCGRAVE para designar o arbusto Vernonia scabra (M.:61, e 81; P.2:128).

Tucu, Tucum – Espinho alongado (16). Nome da palmeira Astrocaryum vulgare (P.2:128).

Tuinamtiiba – Àrvore de Suinã (no Sul de diz Suinã e, no Norte, Mulungú) – Àrvore espinhosa (com flores) parecidas com sangue (16). Trata-se de Erythrina velutina, cujas flores e também as sementes têm cor de sangue (M.:136).

Tupa-ipi – Raiz de trovão (16). Nome de Hippeastrum psittacinum (M.:32).

Tupeixava, Tapixaba – Vassoura, varredeira (36). Nome dado à erva Scoparia dulcis que servia para varrer as casas (M.:52; P.2:246).

## U

Uapé – Vêde: Aguapé.

Ubapitanga, Ubipitanga – Vêde: Ibapitanga.

Uçu – Grande (16).

Uiba, Uuba – Cana brava, Cana de flecha (16). Nome da cana de açúcar (M.:82; P.1:49 e 98; P.2:108).

Umbauba – Vêde: Ambaiba.

Umbi, Umbu – Vêde: Imbú.

Urapé – Pau do caminho (41). Segundo PIO CORREA esta árvore (Trichilia cathartica) foi utilizada na arborização das ruas (P.1:79; P.2:169).

Uricuri – Vêde: Urucury.

Urucatu – Cesto belo (41); Boa boca (13). A orchidacea Catasetum macrocarpum de que aqui se trata cresce no estipe das palmeras formando uma espécie de cesto pela aglomeração dos pseudobulbos e tem flor com fauce larga (M.:35).

Urucu – O vermelhão (41); Pinta pernas (21, 22). Com a massa colorante que envolve as sementes de Bixa orellana os arborígenes se pintavam (M.:61; P.1:65; P.2:127).

Urucury – Fruto de cacho miudo (16). A palmeira Syagrus coronata dá frutos pequenos em relação a outros, como p. ex.: da “Pindoba” (M.:104 e 109; P.1.:62; P.2:127).

Urumbeba, Ururumbeba (de lurumbeba) – Que tem “fôlhas” chatas com espinhos (12,13). É o nome da Cactácea Opuntia brasiliensis, a “palmatória” do Nordeste (M.:125; P.1:100; P.2:189 e 191).

Urupariba – Pau de arco (16). Nome de um “Ipê” de flores amarelas do Nordeste (Tabebuia serratifolia) (M.:118) onde os “Ipês” são chamados “Pau darco”.

Urupé piranga – Escudo vermelho à beira do caminho (30). Trata-se da “orelha de pau vermelha” (Polystictus sanguineus) que cresce nos paus.

Uty – (Talvez deva ser grafada: Utinga ou muiratinga) – Pau branco. Nome da árvore chamada hoje “Jurema branca” (Pithecolobium foliosum) (M.120).

Uuba – Vêde: Uiba.

## W

Witte Krombekjes – Vagens brancas com bico curvo. Nome dado pelos holandêses ao Phaseolus lunatus (P.2:252).

## Z

Zabucajo, Zabucayo – Vêde: laçapucaio.

Zabumba – Palavra africana para uma espécie de Datura.

Zamouna – Vêde: Saamouna.

Zinziber – Nome de “gengibre” de origem asiática (M.:17; P.2:226).

\*\*\*\*\*

## INDÍCE DAS ESPÉCIES VEGETAIS

	pag.		
<u>Abarema avaremotemo</u> .....	115	<u>Cariniana legalis</u> .....	207
<u>Acrostichum latifolium</u> .....	26	<u>Casearia sylvestris</u> .....	191
<u>Adiantum latifolium</u> .....	27	<u>Cassia grandis</u> .....	125
<u>Adiantum pulverulentum</u> .....	27	<u>Cassia hoffmannseggii</u> .....	125
<u>Adropogon arundinaceum</u> .....	31	<u>Cassia occidentalis</u> .....	126
<u>Aechmea tomentosa</u> .....	57	<u>Cassia Tora</u> .....	127
<u>Agaricus pisonianus</u> .....	26	<u>Catasetum macrocarpum</u> .....	79
<u>Ageratum conyzoides</u> .....	283	<u>Cayaponia tayuya</u> .....	277
<u>Aloe barbadensis</u> .....	63	<u>Cecropia concolor</u> .....	86
<u>Amaranthus viridis</u> .....	95	<u>Cecropia hololeuca</u> .....	87
<u>Anacardium occidentale</u> .....	163	<u>Cedrela fissilis</u> .....	153
<u>Ananas sativus</u> .....	58	<u>Ceiba erianthos</u> .....	180
<u>Andira fraxinifolia</u> .....	133	<u>Centratherum punctatum</u> .....	285
<u>Andropogon bicorne</u> .....	32	<u>Centropogon cornatus</u> .....	283
<u>Aniba canelilla</u> .....	108	<u>Cephaëlis ipecacuanha</u> .....	271
<u>Aniseia cernua</u> .....	238	<u>Cephaëlis pubescens</u> .....	272
<u>Anisomeris intercedens</u> .....	270	<u>Ceratopteris pteridoides</u> .....	44
<u>Annona glabra</u> .....	104	<u>Cereus fernambucensis</u> .....	201
<u>Annona marcgravii</u> .....	105	<u>Cereus jamacarú</u> .....	202
<u>Annona pisonis</u> .....	106	<u>Cetrum coriaceum</u> .....	254
<u>Anthurium rubiflorum</u> .....	50	<u>Chamaecrista browniana</u> .....	127
<u>Apeiba tibourbou</u> .....	174	<u>Chloris orthonoton</u> .....	32
<u>Apoleya ferrea</u> .....	123	<u>Chlorophora tinctoria</u> .....	87
<u>Arachis hypogaea</u> .....	134	<u>Choroleucon vinhatico</u> .....	116
<u>Aristolochia brasiliensis</u> .....	92	<u>Chrysobalanus icaco</u> .....	113
<u>Arundo donax</u> .....	32	<u>Cissampelos glaberrima</u> .....	103
<u>Aspidosperma nigricans</u> .....	232	<u>Cissus erosa</u> .....	173
<u>Astrocaryum aculeatissimum</u> .....	40	<u>Citharexylum pernambucense</u> .....	246
<u>Astrocaryum vulgare</u> .....	41	<u>Citrullus vulgaris</u> .....	278
<u>Attalea compta</u> .....	41	<u>Citrus aurantifolia</u> .....	149
<u>Avicennia schaueriana</u> .....	245	<u>Cleome pentaphylla</u> .....	110
<u>Bidens riparius</u> .....	285	<u>Cleome polygama</u> .....	111
<u>Bixa orellana</u> .....	188	<u>Cleome spinosa</u> .....	111
<u>Blechnum serrulatum</u> .....	43	<u>Clidemia hirta</u> .....	222
<u>Boerhaavia coccinea</u> .....	97	<u>Clusia nemorosa</u> .....	184
<u>Bowdichia virgilioides</u> .....	135	<u>Coccoloba mollis</u> .....	93
<u>Britoa dichotoma</u> .....	213	<u>Cocos nucifera</u> .....	43
<u>Bromelia karatas</u> .....	59	<u>Colocasia esculenta</u> .....	51
<u>Brunfelsia uniflora</u> .....	250	<u>Commelina elegans</u> .....	62
<u>Byrsonima cydoniifolia</u> .....	154	<u>Commelina martiana</u> .....	63
<u>Caesalpinia echinata</u> .....	124	<u>Conocarpus erectus</u> .....	212
<u>Cajan cajan</u> .....	136	<u>Copaifera officinalis</u> .....	128
<u>Caladium bicolor</u> .....	50	<u>Copernicia cerifera</u> .....	45
<u>Calathea pernambucica</u> .....	78	<u>Cordia toquere</u> .....	243
<u>Callesia integrifolia</u> .....	98	<u>Costus brasiliensis</u> .....	74
<u>Canavalia ensiformis</u> .....	137	<u>Costus spiralis</u> .....	75
<u>Canna coccinea</u> .....	76	<u>Couepia rufa</u> .....	113
<u>Canna glauca</u> .....	77	<u>Crataeva tapia</u> .....	112
<u>Capparis coccolobifolia</u> .....	110	<u>Crescentia cujete</u> .....	264
<u>Capsicum annum</u> .....	251	<u>Crotalaria stipularia</u> .....	137
<u>Capsicum baccatum</u> .....	251	<u>Cucumis anguria</u> .....	279
<u>Capsicum frutescens</u> .....	252	<u>Cucumis melo</u> .....	279
<u>Caraipa fasciculata</u> .....	184	<u>Cucurbita pepo</u> .....	280
<u>Carica papaya</u> .....	196	<u>Curatella americana</u> .....	182
<u>Carica papaya</u> .....	199	<u>Cyperus flavus</u> .....	37
		<u>Cyperus luzulae</u> .....	37

<u>Cyperus sesquiflorus</u> .....	38	<u>Heteropsis jermani</u> .....	52
<u>Cyperus surinamensis</u> .....	38	<u>Heterotrichum cotonum</u> .....	225
<u>Dalbergia nigra</u> .....	138	<u>Hibiscus abelmoschus</u> .....	176
<u>Datura stramonium</u> .....	255	<u>Hibiscus esculentus</u> .....	177
<u>Desmoncus polyacanthos</u> .....	46	<u>Hibiscus furcellatus</u> .....	178
<u>Dialium guianense</u> .....	129	<u>Hibiscus sabdariffa</u> .....	178
<u>Dichromena ciliata</u> .....	39	<u>Hippeatrum psittacinum</u> .....	67
<u>Didymopanax morottoni</u> .....	224	<u>Hybanthus calceolaria</u> .....	190
<u>Dieffenbachia sequinam</u> .....	52	<u>Hydrocotyle umbellata</u> .....	226
<u>Dioclea marginata</u> .....	138	<u>Hylocereus undatus</u> .....	206
<u>Dioscorea alata</u> .....	68	<u>Hymenaea martiana</u> .....	130
<u>Dioscorea trifoliata</u> .....	69	<u>Indigofera microcarpa</u> .....	142
<u>Dodonaea viscosa</u> .....	169	<u>Indigofera suffruticosa</u> .....	141
<u>Dolichos lablad</u> .....	139	<u>Inga ciliata</u> .....	116
<u>Dorstenia cayapia</u> var. <u>asaroides</u> ...	88	<u>Inga edulis</u> .....	116
<u>Dorstenia epifera</u> .....	88	<u>Inga ingoides</u> .....	117
<u>Duguetia gardneriana</u> .....	122	<u>Inga spuria</u> .....	117
<u>Ecclipta alba</u> .....	286	<u>Ipomoea alba</u> .....	238
<u>Echinodorus floribundus</u> .....	46	<u>Ipomoea batatas</u> .....	239
<u>Eichhornia paniculata</u> .....	63	<u>Ipomoea pes caprae</u> .....	240
<u>Elephantopus scaber</u> var. <u>tomentosus</u> .....	287	<u>Iresine vermicularis</u> .....	96
<u>Eleusine indica</u> .....	33	<u>Jacaranda brasiliana</u> .....	265
<u>Encholyrium spectabile</u> .....	61	<u>Jaracatia dodecaphylla</u> .....	201
<u>Epiphyllum phyllanthus</u> .....	204	<u>Jatropha curcas</u> .....	157
<u>Erigeron linifolius</u> .....	288	<u>Jatropha urens</u> .....	158
<u>Eryngium foetidum</u> .....	225	<u>Joannesia princeps</u> .....	158
<u>Erythrina velutina</u> .....	140	<u>Jussieua linifolia</u> .....	224
<u>Eschweilera luschnathii</u> .....	208	<u>Jussieua octonervia</u> .....	224
<u>Eugenia uniflora</u> .....	214	<u>Lagenaria vulgaris</u> .....	281
<u>Eugenia uvalha</u> .....	215	<u>Laguncularia racemosa</u> .....	212
<u>Euphorbia brasiliensis</u> .....	156	<u>Lantana camara</u> var. <u>flava</u> .....	248
<u>Euphorbia pilulifera</u> .....	156	<u>Lantana camara</u> .....	247
<u>Euterpe edulis</u> .....	47	<u>Lantana regulosa</u> .....	248
<u>Fevillea trilobata</u> .....	280	<u>Lecythis pisonis</u> .....	209
<u>Ficus doliaria</u> .....	90	<u>Licania tomentosa</u> .....	114
<u>Fleurya aestuans</u> .....	90	<u>Lippia alba</u> .....	249
<u>Fourcraea cubensis</u> .....	66	<u>Lucuma grandiflora</u> .....	230
<u>Fuirena umbelata</u> .....	39	<u>Lundia nitidula</u> .....	266
<u>Galphimia gracilis</u> .....	155	<u>Lygodium polymorphum</u> .....	45
<u>Genipa americana</u> .....	273	<u>Macoubea guianensis</u> .....	234
<u>Geoffraca spinosa</u> .....	140	<u>Manihot esculenta</u> .....	160
<u>Geoffraca superba</u> .....	141	<u>Manihot glaziovii</u> .....	161
<u>Gnaphalium indicum</u> .....	288	<u>Manilkara salzmanni</u> .....	231
<u>Gomphrema vaga</u> .....	96	<u>Mauritia vinifera</u> .....	47
<u>Gossypium brasiliense</u> .....	175	<u>Meibomia cana</u> .....	142
<u>Gravisia exsudans</u> .....	61	<u>Melampodium divaricatum</u> .....	289
<u>Guadua angustifolia</u> .....	33	<u>Merremia aegyptia</u> .....	241
<u>Guarea guara</u> .....	153	<u>Microtea maypurensis</u> .....	100
<u>Guazuma ulmifolia</u> .....	181	<u>Microtea longebracteata</u> .....	99
<u>Guilandina bonducella</u> .....	129	<u>Mimosa invisa</u> .....	117
<u>Gustavia augusta</u> .....	208	<u>Mimosa pigra</u> .....	118
<u>Gynerium sagittatum</u> .....	34	<u>Mimosa sensitiva</u> .....	119
<u>Hancornia speciosa</u> .....	233	<u>Mirabilis jalapa</u> .....	98
<u>Harrisia adscendens</u> .....	204	<u>Mitracarpus hirtus</u> .....	274
<u>Heliconia acuminata</u> .....	69	<u>Monnieiria trifolia</u> .....	150
<u>Heliotropium indicum</u> .....	244	<u>Montrichardia linifera</u> .....	53
<u>Heliotropium parviflorum</u> .....	244	<u>Moronobea coccinea</u> .....	185
<u>Heliotropium tiarioides</u> .....	245	<u>Mouriria pusa</u> .....	223
<u>Henriettea succosa</u> .....	222	<u>Mucuna urens</u> .....	143
		<u>Musa paradisiaca</u> subsp. <u>normalis</u> ..	63

<u>Musa paradisiaca</u> subsp. <u>sapientum</u>		<u>Psidium guajava</u> .....	220
var. <u>argentea</u> .....	70	<u>Psittacanthus dichrous</u> .....	92
<u>Musa paradisiaca</u> subsp. <u>sapientum</u>		<u>Pyrenoglyphis maraja</u> .....	48
var. <u>malus</u> .....	72	<u>Ramireia maritima</u> .....	39
<u>Myrciaria jaboticaba</u> .....	215	<u>Renealmia petasites</u> .....	75
<u>Myroxylon balsamum</u> .....	144	<u>Rheedia macrophylla</u> .....	186
<u>Nicotiana tabacum</u> .....	255	<u>Rhizophora racemosa</u> .....	211
<u>Nymphaea amazonum</u> .....	102	<u>Rhuellia bahiensis</u> .....	270
<u>Ocotea sassafras</u> .....	109	<u>Rhuellia bahiensis</u> .....	270
<u>Operculina alata</u> .....	242	<u>Ricinus communis</u> .....	162
<u>Opuntia brasiliensis</u> .....	204	<u>Saccharum officinarum</u> .....	35
<u>Opuntia ficus-indica</u> .....	205	<u>Sapindus saponaria</u> .....	171
<u>Ottonia pernambucensis</u> .....	80	<u>Saranthe Marcgravii</u> .....	79
<u>Ouratea caudata</u> .....	182	<u>Sargassum vulgare</u> .....	40
<u>Ouratea fieldingiana</u> .....	183	<u>Scaevola plumierii</u> .....	283
<u>Pachyrhizus bulbosus</u> .....	145	<u>Schinus terebinthifolius</u> .....	166
<u>Palicourea crocea</u> .....	275	<u>Scleria pratensis</u> .....	40
<u>Palvaea langsdorffii</u> .....	216	<u>Scoparia dulcis</u> .....	262
<u>Paragonia pyramidata</u> .....	267	<u>Semanea saman</u> .....	121
<u>Parkia pendula</u> .....	120	<u>Serjania lethalis</u> .....	172
<u>Paspalum virgatum</u> .....	34	<u>Sesamum occidentale</u> .....	269
<u>Passiflora alata</u> .....	192	<u>Sesuvium portulacastrum</u> .....	100
<u>Passiflora cincinnata</u> .....	193	<u>Setaria geniculata</u> .....	36
<u>Passiflora edulis</u> .....	194	<u>Setaria poiretiana</u> .....	36
<u>Passiflora foetida</u> .....	196	<u>Sicana odorifera</u> .....	282
<u>Passiflora kermesina</u> .....	196	<u>Sickingia rubra</u> .....	276
<u>Passiflora quadrangularis</u> .....	197	<u>Sida linifolia</u> .....	179
<u>Passiflora suberosa</u> .....	198	<u>Sida rhombifolia</u> .....	179
<u>Paullinia pinnata</u> .....	170	<u>Smilax phyllobola</u> .....	65
<u>Peltobryon attenuatum</u> .....	81	<u>Smilax campestris</u> .....	64
<u>Periandra mediterranea</u> .....	146	<u>Sochranksia leptocarpa</u> .....	122
<u>Petiveria hexaglochis</u> .....	100	<u>Solanum agrarium</u> .....	267
<u>Phaseolus lunatus</u> .....	146	<u>Solanum lycocarpon</u> var.	
<u>Phaseolus vulgaris</u> .....	146	<u>pulverulentum</u> .....	258
<u>Philodendron imbe</u> .....	54	<u>Solanum melongena</u> .....	259
<u>Phthirusa pyrifolia</u> .....	92	<u>Solanum nigrum</u> .....	259
<u>Phyllanthus niruri</u> .....	162	<u>Solanum paludosum</u> .....	260
<u>Phyllocalyx edulis</u> .....	217	<u>Sonalum paniculatum</u> .....	261
<u>Phyllocalyx formosus</u> .....	217	<u>Sophora tomentosa</u> .....	147
<u>Physalis pubescens</u> .....	256	<u>Sparattosperma neurocalyx</u> .....	252
<u>Piper marginatum</u> .....	82	<u>Spigelia anthelmia</u> .....	231
<u>Piper tuberculatum</u> .....	83	<u>Spilanthes acmella</u> .....	289
<u>Piper rivinoides</u> .....	84	<u>Spondias purpurea</u> .....	167
<u>Piriqueta cistoides</u> var. <u>macrantha</u> ..	191	<u>Spondias tuberosa</u> .....	168
<u>Pithecolobium foliolosum</u> .....	120	<u>Sporobolus tenacissimus</u> .....	37
<u>Pityrogramma calomelanos</u> .....	43	<u>Staëlia aurea</u> .....	277
<u>Plathymania foliolosa</u> .....	120	<u>Starchytarpheta cayennensis</u> .....	249
<u>Platonia insignis</u> .....	185	<u>Staurostigma riedelianum</u> .....	55
<u>Plumbago scandens</u> .....	227	<u>Stemodia foliosa</u> .....	263
<u>Polygonum acuminatum</u> .....	94	<u>Stylosanthes guianensis</u> .....	147
<u>Polygonum punctatum</u> .....	94	<u>Swartzia pickelii</u> .....	131
<u>Polypodium brasiliense</u> .....	44	<u>Syagrus comosa</u> .....	48
<u>Portulaca oleracea</u> .....	101	<u>Syagrus coronata</u> .....	48
<u>Posoqueria latifolia</u> .....	276	<u>Syagrus oleracea</u> .....	49
<u>Pothomorphe sidaefolia</u> .....	85	<u>Symphonia globulifera</u> .....	186
<u>Pradosia kuhlmannii</u> .....	228	<u>Tabebuia caraiba</u> .....	268
<u>Protium aromaticum</u> .....	151	<u>Tabebuia serratifolia</u> .....	268
<u>Pseudibatia ganglinosa</u> .....	237	<u>Talinum paniculatum</u> .....	102
<u>Psidium araca</u> .....	218	<u>Talisia esculenta</u> .....	172
<u>Psidium cattleianum</u> .....	219	<u>Tamarindus indica</u> .....	132

<u>Tanaecium cyrtanthum</u> .....	269	<u>Vitex rufescens</u> .....	250
<u>Tapirira guianensis</u> .....	169	<u>Voandzeia subterranea</u> .....	148
<u>Tetracera breyniana</u> .....	182	<u>Wedelia scaberrima</u> .....	290
<u>Thevetia peruviana</u> .....	235	<u>Xanthosoma sagittifolium</u> .....	55
<u>Tillandsia usneoides</u> .....	62	<u>Xanthosoma violaceum</u> .....	56
<u>Trichilia cathartica</u> .....	154	<u>Ximenia americana</u> .....	91
<u>Triumfetta semitriloba</u> .....	174	<u>Xylopiia frutescens</u> .....	107
<u>Vandellia diffusa</u> .....	263	<u>Xyris jupicai</u> .....	56
<u>Vernonia scabra</u> .....	290	<u>Zingiber officinale</u> .....	76
<u>Vismia guianensis</u> var. <u>baccifera</u> ....	187	<u>Zollernia ilicifolia</u> .....	133

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A.V. **Prof.D.Bento Pickel: uma biobibliografia**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1998. 33p.

CARVALHO, A. Um naturalista do século XVII: Georg Markgraf (1610-1644). Recife: **Revista do Instituto Archeologico e Ceographico Pernambucano**, 72: 212-222, 1909.

DUCKE, A. As leguminosas de Pernambuco e Paraíba. Rio de Janeiro: **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, t.51, p.417-461. Dez.1953.

GUERRA, F. Medicine in dutch Brazil. In: Boogart, E.V.D.; Hoetink, H.R. & Whitehead, P.J.P. (edit.) **Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679; a Humanist prince in Europe and Brazil**. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979. p.472-493.

LICHTENSTEIN, M.H.K. **Estudo crítico dos trabalhos de Marcgrave e Piso sobre a história natural do Brasil à luz dos desenhos originais**. São Paulo: Brasiliensia Documenta, 1961. 532p.

MARCGRAVE, J. **História natural do Brasil**. Tradução do Monsenhor Procópio Magalhães. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado-Museu Paulista, 1942. 293p.

MELLO, J.A.G. **Tempo dos flamengos**. 2a ed. Recife: Governo do Estado (Coleção Pernambucana, v.XV), 1978. 289p.

MELLO-LEITÃO, C. **A biologia no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. 331p. (Brasiliana, v.145).

MOULIN, D. de Medicina e ciências naturais no governo de Nassau. In: Moulin, D. de; Maule, A.F.; ANDRADE-LIMA, D. de; Rahn, K. & Pedersen, T.M. **O herbário de Georg Marggraf**. Rio de Janeiro: Fundação Pró-Memória, 1986. 170p.

PICKEL, B.J. A cultura da cana de açúcar em Pernambuco segundo as notícias de Piso, no século XVII. Recife: **Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio**, 2(1). 1937.

\_\_\_\_\_ A cultura da cana de açúcar e o fabrico do açúcar em Pernambuco segundo Marcgrav, no século XVII. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 12 (10-12): 505-512. 1937.

\_\_\_\_\_ Cultura e indústria da mandioca no século 17, segundo Piso. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 13 (1-2): 99-106, jan.-fev. 1938.

\_\_\_\_\_ Cultura e indústria da mandioca no século XVII, segundo Marcgrav. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 13 (5-6): 205-212. 1938.

\_\_\_\_\_ O algodoeiro e a carrapateira, segundo Piso e Marcgraf. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 13 (10-12): 491-494. 1938.

\_\_\_\_\_ A ietica, vulgo batata, o cará, a tabi, segundo Piso e Marcgraf. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 14 (3-4): 141-147. 1939.

\_\_\_\_\_ Os feijões cultivados no século XVII em Pernambuco, segundo Piso e Marcgraf. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 14 (7-8): 347-350. 1939.

\_\_\_\_\_ O abacaxi descrito por Pies e Marcgraf no século 17. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 14 (9-10): 418-423. 1939.



\_\_\_\_\_ Uma nova espécie do gênero *Saranthe*, a mesma planta talvez que Marcgraf deu como "tamoatarana". São Paulo: **Arquivos de Botânica do Estado de São Paulo**, 1(2): 50-51. 1939.

\_\_\_\_\_ O limoeiro galêgo descrito por Pies no século 17. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 14 (11-12): 557-563. 1939.

\_\_\_\_\_ A goiabeira e os araçazeiros descritos por Piso e Marcgrav no século 17, do Nordeste. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 15 (9-10): 392-398. 1940.

\_\_\_\_\_ O coqueiro da Bahia, sua cultura no século 17, segundo as descrições de Piso e Marcgrav. Piracicaba: **Revista de Agricultura**, 17 (1-2): 63-72. 1942.

\_\_\_\_\_ Notas botânicas à "Medicina Brasiliense" de Piso. Recife: **Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio**, 16 (3-4): 181-202. 1949

\_\_\_\_\_ Piso e Marcgrave na botânica brasileira. Rio de Janeiro: **Revista de Flora Medicinal**, 16 (5): 155-199. 1949.

PISONIS & MARCGRAVIO. **Historia naturalis Brasiliae**. Lundunum Batavorum & Amstelodami: Franciscum Hackium & Lud. Elizevirium, 1648. 452p.

PISO, G. **História natural do Brasil ilustrada**. Tradução de Alexandre Correia. São Paulo: Companhia Editora Nacional-Museu Paulista, 1948. 434p.

\_\_\_\_\_. **História natural e médica da Índia Ocidental**. Tradução de Mário Lobo Leal. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957. 685p.

RODRIGUES, J.H. Escôço bibliográfico. In: Piso, G. **História natural e médica da Índia Ocidental**, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957. p.03-67.

SAMPAIO, A.J. Botânica: comentários. In: Marcgrave, J. **História natural do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional-Museu Nacional, 1942. p.XXXVII-LI.

TAUNAY, A.E. Jorge Marcgrave de Liebstad (1610-1644): escôço biográfico. In: Marcgrave, J. **História natural do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional-Museu Paulista, 1942. p.I-XXXVI.

\_\_\_\_\_. Guilherme Piso (1611-1678): escôço biográfico. In: Piso, G. **História natural do Brasil ilustrada**. São Paulo: Companhia Editora Nacional-Museu Paulista, 1948. p.213-230.

TEIXEIRA, D.M.(org.) **Brasil holandês: Miscellanea Cleyeri, Libri Principis, & Theatrum rerum naturalium Brasiliae**. Rio de Janeiro & Lisboa: Editora Index, 1995. 5vol.

\_\_\_\_\_. A imagem do paraíso: uma iconografia do Brasil holandês (1624-1654). In: Teixeira, D.M. (org.) **Brasil holandês: Miscellanea Cleyeri, Libri Principis & Theatrum rerum naturalium Brasiliae**. Rio de Janeiro & Lisboa: Editora Index, 1995. p.424-471.

WHITEHEAD, P.J.P. Georg Markgraf and brazilian zoology. In: Boogart, E.V.D.; Hoetink, H.R. & Whitehead, P.J.P.(edit.). **Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679; A humanist prince in Europe and Brazil**. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979. 679p.





**Universidade Federal  
Rural de Pernambuco**

**EDU** EDITORA  
UNIVERSITÁRIA  
DA UFRPE